

Revue Spirite
Journal d'Études Psychologiques

A L L A N K A R D E C

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos



ANO VII
1 8 6 4

REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos



REVISTA ESPÍRITA

Jornal de Estudos Psicológicos

Contém:

O relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., bem como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e o seu futuro. – A história do Espiritismo na Antigüidade; suas relações com o magnetismo e com o sonambulismo; a explicação das lendas e das crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

Publicada sob a direção
de
ALLAN KARDEC

*Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.*

ANO SÉTIMO – 1864

TRADUÇÃO DE EVANDRO NOLETO BEZERRA



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA



Sumário

SÉTIMO VOLUME – ANO DE 1864

JANEIRO

Aos Assinantes da *Revista Espírita* **13**

Estado do Espiritismo em 1863 **14**

Médiuns Curadores **19**

Um Caso de Possessão – *Srta. Júlia (2º artigo)* **26**

Conversas de Além-Túmulo – *Fredegunda* **34**

Inauguração de Vários Grupos e Sociedades Espíritas **39**

Questões e Problemas – *Progresso nas primeiras encarnações* **45**

Variedades:

Fontenelle e os Espíritos batedores **47**

Santo Atanásio, espírita sem o saber **49**

Extrato do Opinion nationale **51**

Um Espírito batedor no século XVI **52**

FEVEREIRO

| | |
|---|----|
| O Sr. Home em Roma | 53 |
| Primeiras Lições de Moral da Infância | 59 |
| Um Drama Íntimo – <i>Apreciação moral</i> | 63 |
| O Espiritismo nas Prisões | 66 |
| Variedades: | |
| <i>Cura de uma obsessão</i> | 69 |
| <i>Manifestações de Poitiers</i> | 70 |
| Dissertações Espíritas: | |
| <i>Necessidade da encarnação</i> | 72 |
| <i>Estudos sobre a reencarnação</i> | 75 |
| Notas Bibliográficas: | |
| <i>Revista Espírita de Antuérpia</i> | 83 |
| <i>Reconhecemo-nos no céu</i> | 85 |
| <i>A lenda do homem eterno</i> | 89 |

MARÇO

| | |
|---|-----|
| Da Perfeição dos Seres Criados | 93 |
| Um Médium Pintor Cego | 102 |
| Variedades: | |
| <i>Uma tentação</i> | 106 |
| <i>Manifestações de Poitiers</i> | 109 |
| <i>A jovem obsedada de Marmande (continuação)</i> | 113 |

| | |
|---|------------|
| <i>Resumo da pastoral do Sr. bispo de Estrasburgo</i> | 116 |
| <i>Uma rainha médium</i> | 118 |
| <i>Participação espírita</i> | 122 |
| <i>O Sr. Home em Roma (conclusão)</i> | 123 |
| Instruções dos Espíritos: | |
| <i>Jacquard e Vaucanson</i> | 124 |
| <i>Objetivo final do homem na Terra</i> | 128 |
| Notas Bibliográficas – <i>Annali dello Spiritismo in Italia</i> | 131 |
| Necrológio – <i>Sr. P.-F. Mathieu</i> | 133 |

ABRIL

| | |
|---|------------|
| Bibliografia – <i>Imitação do Evangelho</i> | 135 |
| Autoridade da Doutrina Espírita – <i>Controle universal do ensino dos Espíritos</i> | 138 |
| Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas | 147 |
| Correspondência – <i>Sociedades de Antuérpia e de Marselha</i> | 156 |
| Instruções dos Espíritos: | |
| <i>Progressão do globo terrestre</i> | 159 |
| <i>A imprensa</i> | 163 |
| <i>Sobre a arquitetura e a imprensa, a propósito da comunicação de Guttemberg</i> | 167 |
| <i>O Espiritismo e a franco-maçonaria</i> | 169 |
| <i>Aos operários</i> | 176 |

MAIO

- Teoria da Presciência **177**
- A Vida de Jesus, pelo Sr. Renan **185**
- Sociedade Espírita de Paris – *discurso de abertura*
do 7º ano social **192**
- A Escola Espírita Americana **200**
- Cursos Públicos de Espiritismo em Lyon e Bordeaux **206**
- Variedades:
- Manifestações de Poitiers* **211**
- Tasso e seu duende* **213**
- Instrução de Ciro a seus filhos no momento da morte* **216**
- Notas Bibliográficas:
- A guerra ao diabo e ao inferno* **218**
- Cartas aos ignorantes* **218**

JUNHO

- A Vida de Jesus, pelo Sr. Renan (2º artigo) **219**
- Relato Completo da Cura da Jovem Obsedada
de Marmande **228**
- Algumas Refutações:
- Conspirações contra a fé* **243**
- Uma instrução de catecismo* **245**
- O Espírito Batedor da Irmã Maria **252**

Variedades:

O Índex da cúria romana 259

Perseguições militares 260

Um ato de justiça 260

JULHO

Reclamação do abade Barricand 263

A religião e o Progresso 270

O Espiritismo em Constantinopla 278

Extrato do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro 286

Extrato do *Progrès Colonial*, Jornal da Ilha Maurício 290

Extrato da *Revista Espírita de Antuérpia* sobre a
cruzada contra o Espiritismo 292

Instruções dos Espíritos – *O castigo pela luz* 295

Notas Bibliográficas:

A educação materna 302

O Espiritismo na sua expressão mais simples – edição russa 304

AGOSTO

Novos Detalhes sobre os Possessos de Morzine 305

Suplemento ao Capítulo das Preces da
Imitação do Evangelho 314

Questões e Problemas – *Destruição dos
aborígenes do México* 325

Correspondência – *Resposta do redator do Vérité*
à reclamação do abade Barricand **331**

Conversas de Além-Túmulo – *Julienne-Marie, a mendiga* **332**

Notas Bibliográficas:

L’Avenir, Monitor do Espiritismo **338**

Cartas sobre o Espiritismo **339**

Os milagres de nossos dias **341**

Pluralidade dos mundos habitados **345**

SETEMBRO

Influência da Música sobre os Criminosos,
os Loucos e os Idiotas **347**

O Novo bispo de Barcelona **357**

Instruções dos Espíritos – *Os Espíritos na Espanha* **373**

Conversas de Além-Túmulo – *Um Espírito*
que se julga médium **379**

Estudos Morais – *Uma família de monstros* **381**

Variedades – *Suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo* **385**

Notas Bibliográficas:

Pluralidade dos mundos habitados **387**

A voz de além-túmulo **388**

OUTUBRO

O Sexto Sentido e a Visão Espiritual – *Ensaio teórico sobre os espelhos mágicos* **389**

Transmissão do Pensamento – *Meu fantástico* **403**

O Espiritismo na Bélgica **410**

Tiptologia Rápida e Inversa **414**

Um Criminoso Arrependido **416**

Estudos Morais:

A volta da fortuna **421**

Uma vingança **424**

Variedades:

Sociedade alemã dos pesquisadores de tesouros **426**

Um quadro espírita na exposição de Antuérpia **428**

NOVEMBRO

O Espiritismo é uma Ciência Positiva – *Alocução de Allan Kardec aos espíritos de Bruxelas e Antuérpia* **429**

Uma Lembrança de Existências Passadas **438**

Um Criminoso Arrependido (continuação) **444**

Conversas Familiares de Além-Túmulo – *Pierre Legay* **452**

Dissertações Espíritas – *Sobre os Espíritos que ainda se julgam vivos* **461**

Variedades:

Suicídio falsamente atribuído ao Espiritismo 463

Suicídio impedido pelo Espiritismo 465

Periodicidade da *Revista Espírita* 469

DEZEMBRO

Comunhão de Pensamentos – *A propósito da comemoração dos mortos* 473

Sessão Comemorativa na Sociedade de Paris 481

O Sr. Jobard e os Médiuns Mercenários – *Exemplo notável de concordância* 496

Louis-Henri, o Trapeiro – *Estudo moral* 508

Necrológio – *Morte do Sr. Bruneau* 519

Variedades – *Comunicações pelo avesso* 525

Notas Bibliográficas:

Como e por que me tornei espírita 526

O mundo musical 531

Auto-de-fé de Barcelona 533

Comunicação Espírita – *A propósito da Imitação do Evangelho* 533

Subscrição em Favor dos Queimados de Limoges 535

Nota Explicativa 537

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

JANEIRO DE 1864

Nº 1

Aos Assinantes da *Revista Espírita*

Para muitos de nossos leitores, cujo número aumentou consideravelmente este ano, a época de renovação das assinaturas da *Revista* é ocasião para testemunharem seu devotamento à causa e, no que nos concerne, demonstrarem sentimentos que nos tocam vivamente. As cartas contendo tais expressões são muito numerosas para que nos seja possível responder a cada uma em particular. Assim, nós lhes dirigimos, coletivamente, nossos sinceros agradecimentos pelas coisas obsequiosas que houveram por bem dizer-nos e pelos votos que fazem por nós e pelo futuro do Espiritismo. Nossa conduta passada lhes é uma garantia de que não nos desviaremos de nossa tarefa, por mais pesada que seja, e sempre nos encontrarão em plena atividade. Até hoje suas preces foram ouvidas, razão por que os convidamos a agradecer aos Espíritos bons que nos assistem e nos secundam da mais evidente maneira, afastando os obstáculos que poderiam entrar nossa marcha e nos mostrando, cada vez com mais clareza, o objetivo que devemos alcançar.

Durante muito tempo estivemos mais ou menos só, mas eis que, de todos os lados, novos lutadores entram na liça,

trabalhando com ardor, perseverança e abnegação que a fé proporciona, na defesa e na propagação de nossa santa doutrina, sem se deixarem abater pelos obstáculos e sem temerem a perseguição; em sua maioria eles viram a má vontade dobrar-se ante a sua firmeza. Que recebam, aqui, nossas sinceras felicitações, em nome de todos os espíritas presentes e futuros, na memória dos quais certamente viverão. Logo terão a satisfação de ver numerosos imitadores marchando em suas pegadas, porque o impulso, uma vez dado, não mais será detido; em breve, também, ver-se-ão sustentados por homens de autoridade, que empunharão corajosamente a causa do Espiritismo, que é a do progresso e do bem-estar material e moral da Humanidade.

Saudação cordial e fraterna aos irmãos em Espiritismo de todos os países.

Allan Kardec

Estado do Espiritismo em 1863

Para o Espiritismo, o ano que acaba de passar não foi menos fecundo que os precedentes, distinguindo-se, no entanto, por vários traços particulares. Mais que todos os outros, foi marcado pela violência de certos ataques, sinal característico cujo alcance a ninguém escapou. Todos dizem: Se se encolerizam, é porque têm medo; se têm medo, é que existe algo de sério.

Como, porém, está hoje bem constatado que essas agressões fizeram avançar o Espiritismo, em vez de o deter, naturalmente os ataques diminuirão com o tempo; mas não se deve subestimar esta calma aparente, nem crer que os inimigos do Espiritismo logo vão tirar partido; é, pois, necessário nos persuadirmos de que a luta não terminou, mas que haverá uma mudança de tática. Eis por que dizemos aos espíritas que velem

sem cessar sobre o que se passa à sua volta, e se lembrem do que dissemos no número de dezembro último, sobre o período da luta, a guerra surda e os conflitos; que não se surpreendam se o inimigo se insinua até em suas fileiras; Deus o permite para experimentar a fé, a coragem e a perseverança de seus verdadeiros servidores. Doravante a meta será procurar todos os meios possíveis de comprometer o Espiritismo, a fim de o desacreditar; induzir os grupos, sob a aparência de zelo e o pretexto de que devem ir avante, a se ocuparem de coisas estranhas ao objetivo da doutrina; a tratarem de questões políticas ou outras, capazes de provocar discussões irritantes e semear a divisão, tudo com o pretexto de pedirem o seu fechamento. A moderação dos espíritas é o que surpreende e mais contraria os adversários; tudo farão para os tirar de lá, até mesmo a provocação; mas eles saberão frustrar essas manobras por sua prudência, como já o fizeram em mais de uma ocasião, e não cair nas armadilhas que lhes estenderão; aliás, verão os instigadores se emaranharem em seus próprios fios, pois é impossível que, mais cedo ou mais tarde, não se deixem descobrir. Será um momento mais difícil a passar que o da guerra aberta, onde se vê o inimigo face a face; porém, quanto mais rude a prova, tanto maior será o triunfo.

Aliás, esta campanha tem tido imenso resultado: o de provar a impotência das armas dirigidas contra o Espiritismo; os homens mais capazes do partido contrário entraram na liça; todos os recursos da argumentação foram empregados e, não tendo sofrido o Espiritismo, cada um ficou convencido de que não se lhe podia opor nenhuma razão peremptória; a maior prova da falta de boas razões foi terem recorrido ao triste e ignóbil expediente da calúnia. Contudo, por mais que quisessem fazer o Espiritismo dizer o contrário do que diz, a doutrina aí está, escrita em termos tão claros que desafiam toda falsa interpretação, razão por que o odioso da calúnia recai sobre os que a empregam e os convence de sua impotência. Eis aí um fato considerável no ano que termina; e,

ainda mesmo que só tivéssemos obtido esse resultado, deveríamos nos dar por satisfeitos. Mas outros há, não menos positivos.

O ano de 1863 é marcado, sobretudo, pelo aumento do número de grupos e sociedades, formadas numa porção de localidades onde não os havia ainda, tanto na França quanto no estrangeiro, sinal evidente do número de adeptos e da difusão da doutrina. Paris, que havia ficado na retaguarda, finalmente cede ao impulso geral e começa a mover-se. Diariamente se formam reuniões particulares, com objetivo eminentemente sério e em excelentes condições. A Sociedade que presidimos vê com alegria multiplicarem-se à sua volta rebentos vivazes, capazes de espalhar a boa semente. Os grupos particulares, quando bem dirigidos, são muito úteis à iniciação de novos adeptos. Em razão da extensão de suas relações, a Sociedade principal, sendo o centro de convergência de todas as partes do mundo, não pode nem deve ocupar-se senão do desenvolvimento da ciência e das questões gerais, que absorvem todo o seu tempo; deve forçosamente abster-se de tudo quanto seja elementar e pessoal. Os grupos particulares vêm, assim, preencher a lacuna que, forçosamente, a Sociedade deixa na prática, razão por que esta encoraja e secunda com seus conselhos e seu apoio moral as pessoas que se dedicam a essa obra de propagação. Se, por alguns instantes, foi possível conceber um certo receio quanto aos efeitos de algumas dissidências na maneira de encarar o Espiritismo, existe um fato capaz de dissipá-lo completamente: é o número sempre crescente das Sociedades que, em todos os países, se colocam espontaneamente sob o patrocínio da de Paris e erguem a sua bandeira. É notório que a doutrina exposta em *O Livro dos Espíritos* é hoje o ponto para onde converge a imensa maioria dos adeptos; a máxima *Fora da caridade não há salvação* reuniu todos os que vêm o lado moral do Espiritismo, porque não há duas maneiras de o interpretar e ela satisfaz a todas as aspirações. Desde a constituição do Espiritismo em corpo de doutrina, já caíram muitos sistemas isolados e os poucos traços que ainda deixam não têm influência na opinião

geral. As sólidas bases em que ele se apóia triunfarão sem custo das divisões que os adversários não deixarão de suscitar, porque estes não contam com Espíritos que protejam sua obra e se servem dos próprios inimigos para garantirem o sucesso. Teria sido um fato sem precedentes pudesse uma doutrina ter se estabelecido sem dissidência e, se nos podemos admirar de algo, quanto ao Espiritismo, é ver formar-se a unidade tão prontamente.

Seja como for, o Espiritismo ainda não penetrou em toda parte e em muitos lugares mal é conhecido de nome. Os raros adeptos aí encontrados o atribuem a duas causas: a primeira, ao caráter das populações, muito absorvidas pelos interesses materiais; a segunda, à ausência de pregações contrárias. Eis por que apelam, com todas as suas forças, para sermões do gênero dos que foram pregados alhures, ou alguma manifestação ruidosa de hostilidade, que chame a atenção e desperte a curiosidade. Contudo, que tenham paciência: como é preciso que todos lá cheguem, os Espíritos saberão perfeitamente acudir com outros meios.

Mas o sinal mais característico do ano de 1863 foi o movimento que se produziu na opinião, concernente à Doutrina Espírita; é surpreendente a facilidade com que o princípio é aceito por pessoas que até há pouco o teriam repellido e levado ao ridículo. As resistências – falamos das que não são sistemáticas e interesseiras – diminuem sensivelmente. Citam-se vários escritores de boa-fé que fizeram luta renhida contra o Espiritismo, e que hoje, dominados por seu meio social, sem se confessarem vencidos, renunciam a uma luta que consideram inútil. É que a necessidade de uma transformação moral se faz sentir cada vez mais; a ruína do velho mundo é iminente, porque as idéias que ele preconiza já não estão à altura a que chegou a Humanidade inteligente. Tudo parece a ele conduzir e, na retaguarda, entrevêm vagamente novos horizontes; sente-se que é preciso algo melhor do que o que existe e o procuram inutilmente no mundo atual; alguma coisa circula no ar como uma corrente elétrica precursora e cada um espera; mas cada um também diz que não é a Humanidade que deve recuar.

Outro fato não menos significativo, que muitos notaram, e que é consequência do atual estado de espírito, é o prodigioso número de escritos, sérios ou ligeiros, feitos fora e, provavelmente, sem o conhecimento do Espiritismo, nos quais se encontram pensamentos espíritas. O princípio da pluralidade das existências, sobretudo, tem uma tendência manifesta a entrar na opinião das massas e na filosofia moderna; muitos pensadores a ele são conduzidos pela lógica dos fatos e em pouco esta crença se tornará popular; evidentemente, são os precursores da adoção do Espiritismo, cujas vias são assim preparadas e aplainado o caminho. Estas idéias são semeadas de diversos lados, em escritos que vão a todas as mãos, tornando cada vez mais fácil a sua aceitação.

O estado do Espiritismo, em 1863, pode ser assim resumido: ataques violentos; multiplicação de escritos a favor e contra; movimento nas idéias; notável extensão da doutrina, mas sem sinais exteriores capazes de produzir uma sensação geral; as raízes se estendem, crescem os rebentos, esperando que a árvore desenvolva os seus ramos. O momento de sua maturidade ainda não chegou.

No número das publicações que, neste último ano, vieram participar da luta e concorrer para a defesa do Espiritismo, colocamos em primeira linha os jornais *Ruche*, de Bordeaux, e *Vérité*, de Lyon, cujos redatores merecem o reconhecimento e o encorajamento de todos os verdadeiros espíritas, pela perseverança, devotamento e desinteresse de que deram provas. No centro espírita mais numeroso da França, e talvez do mundo inteiro, o *Vérité* veio firmar-se como um atleta temível, por seus artigos de uma lógica tão cerrada, que não deixam nenhuma margem à crítica. Ao que tudo indica, em breve o Espiritismo terá um novo e importante órgão na Itália, que, como os seus mais velhos da França, marchará de comum acordo com os grandes princípios da doutrina.

Médiuns Curadores

Um oficial de caçadores, espírita de longa data, e um dos numerosos exemplos de reformas morais que o Espiritismo pode operar, transmitiu-nos os seguintes detalhes:

“Caro mestre, aproveitamos as longas horas de inverno para nos entregarmos com ardor ao desenvolvimento de nossas faculdades mediúnicas. A tríade do 4^o caçadores, sempre unido, sempre vivo, inspira-se em seus deveres e ensaia novos esforços. Sem dúvida desejais conhecer o objeto de nossos trabalhos, a fim de saber se o campo que cultivamos não é estéril. Podereis julgá-lo pelos detalhes seguintes. Desde alguns meses nossos trabalhos têm como meta o estudo dos fluidos. Esse estudo desenvolveu em nós a mediunidade curadora; assim, agora a aplicamos com sucesso. Há alguns dias, uma simples emissão fluídica de cinco minutos com minha mão foi suficiente para tirar uma nevralgia violenta.

“Há vinte anos a Sra. P.. estava afetada por uma hiperestesia aguda ou exagerada sensibilidade da pele, moléstia que a retinha no quarto há quinze anos. Mora numa pequena cidade vizinha e, tendo ouvido falar de nosso grupo espírita, veio buscar alívio junto de nós. Partiu ao cabo de trinta e cinco dias, completamente curada. Durante esse tempo recebeu diariamente um quarto de hora de emissão fluídica, com o concurso de nossos guias espirituais.

“Ao mesmo tempo cuidávamos de um epilético, acometido por essa terrível enfermidade há vinte e sete anos. As crises se repetiam quase todas as noites, durante as quais sua mãe passava longas horas à sua cabeceira. Trinta e cinco dias bastaram para esta cura importante; e como aquela mãe estava feliz, levando o filho radicalmente curado! Nós nos revezávamos os três de oito em oito dias. Para a emissão fluídica, ora colocávamos a mão sobre a boca do estômago do doente, ora sobre a nuca, na raiz do

pESCOÇO. Cada dia o doente podia constatar uma melhora; nós mesmos, após a evocação e durante o recolhimento, sentíamos o fluido exterior nos invadir, passar em nós e se nos escapar dos dedos esticados e dos braços estendidos para o corpo do paciente que tratávamos.

“Neste momento oferecemos os nossos cuidados a um segundo epilético; desta vez a moléstia talvez seja mais rebelde, porque é hereditária. O pai deixou nos quatro filhos o germe desta afecção; enfim, com a ajuda de Deus e dos Espíritos bons, esperamos reduzi-la em todos eles.

“Caro mestre, reclamamos o socorro de vossas preces e das dos nossos irmãos de Paris. Para nós, esse concurso será um encorajamento e um estímulo aos nossos esforços. Depois, vossos Espíritos bons podem vir em nosso auxílio, tornar o tratamento mais salutar e abreviar a sua duração.

“Como bem podeis imaginar, só aceitamos como recompensa – e já deve ser bastante – a satisfação de ter feito o nosso dever e obedecido ao impulso dos Espíritos bons. O verdadeiro amor do próximo traz consigo uma alegria sem mescla e deixa em nós algo de luminoso, que encanta e eleva a alma. Assim, procuramos, tanto quanto nos permitem nossas imperfeições, compenetrarmo-nos dos deveres do verdadeiro espírita, que mais não são que a aplicação dos preceitos evangélicos.

“O Sr. G... de L... deve trazer-nos o seu cunhado, que um Espírito malfazejo subjugou há dois anos. Lamennais, nosso guia espiritual, encarrega-nos do tratamento dessa rebelde obsessão. Deus nos daria também o poder de expulsar os demônios? Se assim fosse, só teríamos de nos humilhar ante tão grande favor, em vez de nos orgulharmos. Quão maior ainda não seria para nós a obrigação de nos melhorarmos, para testemunhar o nosso reconhecimento e para não perdermos dons tão preciosos!”

Tendo sido lida esta interessante carta na Sociedade Espírita de Paris, na sessão de 18 de dezembro de 1863, um de nossos bons médiuns obteve a respeito, espontaneamente, as duas comunicações seguintes:

“Existindo no homem em diferentes graus de desenvolvimento, em todas as épocas a vontade tem servido tanto para curar quanto para aliviar. É lamentável sermos obrigados a constatar que, também, foi a fonte de muitos males, mas é uma das conseqüências do abuso que, muitas vezes, o ser faz do livre-arbítrio. A vontade desenvolve o fluido, seja animal, seja espiritual, porque, como sabeis agora, há vários gêneros de magnetismo, em cujo número estão o magnetismo animal e o magnetismo espiritual que, conforme a ocorrência, pode pedir apoio ao primeiro. Um outro gênero de magnetismo, muito mais poderoso ainda, é a prece que uma alma pura e desinteressada dirige a Deus.

“A vontade muitas vezes foi mal compreendida. Em geral aquele que magnetiza não pensa senão em manifestar sua força fluídica, derramar o seu próprio fluido sobre o paciente submetido aos seus cuidados, sem se preocupar se há ou não uma Providência que se interesse pelo caso tanto ou mais que ele. Agindo *só* não pode obter senão o que a sua força, sozinha, pode produzir, ao passo que os médiuns curadores começam por elevar sua alma a Deus e a reconhecer que, por si mesmos, nada podem. Fazem, por isto mesmo, um ato de humildade, de abnegação; então, confessando-se demasiado fracos, Deus, em sua solícitude, lhes envia poderosos socorros, que o primeiro não pode obter, já que se julga suficiente para a obra empreendida. Deus sempre recompensa a humildade sincera, elevando-a, ao passo que rebaixa o orgulho. Esse socorro que envia são os Espíritos bons, que vêm penetrar o médium de seu fluido benfazejo, o qual é transmitido ao doente. Também é por isto que o magnetismo empregado pelos médiuns curadores é tão potente e produz essas curas classificadas de miraculosas, e que são devidas simplesmente à natureza do fluido

derramado sobre o médium; enquanto o magnetizador ordinário se esgota, muitas vezes inutilmente, em dar passes, o médium curador infiltra um fluido regenerador pela simples imposição das mãos, graças ao concurso dos Espíritos bons. Mas esse concurso só é concedido à fé sincera e à pureza de intenção.”

Mesmer (Médium: Sr. Albert)

“Uma palavra sobre os médiuns curadores de que acabais de falar. Estão todos nas mais louváveis disposições; têm a fé que transporta montanhas, o desinteresse que purifica os atos da vida e a humildade que os santifica. Que perseverem na obra de beneficência que empreenderam; que bem se lembrem de que aquele que pratica as leis sagradas ensinadas pelo Espiritismo, aproxima-se constantemente do Criador. Que, ao empregarem sua faculdade, a prece, que é a vontade mais forte, seja sempre o seu guia, o seu ponto de apoio. Em toda a sua existência, o Cristo vos deu a mais irrecusável prova da vontade mais firme; mas era a vontade do bem e não a do orgulho. Quando por vezes dizia: *eu quero*, a palavra estava cheia de unção; seus apóstolos, que o cercavam, sentiam abrir-se o coração a esta santa palavra. A doçura constante do Cristo, sua submissão à vontade do Pai, sua perfeita abnegação, são os mais belos modelos da vontade que se possa propor para exemplo.”

(Paulo, apóstolo – Médium: Sr. Albert)

Algumas explicações farão compreender facilmente o que se passa nesta circunstância. Sabe-se que o fluido magnético ordinário pode dar a certas substâncias propriedades particulares ativas. Neste caso, age de certo modo como agente químico, modificando o estado molecular dos corpos; nada há, pois, de admirável que possa modificar o estado de certos órgãos; mas igualmente se compreende que sua ação, mais ou menos salutar, deve depender de sua qualidade; daí as expressões “bom ou mau

fluido; fluido agradável ou penoso.” Na ação magnética propriamente dita, é o fluido pessoal do magnetizador que é transmitido, e esse fluido, que não é senão o perispírito, sabe-se que participa sempre, mais ou menos, das qualidades materiais do corpo, ao mesmo tempo que sofre a influência moral do Espírito. É, pois, impossível que o fluido próprio de um encarnado seja de pureza absoluta, razão por que sua ação curativa é lenta, por vezes nula, por vezes até nociva, porque pode transmitir ao doente princípios mórbidos. Pelo fato de um fluido ser bastante abundante e enérgico para produzir efeitos instantâneos de sono, de catalepsia, de atração ou de repulsão, não se segue absolutamente que tenha as necessárias qualidades para curar; é a força que derruba, e não o bálsamo, que suaviza e restaura; assim, há Espíritos desencarnados de ordem inferior, cujo fluido pode mesmo ser muito maléfico, o que os espíritas a todo instante têm ocasião de constatar. *Só* nos Espíritos superiores o fluido perispiritual está despojado de todas as impurezas da matéria; está, de certo modo, *quintessenciado*; por conseguinte, sua ação deve ser mais salutar e mais imediata; é o fluido benfazejo por excelência. Visto que não pode ser encontrado entre os encarnados, nem entre os desencarnados vulgares, faz-se mister pedi-lo aos Espíritos elevados, como se vai procurar em regiões distantes os remédios que não encontramos em nossa terra. O médium curador pouco emite de seu próprio fluido; sente a corrente do fluido estranho que o penetra e ao qual serve de *conduto*; é com esse fluido que magnetiza, e aí está o que caracteriza o magnetismo espiritual e o distingue do magnetismo animal: um vem do homem; o outro, dos Espíritos. Como se vê, nada há nisso de maravilhoso, mas um fenômeno resultante de uma lei da Natureza, que não se conhecia.

Para curar pela terapêutica ordinária, não bastam os primeiros medicamentos que surgem; são precisos puros, não avariados ou adulterados, e convenientemente preparados. Pela mesma razão, para curar pela ação fluídica, os fluidos mais depurados são os mais salutareos; já que esses fluidos benfazejos são

os próprios fluidos dos Espíritos superiores, é o concurso destes últimos que se deve obter. Por isto a prece e a invocação são necessárias. Mas para orar e, sobretudo, orar com fervor, é preciso fé. Para que a prece seja ouvida, é preciso que seja feita com *humildade* e ditada por um real sentimento de *benevolência* e de *caridade*. Ora, não há verdadeira caridade sem devotamento, nem devotamento sem interesse. Sem estas condições o magnetizador, privado da assistência dos Espíritos bons, fica reduzido às suas próprias forças, muitas vezes insuficientes, ao passo que com o concurso deles, elas podem ser centuplicadas em poder e em eficácia. Mas não há licor, por mais puro que seja, que não se altere ao passar por um vaso impuro; dá-se o mesmo com o fluido dos Espíritos superiores, ao passar pelos encarnados. Daí, para os médiuns nos quais se revela essa preciosa faculdade, e que querem vê-la crescer e não se perder, a necessidade de trabalharem o seu melhoramento moral.

Entre o magnetizador e o médium curador há, pois, esta diferença capital: o primeiro magnetiza com o seu próprio fluido, e o segundo com o fluido depurado dos Espíritos; donde se segue que estes últimos dão o seu concurso a quem querem e quando querem; que podem recusá-lo e, por conseguinte, tirar a faculdade daquele que dela abusasse ou a desviasse de seu fim humanitário e caritativo, para dela fazer comércio. Quando Jesus disse aos apóstolos: *"Ide! expulsai os demônios, curai os enfermos"*, acrescentou: *"Dai de graça o que de graça recebestes."*

Os médiuns curadores tendem a multiplicar-se, como anunciaram os Espíritos, e isto em vista de propagar o Espiritismo, pela impressão que esta nova ordem de fenômenos não deixará de produzir nas massas, porquanto não há quem não ligue para a sua saúde, mesmo os maiores incrédulos. Desse modo, quando virem obter com o concurso dos Espíritos o que a Ciência não pode dar, forçoso será convir que há uma força fora do nosso mundo. Assim a Ciência será levada a sair da via exclusivamente material em que

ficou até hoje. Quando os magnetizadores antiespiritualistas ou antiespíritas virem que existe um magnetismo mais poderoso que o seu, serão forçados a remontar à verdadeira causa.

Importa, todavia, precaver-se contra o charlatanismo, que não deixará de tentar explorar em proveito próprio esta nova faculdade. Para isto, há um meio muito simples: lembrar-se de que não há charlatanismo desinteressado, e que o desinteresse absoluto, material e moral, é a melhor garantia de sinceridade. Se há uma faculdade dada por Deus com um objetivo santo, sem sombra de dúvida é esta, pois que exige imperiosamente o concurso dos Espíritos superiores, e este não pode ser adquirido pelo charlatanismo. É para que se fique bem edificado quanto à natureza toda especial desta faculdade que nós o descrevemos com alguns detalhes. Embora tenhamos podido constatar-lhe a existência por fatos autênticos, muitos dos quais passados sob os nossos olhos, pode dizer-se que ainda é rara, e só existe parcialmente nos médiuns que a possuem, seja por não terem todas as qualidades requeridas para possuí-la em sua plenitude, seja por estar ainda em começo. Eis por que, até hoje, os fatos não tiveram muita repercussão; mas não tardarão a tomar desenvolvimentos capazes de chamar a atenção geral. Dentro de poucos anos ela se revelará nalgumas pessoas predestinadas para isto, com uma força que triunfará de muitas obstinações. Mas não são os únicos fatos que o futuro nos reserva, e pelos quais Deus confundirá os orgulhosos e os convencerá de sua impotência. Os médiuns curadores são um dos mil meios providenciais para atingir este objetivo e acelerar o triunfo do Espiritismo. Compreende-se facilmente que esta qualificação não pode ser conferida aos médiuns escreventes, que obtêm receitas médicas de certos Espíritos.

Não encaramos a mediunidade curadora senão do ponto de vista fenomênico e como meio de propagação, e não como recurso habitual. Em próximo artigo trataremos de sua possível aliança com a Medicina e o magnetismo ordinários.

Um Caso de Possessão

SENHORITA JÚLIA

(2º artigo – Ver o número de dezembro de 1863)

Em nosso artigo anterior, descrevemos a triste situação dessa moça e as circunstâncias que nela provavam uma verdadeira possessão. Sentimo-nos feliz ao confirmar o que dissemos de sua cura, hoje completa. Depois de liberta de seu Espírito obsessivo, os violentos abalos que tinha sofrido durante mais de seis meses haviam provocado grave perturbação em sua saúde. Agora está completamente recuperada, mas não saiu do estado sonambúlico, o que não a impede de consagrar-se aos seus trabalhos habituais. Vamos expor as circunstâncias dessa cura.

Várias pessoas haviam tentado magnetizá-la, mas sem muito sucesso, salvo uma leve e passageira melhora no seu estado patológico. Quanto ao Espírito, era cada vez mais tenaz, e as crises haviam atingido um grau de violência dos mais inquietadores. Teria sido necessário um magnetizador nas condições que indicamos no artigo precedente para os médiuns curadores, isto é, penetrando a doente com um fluido bastante puro para *eliminar* o fluido do Espírito mau. Se há um gênero de mediunidade que exige superioridade moral é, seguramente, o caso das obsessões, pois é preciso ter o direito de impor sua autoridade ao Espírito. Os casos de possessão, segundo o que é anunciado, devem multiplicar-se com grande energia daqui a algum tempo, a fim de que fique bem demonstrada a impotência dos meios empregados até agora para os combater. Até uma circunstância, da qual não podemos ainda falar, mas que tem certa analogia com o que se passou ao tempo do Cristo, contribuirá para desenvolver essa espécie de epidemia demoníaca. Não é duvidoso que surjam médiuns especiais com o poder de expulsar os Espíritos maus, como os apóstolos tinham o de expulsar os demônios, seja porque Deus sempre põe o remédio ao lado do mal, seja para dar aos incrédulos uma nova prova da existência dos Espíritos.

Para a senhorita Júlia, o magnetismo simples, como em todos os casos análogos, por mais enérgico que fosse, era insuficiente. Dever-se-ia agir simultaneamente sobre o Espírito obsessor, para o dominar, e sobre o moral da doente, perturbada por todos esses abalos; o mal físico era apenas consecutivo; era efeito, e não causa. Devia-se, pois, tratar a causa antes do efeito. Destruído o mal moral, o mal físico desapareceria por si mesmo. Mas para isto é preciso identificar-se com a causa; estudar com o maior cuidado e em todos os seus matizes o curso das idéias, para lhe imprimir tal ou qual direção mais favorável, porque os sintomas variam conforme o grau de inteligência do paciente, o caráter do Espírito e os motivos da obsessão, motivos cuja origem remonta quase sempre a existências anteriores.

O insucesso do magnetismo com a senhorita Júlia levou várias pessoas a tentar; neste número estava um jovem dotado de grande força fluídica, mas que, infelizmente, não tinha qualquer experiência e, sobretudo, os conhecimentos necessários em casos semelhantes. Ele se atribuía um poder absoluto sobre os Espíritos inferiores que, em sua opinião, não podiam resistir à sua vontade. Tal pretensão, levada ao excesso e baseada em sua força pessoal e não na assistência dos Espíritos bons, deveria provocar-lhe mais uma decepção. Só isto deveria ter bastado para mostrar aos amigos da mocinha que faltava a primeira das qualidades requeridas para que o socorro lhe fosse eficaz. Mas o que, acima de tudo, deveria tê-los esclarecido, é que ele professava, sobre os Espíritos em geral, uma opinião completamente falsa. Segundo ele, os Espíritos superiores são de natureza muito etérea para poderem vir à Terra comunicar-se com os homens e os assistir; isto só é possível aos Espíritos inferiores, em razão de sua natureza mais grosseira. Esta opinião, que não passa da doutrina da comunicação exclusiva dos demônios, cometia ele o grave erro de a sustentar diante da enferma, mesmo nos momentos de crise. Com esta maneira de ver, só devia contar consigo mesmo, e não podia invocar a única assistência capaz de ajudá-lo, assistência que, é

verdade, julgava poder dispensar. A conseqüência mais deplorável era para a doente, que ele desencorajava, tirando-lhe a esperança da assistência dos Espíritos bons. No estado de debilidade em que se achava o seu cérebro, tal crença, que dava todo poder ao Espírito obsessivo, poderia tornar-se fatal para sua razão, e mesmo matá-la. Assim, ela repetia sem cessar, nos momentos de crise: “Louca... louca..., ele me põe louca... completamente louca... eu ainda não o sou, mas ficarei.” Falando de seu magnetizador, ela descrevia perfeitamente sua ação, dizendo: “Ele me dá a força do corpo, mas não a força do espírito.” Tal expressão era profundamente significativa e, no entanto, ninguém lhe dava importância.

Quando vimos a senhorita Júlia, o mal estava no seu apogeu e a crise que testemunhamos foi uma das mais violentas. Foi no próprio momento em que nos dedicávamos a levantar-lhe o moral e inculcar-lhe o pensamento de que ela *podia* dominar esse Espírito mau, com a assistência dos bons e de seu anjo-da-guarda, cujo apoio devia invocar. Foi nesse momento, dizíamos, que o jovem magnetizador, que se achava presente, por uma circunstância sem dúvida providencial, veio, sem qualquer provocação, afirmar e desenvolver sua teoria, destruindo por um lado o que fazíamos por outro. Tivemos de lhe expor com energia que praticava uma má ação e assumia a terrível responsabilidade da razão e da vida daquela infeliz mocinha.

Um fato dos mais singulares, que todos tinham observado, mas cujas conseqüências ninguém havia deduzido, produzia-se na magnetização. Quando se dava durante a luta com o Espírito mau, *só* este último absorvia todo o fluido, que lhe conferia mais força, enquanto a doente enfraquecia e sucumbia à sua ação nefasta. Devemos nos lembrar de que ela estava sempre em estado sonambúlico; conseqüentemente, via o que se passava, e foi ela mesma quem deu a explicação. Não viram no fato senão uma malícia do Espírito e contentavam-se em se absterem de magnetizar em tais momentos e ficarem como espectadores da luta. Com o conhecimento da natureza dos fluidos, é possível dar-se

conta facilmente desse fenômeno. Antes de mais, é evidente que, absorvendo o fluido para aumentar a força em detrimento da doente, o Espírito queria convencer o magnetizador da inutilidade de sua pretensão. Se havia malícia de sua parte, era contra o magnetizador, pois se servia da mesma arma com a qual este último pretendia vencê-lo. Pode dizer-se que lhe tomava o bastão das mãos. Não menos evidente era a sua facilidade de se apropriar do fluido do magnetizador, denotando uma afinidade entre esse fluido e o seu próprio, ao passo que fluidos de natureza contrária se teriam repellido, como água e óleo. Só este fato bastaria para demonstrar que havia outras condições a preencher. É, pois, um erro dos mais graves e, podemos dizer, dos mais funestos, não ver na ação magnética senão uma simples emissão fluídica, sem levar em conta a qualidade íntima dos fluidos. Na maioria dos casos, o sucesso repousa inteiramente nestas qualidades, como o êxito depende, na terapêutica, da qualidade do medicamento. Não seria demais chamar a atenção para este ponto capital, demonstrado, ao mesmo tempo, pela lógica e pela experiência.

Para combater a influência da doutrina do magnetizador, que já havia influenciado as idéias da doente, dissemos a esta: “Minha filha, tende confiança em Deus; olhai em volta. Não vede Espíritos bons? – É verdade, diz ela; vejo luminosos, que Fredegunda não ousa encarar. – Pois bem! são os que vos protegem e não permitirão que o Espírito mau triunfe; implorai sua assistência; orai com fervor; orai sobretudo por Fredegunda. – Oh! Por ela jamais o poderei. – Cuidado! vede como se afastam os Espíritos bons a estas palavras. Se quiserdes a sua proteção, é preciso merecê-la por vossos bons sentimentos, esforçando-vos principalmente para que sejais melhor que a vossa inimiga. Como quereis que eles vos defendam, se não valeis mais que ela? Pensai que em outras existências tereis censura a vos fazer; o que vos acontece é uma expiação; se quiserdes fazê-la cessar, será preciso que melhoreis e proveis vossas boas intenções, começando por vos mostrardes boa e caridosa para com os inimigos. A própria

Fredegunda será tocada e talvez fareis o arrependimento entrar no seu coração. Refleti. – Eu o farei. – Fazei-o logo e dizei comigo: ‘Meu Deus, eu perdôo a Fredegunda o mal que ela me fez; aceito-o como uma prova e uma expiação que mereci. Perdoai minhas próprias faltas, como eu perdôo as dela. E vós, Espíritos bons que me cercais, abri o seu coração a melhores sentimentos e me dai a força que me falta.’ Prometeis orar por ela todos os dias? – Prometo. – Está bem. Por meu lado, cuidarei de vós e dela; tende confiança. – Oh! Obrigado! algo me diz que isto logo vai acabar.”

Tendo dado conta dessa cena à Sociedade, foram transmitidas a respeito as seguintes instruções:

“O assunto de que vos ocupais comoveu os próprios Espíritos bons que, por sua vez, querem vir em auxílio desta moça com seus conselhos. Com efeito, ela apresenta um caso de obsessão muito grave; entre os que vistes e vereis ainda, pode-se pôr este no número dos mais sérios e, sobretudo, dos mais interessantes, pelas particularidades instrutivas já apresentadas e que ele vos oferecerá novamente.

“Como já vos disse, esses casos de obsessão se repetem freqüentemente e fornecerão dois assuntos distintos de utilidade, primeiro para vós, depois para os que as sofrerem.

“Primeiro para vós, porque, assim como vários eclesiásticos contribuíram poderosamente para difundir o Espiritismo entre os que lhe eram completamente estranhos, também esses obsedados, cujo número se tornará muito importante para que deles não se ocupem de maneira superficial, mas ampla e profunda, abrirão bastante as portas da Ciência para que a filosofia espírita possa com eles nela penetrar e ocupar, entre gente de ciência e os médicos de todos os sistemas, o lugar a que tem direito.

“Depois para eles porque, no estado de Espírito, antes de encarnar-se entre vós, eles aceitaram essa luta, que lhes acarreta a possessão que sofrem, tendo em vista o seu adiantamento; e essa luta, acreditai, faz sofrer cruelmente seu próprio Espírito que, quando seu corpo, de certo modo, não é mais seu, tem a perfeita consciência do que se passa. Conforme tiverem suportado essa prova, cuja duração lhes podereis abreviar poderosamente por vossas preces, terão progredido mais ou menos. Porque, ficai certos, a despeito dessa possessão, sempre momentânea, eles guardam suficiente consciência de si mesmos para discernirem a causa e a natureza de sua obsessão.

“Para esta que vos ocupa, é necessário um conselho. As magnetizações que lhe faz suportar o Espírito encarnado, de que falastes, lhe são funestas sob todos os aspectos. Aquele Espírito é sistemático. E que sistema! Quem não reporta todas as suas ações à maior glória de Deus e se envaidece das faculdades que lhe foram concedidas, será sempre confundido; os presunçosos serão rebaixados, muitas vezes neste mundo e, infalivelmente, no outro. Cuidai, pois, meu caro Kardec, para que essas magnetizações cessem completamente, ou os mais graves inconvenientes resultarão de sua continuação, não só para a moça, mas ainda para o imprudente, que pensa ter às suas ordens todos os Espíritos das trevas e se lhes impor como chefe.

“Digo que vereis esses casos de possessão e de obsessão se desenvolverem durante um certo tempo, porque são úteis ao progresso da Ciência e do Espiritismo. É por isso que os médicos e os sábios enfim abrirão os olhos e aprenderão que há doenças cujas causas não estão na matéria, não devendo, por isso, ser tratadas pela matéria. Esses casos de possessão vão igualmente abrir ao magnetismo horizontes totalmente novos e lhe fazer dar um grande passo à frente pelo estudo, até agora tão imperfeito, dos fluidos. Auxiliado por esses novos conhecimentos e por sua íntima aliança com o Espiritismo, ele obterá grandes coisas. Infelizmente, no magnetismo como na Medicina, durante muito tempo ainda

haverá homens que julgarão nada ter a aprender. Essas obsessões freqüentes terão, também, um lado muito bom, porque, penetrado pela prece e pela força moral, é possível fazê-las cessar e adquirir o direito de expulsar os Espíritos maus e, pelo melhoramento de sua conduta, cada um buscará adquirir o direito que o Espírito de Verdade, que dirige este globo, conferirá quando for merecido. Tende fé e confiança em Deus, que não permite que se sofra inutilmente e sem motivo.”

Hahnemann (Médium: Sr. Albert)

“Serei breve. Será muito fácil curar essa infeliz possessa. Os meios estavam implicitamente contidos nas reflexões há pouco emitidas por Allan Kardec. Não só é necessária uma ação material e moral, mas ainda uma ação puramente espiritual. Ao Espírito encarnado que, como Júlia, se acha em estado de possessão, é preciso um magnetizador experimentado e perfeitamente convicto da verdade espírita. Além disso, é necessário que seja de uma moralidade irrepreensível e sem presunção. Mas, para agir sobre o Espírito obsessivo, faz-se mister a ação não menos enérgica de um Espírito bom desencarnado. Assim, pois, dupla ação: ação terrestre, ação extraterrestre; encarnado sobre encarnado, desencarnado sobre desencarnado; eis a lei. Se até agora essa ação não foi realizada, foi justamente para vos conduzir ao estudo e à experimentação desta interessante questão. É por isto que Júlia não se livrou mais cedo: ela devia servir para os vossos estudos.

“Isto vos demonstra o que, doravante, tereis de fazer, nos casos de possessão manifesta. É indispensável chamar em vosso auxílio o concurso de um Espírito elevado, desfrutando ao mesmo tempo de uma força moral e fluídica, como o excelente cura d’Ars; e sabeis que podeis contar com a assistência desse digno e santo Vianney. Quanto ao mais, nosso concurso é dado a todos os que nos chamarem em auxílio, com pureza de coração e fé verdadeira.

“Resumindo: Quando magnetizarem Júlia, será preciso proceder, inicialmente, pela fervorosa evocação do cura d’Ars e de outros Espíritos bons que se comunicam habitualmente entre vós, pedindo-lhes que atuem contra os Espíritos maus que perseguem essa jovem, e que fugirão diante de suas falanges luminosas. Também não esquecer que a prece coletiva tem uma força muito grande, quando feita por certo número de pessoas agindo em acordo, com uma fé viva e um ardente desejo de aliviar.”

Erasto (Médium: Sr. d’Ambel)

Estas instruções foram seguidas. Vários membros da Sociedade se entenderam para agir pela prece nas condições requeridas. Um ponto essencial era levar o Espírito obsessora a emendar-se, o que necessariamente deveria facilitar a cura. Foi o que se fez, evocando-o e lhe dando conselhos; ele prometeu não mais atormentar a senhorita Júlia e manteve a palavra. Um dos nossos colegas foi especialmente encarregado por seu guia espiritual de sua educação moral, com o que ficou satisfeito. Hoje esse Espírito trabalha seriamente por sua melhoria e pede uma nova encarnação para expiar e reparar suas faltas.

A importância do ensino, que decorre desse fato e das observações a que deu lugar, a ninguém escapará e cada um poderá nele haurir úteis instruções sobre a ocorrência. Uma observação essencial que o fato permitiu constatar e que se compreende sem dificuldade, é a influência do meio. É bem evidente que se o meio secunda por uma comunhão de vistas, de intenção e de ação, o doente se acha numa espécie de atmosfera homogênea de fluidos benfazejos, o que deve necessariamente facilitar e apressar o sucesso. Mas se houver desacordo, oposição; se cada um quiser agir à sua maneira, resultarão divergências, correntes contrárias que, forçosamente, paralisarão e, por vezes, anularão os esforços tentados para a cura. Os eflúvios fluídicos, que constituem a atmosfera moral, se forem maus, serão tão funestos a certos indivíduos quanto as emanções das regiões pantanosas.

Conversas de Além-Túmulo

FREDEGUNDA

Damos a seguir as duas evocações do Espírito Fredegunda, feitas na Sociedade, com um mês de intervalo, e que formam o complemento dos dois artigos anteriores sobre a possessão da senhorita Júlia. Embora não se manifestasse com sinais de violência, o Espírito escrevia com grande dificuldade e fatigava extremamente o médium, que chegou a ficar indisposto e cujas faculdades pareciam, de certo modo, paralisadas. Prevendo esse resultado, tivéramos o cuidado de não confiar essa evocação a um médium muito delicado.

Em outra circunstância, interrogado a respeito do Espírito Fredegunda, outro Espírito tinha dito que há muito tempo ela procurava reencarnar-se, mas que isto não lhe havia sido permitido, porque o seu objetivo não era ainda melhorar-se, mas, ao contrário, ter mais facilidade para fazer o mal, com o auxílio de um corpo material. Tais disposições deveriam tornar sua conversão muito difícil. Entretanto, esta não o foi tanto quanto se poderia temer, graças, sem dúvida, ao concurso benevolente de todas as pessoas que nela participaram, e talvez também porque era chegado o momento em que esse Espírito deveria entrar na via do arrependimento.

(16 de outubro de 1863 – Médium: Sr. Leymarie)

1. *Evocação.*

Resp. – Não sou Fredegunda. Que quereis de mim?

2. Então quem sois?

Resp. – Um Espírito que sofre.

3. Visto que sofreis, deveis desejar não mais sofrer. Nós vos assistiremos, pois lamentamos todos os que sofrem neste mundo e no outro; mas é necessário que nos secundeis e, para isto, é preciso que oreis.

Resp. – Agradeço-vos, mas não posso orar.

4. Nós vamos orar; isto vos auxiliará. Tende confiança na bondade de Deus, que sempre perdoa àquele que se arrepende.

Resp. – Creio em vós. Orai, orai; talvez eu me possa converter.

5. Mas não basta que oremos; é preciso que também oreis.

Resp. – Eu quis orar e não pude; tentarei agora com o vosso auxílio.

6. Dizei conosco: Meu Deus, perdoai-me, já que pequei. Arrependo-me do mal que fiz.

Resp. – Di-lo-ei depois.

7. Isto não é suficiente; é preciso escrever.

Resp. – Meu... (Aqui o Espírito é incapaz de escrever a palavra *Deus*. Só depois de muito encorajamento consegue terminar a frase, de modo irregular e pouco legível.)

8. Não basta dizer isto pró-forma. É preciso pensar e tomar a resolução de não mais fazer o mal; como vereis, logo sereis aliviada.

Resp. – Vou orar.

9. Se orastes sinceramente, não vos sentis melhor?

Resp. – Oh! sim!

10. Agora, dai-nos alguns detalhes sobre a vossa vida e as causas da vossa obstinação contra Júlia.

Resp. – Mais tarde... direi... mas hoje não posso.

11. Prometeis deixar Júlia em paz? O mal que lhe fazeis cai sobre vós e aumenta o vosso sofrimento.

Resp. – Sim, mas sou impelida por outros Espíritos piores do que eu.

12. É uma má desculpa, que dais para vos escusardes. Em todo o caso, deveis ter uma vontade e com a vontade sempre se pode resistir às más sugestões.

Resp. – Se eu tivesse tido vontade, não sofreria. Sou punida porque não soube resistir.

13. No entanto, mostrastes bastante vontade para atormentar Júlia. Como acabais de tomar boas resoluções, nós vos exortamos a nelas persistir e pedimos aos Espíritos bons que vos secudem.

Observação – Durante esta evocação, outro médium recebeu de seu guia espiritual uma comunicação, contendo, entre outras coisas, o seguinte: “Não vos inquieteis com as recusas que notais nas respostas deste Espírito: sua idéia fixa de reencarnar faz que repila toda solidariedade com o passado, embora não suporte muito os seus efeitos. É ela mesma a que foi indicada, mas não quer concordar consigo mesma.”

(13 de novembro de 1863)

14. *Evocação.*

Resp. – Estou pronta para responder.

15. Persististes na boa resolução em que estáveis da última vez?

Resp. – Sim.

16. Como vos achais?

Resp. – Muito bem, pois orei, estou mais calma e muito mais feliz.

17. Com efeito, sabemos que Júlia não foi mais atormentada. Já que podeis vos comunicar mais facilmente, quereis dizer por que vos obstináveis tanto contra ela?

Resp. – Há séculos eu não era lembrada e desejava que a maldição que cobre meu nome cessasse um pouco, a fim de que

uma prece, uma única, viesse consolar-me. Oro, creio em Deus; agora posso pronunciar seu nome e, por certo, é mais do que eu poderia esperar do benefício que me concedeis.

Observação – No intervalo da primeira à segunda evocação, o Espírito era chamado todos os dias por aquele de nossos colegas encarregado de o instruir. Um fato positivo é que, a partir desse momento, a senhorita Júlia deixou de ser atormentada.

18. É bastante duvidoso que o só desejo de obter uma prece tenha sido o móvel que vos levava a atormentar aquela moça; sem dúvida buscais ainda um paliativo para os vossos erros. Em todo o caso, não era um bom meio de atrair a compaixão dos homens.

Resp. – Contudo, se eu não tivesse atormentado Júlia, não teríeis pensado em mim e eu não teria saído do miserável estado em que languescia. Disso resultou uma instrução para vós e um grande bem para mim, pois me abristes os olhos.

19. [*Ao guia do médium*]. Foi mesmo Fredegunda que deu esta resposta?

Resp. – Sim, foi ela, um pouco auxiliada, é verdade, porque se humilhou. Mas este Espírito é muito mais adiantado em inteligência do que pensais; falta-lhe o progresso moral, cujos primeiros passos lhe ajudais a dar. Ela não vos disse que Júlia tirará grande proveito do que se passou para o seu avanço pessoal.

20. [*A Fredegunda*]. A senhorita Júlia vivia em vosso tempo? poderíeis dizer quem era ela?

Resp. – Sim. Era uma de minhas damas de companhia, chamada Hildegarda; uma alma sofredora e resignada, que fazia minha vontade. Sofreu o castigo de seus serviços muito humildes e muito complacentes a meu respeito.

21. Desejais uma nova encarnação?

Resp. – Sim, desejo. Ó meu Deus! sofri mil torturas e, se mereci uma pena muito justa, ah! é tempo para que eu possa,

com o auxílio de vossas preces, recomeçar uma existência melhor, a fim de me lavar das minhas antigas sujeiras. Deus é justo. Orai por mim. Até hoje eu tinha desconhecido toda a extensão de minha pena; tinha o olhar velado e como que uma vertigem. Mas agora vejo, compreendo, desejo o perdão do Senhor e o das minhas vítimas. Meu Deus, como é suave o perdão!

22. Dizei-nos algo de Brunchaut.

Resp. – Brunchaut!... Este nome me dá vertigem... Foi o grande erro de minha vida e senti o meu velho ódio despertar ao ouvir o seu nome!... Mas Deus me perdoará e doravante poderei escrever esse nome sem tremer. Mais feliz que eu, ela está reencarnada pela segunda vez, desempenhando um papel que desejo: o de irmã de caridade.

23. Estamos felizes com a vossa mudança; nós vos encorajaremos e sustentaremos com nossas preces.

Resp. – Obrigada! obrigada! Espíritos bons, Deus vos pagará por isto.

Observação – Um fato característico dos Espíritos maus é a impossibilidade em que muitas vezes se acham de pronunciar ou escrever o nome de Deus. Isto denota uma natureza má, sem dúvida, mas, ao mesmo tempo, um misto de medo e de respeito, que não sentem os Espíritos hipócritas, aparentemente menos maus. Estes últimos, longe de recuarem ante o nome de Deus, dele se servem afrontosamente para captar a confiança. São infinitamente mais perversos e mais perigosos que os Espíritos francamente maus. É nesta classe que são encontrados a maioria dos Espíritos fascinadores, dos quais é muito mais difícil desembaraçar-se do que dos outros, porque é do Espírito mesmo que eles se apossam, auxiliados por um falso semblante de saber, de virtude ou de religião, ao passo que os outros só se apossam do corpo. Um Espírito que, como o de Fredegunda, recua ante o nome de Deus, está muito mais próximo de sua conversão do que os que se cobrem com a máscara do bem. Dá-se o mesmo entre os homens, onde encontrais estas duas categorias de Espíritos encarnados.

Inauguração de Vários Grupos e Sociedades Espíritas

As reuniões espíritas que surgem são tão numerosas que nos seria impossível citar todas as boas palavras ditas a respeito, testemunhando os sentimentos excitados pela doutrina. O novo grupo que acaba de formar-se na ilha de Oléron é tanto mais digno de simpatia quanto o Espiritismo foi, nessas regiões, objeto de uma oposição muito viva. Transcrevemos uma das alocações que foram pronunciadas na ocasião, para provar como os espíritas respondem aos seus adversários.

DISCURSO DO PRESIDENTE DA SOCIEDADE ESPÍRITA DE MARENNES

“Senhores e caros irmãos espíritas de Oléron,

“A extensão que diariamente toma o Espiritismo em nossa terra é a prova mais evidente da impotência dos ataques de que é objeto. É como diz o Sr. Allan Kardec: ‘De duas uma: ou é um erro, ou uma verdade. Se é um erro, cairá por si mesmo, como todas as utopias, que apenas têm existências efêmeras, e morrem por falta de base sólida, única que pode dar a vida; se é uma dessas grandes verdades que, pela vontade de Deus, devem ter lugar reservado na história do mundo e marcar uma era do progresso da Humanidade, nada deterá a sua marcha.’

“Aí está a experiência para mostrar em qual dessas duas categorias o Espiritismo deve ser classificado. A facilidade com que é aceito pelas massas, dizemos mais: a felicidade, a consolação, a coragem contra a adversidade, que se adquire nesta crença, a incrível rapidez de sua propagação, não são mostras de uma idéia sem valor. O mais excêntrico sistema pode fazer seita e reunir em torno de si alguns partidários, mas, semelhante a uma árvore sem raízes, se desfolha rapidamente e morre sem rebentos. É assim com o Espiritismo? Não; sabei-o tão bem quanto eu. Desde seu aparecimento, não cessou de crescer, a despeito dos ataques de que

foi objeto, e hoje cravou sua bandeira em todos os pontos do globo; seus partidários se contam aos milhões; e se se considerar o caminho feito nos últimos dez anos, através de um sem-número de obstáculos semeados em sua rota, pode julgar-se o que será daqui a dez anos, tanto mais quanto mais se aplainam os obstáculos, à medida que avança e aumenta o número de seus aderentes. Assim, pois, pode dizer-se, com o Sr. Allan Kardec, que o Espiritismo é hoje um fato consumado; a árvore criou raízes; não lhe resta senão desenvolver-se e tudo concorre para lhe ser favorável, porquanto, malgrado algumas borrascas, o vento é favorável ao Espiritismo. É preciso ser cego para não o reconhecer.

“Uma circunstância contribuiu poderosamente para a sua expansão: é que não é exclusivo de nenhuma religião; sua divisa: *Fora da caridade não há salvação*, pertence a todas; é, ao mesmo tempo, a bandeira da tolerância, da união e da fraternidade, em torno da qual todos podem reunir-se, sem abdicarem de sua crença particular. Começa-se a compreender que é um penhor de segurança para a sociedade. Quanto a mim, caros irmãos, vou mais longe e penso que concordareis comigo, quando digo: No momento em que todos os povos tiverem inscrito em sua bandeira *Fora da caridade não há salvação*, a paz do mundo será garantida e todos os povos viverão como irmãos. Será apenas um belo sonho? Não, senhores, é a promessa feita pelo Cristo e estamos na época de sua realização.

“Que somos nós, nós outros, no grande movimento que se opera? Somos obscuros operários que trazemos nossa pedra ao edifício; mas quando milhões de obreiros tiverem trazido milhões de pedras, o edifício estará concluído. Trabalhem, pois, com zelo e perseverança, sem nos desanimarmos com a pequenez do sulco que traçamos, pois numerosos sulcos se abrem à nossa volta. Permitti-me uma comparação que, embora material, corresponde a este pensamento. No começo das estradas de ferro, cada pequena localidade queria ter o seu ramal; cada um desses ramais pouco representavam em si mesmo; mas quando todos fossem reunidos, teríamos uma rede imensa, que hoje cobre o

mundo e derruba as barreiras dos povos. As estradas de ferro derrubaram as barreiras materiais; a palavra de ordem: *Fora da caridade não há salvação*, fará cair as barreiras morais; fará cessar, sobretudo, o antagonismo religioso, causa de tantos ódios e de conflitos sangrentos, porque, então, judeus, católicos, protestantes e muçulmanos se darão as mãos, adorando, cada um à sua maneira, o único Deus de misericórdia e de paz, que é o mesmo para todos.

“Como vedes, senhores e caros irmãos, o objetivo é grande. Restar-nos-ia examinar a organização de nossa pequena esfera, para transformá-la numa engrenagem útil ao conjunto. Para isto, nossa tarefa é facilitada pelas instruções que encontramos nas obras de nosso chefe venerado e que se tornaram, pode dizer-se, as obras clássicas da doutrina. Seguindo-as pontualmente, estamos certos de não nos transviarmos numa falsa rota, porque essas instruções são o fruto da experiência. Assim, que cada um medite cuidadosamente essas obras, pois nelas encontraremos tudo quanto nos é necessário; aliás, tenho certeza de que o apoio e os conselhos do mestre jamais nos faltarão. A nenhum de nós é permitido esquecer que, se a esperança e a fé penetraram a maioria de nossos corações, se muitos dentre nós fomos arrancados ao materialismo e à incredulidade, devemos-lo à sua coragem perseverante, ao seu zelo, que nem as calúnias, nem as diatribes, nem os ataques de toda sorte abalaram. Tendo sido o primeiro a compreender o imenso alcance do Espiritismo, desde então tudo sacrificou para lhe espalhar os benefícios entre os seus irmãos da Terra. Digamo-lo: evidentemente ele foi escolhido para esse grande apostolado, pois é impossível desconhecer que cumpre entre nós uma missão moralizadora. Eu vos proponho, senhores, votar-lhe os agradecimentos que todos os verdadeiros e sinceros espíritas lhe devem. Ao mesmo tempo, peçamos a Deus que continue a sustentá-lo num empreendimento em que ele é o único em condição de fazê-la frutificar completamente.

“Algumas palavras ainda, senhores, sobre o caráter desta reunião. A máxima que nos serve de guia é capaz de

tranqüilizar aqueles a quem o nome do Espiritismo poderia intimidar. Com efeito, que se pode temer de gente que faz do princípio da caridade para com todos, amigos e inimigos, a sua regra de conduta? E este princípio para nós é tão sério, que dele fazemos a condição expressa de nossa salvação. Não é a melhor garantia que podemos dar de nossas intenções pacíficas? Quem, pois, poderia ver com maus olhos, mesmo entre os que não compartilham de nossas crenças, pessoas que não pregam senão a tolerância, a união e a concórdia, e cujo único objetivo é reconduzir a Deus os que dele se afastam, combater o materialismo e a incredulidade que invadem a sociedade e ameaçam os seus fundamentos?

“Assim, dirigimo-nos aos que não crêem, pois o campo a ceifar é bastante vasto, como disse o Sr. Allan Kardec. Em virtude mesmo do princípio da caridade que nos serve de guia, guardemo-nos de ir perturbar qualquer consciência; acolhamos como irmãos os que vêm a nós, e procuremos não coagir ninguém em sua fé religiosa. Não vimos erguer altar contra altar, mas levantar um onde não existia nenhum. Os que acharem bons nossos princípios, os adotarão; os que os acharem maus, os deixarão de lado e nem por isso os consideraremos menos como irmãos; se nos atirarem a pedra, pediremos a Deus que lhes perdoe a falta de caridade e lhes recorde o Evangelho e o exemplo de Jesus-Cristo, que orava por seus algozes.

“Oremos, pois, caros irmãos, a fim de que Deus se digne estender sobre nós a sua misericórdia e perdoar as nossas faltas, como perdoamos aos que nos querem mal. Digamos todos, do fundo do coração:

“Senhor, Deus Todo-Poderoso, que ledes no fundo das almas e vedes a pureza de nossas intenções, dignai-vos sustentarnos na nossa obra e protegei nosso chefe; dai-nos a força de suportar com coragem e resignação, e como provas para a nossa fé e nossa perseverança, as misérias que a malevolência possa nos

suscitar; fazei que, a exemplo dos primeiros mártires cristãos, estejamos prontos para todos os sacrifícios, para vos provar a nossa submissão à vossa santa vontade. Aliás, que são os sacrifícios dos bens deste mundo quando se tem, como devem tê-lo todos os espíritas sinceros, a certeza dos bens imperecíveis da vida futura? Fazei, Senhor, que as preocupações da vida terrestre não nos desviem do caminho santo por onde nos conduzistes e dignai-vos nos enviar Espíritos bons para nos manterem na via do bem; que a caridade, que é a vossa e a nossa lei, nos torne indulgentes para com as faltas dos nossos irmãos; que ela abafe em nós todo sentimento de orgulho, de ódio, de inveja e de ciúme, e nos torne bons e benevolentes para com todos, a fim de que tanto preguemos pelo exemplo, quanto pela palavra.”

Os delegados de diversos grupos das localidades circunvizinhas se tinham reunido, nessa ocasião, com seus novos irmãos em crença. Vários outros discursos foram pronunciados, todos testemunhando um perfeito entendimento do verdadeiro espírito do Espiritismo. Lamentamos que a falta de espaço não nos permita citá-los, assim como uma notável comunicação obtida na sessão, assinada por *François-Nicolas Madeleine* que, em termos simples e tocantes, traça os deveres do verdadeiro espírita.

Em Lyon acaba de formar-se um novo grupo em condições especiais, que merecem ser assinaladas, como encorajamento e bom exemplo. Esta reunião tem duplo objetivo: a instrução e a beneficência. No que tange à instrução, ele se propõe dedicar uma parte menor que a geralmente dedicada às comunicações mediúnicas e, em contrapartida, consagrar uma maior às instruções orais, com vistas a desenvolver e explicar os princípios do Espiritismo. No que respeita à beneficência, a nova sociedade se propõe vir em auxílio das pessoas necessitadas, por meio de donativos de objetos comuns, tais como roupa branca, vestuários, etc. Além do que puder recolher, as senhoras que dela fazem parte dão sua quota de trabalho pessoal na confecção de roupas e em visitas aos pobres doentes. Um dos membros dessa sociedade nos

escreve a respeito: “Graças ao zelo da Sra. G..., em breve Lyon contará com mais uma reunião espírita. Tal reunião alcançará o objetivo a que se propõe? Só o futuro dirá. Se ainda é pouco numerosa, pelo menos conta com elementos devotados, cheios de fé e de caridade. Podemos fracassar no empreendimento, mas, ao menos, nossas intenções são boas. Bastará que a Sociedade de Paris, sob a égide da qual nos colocamos, nos aprove e nos ajude com seus conselhos, para que perseveremos, auxiliados por seu apoio moral.”

Este apoio jamais faltará a toda obra fundada segundo o verdadeiro espírito do Espiritismo, e que tenha por objetivo a realização do bem. A Sociedade de Paris sempre se rejubila ao ver a doutrina produzir bons frutos. Ela só declinará de qualquer solidariedade em relação a grupos ou sociedades que, desconhecendo o princípio de caridade e de fraternidade, sem o qual não há verdadeiros espíritas, vissem as outras reuniões com maus olhos, lhes atirassem pedras ou procurassem denegri-las sob um pretexto qualquer. A caridade e a fraternidade se reconhecem por suas obras, e não por palavras; é uma medida de apreciação que não enganará senão os que se cegam quanto ao seu próprio mérito, mas não a terceiros desinteressados; é a pedra de toque, pela qual se reconhece a sinceridade de sentimentos. E em Espiritismo, quando se fala de caridade, sabe-se que não se trata apenas daquela que dá, mas, também e sobretudo, da que esquece e perdoad, que é benevolente e indulgente, que repudia todo sentimento de ciúme e de rancor. Toda reunião espírita que não se fundasse sobre o princípio da verdadeira caridade, seria mais prejudicial que útil à causa, porque tenderá a dividir, em vez de unir; aliás, traria em si mesma o seu elemento destruidor. Assim, nossas simpatias pessoais serão sempre conquistadas por todas que provarem, por seus atos, o Espírito bom que as anima, porque os Espíritos bons não podem inspirar senão o bem.

No próximo número, falaremos das novas sociedades espíritas de Bruxelas, Turim e Esmirna, que igualmente se colocam sob o patrocínio da Sociedade de Paris.

Questões e Problemas

PROGRESSO NAS PRIMEIRAS ENCARNAÇÕES

Pergunta – Duas almas, criadas simples e ignorantes, que não conhecem o bem, nem o mal, vêm à Terra. Se, numa primeira existência, uma seguir o caminho do bem, e a outra o do mal, já que, de certo modo, é o acaso que as conduz, elas não merecem castigo nem recompensa. Essa primeira viagem terrestre não deve ter servido senão para dar a cada uma delas a consciência de sua existência, consciência que antes não tinham. Para ser lógico, seria preciso admitir que as punições e as recompensas só começariam a ser infligidas ou concedidas a partir da segunda encarnação, quando os Espíritos já soubessem distinguir entre o bem e o mal, experiência que lhes faltaria por ocasião de sua criação, mas que adquiririam por meio de sua primeira encarnação. Tal opinião tem fundamento?

Resposta – Embora esta pergunta já esteja resolvida pela Doutrina Espírita, vamos respondê-la, para a instrução de todos.

Ignoramos absolutamente em que condições se dão as primeiras encarnações da alma; é um desses princípios das coisas que estão nos segredos de Deus. Apenas sabemos que são criadas simples e ignorantes, tendo todas, assim, o mesmo ponto de partida, o que é conforme à justiça; o que sabemos ainda é que o livre-arbítrio só se desenvolve pouco a pouco e após numerosas evoluções na vida corpórea. Não é, pois, nem após a primeira, nem depois da segunda encarnação que a alma tem consciência bastante clara de si mesma, para ser responsável por seus atos; não é senão após a centésima, talvez após a milésima. Dá-se o mesmo com a criança, que não goza da plenitude de suas faculdades, nem um, nem dois dias após o nascimento, mas depois de anos. E, ainda, quando a alma goza do livre-arbítrio, a responsabilidade cresce em razão do desenvolvimento de sua inteligência; é assim, por exemplo, que um selvagem que come os seus semelhantes é menos

castigado que o homem civilizado, que comete uma simples injustiça. Sem dúvida os nossos selvagens estão muito atrasados em relação a nós e, no entanto, já se acham bem longe de seu ponto de partida. Durante longos períodos, a alma encarnada é submetida à influência exclusiva dos instintos de conservação; pouco a pouco esses instintos se transformam em instintos inteligentes ou, melhor dizendo, se equilibram com a inteligência; mais tarde, *e sempre gradualmente*, a inteligência domina os instintos. Só então é que começa a séria responsabilidade.

Além disso, o autor da pergunta comete dois erros graves: o primeiro é o de admitir que o acaso decida pelo bom ou mau caminho que o Espírito segue em seu princípio. Se houvesse acaso ou fatalidade, toda responsabilidade seria injusta. Como dissemos, o Espírito fica num estado inconsciente durante numerosas encarnações; a luz da inteligência não se faz senão aos poucos e a responsabilidade real só começa quando o Espírito age livremente e com conhecimento de causa.

O segundo erro é o de admitir que as primeiras encarnações humanas ocorrem na Terra. A Terra já foi, mas não é mais, um mundo primitivo; os mais atrasados seres humanos encontrados em sua superfície já se despojaram das primeiras fraldas da encarnação e os nossos selvagens estão em progresso, comparativamente ao que eram antes que seu Espírito viesse encarnar neste globo. Que se julgue agora o número de existências necessárias a esses selvagens para transpor todos os degraus que os separam da mais adiantada civilização; todos esses degraus intermediários se acham na Terra *sem solução de continuidade* e se pode segui-los observando as nuances que distinguem os diferentes povos; só o começo e o fim aí não se encontram; para nós o começo se perde nas profundezas do passado, que não nos é dado penetrar. Aliás, isto pouco importa, pois tal conhecimento em nada nos adiantaria. Não somos perfeitos, eis o que é positivo; sabemos que nossas imperfeições são o único obstáculo à nossa felicidade

futura; portanto, estudemo-nos, a fim de nos aperfeiçoarmos. No ponto em que estamos a inteligência está bastante desenvolvida para permitir ao homem julgar sensatamente o bem e o mal, e é também deste ponto que a sua responsabilidade é mais seriamente empenhada, já que não mais se pode dizer o que dizia Jesus: “Perdoai-lhes, Senhor, porque não sabem o que fazem.”

Variedades

FONTENELLE E OS ESPÍRITOS BATEDORES

Devemos à gentileza do Sr. Flammarion a comunicação de uma carta que lhe foi dirigida e que contém o seguinte relato:

Provavelmente vos imaginais, caro senhor, o primeiro astrônomo que se tenha ocupado de Espiritismo. Desenganai-vos. Há um século e meio Fontenelle fazia tipologia com a Srta. Letard, médium. Distraíndo-me esta manhã em folhear um velho manual epistolar, publicado há cinquenta anos por Philipon de la Madeleine, encontro uma carta da Srta. Launai, que foi mais tarde a Sra. Staal, dirigida da parte da duquesa do Maine ao secretário da Academia das Ciências, relativamente a uma aventura, da qual eis o resumo.

Em 1713 uma moça chamada Letard garantia manter comércio com os Espíritos, tal como Sócrates com o seu demônio. O Sr. Fontenelle foi ver a jovem e, porque deixasse transparecer algumas dúvidas sobre essa espécie de charlatanismo, a Sra. de Maine, que não duvidava, encarregou a Srta. Launai de lhe escrever a respeito.

Philipon de la Madeleine

Sobre o fato encontra-se a nota a seguir, numa edição das obras escolhidas de Fontenelle, publicada em Londres em 1761.

Uma jovem, chamada Srta. Letard, no começo do século excitou a curiosidade do público por um suposto prodígio. Todo o mundo a procurava e o Sr. Fontenelle, aconselhado pelo Duque de Orléans, também foi ver a maravilha. Foi a esse respeito que a Srta. Launai lhe havia escrito. – Eis a carta:

“A aventura da Srta. Letard faz menos barulho, senhor, que o testemunho que destes. Admiram-se, e talvez com certa razão, que o destruidor dos oráculos, que aquele que derrubou o tripé das sibilas, se tenha ajoelhado diante da Srta. Letard. Pois quê! dizem os críticos, esse homem que tornou bem evidentes as fraudes feitas a mil léguas de distância e mais de dois mil anos antes, foi incapaz de descobrir um arдил tramado sob os seus olhos! Os astutos pretendem que, como um bom pirrônico e achando tudo incerto, imaginais que tudo seja possível. Por outro lado, os devotos parecem muito edificadas com as homenagens que prestastes ao diabo; esperam que isto possa ir mais longe. Para mim, senhor, suspendo o julgamento até ser melhor esclarecida.”

Resposta do Sr. Fontenelle:

“Terei a honra, senhorita, de responder a mesma coisa que respondi a um de meus amigos, que me escreveu de Marly, no dia seguinte ao em que estive em casa do *Espírito*. Comuniquei-lhe que tinha ouvido ruídos, cuja mecânica desconhecia, mas que, para decidir, seria necessário um exame mais exato que aquele que eu havia feito, e o repetir. Não mudei de linguagem; mas, porque não decidi absolutamente que era um artifício, acusaram-me de crer que fosse um duende; e como o público não se detém na rota da prudência, disseram que eu havia dito. Não há grande mal nisso. Se me causaram danos, atribuindo-me um discurso que não fiz, deram-me a honra de chamar a atenção sobre mim, e uma mão lava a outra. Eu não julguei que, por ter desmerecido as velhas profetisas de Delfos, estivesse incitando a destruição de uma jovem viva, da qual só se tinha falado bem. Se, contudo, acham que faltei

ao meu dever, de outra vez empregarei um tom mais impiedoso e mais filosófico. Há muito tempo que censuram minha pouca severidade. É preciso que eu seja mesmo incorrigível, pois a idade, a experiência e as injustiças do mundo nada fazem. Eis, senhorita, tudo quanto vos posso dizer sobre o *Espírito*, ao qual fui atraído por uma carta que, suspeito com muito gosto, tenha sido por ele ditada, já que, afinal de contas, não estou longe de crer nisto. Assim, quando me vier um demônio familiar, eu vo-lo direi com mais graça e num tom mais engenhoso, mas não com mais sinceridade, que eu sou, etc.”

Observação – Como se vê, Fontenelle não se pronuncia pró nem contra, limitando-se a constatar o fato. Era a prudência, que falta à maioria dos negadores de nossa época, que dão a última palavra sobre aquilo que nem sequer se deram ao trabalho de observar, com o risco de receberem, mais tarde, o desmentido da experiência. Todavia, é evidente que ele se inclina pela afirmativa, coisa notável para um homem na sua posição e neste século de cepticismo por excelência. Longe de acusar a Srta. Letard de charlatanismo, reconhece que dela só falavam bem. É possível até que ele estivesse mais convencido do que deixava transparecer e, não fosse o medo do ridículo, tão poderoso naquela época, talvez não guardasse reserva. Contudo, era preciso que estivesse muito abalado para não dizer claramente que era uma trapaça. Ora, sobre este ponto sua opinião é importante. Afastada a questão do charlatanismo, torna-se evidente que a Srta. Letard era um médium espontâneo no gênero das irmãs Fox.

SANTO ATANÁSIO, ESPÍRITA SEM O SABER

A passagem seguinte, tirada de Santo Atanásio, patriarca de Alexandria, um dos pais da Igreja grega, parece ter sido escrita sob a inspiração das idéias espíritas de hoje:

“A alma não morre, mas o corpo morre quando dele ela se afasta. A alma é para si mesma seu próprio motor; o movimento

da alma é a sua vida. Mesmo quando está prisioneira no corpo e como que a ele ligada, ela não se amesquinha às suas estreitas proporções e aí não se encerra. Mas muitas vezes, quando o corpo jaz imóvel e como que inanimado, ela fica desperta por sua própria virtude; e, *saindo da matéria, não obstante a ela ainda ligada*, concebe, contempla existências além do globo terrestre; vê os santos desprendidos do envoltório dos corpos, vê os anjos e a eles ascende na liberdade de sua pura inocência.

“Inteiramente separada do corpo e quando aprouver a Deus tirar-lhe a cadeia que lhe é imposta, não terá ela, eu vos pergunto, uma visão muito mais clara de sua natureza imortal? Se hoje mesmo, e nos entraves da carne, ela já vive *uma vida completamente exterior*, viverá muito mais depois da morte do corpo, graças a Deus que, por seu Verbo, a fez assim. Ela compreende, abarca em si as idéias de eternidade, de infinito, pois é imortal. Assim como o corpo, que é mortal, não percebe senão o que é material e perecível, também a alma, que vê e medita as coisas imortais, é necessariamente imortal em si mesma e viverá sempre, porque os pensamentos e as imagens de imortalidade jamais a deixam e nela são como um foco vivo, que alimenta e assegura a sua imortalidade.”

(*Sanct. Athan. Oper., t. I, p. 32. – Villemain,*
Quadro da eloquência cristã no IV século)

Com efeito, não está aí uma descrição exata da irradiação exterior da alma durante a vida corporal, e de sua emancipação no sono, no êxtase, no sonambulismo e na catalepsia? O Espiritismo diz exatamente a mesma coisa, e o prova pela experiência.

Com as idéias esparsas contidas na Bíblia, nos Evangelhos e nos Pais da Igreja, sem falar dos escritores profanos, pode constituir-se toda a doutrina espírita moderna. Os

comentários feitos desses escritos geralmente o foram de um ponto de vista exclusivo e com idéias preconcebidas, e muitos só viram neles o que queriam ver ou lhes faltava a chave necessária para ver outra coisa; mas hoje o Espiritismo é a chave que dá o verdadeiro sentido das passagens mal compreendidas. Até o momento esses fragmentos são recolhidos parcialmente, mas dia virá em que homens de paciência e saber, e cuja autoridade não poderá ser desconhecida, farão deste estudo o objeto de um trabalho especial e completo, que projetará luz sobre todas essas questões, fazendo que todos se submetam, ante a evidência claramente demonstrada. Esse trabalho considerável – creio poder dizer – será obra de membros eminentes da Igreja, que receberão esta missão, porque compreenderão que a religião deve ser progressiva como a Humanidade, sob pena de ser ultrapassada, porque, como na política, há idéias retrógradas na religião. Em tal caso, não avançar é recuar. O que faz os incrédulos é precisamente o fato de a religião colocar-se fora do movimento científico e progressivo. Ela faz mais: declara este movimento obra do demônio e sempre o combateu. Disso resultou que a Ciência, sendo repelida pela religião, por sua vez repeliu a religião. Daí um antagonismo que não cessará senão quando a religião compreender que não só deve marchar com o progresso, mas ser um elemento do progresso. Todos acreditarão em Deus, quando ela não o apresentar em contradição com as leis da Natureza, que são obra sua.

EXTRATO DO *OPINION NATIONALE*

Num artigo político muito sério sobre a Polônia, assinado por Bonneau, publicado no *Opinion nationale* de 10 de novembro de 1863, lê-se a seguinte passagem:

“Que Francisco José evoque a sombra de sua avó, que peça conselhos a Maria Teresa, alma sofredora, perseguida pelos remorsos da Polônia dividida, e a luz se fará de repente aos seus olhos.”

Estas palavras dispensam comentários. Tínhamos razão de dizer, mais acima, que a idéia espírita atravessa tudo. A ela somos arrastados, mau grado nosso, e em breve ela transbordará.

UM ESPÍRITO BATEDOR NO SÉCULO XVI

Lê-se na *Histoire de saint Martial*, apóstolo das Gálias e, notadamente, da Aquitânia e do Limousin, pelo Rev. Pe. Bonaventure de Saint-Amable, carmelita descalço, 3ª parte, p. 752:

“No ano de 1518, no mês de dezembro, em casa de Pierre Juge, negociante em Limoges, um Espírito, durante quinze dias, fazia grande barulho, batendo nas portas, nas tábuas do assoalho e nas lajes, e mudava os utensílios de um lugar para outro. Vários religiosos ali foram dizer missa e velar à noite, com círios acesos e água benta, sem que ele tivesse querido falar. Um rapaz de dezesseis anos, natural de Ussel, que servia àquele negociante, confessou que o Espírito o havia molestado muitas vezes, em casa e em vários outros lugares, acrescentando que um parente seu, que o tinha feito herdeiro, havia morrido na guerra e tinha aparecido muitas vezes a vários de seus parentes e batido em sua irmã que, em consequência, faleceu três dias depois. Tendo o dito negociante Juge despedido o rapaz, todo esse barulho cessou.”

Evidentemente o jovem era médium inconsciente, de efeitos físicos, como sempre os houve. O conhecimento das leis que regem as relações do mundo visível com o mundo invisível faz todos esses fatos, supostamente maravilhosos, entrarem no domínio das leis naturais.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

FEVEREIRO DE 1864

Nº 2

O Sr. Home em Roma

Vários jornais reproduziram o seguinte artigo:

“O incidente da semana – escrevem de Roma, ao *Times* – é a ordem dada ao Sr. Home, o célebre médium, para deixar a cidade pontifícia em três dias.

“Convidado a apresentar-se à polícia romana, o Sr. Home passou por um interrogatório formal. Perguntaram-lhe quanto tempo pretendia passar em Roma; se se entregava às práticas do Espiritismo depois de sua conversão ao catolicismo, etc., etc. Eis algumas palavras trocadas na ocasião, tais quais o próprio Sr. Home registrou em suas notas particulares, e que ele transmite, ao que parece, com muita facilidade.

“– Depois de vossa conversão ao catolicismo, exercestes o poder de médium? – Nem depois, nem antes exerci tal poder, pois, como não depende de minha vontade, não posso dizer que o exerço. – Considerais esse poder como um dom da Natureza? – Eu o considero como um dom de Deus. – Que religião ensinam os Espíritos? – Isto depende. – Que fazeis para que eles

venham? – Respondi que nada fazia. Mas no mesmo instante, batidas repetidas e distintas foram ouvidas sobre a mesa onde escrevia o meu investigador. – Mas também fazeis as mesas se moverem? perguntou ele. No mesmo instante a mesa se pôs em movimento.”

“Pouco tocado por esses prodígios, o chefe da polícia convidou o mágico a deixar Roma em três dias. Abrigando-se, como era direito seu, sob a proteção das leis internacionais, o Sr. Home relatou o fato ao cônsul da Inglaterra, o qual obteve do Sr. Matteucci a garantia de que o célebre médium não seria incomodado e poderia continuar sua estada em Roma, desde que se abstivesse, durante esse tempo, de qualquer comunicação com o mundo espiritual. Coisa admirável! O Sr. Home aceitou a esta condição e assinou o compromisso que lhe exigiam. Como pôde comprometer-se a não usar um poder, cujo exercício independe de sua vontade? É o que não buscaremos penetrar.”

Não sabemos até que ponto a narrativa é exata, em todos os seus detalhes. Mas uma carta, escrita ultimamente pelo Sr. Home a uma senhora do nosso conhecimento parece confirmar o fato principal. Quanto às batidas ouvidas na ocasião, julgamos que se pode, sem receio, inclui-las entre as facécias a que nos habituaram os jornais pouco preocupados em aprofundar as coisas do outro mundo.

De fato o Sr. Home está em Roma neste momento; e, para ele, o motivo é muito honroso para que não o digamos, já que os jornais houveram por bem aproveitar a ocasião para o ridicularizar.

O Sr. Home não é rico e não teme dizer que deve buscar no trabalho os recursos para fazer face às despesas sob sua responsabilidade. Pensou em encontrá-los no talento natural que tem pela escultura, e para se aperfeiçoar nesta arte é que foi para

Roma. Com a notável faculdade mediúnica que possuí, poderia ser rico, muito rico mesmo, se a tivesse querido explorar. A mediocridade de sua posição é a melhor resposta ao epíteto de hábil charlatão, que lhe lançaram ao rosto. Mas ele sabe que essa faculdade lhe foi dada com um fim providencial, para os interesses de uma causa santa, e julgaria cometer um sacrilégio se a convertesse em profissão. Ele tem bem alto o sentimento dos deveres que ela lhe impõe para compreender que os Espíritos se manifestam pela vontade de Deus para reconduzir os homens à fé na vida futura, e não para se exibirem num espetáculo de curiosidades, em concorrência com os escamoteadores, ou para servirem à cupidez dos que pretendessem explorá-la. Aliás, ele também sabe que os Espíritos não estão às ordens nem aos caprichos de ninguém e, menos ainda, de quem quer que queira *exibir* seus atos e gestos a tanto por sessão. Não há um só médium no mundo que possa garantir a produção de um fenômeno espírita num dado momento, donde forçoso é concluir que a pretensão contrária dá prova de absoluta ignorância dos mais elementares princípios da ciência; sendo assim, toda suposição é permitida, porque se os Espíritos não responderem ao chamado, ou não fizerem *coisas muito admiráveis* para satisfazer os curiosos e sustentar a reputação do médium, é mesmo necessário encontrar um meio de as dar aos espectadores em troca de seu dinheiro, se não se quiser devolvê-lo.

Nunca repetiríamos em demasia: a melhor garantia de sinceridade é o desinteresse absoluto. Um médium é sempre forte quando pode responder aos que suspeitassem de sua boa-fé: “Quanto pagastes para vir até aqui?”

Ainda uma vez: a mediunidade séria não pode ser e jamais será uma profissão. Não só porque seria moralmente desacreditada, mas porque repousa sobre uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e variável, que nenhum dos que a possuem hoje está certo de a possuir amanhã. Só os charlatões

estão sempre seguros de si mesmos. Outra coisa é um talento adquirido pelo estudo e pelo trabalho que, por isto mesmo, é uma propriedade, da qual é naturalmente permitido tirar partido. De modo algum a mediunidade está neste caso. Explorá-la é dispor de uma coisa da qual realmente não se é dono; é desviá-la de seu objetivo providencial; mais ainda: não é de *si próprio* que se dispõe, é dos Espíritos, das almas dos mortos, cujo concurso é posto a prêmio. Este pensamento repugna instintivamente. Eis por que em todos os centros sérios, onde se ocupam do Espiritismo santamente, religiosamente, como em Lyon, Bordeaux e tantos outros lugares, os médiuns exploradores seriam completamente desconsiderados.

Que aquele, pois, que não tem de que viver procure alhures os recursos e, se necessário, só consagre à mediunidade o tempo que materialmente a ela possa dedicar. Os Espíritos levarão em conta o seu devotamento e os seus sacrifícios, ao passo que, mais cedo ou mais tarde, punem os que esperam dela fazer um trampolim, seja pela retirada da faculdade, pelo afastamento dos Espíritos bons, pelas mistificações comprometedoras, seja por meios ainda mais desagradáveis, como o prova a experiência.

O Sr. Home sabe muito bem que perderia a assistência de seus Espíritos protetores se abusasse de sua faculdade. Sua primeira punição seria a perda da estima e da consideração de famílias honradas, onde é recebido como amigo e onde não seria chamado senão da mesma maneira que as pessoas que vão dar representações em domicílio. Quando de sua primeira estada em Paris, sabemos que certos círculos lhe fizeram ofertas muito vantajosas para dar sessões e que ele sempre recusou. Todos os que o conhecem e compreendem os verdadeiros interesses do Espiritismo aplaudirão a resolução que hoje toma. Por nossa conta pessoal nós lhe somos reconhecido pelo bom exemplo que dá.

Se insistimos novamente sobre a questão do desinteresse dos médiuns, é que temos razões de crer que a

mediunidade *fictícia e abusiva* é um dos meios de que se servem os inimigos do Espiritismo com vistas a desacreditá-lo e o apresentar como obra do charlatanismo. É necessário, pois, que todos os que se interessam vivamente pela causa da doutrina se dêem por advertidos, a fim de desmascarar as manobras fraudulentas, se houver, e mostrar que o Espiritismo verdadeiro nada tem de comum com as paródias que dele poderiam fazer, e que repudia tudo quanto se afaste do princípio moralizador, que é sua essência.

O artigo acima referido oferece vários outros assuntos de observação. O autor julga dever qualificar o Sr. Home de mágico; nada há nisto de mais ingênuo. Mas, um pouco adiante ele diz: “o célebre médium”, expressão empregada em relação a indivíduos que adquiriram uma triste celebridade. Onde, pois, as infrações e os crimes do Sr. Home? É uma injúria gratuita, não só a ele, mas a todas as pessoas respeitáveis e altamente colocadas, que o recebem e, assim, parecem patrocinar um homem de má fama.

A última frase do artigo é mais curiosa, porque encerra uma dessas contradições flagrantes com que, aliás, os nossos adversários pouco se inquietam. O autor se surpreende que o Sr. Home tenha consentido no compromisso que lhe impunham e pergunta como pôde ele prometer não fazer uso de um poder independente de sua vontade. Se ele quisesse sabê-lo, nós o remeteríamos ao estudo dos fenômenos espíritos, de suas causas e de seu modo de produção, e ele ficaria sabendo como o Sr. Home pôde assumir um compromisso que, ademais, não diz respeito às manifestações que ele obtém na intimidade, ainda que sob os ferrolhos da Inquisição. Mas parece que o autor não liga tanto, já que acrescenta: “É o que não buscaremos penetrar.” Por essas palavras, insidiosamente dá a entender que tais fenômenos não passam de embuste.

Todavia, a medida tomada pelo governo pontifício prova que este tem medo das manifestações ostensivas. Ora, não se

pode temer um jogo de habilidades. Esse mesmo governo interditaria os supostos físicos, que imitam muito essas manifestações? Não, certamente, porque em Roma permitem muitas outras coisas menos evangélicas. Por que, então, interdité-las ao Sr. Home? Por que querer expulsá-lo do país, se não passa de um prestidigitador? Dirão que é no interesse da religião; seja. Mas, então, essa religião é muito frágil, já que pode ser comprometida com tanta facilidade. Em Roma, como noutra lugar, os escamoteadores executam, com maior ou menor habilidade, o truque da garrafa encantada, na qual a água se transforma em todas as espécies de vinho, e o do chapéu mágico, no qual se multiplicam pães e outros objetos. Entretanto, não receiam que isto desacredite os milagres de Jesus-Cristo, pois é sabido que não passam de imitações. Se temem o Sr. Home, é que há de sua parte algo de sério e não truques habilidosos.

Tal a conseqüência que tirará todo homem que refletir um pouco. Não entra na cabeça de nenhuma pessoa sensata que um governo, que uma corte soberana, composta de homens que, com toda justiça, não passam por tolos, se apavorem com um mito. Esta reflexão – por certo não seremos os únicos a fazê-la – e os jornais que se apressaram em divulgar o incidente, com vistas a ridicularizá-lo, muito naturalmente vão provocá-la, de sorte que o resultado será, como o de tudo que já foi feito para matar o Espiritismo, o de popularizar a idéia. Assim um fato, aparentemente insignificante, terá, inevitavelmente, conseqüências mais graves do que tinham pensado. Não duvidamos que tenha sido suscitado para apressar a eclosão do Espiritismo na Itália, onde já conta numerosos representantes, mesmo no clero. Também não duvidamos que a cúria romana se torne, mais cedo ou mais tarde, e sem o querer, um dos principais instrumentos de propagação da doutrina nesse país, porque está no destino que seus próprios adversários devem servir para espalhar por toda parte aquilo que eles mesmos farão para a destruir. Cego, pois, quem nisto não ver o dedo da Providência. Sem contradita, será um dos

fatos mais consideráveis da história do Espiritismo, um dos que melhor atestam seu poder e sua origem.

Primeiras Lições de Moral da Infância

De todas as chagas morais da sociedade, o egoísmo parece a mais difícil de extirpar. Com efeito, ela o é tanto mais quanto mais alimentada pelos mesmos hábitos da educação. Tem-se a impressão que, desde o berço, a gente se esforça para excitar certas paixões que, mais tarde, se tornam uma segunda natureza, e nos admiramos dos vícios da sociedade, quando as crianças os sugam com o leite. Eis um exemplo que, como cada um pode julgar, pertence mais à regra do que à exceção.

Numa família de nosso conhecimento há uma menina de quatro a cinco anos, de rara inteligência, mas que tem os pequenos defeitos das crianças mimadas, ou seja, é um pouco caprichosa, chorona, teimosa, e nem sempre agradece quando lhe dão alguma coisa, o que os pais levam a peito corrigir, porque, fora desses pequenos defeitos, segundo eles, ela tem *um coração de ouro*, expressão consagrada. Vejamos como eles agem para lhe tirar essas pequenas manchas e conservar o ouro em sua pureza.

Certo dia trouxeram um doce à criança e, como de costume, lhe disseram: “Tu o comerás, se fores ajuizada.” Primeira lição de gulodice. Quantas vezes, à mesa, não acontece dizerem a uma criança que não comerá tal guloseima se chorar. Dizem: “Faze isto ou faze aquilo e terás creme”, ou qualquer outra coisa que lhe apeteça; e a criança é constrangida, não pela razão, mas tendo em vista a satisfação de um desejo sensual que incentivam. É ainda muito pior quando lhe dizem, o que não é menos freqüente, que darão a sua parte a uma outra. Aqui já não é só a gulodice que está em jogo, é a inveja. A criança fará o que lhe pedem, não só para ter, mas para que a outra não tenha. Querem lhe dar uma lição de

generosidade? Então dizem: “Dá esta fruta ou este brinquedo a alguém.” Se ela recusa, não deixam de acrescentar, para nela estimular um bom sentimento: “Eu te darei um outro.” Assim, a criança só se decide a ser generosa quando está certa de nada perder.

Um dia testemunhamos um fato bem característico neste gênero. Era uma criança de cerca de dois anos e meio, a quem tinham feito semelhante ameaça, acrescentando: “Nós o daremos ao irmãozinho e tu não comerás.” E, para tornar a lição mais sensível, puseram a porção no prato deste; mas o irmãozinho, levando a coisa a sério, comeu a porção. À vista disto, o outro ficou vermelho e não era preciso ser pai ou mãe para ver o lampejo de cólera e de ódio que brotou de seus olhos. A semente estava lançada; poderia produzir bom grão?

Voltemos à menina, da qual falamos. Como não levou em consideração a ameaça, sabendo por experiência que raramente a executavam, desta vez os pais foram mais firmes, pois compreenderam a necessidade de dominar esse pequeno caráter, e não esperar que a idade lhe tivesse feito adquirir um mau hábito. Diziam que é preciso formar as crianças desde cedo, máxima muita sábia e, para a pôr em prática, eis o que fizeram: “Eu te prometo – disse a mãe – que se não obedeceres, amanhã cedo darei o teu bolo à primeira criança pobre que passar.” Dito e feito. Desta vez não cederam e lhe deram uma *boa lição*. Assim, no dia seguinte de manhã, tendo sido avistada uma pequena mendiga na rua, fizeram-na entrar, obrigaram a filha a toma-la pela mão e ela mesma lhe dar o seu bolo. Acerca disto elogiaram a sua docilidade. Moralidade: a filha disse: Se eu soubesse disto teria tido pressa em comer o bolo ontem.” E todos aplaudiram esta resposta espirituosa. Com efeito, a criança tinha recebido uma forte lição, mas lição de puro egoísmo, da qual não deixará de aproveitar outra vez, pois agora sabe o que custa a generosidade forçada. Resta saber que frutos dará mais tarde esta semente, quando, com mais idade, a criança fizer

aplicação dessa moral em coisas mais sérias que um bolo. Sabem-se todos os pensamentos que este único fato pode ter feito germinar nessa cabecinha? Depois disto, como querem que uma criança não seja egoísta quando, em vez de nela despertar o prazer de dar e de lhe representar a felicidade de quem recebe, impõe-lhe um sacrifício como punição? Não é inspirar aversão ao ato de dar e àqueles que têm necessidade? Um outro hábito, igualmente freqüente, é o de castigar a criança mandando-a comer na cozinha com os empregados domésticos. A punição está menos na exclusão da mesa do que na humilhação de ir para a mesa dos criados. Assim se acha inoculado, desde a mais tenra idade, o vírus da sensualidade, do egoísmo, do orgulho, do desprezo aos inferiores, das paixões, numa palavra, que são, e com razão, consideradas como as chagas da Humanidade. É preciso ser dotado de uma natureza excepcionalmente boa para resistir a tais influências, produzidas na idade mais impressionável e onde não podem encontrar o contrapeso da vontade, nem da experiência. Assim, por pouco que aí se ache o germe das más paixões, o que é o caso mais comum, considerando-se a natureza da maioria dos Espíritos que encarnam na Terra, não pode senão desenvolver-se sob tais influências, ao passo que seria preciso espreitar-lhe os menores traços para os abafar.

Sem dúvida a falta é dos pais; mas, é bom dizer, muitas vezes estes pecam mais por ignorância do que por má-vontade. Em muitos há, incontestavelmente, uma censurável despreocupação, mas em outros a intenção é boa, é o remédio que nada vale, ou que é mal aplicado. Sendo os primeiros médicos da alma de seus filhos, deveriam ser instruídos, não só de seus deveres, mas dos meios de os cumprir. Não basta ao médico saber que deve procurar curar: é preciso saber como proceder. Ora, para os pais, onde os meios de instruir-se nesta parte tão importante de sua tarefa? Hoje se dá muita instrução à mulher, submetem-na a exames rigorosos, mas jamais exigiram de uma mãe que ela soubesse como agir para

formar o moral de seu filho. Ensinam-lhe receitas caseiras, mas não a iniciam nos mil e um segredos de governar os jovens corações. Assim, os pais são abandonados, sem guia, à sua iniciativa, razão por que tantas vezes enveredam por falsa rota; também recolhem, nas imperfeições dos filhos já crescidos, o fruto amargo de sua inexperiência ou de uma ternura mal entendida, e a sociedade inteira lhes recebe o contragolpe.

Considerando-se que o egoísmo e o orgulho são a fonte da maioria das misérias humanas, enquanto reinarem na Terra não se pode esperar nem a paz, nem a caridade, nem a fraternidade. É preciso, pois, atacá-los no estado de embrião, sem esperar que fiquem vivazes.

Podem o Espiritismo remediar esse mal? Sem nenhuma dúvida; e não vacilamos em dizer que é o único bastante poderoso para o fazer cessar, a saber: por um novo ponto de vista sob o qual faz encarar a missão e a responsabilidade dos pais; fazendo conhecer a fonte das qualidades inatas, boas ou más; mostrando a ação que se pode exercer sobre os Espíritos encarnados e desencarnados; dando a fé inabalável que sanciona os deveres; enfim, moralizando os próprios pais. Ele já prova sua eficácia pela maneira mais racional pela qual são educadas as crianças nas famílias verdadeiramente espíritas. Os novos horizontes que abre o Espiritismo fazem ver as coisas de modo bem diverso; sendo o seu objetivo o progresso moral da Humanidade, forçosamente deverá projetar luz sobre a grave questão da educação moral, fonte primeira da moralização das massas. Um dia compreenderão que este ramo da educação tem seus princípios, suas regras, como a educação intelectual, numa palavra, que é uma verdadeira ciência; talvez um dia, também, haverão de impor a toda mãe de família a obrigação de possuir esses conhecimentos, como impõem ao advogado a de conhecer o Direito.

Um Drama Íntimo

APRECIÇÃO MORAL

O *Monde illustré*, de 7 de fevereiro de 1863, conta o seguinte drama de família que, com justa razão, comoveu a sociedade de Florença. Assim começa o autor a sua narração:

“Eis a história. *Ele* era um velho de setenta e dois anos; *ela*, uma jovem de vinte. Haviam casado há três anos... Não vos revolteis! o velho conde, originário de Viterbo, era absolutamente sem família, o que é muito estranho para um milionário! Amália não era sem família, mas antes sem milhões. Para compensar as coisas, quase a tendo visto nascer, sabendo-a de bom coração e de espírito encantador, ele tinha dito à mãe: ‘Deixai-me paternalmente casar com Amália; durante alguns anos ela cuidará de mim; e depois...?’

“Fez-se o casamento. Amália compreende os seus deveres; cerca o velho dos mais assíduos cuidados e lhe sacrifica todos os prazeres de sua idade. Tendo o conde ficado cego e quase parálítico, ela passava longas horas do dia a lhe fazer companhia, leituras, a lhe contar tudo quanto o podia distrair e encantar. ‘Como sois boa, minha cara filha!’, exclamava ele muitas vezes, tomando-lhe as mãos e atraindo-a para depor sobre sua fronte o casto e doce beijo da ternura e do reconhecimento.

“Entretanto, um dia notou que Amália se afasta de sua pessoa; que, embora sempre assídua e cheia de solicitude, parece temer sentar-se ao seu lado. Uma suspeita lhe atravessa o espírito. Uma noite, quando ela fazia a leitura, ele lhe agarra o braço, a atrai para si e enlaça-lhe a cintura; então, soltando um grito terrível, cai desmaiado de emoção e de cólera aos pés da jovem! Amália perde a cabeça; lança-se para a escada, atinge o andar mais alto da casa, precipita-se pela janela e cai despedaçada. O velho não sobreviveu mais que seis horas a esta catástrofe.”

Haverão de perguntar que relação pode ter esta história com o Espiritismo. Vê-se aí a intervenção de alguns Espíritos maliciosos? – Essas relações estão nas deduções que o Espiritismo ensina a tirar das coisas aparentemente mais vulgares da vida. Enquanto o céptico ou o indiferente não vê num fato senão uma oportunidade para exercitar sua verve zombeteira, ou passa ao lado sem o notar, o espírita o observa e dele tira instrução, remontando às causas providenciais, sondando-lhes as conseqüências para a vida futura, conforme os exemplos que as relações de além-túmulo lhe oferecem da Justiça de Deus. No fato acima relatado, em vez de simples anedota divertida, entre o velho *ele* e a jovem *ela*, o Espiritismo vê duas vítimas. Ora, como o interesse pelos infelizes não se detém no limiar da vida presente, mas os segue na vida porvindoura, na qual acredita, ele pergunta se aí não há um duplo castigo para uma dupla falta e se ambos não foram punidos por onde pecaram. Vê um suicídio; e como sabe que esse crime é sempre punido, pergunta qual o grau de responsabilidade em que incorre aquele que o cometeu.

Vós que acreditais que o Espiritismo só se ocupa de duendes, de aparições fantásticas, de mesas girantes e de Espíritos batedores, se vos désseis ao trabalho de o estudar, saberíeis que ele toca em todas as questões morais. Esses Espíritos, que vos parecem tão ridículos, e que, entretanto, não passam das almas dos homens, dão a quem observa as suas manifestações a prova de que ele próprio é Espírito, momentaneamente ligado a um corpo; vê na morte não o fim da vida, mas a porta da prisão que se abre ao prisioneiro para o restituir à liberdade. Aprende que as vicissitudes da vida corporal são as conseqüências de suas próprias imperfeições, isto é, das expiações pelo passado e pelo presente, e provações para o futuro. Daí é naturalmente conduzido a não ver o cego acaso nos acontecimentos, mas a mão da Providência. Para ele a reta sentença: *A cada um segundo as suas obras* não só acha a sua aplicação no além-túmulo, mas, também, até mesmo na Terra. Eis por que tudo o que se passa à sua volta tem o seu valor, a sua

razão de ser; ele o estuda para dele tirar proveito e regular sua conduta com vistas ao futuro que, para ele, é uma realidade demonstrada. Remontando às causas dos infortúnios que o afligem, aprende a não mais acusar a sorte ou a fatalidade por tais desgraças, mas a si mesmo.

Não tendo esta digressão outro objetivo a não ser mostrar que o Espiritismo se ocupa de algo mais que de Espíritos batedores, voltemos ao nosso assunto. Já que o fato foi tornado público, é permitido apreciá-lo, levando-se em conta que não designamos ninguém nominalmente.

Se se examinar a coisa do ponto de vista puramente mundano, a maioria só verá nele a conseqüência muito natural de uma união desproporcionada e atirará no velho a pedra do ridículo como oração fúnebre; outros acusarão de ingratidão a jovem mulher que enganou a confiança do homem generoso que queria enriquecê-la. Mas, para o espírita, ela tem um lado mais sério, pois aí busca um ensinamento. Então perguntaremos se, na ação do velho, não haveria mais egoísmo que generosidade ao submeter uma moça, quase criança, à sua caducidade, por laços indissolúveis, numa idade em que, antes, deveria pensar no recolhimento, e não nos prazeres da vida? Se, impondo-lhe esse duro sacrifício, não era fazê-la pagar bem caro a fortuna que ele lhe prometera? Não há verdadeira generosidade sem desinteresse. Quanto à jovem, não podia aceitar esses laços senão com a perspectiva de os ver rompidos em breve, já que nenhum motivo de afeição a ligava ao velho. Havia, pois, cálculo de ambos os lados e esse cálculo foi frustrado; Deus não permitiu que nenhum deles o aproveitasse, infligindo a desilusão a um e a vergonha ao outro, que os mataram a ambos.

Resta a responsabilidade do suicídio, que jamais fica impune, mas que, muitas vezes, encontra circunstâncias atenuantes. A mãe da moça, para a encorajar a aceitá-lo, havia dito: “Com esta grande fortuna farás a felicidade do homem pobre que amares. Enquanto esperas, honra e respeita esse grande coração que quis

fazer-te sua herdeira, durante o tempo que lhe *restar* de vida.” Era tomá-la pelo lado sensível; mas, para fruir dos benefícios desse grande coração, que teria sido muito maior se a tivesse dotado sem interesse, era preciso especular sobre a duração de sua vida. A jovem errou ao ceder, mas a mãe errou mais em excitá-la e certamente é ela que incorrerá na maior parte da responsabilidade do suicídio da filha. Assim, aquele que se mata para escapar à miséria é culpado da falta de coragem e de resignação, mas, muito mais culpado ainda, é o causador primário desse ato de desespero. Eis o que o Espiritismo ensina, pelos exemplos que põe aos nossos olhos e aos daqueles que estudam o mundo invisível. Quanto à mãe, sua punição começa nesta vida: primeiro pela morte horrível da filha, cuja imagem talvez venha persegui-la e torturá-la de remorsos; depois, pela inutilidade do sacrifício que provocou, uma vez que a fortuna do marido, morto seis horas depois de sua mulher, vai para os colaterais afastados, e ela não a aproveitará.

Os jornais estão cheios de casos de todos os gêneros, louváveis ou censuráveis, que, como este que acabamos de referir, podem oferecer assuntos para estudos morais sérios; para os espíritas é uma mina inesgotável de observações e instruções. O Espiritismo lhes dá os meios de aí descobrir o que se passa desapercibido para os indiferentes e, mais ainda, para os cépticos, que só vêem os fatos picantes, sem lhes procurar nem as causas, nem as conseqüências. Para os grupos, é um elemento fecundo de trabalho, no qual os Espíritos protetores não deixarão de os auxiliar, dando a sua apreciação.

O Espiritismo nas Prisões

Na *Revista* de novembro de 1863 publicamos a carta de um condenado, detido numa penitenciária, como prova da influência moralizadora do Espiritismo. A carta a seguir, de um condenado em outra prisão, é mais um exemplo desta poderosa

influência. É de 27 de dezembro de 1863; transcrevemo-la textualmente, quanto ao estilo, corrigindo apenas os erros ortográficos.

“Senhor,

“Há poucos dias, quando me falaram pela primeira vez de Espiritismo e de revelação de além-túmulo, ri e disse que isto não era possível; falava como ignorante que sou. Alguns dias depois tiveram a bondade de me confiar, na horrível posição em que me acho agora, vosso bom e excelente *O Livro dos Espíritos*. A princípio, li algumas páginas com incredulidade, não querendo, ou melhor, não crendo nessa ciência. Enfim, pouco a pouco e sem me dar conta, por ele tomei gosto; depois levei a coisa a sério; então reli pela segunda vez o vosso livro, desta vez com outro espírito, isto é, com calma e com toda a pouca inteligência que Deus me deu. Senti despertar essa velha fé que minha mãe me tinha posto no coração e que cochilava há bastante tempo; senti o desejo de me esclarecer sobre o Espiritismo. A partir desse momento tive um pensamento bem decidido, o de me esclarecer, aprender, ver e depois julgar. Pus-me à obra com toda a crença que se pode ter e que é preciso ter com Deus e seu poder; desejava ver a verdade; orei com fervor e comeci as experiências; as primeiras foram nulas, sem resultado algum.

“Não me desencorajei, perseverei em minhas experiências e, palavra de honra! renovei minhas preces, que talvez não fossem bastante fervorosas, e me entreguei ao trabalho com toda a convicção de uma alma crente e que espera. Ao cabo de algumas noites, pois só posso fazer experiências à noite, senti, por cerca de dez minutos, tremores nas pontas dos dedos e uma leve sensação no braço, como se tivesse sentido correr um pequeno regato de água morna, que parava no punho. Eu estava então inteiramente recolhido, todo atenção e cheio de fé. Meu lápis traçou algumas linhas perfeitamente legíveis, mas não bastante corretas para descrever que estivesse sob o peso de uma alucinação.

Esperei então com paciência a noite seguinte para recomeçar as experiências e, desta vez, agradei a Deus de todo o coração, por ter obtido mais do que ousava esperar.

“A partir de então, de duas em duas noites entretenho-me com os Espíritos, que são bastante bons para responderem ao meu apelo e, em menos de dez minutos, respondem sempre com caridade. Escrevo meias-páginas, páginas inteiras, que somente minha inteligência não poderia fazer, porquanto, muitas vezes, são tratados filosófico-religiosos em que jamais pensei e, com mais forte razão, jamais os pus em prática; porque dizia a mim mesmo aos primeiros resultados: Não serás juguete de uma alucinação, ou da tua vontade? E a reflexão e o exame me provavam que eu estava muito longe da inteligência que havia traçado aquelas linhas. Baixei a cabeça; acreditava e não podia ir contra a evidência, a menos que estivesse completamente louco.

“Remeti duas ou três entrevistas à pessoa que fizera a caridade de me confiar o vosso bom livro, para que ela sancione se estou certo. Venho pedir-vos, senhor, vós que sois a alma do Espiritismo, o obséquio de permitir vos envie o que obtiver de sério em minhas conversas de além-túmulo, desde que o julgueis acertado. Se isto vos for agradável, eu vos enviarei as conversas de Verger, que assassinou o Arcebispo de Paris. Para bem me assegurar se era ele mesmo quem se manifestava, evoquei São Luís, que me respondeu afirmativamente, bem como outro Espírito, no qual tenho muita confiança, etc.....”

As conseqüências morais deste fato se deduzem por si mesmas. Eis um homem que tinha abjurado toda crença e que, atingido pela lei, é confundido com a escória da sociedade; mas este homem, no meio desse lodo moral, voltou à fé; vê o abismo em que caiu, arrepende-se e ah! ora com mais fervor que muita gente que exhibe devoção. Para isto bastou a leitura de um livro, onde encontrou elementos de fé que a sua razão pôde admitir, que reavivaram as suas esperanças e lhe fizeram compreender o futuro.

Além disso, é de notar-se que, a princípio, leu com prevenção e sua incredulidade só foi vencida pelo ascendente da lógica. Se tais resultados são produzidos por uma simples leitura, a bem dizer feita às escondidas, o que seria se a ela se pudesse aliar a influência das exortações verbais! É bem certo que na disposição de espírito em que hoje se acham esses dois homens (ver o fato relatado no número de novembro último), não só não se queixarão durante a sua detenção, como retornarão ao mundo decididos a nele viverem honestamente.

Já que esses dois culpados puderam ser reconduzidos ao bem pela fé que hauriram no Espiritismo, é evidente que, se tivessem essa fé previamente, não teriam cometido o mal. É, pois, do interesse da sociedade a propagação de uma doutrina de tão grande poder moralizador. É o que se começa a compreender.

Uma outra consequência a tirar do fato que acabamos de narrar é que os Espíritos não são detidos pelos ferrolhos e que vão até o fundo das masmorras levar suas consolações. Assim, não está no poder de ninguém impedir que eles se manifestem de uma ou de outra maneira; se não for pela escrita, será pela audição. Eles afrontam todas as proibições, riem-se de todas as interdições, transpõem todos os cordões sanitários. Conseqüentemente, que barreiras podem opor-lhes os inimigos do Espiritismo?

Variedades

CURA DE UMA OBSESSÃO

O Sr. Dombre, presidente da Sociedade Espírita de Marmande, manda-nos o seguinte:

“Com o auxílio dos Espíritos bons, em cinco dias livramos de uma obsessão muito violenta e perigosa uma mocinha de treze anos, em completo poder de um Espírito mau, desde 8 de

maio último. Diariamente, às cinco horas da tarde, sem falhar um só dia, ela tinha crises terríveis, de causar piedade. Esta menina reside num bairro afastado e os pais, que consideravam a doença como epilepsia, nem mesmo falavam do caso. Todavia, um dos nossos, que mora nas vizinhanças, foi informado e uma observação mais atenta dos fatos o levou a reconhecer facilmente a verdadeira causa. Seguindo o conselho de nossos guias espirituais, imediatamente nos pusemos à obra. A 11 deste mês, às oito horas da noite, começaram nossas reuniões com vistas a evocar o Espírito, moralizá-lo, orar pelo obsessor e pela vítima e a exercer sobre esta uma magnetização mental. As reuniões ocorriam todas as noites e na sexta-feira, 15, a menina sofreu a última crise. Não lhe resta senão a fraqueza da convalescença, conseqüência de tão longas e tão violentas convulsões, e que se manifesta pela tristeza, pela languidez e pelas lágrimas, como nos havia sido anunciado. Éramos informados diariamente, pelas comunicações dos Espíritos bons, das diversas fases da moléstia.

“Essa cura, encarada noutros tempos como milagre, por uns, e como feitiçaria, por outros, pelo qual, segundo a opinião, teríamos sido santificados ou queimados, produziu certa sensação na cidade.”

Cumprimentamos os nossos irmãos de Marmande pelo resultado que obtiveram naquela circunstância e sentimo-nos felizes ao ver que aproveitam os conselhos contidos na *Revista*, a propósito de casos análogos relatados ultimamente. Assim, puderam convencer-se da força da ação coletiva, quando dirigida por uma fé sincera e uma ardente caridade.

MANIFESTAÇÕES DE POITIERS

O *Journal de la Vienne*, de 21 de janeiro, narra o seguinte fato, que outras folhas reproduziram:

“Há cinco ou seis dias dá-se um fato de tal modo extraordinário na cidade de Poitiers, que se tornou assunto de

conversas e dos mais estranhos comentários. Todas as noites, a partir das seis horas, ruídos singulares são ouvidos numa casa da Rua Neuve-Saint-Paul, habitada pela senhorita de O..., irmã do Sr. conde de O... Segundo nos contaram, esses ruídos fazem o efeito de disparos de artilharia; violentos golpes parecem desferidos nas portas e postigos. A princípio atribuíram-lhe a causa a algumas brincadeiras de gaiatos ou de vizinhos mal-intencionados. Foi organizada uma vigilância das mais ativas. Ante a queixa da Srta. de O..., a polícia tomou as mais minuciosas medidas: agentes foram emboscados no interior e no exterior da casa. Não obstante, produziram-se as explosões e sabemos, de fonte segura, que um tal M..., marinheiro, durante a penúltima noite foi tomado de tal comoção que até hoje ainda não recobrou a consciência.

“Nossa cidade inteira se preocupa com esse inexplicável mistério. Os inquéritos até hoje feitos pela polícia não levaram a nenhum resultado. Cada um procura a chave deste enigma. Algumas pessoas iniciadas no estudo do Espiritismo pretendem que os Espíritos batedores são os autores de tais manifestações, às quais não seria estranho um famoso médium, que, no entanto, já não reside no bairro. Outros lembram que outrora existia um cemitério na Rua Neuve-Saint-Paul, e não precisamos dizer a que conjecturas se entregam a esse respeito.

“De todas essas explicações, não sabemos qual a melhor. A verdade é que a opinião está muito excitada com o caso e ontem à noite uma multidão considerável se havia reunido sob as janelas da casa de O..., obrigando a autoridade a requerer um piquete do 10^o batalhão de caçadores, para evacuar a rua. No momento em que escrevemos, a polícia e a guarda ocupam a casa.”

O relato desses fatos nos foi transmitido por várias correspondências particulares. Embora nada tenham de mais estranho que os fatos comprovados de manifestações ocorridas em diversas épocas e estejam nos limites do possível, convém

suspender o julgamento até mais ampla constatação, não do fato, mas da causa, pois não se deve imputar aos Espíritos tudo aquilo que não se compreende. Também é preciso desconfiar das manobras dos inimigos do Espiritismo e das armadilhas que podem estender, para tentar levá-lo ao ridículo pela excessiva credulidade de seus adeptos. Vemos com satisfação que os espíritas de Poitiers, nisto seguindo os conselhos contidos em *O Livro dos Médiuns*, e as advertências que temos feito na *Revista*, mantêm-se, até segunda ordem, numa prudente reserva. Se for uma manifestação, será provada pela ausência de toda causa material; se for uma charlatanice, os autores, como já fizeram tantas vezes, terão contribuído, sem o querer, para despertar a atenção dos indiferentes e provocar o estudo do Espiritismo. Quando fatos análogos se multiplicarem por todos os lados, como é anunciado, e quando em vão buscarem a causa neste mundo, haverão de convir que está no outro. Em qualquer circunstância os Espíritos provam sabedoria e moderação; é a melhor resposta a dar aos adversários.

Dissertações Espíritas

NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO

(Sociedade Espírita de Sens – Médiun: Sr. Percheron)

Quis Deus que o Espírito do homem fosse ligado à matéria para sofrer as vicissitudes do corpo, com o qual se identifica a ponto de iludir-se e de o tomar por si mesmo, quando não passa de sua prisão passageira; é como se um prisioneiro se confundisse com as paredes da cela. Os materialistas são muito cegos por não perceberem seu erro, porquanto, se quisessem refletir um pouco seriamente, veriam que não é pela matéria do corpo que se podem manifestar; concluiriam que, desde que a matéria desse corpo se renova continuamente, como a água de um rio, não é senão pelo Espírito que podem saber que são sempre eles mesmos.

Suponhamos que o corpo de um homem que pesasse sessenta quilos assimile, para a reparação de suas forças, um quilo de nova substância por dia, a fim de substituir a mesma quantidade de antigas moléculas de que se separa e que cumpriram o papel que deviam desempenhar na composição de seus órgãos; assim, ao cabo de sessenta dias a matéria desse corpo estaria renovada. Nesta hipótese, cujos números podem ser contestados, mas verdadeira em princípio, a matéria do corpo renovar-se-ia seis vezes por ano; portanto, o corpo de um homem de vinte anos já se teria renovado cem vezes; aos quarenta, duzentas e quarenta vezes; aos oitenta, quatrocentas e oitenta vezes. Mas o vosso Espírito se terá renovado? Não, pois tendes consciência de que sois sempre vós mesmos. É, pois, o vosso Espírito que constitui o vosso *eu*, e segundo o qual vós vos manifestais, e não o vosso corpo, que não passa de matéria efêmera e mutável.

Os materialistas e os panteístas dizem que as moléculas desagregadas depois da morte do corpo retornam à massa comum de seus elementos primitivos, o mesmo se dando com a alma, isto é, com o ser que pensa em vós; mas que sabem eles disso? Há uma massa comum de substância que pensa? Jamais o demonstraram, e é o que deveriam ter feito antes de afirmar. Da parte deles não passa de uma hipótese. Ora, se durante a vida do corpo as moléculas se desagregam centenas de vezes, não obstante o Espírito seja sempre o mesmo e conserve a consciência de sua individualidade, não é mais lógico supor que a natureza do Espírito não é passível de desagregar-se? Por que, então, se dissolveria após a morte do corpo, e não antes?

Após esta digressão, dirigida aos materialistas, volto ao meu assunto. Se Deus quis que suas criaturas espirituais fossem momentaneamente unidas à matéria, é, repito, para as fazer sentir e, a bem dizer, para que sofressem as necessidades que a matéria exige de seus corpos, no que respeita ao seu sustento e conservação. Dessas necessidades nascem as vicissitudes que vos

fazem sentir o sofrimento e compreender a comiseração que deveis ter por vossos irmãos na mesma posição. Esse estado transitório é, pois, necessário ao adiantamento do vosso Espírito, que, sem isto, ficaria estagnado. As necessidades que o corpo vos faz experimentar estimulam os vossos Espíritos e os forçam a buscar os meios de as prover; desse trabalho forçado nasce o desenvolvimento do pensamento. Constrangido a presidir aos movimentos do corpo para os dirigir, visando a sua conservação, o Espírito é conduzido ao trabalho material e daí ao trabalho intelectual, necessários um ao outro, pois a realização das concepções do Espírito exige o trabalho do corpo e este não pode ser feito senão sob a direção e o impulso do Espírito. Tendo assim o Espírito adquirido o hábito de trabalhar, e a ele constrangido pelas necessidades do corpo, o trabalho, por sua vez, se lhe torna uma necessidade; e quando, desprendido de seus laços, não tem mais de pensar na matéria, pensa em trabalhar em si mesmo para o seu adiantamento.

Agora compreendeis a necessidade para o vosso Espírito de estar ligado à matéria durante uma parte de sua existência, para não ficar estacionário.

Ten pai,

Percheron, assistido pelo Espírito Pascal

Observação – A estas observações, perfeitamente justas, acrescentaremos que, trabalhando para si mesmo, o Espírito encarnado trabalha para a melhoria do mundo em que habita, assim ajudando a sua transformação e o seu progresso material, que estão nos desígnios de Deus, de quem é o instrumento inteligente. Na sua sabedoria providente, quis a Providência que tudo se encadeasse na Natureza; que, todos, homens e coisas, fossem solidários. Depois, quando o Espírito houver realizado a sua tarefa e estiver suficientemente adiantado, gozará do fruto de suas obras.

ESTUDOS SOBRE A REENCARNAÇÃO

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Srta. A. C.)

I

Limites da reencarnação

A reencarnação é necessária enquanto a matéria domina o Espírito. Mas, desde que o Espírito encarnado chegou a dominar a matéria e a anular os efeitos de sua reação sobre o moral, a reencarnação não tem mais nenhuma utilidade nem razão de ser. Com efeito, o corpo é necessário ao Espírito para o trabalho progressivo até que, tendo chegado a manejar este instrumento à vontade, a lhe imprimir sua vontade, o trabalho esteja realizado. Então lhe é necessário outro campo para a sua marcha, ao seu adiantamento para o infinito; é-lhe necessário um outro círculo de estudos, onde a matéria grosseira das esferas inferiores seja desconhecida. Tendo se depurado e experimentado suas sensações, na Terra ou em globos análogos, está maduro para a vida espiritual e seus estudos. Havendo-se elevado acima de todas as sensações corporais, não mais tem nenhum desses desejos ou necessidades inerentes à corporeidade: é Espírito e vive pelas sensações espirituais, que são infinitamente mais deliciosas do que as mais agradáveis sensações corporais.

II

A reencarnação e as aspirações do homem

As aspirações da alma conduzem à sua realização, e esta realização se cumpre na reencarnação, enquanto o Espírito está no trabalho material. Explico-me. Tomemos o Espírito em seus primórdios na carreira humana: estúpido e bruto, sente, contudo, a chama divina em si, pois que adora um Deus, que materializa consoante a sua materialidade. Nesse ser, ainda vizinho do animal, há uma aspiração instintiva, quase inconsciente, para um estado menos inferior. Começa por desejar satisfazer seus apetites materiais e inveja os que vê num estado melhor que o seu; assim,

numa encarnação seguinte, ele mesmo escolhe, ou, antes, é *arrastado* a um corpo mais aperfeiçoado; e sempre, em cada uma de suas existências, deseja um melhoramento material; jamais se sentindo satisfeito, quer subir sempre, porque a aspiração à felicidade é a grande alavanca do progresso.

À medida que as sensações corporais se tornam maiores, mais aperfeiçoadas, suas sensações espirituais também despertam e crescem. Então começa o trabalho moral e a depuração da alma se une à aspiração do corpo para chegar ao estado superior.

Esse estado de igualdade de aspirações materiais e espirituais não é de longa duração; logo o Espírito se eleva acima da matéria e suas sensações não mais podem ser satisfeitas por ela; necessita mais; precisa de melhor; mas aí, tendo sido o corpo levado à perfeição sensitiva, não pode acompanhar o Espírito que, então, o domina e dele se desprende cada vez mais, como de um instrumento inútil; direciona todos os seus desejos, todas as suas aspirações para um estado superior; sente que as necessidades corporais que lhe eram um motivo de felicidade em suas satisfações, não são mais que um estorvo, um aviltamento, uma triste necessidade, da qual aspira libertar-se para gozar, sem entraves, de todas as venturas espirituais que presente.

III

Ação dos fluidos na reencarnação

Sendo os fluidos os agentes que movimentam o nosso aparelho corporal, também são eles os elementos de nossas aspirações, pois há fluidos corporais e fluidos espirituais, tendendo todos a elevar-se e a unir-se a fluidos da mesma natureza. Esses fluidos compõem o corpo espiritual do Espírito que, na condição de encarnado, age por meio deles sobre a máquina humana que lhe compete aperfeiçoar, pois tudo é trabalho na Criação, tudo concorre para o progresso geral.

O Espírito tem livre-arbítrio, e sempre busca o que lhe é agradável e o satisfaz. Se for um Espírito inferior e material, procura suas satisfações na materialidade e, então, dará impulso aos seus fluidos corporais, que dominarão, mas tenderão sempre a crescer e elevar-se materialmente. Assim, as aspirações desses encarnados serão materiais e, voltando à condição de Espírito, buscará nova encarnação, em que satisfará suas necessidades e desejos materiais; porque, notai bem, a aspiração corporal não pode pedir, como realização, senão uma nova corporeidade, ao passo que a aspiração espiritual não se prende senão às sensações do Espírito. A isto será solicitado por seus fluidos, que deixam que se materializassem; e como no ato da reencarnação os fluidos agem para atrair o Espírito no corpo que foi formado, havendo, portanto, atração e união dos fluidos, a reencarnação se opera em condições que darão satisfação às aspirações de sua existência precedente.

Há fluidos espirituais como fluidos materiais, se estes dominarem; mas, então quando o espiritual sobreleva o material, o Espírito, que julga de modo diferente, escolhe ou é atraído por simpatias diferentes; como necessita de depuração e a esta só chega pelo trabalho, as encarnações escolhidas lhe são mais penosas porque, depois de haver dado supremacia à matéria e a seus fluidos, deve constrangê-la, lutar contra ela e dominá-la. Daí essas existências tão dolorosas e que, muitas vezes, parecem injustamente infligidas a Espíritos bons e inteligentes. Estes fazem sua última etapa corporal e entram, ao sair deste mundo, nas esferas superiores, onde suas aspirações *superiores* encontrarão a sua realização.

IV

As afeições terrenas e a reencarnação

O dogma da reencarnação *indefinida* encontra oposições no coração do encarnado que ama, porquanto, em presença dessa infinidade de existências, produzindo novos laços em cada uma delas, ele pergunta com assombro em que se tornam as afeições particulares, e se estas não se fundem num único amor geral, o que

destruiria a persistência da afeição individual. Ele se pergunta se esta afeição individual não é apenas um meio de adiantamento e então o desânimo se insinua em sua alma, porque a verdadeira afeição experimenta a necessidade de um amor eterno, sentindo que ela não se cansará jamais de amar. O pensamento desses milhares de afeições idênticas lhe parece uma impossibilidade, mesmo admitindo faculdades maiores para o amor.

O encarnado que estuda seriamente o Espiritismo, sem idéia preconcebida para um sistema, de preferência a outro, sente-se arrastado à reencarnação pela justiça que resulta do progresso e do avanço do Espírito em cada nova existência; mas quando o estuda do ponto de vista das afeições do coração, duvida e se assusta, mau grado seu. Não podendo pôr de acordo esses dois sentimentos, diz a si mesmo que aí ainda há um véu a levantar e seu pensamento em trabalho atrai as luzes dos Espíritos para conciliar o coração com a razão.

Já o disse antes: a encarnação pára onde a materialidade é anulada. Mostrei como o progresso material a princípio havia aperfeiçoado as sensações corporais do Espírito encarnado; como o progresso espiritual, vindo a seguir, tinha contrabalançado a influência da matéria, subordinando-a enfim à sua vontade e que, chegado a esse grau de domínio espiritual, a corporeidade perdera sua razão de ser, pois o trabalho estava realizado.

Examinemos agora a questão da afeição sob os seus dois aspectos, material e espiritual.

Antes de tudo, o que é a afeição, o amor? Ainda a atração fluídica, atraindo um ser para outro, unindo-os num mesmo sentimento. Essa atração pode ser de duas naturezas diferentes, já que os fluidos são de duas naturezas. Mas para que a afeição persista eternamente, é preciso que seja espiritual e desinteressada; são precisos abnegação, devotamento e que nenhum sentimento pessoal seja o móvel deste arrastamento simpático. Desde que

nesse sentimento haja *personalidade*, há *materialidade*. Ora, nenhuma afeição material persiste nos domínios do Espírito. Desse modo, toda afeição que não resulta senão do instinto animal ou do egoísmo, se destrói com a morte terrestre; é assim que seres que se dizem amados são esquecidos após pouco tempo de separação! Vós os amastes por vós, e não por eles, que não existem mais, pois os esquecestes e os substituístes; procurastes consolo no esquecimento; eles se vos tornam indiferentes, porque não tendes mais amor.

Contemplai a Humanidade e vede quão poucas são as afeições verdadeiras na Terra! Assim, não se devem admirar tanto da multiplicidade das afeições aí contraídas. São em minoria relativa, mas existem, e as que são reais persistem e se perpetuam sob todas as formas, primeiro na Terra, depois continuam no estado de Espírito, numa amizade ou num amor inalterável, que só faz crescer e se elevar cada vez mais.

Vamos estudar esta verdadeira afeição: *a afeição espiritual*.

A afeição espiritual tem por base a afinidade fluídica espiritual que, atuando *só*, determina a simpatia. Quando é assim, é a alma que ama a alma e essa afeição só toma força pela manifestação dos sentimentos da alma. Dois Espíritos unidos espiritualmente se buscam e tendem sempre a aproximar-se; seus fluidos são atrativos. Se estiverem num mesmo globo, serão impelidos um para o outro; se separados pela morte terrena, seus pensamentos se unirão na lembrança e a reunião far-se-á na liberdade do sono; e quando a hora de uma nova encarnação soar para um deles, procurará aproximar-se de seu amigo, entrando no que é a sua filiação material, e o fará com tanto mais facilidade quanto seus fluidos *perispirituais materiais* encontrarão afinidades na matéria corporal dos encarnados que deram à luz o novo ser. Daí um novo aumento de afeição, uma nova manifestação de amor. Tal Espírito amigo que vos amou como pai, vos amará como filho, como irmão ou como amigo, e cada um desses laços aumentará de

encarnação em encarnação e se perpetuará de maneira inalterável quando, realizado o vosso trabalho, viverdes a vida do Espírito.

Mas esta verdadeira afeição não é comum na Terra e a matéria a vem retardar, anular-lhe os efeitos, conforme domine o Espírito. A verdadeira amizade, o verdadeiro amor, sendo espiritual, tudo que se refere à matéria não é de sua natureza e em nada concorre para a identificação material. A afinidade persiste, mas fica em estado latente até que, triunfando o fluido espiritual, o progresso simpático se efetue novamente.

Em síntese, a afeição espiritual é a única resistente no domínio do Espírito. Na Terra e nas esferas do trabalho corporal, concorre para o avanço moral do Espírito encarnado que, sob a influência simpática, realiza milagres de abnegação e de devotamento aos seres amados. Aqui, nas moradas celestes, ela é a completa satisfação de todas as aspirações e a maior felicidade que o Espírito possa desfrutar.

V

O progresso entravado pela reencarnação indefinida

Até aqui a reencarnação tem sido admitida de maneira muito prolongada; não se pensou que esse prolongamento da corporeidade, embora cada vez menos material, acarretava necessidades que deviam atrasar o progresso do Espírito. Com efeito, admitindo a persistência da geração nos mundos superiores, se atribuem ao Espírito encarnado necessidades corporais, dão-lhe deveres e ocupações ainda materiais, que o sujeitam e detêm o impulso dos estudos espirituais. Qual a necessidade desses entraves? Não pode o Espírito gozar das alegrias do amor sem sofrer as enfermidades corporais? Mesmo na Terra, esse sentimento existe por si mesmo, independente da parte material do nosso ser; por mais raros que sejam, há exemplos suficientes para provar que deve ser sentido, de modo mais geral, entre os seres mais espiritualizados.

A reencarnação proporciona a união dos corpos; o *amor puro*, apenas a união das almas. Os Espíritos se unem segundo afeições iniciadas em mundos inferiores, e trabalham juntos por seu progresso espiritual. Têm uma organização fluídica totalmente diferente da que era conseqüência de seu aparelho corporal, e seus trabalhos se exercem sobre os fluidos, e não sobre os objetos materiais. Vão a esferas que, também, realizaram seu período material e cujo trabalho humano ensejou a desmaterialização, esferas que, chegadas ao apogeu de seu aperfeiçoamento, também passaram por uma transformação superior que as torna apropriadas a experimentar outras modificações, mas num sentido inteiramente fluídico.

Agora compreendeis a imensa força do fluido, força que mal podeis constatar, mas que não vedes nem apalpais. Num estado menos pesado ao em que estais, tereis outros meios de ver, tocar, trabalhar esse fluido, que é o grande agente da vida universal. Por que, então, o Espírito ainda teria necessidade de um corpo para um trabalho que está fora das apreciações corporais? Dir-me-eis que esse corpo estará em relação com os novos trabalhos que o Espírito deverá realizar; mas, levando-se em conta que esses trabalhos serão completamente fluídicos e espirituais nas esferas superiores, por que lhe dar o embaraço das necessidades corporais, uma vez que a reencarnação determina sempre, como já disse, *geração e alimentação*, isto é, necessidades da matéria a satisfazer e, em contrapartida, entraves para o Espírito? Compreendei que o Espírito deve ser livre em seu vôo para o infinito; compreendei que, tendo saído das fraldas da matéria, aspira, como a criança, a marchar e a correr sem ser detido pelo zelo materno, e que essas *primeiras* necessidades da *primeira* educação da criança são supérfluas para a criança crescida, e insuportáveis para o adolescente. Não desejeis, pois, ficar na infância; olhai-vos como alunos que fazem os últimos estudos escolares e se dispõem a entrar no mundo, a nele ter a sua posição e a começar trabalhos de outro gênero, que seus estudos preliminares terão facilitado.

O Espiritismo é a alavanca que, de um salto, erguerá ao estado espiritual todo encarnado que, querendo bem compreendê-lo e o pôr em prática, se empenhará em dominar a matéria, a tornar-se seu senhor, a aniquilá-la; todo Espírito de boa vontade pode pôr-se em condição de passar, ao deixar este mundo, para um estado espiritual sem retorno terrestre. Falta-lhe apenas fé ou *vontade ativa*. O Espiritismo a oferece a *todos* os que o quiserem compreender em seu sentido moralizador.

Um Espírito protetor do médium

Observação – Esta comunicação não traz outra assinatura, o que prova que não é necessário ter tido um nome célebre na Terra para ditar boas coisas.

É de notar-se a analogia existente entre a comunicação de Sens, transcrita mais acima, e a primeira parte desta. Sem dúvida esta última é mais desenvolvida, mas a idéia fundamental sobre a necessidade da encarnação é a mesma. Citamos ambas para mostrar que os grandes princípios da doutrina são ensinados em toda parte e que é assim que se constituirá e se consolidará a unidade do Espiritismo. Essa concordância é o melhor critério da verdade. Ora, não passa despercebido que as teorias excêntricas e sistemáticas, ditadas por Espíritos pseudo-sábios são sempre circunscritas a um círculo estreito e individual, razão por que nenhuma prevaleceu, e também porque não são de temer, pois só têm uma existência efêmera, que se apaga como uma fraca luz ante a claridade do dia.

Quanto à última comunicação, seria supérfluo ressaltar seu alto alcance, como fundo e como forma. Pode resumir-se assim:

A vida do Espírito, considerada do ponto de vista do progresso, apresenta três períodos principais, a saber:

1^o – *Período material*, no qual a influência da matéria domina a do Espírito. É o estado dos homens que se entregam às

paixões brutais e carnisais, à sensualidade; cujas aspirações são exclusivamente terrestres, ligados aos bens temporais, ou refratários às idéias espirituais;

2º – *Período de equilíbrio*, no qual as influências da matéria e do Espírito se exercem simultaneamente; em que o homem, embora submetido às necessidades materiais, pressente e compreende o estado espiritual; em que trabalha para sair do estado corporal;

Nesses dois períodos o Espírito está sujeito à reencarnação, que se realiza nos mundos inferiores e médios.

3º – *Período espiritual*, no qual tendo o Espírito dominado completamente a matéria, não mais necessita da encarnação, nem do trabalho material, pois seu trabalho é inteiramente espiritual; é o estado dos Espíritos nos mundos superiores.

A facilidade com que certas pessoas aceitam as idéias espíritas, das quais, parece, têm a intuição, indica que pertencem ao segundo período; mas entre este e os outros há uma multidão de graus que o Espírito transpõe tanto mais rapidamente quanto mais próximo do período espiritual. É assim que, de um mundo material como a Terra, pode ir habitar um mundo superior, como Júpiter, por exemplo, se seu avanço moral e espiritual for suficiente para o dispensar de passar pelos graus intermediários. Depende, pois, do homem deixar a Terra sem retorno, como mundo de expiação e prova para ele, ou a ela não voltar senão em missão.

Notas Bibliográficas

REVISTA ESPÍRITA DE ANTUÉRPIA

Sob este título um novo órgão do Espiritismo acaba de surgir em Antuérpia, a partir de 1º de janeiro de 1864. Sabe-se que

a Doutrina Espírita fez rápidos progressos nessa cidade, onde se formaram numerosas reuniões, compostas de homens eminentes pelo saber e pela posição social. Em Bruxelas, por mais tempo refratária, a idéia nova também ganha terreno, como em outras cidades da Bélgica. Uma sociedade espírita, formada recentemente, houve por bem pedir-nos que aceitássemos a presidência de honra; é dizer em que caminho ela se propõe andar.

O primeiro número da nova *Revista* contém: um apelo aos espíritas de Antuérpia, dois artigos de fundo, um sobre *os adversários do Espiritismo*, outro sobre *o Espiritismo e a loucura*; e um certo número de comunicações mediúnicas, algumas das quais em língua flamenga, e tudo, temos satisfação de dizer, em perfeita conformidade de vista e de princípios com a Sociedade de Paris. Essa publicação não pode deixar de ser acolhida favoravelmente num país onde as idéias novas têm uma tendência manifesta a se propagarem se, como esperamos, se mantiver à altura da ciência, condição essencial do sucesso.

O Espiritismo cresce e diariamente vê novos horizontes se abrirem à sua frente, aprofundando questões que, em sua origem, apenas tinham aflorado. Conformando-se com o desenvolvimento das idéias, os Espíritos têm, por toda parte, em suas instruções, seguido esse movimento ascensional; ao lado das produções mediúnicas de hoje, as de outrora são pálidas e quase pueris, embora, então, fossem consideradas magníficas; há entre elas a diferença do ensino dado a escolares e a adultos; é que, à medida que o homem cresce, sua inteligência, como o seu corpo, exige alimento mais substancial. Toda publicação espírita, periódica ou não, que ficasse na retaguarda do movimento, necessariamente encontraria pouca simpatia e seria ilusão imaginar os leitores de hoje interessados por coisas elementares ou medíocres; por melhor que seja a intenção, toda recomendação seria impotente para lhes dar vida, se não a têm por si mesmas.

Para publicações deste gênero há outra condição de sucesso, ainda mais importante: a de marchar com a opinião da maioria. Na origem das manifestações espíritas, as idéias, ainda não fixadas pela experiência, provocaram muitas opiniões divergentes, que caíram perante observações mais completas, ou só contam com raros representantes. Sabe-se a que bandeira e a que princípios está hoje ligada a imensa maioria dos espíritas do mundo inteiro. Tornar-se eco de algumas opiniões atrasadas, ou seguir um atalho, é condenar-se previamente ao isolamento e ao abandono. Os que o fizerem de boa-fé são dignos de lástima; os que agirem com intenção premeditada de interpor obstáculos e semear a divisão, só colherão vergonha. Nem uns, nem outros, podem ser encorajados por aqueles que defendem de coração os verdadeiros interesses do Espiritismo.

Quanto a nós, pessoalmente, e à Sociedade de Paris, nossas simpatias e nosso apoio moral, como se sabe, são conquistados antecipadamente por todas as publicações, como por todas as reuniões, que forem úteis à causa que defendemos.

RECONHECEMO-NOS NO CÉU

Pelo Rev. padre Blot, da Companhia de Jesus¹

Um dos nossos correspondentes, o Dr. C..., nos indica este opúsculo e escreve o que se segue:

“Desde algum tempo, palavras que, como cristão e espírita, eu me abstenho de qualificar, têm sido pronunciadas muitas vezes por homens que receberam a missão de falar aos povos sobre caridade e misericórdia. Permitti-me, para suavizar as penosas impressões que elas vos devem ter causado, como a todo

1 Paris, 1863. 1 vol. pequeno in-18. – Preço: 1 fr. Livraria Poussielgue-Rusand, rue Cassette, no 27.

homem verdadeiramente cristão, que vos fale de um livrinho do Rev. padre Blot. Não penso que seja espírita, mas encontrei em sua obra o que, no Espiritismo, faz amar a Deus e esperar em sua misericórdia, além de diversas passagens que tocam muito de perto o que ensinam os Espíritos.”

Nele destacamos as passagens seguintes, que confirmam a opinião do nosso correspondente:

“No sétimo século, o papa São Gregório, o Grande, depois de haver contado que um religioso vira, ao morrer, os profetas vindo à sua frente, inclusive designando seus nomes, acrescentou: ‘Este exemplo nos faz compreender claramente quão grande será o conhecimento que teremos uns dos outros na vida incorruptível do céu, pois esse religioso, mesmo numa carne corruptível, reconheceu os santos profetas, que jamais tinha visto.’

“Os santos se vêem reciprocamente, como o exigem a unidade do reino e a unidade da cidade onde vivem, em companhia do próprio Deus. Revelam espontaneamente uns aos outros os seus pensamentos e afeições, como as pessoas de uma mesma casa, unidas por sincero amor. Entre os seus concidadãos do céu, conhecem até os que não conheceram na Terra, e o conhecimento das belas ações os leva a um conhecimento mais completo daqueles que as realizaram (Berti, *De theologis disciplinis*).

“Perdestes um filho, uma filha? recebei os consolos que um patriarca de Constantinopla dirigia a um pai desolado. Esse patriarca não pode mais ser contado entre os grandes homens, nem entre os santos: é Fócio, o autor do cisma cruel que separa o Oriente e o Ocidente, mas suas palavras apenas provam que, sobre este ponto, os gregos pensam como os latinos. Ei-las: Se vossa filha vos aparecesse; se, pondo as suas mãos nas vossas e sua fronte jovial em vossa fronte, ela vos falasse, não faria a descrição do céu? Depois acrescentaria: Por que vos afligir, ó meu pai? estou no paraíso, onde a felicidade não tem limites. Vireis um dia com minha

mãe bem-amada e então constatareis que eu não disse demais deste lugar de delícias, pois a realidade está além de minhas palavras.”

Os Espíritos bons podem, pois, manifestar-se, ser vistos, tocar os vivos, falar com eles, descrever sua própria situação, vir consolar e fortificar os que amaram. Se podem falar e tomar a mão, por que não poderiam escrever? “Os gregos – diz o padre Blot – sobre este ponto pensam como os latinos.” Por que, então, hoje os latinos dizem que esse poder só é dado aos demônios para enganar os homens? A passagem seguinte é ainda mais explícita:

“São João Crisóstomo, numa de suas homilias sobre São Mateus, dizia a cada um de seus ouvintes: Desejais ver aquele que a morte vos levou? Levai a mesma vida que ele no caminho da virtude e em breve gozareis esta santa visão. Mas quereis vê-lo aqui mesmo? Oh! quem vo-lo impede? Isto vos é permitido e é fácil vê-lo, se fordes ajuizados; porque a esperança dos bens futuros é mais clara que a própria vista.”

O homem carnal não pode ver o que é puramente espiritual. Se, pois, pode ver os Espíritos, é que eles têm uma parte material, acessível aos seus sentidos; é o envoltório fluídico, que o Espiritismo designa sob o nome de perispírito.

Após uma citação de Dante sobre o estado dos bem-aventurados, o padre Blot acrescenta:

“Eis, pois, o princípio de solução para as objeções: No céu, *que é menos um lugar que um estado*, tudo é luz, tudo é amor.”

Assim, o céu não é um lugar circunscrito; é o estado das almas ditosas; por toda a parte onde forem felizes, estarão no céu, isto é, para elas tudo é luz, amor e inteligência. É o que dizem os Espíritos.

Fénelon, quando da morte do duque de Beauvilliers, seu amigo, escreveu à duquesa: “Não, só os sentidos e a imaginação

perderam o objetivo. Aquele que não podemos mais ver está, mais que nunca, conosco. Encontramo-lo sem cessar em nosso centro comum. Ele aí nos vê e nos proporciona verdadeiros socorros. Aí conhece melhor que nós as nossas enfermidades, ele que não mais tem as suas; e pede os remédios necessários à nossa cura. Para mim, que estava privado de o ver há tantos anos, eu lhe falo, eu lhe abro o meu coração.”

Fénelon ainda escrevia à viúva do duque de Chevreuse: “Unamo-nos de coração àquele a quem lamentamos; ele não se afastou de nós ao se tornar invisível; ele nos vê, nos ama, é tocado por nossas necessidades. Chegado felizmente ao porto, ora por nós que ainda estamos expostos ao naufrágio. Diz-nos com uma voz secreta: “Apressai-vos ao nosso encontro. Os Espíritos puros vêem, ouvem, amam sempre os verdadeiros amigos no seu centro comum. Sua amizade é imortal como sua fonte. Os incrédulos só amam a si mesmos; deveriam desesperar-se de perder os amigos para sempre; mas a amizade divina muda a sociedade visível numa sociedade de pura fé; ela chora, mas chorando, consola-se pela esperança de juntar-se a seus amigos no país da verdade e no seio do próprio amor.”

Para justificar o título de seu livro: *Reconhecemo-nos no céu*, o padre Blot cita grande número de passagens de escritores sacros, de aparições e de manifestações diversas, que provam a reunião, depois da morte, daqueles que se amaram, as relações existentes entre os mortos e os vivos, os auxílios que prestam *mutuamente* pela prece e pela inspiração. Em parte alguma fala da separação eterna, conseqüência da danação eterna, nem dos diabos, nem do inferno; ao contrário, mostra as almas mais sofredoras libertadas pela virtude do arrependimento e da prece, e pela misericórdia de Deus. Se o padre Blot lançasse anátema contra o Espiritismo, seria lançá-lo contra o seu próprio livro e contra todos os santos, cujo testemunho invoca. Sejam quais forem suas opiniões a esse respeito, diremos que se não o tivessem pregado senão nesse sentido, haveria menos incrédulos.

A LENDA DO HOMEM ETERNO

Pelo Sr. Armand Durantin²

O Espiritismo conquistou o seu lugar entre as crenças; se para alguns escritores é motivo de chacota, é de notar que entre os próprios que outrora o ridicularizavam, a zombaria baixou de tom diante do ascendente da opinião das massas, limitando-se a citar, sem comentários, ou com restrições mais comedidas, os fatos que a ele se referem. Outros, sem nele crer positivamente, e mesmo sem o conhecer a fundo, julgam a idéia muito importante para a transformarem em assunto de trabalhos de imaginação e de fantasia. Tal é, ao que nos parece, o caso da obra de que falamos. É um simples romance, baseado na crença espírita, apresentada do ponto de vista sério, mas ao qual podemos censurar alguns erros, oriundos, sem dúvida, de um estudo incompleto da matéria. O autor que quiser fantasiar um assunto histórico deve, antes de tudo, bem se penetrar da verdade do fato, a fim de não ficar à margem da História. Assim deverão fazer todos os escritores que quiserem tirar proveito da idéia espírita, seja para não serem acusados de ignorância do que falam, seja para conquistarem a simpatia dos adeptos, hoje bastante numerosos para pesar na balança da opinião e concorrer para o sucesso de toda obra que, direta ou indiretamente, diga respeito às suas crenças.

Feita esta reserva do ponto de vista da perfeita ortodoxia, a obra em questão não será menos lida com muito interesse pelos partidários, como pelos adversários do Espiritismo, e agradecemos ao autor a graciosa homenagem que houve por bem fazer-nos de seu livro, chamado a popularizar a idéia nova. Citaremos as passagens seguintes, que tratam mais especialmente da doutrina.

“À época em que o Sr. Boursonne (uma das principais personagens do romance) tinha perdido a esposa, uma doutrina

2 Um vol. in-12. Preço: 3 francos. Casa Dentu e na Livraria Central, boulevard des Italiens, n.º 24.

mística espalhava-se secretamente, lentamente, propagando-se na sombra. Contava ainda poucos adeptos, mas não aspirava nada menos a substituir os vários cultos cristãos. Para tornar-se uma religião poderosa só lhe falta a perseguição.

“Esta religião é o Espiritismo, tão eloqüentemente exposto pelo Sr. Allan Kardec em sua notável obra *O Livro dos Espíritos*. Um de seus mais convictos adeptos era o conde de Boursonne.

“Acrescentarei apenas algumas palavras sobre essa doutrina, a fim de que os incrédulos compreendam que o misterioso poder do conde era absolutamente natural.

“Os espíritas reconhecem Deus e a imortalidade da alma. Crêem que a Terra lhes é um lugar de transição e de provação. Segundo eles, a alma é inicialmente colocada por Deus num planeta de ordem inferior. Aí fica encerrada num corpo mais ou menos grosseiro, até tornar-se bastante depurada para emigrar para um mundo superior. É assim que, após longas migrações e numerosas provações, as almas chegam, enfim, à perfeição e são admitidas no seio de Deus. Depende, pois, do homem abreviar suas peregrinações e chegar mais prontamente junto do Senhor, melhorando rapidamente.

É uma crença do Espiritismo, crença tocante, que as almas mais perfeitas podem entreter-se com os Espíritos. Assim, segundo os espíritas, podemos conversar com os seres amados que perdemos, se nossa alma for bastante aperfeiçoada para os ouvir e saber-se fazer escutar.

“São, pois, as almas melhoradas, os homens mais perfeitos entre nós, que podem servir de intermediários entre o vulgo e os Espíritos; esses agentes, tão ridicularizados pelo cepticismo, tão admirados e invejados pelos crentes, chamam-se, em linguagem espírita, *médiuns*.

“Explicado isto uma vez por todas, notemos de passagem que a Doutrina Espírita conta hoje os seus adeptos aos milhares, sobretudo nas grandes cidades, e que o Conde de Boursoune era um dos médiuns mais poderosos.”

Temos aqui um primeiro erro grave. Se fosse preciso ser perfeito para comunicar-se com os Espíritos, muito poucos desfrutariam desse privilégio. Os Espíritos se manifestam mesmo àqueles que deixam muito a desejar, precisamente para os levar, por seus conselhos, a melhorar-se, conforme estas palavras do Cristo: “Não são os sadios que precisam de médico.” A mediunidade é uma faculdade inerente ao organismo, mais ou menos desenvolvida, conforme os indivíduos, que pode ser dada ao mais indigno, como ao mais digno, arriscando-se o primeiro a ser punido se não a aproveita ou dela abusa. A superioridade moral do médium assegura-lhe a simpatia dos Espíritos bons e o torna apto a receber instruções de ordem mais elevada; mas a facilidade de comunicar-se com os seres do mundo invisível, seja diretamente, seja por terceiros, é dada a cada um, visando o seu avanço. Eis o que o autor teria sabido se tivesse feito um estudo mais profundo da ciência espírita.

“A ciência moderna provou que tudo se encadeia. Assim, na ordem material, entre o infusório, último dos animais, e o homem, que é sua expressão mais elevada, existe uma cadeia de criaturas, melhoradas sucessivamente, como provam à saciedade as descobertas geológicas. Ora, os espíritas se perguntam por que não existiria a mesma harmonia no mundo espiritual; por que uma lacuna entre Deus e o homem, como o Sr. Le Verrier se perguntou como podia faltar um planeta em dado lugar do céu, considerando-se as leis harmoniosas que regem o nosso mundo incompreensível e ainda desconhecido.

“Foi guiado pelo mesmo raciocínio que levou o eminente diretor do Observatório de Paris à sua maravilhosa dedução, que os espíritas chegaram a reconhecer seres imateriais

entre o homem e Deus, antes de haverem tido a prova palpável, adquirida mais tarde.

Aqui, igualmente, há outro erro capital. O Espiritismo foi conduzido às suas teorias pela observação dos fatos, e não por um sistema preconcebido. O raciocínio de que fala o autor era racional, sem dúvida, mas não foi assim que as coisas se passaram. Os espíritas concluíram pela existência dos Espíritos porque estes se manifestaram *espontaneamente*; eles indicaram a lei que rege as relações entre o mundo visível e o invisível, porque observaram essas relações; admitiram a hierarquia progressiva dos Espíritos porque estes se lhes mostraram em todos os graus de adiantamento; adotaram o princípio da pluralidade das existências não só porque os Espíritos lho ensinavam, mas porque esse princípio resulta, como lei da Natureza, da observação dos fatos que temos sob os olhos. Em síntese, o Espiritismo nada admitiu a título de hipótese prévia; tudo em sua doutrina é o resultado da experiência. Eis tudo que temos repetido muitas vezes em nossas obras.

Julgamos útil trazer este aviso ao conhecimento das pessoas a quem possa interessar.

Ao receber qualquer carta o primeiro cuidado é ver a assinatura. Na ausência desta ou de designação suficiente, a carta é jogada imediatamente no cesto, sem ser lida, ainda que traga a menção: *Um dos vossos assinantes, um espírita*, etc. Estes últimos, tendo menos razões que os outros para guardarem o anonimato em relação a nós, por isso mesmo tornam suspeita a origem de suas cartas, razão por que nem mesmo lhes tomamos conhecimento, já que a correspondência autêntica é muito numerosa e suficiente para absorver a atenção. A pessoa encarregada de fazer a sua verificação tem instrução formal de rejeitar sem exame toda carta da natureza das de que falamos.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

MARÇO DE 1864

Nº 3

Da Perfeição dos Seres Criados

Por vezes pergunta-se se Deus não teria podido criar os Espíritos perfeitos, para lhes poupar o mal e todas as suas conseqüências.

Sem dúvida Deus o teria podido, já que é Todo-Poderoso; e se não o fez é que, em sua soberana sabedoria, julgou mais útil fosse de outro modo. Não compete ao homem perscrutar seus desígnios e, ainda menos, julgar e condenar suas obras. Desde que não pode admitir Deus sem o infinito das perfeições, sem a soberana bondade e a soberana justiça; desde que tem sob os olhos, incessantemente, milhares de provas de sua solícitude pelas criaturas, deve pensar que tal solícitude não poderia ter falhado na criação dos Espíritos. Na Terra o homem é como a criança, cuja visão limitada não vai além do estreito círculo do presente, e não pode julgar da utilidade de certas coisas. Deve, pois, inclinar-se ante o que ainda está acima de seu alcance. Todavia, tendo-lhe Deus dado a inteligência para se guiar, não lhe é vedado procurar compreender, detendo-se humildemente no limite que não pode transpor. Sobre todas as coisas mantidas no segredo de Deus, o homem não pode estabelecer senão sistemas mais ou menos

prováveis. Para julgar qual desses sistemas mais se aproxima da verdade, há um critério seguro: os atributos essenciais da Divindade. Toda teoria, toda doutrina filosófica ou religiosa que tendesse a destruir a mínima parte de um só desses atributos pecaria pela base e estaria, por isto mesmo, eivada de erro. De onde se segue que o sistema mais verdadeiro será aquele que melhor conciliar-se com esses atributos.

Sendo Deus todo sabedoria e todo bondade, não poderia ter criado o mal para contrabalançar o bem; se do mal tivesse feito uma lei necessária, teria voluntariamente enfraquecido o poder do bem, porquanto aquilo que é mau não pode senão alterar e enfraquecer o que é bom. Ele estabeleceu leis que são inteiramente justas e boas; o homem seria perfeitamente feliz se as observasse escrupulosamente; mas a menor infração a essas leis causa uma perturbação cujo contragolpe experimenta; daí todas as suas vicissitudes. É, pois, ele próprio, a causa do mal por sua desobediência às leis de Deus. Deus o criou livre de escolher seu caminho; o que tomou o mau caminho o fez por vontade própria e não pode acusar senão a si mesmo pelas conseqüências para si decorrentes. Pela destinação da Terra, só vemos Espíritos desta categoria, e é o que fez crer na necessidade do mal. Se pudéssemos abarcar o conjunto dos mundos, veríamos que os Espíritos que permaneceram no bom caminho percorrem as diversas fases de sua existência em condições completamente diferentes e que, desde que o mal não é geral, não poderia ser indispensável. Mas resta sempre a questão de saber por que Deus não criou os Espíritos perfeitos. Esta questão é análoga a esta outra: Por que a criança não nasce totalmente desenvolvida, com todas as aptidões, toda a experiência e todos os conhecimentos da idade viril?

Há uma lei geral que rege todos os seres da Criação, animados e inanimados: a lei do progresso. Os Espíritos são a ela submetidos pela força das coisas, sem o que a exceção teria perturbado a harmonia geral e Deus quis dar-nos um exemplo

sintetizado na progressão da infância. Desde que o mal não existe como necessidade na ordem das coisas, pois não é devido senão a Espíritos prevaricadores, a lei do progresso de modo algum os obriga a passar por esta fieira para chegar ao bem; ela só os obriga a passar pelo estado de inferioridade intelectual ou, por outras palavras, pela infância espiritual. Criados simples e ignorantes e, por isto mesmo imperfeitos, ou melhor, *incompletos*, devem adquirir por si mesmos e por sua própria atividade a ciência e a experiência que de início não podem ter. Se Deus os tivesse criado perfeitos, deveria tê-los dotado, desde o instante de sua criação, com a universalidade dos conhecimentos; tê-los-ia isentado de todo trabalho intelectual; mas, ao mesmo tempo, lhes teria tirado a atividade que devem desenvolver para adquirir, e pela qual concorrem, como encarnados e desencarnados, ao aperfeiçoamento material dos mundos, trabalho que não incumbe mais aos Espíritos superiores, encarregados somente de dirigir o aperfeiçoamento moral. Por sua própria inferioridade, tornam-se uma engrenagem essencial à obra geral da Criação. Por outro lado, se os tivesse criado infalíveis, isto é, isentos da possibilidade de fazer o mal, eles fatalmente teriam sido impelidos ao bem, como mecânicos bem preparados que fizessem automaticamente obras de precisão. Mas, então, não mais livre-arbítrio e, por conseguinte, não mais independência; assemelhar-se-iam a esses homens que nascem com a fortuna feita e se julgam dispensados de nada fazer. Submetendo-os à lei do progresso facultativo, quis Deus que tivessem o mérito de suas obras, a fim de terem direito à recompensa e desfrutarem a satisfação de haver conquistado suas próprias posições.

Sem a lei universal do progresso, aplicada a todos os seres, outra teria sido a ordem de coisas a estabelecer. Sem dúvida, Deus tinha a possibilidade. Por que não o fez? Teria feito melhor se tivesse agido de outro modo? Nesta hipótese, ter-se-ia enganado! Ora, se Deus pôde enganar-se, é que não é perfeito; se não é perfeito, não é Deus. Desde que não se o pode conceber sem a perfeição infinita, deve-se concluir que o que fez é o melhor; se

ainda não estamos aptos a compreender os seus motivos, por certo o poderemos mais tarde, num estado mais adiantado. Enquanto isto, se não podemos sondar as causas, podemos observar os efeitos e reconhecer que tudo no Universo é regido por leis harmônicas, cuja sabedoria e admirável providência confundem o nosso entendimento. Muito presunçoso, pois, seria aquele que pretendesse que Deus deveria ter regulado o mundo de outra maneira, pois isto significaria que, em seu lugar, teria feito melhor. Tais são os Espíritos, cujo orgulho e ingratidão Deus castiga, relegando-os a mundos inferiores, de onde só sairão quando, baixando a cabeça sob a mão que os fere, reconhecerem o seu poder. Deus não lhes impõe esse reconhecimento; quer que seja voluntário e fruto de suas observações, razão por que os deixa livres e espera que, vencidos pelo próprio mal que a si atraem, se voltem para Ele.

A isto respondem: “Compreende-se que Deus não tenha criado os Espíritos perfeitos; mas, se julgou conveniente submetê-los todos à lei do progresso, não teria podido, pelo menos, criá-los felizes, sem os sujeitar a todas as misérias da vida? A rigor, compreende-se o sofrimento para o homem, em vista de suas faltas; mas os animais também sofrem; entredevoram-se; os grandes comem os pequenos. Há alguns cuja vida não passa de longo martírio; como nós, têm o livre-arbítrio ou agiram de modo a receber o castigo divino?”

Tal, ainda, a objeção que por vezes fazem e à qual os argumentos acima podem servir de resposta. A despeito disto, juntaremos algumas considerações.

Sobre o primeiro ponto diremos que a felicidade completa é o resultado da perfeição. Já que as vicissitudes originam-se da imperfeição, criar Espíritos perfeitamente felizes fora criá-los perfeitos.

A questão dos animais exige alguns desenvolvimentos. É incontestável que eles têm um princípio inteligente. De que natureza é este princípio? Que relações tem com o do homem? É estacionário em cada espécie, ou progressivo ao passar de uma espécie a outra? Qual o seu limite de progresso? Marcha paralelamente com o homem, ou é o mesmo princípio que se elabora e ensaia a vida nas espécies inferiores para, mais tarde, receber novas faculdades e sofrer a transformação humana? São outras tantas questões até hoje insolúveis; e se o véu que cobre esse mistério ainda não foi levantado pelos Espíritos, é porque seria prematuro: o homem ainda não está maduro para receber toda a luz. É certo que vários Espíritos deram teorias a respeito, mas nenhuma tem um caráter bastante autêntico para ser aceita como verdade definitiva; assim, até nova ordem, não se pode considerá-las senão como sistemas individuais. Só a concordância pode dar-lhes a consagração, pois aí está o único e verdadeiro controle do ensino dos Espíritos. Eis por que estamos longe de aceitar como verdades irrecusáveis tudo quanto ensinam individualmente; um princípio, seja qual for, para nós só adquire autenticidade pela universalidade do ensinamento, isto é, por instruções idênticas, dadas em todos os lugares, por médiuns estranhos entre si e que não sofram as mesmas influências, notoriamente isentos de obsessões e assistidos por Espíritos bons e esclarecidos. Por Espíritos esclarecidos deve entender-se os que provam sua superioridade pela elevação do pensamento e pelo alto alcance de seus ensinamentos, jamais entrando em contradição e não dizendo nada que a lógica mais rigorosa não possa admitir. É assim que foram controladas as diversas partes da doutrina formulada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*. Tal não é ainda o caso da questão dos animais, razão por que não tomamos uma decisão. Até constatação mais séria, não se devem aceitar teorias que possam ser dadas a respeito, senão com muita reserva, e esperar sua confirmação ou sua negação.

Em geral, nunca haveria excesso de prudência em relação a teorias novas, sobre as quais poderíamos ter ilusões. Assim, quantas vimos, desde a origem do Espiritismo que, entregues prematuramente à publicidade, só tiveram uma existência efêmera! Assim será com todas as que apenas tiverem caráter individual e não houverem passado pelo controle da concordância. Em nossa posição, recebendo comunicações de perto de mil centros espíritas sérios, disseminados em diversos pontos do globo, estamos em condições de ver os princípios sobre os quais houve concordância. Foi esta observação que nos guiou até hoje e nos guiará igualmente nos novos campos que o Espiritismo é chamado a explorar. É assim que, desde algum tempo, notamos nas comunicações, vindas de vários lados, tanto da França quanto do estrangeiro, uma tendência para entrarem numa via nova, por meio de revelações de uma natureza toda especial. Essas revelações, dadas muitas vezes em palavras veladas, passaram despercebidas por muitos dos que as obtiveram; muitos outros se acreditaram os únicos a recebê-las; tomadas isoladamente, para nós não teriam valor, mas a sua coincidência lhes dá alto prestígio, devendo ser julgadas mais tarde, quando chegar o momento de serem entregues à luz da publicidade.

Sem essa concordância, quem poderia estar seguro de ter a verdade? A razão, a lógica, o raciocínio, sem dúvida são os primeiros meios de controle que devem ser usados; em muitos casos isto basta. Mas quando se trata de um princípio importante, da emissão de uma idéia nova, haveria presunção em crer-se infalível na apreciação das coisas. É, aliás, um dos caracteres distintivos da revelação nova o ser feita em toda parte e ao mesmo tempo; assim ocorreu com as diversas partes da doutrina. Aí está a experiência para provar que todas as teorias audaciosas, dadas por Espíritos sistemáticos e pseudo-sábios, sempre foram isoladas e localizadas; nenhuma se tornou geral nem pôde suportar o controle da concordância; várias, até, caíram no ridículo, prova evidente de que não estavam com a verdade. O controle universal é uma garantia para a futura unidade da doutrina.

Esta digressão afastou-nos um pouco do assunto, mas era útil para dar a conhecer de que maneira procedemos, no que respeita a teorias novas concernentes ao Espiritismo, que está longe de haver dado a última palavra sobre todas as coisas. Não as emitimos senão depois de terem recebido a sanção de que acabamos de falar, razão por que algumas pessoas, um tanto impacientes, surpreendem-se com o nosso silêncio em certos casos. Como sabemos que cada coisa virá a seu tempo, não cedemos a nenhuma pressão, venha de onde vier, pois conhecemos a sorte dos que querem ir muito depressa e têm em si mesmos e em suas próprias luzes uma excessiva confiança; não queremos colher um fruto antes que amadureça, mas – tenham certeza – quando estiver maduro, não o deixaremos cair.

Estabelecido este ponto, pouco nos resta dizer sobre a questão proposta, pois o ponto capital ainda não pôde ser resolvido.

Está provado que os animais sofrem. Mas é racional imputar esses sofrimentos à imprevidência do Criador ou a uma falta de bondade de sua parte porque a causa escapa à nossa inteligência, como a utilidade dos deveres e da disciplina escapa ao escolar? Ao lado desse mal aparente não se vê brilhar a sua solícitude pelas mais ínfimas criaturas? Não são os animais providos de meios de conservação apropriados ao ambiente em que devem viver? Não se vê sua pelagem desenvolver-se mais ou menos, conforme o clima? Seus órgãos de nutrição, suas armas ofensivas e defensivas proporcionadas aos obstáculos a vencer e aos inimigos a combater? Em presença de fatos tão multiplicados, cujas conseqüências só escapam ao olho do materialista, há fundamento em dizer que não existe Providência para eles? Não, certamente, embora nossa visão seja muito limitada para julgar a lei do conjunto. Nosso ponto de vista, restrito ao pequeno círculo que nos rodeia, só nos deixa ver irregularidades aparentes; mas, quando

nos elevarmos, pelo pensamento, acima do horizonte terreno, tais irregularidades se apagarão diante da harmonia geral.

O que mais choca nesta observação localizada é a destruição de uns seres pelos outros. Já que Deus prova a sua sabedoria e a sua bondade em tudo o que podemos compreender, forçoso é admitir que a mesma sabedoria presida ao que não compreendemos. Aliás, só exageramos a importância dessa destruição porque sempre a ligamos à matéria, consequência do estreito ponto de vista em que se coloca o homem. Em definitivo, só se destrói o envoltório; o princípio inteligente não é aniquilado; e o Espírito é tão indiferente à perda de seu corpo, quanto o homem à de sua roupa. Esta destruição dos invólucros temporários é necessária à formação e manutenção de novos envoltórios, que se constituem com os mesmos elementos, sem que o princípio inteligente seja atingido, quer nos animais, quer no homem.

Resta o sofrimento, que por vezes leva à destruição desse envoltório. O Espiritismo nos ensina e prova que o sofrimento no homem é útil ao seu avanço moral. Quem nos diz que o dos animais também não tenha utilidade? que não seja, na sua esfera e conforme certa ordem de coisas, uma causa de progresso? É verdade que isto não passa de hipótese, mas ao menos se apóia nos atributos de Deus: a justiça e a bondade, enquanto as outras são a sua negação.

Tendo a questão da criação dos seres perfeitos sido debatida em sessão da Sociedade Espírita de Paris, o Espírito Erasto ditou, a respeito, a seguinte comunicação:

SOBRE A NÃO-PERFEIÇÃO DOS SERES CRIADOS

(Sociedade Espírita de Paris, 5 de fevereiro de 1864

– Médium: Sr. d'Ambel)

Por que Deus não criou perfeitos todos os seres? Em virtude mesmo da lei do progresso. É fácil compreender a

economia desta lei. Aquele que marcha está no movimento, isto é, na lei da atividade humana; aquele que não progride, que por essência se acha estacionário, incontestavelmente não pertence à gradação ou à hierarquia humanitária. Explico-me, e me compreendereis facilmente. O homem que nasce numa posição mais ou menos elevada, acha em sua situação nativa um dado estado de ser. Pois bem! ele está certo de que se sua vida inteira se passasse nessa condição de ser, sem que lhe tivesse trazido modificações por sua ação ou pela de outrem, declararia que sua existência é monótona, enfadonha, fatigante, numa palavra, insuportável. Acrescento que ele teria perfeita razão, considerando-se que o bem só é bem relativamente ao que lhe é inferior. Isto é tão certo que se puserdes o homem num paraíso terrestre, num paraíso onde não se progrida mais, em dado tempo ele achará sua existência insustentável e aquela morada um impiedoso inferno. Daí resulta, de maneira absoluta, que a lei imutável dos mundos é o progresso ou o movimento para frente, isto é, todo Espírito que é criado está inevitavelmente submetido a essa grande e sublime lei da vida; conseqüentemente, tal é a própria lei humana.

Só existe um ser perfeito e não pode existir senão um: Deus! Ora, pedir ao Ser Supremo a criação de Espíritos perfeitos, seria pedir-lhe que criasse algo semelhante e igual a Ele. Formular semelhante proposição não será condená-la previamente? Ó homens! por que perguntar sempre a razão de ser de certas questões insolúveis ou acima do entendimento humano? Lembrai-vos sempre de que só Deus pode ficar e viver na sua imobilidade gigantesca. Ele é o supra-sumo de todas as coisas, o alfa e o ômega de toda a vida. Ah! crede, meus filhos, jamais busqueis erguer o véu que cobre esse grandioso mistério, que os maiores Espíritos da Criação não abordam sem estremecer. Quanto a mim, humilde pioneiro da iniciação, tudo quanto vos posso afirmar é que a imobilidade é um dos atributos de Deus, ou do Criador, e que o homem e tudo que é criado têm, como atributo, a mobilidade. Compreendei, se puderdes compreender, ou então esperai que

chegue a hora de uma explicação mais inteligível, isto é, mais ao alcance do vosso entendimento.

Não trato senão desta parte da questão, pois apenas quis provar que não tinha ficado estranho à vossa discussão. Sobre todo o resto, reporto-me ao que foi dito, já que todos me pareceram da mesma opinião. Daqui a pouco falarei de outros casos que foram assinalados (os casos de Poitiers).

Erasto

Um Médium Pintor Cego

Um de nossos correspondentes de Maine-et-Loire, o Dr. C..., transmitiu-nos o seguinte fato:

“Eis um curioso exemplo da faculdade mediúnica aplicada ao desenho, e que se manifestou vários anos antes que fosse conhecido o Espiritismo, e mesmo antes das mesas girantes. Três semanas atrás, estando em Bressuire, explicava o Espiritismo e as relações dos homens com o mundo invisível a um advogado amigo meu, que dele não conhecia patavina. Ora, eis o fato que ele me contou como tendo grande relação com o que eu lhe dizia. Em 1849, disse ele, fui com um amigo visitar o vilarejo de Saint-Laurent-sur-Sèvres e seus dois conventos, um de homens, outro de mulheres. Fomos recebidos da maneira mais cordial possível pelo Padre Dallain, superior do primeiro e que também tinha autoridade sobre o segundo. Depois de ter visitado os dois conventos, ele nos disse: ‘Agora, senhores, quero vos mostrar uma das coisas mais curiosas do convento das mulheres.’ Mandou trazer um álbum onde, com efeito, admiramos aquarelas de grande perfeição. Eram flores, paisagens e marinhas. ‘Esses desenhos, tão bem reunidos’, disse-nos ele, ‘foram feitos por uma de nossas jovens religiosas que é cega.’ E eis o que nos contou de um encantador buquê de rosas,

com um botão azul: ‘Há algum tempo, em presença do marquês de La Rochejaquelein e de vários outros visitantes, chamei a religiosa cega e pedi-lhe que se pusesse a uma mesa para desenhar alguma coisa. Diluíram as tintas, deram-lhe papel, lápis, pincéis, e ela imediatamente começou a pintar o buquê que vedes. Durante o trabalho colocaram várias vezes um corpo opaco, ora um papelão, ora uma prancheta, entre seus olhos e o papel, mas o pincel continuou a trabalhar com a mesma calma e a mesma regularidade. À observação de que o buquê estava um pouco franzino, ela disse: ‘Pois bem! vou fazer sair um botão da haste deste ramo.’ Enquanto trabalhava nessa correção, substituíram o carmim de que se servia pelo azul; ela não percebeu a mudança e é por isso que vedes um botão azul.

“O abade Dallain”, acrescenta o narrador, “era tão notável por sua ciência e sua grande inteligência quanto por sua elevada piedade. Não encontrei ninguém que me tivesse inspirado mais simpatia e veneração.”

Em nossa opinião este fato não prova, de modo evidente, uma ação mediúnica. Pela linguagem da jovem cega, é certo que via, do contrário não teria dito: “Vou fazer sair um botão da haste deste ramo.” Mas o que não é menos certo é que ela não via pelos olhos, já que continuava seu trabalho, malgrado o obstáculo que interpunham à sua frente. Agia com conhecimento de causa e não maquinalmente, como um médium. Parece, pois, evidente que fosse dirigida pela *segunda vista*; via pelos olhos da alma, abstração feita dos do corpo; talvez até mesmo estivesse, de maneira permanente, num estado de sonambulismo desperto.

Fenômenos análogos foram observados muitas vezes, mas as pessoas se contentavam em os achar surpreendentes. Sua causa não podia ser descoberta, porque, ligados essencialmente à alma, fazia-se necessário, primeiro, reconhecer a existência da alma. Mas, mesmo admitido, este ponto ainda não era suficiente: faltava

o conhecimento das propriedades da alma e o das leis que regem suas relações com a matéria. O Espiritismo, ao nos revelar a existência do perispírito, deu-nos a conhecer, se assim nos podemos exprimir, a fisiologia dos Espíritos. Por aí nos foi dada a chave de uma imensidão de fenômenos incompreendidos, qualificados, em falta de melhores razões, de *sobrenaturais* por uns, e de *bizarrias da Natureza* por outros. Pode a Natureza ter bizzarrias? Não, porque bizzarrias são caprichos. Ora, sendo a Natureza obra de Deus, Deus não pode ter caprichos, sem o que nada seria estável no Universo. Se há uma regra sem exceção, certamente é a que rege as obras do Criador; as exceções seriam a destruição da harmonia universal. Todos os fenômenos se ligam a uma lei geral e uma coisa não nos parece bizzarra senão porque só observamos de um único ponto, ao passo que, se considerássemos o conjunto, reconheceríamos que a irregularidade daquele ponto é apenas aparente e depende de nosso limitado ponto de vista.

Isto posto, diremos que o fenômeno de que se trata não é maravilhoso nem excepcional. É o que vamos tentar explicar.

No estado atual dos nossos conhecimentos, não podemos conceber a alma sem o seu invólucro fluídico, perispiritual. O princípio inteligente escapa completamente à nossa análise; só o conhecemos por suas manifestações, que se dão com o auxílio do perispírito. É pelo perispírito que a alma age, percebe e transmite. Desprendida do envoltório corporal, a alma ou Espírito ainda é um ser complexo. Ensina-nos a teoria, de acordo com a experiência, que a visão da alma, assim como todas as outras percepções, é um atributo do ser inteiro. No corpo é circunscrita ao órgão da visão, sendo-lhe preciso o concurso da luz; tudo quanto se acha no trajeto do raio luminoso o intercepta. Não é assim com o Espírito, para o qual não há obscuridade nem corpos opacos. A seguinte comparação pode ajudar a compreender esta diferença. A céu aberto, o homem recebe a luz por todos os lados; mergulhado no fluido luminoso, o horizonte visual se estende por

toda a volta. Se estiver encerrado numa caixa, na qual for feita uma pequena abertura, em seu redor tudo estará na obscuridade, salvo o ponto por onde lhe chega o raio luminoso. A visão do Espírito encarnado está neste último caso; a do Espírito desencarnado está no primeiro. Esta comparação é justa quanto ao efeito, mas não o é quanto à causa, porque a fonte de luz não é a mesma para o homem e para o Espírito, ou, melhor dizendo, não é a mesma luz que lhe dá a faculdade de ver.

Assim, a cega de que se trata via pela alma e não pelos olhos. Eis por que o anteparo colocado à frente do desenho não a incomodava mais do que incomodaria um vidente, ante os olhos do qual tivessem posto um cristal transparente. É também por isto que tanto podia desenhar de noite quanto de dia. Irradiando em torno dela, tudo penetrando, o fluido perispiritual levava a imagem, não à retina, mas à sua alma. Nesse estado, a visão abarca tudo? Não; ela pode ser geral ou especial, conforme a vontade do Espírito; pode ser limitada ao ponto onde ele concentra a sua atenção.

Mas, então, irão perguntar: por que ela não percebeu a substituição da cor? Primeiro pode ser que a atenção voltada para o lugar onde queria pôr a flor a tenha desviado da cor; aliás, é preciso considerar que a visão da alma não se opera pelo mesmo mecanismo que a visão corporal, e que, assim, há efeitos de que não nos poderíamos dar conta; depois, ainda é preciso notar que *nossas* cores são produzidas pela refração de *nossa* luz. Ora, sendo as propriedades do perispírito diferentes das de nossos fluidos ambientes, é provável que a refração aí não produza os mesmos efeitos; que as cores não tenham, para os Espíritos, as mesmas causas que para o encarnado. Assim ela podia, pelo pensamento, ver rosa o que nos parece azul. Sabe-se que o fenômeno da substituição das cores é muito freqüente na visão ordinária. O fato principal é o da visão bem constatada sem o concurso dos órgãos da visão. Como se vê, esse fato não implica ação mediúnica, mas, também, não exclui, em certos casos, a assistência de um Espírito

estranho. Essa jovem, pois, podia ou não ser médium, o que só um estudo mais atento teria podido revelar.

Uma pessoa cega que gozasse dessa faculdade seria um precioso objeto de observação. Mas, para tanto, teria sido necessário conhecer a fundo a teoria da alma, a do perispírito e, por conseguinte, o sonambulismo e o Espiritismo. Naquela época não se conheciam essas coisas; mesmo hoje, não seria nos meios onde as consideram como diabólicas que poderiam entregar-se a tais estudos. Também não é naqueles onde se nega a existência da alma que podem fazê-lo. Dia virá, sem dúvida, em que reconhecerão a existência de uma *física espiritual*, como começam a reconhecer a existência da *medicina espiritual*.

Variedades

UMA TENTACÃO

Conhecemos pessoalmente uma senhora, médium dotada de notável faculdade tiptológica: obtém facilmente e, o que é bastante raro, quase constantemente, coisas de precisão, como nome de lugares e de pessoas em diversas línguas, datas e fatos particulares, em presença dos quais a incredulidade foi confundida mais de uma vez. Essa senhora, inteiramente devotada à causa do Espiritismo, consagra todo o tempo disponível ao exercício de sua faculdade, com o objetivo de propaganda, e isto com um desinteresse tanto mais louvável quanto a sua posição de fortuna chega muito perto da mediocridade. Como o Espiritismo, para ela, é uma coisa séria, começa sempre por uma prece, dita com o maior recolhimento, para atrair o concurso dos Espíritos bons, rogar a Deus que afaste os maus, e termina assim: “Se eu for tentada a abusar, seja no que for, da faculdade que Deus houve por bem me conceder, peço-lhe que *ma retire*, antes que seja desviada de seu objetivo providencial.”

Certo dia, um rico estrangeiro – foi ele mesmo que nos narrou o fato – procurou essa senhora para lhe pedir que desse uma comunicação. Ele não tinha a menor noção do Espiritismo e ainda menos a crença. Pondo a carteira sobre a mesa, disse-lhe: “Senhora, eis aqui dez mil francos que vos dou, se disserdes o nome da pessoa em quem estou pensando.” Basta isto para mostrar onde chegava o seu conhecimento da doutrina. A respeito, fez-lhe a médium observações que todo espírita verdadeiro faria em semelhante caso. Mesmo assim, tentou, mas nada obteve. Ora, logo depois da partida desse senhor ela recebeu, para outras pessoas, comunicações muito mais difíceis e complicadas do que a que ele lhe havia pedido.

Para esse senhor o fato deveria ser, conforme lhe dissemos, uma prova da sinceridade e da boa-fé da médium, porque os charlatães sempre têm recursos à sua disposição, quando se trata de ganhar dinheiro. Mas do fato resultam vários ensinamentos de outra gravidade. Os Espíritos quiseram provar-lhe que não é com dinheiro que os fazem falar, quando não querem; além disso, provaram que se não tinham respondido à pergunta, não fora por impossibilidade da parte deles, já que disseram, depois, coisas mais difíceis a pessoas que nada ofereciam. A lição era maior ainda para o médium; era demonstrar-lhe sua absoluta impotência sem o concurso deles e lhe ensinar a humildade, porque, se os Espíritos tivessem estado às suas ordens, se bastasse a sua vontade para os fazer falar, era o caso de exercer o poder agora ou jamais.

Eis aí uma prova manifesta em apoio do que dissemos na *Revista* de fevereiro último, a propósito do Sr. Home, sobre a impossibilidade em que se acham os médiuns de contar com uma faculdade que poderia faltar-lhes no momento em que lhes fosse necessária. Aquele que possui um talento e que o explora está sempre certo de o ter à sua disposição, porque é inerente à sua pessoa; mas a mediunidade não é um talento; só existe pelo concurso de terceiros; se esses terceiros se recusam, não há mais

mediunidade. A aptidão pode subsistir, mas o seu exercício está anulado. Um médium sem a assistência dos Espíritos é como um violinista sem violino.

O senhor em questão admirou-se que, tendo vindo para se convencer, os Espíritos não se tivessem prestado para tanto; A isto lhe respondemos que, se pode ser convencido, sê-lo-á por outros meios, que nada lhe custarão. Os Espíritos não quiseram que ele pudesse dizer que fora convencido a peso de ouro, porque se o ouro fosse necessário para convencer, o que fariam os que não podem pagar? É para que a crença possa penetrar nos mais humildes redutos que a mediunidade não é um privilégio; acha-se em toda parte, a fim de que todos, pobres e ricos, possam ter a consolação de se comunicar com os parentes e amigos do além-túmulo. Os Espíritos não quiseram que ele fosse convencido dessa maneira, porque o barulho que isto tivesse provocado teria falseado sua própria opinião e a de seus amigos quanto ao caráter essencialmente moral e religioso do Espiritismo. Eles não o quiseram no interesse do médium e dos médiuns em geral, cuja cupidez esse resultado teria superexcitado, porquanto diriam que se tiveram êxito naquela circunstância, podiam tê-lo igualmente em outras. Não é a primeira vez que foram feitas ofertas semelhantes, que prêmios são oferecidos, mas sempre sem sucesso, levando-se em conta que os Espíritos não dão o seu concurso nem se entregam a quem paga melhor.

Se essa senhora tivesse tido êxito, teria aceitado ou recusado? Ignoramos, porque dez mil francos são bastante sedutores, sobretudo em certas posições. Em todo o caso, a tentação foi grande. E quem sabe se a recusa não teria sido seguida de um pesar, que lhe tivesse atenuado o mérito? Notemos que, em sua prece, ela pede a Deus que lhe retire sua faculdade antes que seja tentada a desviá-la de seu objetivo providencial. Pois bem! Sua prece foi atendida; a mediunidade lhe foi retirada para esse caso especial, a fim de lhe poupar o perigo da tentação e todas as

conseqüências lamentáveis que se lhe teriam seguido, primeiro para ela própria, e depois pelo efeito deletério que isto teria produzido.

Mas não é só contra a cupidez que os médiuns devem resguardar-se. Como os há em todas as camadas da sociedade, a maioria está acima desta tentação; mas há um perigo muito maior, pois a ele todos estão expostos: o orgulho, que põe a perder tão grande número. É contra esse escolho que as mais belas faculdades muitas vezes vêm aniquilar-se. O desinteresse material não tem proveito se não for acompanhado pelo mais completo desinteresse moral. Humildade, devotamento, desinteresse e abnegação são as qualidades do médium amado pelos Espíritos bons.

MANIFESTAÇÕES DE POITIERS³

Os fatos que noticiamos em nosso último número, sobre os quais havíamos deixado pendente a nossa opinião, parecem incluir-se definitivamente na esfera dos fenômenos espíritas. Um exame atento das circunstâncias de detalhes não os permite confundir com atos de malevolência ou de esperteza. Parece difícil que pessoas mal-intencionadas pudessem escapar à atividade da vigilância exercida pela autoridade e, sobretudo, que possam agir no momento mesmo em que são espreitadas, sob os olhos daqueles que as buscam, aos quais, certamente, não falta boa vontade para as descobrir.

Tinham feito exorcismos, mas depois de alguns dias de suspensão, os barulhos recomeçaram com outro caráter. Eis o que a propósito disse o *Journal de la Vienne*, em seus números de 17 e 18 de fevereiro:

“Recordam-se que no mês de janeiro último, fazendo a sua solene aparição em Poitiers, os Espíritos batedores foram acampar na Rua Saint-Paul, na casa situada perto da antiga igreja do mesmo nome; mas sua estada entre nós tinha sido de curta duração e tinha-se o direito de pensar que tudo estava acabado, quando,

3 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 537.

anteontem, os ruídos que tão fortemente haviam agitado a população se reproduziram com nova intensidade.

“Os diabos negros, pois, voltaram à casa da Srta. de O...; apenas não são mais Espíritos batedores, mas atiradores, agindo por meio de detonações formidáveis. Celebraremos sua festa no dia de Santa Bárbara, padroeira dos artilheiros. Sempre há os que se satisfazem com isto, as procissões de curiosos recomeçam e a polícia interroga todos os ecos para se guiar através do nevoeiro do outro mundo.

“Contudo, espera-se que desta vez se descubram os autores dessas mistificações de mau gosto e que a justiça saiba bem provar aos exploradores da credulidade humana que os melhores Espíritos não são os que fazem mais barulho, mas os que sabem calar e só falam o que convém.”

A. Piogear

“Voltamos sempre à Rua Saint-Paul, sem poder penetrar o *mistério infernal*.

“Quando interrogamos uma pessoa que passeia com um ar preocupado diante da casa da Srta. de O..., invariavelmente ela responde: ‘De minha parte nada ouvi, mas alguém me disse que as detonações eram muito fortes.’ O que não deixa de ser muito embaraçoso para a solução do problema.

“Entretanto, é certo que os Espíritos possuem algumas peças de artilharia, inclusive de grosso calibre, porque o barulho resultante tem uma certa violência e dizem que se assemelha ao produzido por pequenas bombas.

“Mas, de onde vêm? Impossível até agora determinar a sua direção. Não provêm do subsolo, já que tiros de pistola dados no porão não se ouvem no primeiro andar.

“É, pois, nas regiões superiores que devem ser apanhados e, contudo, todos os processos indicados pela Ciência ou pela experiência para atingir esse resultado foram impotentes.

“Dever-se-ia, então, concluir que os Espíritos possam impunemente atirar sua pólvora nos pardais e perturbar o repouso dos cidadãos sem que seja possível alcançá-los? Esta solução seria muito rigorosa; com efeito, por certos processos, ou em virtude de alguns acidentes de terreno, podem produzir-se efeitos que, à primeira vista, surpreendem, mas dos quais se admiram, mais tarde, por não haverem compreendido o mecanismo elementar. São sempre as coisas mais simples que escapam à apreciação do homem.

“Somos fortemente levados a crer que, se os atiradores do outro mundo neste momento têm ao seu lado os que riem, estão longe de ser inatingíveis. Que se convençam os mistificadores: os mistificados terão sua vez.”

A. Piogear

O Sr. Piogear parece se debater singularmente contra a evidência. Dir-se-ia que, sem o saber, uma dúvida se insinua em seu pensamento; que teme uma solução contrária às suas idéias; numa palavra, dá-nos a impressão dessas pessoas que, recebendo uma má notícia, exclamam: “Não, isto não; isto é impossível; não posso acreditar!” e que tapam os olhos para não ver, a fim de poderem afirmar que nada viram. Por um dos parágrafos acima, parece lançar dúvida sobre a própria realidade dos ruídos, porque, em sua opinião, todos aqueles a quem interroga dizem nada ter ouvido. Se ninguém ouviu, não compreendemos por que tanto rumor, pois não haveria mal-intencionados nem Espíritos.

Num terceiro artigo sem assinatura e que o jornal diz ser o último, ele dá, enfim, a solução desse problema. Se os interessados não a julgarem categórica, será sua falta e não dele.

“Desde algum tempo temos recebido cartas, em cada correio, quer de nossos assinantes, quer de pessoas estranhas ao Departamento, nas quais nos pedem informações mais circunstanciadas sobre as cenas cujo teatro é a casa de O... Dissemos tudo quanto sabíamos; repetimos em nosso jornal tudo quanto se diz em Poitiers a esse respeito. Já que nossas explicações não pareceram completas, eis, pela última vez, nossa resposta às perguntas que nos são dirigidas:

“É perfeitamente certo que ruídos *singulares* são ouvidos todas as noites, de seis horas à meia-noite, na Rua Saint-Paul, na casa de O... Esses ruídos assemelham-se aos produzidos por descargas sucessivas de uma espingarda de dois canos; abalam as portas, as janelas e os tabiques. Não se percebe luz nem fumaça; não se sente nenhum odor. Os fatos foram constatados pelas pessoas mais dignas de fé de nossa cidade e por inquéritos da polícia, a pedido da família do Sr. conde de O...

“Existe em Poitiers uma associação de espiritistas; mas, a despeito da opinião do Sr. D..., que nos escreve de Marselha, não veio ao pensamento de nenhum dos nossos concidadãos, muito espirituosos para isto, que os espíritas tivessem algo a ver com a *aparição dos fenômenos*. O Sr. H..., de Orange, acredita em causas físicas, em gases que se desprendem de um antigo cemitério, sobre o qual teria sido construída a casa de O... Mas a casa é construída sobre a rocha e não existe nenhum subterrâneo que com ela se comunique.

“Por nossa conta, pensamos que fatos estranhos e ainda inexplicados, há mais de um mês perturbando o repouso de uma família honrada, não ficarão sempre no estado de mistério. Cremos numa fraude muito habilidosa e esperamos ver em breve os fantasmas da Rua Saint-Paul entrando na polícia correcional.”

A JOVEM OBSEDADA DE MARMANDE

(Continuação)

No número anterior relatamos a notável cura obtida por meio da prece, pelos espíritas de Marmande, de uma mocinha obsedada dessa cidade. Uma carta posterior confirma o resultado da cura, hoje completa. O semblante da jovem, alterado por oito meses de torturas, retomou seu viço, seu bom aspecto e sua serenidade.

Seja qual for a opinião que se tenha, a idéia que se faça do Espiritismo, qualquer pessoa animada de sincero amor do próximo deve ter-se alegrado de ver a tranqüilidade voltar a essa família, e o contentamento substituir a aflição. É lamentável que o Sr. cura da paróquia não tenha julgado dever associar-se a esse sentimento, e que a circunstância lhe tenha fornecido o texto de um sermão pouco evangélico numa de suas prédicas. Suas palavras, ditas em público, são do domínio da publicidade. Se ele se tivesse limitado a uma crítica leal da doutrina conforme seu ponto de vista, disso não falaríamos; mas julgamos dever refutar os ataques dirigidos contra pessoas muito respeitáveis, por ele tratadas de saltimbancos, a propósito do fato acima.

Disse ele: “Assim, o primeiro *enraxate que vier* poderá, então, se for médium, evocar um membro de uma família honrada, enquanto ninguém da família poderá fazê-lo? Não acrediteis nestes absurdos, meus irmãos; isto é trapaça, é tolice. De fato, que vedes nessas reuniões? Carpinteiros, marceneiros, que sei mais?... Algumas pessoas me perguntaram se eu havia contribuído para a cura da moça. Não, respondi-lhes; nada tenho a ver com isto; não sou médico”.

“Não vejo nisso”, dizia aos parentes, “senão uma afecção orgânica da alçada da Medicina”, acrescentando que se tivesse julgado que as preces pudessem operar algum alívio, ele as teria feito desde muito tempo.

Se o Sr. cura não crê na eficácia das preces em caso semelhante, agiu bem em não as fazer. Daí se pode concluir que, como homem consciencioso, se os pais lhe tivessem vindo pedir missas pela cura da jovem, teria recusado o pagamento, porque, caso o aceitasse, ter-se-ia feito pagar por uma coisa que considerava sem valor. Os espíritas crêem na eficácia da prece pelos doentes e nas obsessões; oravam, curavam e nada cobravam; mais ainda: se os pais estivessem passando necessidades, eles os teriam assistido. Diz ele: “São charlatães e saltimbancos.” Desde quando se viu charlatães trabalhando de graça? Fizeram a doente usar amuletos? Fizeram sinais cabalísticos? Pronunciaram palavras sacramentais, atribuindo-lhes uma virtude eficaz? Não, pois o Espiritismo condena toda prática supersticiosa; oravam com fervor, em comunhão de pensamento; essas preces eram malabarismos? Aparentemente não; já que tiveram êxito, é porque foram ouvidas.

Que o Sr. cura trate o Espiritismo e as evocações de absurdos e tolices é direito seu, se tal é sua opinião; ninguém tem nada com isto. Mas quando, para denegrir as reuniões espíritas, diz que aí só se vêem carpinteiros, marceneiros, etc., não é apresentar essas profissões como degradantes e os que as exercem como gente desprezível? Então esqueceis, Sr. cura, que Jesus era carpinteiro e que seus apóstolos eram todos pobres artesãos ou pescadores. Será evangélico lançar do alto do púlpito o desdém sobre a classe dos trabalhadores que Jesus quis honrar, nascendo entre eles? Compreendestes o alcance de vossas palavras, quando dissestes: “O primeiro engraxate que vier poderá, então, se for médium, evocar um membro de uma família honrada?” Então desprezais esse pobre engraxate, quando limpa os vossos sapatos? Ora vejam! Porque sua posição é humilde não o achais digno de evocar a alma de uma nobre personagem? Então temeis que essa alma se macule, quando, para ela, se erguerem ao céu mãos enegrecidas pelo trabalho? Então credes que Deus faça diferença entre a alma do rico e a do pobre? Não disse Jesus: Amai o próximo como a vós mesmos? Ora, amar o próximo como a si mesmo é não fazer

nenhuma diferença entre si mesmo e o próximo; é a consagração do princípio: Todos os homens são irmãos, porque são filhos de Deus. Receberá Deus com mais distinção a alma do grande que a do pequeno? a do homem a quem fazeis um serviço pomposo, pago largamente, que a do infeliz, ao qual não concedeis senão as mais curtas preces? Falais do ponto de vista exclusivamente mundano e esqueceis que Jesus disse: “Meu reino não é deste mundo; lá não existem mais as distinções da Terra; lá os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos? Quando disse: “Há várias moradas na casa de meu pai”, significa que há uma para o rico e uma para o proletário? uma para o senhor e outra para o servo? Não; mas que há uma para o humilde e outra para o orgulhoso, pois ele disse: “Que aquele que quiser ser o primeiro no céu seja o servo de seus irmãos na Terra.” Então compete a esses a quem chamais profanos, vos lembrar o Evangelho?

Senhor cura, em qualquer circunstância tais palavras seriam pouco caridosas, sobretudo no templo do Senhor, onde só deveriam ser pregadas palavras de paz e de união entre todos os membros da grande família. No estado atual da sociedade são uma inabilidade, porque semeiam o fermento do antagonismo. Que tivésseis dito tais palavras numa época em que os servos, habituados a humilhar-se, se julgavam uma raça inferior, porque lho haviam dito, é compreensível; mas na França de hoje, em que todo homem honesto tem direito de levantar a cabeça, seja plebeu, seja patricio, é um anacronismo.

Se, como é provável, havia carpinteiros no auditório, marceneiros e engraxates, devem ter sido pouco tocados pelo sermão. Quanto aos espíritas, sabemos que pediram a Deus que perdoasse ao orador as suas palavras imprudentes, e que eles mesmos perdoaram ao que lhes dizia *Raca*. É o conselho que damos a todos os irmãos.

RESUMO DA PASTORAL DO SR. BISPO DE ESTRASBURGO

Citamos pura e simplesmente a passagem dessa pastoral concernente ao Espiritismo, sem comentários e reflexões. Ao dar sua opinião a respeito, do ponto de vista teológico, o Sr. bispo está no seu direito e, desde que só ataca a coisa e não as pessoas, nada há a dizer. Só haveria que discutir sua teoria, o que já foi feito tantas vezes, sendo supérfluo repetir-se, tanto mais quando não encontramos nenhum argumento novo. Nós a submetemos aos nossos leitores, a fim de que todos possam tomar conhecimento e tirar o proveito que bem entenderem.

“O demônio oculta-se de todas as formas possíveis, para eternizar sua conspiração contra Deus e os homens, para continuar sua obra de sedução. No paraíso ele se disfarçou de serpente; se for preciso, ou se puder contribuir para a realização de seus projetos, transformar-se-á em anjo de luz, como o provam mil exemplos consignados na História.

“Em época mais recente, o demônio chegou a retirar do arsenal do inferno armas usadas e cobertas de ferrugem, de que se havia servido em tempos mais recuados, particularmente no segundo e terceiro séculos, para combater o Cristianismo. As mesas girantes, os Espíritos batedores, as evocações, etc., são outros tantos artifícios, e Deus os permite para castigo dos homens ímpios, curiosos e levianos. Se os maus gênios, como o asseguram as santas Escrituras, saturam o ar; se se unem aos homens em seus corpos e em suas almas (vede o livro de Job e muitas outras passagens da Escritura); se podem fazer falar um pau, uma pedra, uma serpente, cabras, uma jumenta; se, perto do lago de Genesaré recebem, a seu próprio pedido, permissão de entrar em animais imundos, também lhes é possível falar por meio das mesas, escrever com o pé de uma mesa ou de uma cadeira, adotar a linguagem e imitar a voz dos mortos e ausentes, contar coisas que nos são desconhecidas ou que nos pareçam impossíveis, mas que, como Espíritos, podem ver e ouvir. Infelizes, pois, os insensatos, ociosos,

imprevidentes e criminosamente discretos, que buscam seu passatempo nesse malabarismo diabólico, que não temem recorrer a meios supersticiosos e proibidos, para chegarem ao conhecimento do futuro e de outros mistérios que o demônio ignora ou só conhece imperfeitamente! Quem ama o perigo perecerá no perigo; quem brinca com serpentes venenosas não escapará de seu dardo mortífero; quem se precipita nas chamas será reduzido a cinzas; quem busca a sociedade dos mentirosos e dos velhacos, necessariamente se tornará sua vítima. É um comércio com os anjos maus, ao qual os profetas do Antigo Testamento dão um nome que não se leva de boa vontade a um púlpito cristão. Quando se fazem essas evocações, o Espírito maligno bem poderá dizer, inicialmente, uma ou outra verdade, e falar conforme o desejo dos curiosos, a fim de lhes ganhar a confiança. Mas as pessoas impacientes de penetrar mistérios são seduzidas, deslumbradas; então se aproxima de seus lábios a taça envenenada; enchem-nas com toda a sorte de mentiras e de impiedades, despojam-nas de todos os princípios cristãos, de todos os sentimentos piedosos. Feliz o que percebe a tempo que caiu em mãos diabólicas e pode, com o auxílio de Deus, resistir aos laços com que ia ser carregado!...”

Enquanto os nossos antagonistas ficarem no terreno da discussão teológica, convidamos os irmãos que nos queiram escutar a abster-se de qualquer recriminação, porque a liberdade de opinião tanto deve existir para eles quanto para nós. O Espiritismo não se impõe: aceita-se; dá as suas razões e não acha mau que as combatam, desde que seja com armas leais, confiando no bom-senso do público para decidir. Se repousar na verdade, triunfará a despeito de tudo; se seus argumentos forem falsos, a violência não os tornará melhores. O Espiritismo não quer ser acreditado sob palavra; quer o livre exame; sua propaganda se faz dizendo: vede os prós e os contras; julgai o que melhor satisfaz o vosso julgamento, o que corresponde melhor às vossas esperanças e aspirações, o que mais vos toca o coração, e decidi-vos com conhecimento de causa.

Censurando nos adversários a inconveniência de palavras e o personalismo, os espíritas não devem incorrer na mesma falta; a moderação mostrou seu valor; nós os instamos a que não fujam disto. Em nome dos princípios espíritas e no interesse da causa, não nos solidarizamos com polêmicas agressivas e inconvenientes, venham de onde vierem.

Ao lado de alguns fatos lamentáveis, como o de Marmande, poderíamos citar um bom número de outros de caráter diverso, se não temêssemos contrariar os seus autores, razão por que só fazemos com a maior reserva.

Uma senhora que conhecemos pessoalmente, bom médium e, como o marido, fervorosa espírita, estava, há seis meses, à beira da morte; hauria na crença e na fé no futuro uma consoladora resignação nesse momento supremo, que via aproximar-se sem medo. A seu pedido, o cura da paróquia, ancião respeitável, lhe veio administrar os sacramentos. Disse ela: “Sabeis que somos espíritas. A despeito disto, dar-me-eis os sacramentos da Igreja? – Por que não? respondeu o bom cura; esta crença vos consola; torna-vos a ambos piedosos e caridosos. Não vejo mal nisso. Conheço *O Livro dos Espíritos*. Não direi que me tenha convencido em todos os pontos, mas contém a moral que todo cristão deve seguir e não vos censuro por o ler. Apenas se há Espíritos bons, também os há maus. É contra estes que vos deveis resguardar e vos empenhar em distinguir. Aliás, vede, minha filha, a verdadeira religião consiste na prece de coração e na prática das boas obras. Tendes fé em Deus, orais com fervor, assistis o vosso próximo tanto quanto podeis; posso, pois, vos dar a absolvição.”

UMA RAINHA MÉDIUM

Não teríamos tomado a iniciativa de publicar o fato seguinte; desde, porém, que foi reproduzido em diversos jornais, entre outros o *Opinion nationale* e o *Siècle*, de 22 de fevereiro de

1864, conforme o *Bulletin diplomatique*, não vemos motivo algum para nos abstermos.

“Uma carta procedente de pessoa bem informada revela que, recentemente, num conselho privado, onde era examinada a questão dinamarquesa, a rainha (Vitória) declarou que nada faria sem consultar o *príncipe Alberto*. E, com efeito, depois de se ter recolhido por algum tempo em seu gabinete, voltou dizendo que o príncipe se pronunciara contra a guerra. Esse fato, e *outros semelhantes* transpiraram e deram origem à idéia de que seria oportuno estabelecer uma regência.”

Tínhamos, pois, razão quando escrevemos que o Espiritismo tem adeptos até nos degraus dos tronos. Poderíamos ter dito: até nos tronos. Vê-se, porém, que os próprios soberanos não escapam à qualificação dada aos que acreditam nas comunicações de além-túmulo. Os espíritas, que são tratados como loucos, devem consolar-se por estarem em tão boa companhia. Assim, o contágio é muito grande, pois sobe tanto! Entre os príncipes estrangeiros sabemos de bom número que tem esta suposta fraqueza, pois alguns fazem parte da Sociedade Espírita de Paris. Como querem que a idéia não penetre a sociedade inteira, quando parte de todos os níveis da escala?

Por aí o Sr. cura de Marmande pode ver que não há médiuns só entre os engraxates.

O *Journal de Poitiers*, que relata o mesmo caso, o faz acompanhar desta reflexão:

“Cair assim no domínio dos Espíritos não é abandonar o das únicas realidades que têm direito de conduzir o mundo?”

Até certo ponto concordamos com a opinião do jornal, mas de outro ponto de vista. Para ele os Espíritos não são realidades, porque, segundo certas pessoas, só há realidade no que

se vê e se toca. Ora, sendo assim, Deus não seria uma realidade e, no entanto, quem ousaria dizer que ele não conduz o mundo? que não há acontecimentos providenciais para levar a um determinado resultado? Pois bem! os Espíritos são os instrumentos de sua vontade; inspiram os homens, solicitam-nos, mau grado seu, a fazerem tal ou qual coisa, a agirem num sentido e não em outro, e isto tanto nas grandes resoluções quanto nas circunstâncias da vida privada. Sob esse aspecto, portanto, não somos da opinião do jornal.

Se os Espíritos inspiram de maneira oculta, é para deixar ao homem o livre-arbítrio e a responsabilidade de seus atos. Se receber inspiração de um Espírito mau, pode estar *certo* de receber, ao mesmo tempo, a de um bom, pois Deus jamais deixa o homem sem defesa contra as más sugestões. Cabe a ele pesar e decidir conforme a sua consciência.

Nas comunicações ostensivas por via mediúnica não deve mais o homem renunciar ao livre-arbítrio; seria erro regular cegamente e sem exame todos os seus passos e atitudes pelo conselho dos Espíritos, porque existem os que ainda podem ter idéias e preconceitos da vida. Só os Espíritos superiores disso estão isentos. Os Espíritos dão seu conselho, sua opinião; em caso de dúvida, pode-se discutir com eles como se fazia quando eram vivos; então se pode avaliar a força de seus argumentos. Os Espíritos verdadeiramente bons jamais se recusam a isso; os que repelem qualquer exame, que exigem submissão absoluta, provam que contam pouco com a excelência de suas razões para convencer e devem ser tidos por suspeitos.

Em princípio, os Espíritos não nos vêm guiar como a uma criança; o objetivo de suas instruções é tornar-nos melhores, dar fé aos que não a têm e não *o de nos poupar o trabalho de pensar por nós mesmos*.

Eis o que não sabem os que criticam as relações de além-túmulo; acham-nas absurdas, porque as julgam conforme

suas idéias, e não consoante a realidade, que desconhecem. Também não se deve julgar as manifestações pelo abuso ou pelas falsas aplicações que delas possam fazer algumas pessoas, assim como não seria racional julgar a religião pelos maus sacerdotes. Ora, para saber se há boa ou má aplicação de uma coisa, deve-se conhecê-la, não superficialmente, mas a fundo. Se fordes a um concerto para saber se a música é boa e se os músicos a executam bem, antes de tudo é preciso saibais música.

Isto posto, pode servir de base para apreciar o fato de que se trata. Censurariam a rainha se ela tivesse dito: “Senhores, o caso é grave, permiti que me recolha um instante e peça a Deus que me inspire na resolução que devo tomar?” O príncipe não é Deus, é verdade; mas como ela é piedosa, é provável que tenha pedido a Deus que inspirasse a resposta do príncipe, o que dá no mesmo. Ela o fez agir como intermediário, em razão da afeição que lhe tem.

As coisas podem ainda ter-se passado de outra maneira. Se, em vida do príncipe, a rainha tinha o hábito de nada fazer sem o consultar, morto ele, ela pergunta a sua opinião como se ele estivesse vivo, e não *porque seja um Espírito*, pois, para ela, ele não está morto; está sempre ao seu lado; é seu guia, seu conselheiro officioso; não há entre ambos senão um corpo de menos. Se o príncipe vivesse, ela teria feito o mesmo; assim, não há nenhuma mudança em seu modo de agir.

Agora, era boa ou má a política do príncipe-Espírito? É o que não nos cabe examinar. O que devemos refutar é a opinião daqueles a quem parece bizarro, pueril, estúpido mesmo, que uma pessoa de bom-senso possa crer na realidade de quem não tem mais corpo, porque lhes agrada pensar que eles próprios, quando estiverem mortos, não serão mais absolutamente nada. A seus olhos a rainha não praticou um ato mais sensato do que se tivesse dito: “Senhores, vou interrogar minhas cartas, ou um astrólogo.”

Se esse fato é de somenos importância para a política, o mesmo não se dá do ponto de vista espírita, pela repercussão que teve. Sem dúvida a rainha podia abster-se de dar o motivo de sua ausência e que tal era o conselho do príncipe. Dizê-lo numa circunstância tão solene era, de certa forma, confessar publicamente a crença nos Espíritos e em suas manifestações, e reconhecer-se médium. Ora, quando tal exemplo vem de uma cabeça coroadada, pode bem encorajar a opinião dos que estão menos altamente colocados.

Só podemos admirar a fecundidade dos meios empregados pelos Espíritos para obrigar os incrédulos a falar do Espiritismo e fazer sua idéia penetrar em todas as camadas da sociedade. Nesta circunstância, eles são obrigados a criticar com cautela.

PARTICIPAÇÃO ESPÍRITA

Recebemos do Havre uma participação de falecimento com esta subscrição:

“Rogamos

“Que Deus Todo-Poderoso e misericordioso e os *Espíritos bons* se dignem acolhê-la favoravelmente.”

“A carta trazia a menção: ‘Munida dos sacramentos da Igreja’.”

É a primeira vez, ao menos do nosso conhecimento, que semelhante profissão de fé pública tenha sido feita em semelhante circunstância. Deve-se ser grato à família pelo bom exemplo que acaba de dar. Em geral poucas pessoas, à exceção dos parentes mais próximos, levam em conta o pedido, contido na participação, de orar pelo defunto. Estamos convencidos de que todos os espíritos, mesmo estranhos à família, que a tiverem

recebido, terão considerado como um dever cumprir o voto aí expresso. Para eles a prece não é uma fórmula banal; sabem a influência que exerce, no momento da morte, sobre o desprendimento da alma.

O SR. HOME EM ROMA

(Conclusão)

A ordem que tinha sido dada ao Sr. Home pelas autoridades pontifícias, de deixar Roma em três dias, tinha sido revogada, como vimos em nosso último número. Mas não se reprime o medo e mudaram de idéia; a licença de permanência foi retirada definitivamente, obrigando o Sr. Home, sob a acusação de feitiçaria, a partir imediatamente. É bom dizer que as batidas e o levantamento da mesa durante o interrogatório, que tínhamos relatado em forma dubitativa, pois não tínhamos certeza, são exatos. Isto devia ser um motivo a mais para pensar que o Sr. Home trazia consigo o diabo a Roma, onde jamais havia penetrado, ao que parece. Ei-lo, pois, bem e devidamente convicto, pelo governo romano, de ser um feiticeiro; não um feiticeiro para rir, mas um verdadeiro feiticeiro, pois, do contrário, não teriam levado a coisa a sério. Tivemos sob os olhos o longo interrogatório a que o submeteram, e a leitura, pela forma das perguntas, levou-nos involuntariamente aos tempos de Joana d'Arc; só faltava o desfecho comum da época para essas espécies de acusação. Os jornais brincalhões admiram-se de que no século dezenove ainda acreditem em feiticeiros. É que há pessoas que dormem o sono de Epimênides há quatro séculos. Aliás, como não acreditaria o povo, quando sua existência é atestada pela autoridade que a deve conhecer melhor, já que mandou queimar tanta gente? É preciso ser céptico como um jornalista para não se render a uma prova tão evidente. O que é mais surpreendente é que se façam reviver os feiticeiros nos espíritas, logo eles que vêm provar, com as peças nas mãos, que não há feiticeiros nem maravilhoso, mas apenas leis naturais.

Instruções dos Espíritos

JACQUARD E VAUCANSON

Nota – O Sr. Leymaric, nosso colega, tendo certo dia levantado mais cedo que de costume e levado por uma força involuntária, sentiu-se induzido a escrever e obteve a seguinte dissertação espontânea:

Uma geração de operários amaldiçoou meu nome. Tinham razão? Estavam errados? Ah! o futuro deveria responder.

Eu tinha uma idéia fixa: a de aperfeiçoar e, sobretudo, economizar, suprimindo algumas mãos; como Vaucanson, eu queria simplificar o tear, que tomava a criança em baixa idade para dela fazer um pária singular, pálida, mirrada, débil, ar abobalhado, de linguagem burlesca, e que formava uma população à parte em minha cidade natal.

Meu Espírito vivia em contínua tensão; eu dormia para achar, ao despertar, um novo plano; em vez de imagens e sentimentos, meu pensamento era uma engrenagem, um cilindro, molas, polias, alavancas; em meus sonhos aparecia-me o meu anjo-da-guarda, que punha em movimento todas as minhas inspirações, todas as obras das mãos do homem. Havia dito com razão: “Os mecânicos são os poetas da matéria.” As mais belas máquinas saíram prontas e acabadas do cérebro de um operário; as noções de mecânica que ele não possui, criou-as de novo; a paciência e a imaginação são os seus únicos recursos. Na verdade é uma inspiração dos Espíritos bons, desprezada pelas academias ou cientistas de profissão; mas não é menos certo que se Arquimedes e Vaucanson são os gênios da mecânica, os Virgílios, se quiserdes, não passam dessa paciência, aliada a uma viva imaginação, que cria todas as descobertas com que se honra a Humanidade; e isto por quem? Por monges, ceramistas, cardadores de lã, pastores, marinheiros, um operário da seda, um ferreiro ignorante.

Humilde operário, eu não era um gênio, mas, como tantos outros, um predestinado, chamado a simplificar um tear que amputava os membros, abreviando a vida de milhares de crianças. Suprimi um suplício físico; servindo à indústria, servi ao gênero humano.

Deve-se admirar a Providência, que se serve do pobre Jacquard para transformar um tear que alimenta milhares, que digo eu? milhões de homens na Terra; e é um inseto, cujo túmulo assalaria, transforma e nutre dois quintos do globo. Deus não é um mecânico maravilhoso? Criou o bicho da seda, esse engenhoso artista, no qual fez encontrar o mais vasto problema de economia política. Que ensinamento para os orgulhosos e os indiferentes!

Questão de máquinas! terrível questão! Cada invenção arranca a ferramenta e o pão de populações inteiras; o inventor é, pois, um inimigo próximo e um benfeitor distante; decuplica o poder da arte e da indústria; multiplica o trabalho no futuro; merece bem da Humanidade, mas, também, não causa um mal no presente? O primeiro inventor da máquina de fiar destruiu o recurso de muita gente. Quem fiava a matéria bruta senão a mãe de família, a pastora, as velhas? Por mínimo que fosse o seu salário, ao menos as vestia, as fazia viver de alguma maneira.

Semelhantes aos inventores de verdades religiosas, políticas ou morais, os inventores de máquinas revolucionam a matéria; precursores do futuro, abrem violentamente seu caminho através dos interesses, espezinhando o passado; assim, esperando uma recompensa longínqua, são amaldiçoados por seus concidadãos.

Pobre Humanidade! És estúpida se te deténs, cruel se avanças. Conforme Deus, não debes ficar estacionária, se não quiseses perpetuar o mal; mas, para fazer o bem, és revolucionária a despeito de tudo.

E é por isto que neste tempo de transição Deus vos diz: Sede espíritas, isto é, profundamente imbuídos de iniciativa moral e desinteressada, isto é, prestes a todos os sacrifícios, a fim de que vossa assistência se realize.

Como o bicho da seda, rastejei penosamente, sustentado pelos Espíritos bons; como ele, construi o meu casulo, dando tudo o que tinha; como ele, meus contemporâneos me desprezaram; mas, também, como ele, o Espírito renasce das cinzas para viver verdadeiramente e admirar esse mecânico dos mundos, esse Deus de luz e de bondade, que quis mostrar à minha cidade natal esse Espírito de verdade que a vivifica e a consola.

Jacquard

Depois de lida esta comunicação na Sociedade de Paris, na sessão de 12 de fevereiro de 1864, evocou-se o Espírito Jacquard, ao qual foram dirigidas as perguntas que se seguem, com as seguintes respostas.

**(Sociedade Espírita de Paris, 12 de fevereiro de 1864
– Médiun: Sr. Leymarie)**

Pergunta – Sem dúvida já deveis ter dado comunicações em Lyon; no entanto, não me lembro de ter visto comunicações vossas. Como foi que viestes dar a dissertação, que acabamos de ler, ao Sr. Leymarie, em Paris, e não em um dos centros espíritas de Lyon? Por que o Sr. Leymarie foi, de certo modo, constrangido a levantar-se bem cedo para escrever a comunicação? Enfim, que pensais do Espiritismo em Lyon?

Resposta – É natural que me tenha comunicado tanto em Paris quanto em minha cidade natal, porque os pais do médium são lioneses e, particularmente, porque conheci o seu avô, que me prestou importante serviço em circunstância excepcional. E depois, o médium me foi designado pelo Espírito de seu avô, que realiza no mundo dos Espíritos uma missão idêntica à minha. E como essa

missão me deixa alguns instantes livres, julguei não abusar do sono do médium, cujo devotamento, como o de tantos outros, é dedicado à causa a que serve.

Também desejava que meus compatriotas tivessem notícias minhas pela *Revista Espírita*. Estando sempre junto a eles, partilhando de suas alegrias e tristezas, não cessando de lhes dizer: “Amai-vos e vos estimai”, eu queria, unindo a minha a outras vozes mais influentes, estimulá-los, nesse momento de desemprego e de dificuldade, a se prepararem contra as eventualidades, contra o inimigo.

Por Lyon podeis compreender o que pode o Espiritismo interpretado com bom-senso. Em que se tornaram as violências do passado, essas recriminações injustas, essas rebeliões que ensangüentaram a colméia lionesa? E esses cabarés, outrora testemunhas de cenas licenciosas, por que hoje se esvaziam? É que a família retomou seus direitos por toda parte onde penetrou o Espiritismo e se fez sentir a sua influência benéfica; e por toda parte os operários espíritas retornaram à esperança, à ordem, ao trabalho inteligente, ao desejo de bem fazer, à vontade de progredir.

Em meu tempo foi a minha invenção que, não mais tornando o tecelão escravo da máquina, pôde regenerar todo um mundo de trabalhadores; e, por sua vez, é o Espiritismo que transforma o espírito dessa população, dando-lhe a verdadeira iniciação à vida; é toda uma legião de Espíritos bons que vêm abrir os olhos à inteligência e ao amor corações até então pervertidos.

Hoje o Espiritismo entra em nova fase, pois é tempo das aspirações generosas. A burguesia, ainda submetida ao alto clero, fica como espectadora do combate pacífico que a idéia nova oferece ao *non possumus* do passado. E todos esperam o fim da batalha, a fim de se colocarem ao lado dos vencedores.

Assim, caros compatriotas, escutai e segui os conselhos de Allan Kardec: são os de vossos Espíritos protetores. É por eles que afastareis o perigo das colisões e, mesmo, das coalizões. Quanto mais humildes e sérios, tanto mais fortes sereis. Os arrogantes arriarão a bandeira diante da verdade que os ofuscará; é então que se dará a transformação espiritual dessa grande cidade, que todos amamos e que quer bem particularmente à Sociedade Espírita de Paris, por sua fé no futuro e as boas esperanças que soube realizar.

Jacquard

Na mesma sessão, enquanto Jacquard escrevia a comunicação que acabamos de ler, outro médium, o Sr. d'Ambel, obtinha outra sobre o mesmo assunto, assinada pelo Espírito Vaucanson.

OBJETIVO FINAL DO HOMEM NA TERRA

Outrora os homens eram atrelados à charrua e sacrificados em trabalhos gigantescos. A construção das muralhas da Babilônia, onde vários carros marchavam lado a lado, a edificação das Pirâmides e a instalação da Esfinge custaram mais de dez batalhas sangrentas. Mais tarde os animais foram subjugados juntamente com os homens e vimos, na jovem Lutécia, bois atrelados arrastarem o carro onde se refestelavam os reis indolentes da segunda raça.

Este preâmbulo tem por objetivo mostrar aos que nos ouvem, que todas as perguntas feitas neste simpático centro aos Espíritos têm sua solução, por um ou outro de nós. Esse caro Jacquard, essa glória do tear, esse artesão engenhoso que caiu como um valente soldado no campo de honra do trabalho, tratou um lado das questões econômicas que se ligam ao labor humanitário. Ele me pôs um pouco em causa; falando das modificações que eu tinha feito na arte do tecelão, chamou-me, a bem dizer, para fazer a

minha parte nesse concerto espiritual. Eis por que, encontrando entre vós um médium, como eu nascido na velha cidade dos Allobroges, esta rainha do Grésivaudan, dele me apodero com a permissão de seus guias habituais e venho completar por uma parte a exposição que meu ilustre amigo de Lyon vos deu por outro médium.

Em sua dissertação, aliás muito notável, ainda exprime certas queixas que, sob o inventor, descobrem o operário cioso de seu ganha-pão e temeroso do desemprego homicida; sente-se que o pai de família se apavora com a suspensão do trabalho, do qual depende a vida dos seus; adivinha-se o cidadão que freme ante o desastre que pode atingir a maioria de seus compatriotas. Na verdade esse sentimento é dos mais honrosos, mas denota um ponto de vista de certa estreiteza. Venho tratar da mesma questão que Jacquard, se não mais largamente que ele, ao menos de um ponto de vista mais geral. Contudo, devo constatar, para homenagear a quem de direito, que a generosa conclusão da comunicação de meu amigo resgata amplamente o lado defeituoso que assinalo.

O homem não foi feito para ficar como instrumento ininteligente de produções; por suas aptidões e seu lugar na Criação, por seu destino, é chamado a outra função, além da máquina, a um outro papel, que não o do cavalo de carrossel; deve, nos limites fixados por seu adiantamento, chegar a produzir cada vez mais intelectualmente e, enfim, emancipar-se desse estado de servilismo e de engrenagem sem inteligência, a que, durante tantas gerações, ficou escravizado. O operário é chamado a tornar-se engenheiro, a ver seus braços laboriosos substituídos por máquinas mais ativas, mais infatigáveis e mais precisas; o artesão deve tornar-se artista e conduzir o trabalho mecânico por um esforço do seu pensamento, e não mais por um esforço braçal. Aí está a prova irrecusável desta lei tão vasta do progresso, que rege todas as humanidades.

Agora que vos é permitido entrever, por uma escapadela na vida futura, a verdade dos destinos humanos; agora que estais convencidos de que esta existência não passa de um dos elos de vossa vida imortal, podeis exclamar: Que importa que cem mil indivíduos sucumbam, quando uma máquina foi descoberta para fazer o trabalho desses cem mil? Para o filósofo, que se eleva acima dos preconceitos e interesses terrenos, o fato prova, com muita singeleza, que o homem não estava mais em seu caminho, quando se consagrava a esse labor condenado pela Providência. Com efeito, é no âmbito de sua inteligência que o homem, doravante, deve fazer passar a grade e a charrua que fecundam; é unicamente por sua inteligência que poderá e deverá chegar ao melhor.

Rogo que não deis às minhas palavras um sentido por demais revolucionário; não! Mas deixai-lhes o sentido largo e superior, que comporta um ensinamento espírita, que se dirige a inteligências já avançadas e prontas a compreender todo o alcance de nossas instruções. Está provado que, se de hoje para amanhã, o artesão abandonasse o tear que o faz viver, sob pretexto de que, num dado momento, este seria substituído por um mecanismo ou qualquer outro invento, por certo seguiria uma via fatal e contrária a todas as lições dadas pelo Espiritismo.

Mas todas as nossas reflexões não têm senão um objetivo: demonstrar que ninguém deve gritar contra um progresso que substitui braços humanos por molas e engrenagens mecânicas. Além disso, é bom acrescentar que a Humanidade pagou largo preço à miséria e que, penetrando cada vez mais em todas as camadas sociais, a instrução tornará cada indivíduo mais e mais apto para funções inteligentemente chamadas liberais.

É difícil a um Espírito, que se comunica pela primeira vez a um médium, exprimir seu pensamento com muita clareza. Assim, relevareis o desconcerto de minha comunicação, cuja conclusão aqui está em duas palavras: O homem é um agente espiritual que deve chegar, num tempo não muito distante, a

submeter ao seu serviço e para todas as operações materiais a própria matéria, dando-lhe por único motor a inteligência, que desabrocha nos cérebros humanos.

Vaucanson

Notas Bibliográficas

ANNALI DELLO SPIRITISMO IN ITALIA

(Anais do Espiritismo na Itália)

Sob esse título, a Sociedade Espírita de Turim começou uma publicação mensal, da qual recebemos os dois primeiros números. O objetivo eminentemente sério que se propõe essa sociedade, o talento e as luzes de seus membros, fazem bem augurar da direção que será dada a este novo órgão da doutrina. Graças a isto, e em razão do que está escrito em língua nacional, o Espiritismo fará seu caminho na Itália, onde já conta numerosas simpatias. A sociedade e seu jornal arvoraram claramente a bandeira da Sociedade de Paris. A seguinte passagem, traduzida do primeiro número, é uma espécie de profissão de fé, que indica suficientemente o espírito que preside à redação.

“...Aquele, pois, que quiser entregar-se ao estudo do Espiritismo comece, antes de tentar experiências, por ler as obras que tratam da matéria e a estudá-las atentamente, para não fazer como o viajor que, atravessando um país desconhecido, sem guia nem conselhos, a cada passo corre o risco de perder-se. E porque outros já aplainaram o terreno, quer a razão que se esclareçam por seus estudos, a fim de aprenderem a maneira de distinguir os Espíritos bons dos maus, e para saber como se deve agir, a fim de livrar-se destes últimos, não se deixar levar por seus embustes, nem serem vítimas dos males que daí pudessem resultar.

“Para isto recomendam-se como da mais alta utilidade as obras escritas em francês por um infatigável e sábio espírita, o Sr.

Allan Kardec, nas quais não se sabe o que mais louvar: se a retidão das intenções e a grandeza da filosofia, ou a clareza do estilo. Entre essas obras, as principais e as primeiras a ler são *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*. No primeiro se acha a teoria filosófica revelada, como o afirma o autor, pelos Espíritos superiores; e no segundo um tratado completo da prática do Espiritismo e a maneira de adquirir, se possível, a faculdade mediúnica.

“Mas nenhuma destas obras está ainda traduzida em italiano. E mesmo que estivessem, sua extensão seria um obstáculo a muita gente que as quisesse abordar. O próprio autor sentiu esta dificuldade, razão por que resumiu a parte essencial de *O Livro dos Espíritos* num opúsculo intitulado: *O Espiritismo na sua expressão mais simples*, o qual foi traduzido em nossa língua e publicado em Turim. Pode dizer-se que essa tradução deu a volta em toda a península, tendo sido vendido grande número de exemplares em todas as cidades da Itália.

“Mas como o autor não fez um resumo de *O Livro dos Médiuns*, e enquanto esperamos que o livro completo possa ser traduzido em italiano, tivemos a idéia de publicar uma síntese que, se não pode comparar-se ao de Allan Kardec, ao menos contém as principais advertências de primeira necessidade para os que tencionam aplicar-se ao estudo do Espiritismo prático. Esperamos que seja suficiente para indicar o caminho a seguir para conseguir pôr-se em relação com os Espíritos bons e afastar os inferiores e perversos.

“Estudado com pureza de sentimento, o Espiritismo pode tornar-se fonte das mais doces consolações para todos os homens de bem e desejosos do progresso.”

Um novo jornal acaba de surgir em Bordeaux, sob o título de: *O Salvador dos Povos, jornal do Espiritismo, propagador da unidade fraterna*. Diretor-gerente: A. Lefraise. Aparece

semanalmente. O título promete muito e impõe grandes obrigações, pois hoje já não basta a etiqueta. Tornaremos a falar dele quando tivermos podido apreciar a maneira pela qual se justificará. Se vier trazer uma pedra útil ao edifício, se vier, como diz, unir em vez de dividir, se a verdadeira caridade de palavras e de ação é seu guia para seus irmãos em crença, se a sua polêmica com os adversários de nossa doutrina não se afastar dos limites da moderação e de uma discussão leal, será bem-vindo e seremos felizes de o encorajar e o apoiar.

Uma nova obra do Sr. Allan Kardec, mais ou menos do mesmo volume de *O Livro dos Espíritos*, está no prelo desde dezembro. Deveria aparecer em fevereiro, mas atrasos involuntários na impressão, e os cuidados que esta exige, não o permitiram. Tudo nos faz esperar que poderemos anunciar a sua venda no próximo número. Destina-se a substituir a obra anunciada sob o título: *As vozes do mundo invisível*, cujo plano primitivo foi radicalmente mudado.

Necrológio

SR. P.-F. MATHIEU

(Antigo farmacêutico-chefe do Exército, membro de
várias sociedades científicas)

Morto em 12 de fevereiro de 1864, o Sr. Mathieu era muito conhecido no mundo espírita parisiense, onde freqüentava várias reuniões, nas quais tomava parte ativa. Tinha-se ocupado dos fenômenos espíritas desde a sua origem; conhecemo-lo quando fazíamos nossos primeiros trabalhos preliminares. A natureza de seu espírito o levava à dúvida e, muito tempo depois de ele mesmo ter experimentado, por meio da prancheta, recusava-se a reconhecer a ação dos Espíritos. Depois suas idéias se modificaram

e, nos últimos tempos, já não se mostrava tão radicalmente contrário à reencarnação. O Sr. Mathieu só dificilmente admitia, e com o tempo, o que não estivesse em suas idéias. Mas não era um adversário sistemático e, embora não partilhasse inteiramente as doutrinas expostas em *O Livro dos Espíritos*, devemos render-lhe justiça, pois, em sua polêmica, jamais se afastou dos limites da mais perfeita conveniência. Sua doçura e a honorabilidade de seu caráter o fizeram estimar e lamentar por todos os que o conheceram. Morreu no momento em que dava a última mão a uma importante obra sobre os convulsionários, que os Srs. Didier & Cia acabam de editar.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

ABRIL DE 1864

Nº 4

Bibliografia

À VENDA

Imitação do Evangelho

SEGUNDO O ESPIRITISMO⁴

Contendo a explicação das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e sua aplicação às diversas circunstâncias da vida.

Por ALLAN KARDEC

Com esta epígrafe: “Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.”

Abstemo-nos de qualquer reflexão sobre esta obra, limitando-nos a extrair da introdução a parte que indica o seu objetivo.

“Podem dividir-se em quatro partes as matérias contidas nos Evangelhos: *os atos comuns da vida do Cristo; os milagres;*

⁴ Um vol. grande in-12. Livraria dos Srs. Didier & Cia, 35, quai des Grands-Augustins; Ledoyen, no Palais-Royal, no escritório da *Revista Espírita*. Preço: 3 fr. 50 c.

as predições; e o ensino moral. As três primeiras partes têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos colocar-se, quaisquer que sejam suas crenças, porquanto jamais ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda parte se originaram das questões dogmáticas. Aliás, se o discutissem, nele teriam as seitas encontrado sua própria condenação, visto que, na maioria, elas se agarram mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo. Para os homens, em particular, constitui aquele código uma regra de proceder que abrange todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o princípio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça. É finalmente e acima de tudo, o roteiro infalível para a felicidade vindoura, o levantamento de uma ponta do véu que nos oculta a vida futura. Essa parte é a que será objeto exclusivo desta obra.

“Toda a gente admira a moral evangélica; todos lhe proclamam a sublimidade e a necessidade; muitos, porém, assim se pronunciam por fé, confiados no que ouviram dizer, ou firmados em certas máximas que se tornaram proverbiais. Poucos, no entanto, a conhecem a fundo e menos ainda são os que a compreendem e lhe sabem deduzir as conseqüências. A razão está, em grande parte, na dificuldade que apresenta o entendimento do Evangelho que, para o maior número dos seus leitores, é ininteligível. A forma alegórica e o intencional misticismo da linguagem fazem que a maioria o leia por descargo de consciência e por dever, como lêem as preces, sem as entender, isto é, sem proveito. Passam-lhes despercebidos os preceitos morais, disseminados aqui e ali, intercalados na massa das narrativas. Impossível, então, se lhes apanhar o conjunto e tomá-los para objeto de leitura e meditações especiais.

“É certo que tratados já se hão escrito de moral evangélica; mas, o arranjo em moderno estilo literário lhe tira a primitiva simplicidade que, ao mesmo tempo, lhe constitui o encanto e a autenticidade. Outro tanto cabe dizer-se das máximas destacadas e reduzidas à sua mais simples expressão proverbial. Desde logo, já não passam de aforismos, privados de uma parte do seu valor e interesse, pela ausência dos acessórios e das circunstâncias em que foram enunciadas.

“Para obviar a esses inconvenientes, reunimos, nesta obra, os artigos que podem compor, a bem dizer, um código de moral universal, sem distinção de culto. Nas citações, conservamos o que é útil ao desenvolvimento da idéia, pondo de lado unicamente o que se não prende ao assunto. Além disso, respeitamos escrupulosamente a tradução original de Sacy, assim como a divisão em versículos. Em vez, porém, de nos atermos a uma ordem cronológica impossível e sem vantagem real para o caso, grupamos e classificamos metodicamente as máximas, segundo as respectivas naturezas, de modo que decorram umas das outras, tanto quanto possível. A indicação dos números de ordem dos capítulos e dos versículos permite se recorra à classificação vulgar, em sendo oportuno.

“Esse, entretanto, seria um trabalho material que, por si só, apenas teria secundária utilidade. O essencial era pô-lo ao alcance de todos, mediante a explicação das passagens obscuras e o desdobramento de todas as conseqüências, tendo em vista a aplicação dos ensinamentos a todas as condições da vida. Foi o que tentamos fazer, com a ajuda dos Espíritos bons que nos assistem.

“Muitos pontos dos Evangelhos, da Bíblia e dos autores sacros em geral só são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por falta da chave que faculte se lhes apreenda o verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo, como já o puderam reconhecer os que o têm estudado seriamente e como todos, mais tarde, ainda melhor o reconhecerão. O

Espiritismo se nos depara por toda parte na antiguidade e nas diferentes épocas da Humanidade. Por toda parte se lhe descobrem os vestígios: nos escritos, nas crenças e nos monumentos. Essa a razão por que, ao mesmo tempo que rasga horizontes novos para o futuro, projeta luz não menos viva sobre os mistérios do passado.

“Como complemento de cada preceito, acrescentamos algumas instruções escolhidas, dentre as que os Espíritos ditaram em vários países e por diferentes médiuns. Se elas fossem tiradas de uma fonte única, houveram talvez sofrido uma influência pessoal ou a do meio, enquanto a diversidade de origens prova que os Espíritos dão indistintamente seus ensinamentos e que ninguém a esse respeito goza de qualquer privilégio.

“Esta obra é para uso de todos. Dela podem todos haurir os meios de conformar com a moral do Cristo o respectivo proceder. Aos espíritas oferece aplicações que lhes concernem de modo especial. Graças às relações estabelecidas, doravante e permanentemente, entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, que os próprios Espíritos ensinaram a todas as nações, já não será letra morta, porque cada um a compreenderá e se verá incessantemente compelido a pô-la em prática, a conselho de seus guias espirituais. As instruções que promanam dos Espíritos são verdadeiramente *as vozes do céu* que vêm esclarecer os homens e convidá-los *à imitação do Evangelho*.”

Autoridade da Doutrina Espírita

CONTROLE UNIVERSAL DO ENSINO DOS ESPÍRITOS⁵

Já abordamos esta questão em nosso último número, a propósito de um artigo especial (da perfeição dos seres criados); mas ela é de tal gravidade e tem conseqüências tão importantes

5 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, introdução, item II.

para o futuro do Espiritismo, que julgamos dever tratá-la de maneira mais completa.

Se a Doutrina Espírita fosse de concepção puramente humana, não ofereceria por penhor senão as luzes daquele que a houvesse concebido. Ora, ninguém, neste mundo, poderia alimentar fundadamente a pretensão de possuir, com exclusividade, a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram se houvessem manifestado a um só homem, nada lhe garantiria a origem, porquanto fora mister acreditar, sob palavra, naquele que dissesse ter recebido deles o ensino. Admitida, de sua parte, sinceridade perfeita, quando muito poderia ele convencer as pessoas de suas relações; conseguiria sectários, mas nunca chegaria a congregar todo o mundo.

Quis Deus que a nova revelação chegasse aos homens por caminho mais rápido e mais autêntico. Incumbiu, pois, os Espíritos de levá-la de um pólo a outro, manifestando-se por toda parte, sem conferir a ninguém o privilégio de lhes ouvir a palavra. Um homem pode ser ludibriado, pode enganar-se a si mesmo; já não será assim, quando milhões de criaturas vêem e ouvem a mesma coisa. Constitui isso uma garantia para cada um e para todos. Ao demais, pode fazer-se que desapareça um homem; mas não se pode fazer que desapareçam as coletividades; podem queimar-se os livros, mas não se podem queimar os Espíritos. Ora, queimassem-se todos os livros e a fonte da doutrina não deixaria de conservar-se inexaurível, pela razão mesma de não estar na Terra, de surgir em todos os lugares e de poderem todos dessedentar-se nela. Faltem os homens para difundi-la: haverá sempre os Espíritos, cuja atuação a todos atinge e aos quais ninguém pode atingir.

São, pois, os próprios Espíritos que fazem a propagação, com o auxílio dos inúmeros médiuns que, também eles, os Espíritos, vão suscitando de todos os lados. Se tivesse havido unicamente um intérprete, por mais favorecido que fosse, o

Espiritismo mal seria conhecido. Qualquer que fosse a classe a que pertencesse, tal intérprete houvera sido objeto das prevenções de muita gente e nem todas as nações o teriam aceitado, ao passo que os Espíritos se comunicam em todos os pontos da Terra, a todos os povos, a todas as seitas, a todos os partidos, e todos os aceitam. O Espiritismo não tem nacionalidade e não faz parte de nenhum culto existente; nenhuma classe social o impõe, visto que qualquer pessoa pode receber instruções de seus parentes e amigos de alémtúmulo. Cumpra-se assim, para que ele possa conduzir todos os homens à fraternidade. Se não se mantivesse em terreno neutro, alimentaria as dissensões, em vez de apaziguá-las.

Nessa universalidade do ensino dos Espíritos reside a força do Espiritismo e, também, a causa de sua tão rápida propagação. Enquanto a palavra de um só homem, mesmo com o concurso da imprensa, levaria séculos para chegar ao conhecimento de todos, milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente em todos os recantos do planeta, proclamando os mesmos princípios e transmitindo-os aos mais ignorantes, como aos mais doutos, a fim de que não haja deserdados. É uma vantagem de que não gozara ainda nenhuma das doutrinas surgidas até hoje. Se o Espiritismo, portanto, é uma verdade, não teme o malquerer dos homens, nem as revoluções morais, nem as subversões físicas do globo, porque nada disso pode atingir os Espíritos.

Não é essa, porém, a única vantagem que lhe decorre da sua excepcional posição. Ela lhe faculta inatacável garantia contra todos os cismas que pudessem provir, seja da ambição de alguns, seja das contradições de certos Espíritos. Tais condições, não há negar, são um escolho, mas que traz consigo o remédio, ao lado do mal.

Sabe-se que os Espíritos, em virtude da diferença entre as suas capacidades, longe se acham de estar, individualmente considerados, na posse de toda a verdade; que nem a todos é dado

penetrar certos mistérios; que o saber de cada um deles é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares mais não sabem do que muitos homens e até menos que certos homens; que entre eles, como entre estes, há presunçosos e pseudo-sábios, que julgam saber o que ignoram; sistemáticos, que tomam por verdades as suas idéias; enfim, que só os Espíritos da categoria mais elevada, os que já estão completamente desmaterializados, se encontram despidos das idéias e preconceitos terrenos; mas, também é sabido que os Espíritos enganadores não têm escrúpulo em tomar nomes que lhes não pertencem, para impingirem suas utopias. Daí resulta que, com relação a tudo o que seja fora do âmbito do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um possa receber terão caráter individual, sem cunho de autenticidade; que devem ser consideradas opiniões pessoais de tal ou qual Espírito e que imprudente fora aceitá-las e propagá-las levemente como verdades absolutas.

O primeiro controle é, sem contradita, o da razão, ao qual cumpre se submeta, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos. Toda teoria em manifesta contradição com o bom-senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura. Incompleto, porém, ficará esse exame em muitos casos, por efeito da falta de luzes de certas pessoas e das tendências de não poucas a tomar as próprias opiniões como juízes únicos da verdade. Assim sendo, que hão de fazer aqueles que não depositam confiança absoluta em si mesmos? Buscar o parecer da maioria e tomar por guia a opinião desta. De tal modo é que se deve proceder em face do que digam os Espíritos, que são os primeiros a nos fornecer os meios de consegui-lo.

A concordância no que ensinam os Espíritos é, pois, a melhor comprovação. Importa, no entanto, que ela se dê em determinadas condições. A mais fraca de todas ocorre quando um médium, a sós, interroga muitos Espíritos acerca de um ponto

duvidoso. É evidente que, se ele estiver sob o império de uma obsessão, ou lidando com um Espírito mistificador, este lhe pode dizer a mesma coisa sob diferentes nomes. Tampouco garantia alguma suficiente haverá na conformidade que apresente o que se possa obter por diversos médiuns, num mesmo centro, porque podem estar todos sob a mesma influência.

Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares.

Vê-se bem que não se trata aqui das comunicações referentes a interesses secundários, mas do que respeita aos mesmos princípios da doutrina. Prova a experiência que, quando um princípio novo tem de ser anunciado, isso se dá *espontaneamente* em diversos pontos ao mesmo tempo e de modo idêntico, se não quanto a forma, quanto ao fundo.

Se, portanto, aprouver a um Espírito formular um sistema excêntrico, baseado unicamente nas suas idéias e com exclusão da verdade, pode ter-se a certeza de que tal sistema conservar-se-á *circunscrito* e cairá, diante das instruções dadas de todas as partes, conforme os múltiplos exemplos que já se conhecem. Foi essa unanimidade que pôs por terra todos os sistemas parciais que surgiram na origem do Espiritismo, quando cada um explicava à sua maneira os fenômenos, e antes que se conhecessem as leis que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível.

Essa a base em que nos apoiamos, quando formulamos um princípio da doutrina. Não é porque esteja de acordo com as nossas idéias que o temos por verdadeiro. Não nos arvoramos, absolutamente, em árbitro supremo da verdade e a ninguém dizemos: “Crede em tal coisa, porque somos nós que vo-lo

dizemos.” A nossa opinião não passa, aos nossos próprios olhos, de uma opinião pessoal, que pode ser verdadeira ou falsa, visto não nos considerarmos mais infalíveis do que qualquer outro. Também não é porque um princípio nos foi ensinado que, para nós, ele exprime a verdade, mas porque recebeu a sanção da concordância.

Esse controle universal constitui uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. Aí é que, no porvir, se encontrará o critério da verdade. O que deu lugar ao êxito da doutrina exposta em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns* foi que em toda a parte todos receberam diretamente dos Espíritos a confirmação do que esses livros contêm. Se de todos os lados tivessem vindo os Espíritos contradizê-la, já de há muito haveriam aquelas obras experimentado a sorte de todas as concepções fantásticas. Nem mesmo o apoio da imprensa as salvaria do naufrágio, ao passo que, privadas como se viram desse apoio, não deixaram de abrir caminho e de avançar celeremente. É que tiveram o dos Espíritos, cuja boa vontade não só compensou, como também sobrepujou o malquerer dos homens. Assim sucederá a todas as idéias que, emanando quer dos Espíritos, quer dos homens, não possam suportar a prova desse confronto, cuja força a ninguém é lícito contestar.

Suponhamos praza a alguns Espíritos ditar, sob qualquer título, um livro em sentido contrário; suponhamos mesmo que, com intenção hostil, objetivando desacreditar a doutrina, a malevolência suscitasse comunicações apócrifas; que influência poderiam exercer tais escritos, desde que de todos os lados os desmentissem os Espíritos? É com a adesão destes que se deve garantir aquele que queira lançar, em seu nome, um sistema qualquer. Do sistema de um só ao de todos, medeia a distância que vai da unidade ao infinito. Que poderão conseguir os argumentos dos detratores, sobre a opinião das massas, quando milhões de vozes amigas, provindas do Espaço, se façam ouvir em todos os

recantos do Universo e no seio das famílias, a infirmá-los? A esse respeito já não foi a teoria confirmada pela experiência. Que é feito das inúmeras publicações que traziam a pretensão de arrasar o Espiritismo? Qual a que, sequer, lhe retardou a marcha? Até agora, não se considera a questão desse ponto de vista, sem contestação um dos mais graves. Cada um contou consigo, sem contar com os Espíritos.

De tudo isso ressalta uma verdade capital: a de que aquele que quisesse opor-se à corrente de idéias estabelecida e sancionada poderia, é certo, causar uma pequena perturbação local e momentânea; nunca, porém, dominar o conjunto, mesmo no presente, nem, ainda menos, no futuro.

Também ressalta que as instruções dadas pelos Espíritos sobre os pontos ainda não elucidados da Doutrina não constituirão lei, enquanto essas instruções permanecerem insuladas; que elas não devem, por conseguinte, ser aceitas senão sob todas as reservas e a título de esclarecimento.

Daí a necessidade da maior prudência em dar-lhes publicidade; e, caso se julgue conveniente publicá-las, importa não as apresentar senão como opiniões individuais, mais ou menos prováveis, porém, carecendo sempre de confirmação. Essa confirmação é que se precisa aguardar, antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, a menos se queira ser acusado de leviandade ou de credulidade irrefletida.

Com extrema sabedoria procedem os Espíritos superiores em suas revelações. Não atacam as grandes questões da Doutrina senão gradualmente, à medida que a inteligência se mostra apta a compreender verdade de ordem mais elevada e quando as circunstâncias se revelam propícias à emissão de uma idéia nova. Por isso é que logo de princípio não disseram tudo, e tudo ainda hoje não disseram, jamais cedendo à impaciência dos

mais afoitos, que querem os frutos antes de estarem maduros. Fora, pois, supérfluo pretender adiantar-se ao tempo que a Providência assinou para cada coisa, porque, então, os Espíritos verdadeiramente sérios negariam o seu concurso. Os Espíritos levianos, pouco se preocupando com a verdade, a tudo respondem; daí vem que, sobre todas as questões prematuras, há sempre respostas contraditórias.

Os princípios acima não resultam de uma teoria pessoal: são consequência forçada das condições em que os Espíritos se manifestam. É evidente que, se um Espírito diz uma coisa de um lado, enquanto milhões de outros dizem o contrário algures, a presunção de verdade não pode estar com aquele que é o único ou quase o único de tal parecer. Ora, pretender alguém ter razão contra todos seria tão ilógico da parte dos Espíritos, quanto da parte dos homens. Os Espíritos verdadeiramente ponderados, se não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, *nunca* a resolvem de modo absoluto; declaram que apenas a tratam do seu ponto de vista e aconselham que se guarde a confirmação.

Por grande, bela e justa que seja uma idéa, impossível é que desde o primeiro momento congregue todas as opiniões. Os conflitos que daí decorrem são consequência inevitável do movimento que se opera; eles são mesmo necessários para maior realce da verdade e convém se produzam desde logo, para que as idéias falsas prontamente sejam postas de lado. Os espíritas que a esse respeito alimentassem qualquer temor podem ficar perfeitamente tranqüilos: todas as pretensões insuladas cairão, pela força mesma das coisas, diante do enorme e poderoso critério da concordância universal.

Não será à opinião de um homem que se aliarão os outros, mas à voz unânime dos Espíritos; não será um homem, *nem nós, nem qualquer outro* que fundará a ortodoxia espírita; tampouco será um Espírito que se venha impor a quem quer que seja: será a

universalidade dos Espíritos que se comunicam em toda a Terra, por ordem de Deus. Esse o caráter essencial da Doutrina Espírita; essa a sua força, a sua autoridade. Quis Deus que a sua lei assentasse em base inamovível e por isso não lhe deu por fundamento a cabeça frágil de um só.

Diante de tão poderoso areópago, onde não se conhecem camarilhas, nem rivalidades ciosas, nem seitas, nem nações, é que virão quebrar-se todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões à supremacia individual; é que nos quebraríamos nós mesmos, se quiséssemos substituir os seus decretos soberanos pelas nossas próprias idéias. Só Ele decidirá todas as questões litigiosas, imporá silêncio às dissidências e dará razão a quem a tenha. Diante desse imponente acordo de todas *as vozes do Céu*, que pode a opinião de um homem ou de um Espírito? menos do que a gota d'água que se perde no oceano, menos do que a voz da criança que a tempestade abafa.

A opinião universal, eis o juiz supremo, o que se pronuncia em última instância. Formam-na todas as opiniões individuais. Se uma destas é verdadeira, apenas tem na balança o seu peso relativo. Se é falsa, não pode prevalecer sobre todas as demais. Nesse imenso concurso, as individualidades se apagam, o que constitui novo insucesso para o orgulho humano.

Já se desenha o harmonioso conjunto. Este século não passará sem que ele resplandeça em todo o seu brilho, de modo a dissipar todas as incertezas, porquanto daqui até lá potentes vozes terão recebido a missão de se fazerem ouvir, para congregar os homens sob a mesma bandeira, uma vez que o campo se ache suficientemente lavrado. Enquanto isso não se dá, aquele que flutue entre dois sistemas opostos pode observar em que sentido se forma a opinião geral; essa será a indicação certa do sentido em que se pronuncia a maioria dos Espíritos, nos diversos pontos em que se comunicam, e um sinal não menos certo de qual dos dois sistemas prevalecerá.

Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas

Esta instrução é feita visando, sobretudo, pessoas que nenhuma noção possuem do Espiritismo, e às quais se quer dar uma idéia sucinta em poucas palavras. Nos grupos ou reuniões espíritas, onde se acham assistentes novatos, ela pode servir utilmente de preâmbulo às sessões, conforme as necessidades.

As pessoas estranhas ao Espiritismo, não compreendendo nem o seu objetivo nem os seus meios, quase sempre fazem dele uma idéia completamente falsa. O que lhes falta, sobretudo, é o conhecimento do princípio, a chave primeira do fenômeno; em falta disto, o que elas vêem e ouvem é sem proveito e sem interesse. É fato constatado pela experiência que a simples vista ou o relato dos fenômenos não basta para convencer. Aquele mesmo que testemunha fatos capazes de o confundir, fica mais admirado que convencido; quanto mais extraordinário lhe parece o efeito, tanto mais o suspeita. Um estudo prévio, sério, é o único meio de levar à convicção; muitas vezes mesmo isto basta para mudar inteiramente o curso das idéias. Em todo o caso, ele é indispensável para a inteligência dos mais simples fenômenos. Na falta de uma instrução completa, que não pode ser dada em algumas palavras, um resumo sucinto da lei que rege as manifestações bastará para fazer considerar a coisa sob sua verdadeira luz pelas pessoas ainda não iniciadas. É a primeira baliza que damos na breve instrução a seguir. Todavia, é necessária uma observação prévia.

Em geral os incrédulos são inclinados a suspeitar da boa-fé dos médiuns e supor o emprego de meios fraudulentos. Além de injuriosa em relação a certas pessoas, é preciso, antes de tudo, perguntar qual o interesse que estas poderiam ter em enganar e representar, ou fazer representar uma comédia. A melhor garantia

de sinceridade está no desinteresse absoluto, pois onde nada há a ganhar, o charlatanismo não tem razão de ser.

Quanto à realidade dos fenômenos, cada um pode constatar-la, se se colocar em condições favoráveis e se trazer à observação dos fatos a paciência, a perseverança e a imparcialidade necessárias.

1 – O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais decorrentes dessas relações.

2 – Os Espíritos não são, como muitas vezes os imaginam, seres à parte na Criação; são as almas dos que viveram na Terra ou em outros mundos. As almas ou Espíritos são, pois, uma só e mesma coisa; donde se segue que quem quer que creia na existência da alma, por isso mesmo crê na dos Espíritos.

3 – Geralmente fazem uma idéia muito falsa do estado dos Espíritos; eles não são, como alguns pensam, seres vagos e indefinidos, nem chamas, como fogos-fátuos, nem fantasmas como nos contos de aparições. São seres semelhantes a nós, tendo um corpo como o nosso, mas fluídico e invisível em estado normal.

4 – Quando a alma está unida ao corpo durante a vida, tem um envoltório duplo: um pesado, grosseiro e destrutível, que é o corpo; outro fluídico, leve e indestrutível, chamado *perispírito*. O perispírito é o laço que une a alma ao corpo; é por seu intermédio que a alma faz o corpo agir e percebe as sensações experimentadas pelo corpo.

5 – A morte é apenas a destruição do envoltório grosseiro; a alma abandona esse envoltório como quem deixa uma

roupa usada, ou como a borboleta, que deixa a sua crisálida. Mas conserva o seu corpo fluídico, ou perispírito.

A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui *o homem*; a alma e o perispírito, separados do corpo, constituem o ser chamado *Espírito*.

6 – A morte do corpo liberta o Espírito do envoltório que o prendia à Terra e o fazia sofrer; uma vez livre desse fardo, tem apenas o seu corpo etéreo, que lhe faculta percorrer o espaço e transpor distâncias com a rapidez do pensamento.

7 – O fluido que compõe o perispírito penetra todos os corpos e os atravessa, como a luz atravessa os corpos transparentes; nenhuma matéria lhe constitui obstáculo. É por isso que os Espíritos penetram em toda parte, nos lugares mais hermeticamente fechados. É uma idéia ridícula crer que entrem por uma pequena abertura, como o buraco de uma fechadura ou o tubo da chaminé.

8 – Os Espíritos povoam o espaço; constituem o mundo invisível que nos rodeia, em meio do qual vivemos, e com o qual estamos em contato incessante.

9 – Os Espíritos têm todas as percepções que tinham na Terra, mas em mais alto grau, porque suas faculdades não são amortecidas pela matéria; têm sensações que nos são desconhecidas; vêem e ouvem coisas que os nossos sentidos limitados não nos permitem ver nem ouvir. Para eles não há escuridão, salvo para aqueles cuja punição é ficarem temporariamente nas trevas. Todos os nossos pensamentos repercutem neles e aí lêem como num livro aberto, de sorte que aquilo que podemos ocultar a alguém, quando vivo, não o podemos mais, desde que ele é Espírito.

10 – Os Espíritos conservam as afeições sérias que tinham na Terra; sentem prazer em buscar os que os amaram, sobretudo quando atraídos pelo pensamento e pelos sentimentos afetuosos que lhes consagram, ao passo que são indiferentes para os que só lhes votam indiferença.

11 – Os Espíritos podem manifestar-se de muitas maneiras diferentes: pela visão, audição, tato, ruídos, movimentos de corpos, escrita, desenho, música, etc. Manifestam-se por meio de pessoas dotadas de uma aptidão especial para cada gênero de manifestação, e que se distinguem sob o nome de médiuns. É assim que se distinguem os médiuns videntes, falantes, audientes, sensitivos, de efeitos físicos, desenhistas, tiptologistas, escreventes, etc. Entre os médiuns escreventes há numerosas variedades, conforme a natureza das comunicações que são aptos a receber.

12 – Embora invisível para nós em estado normal, o perispírito não deixa de ser matéria etérea. Em certos casos o Espírito pode fazê-lo sofrer uma espécie de modificação molecular, que o torna visível e mesmo tangível; é assim que se produzem as aparições. Esse fenômeno não é mais extraordinário que o do vapor, invisível quando rarefeito, e que se torna visível quando condensado.

Os Espíritos que se tornam visíveis apresentam-se quase sempre sob a aparência que tinham em vida, o que permite sejam reconhecidos.

13 – É com o auxílio de seu perispírito que o Espírito agia sobre o seu corpo vivo; é ainda com esse mesmo fluido que se manifesta, agindo sobre a matéria inerte, produzindo ruídos, movimentos das mesas e outros objetos, que levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno nada tem de surpreendente se se considerar que, entre nós, os mais poderosos motores se acham nos fluidos mais rarefeitos e, mesmo, imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com o auxílio de seu perispírito que o Espírito faz que os médiuns escrevam, falem e desenhem. Não tendo corpo tangível para agir ostensivamente quando quer manifestar-se, serve-se do corpo do médium, de cujos órgãos se apodera, fazendo-os agir como se fosse seu próprio corpo, e isto pelo eflúvio fluídico, que sobre ele derrama.

14 – É pelo mesmo meio que o Espírito age sobre a mesa, quer para movê-la sem significação determinada, quer para fazê-la dar batidas inteligentes, indicando a letra do alfabeto, para formar palavras e frases, fenômeno designado sob o nome de *tiptologia*. Aí a mesa não passa de um instrumento, de que ele se serve, como do lápis para escrever. Dá-lhe uma vitalidade momentânea, pelo fluido com que a penetra, mas não se identifica com ela. As pessoas que, emocionadas, ao verem manifestar-se um ser que lhes é caro, beijam a mesa, cometem um ato ridículo, porque é absolutamente como se beijassem o bastão de que o amigo se serve para dar batidas. Acontece o mesmo com as que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito estivesse encerrado na madeira, ou como se esta se tivesse tornado Espírito.

Quando ocorrem comunicações por esse meio, é preciso imaginar o Espírito, não na mesa, mas ao lado, tal como em vida e como seria visto se, nesse momento, se tornasse visível. Dá-se o mesmo nas comunicações pela escrita; ver-se-ia o Espírito ao lado do médium, dirigindo-lhe a mão ou lhe transmitindo o pensamento por uma corrente fluídica.

Quando a mesa se afasta do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a levanta pela força do braço, mas a envolve e a penetra de uma espécie de atmosfera fluídica, que neutraliza a ação da gravidade, como faz o ar com os balões e papagaios de papel. O fluido de que é penetrada lhe dá momentaneamente uma maior leveza específica. Quando cravada ao solo, está no caso da campânula pneumática, sob a qual se faz o

vácuo. São apenas comparações, para mostrar a analogia dos efeitos, e não a similitude absoluta das causas.

Depois disto, compreende-se que ao Espírito não é mais difícil levantar uma pessoa do que erguer uma mesa, transportar um objeto de um a outro lugar ou atirá-lo em qualquer parte. Esses fenômenos são produzidos pela mesma lei.

Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito que corre, pois pode ficar tranqüilamente no mesmo lugar, mas lhe dá o impulso por uma corrente fluídica, com o auxílio da qual a faz mover-se à vontade.

Quando as batidas são ouvidas na mesa ou alhures, o Espírito não bate com a mão, nem com um objeto qualquer; dirige um jato de fluido sobre o ponto de onde parte o ruído, produzindo o efeito de um choque elétrico. Modifica o ruído, como se pode modificar os sons produzidos pelo ar.

15 – Por estas poucas palavras pode ver-se que as manifestações espíritas, sejam de que natureza forem, nada têm de sobrenatural ou maravilhoso. São fenômenos que se produzem em virtude da lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, lei tão natural quanto as da eletricidade, da gravitação, etc. O Espiritismo é a ciência que nos dá a conhecer essa lei, como a mecânica nos dá a conhecer a lei do movimento e a óptica a da luz. Estando na Natureza, as manifestações espíritas se não produzido em todas as épocas. O conhecimento da lei que as rege explica uma imensidão de problemas olhados como insolúveis. É a chave de uma porção de fenômenos explorados e amplificados pela superstição.

16 – Afastado completamente o maravilhoso, esses fenômenos nada mais têm que repugne à razão, porque vêm tomar lugar ao lado dos outros fenômenos naturais. Nos tempos de ignorância, todos os efeitos cujas causas não eram conhecidas eram

reputados sobrenaturais. As descobertas da Ciência têm restringido sucessivamente o círculo do maravilhoso; o conhecimento dessa nova lei vem reduzi-lo a nada. Aqueles, pois, que acusam o Espiritismo de ressuscitar o maravilhoso, provam, por isto mesmo, que falam do que não conhecem.

17 – Uma idéia mais ou menos geral entre pessoas que não conhecem o Espiritismo é crer que os Espíritos, apenas porque estão desprendidos da matéria, devem saber tudo e possuir a soberana sabedoria. Isto é um erro grave. Deixando seu invólucro corporal, não se despojam imediatamente de suas imperfeições; só com o tempo se depuram e se melhoram.

Sendo os Espíritos as almas dos homens, como há homens de todos os graus de saber e de ignorância, de bondade e de malvadez, também os há entre os Espíritos. Existem os que são levianos e brincalhões; os que são mentirosos, velhacos, hipócritas, maus e vingativos; outros, ao contrário, possuem as mais sublimes virtudes e o saber em grau desconhecido na Terra. Essa diversidade na qualidade dos Espíritos é um dos pontos mais importantes a considerar, pois explica a natureza boa ou má das comunicações que se recebem. É preciso que nos empenhemos em as distinguir.

Disto resulta que não basta dirigir-se a um Espírito qualquer para obter uma resposta justa para cada pergunta, pois o Espírito responderá conforme o que sabe e, muitas vezes, dará apenas a sua opinião pessoal, que pode estar certa ou errada. Se for prudente, confessará sua ignorância sobre o que não sabe; se leviano ou mentiroso, responderá a tudo, sem se preocupar com a verdade; se orgulhoso, dará sua idéia como verdade absoluta. É por isto que São João, o Evangelista, diz: *Não creiais em todo Espírito; antes, provai se os Espíritos são de Deus.*⁶ A experiência prova a sabedoria deste conselho. Seria, pois, imprudência e leviandade aceitar sem controle tudo o que vem dos Espíritos.

6 N. do T.: Vide I João, 4:1.

Os Espíritos só podem responder sobre o que sabem e, ainda, sobre o que lhes é permitido dizer, porquanto há coisas que não devem revelar, porque ainda não é dado ao homem tudo conhecer.

18 – Reconhece-se a qualidade dos Espíritos por sua linguagem. A dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de toda trivialidade, puerilidade ou contradição; transpira sabedoria, benevolência e modéstia; é concisa e sem palavras inúteis. A dos Espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos é isenta dessas qualidades; o vazio das idéias aí é quase sempre compensado pela abundância de palavras.

19 – Outro ponto a considerar, igualmente essencial, é que os Espíritos são livres; comunicam-se quando querem e a quem lhes convém e, também, quando podem, pois têm as suas ocupações. Não estão às ordens e ao capricho de quem quer que seja, e a ninguém é dado fazê-los vir contra a sua vontade, nem a dizer o que querem calar. Daí por que ninguém pode afirmar que um Espírito qualquer virá a seu apelo em determinado momento, ou responderá a esta ou àquela pergunta. Dizer o contrário é provar absoluta ignorância dos princípios mais elementares do Espiritismo. Só o charlatanismo tem fontes infalíveis.

20 – Os Espíritos são atraídos pela simpatia, pela similitude dos gostos e dos caracteres, pela intenção que faz desejada a sua presença. Os Espíritos superiores não vão a reuniões fúteis, assim como um cientista da Terra não iria a uma assembléia de jovens estouvados. Diz o simples bom-senso que não pode ser de outro modo; ou, se por vezes aí vão, é para dar um conselho salutar, combater os vícios, tentar reconduzi-los ao bom caminho; se não são ouvidos, retiram-se. Seria fazer uma idéia completamente falsa pensar que Espíritos sérios se comprazem em responder a futilidades, a perguntas ociosas, que não provam afeição nem respeito por eles, nem sincero desejo de instruir-se e,

ainda menos, que possam vir dar espetáculo para divertir curiosos. Se não o fizeram em vida, não o farão depois de mortos.

21 – Do que precede, resulta que toda reunião espírita, para ser proveitosa, deve, como primeira condição, ser séria e recolhida; que tudo aí deve passar-se respeitosamente, religiosamente e com dignidade, caso se queira obter o concurso habitual dos Espíritos bons. É preciso não esquecer que se esses mesmos Espíritos aí se tivessem apresentado quando vivos, teriam tido por eles considerações às quais têm ainda mais direito depois da morte.

Em vão alegam a utilidade de certas experiências curiosas, frívolas e divertidas, para converter os incrédulos: o resultado é completamente oposto ao que se espera. O incrédulo, já disposto a zombar das mais sagradas crenças, não pode ver uma coisa séria naquilo de que fazem uma brincadeira; não pode ser levado a respeitar aquilo que não lhe é apresentado de modo respeitável. Assim, reuniões fúteis e levianas, dessas onde não há ordem, nem seriedade, nem recolhimento, ele sempre leva uma impressão má. O que, sobretudo, o pode convencer, é a prova da presença de seres cuja memória lhe é cara; é diante de suas palavras graves e solenes, de revelações íntimas que o vemos empalidecer e comover-se. Mas, justamente porque deve haver mais respeito, veneração, afeição à pessoa cuja alma se lhe apresenta, ele fica chocado, escandalizado de vê-la comparecer a uma assembléia irreverente, entre mesas que dançam e gracejos de Espíritos levianos. Por mais incrédulo que seja, sua consciência repele essa aliança entre o sério e o frívolo, o religioso e o profano, razão por que tacha tudo de hipocrisia, saindo, muitas vezes, menos convencido do que quando havia entrado.

As reuniões dessa natureza sempre fazem mais mal do que bem, porque afastam da doutrina mais pessoas do que atraem, sem contar que se expõem à crítica dos detratores, que aí acham fundados motivos para a zombaria.

22 – É erro fazer das manifestações físicas uma diversão. Se elas não têm a importância do ensino filosófico, têm sua utilidade, do ponto de vista dos fenômenos, porque são o á-bê-cê da ciência, do qual deram a chave. Embora hoje menos necessárias, ainda ajudam a convicção de certas pessoas. Mas não excluem, absolutamente, a ordem e o comedimento nas reuniões onde se fazem experiências. Se fossem sempre praticadas de maneira conveniente, convenceriam mais facilmente e produziriam, sob todos os aspectos, resultados muito melhores.

23 – Sem dúvida estas explicações são muito incompletas e, necessariamente, podem provocar numerosas perguntas. Mas não se deve perder de vista que isto não é um curso de Espiritismo. Tais quais são, bastam para mostrar a base sobre a qual ele repousa, o caráter das manifestações e o grau de confiança que podem inspirar, conforme as circunstâncias.

Quanto à utilidade das manifestações, ela é imensa, por suas conseqüências. Mas, ainda que só tivessem como resultado dar a conhecer uma nova lei da Natureza, demonstrar materialmente a existência da alma e a sua imortalidade, já seria muito, porque abriria uma larga via à filosofia.

Correspondência

SOCIEDADES DE ANTUÉRPIA E DE MARSELHA

Antuérpia, 27 de fevereiro de 1864.

Caro mestre, temos a honra de vos informar que acabamos de constituir em Antuérpia uma nova sociedade, sob a denominação de *Círculo Espírita Amor e Caridade*.

Como vereis pelo art. 2º do regulamento, nós nos colocamos sob o patrocínio da sociedade central de Paris, assim

como sob o vosso. Em consequência, declaramos congregar-nos à doutrina contida em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*.

Temos a firme vontade de trilhar o caminho dos verdadeiros espíritas; isto significa dizer que a caridade é o objetivo principal de nossas reuniões. A fim de que fiquéis bem convencido da sinceridade de nossos sentimentos, dignai-vos consultar o presidente espiritual de vossa sociedade; por mais fracos que, até agora, tenham sido os nossos esforços, estes não são sinceros e, sob tal ponto de vista, temos a convicção de que, para ele, já não somos estranhos.

Temos a honra de vos remeter, anexa, uma das comunicações obtidas em nosso círculo, por meio de um médium falante, para que possais julgar de nossas tendências... etc.

Observação – Com efeito, esta carta foi acompanhada por uma comunicação muito extensa, que testemunha o bom caminho em que se encontra essa sociedade.

No mesmo sentido recebemos outra carta, de parte da Sociedade Espírita de Marselha⁷.

Marselha, 21 de março de 1864.

Senhor Presidente,

Temos a honra de vos anunciar a formação de nossa nova sociedade, que toma o nome de *Sociedade Marselhesa de Estudos Espíritas*, e cuja autorização acaba de ser concedida pelo Sr. senador encarregado da administração do Departamento de Bouches-du-Rhône.

7 **N. do T.:** *Bruxelles* no original, embora Kardec esteja se referindo a Marselha.

Ajudados por vossos bons conselhos, caro mestre, faremos todos os esforços para marchar nas pegadas de nossos irmãos de Paris, cujo regulamento adotamos para a ordem de nossas sessões. Colocando-nos sob o patrocínio da respeitável Sociedade de Paris, como ela inscrevemos em nossa bandeira: *Fora da caridade não há salvação.*

O Sr. Dr. C..., nosso presidente, também terá a honra de vos escrever logo depois da inauguração.

No interesse da causa, senhor, nós vos rogamos a bondade de dar à nossa sociedade a publicidade que julgardes conveniente, a fim de congregar os adeptos sinceros.

Recebei, etc.

Já temos dito que entre as sociedades espíritas, que tanto se formam na França quanto no estrangeiro, o maior número declara colocar-se sob o patrocínio da Sociedade de Paris. Todas as cartas a nós dirigidas a propósito são concebidas no mesmo espírito que as publicadas acima. Essas adesões, dadas espontaneamente, atestam os princípios que prevalecem entre os espíritas, e a Sociedade de Paris não pode deixar de sensibilizar-se com essas marcas de simpatia, que provam a séria intenção de marchar sob a mesma bandeira. Isto não quer dizer que outras, que não fizeram essa declaração oficial, sigam outra orientação; longe disto. A correspondência que mantêm conosco é garantia suficiente de seus sentimentos e da boa direção de seus estudos. Um número muito grande de reuniões, aliás, não tem o caráter de sociedades propriamente ditas e, em grande parte, não passam de simples grupos. Fora das sociedades e dos grupos regulares, as reuniões de família, onde só recebem conhecimentos íntimos, são inumeráveis e se multiplicam diariamente, sobretudo nas classes elevadas.

Instruções dos Espíritos

PROGRESSÃO DO GLOBO TERRESTRE⁸

(Ditado espontâneo, integrando uma série de instruções sobre a teoria dos fluidos)

(Paris, 11 de novembro de 1863)

A progressão de todas as coisas leva necessariamente à *transsubstanciação*, e a mediunidade espiritual é uma das forças da Natureza que lá fará chegar mais rapidamente o nosso planeta, porque, como todos os mundos, deve sofrer a lei da transformação e do progresso. Não só o seu *pessoal humano*, mas todas as suas produções minerais, vegetais e animais, seus gases e seus fluidos imponderáveis, também devem aperfeiçoar-se e se transformar em substâncias mais depuradas. A Ciência, que já trabalhou esta questão tão interessante da formação deste mundo, reconheceu que ele não foi criado de uma palavra, como diz o Gênesis, numa sublime alegoria, mas que sofreu, numa longa sucessão de séculos, transformações que produziram camadas minerais de diversas naturezas. Seguindo a gradação dessas camadas, aparecem sucessivamente e se multiplicam as produções vegetais; mais tarde encontram-se traços dos animais, o que indica que somente nessa época os corpos organizados haviam encontrado a possibilidade de viver.

Estudando a progressão dos seres animados, como se fez com os minerais e os vegetais, reconhece-se que esses seres, a princípio moluscos, elevaram-se gradualmente na escala animal e que sua progressão acompanhou a das produções e a da depuração do solo; nota-se, ao mesmo tempo, o desaparecimento de certas espécies, desde que as condições físicas necessárias à sua vida não mais existem. Foi assim, por exemplo, que os grandes sáurios, monstros anfíbios, e os mamíferos gigantes, dos quais hoje só se encontram os fósseis, desapareceram completamente da Terra, com as condições de existência que as inundações lhes haviam

8 Nota da Editora: Ver “Nota Explicativa”, p. 537.

criado. Sendo os dilúvios um dos meios de transformação da Terra, foram quase gerais, isto é, durante um certo período, causaram forte comoção no globo e assim determinaram produções vegetais e fluidos atmosféricos diferentes. Assim como todos os seres orgânicos, o homem apareceu na Terra quando nela pôde encontrar as condições necessárias à sua existência.

Aí pára a *criação material* que depende apenas das forças da Natureza; aí começa o papel do Espírito encarnado no homem para o trabalho, pois deve concorrer para a obra comum; trabalhando para si mesmo, o homem trabalha para a melhora geral. Assim, desde as primeiras raças, vemo-lo a cultivar a terra, fazê-la produzir para suas necessidades corporais e, desse modo, provocar transformações em seu solo, em seus produtos, em seus gases e em seus fluidos. Quanto mais se povoa a Terra, tanto mais os homens a trabalham, a cultivam, a saneiam, tanto mais abundantes e variados são os seus produtos; a depuração de seus fluidos pouco a pouco leva ao desaparecimento das espécies vegetais e animais venenosas e nocivas ao homem, que já não podem subsistir num ar muito depurado e muito sutil para a sua organização, e não mais lhes fornece os elementos necessários à sua manutenção. O estado sanitário do globo melhorou sensivelmente desde a sua origem; mas como ainda deixa muito a desejar, é indício de que melhorará ainda pelo trabalho e pela indústria do homem. Não é sem propósito que este é impelido a estabelecer-se nas regiões mais ingratas e mais insalubres; já tornou habitáveis regiões infestadas por animais imundos e miasmas deletérios; pouco a pouco as transformações que faz sofrer o solo levarão à depuração completa.

Pelo trabalho o homem aprende a conhecer e dirigir as forças da Natureza. Pode-se acompanhar na História o fio das descobertas e das conquistas do espírito humano e a aplicação delas feitas para as suas necessidades e satisfações. Mas seguindo essa fiação, deve-se notar também que o homem se delineou, desmaterializou-se; e se se quiser fazer um paralelo do homem de

hoje com os primeiros habitantes do globo, julgar-se-á do progresso já realizado; ver-se-á que quanto mais o homem progride, mais é estimulado a progredir, e que a progressão está na razão do progresso realizado. Hoje o progresso marcha em grande velocidade, arrastando forçosamente os retardatários.

Acabamos de falar do progresso *físico, material, inteligente*. Mas vejamos o progresso moral e a influência que deve ter sobre o primeiro.

O progresso moral despertou ao mesmo tempo que o desenvolvimento material, mas foi mais lento, porque, achando-se o homem em meio a uma criação exclusivamente material, tinha necessidades e aspirações em harmonia com o que o cercava. Avançando, sentiu o *espiritual* desenvolver-se e crescer em si, e, ajudado pelas influências celestes, começou a compreender a necessidade da direção inteligente do Espírito sobre a matéria; o progresso moral continuou o seu desenvolvimento e, em diferentes épocas, Espíritos adiantados vieram guiar a Humanidade e dar um maior impulso à sua marcha ascendente; tais são Moisés, os profetas, Confúcio, os sábios da antiguidade e o Cristo, o maior de todos, embora o mais humilde na Terra. O Cristo deu ao homem uma idéa maior de seu próprio valor, de sua independência e de sua personalidade espiritual. Mas sendo os seus sucessores muito inferiores a ele, não compreenderam a idéa grandiosa, que brilha em todos os seus ensinamentos; materializaram o que era espiritual; daí a espécie de *statu quo moral*, no qual a Humanidade se deteve. O progresso científico e inteligente continua a sua marcha; o progresso moral se arrasta lentamente. Não é certo que, desde o Cristo, se todos os que professaram sua doutrina a tivessem praticado, os homens se teriam poupado de muitos males e hoje estariam moralmente mais adiantados?

O Espiritismo vem acelerar o progresso, desvendando à Humanidade os seus destinos; e já vemos a sua força pelo número

de adeptos e a facilidade com que é compreendido. Vai provocar uma *transformação moral ativa* e, pela multiplicidade das comunicações mediúnicas, o coração e o Espírito de todos os encarnados serão trabalhados pelos Espíritos amigos e instrutores. Dessa instrução vai surgir um novo impulso científico, porquanto novas vias serão abertas à Ciência, que dirigirá suas pesquisas para as novas forças da Natureza, que se revelam; as faculdades humanas que já se desenvolvem, desenvolver-se-ão ainda mais pelo trabalho mediúnico.

Acolhido inicialmente pelas almas ternas e inconsoláveis pela perda de parentes e amigos, o Espiritismo o foi em seguida pelos infelizes deste mundo, cujo número é grande, e que têm sido encorajados e sustentados em suas provações por sua doutrina, ao mesmo tempo tão suave e confortadora; propagou-se, assim, rapidamente, e muitos incrédulos *admirados*, que a princípio o estudaram como curiosos, foram *convencidos* quando, por si mesmos, nele encontraram esperanças e consolações.

Hoje os sábios começam a inquietar-se e alguns deles o estudam seriamente e o admitem como *força natural* até agora desconhecida; aplicando a ele sua inteligência e seus conhecimentos já adquiridos, farão a Humanidade dar um imenso passo científico.

Mas os Espíritos não se limitam à instrução científica; seu dever é duplo e eles devem, sobretudo, cultivar a vossa moral. Ao lado dos estudos da Ciência, eles vos farão, e já fazem desde agora, trabalhar o vosso próprio *eu*. Os encarnados inteligentes e desejosos de progredir compreenderão que sua desmaterialização é a melhor condição para o estudo progressivo, e que sua felicidade presente e futura a isto está ligada.

Observação – É assim que o mundo, depois de haver alcançado um certo grau de elevação no progresso intelectual, vai entrar no período do progresso moral, cuja rota o Espiritismo lhe

abre. Esse progresso realizar-se-á pela força das coisas e levará naturalmente à transformação da Humanidade, pelo alargamento do círculo das idéias no seu sentido espiritual, e pela prática inteligente e raciocinada das leis morais, ensinadas pelo Cristo. A rapidez com que as idéias espíritas se propagam no próprio meio do materialismo, que domina a nossa época, é indício certo de uma pronta mudança na ordem das coisas. Basta para isto a extinção de uma geração, pois a que se ergue já se anuncia sob auspícios completamente diferentes.

A IMPRENSA

(Comunicação espontânea – Sociedade Espírita de Paris,
19 de fevereiro de 1864 – Médiun: Sr. Leymarie)

A imprensa foi inventada no século quinze. Como tantas outras invenções, conhecidas ou desconhecidas, foi preciso tomar a taça e beber o fel. Não venho a vós, espíritas, para contar meus dissabores e sofrimentos; porque naqueles tempos de ignorância e de tristeza, em que vossos pais tinham sobre o peito o pesadelo chamado feudalismo e uma teocracia cega e ciosa de seu poder, *todo homem de progresso tinha cabeça demais*. Quero apenas dizer-vos algumas palavras a respeito de minha invenção, de seus resultados e de sua afinidade espiritual convosco, com os elementos que fazem vossa força expansiva.

A revolução-mãe, que trazia em seus flancos o modo de expressão da Humanidade, despojando o pensamento humano do passado, de sua pele simbólica, é invenção da imprensa. Sob essa forma o pensamento mistura-se no ar, espiritualiza-se, será indestrutível. Senhora dos séculos futuros, alça seu vôo inteligente para ligar todos os pontos do espaço e, desde esse dia, domina a velha maneira de falar. Os povos primitivos necessitavam de monumentos representando um povo, montanhas de pedra dizendo aos que sabem ver: Eis minha religião, minha fé, minhas esperanças, minha poesia.

Com efeito, a imprensa substitui o hieróglifo; sua linguagem é acessível a todos, seus apetrechos são leves; é que um livro não pede senão um pouco de papel, um pouco de tinta, algumas mãos, ao passo que uma catedral exige várias vidas de um povo e toneladas de ouro.

Permiti, aqui, uma digressão. O alfabeto dos primeiros povos foi composto de pedaços de rocha, que o ferro não havia tocado. As pedras erguidas pelos Celtas também se encontram na Sibéria e na América. Eram lembranças humanas confusas, escritas em monumentos duráveis. O *galgal*⁹ hebreu, os *crombels*¹⁰, os dólmenes, os túmulos, mais tarde exprimiram palavras.

Depois vieram a tradição e o símbolo. Não mais bastando esses primeiros monumentos, criaram o edifício e a arquitetura tornou-se monstruosa; fixou-se como um gigante, repetindo às gerações novas os símbolos do passado. Tais foram os pagodes, as pirâmides, o templo de Salomão.

É o edifício que encerrava o verbo, essa idéia-mãe das nações. Sua forma e sua situação representavam todo um pensamento, e é por isso que todos os símbolos têm suas grandes e magníficas páginas de pedra.

A maçonaria é a idéia escrita, inteligente, pertencente a todos os homens unidos por um símbolo, tomando Iram por patrono e constituindo essa franco-maçonaria tão conspurcada, que trouxe em si o germe da liberdade. Ela soube semear seus monumentos e os símbolos do passado no mundo inteiro, substituindo a teocracia das primeiras civilizações pela democracia, esta lei da liberdade.

Depois dos monumentos teocráticos da Índia e do Egito, vêm suas irmãs, as arquiteturas grega e romana; depois o

9 N. do T.: Grifo nosso.

10 N. do T.: Grifo nosso.

estilo romano tão sombrio, representando o absoluto, a unidade, o sacerdote; as cruzadas nos trouxeram a ogiva e o senhor quer partilhar, esperando o povo que saberá tomar o seu lugar; o feudalismo vê nascer a comuna e a face da Europa muda, porque a ogiva destrona o românico; o pedreiro torna-se artista e poetisa a matéria; dá-se o privilégio da liberdade na arquitetura, porque então o pensamento só tinha esse modo de expressão. Quantas sedições escritas na fachada dos monumentos! É por isto que os poetas, os pensadores, os deserdados, tudo quanto era inteligente, cobriu a Europa de catedrais.

Como vedes, até o pobre Guttemberg, a arquitetura é a escrita universal. Por sua vez, a imprensa derruba o gótico; a teocracia é o horror do progresso, a conservação mumificada dos tipos primitivos; a ogiva é a transição da noite ao crepúsculo, em que cada um pode ler a pedra facilmente; mas a imprensa é o pleno dia, derrubando o manuscrito, exigindo um espaço mais vasto, que doravante nada poderá restringir.

Como o Sol, a imprensa fecundará o mundo com seus raios benfazejos; a arquitetura não representará mais a sociedade; será clássica e renascentista, e esse mundo de artistas, divorciados do passado, abre rudes brechas nas teogonias humanas, para seguir a rota traçada por Deus; deixa de ser simples artesão dos monumentos da renascença, para se tornar escultor, pintor, músico; a força da harmonia se consome em livros e, já no século dezesseis, é tão robusta, tão forte essa imprensa de Nuremberg, que é o advento de um século literário; é, ao mesmo tempo, Lutero, Jean Goujon, Rousseau, Voltaire; trava na velha Europa esse combate lento, mas seguro, que sabe reconstruir depois de haver destruído.

E agora que o pensamento está emancipado, qual o poder que poderia escrever o livro arquitetural de nossa época? Todos os bilhões de nosso planeta não bastariam e ninguém poderia reerguer o que está no passado e lhe pertence exclusivamente.

Sem desdenhar o grande livro da arquitetura, que é o passado e o seu ensino, agradeçamos a Deus que sabe, nas épocas propícias, pôr em nosso poder uma arma tão forte, que se torna o pão do Espírito, a emancipação do corpo, o livre-arbítrio do homem, a idéia comum a todos, a ciência, um *á-bê-cê* que fecunda a terra, tornando-nos melhores. Mas se a imprensa vos emancipou, a eletricidade vos fará verdadeiramente livres; é ela que destronará a imprensa de Guttemberg, para pôr em vossas mãos um poder muito mais temível, e isto em breve.

A ciência espírita, esta salvaguarda da Humanidade, vos ajudará a compreender a nova força de que vos falo. Guttemberg, a quem Deus deu uma missão providencial, sem dúvida fará parte da segunda, isto é, da que vos guiará no estudo dos fluidos.

Logo estareis prontos, caros amigos; não basta, porém, que sejais apenas espíritas fervorosos: também é preciso estudar, a fim de que tudo quanto vos foi ensinado sobre a eletricidade e os fluidos em geral seja para vós uma gramática sabida de cor. Nada é estranho à ciência dos Espíritos; quanto mais sólida a vossa bagagem intelectual, tanto menos vos surpreendereis com as novas descobertas. Devendo ser os iniciadores de novas formas de pensamento, deveis ser fortes e seguros de vossas faculdades espirituais.

Eu tinha, pois, razão de vos falar da minha missão, irmã da vossa. Sois os eleitos entre os homens. Os Espíritos bons vos dão um livro que dá a volta à Terra, mas, sem a imprensa, nada seríeis. Para vós, a obsessão que encobre a verdade aos homens desaparecerá; mas, repito, preparai-vos e estudai para serdes dignos do novo benefício e para saberdes mais inteligentemente que os outros, a fim de o espalhar e tornar aceito.

Guttemberg

Observação – Pela difusão das idéias, que tornou imperecíveis e que espalha aos quatro cantos do mundo, a imprensa produz uma revolução intelectual que ninguém pode ignorar. Porque esse resultado era entrevisto, ela foi, de início, qualificada por alguns de invenção diabólica; é uma relação a mais que ela tem com o Espiritismo, e da qual Guttemberg deixou de falar. De fato pareceria, a dar ouvidos a certa gente, que o diabo detém o monopólio das grandes idéias: todas as que tendem a fazer a Humanidade dar um passo lhe são atribuídas. Sabe-se que o próprio Jesus foi acusado de agir por intermédio do demônio que, na verdade, deve orgulhar-se de todas as boas e belas coisas que retiram de Deus para lhas atribuir. Não foi ele quem inspirou Galileu e todas as descobertas científicas que fizeram a Humanidade progredir? Conforme isto, seria preciso que ele fosse muito modesto para não se julgar o dono do Universo.

Mas o que pode parecer estranho é a sua falta de habilidade, pois não há um só progresso da Ciência que não tenha por efeito arruinar o seu império. É um ponto sobre o qual não pensaram bastante.

Se tal foi o poder desse meio de propagação inteiramente material, quão maior não será o do ensino dos Espíritos, comunicando-se em toda parte, penetrando onde o acesso aos livros está proibido, fazendo-se ouvir até pelos que não querem escutar! Que poder humano poderia resistir a tal força?

Esta notável dissertação provocou, no seio da Sociedade, as reflexões seguintes, da parte de um outro Espírito.

**SOBRE A ARQUITETURA E A IMPRENSA, A PROPÓSITO
DA COMUNICAÇÃO DE GUTTEMBERG
(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sr. A. Didier)**

O Espírito Guttemberg definiu muito poeticamente os efeitos positivos e tão universalmente progressivos da imprensa e o futuro da electricidade; entretanto, na qualidade de antigo construtor

de castelos, torreões, aterros e catedrais, permito-me expor certas teorias sobre o caráter e o objetivo da arquitetura medieval.

Todos sabem, e agora ilustres professores de arqueologia não ensinam, que a religião, a fé ingênua ergueram com o gênio do homem esses soberbos monumentos góticos, espalhados na superfície da Europa; e aqui, mais que nunca, a idéia expressa pelo Espírito Guttemberg, é cheia de elevação.

Contudo, julgamos por bem emitir a nossa opinião, não contra, mas a seu favor.

A idéia, essa luz da alma, centelha real que comunica a vontade e o movimento ao organismo humano, manifesta-se de diversas maneiras, quer pela arte, pela filosofia, etc. A arquitetura, essa arte elevada que, talvez, melhor exprima o natural e o gênio de um povo, foi consagrada, nas nações impressionáveis e crentes, ao culto de Deus e às cerimônias religiosas. A Idade Média, forte no feudalismo e na crença, teve a glória de fundar duas artes essencialmente diferentes em seu objetivo e sua consagração, mas que exprimem perfeitamente o estado de sua civilização: o castelo forte, habitado pelo senhor ou pelo rei; a abadia, o mosteiro e a igreja; numa palavra, a arte arquitetônica militar e a religiosa. Os romanos, essencialmente administradores, guerreiros, civilizadores, colonizadores universais, forçados que eram pela expansão de suas conquistas, jamais tiveram uma arquitetura inspirada por sua fé religiosa; só a avidez, o amor do ganho e do poder executivo, lhes fizeram construir esses formidáveis montes de pedra, símbolo de sua audácia e de sua capacidade intelectual. A poesia do Norte, contemplativa e nebulosa, aliada à suntuosidade da arte oriental, criou o gênero gótico, a princípio austero e pouco a pouco florido. Com efeito, vemos na arquitetura a realização das tendências religiosas e do despotismo feudal.

Essas ruínas famosas de tantas revoluções humanas, mais que o tempo, ainda se impõem por seu aspecto grandioso e

formidável. Parece que o século que as viu erguer-se era duro, sombrio e inexorável, como elas; mas daí não se deve concluir que a descoberta da imprensa, à força de desenvolver o pensamento, tenha simplificado a arte da arquitetura.

Não; a arte, que é uma parte da idéia, será sempre uma manifestação religiosa, política, militar, democrática ou principesca. A arte tem o seu papel, a imprensa o dela; sem ser exclusivamente especialista, não se deve confundir o objetivo de cada coisa; é preciso dizer apenas que não se devem misturar as diferentes faculdades e as diversas manifestações da idéia humana.

Robert de Luzarches

O ESPIRITISMO E A FRANCO-MAÇONARIA

(Sociedade Espírita de Paris, 25 de fevereiro de 1864)

Nota – Nesta sessão foram dirigidos agradecimentos ao Espírito Guttemberg, com o pedido de tomar parte em nossas conversas, quando julgasse conveniente.

Na mesma sessão, a presença de vários dignitários estrangeiros da Ordem Maçônica motivou a seguinte pergunta: *Que curso o Espiritismo pode encontrar na Franco-maçonaria?*

Várias dissertações foram obtidas sobre o assunto.

I

Senhor Presidente, agradeço o vosso amável convite. É a primeira vez que uma de minhas comunicações é lida na Sociedade Espírita de Paris e, espero, não será a última.

Talvez tenhais achado em minhas reflexões, um tanto longas sobre a imprensa, alguns pensamentos que não aprovais completamente. Mas, refletindo na dificuldade que sentimos ao nos pormos em relação com os médiuns e utilizar as suas faculdades,

havereis de passar de leve sobre certas expressões ou modo de dizer, que nem sempre dominamos. Mais tarde a eletricidade fará a sua revolução mediúnica, e como tudo será mudado na maneira de reproduzir o pensamento do Espírito, não mais encontrareis essas lacunas por vezes lamentáveis, sobretudo quando as comunicações são lidas diante de estranhos.

Falastes da franco-maçonaria, e tendes razão de nela esperar encontrar bons elementos. O que se pede a todo maçom iniciado? Crer na imortalidade da alma, no Divino Arquiteto e em seres benfeitores, devotados, sociáveis, dignos e humildes. Ali se pratica a igualdade na mais larga escala. Há, pois, nessas sociedades uma afinidade com o Espiritismo de tal modo evidente que salta aos olhos.

A questão do Espiritismo foi posta na ordem do dia em várias lojas e eis o resultado: leram volumosos relatórios muito complicados a este respeito, mas não o estudaram a fundo, o que fez que nisto, como em muitas outras coisas, discutissem um tema que não conheciam, julgando por ouvir dizer, mais do que pela realidade. Entretanto, muitos maçons são espíritas e trabalham bastante na propagação dessa crença. Todos escutam, e se o hábito diz: Não, a razão diz: Sim.

Esperai, então, porque o tempo é um aliciador sem igual; por ele as impressões se modificam e, necessariamente, no vasto campo dos estudos, abertos nas lojas, o estudo espírita entrará como complemento; isto já está no ar. Riram, falaram; não riem mais, meditam.

Assim, tereis um seminário espírita nessas sociedades essencialmente liberais. Por elas entrareis plenamente neste segundo período, que deve preparar os caminhos prometidos. Os homens inteligentes da maçonaria vos bendirão por sua vez, pois a moral dos Espíritos dará um corpo a esta seita tão comprometida, tão temida, mas que tem feito mais bem do que se pensa.

Tudo tem um parto laborioso, uma afinidade misteriosa; e se isto existe para o que perturba as camadas sociais, é muito mais verdadeiro para o que conduz o progresso moral dos povos.

Guttenberg (Médium: Sr. Leymarie)

II

Meu caro irmão em doutrina (o Espírito se dirige a um dos franco-maçons espíritas presentes na sessão), venho com alegria responder ao benévolo apelo que fazeis aos Espíritos que amaram e fundaram as instituições franco-maçônicas. Para consolidar essa instituição generosa, duas vezes derramei o meu sangue; duas vezes as praças públicas desta cidade ficaram tintas do sangue do pobre Jacques Molé. Caros irmãos, seria preciso dá-lo uma terceira vez? Direi com satisfação: não. Já vos foi dito: Quanto mais sangue, mais despotismo, mais carrascos! Uma sociedade de irmãos, de amigos, de homens cheios de boa vontade, que só desejam uma coisa: conhecer a verdade para fazer o bem! Eu ainda não me havia comunicado nesta assembléia. Enquanto falastes de ciência espírita, de filosofia espírita, cedi o lugar aos Espíritos que são mais aptos a vos dar conselhos sobre esses vários pontos e esperava pacientemente, sabendo que chegaria a minha vez. Há tempo para tudo, como há um momento para cada um. Assim, creio que soou a hora e é o momento oportuno. Posso, pois, dar-vos a minha opinião no que respeita ao Espiritismo e à franco-maçonaria.

As instituições maçônicas foram para a sociedade um encaminhamento à felicidade. Numa época em que toda idéia liberal era considerada um crime, os homens precisavam de uma força que, embora inteiramente submissa às leis, não fosse menos emancipada por suas crenças, por suas instituições e pela unidade de seu ensino. Nessa época a religião ainda era, não uma mãe consoladora, mas uma força despótica que, pela voz de seus ministros, ordenava, feria, fazia tudo se curvar à sua vontade; era

um assunto de pavor para quem quisesse, como livre-pensador, agir e dar aos homens sofredores alguma coragem e, no infortúnio, algum consolo moral. Unidos pelo coração, pela fortuna e pela caridade, nossos templos foram os únicos altares onde não se havia desconhecido o verdadeiro Deus, onde o homem ainda podia dizer-se homem, onde a criança podia esperar encontrar, mais tarde, um protetor, e o abandonado, amigos.

Vários séculos se passaram e cada um juntou algumas flores à coroa maçônica. Foram mártires, homens letrados, legisladores, que aumentaram a sua glória, tornando-se seus defensores e conservadores. No século dezenove vem o Espiritismo, com seu facho luminoso, dar a mão aos comendadores, aos rosa-cruzes, e com voz trovejante lhes grita: Vamos, meus irmãos; eu sou verdadeiramente a voz que se faz ouvir no Oriente e à qual o Ocidente responde, dizendo: Glória, honra, vitória aos filhos dos homens! Mais alguns dias e o Espiritismo terá transposto o muro que separa a maior parte do recinto do templo dos segredos; e, nesse dia, a sociedade verá florescer no seu seio a mais bela flor espírita que, deixando suas pétalas caírem, dará uma semente regeneradora da verdadeira liberdade. O Espiritismo fez progressos, mas no dia em que tiver dado a mão à franco-maçonaria, todas as dificuldades serão vencidas, todo obstáculo retirado, a verdade transparecerá e maior progresso moral será realizado; terá transposto os primeiros degraus do trono, onde logo deverá reinar.

A vós, saudação fraternal e amizade.

Jacques de Molé (Médium: Srta. Béguet)

III

Fiquei satisfeítíssimo em me juntar às discussões deste centro tão profundamente espiritualista, e venho a ele atraído por Guttemberg, como outro dia o fora por Jacquard.

A maior parte da dissertação do grande tipógrafo tratou da questão do ponto de vista do tear, e ele não viu nessa bela invenção senão o lado prático, material, utilitário. Ampliemos o debate e coloquemos a questão mais no alto.

Seria erro acreditar que a imprensa veio substituir a arquitetura, pois esta permanecerá para continuar seu papel historiógrafo, por meio de monumentos característicos, assinalados pelo espírito de cada século, de cada geração, de cada revolução humanitária. Não, dizemos bem alto, a imprensa nada veio derrubar; veio para completar, por sua obra especial, grande e emancipadora. Chegou na hora certa, como todas as descobertas que eclodem providencialmente aqui. Contemporâneo do monge que inventou a pólvora e que, por isso, revolucionou a velha arte das batalhas, Guttemberg trouxe uma nova alavanca à expansão das idéias. Não o esqueçamos: a imprensa não podia ter sua legítima razão de ser senão pela emancipação das massas e o desenvolvimento intelectual dos indivíduos. Sem essa necessidade a satisfazer, sem esse alimento, esse maná espiritual a distribuir, por muito tempo a imprensa ainda se teria debatido no vazio e não teria sido considerada senão um sonho de louco, ou uma utopia sem alcance. Não é assim que foram tratados os primeiros inventores, melhor dizendo, os primeiros que descobriram e constataram as propriedades do vapor? Fazei Guttemberg nascer nas ilhas Andaman e a imprensa aborta fatalmente.

A idéia, portanto, é a alavanca primordial que deve ser considerada. Sem a idéia, sem o trabalho fecundo dos pensadores, dos filósofos, dos ideólogos e, mesmo, dos monges sonhadores da Idade Média a imprensa teria ficado letra morta. Guttemberg pode, pois, acender mais de uma vela em honra aos dialéticos da escola, que fizeram germinar a idéia e burilar as inteligências. A idéia febril, que reveste uma forma plástica no cérebro humano, é e será sempre o maior motor das descobertas e das invenções. Criar uma necessidade nova no meio das sociedades modernas é abrir um novo caminho à idéia perpetuamente inovadora; é impelir o

homem inteligente à busca do que satisfaça essa nova necessidade da Humanidade. Eis por que, por toda parte onde a idéia for soberana, onde for acolhida com respeito, enfim, onde os pensadores forem honrados, o progresso para Deus está garantido.

A franco-maçonaria, contra a qual tanto gritaram, contra a qual a Igreja romana foi pródiga em anátemas, nem por isto, deixou de sobreviver, abrindo de par em par as portas de seus templos ao culto emancipador da idéia. Em seu seio todas as questões mais graves foram tratadas e, antes que o Espiritismo tivesse aparecido, os veneráveis e os grão-mestres sabiam e professavam que a alma é imortal e que os mundos visível e invisível se comunicam entre si. É aí, nesses santuários onde os profanos não eram admitidos, que os Swedenborg, os Pasqualis, os Saint-Martin obtiveram resultados fulminantes; é aí onde essa grande *Sofia*, essa etérea inspiradora, veio ensinar aos primogênitos da Humanidade os dogmas emancipadores, onde 1789 hauriu seus princípios fecundos e generosos; é aí onde, muito antes dos vossos médiuns contemporâneos, precursores da vossa mediunidade, grandes desconhecidos, tinham evocado e feito aparecerem os sábios da antigüidade e dos primeiros séculos desta era; é aí... Mas eu me detenho. O quadro restrito de vossas sessões, o tempo que se escoia, não me permitem alongar-me, como gostaria, sobre esse assunto interessante. A ele voltaremos mais tarde. Tudo quanto direi é que o Espiritismo encontrará no seio das lojas maçônicas uma falange numerosa e compacta de crentes, não de crentes efêmeros, mas sérios, resolutos e inabaláveis em sua fé.

O Espiritismo realiza todas as aspirações generosas e beneficentes da franco-maçonaria; sanciona as crenças que esta professa, dando provas irrecusáveis da imortalidade da alma; conduz a Humanidade ao objetivo que ela se propõe: a união, a paz, a fraternidade universal, pela fé em Deus e no futuro. Os espíritas sinceros de todas as nações, de todos os cultos e de todas as camadas sociais não se olham como irmãos? Entre eles não há uma verdadeira franco-maçonaria, com a só diferença de que, em vez de

secreta, é praticada aos olhos de todos? Homens esclarecidos, como os que possui, que põem suas luzes acima dos preconceitos de camarilhas e de castas, não podem ver com indiferença o movimento que esta nova doutrina, essencialmente emancipadora, produz no mundo. Repelir um elemento tão poderoso de progresso moral seria abjurar seus princípios e pôr-se ao nível de homens retrógrados. Não; tenho certeza de que não se deixarão desviar, pois vejo que, sob a nossa influência, vão chamar a si esta grave questão.

O Espiritismo é uma corrente irresistível de idéias, que deve ganhar todo o mundo: é apenas questão de tempo. Ora, seria desconhecer o caráter da instituição maçônica crer que esta possa se aniquilar e representar um papel negativo em meio ao movimento que impele a Humanidade para frente; crer, sobretudo, que ela apague o facho, como se temesse a luz.

Que fique bem claro que aqui falo da alta franco-maçonaria, e não dessas lojas feitas para a ilusão, onde mais se reúnem para comer e beber, ou para rir das perplexidades que inocentes experiências causam aos neófitos, do que para discutir questões de moral e de filosofia. Era mesmo necessário, para que a franco-maçonaria pudesse continuar sua vasta missão sem entraves, que houvesse, de espaço em espaço, de raio em raio, de meridiano em meridiano, templos fora do templo, lugares profanos fora dos lugares sagrados, falsos tabernáculos fora da arca. É nesses centros que, inutilmente, os adeptos do Espiritismo têm tentado se fazerem entendidos.

Em suma, a franco-maçonaria ensinou o dogma precursor do vosso e, em segredo, professou o que proclamais dos telhados. Como disse, voltarei a estas questões, caso o permitam os grandes Espíritos que presidem aos vossos trabalhos. Por ora, afirmo que a Doutrina Espírita pode perfeitamente unir-se à das grandes lojas do Oriente. Agora, glória ao Grande Arquiteto!

Vaucanson, um antigo franco-maçom.

(médium: Sr. d'Ambel)

AOS OPERÁRIOS

(Sociedade Espírita de Paris, 17 de janeiro de 1864
– Médiun: Sra. Costel)

Venho a vós, meus amigos, a vós que sois os experimentados e os proletários do sofrimento. Venho saudar-vos, bravos e dignos operários, em nome da caridade e do amor. Sois os bem-amados de Jesus, do qual fui amigo. Repousai na crença espírita, como repousei no seio do enviado divino. Operários, sois os eleitos na via dolorosa da provação, onde marchais com os pés sangrentos e o coração desalentado. Irmãos, esperai! Todo sofrimento traz consigo o seu salário; toda jornada laboriosa tem sua noite de repouso. Crede no futuro, que será vossa recompensa e não busqueis o esquecimento, que é ímpio. O esquecimento, meus amigos, é a embriaguez egoísta e brutal; é a fome para vossos filhos e o pranto para vossas esposas. O esquecimento é uma covardia. Que pensaríeis de um operário que, a pretexto de leve fadiga, abandonasse a oficina e interrompesse covardemente a jornada iniciada? Meus amigos, a vida é a jornada da eternidade; cumpri bravamente o seu labor; não sonheis com um repouso impossível; não adianteis a hora do relógio do tempo; tudo vem na hora certa: a recompensa da coragem e a bênção ao coração comovido, que se confia à eterna justiça.

Sede espíritas: tornar-vos-eis fortes e pacientes, porque aprendereis que as provas são uma segura garantia do progresso e que vos abrirão a entrada das mansões bem-aventuradas, onde bendireis os sofrimentos que vos terão aberto o seu acesso.

A vós todos, operários e amigos, minhas bênçãos. Assisto às vossas reuniões, porque sois os bem-amados daquele que foi,

João, o Evangelista.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

MAIO DE 1864

Nº 5

Teoria da Presciência¹¹

Como é possível o conhecimento do futuro? Compreende-se a possibilidade da previsão dos acontecimentos que devam resultar do estado presente; porém, não a dos que nenhuma relação guardem com esse estado, nem, ainda menos, a dos que são comumente atribuídos ao acaso. Não existem as coisas futuras, dizem; elas ainda se encontram no nada; como, pois, se há de saber que se darão? São, no entanto, em grande número os casos de predições realizadas, donde forçosa se torna a conclusão de que ocorre aí um fenômeno para cuja explicação falta a chave, porquanto não há efeito sem causa. É essa causa que vamos tentar descobrir e é ainda o Espiritismo, já de si mesmo chave de tantos mistérios, que no-la fornecerá, mostrando-nos, ao demais, que o próprio fato das predições não se produz com exclusão das leis naturais.

Tomemos, para comparação, um exemplo nas coisas usuais. Ele nos ajudará a compreender o princípio que teremos de desenvolver.

11 N. do T.: Vide *A Gênese*, capítulo XVI.

Suponhamos um homem colocado no cume de uma alta montanha, a observar a vasta extensão da planície em derredor. Nessa situação, o espaço de uma légua pouca coisa será para ele, que poderá facilmente apanhar, de um golpe de vista, todos os acidentes do terreno, de um extremo a outro da estrada que lhe esteja diante dos olhos. O viajor, que pela primeira vez percorra essa estrada, sabe que, caminhando, chegará ao fim dela. Constitui isso uma simples previsão da consequência que terá a sua marcha. Entretanto, os acidentes do terreno, as subidas e descidas, os cursos d'água que terá de transpor, os bosques que haja de atravessar, os precipícios em que poderá cair, as casas hospitaleiras onde lhe será possível repousar, os ladrões que o espreitam para roubá-lo, tudo isso independe da sua pessoa; é para ele o desconhecido, o futuro, porque a sua vista não vai além da pequena área que o cerca. Quanto à duração, mede-a pelo tempo que gasta em perlustrar o caminho. Tirei-lhe os pontos de referência e a duração desaparecerá. Para o homem que está em cima da montanha e que o acompanha com o olhar, tudo aquilo está presente. Suponhamos que esse homem desce do seu ponto de observação e, indo ao encontro do viajante, lhe diz: “Em tal momento, encontrarás tal coisa, serás atacado e socorrido.” Estará predizendo o futuro, mas, futuro para o viajante, não para ele, autor da previsão, pois que, para ele, esse futuro é presente.

Se, agora, sairmos do âmbito das coisas puramente materiais e entrarmos, pelo pensamento, no domínio da vida espiritual, veremos o mesmo fenômeno produzir-se em maior escala. Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha; o espaço e a duração não existem para eles. Mas a extensão e a penetração da vista são proporcionadas à depuração deles e à elevação que alcançaram na hierarquia espiritual. Com relação aos Espíritos inferiores, aqueles são quais homens munidos de possantes telescópios, ao lado de outros que apenas dispõem dos olhos. Nos Espíritos inferiores, a visão é circunscrita, não só porque eles dificilmente podem afastar-se do globo a que se acham

presos, como também porque a grosseria de seus perispíritos lhes vela as coisas distantes, do mesmo modo que um nevoeiro as oculta aos olhos do corpo.

Bem se compreende, pois, que, de conformidade com o grau de sua perfeição, possa um Espírito abarcar um período de alguns anos, de alguns séculos, mesmo de muitos milhares de anos, porquanto, que é um século em face do infinito? Diante dele, os acontecimentos não se desenrolam sucessivamente, como os incidentes da estrada diante do viajor: ele vê simultaneamente o começo e o fim do período; todos os eventos que, nesse período, constituem o futuro para o homem da Terra são o presente para ele, que poderia então vir dizer-nos com certeza: Tal coisa acontecerá em tal época, porque essa coisa ele a vê como o homem da montanha vê o que espera o viajante no curso da viagem. Se assim não procede, é porque poderia ser prejudicial ao homem o conhecimento do futuro, conhecimento que lhe pearia o livre-arbítrio, paralisá-lo-ia no trabalho que lhe cumpre executar a bem do seu progresso. O se lhe conservarem desconhecidos o bem e o mal com que topará constitui para o homem uma prova.

Se tal faculdade, mesmo restrita, se pode contar entre os atributos da criatura, em que grau de potencialidade não existirá no Criador, que abrange o infinito? Para o Criador, o tempo não existe: o princípio e o fim dos mundos lhe são o presente. Dentro desse panorama imenso, que é a duração da vida de um homem, de uma geração, de um povo?

Entretanto, como o homem tem de concorrer para o progresso geral, como certos acontecimentos devem resultar da sua cooperação, pode convir que, em casos especiais, ele pressinta esses acontecimentos, a fim de lhes preparar o encaminhamento e de estar pronto a agir, em chegando a ocasião. Por isso é que Deus, às vezes, permite se levante uma ponta do véu; mas, sempre com fim útil, nunca para satisfação da vã curiosidade. Tal missão pode, pois,

ser conferida, não a todos os Espíritos, porquanto muitos há que do futuro não conhecem mais do que os homens, porém a alguns Espíritos bastante adiantados para desempenhá-la. Ora, é de notar-se que as revelações dessa espécie são sempre feitas espontaneamente e jamais, ou, pelo menos, muito raramente, em resposta a uma pergunta direta.

Pode também semelhante missão ser confiada a certos homens, desta maneira:

Aquele a quem é dado o encargo de revelar uma coisa oculta recebe, à sua revelia e por inspiração dos Espíritos que a conhecem, a revelação dela e a transmite maquinalmente, sem se aperceber do que faz. É sabido, ao demais, que, assim durante o sono, como em estado de vigília, nos êxtases da dupla vista, a alma se desprende e adquire, em grau mais ou menos alto, as faculdades do Espírito livre. Se for um Espírito adiantado, se, sobretudo, houver recebido, como os profetas, uma missão especial para esse efeito, gozará, nos momentos de emancipação da alma, da faculdade de abarcar, por si mesmo, um período mais ou menos extenso, e verá, como presente, os sucessos desse período. Pode então revelá-los no mesmo instante, ou conservar lembrança deles ao despertar. Se os sucessos hajam de permanecer secretos, ele os esquecerá, ou apenas guardará uma vaga intuição do que lhe foi revelado, bastante para o guiar instintivamente.

É assim que em certas ocasiões essa faculdade se desenvolve providencialmente, na iminência de perigos, nas grandes calamidades, nas revoluções, e é assim também que a maioria das seitas perseguidas adquire numerosos *videntes*. É ainda por isso que se vêem os grandes capitães avançar resolutamente contra o inimigo, certos da vitória; que homens de gênio, por exemplo, Cristóvão Colombo, caminham para uma meta, anunciando previamente, por assim dizer, o instante em que a alcançarão. É que eles viram essa meta, que, para seus Espíritos, deixou de ser o desconhecido.

Todos os fenômenos cuja causa era ignorada foram tidos à conta de maravilhosos. Uma vez conhecida a lei segundo a qual eles se realizam, eles entraram na ordem das coisas naturais. Nada, pois, tem de sobrenatural o dom da predição, mais do que uma imensidade de outros fenômenos. Ele se funda nas propriedades da alma e na lei das relações do mundo visível com o mundo invisível, que o Espiritismo veio dar a conhecer. Mas, como admitir a existência de um mundo invisível, se não se admite a alma, ou se não se admitir a sua individualidade depois da morte? O incrédulo que nega a presciência é conseqüente consigo mesmo; resta saber se o é com a lei natural.

A teoria da presciência talvez não resolva de modo absoluto todos os casos que se possam apresentar de revelação do futuro, mas não se pode deixar de convir em que lhe estabelece o princípio fundamental. Se não explica tudo, é pela dificuldade, para o homem, de colocar-se nesse ponto de vista extraterrestre; por sua própria inferioridade, seu pensamento, incessantemente arrastado para o atalho da vida material, muitas vezes é impotente para se destacar do solo. A esse respeito, certos homens são como filhotes de aves, cujas asas, demasiado fracas, não lhes permitem elevar-se no ar, ou como aqueles cuja vista é muito curta para ver ao longe, ou, enfim, como aqueles a quem falta um sentido para certas percepções. Entretanto, com alguns esforços e o hábito da reflexão, lá chegaram: os espíritas, mais facilmente que os outros, podem identificar-se com a vida espiritual, que compreendem.

Para compreendermos as coisas espirituais, isto é, para delas fazermos idéia tão clara como a que fazemos de uma paisagem que tenhamos ante os olhos, falta-nos em verdade um sentido, exatamente como ao cego de nascença falta um que lhe faculte compreender os efeitos da luz, das cores e da vista, sem o contato. Daí se segue que somente por esforço da imaginação e por meio de comparações com coisas materiais que nos sejam familiares chegamos a consegui-lo. As coisas materiais, porém, não

nos podem dar das coisas espirituais senão idéias muito imperfeitas, razão por que não se devem tomar ao pé da letra essas comparações e crer, por exemplo, que a extensão das faculdades perceptivas dos Espíritos depende da efetiva elevação deles, nem que eles precisem estar em cima de uma montanha ou acima das nuvens para abrangerem o tempo e o espaço.

Tal faculdade lhes é inerente ao estado de espiritualização, ou, se o preferirem, de desmaterialização. Quer isto dizer que a espiritualização produz um efeito que se pode comparar, se bem muito imperfeitamente, ao da visão de conjunto que tem o homem colocado sobre a montanha. Esta comparação objetivava simplesmente mostrar que acontecimentos pertencentes ainda, para uns, ao futuro, estão, para outros, no presente e podem assim ser preditos, o que não implica que o efeito se produza de igual maneira.

Portanto, para gozar dessa percepção, não precisa o Espírito transportar-se a um ponto qualquer do espaço. Pode possuí-la em toda a sua plenitude aquele que na Terra se acha ao nosso lado, tanto quanto se achasse a mil léguas de distância, ao passo que nós nada vemos além do nosso horizonte visual. Não se operando a visão, nos Espíritos, do mesmo modo, nem com os mesmos elementos que no homem, muito diverso é o horizonte visual dos primeiros. Ora, é precisamente esse o sentido que nos falece para o concebermos. O Espírito, ao lado do encarnado, é como o vidente ao lado do cego.

Devemos, além disso, ponderar que essa percepção não se limita ao que diz respeito à extensão; que ela abrange a penetração de todas as coisas. É, repetimo-lo, uma faculdade inerente e proporcionada ao estado de desmaterialização. A encarnação *amortece-a*, sem, contudo, a anular completamente, porque a alma não fica encerrada no corpo como numa caixa. O encarnado a possui, em razão do adiantamento de seu Espírito,

embora sempre em grau menor do que quando se acha completamente desprendido; é o que confere a certos homens um poder de penetração que a outros falece inteiramente; maior grandeza de visão moral; compreensão mais fácil das coisas extramateriais.

O Espírito encarnado não somente percebe, como também se lembra do que viu no estado de Espírito livre e essa lembrança é como um quadro que se lhe desenha na mente. Na encarnação, ele vê, mas vagamente, como através de um véu; no estado de liberdade, vê e concebe claramente. O princípio da visão não lhe é exterior, está nele; essa a razão por que não precisa da luz exterior. Por efeito do desenvolvimento moral alarga-se o círculo das idéias e da concepção; por efeito da desmaterialização gradual do perispírito, este se purifica dos elementos grosseiros que lhe alteravam a delicadeza das percepções, o que torna fácil compreender-se que a ampliação de todas as faculdades acompanha o progresso do Espírito.

O grau da extensão das faculdades do Espírito é que, na encarnação, o torna mais ou menos apto a conceber as coisas espirituais. Essa aptidão, todavia, não é corolário forçoso do desenvolvimento da inteligência; a ciência vulgar não a dá, tanto assim que há homens de grande saber tão cegos para as coisas espirituais, quanto outros o são para as coisas materiais; são-lhe refratários, porque não as compreendem, o que significa que *ainda* não progrediram em tal sentido, ao passo que outros, de instrução e inteligência vulgares, as apreendem com a maior facilidade, o que prova que já tinham de tais coisas uma intuição prévia.

A faculdade de mudar de ponto de vista e de olhar do alto não só dá a solução do problema da presciência; é, além disso, a chave da verdadeira fé, da fé sólida; é também o mais poderoso elemento de força e de resignação, porque daí a vida terrena, aparecendo como um ponto na imensidade, compreende-se o

pouco valor das coisas que, vistas debaixo, parecem tão importantes. Os incidentes, as misérias, as vaidades da vida diminuem à medida que se desdobra o imenso e esplêndido horizonte do futuro. O que assim vê as coisas deste mundo, pouco ou nada é atingido pelas vicissitudes e, por isto mesmo, é tão feliz quanto o pode ser na Terra. É, pois, de lamentar-se os que concentram seus pensamentos na estreita esfera terrestre, porque sentem, em toda a sua força, o contragolpe de todas as tribulações que, como tantos agulhões, os ferem incessantemente.

Quanto ao futuro do Espiritismo, os Espíritos, como se sabe, são unânimes em afirmar o seu triunfo próximo, a despeito dos obstáculos que lhe criem. Fácil lhes é essa previsão, primeiramente, porque a sua propagação é obra pessoal deles: concorrendo para o movimento, ou dirigindo-o, eles naturalmente sabem o que devem fazer; em segundo lugar, basta-lhes entrever um período de curta duração: vêem, nesse período, ao longo do caminho, os poderosos auxiliares que Deus lhe suscita e que não tardarão a manifestar-se.

Transportem-se os espíritas, embora sem serem Espíritos desencarnados, a trinta anos apenas para diante, ao seio da geração que surge; daí considerem o que se passa hoje com o Espiritismo; acompanhem-lhe a marcha progressiva e verão consumir-se em vãos esforços os que se crêem destinados a derrocá-lo. Verão que esses tais pouco a pouco desaparecem de cena e que, paralelamente, a árvore cresce e alonga cada dia mais as suas raízes.

Completaremos este estudo pelas referências que existem entre a presciência e a fatalidade. Enquanto isto, remetemos os leitores ao que, sobre o último ponto, foi dito em *O Livro dos Espíritos*, nº 851 e seguintes.

A Vida de Jesus, pelo Sr. Renan

Esta obra é hoje muito conhecida para que haja necessidade de fazer-lhe uma análise. Limitar-nos-emos, pois, a examinar o ponto de vista em que se colocou o autor e daí deduzir algumas conseqüências.

A comovente dedicatória à alma de sua irmã, que o Sr. Renan põe no topo do volume, apesar de muito curta é, em nossa opinião um trecho capital, pois é toda uma profissão de fé. Citamo-la integralmente, porque nos ensinará algumas observações importantes e de interesse geral.

À ALMA PURA DE MINHA IRMÃ HENRIETTE

Morta em Biblos, em 24 de setembro de 1861

“Lembras-te, do seio de Deus onde repousas, daqueles longos dias de Ghazir, onde, a sós contigo, eu escrevia essas páginas inspiradas pelos lugares que acabávamos de percorrer? Silenciosa a meu lado, relias cada folha e a recopiavas tão logo escrita, enquanto o mar, os vilarejos, as ravinas e montanhas se desdobravam aos nossos pés. Quando a luz sufocante abria espaço ao inumerável exército das estrelas, tuas perguntas finas e delicadas, tuas dúvidas discretas me reconduziam ao objeto sublime de nossos pensamentos comuns. Um dia me dizias que amarias este livro, primeiro porque tinha sido feito contigo, depois porque te agradava. Se, por vezes, temias para ele os mesquinhos julgamentos do homem frívolo, sempre estiveste convencida de que as almas verdadeiramente religiosas acabariam se agradando dele. Em meio a essas doces meditações, a morte nos feriu a ambos com sua asa; o sono da febre nos tomou à mesma hora; despertei só!... Agora dormes na terra de Adônis, junto da santa Biblos e das águas sagradas onde as mulheres dos mistérios antigos vinham misturar suas lágrimas. Revela-me, ó bom gênio, a mim que amavas, essas verdades que dominam a morte, impedindo temê-la e quase a fazendo amar.”

A menos que se suponha tenha o Sr. Renan representado uma comédia indigna, é impossível que tais palavras procedam da pena de um homem que crê no nada. Sem dúvida vêem-se escritores de talento maleável, jogar com as idéias e com as crenças mais contraditórias, a ponto de iludir os seus próprios sentimentos. É que, assim como o ator, possuem a arte da imitação. Para eles uma idéia não precisa ser artigo de fé; é um tema sobre o qual trabalham, por pouco que se preste à imaginação, e que ora adaptam de um modo, ora de outro, conforme o exijam as circunstâncias. Mas há assuntos aos quais o mais endurecido incrédulo não poderia tocar sem cometer uma profanação: tal é o da dedicatória do Sr. Renan. Em caso semelhante, um homem de coração preferirá abster-se a falar contra a sua convicção; estes não são daqueles assuntos que se escolhem para causar forte impressão.

Tomando as formas dessa dedicatória como expressão conscienciosa do pensamento do autor, aí se encontra mais que uma vaga idéia espiritualista. Com efeito, não é a alma perdida nas profundezas do espaço, absorvida em eterna e beatífica contemplação, ou em dores sem-fim; também não é a alma do panteísta, aniquilando-se no oceano da inteligência universal: é o quadro da alma individual, com a lembrança de suas afeições e ocupações terrenas, voltando aos lugares que habitou, junto às pessoas amadas. O Sr. Renan não falaria assim a um mito, a um ser abismado no nada. Para ele, a alma de sua irmã está ao seu lado; ela o vê, o inspira, interessa-se por seus trabalhos; há entre ambos permuta de pensamentos, comunicação espiritual; sem o suspeitar, ele faz, como tantos outros, uma verdadeira evocação. Que falta a essa crença para ser completamente espírita? A comunicação material. Por que, então, o Sr. Renan a repele, qualificando-a entre as crenças supersticiosas? Porque não admite o sobrenatural, nem o maravilhoso. Mas se reconhecesse o estado real da alma depois da morte, as propriedades de seu envoltório perispiritual, compreenderia que o fenômeno das manifestações espíritas não escapa das leis naturais, e que para isto não é necessário recorrer ao

maravilhoso; que, desde que o fenômeno deve ter-se produzido em todos os tempos e em todos os povos, tem sido fonte de uma imensidão de fatos erroneamente qualificados por uns de sobrenaturais e por outros atribuídos à imaginação; que a ninguém é dado o poder de impedir tais manifestações e que, em certos casos, é possível provocá-las.

Que faz, então, o Espiritismo, senão nos revelar uma nova lei da Natureza? Ele faz, em relação a uma certa ordem de fenômenos, o que, para outros, fez a descoberta das leis da eletricidade, da gravitação, da afinidade molecular, etc. Então a Ciência teria a pretensão de haver dito a última palavra da Natureza? Haveria algo mais surpreendente, mais maravilhoso em aparência do que se corresponder em alguns minutos com uma pessoa que se encontra a quinhentas léguas de distância? Antes do conhecimento da lei da eletricidade, tal fato teria passado por magia, feitiçaria, diabrura ou milagre. Sem dúvida nenhuma, mesmo um sábio, a quem houvessem contado o fato, o teria repellido e não lhe faltariam excelentes razões para demonstrar que era materialmente impossível. Impossível, talvez, conforme as leis então conhecidas, mas muito possível, segundo uma lei que não era conhecida. Por que, então, haveria mais possibilidade de comunicação instantânea com um ser vivo, cujo corpo está a quinhentas léguas, do que com a alma desse mesmo ser, que está ao nosso lado? É, dizem, porque não tem mais corpo. E quem vos diz que não o tem? É precisamente o contrário que o Espiritismo vem provar, demonstrando que se sua alma não tem mais o envoltório material, compacto, ponderável, tem um fluídico, imponderável, mas que não deixa de ser uma espécie de matéria; que esse envoltório, invisível em seu estado normal, em certas circunstâncias e por uma espécie de modificação molecular, pode tornar-se visível, como o vapor, pela condensação. Como se vê, isto não passa de um fenômeno muito natural, cuja chave dá o Espiritismo, pela lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo invisível.

Persuadido de que a alma de sua irmã, ou o seu Espírito, o que dá no mesmo, estava junto dele, o Sr. Renan a via e escutava, e deveria crer que essa alma fosse alguma coisa. Se alguém tivesse vindo dizer-lhe: Essa alma, cuja presença o vosso pensamento adivinha, não é um ser vago e indefinido; é um ser limitado e circunscrito por um corpo fluídico, invisível como a maioria dos fluidos; para ela a morte não passou da destruição de seu envoltório corporal, mas conservou o seu invólucro etéreo, indestrutível, de sorte que tendes ao vosso lado a vossa irmã, tal como era em vida, menos o corpo que deixou na Terra, como a borboleta deixa a sua crisálida; morrendo, apenas se despojou da vestimenta grosseira, que não mais lhe podia servir, que a retinha à superfície do solo, mas conservou a roupagem leve, que lhe permite transportar-se para onde queira, transpor o espaço com a rapidez do relâmpago; quanto ao aspecto moral, é a mesma pessoa, com os mesmos pensamentos, as mesmas afeições, a mesma inteligência, porém com percepções novas, mais vastas, mais sutis, uma vez que suas faculdades não mais são comprimidas pela matéria pesada e compacta, através da qual elas deviam transmitir-se. Dizei se este quadro tem algo de irracional. Provando que ele é real, o Espiritismo é assim tão ridículo quanto alguns o pretendem? Em última análise, que faz ele? Demonstra de maneira patente a existência da alma; provando que esta é um ser definido, dá um objetivo real às nossas lembranças e afeições. Se o pensamento do Sr. Renan não passava de um sonho, de uma ficção poética, o Espiritismo vem transformar essa ficção em realidade.

Em todos os tempos a filosofia é ligada à procura da alma, sua natureza, suas faculdades, sua origem e seu destino. Inúmeras teorias foram feitas a propósito, e a questão sempre ficou na incerteza. Por quê? Aparentemente porque nenhuma encontrou o nó do problema e não o resolveu de maneira bastante satisfatória para convencer a todos. O Espiritismo vem, por sua vez, dar a sua teoria. Apóia-se na psicologia experimental; estuda a alma, não só durante a vida, mas após a morte; observa-a em estado de

isolamento; ele a vê agir em liberdade, enquanto a filosofia ordinária só a vê em sua união com o corpo, submetida aos entraves da matéria, razão por que muitas vezes confunde a causa com o efeito. A filosofia se esforça por demonstrar a existência e os atributos da alma por fórmulas abstratas, ininteligíveis para as massas; o Espiritismo lhe dá provas palpáveis e, a bem dizer, a faz tocar com o dedo e a ver, exprimindo-se em termos claros, ao alcance de toda gente. A simplicidade de linguagem lhe tiraria o caráter filosófico, como o pretendem certos sábios?

A despeito disto, aos olhos de muita gente a filosofia espírita contém um erro grave, e tal erro se encerra numa única palavra. A palavra *alma*, mesmo para os incrédulos, tem algo de respeitável e imponente. Ao contrário, a palavra *Espírito* neles desperta idéias fantásticas de lendas, contos de fadas, fogos-fátuos, bichos-papões, etc. Admitem naturalmente que se possa crer na alma, embora eles mesmos não creiam, mas não podem compreender que, sensatamente, se possa acreditar nos Espíritos. Daí uma prevenção que os faz encarar esta ciência como pueril e indigna de sua atenção; julgando-a pela etiqueta, crêem-na inseparável da magia e da feitiçaria. Se o Espiritismo se tivesse abstido de pronunciar a palavra *Espírito* e se, em todas as circunstâncias a tivesse substituído pela palavra *alma*, a impressão para eles teria sido completamente outra. Com todo o rigor, esses profundos filósofos, esses livres-pensadores admitem que a *alma* de um ser que nos foi caro ouça os nossos lamentos e nos venha inspirar, mas não admitirão que o mesmo se dê com seu *Espírito*. O Sr. Renan pôde colocar no topo de sua dedicatória: *À alma pura de minha irmã Henriette*; não teria posto: *Ao Espírito puro*.

Por que, então, o Espiritismo se serviu da palavra *Espírito*? É um erro? Não, ao contrário. Primeiro porque, desde as primeiras manifestações e antes da criação da filosofia espírita, essa palavra já era usada; desde que se tratava de deduzir as

conseqüências morais dessas manifestações, havia utilidade em conservar uma denominação consagrada pelo uso, a fim de mostrar a conexão dessas duas partes da ciência. Além disso, era evidente que a prevenção ligada a essa palavra, circunscrita a uma categoria especial de pessoas, devia apagar-se com o tempo. O inconveniente era apenas momentâneo.

Em segundo lugar, se para certas pessoas o vocábulo *Espírito* era um palavrão, para as massas era um atrativo e deveria contribuir mais que o outro para popularizar a doutrina. Assim, pois, era preferível o maior número ao menor.

Um terceiro motivo é mais sério que os dois outros. As palavras *alma* e *Espírito*, embora sinônimas e empregadas indiferentemente, não exprimem exatamente a mesma idéia. A *alma* é, a bem dizer, o princípio inteligente, inatingível e indefinido como o pensamento. No estado dos nossos conhecimentos, não podemos concebê-lo isolado da matéria de maneira absoluta. O perispírito, não obstante formado de matéria sutil, dele faz um ser limitado, definido e circunscrito à sua individualidade espiritual, donde se pode formular esta proposição: *A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o HOMEM; a alma e o perispírito separados do corpo constituem o ser chamado ESPÍRITO.* Nas manifestações, pois, não é só a alma que se apresenta; está sempre revestida de seu envoltório fluídico; esse envoltório é o intermediário necessário, através do qual ela age sobre a matéria compacta. Nas aparições não é a alma que se vê, mas o perispírito, do mesmo modo que quando se vê um homem vê-se o seu corpo, e não o pensamento, a força, o princípio que o faz agir.

Em resumo, a *alma* é o ser simples, primitivo; o *Espírito* é o ser duplo; o *homem* é o ser triplo. Se se confundir o homem com suas roupas, teremos um ser quádruplo. Nas circunstâncias de que se trata, a palavra *Espírito* é a que melhor corresponde à coisa

expressa. Pelo pensamento representa-se um Espírito, mas não se representa uma alma.

Convencido de que a alma de sua irmã o via e o entendia, o Sr. Renan não podia supor que ela estivesse só no espaço. Uma simples reflexão deveria dizer-lhe que deve ocorrer o mesmo com todas as que deixam a Terra. As almas ou Espíritos assim espalhados na imensidade constituem o mundo invisível que nos cerca e em cujo meio vivemos, de sorte que esse mundo não é composto de seres fantásticos, de gnomos, de duendes, de demônios monstruosos, mas dos mesmos seres que formaram a Humanidade terrestre. Que há nisso de absurdo? O mundo visível e o mundo invisível assim se acham em perpétuo contato, daí resultando uma incessante reação de um sobre o outro; daí uma imensidade de fenômenos que entram na ordem dos fatos naturais. O Espiritismo moderno não os descobriu, nem os inventou; ele os estudou melhor e melhor os observou; procurou as suas leis e, por isso mesmo, as suprimiu da ordem dos fatos maravilhosos.

Os fatos que se prendem ao mundo invisível e às suas relações com o mundo visível, mais ou menos observados em todas as épocas, ligam-se à história de quase todos os povos e, sobretudo, à história religiosa. Eis por que em muitas passagens, escritores sacros e profanos fazem alusão a eles. É por falta de conhecimento dessas relações que tantas passagens ficaram ininteligíveis e foram interpretadas tão diversamente e tão falsamente.

É por esta mesma razão que o Sr. Renan equivocou-se tão singularmente quanto à natureza dos fatos relatados no Evangelho, quanto ao sentido das palavras do Cristo, seu papel e seu verdadeiro caráter, como o demonstraremos num próximo artigo. Estas reflexões, a que nos conduziram o seu preâmbulo, eram necessárias para apreciar as conseqüências por ele tiradas do ponto de vista em que se colocou.

Sociedade Espírita de Paris

DISCURSO DE ABERTURA DO SÉTIMO ANO SOCIAL –
1º DE ABRIL DE 1864

Senhores e caros colegas,

A Sociedade começa seu sétimo ano, o que é muito significativo em se tratando de uma ciência nova. Um fato de não menor importância é que ela seguiu constantemente uma marcha ascendente. Contudo, senhores, sabeis que é menos no sentido material que no sentido moral que se realiza o seu progresso. Não somente ela não abriu suas portas ao primeiro a chegar, como não solicitou que dela fizesse parte quem quer que fosse, antes visando circunscrever-se do que se expandir indefinidamente.

Com efeito, o número de membros ativos é uma questão secundária para toda sociedade que, como esta, não visa entesourar. Como não *busca subscriptores*, não se prende à quantidade. Assim o exige a própria natureza de seus trabalhos, exclusivamente científicos, para os quais são necessários a calma e o recolhimento, e não o alvoroço da multidão.

O sinal de prosperidade da Sociedade, não está, pois, nem na cifra de seu pessoal, nem no montante de sua reserva bancária; está inteiramente na progressão de seus estudos, na consideração que conquistou, no ascendente moral que exerce lá fora, enfim no número de adeptos que aderem aos princípios que ela professa, sem que, por isso, dela participem. A esse respeito, senhores, sabeis que o resultado ultrapassou todas as previsões e, coisa notável! não é somente na França que ela exerce tal ascendente, mas no estrangeiro, porque, para os verdadeiros espíritas, todos os homens são irmãos, seja qual for a nação a que pertençam. Tendes a prova material disto no número de sociedades e grupos que, de diversos países, vêm colocar-se sob o seu patrocínio e lhe pedir conselhos. Isto é um fato notório e tanto mais característico quanto essa convergência para ela se faz

espontaneamente, pois não é menos notório que ela nem o provocou, nem o solicitou. É, pois, voluntariamente, que vêm colocar-se sob a bandeira que ela hasteou. A que se deve tudo isto? Suas causas são múltiplas; não é inútil examiná-las, porque isto entra na história do Espiritismo.

Uma das causas vem, naturalmente, do fato de que, sendo a primeira regularmente constituída, também foi a primeira a ampliar o círculo de seus estudos e a abraçar todas as partes da ciência espírita. Quando o Espiritismo mal saía do período da curiosidade e das mesas girantes, ela entrou resolutamente no período filosófico que, de certo modo, inaugurou. Por isso mesmo, logo centralizou a atenção da gente séria.

Mas isto para nada teria servido, se ela tivesse ficado alheia aos princípios ensinados pela generalidade dos Espíritos. Se apenas tivesse professado suas próprias idéias, jamais se teria imposto à imensa maioria dos adeptos de todos os países. A Sociedade representa os princípios formulados em *O Livro dos Espíritos*. Sendo esses princípios ensinados em toda parte, muito naturalmente se vincularam ao centro de onde aqueles partiam, ao passo que aqueles que se colocaram fora deste centro ficaram isolados, por não terem encontrado eco entre os Espíritos.

Repetirei aqui o que disse alhures, porque nunca seria demais repetir: A força do Espiritismo não reside na opinião de um homem, nem na de um Espírito; está na universalidade do ensino dado por estes últimos; o *controle universal*, como o *sufrágio universal*, resolverá no futuro todas as questões litigiosas; fundará a unidade da doutrina muito melhor do que um concílio de homens. Ficai certos, senhores, de que este princípio fará o seu caminho, como o *Fora da caridade não há salvação*, porque baseado na mais rigorosa lógica e na abdicação da personalidade. Não contrariará senão os adversários do Espiritismo e aqueles que só têm fé em suas luzes pessoais.

É por jamais se ter afastado dessa via traçada pela sã razão que a Sociedade de Paris conquistou o lugar que ocupa. Confiam nela, porque sabem que nada avança levemente, não impõe suas próprias idéias e, por sua posição, mais que ninguém, está habilitada a constatar o sentido em que se pronuncia aquilo que se pode justamente chamar o *sufrágio universal dos Espíritos*. Se alguma vez ela se colocasse ao lado da maioria, deixaria forçosamente de ser o ponto de ligação. O Espiritismo não cairia *porque tem seu ponto de apoio em toda parte*, mas a Sociedade cairia, se não tivesse o seu *por toda parte*. Com efeito, e por sua natureza excepcional, o Espiritismo também não repousa *numa sociedade*, como não se assenta num indivíduo; a de Paris jamais disse: *Fora de mim não há Espiritismo*; assim, se ela deixasse de existir, nem por isto o Espiritismo desviar-se-ia de seu curso, porque tem suas raízes na inumerável multidão de intérpretes dos Espíritos no mundo inteiro, e não numa reunião qualquer, cuja existência é sempre eventual.

Os testemunhos que a Sociedade recebe provam que ela é estimada e considerada, o que certamente é motivo para nos congratularmos. Se a causa primeira está na natureza de seus trabalhos, é justo acrescentar que o deve também ao bom conceito que de suas sessões levaram os numerosos estrangeiros que a visitaram; a ordem, a postura, a gravidade, os sentimentos de fraternidade que viram aí reinar os convenceram, mais que todas as palavras, de seu caráter eminentemente sério.

Tal é, senhores, a posição que, como fundador da Sociedade, eu tive que lhe assegurar; tal é, também, a razão pela qual jamais cedi a qualquer incitamento tendente a desviá-la do caminho da prudência. Deixei que dissessem e fizessem os impacientes de boa ou de má-fé; sabeis no que eles se tornaram, ao passo que a Sociedade ainda está de pé.

A missão da Sociedade não é fazer proselitismo, razão por que jamais convoca o público. O objetivo de seus trabalhos, como o indica seu título, é o progresso da ciência espírita. Para isto aproveita não só suas próprias observações, mas as feitas alhures; recolhe os documentos que lhe chegam de todas as partes; estuda-os, investiga-os e os compara, para lhes deduzir os princípios e tirar as instruções que espalha, mas não o faz irrefletidamente. É assim que seus trabalhos a todos aproveitam e, se conquistaram certa autoridade, é porque sabem que são feitos conscienciosamente, sem prevenção sistemática contra pessoas ou coisas.

Compreende-se, pois, que para atingir tal objetivo, é indiferente um número de membros mais ou menos considerável. O resultado seria obtido tão bem ou, melhor ainda, com uma dúzia do que com algumas centenas. Não visando a nenhum interesse material, não há por que buscar o número; sendo seu objetivo grave e sério, nada faz tendo em vista a curiosidade; enfim, como os elementos da ciência nada lhe ensinariam de novo, não perde tempo em repetir o que já sabe. Como dissemos, seu papel é trabalhar pelo progresso da ciência pelo estudo; não é junto dela que os que nada sabem vêm convencer-se, mas que os adeptos já iniciados vêm colher novas instruções; tal é o seu verdadeiro caráter. O que lhe é preciso, o que lhe é indispensável, são relações extensas, que lhe permitam ver do alto o movimento geral, para julgar do conjunto, a este se conformar e o dar a conhecer. Ora, ela possui tais relações, que vieram por si mesmas e aumentam diariamente, e tendes a prova disto pela correspondência.

O número de reuniões que se formam sob os seus auspícios e solicitam o seu patrocínio, pelos motivos expostos acima, é o fato mais característico do ano social que acaba de passar. Este fato não só é muito honroso para a Sociedade como tem uma importância capital, pois testemunha, ao mesmo tempo, a extensão da doutrina e o sentido no qual tende a estabelecer-se a unidade.

Os que nos conhecem sabem a natureza das relações que existem entre a Sociedade de Paris e as sociedades estrangeiras, mas é essencial que todo o mundo o saiba, para evitar os equívocos a que as alegações da malevolência poderiam dar lugar. Assim, não é supérfluo repetir: Que os espíritas não formam entre si nem uma congregação, nem uma associação; que entre as diversas sociedades não há nem solidariedade material, nem filiação oculta ou ostensiva; que não obedecem a nenhuma palavra de ordem secreta; que os que delas fazem parte são sempre livres para se retirarem, quando isto lhes convém; que se elas não abrem suas portas ao público, não é porque aí se passe algo de misterioso ou de oculto, mas porque não querem ser perturbadas pelos curiosos e importunos; longe de agir na sombra, ao contrário estão sempre prontas a submeter-se às investigações da autoridade legal e às prescrições que lhes forem impostas. A de Paris tem, sobre as outras, apenas autoridade moral, que conquistou por sua posição e por seus estudos e porque houveram por bem lha conferir. Dá os conselhos que exigem de sua experiência, mas não se impõe a nenhuma. A única palavra de ordem que dá, como sinal de reconhecimento entre os verdadeiros espíritas, é este: *Caridade para com todos, mesmo pelos nossos inimigos*. Declinaria, pois, de toda solidariedade moral com as que se afastassem deste princípio, que tivessem por móvel o interesse material, que, em vez de manter a união e a boa harmonia, tendessem a semear a divisão entre os adeptos, porque, por isso mesmo, elas se colocariam fora da doutrina.

A Sociedade de Paris não pode assumir a responsabilidade dos abusos que, por ignorância ou por outras causas, possam fazer do Espiritismo; ela não pretende, de forma alguma, cobrir com o seu manto os que os cometem; não pode nem deve tomar-lhes a defesa perante a autoridade, em caso de perseguição, porque seria aceitar o que a doutrina desaprova. Quando a crítica se dirige a tais abusos, nada temos a refutar, mas apenas respondemos: “Se vos désseis ao trabalho de estudar o

Espiritismo, saberíeis o que ele diz e não o acusaríeis daquilo que ele condena.” Assim, cabe aos espíritas sinceros evitar cuidadosamente tudo quanto possa dar lugar a uma crítica fundada; e certamente o conseguirão, se se aterem aos preceitos da doutrina. Não é porque uma reunião se intitula grupo, círculo ou sociedade espírita que, necessariamente deve ter a nossa simpatia; a etiqueta jamais foi garantia absoluta da qualidade da mercadoria. Mas, segundo a máxima: “Conhece-se a árvore pelo seu fruto”, nós a apreciamos em razão dos sentimentos que a animam, do móvel que a dirige, e a julgamos por suas obras.

A Sociedade de Paris se congratula quando pode inscrever, na lista de seus aderentes, reuniões que oferecem todas as garantias desejáveis de ordem, boas maneiras, sinceridade, devotamento e abnegação pessoal e os pode oferecer como modelos aos seus irmãos em crença.

A posição da Sociedade de Paris é, pois, exclusivamente moral e ela jamais ambicionou outra. Aqueles nossos antagonistas que pretendem que todos os espíritas são tributários; que ela se enriquece à sua custa, extorquindo-lhes dinheiro em seu proveito; que calculam seu lucro pelo número de adeptos, ou dão provas de má-fé ou da mais absoluta ignorância daquilo de que falam. Sem dúvida ela tem por si a consciência, mas tem a mais, para confundir a impostura, os seus arquivos, que testemunharão sempre a verdade, assim no presente como no futuro.

Sem desígnio premeditado e pela força das coisas, a Sociedade tornou-se um centro para onde convergem ensinamentos de toda natureza concernentes ao Espiritismo. Sob esse aspecto, ela se acha numa posição que poderíamos dizer excepcional, pelos elementos que possui para assentar a sua opinião. Melhor que ninguém, pode ela, pois, conhecer o estado real do progresso da doutrina em cada país e apreciar as causas locais que possam favorecê-la ou retardar o seu desenvolvimento.

Essa estatística não será um dos elementos menos preciosos da história do Espiritismo, permitindo, ao mesmo tempo, que se estudem as manobras de seus adversários e se calculem a extensão dos golpes desferidos para o derrubar. Bastaria esta observação para permitir prever o resultado definitivo e inevitável da luta, como se julga o desfecho de uma batalha pelo movimento dos dois exércitos.

A propósito, pode dizer-se com inteira verdade que estamos na primeira linha para observar, não só a tática dos homens, mas, também, a dos Espíritos. Com efeito, vemos da parte destes uma unidade de vistas e de plano sábia e providencialmente combinada, diante da qual devem quebrar-se, forçosamente, todos os esforços humanos, porque os Espíritos podem atingir os homens e os ferir, ao passo que escapam destes últimos. Como se vê, a partida é desigual.

A história do Espiritismo moderno será uma coisa realmente curiosa, porque será a da luta entre o mundo visível e o mundo invisível. Os Antigos teriam dito: *A guerra dos homens contra os deuses*. Será também a luta dos fatos, mas, sobretudo e forçosamente, a dos homens que neles tiverem representado um papel ativo, num como noutro sentido, de verdadeiros sustentáculos, como adversários da causa. É preciso que as gerações futuras saibam a quem deverão um justo tributo de reconhecimento; é preciso que consagrem a memória dos verdadeiros pioneiros da obra regeneradora e que não haja glórias usurpadas.

O que dará a essa história um caráter particular é que, em vez de ser feita, como muitas outras, dos anos ou dos séculos fora do tempo, com fé na tradição e na lenda, ela se faz à medida que os eventos acontecem, baseando-se em dados autênticos, o mais vasto e completo arquivo existente no mundo, que possuímos, proveniente de correspondência incessante, vinda de todos os países onde se implanta a doutrina.

Sem dúvida o Espiritismo, em si mesmo, não pode ser atingido pelas alegações mentirosas de seus adversários, com o auxílio das quais procuram deturpá-lo; contudo, poderiam dar falsa idéia de seus primórdios e de seus meios de ação, desnaturando os atos e o caráter dos homens que nele tiverem cooperado, se não se desse a contrapartida oficial. Esses arquivos serão, para o futuro, a luz que dissipará todas as dúvidas, a mina onde os comentadores futuros poderão colher com certeza. Como vedes, senhores, esse trabalho é de grande importância no interesse da verdade histórica; a nossa própria Sociedade nele está interessada, em razão da parte que ocupa no movimento.

Há um provérbio que diz: “A nobreza obriga.” A posição da Sociedade lhe impõe obrigações para conservar seu crédito e seu ascendente moral. A primeira é não se afastar, quanto à teoria, da linha seguida até hoje, pois já recolhe seus frutos; a segunda está no bom exemplo que deve dar, justificando, pela prática, a excelência da doutrina que professa. Sabe-se que este exemplo, provando a influência moralizadora do Espiritismo, é um poderoso elemento de propaganda e, ao mesmo tempo, o melhor meio de fechar a boca dos detratores. Um incrédulo, que da doutrina só conhece a filosofia, dizia que *com tais princípios o espírita necessariamente deveria ser um homem de bem*. Estas palavras são profundamente verdadeiras; mas, para serem completas, é preciso acrescentar que o verdadeiro espírita deve ser, necessariamente, bom e benevolente para com os seus semelhantes, isto é, praticar a caridade evangélica em sua mais vasta acepção.

É a graça que todos devemos pedir que Deus nos conceda, tornando-nos dóceis aos conselhos dos Espíritos bons que nos assistem. Peçamos igualmente a estes que continuem a nos proteger durante o ano que se inicia e que nos dêem a força de nos tornarmos dignos deles. É o meio mais seguro de justificar e conservar a posição que a Sociedade conquistou.

A Escola Espírita Americana

Algumas pessoas perguntam por que a Doutrina Espírita não é a mesma no antigo e no novo continentes e em que consiste a diferença. É o que tentaremos explicar.

Como se sabe, as manifestações ocorreram em todos os tempos, tanto na Europa quanto na América, e hoje, que nos damos conta da coisa, lembramos uma porção de fatos que tinham passado despercebidos, muitos dos quais consignados em escritos autênticos. Mas esses fatos eram isolados; nestes últimos tempos eles se produziram nos Estados Unidos numa escala bastante ampla para despertar a atenção geral dos dois lados do Atlântico. A extrema liberdade existente nesse país favoreceu a eclosão das idéias novas, e é por isto que os Espíritos o escolheram para primeiro teatro de seus ensinos.

Ora, acontece muitas vezes que uma idéia surge num país e se desenvolve em outro, como se vê nas ciências e na indústria. Sob esse aspecto, o gênio americano deu suas provas e nada tem a invejar à Europa; mas, se excede em tudo o que concerne ao comércio e às artes mecânicas, não se pode recusar à Europa o das ciências morais e filosóficas. Em consequência dessa diferença no caráter normal dos povos, o Espiritismo experimental ocupava seu espaço na América, enquanto a teoria e a filosofia encontravam na Europa elementos mais propícios ao seu desenvolvimento. Assim, foi lá que nasceu, conquistando, em poucos anos, o primeiro lugar. Ali os fatos inicialmente despertaram a curiosidade; porém, uma vez constatados e satisfeita a curiosidade, logo se cansaram das experiências materiais sem resultados positivos. Já o mesmo não ocorreu desde que se desdobraram as consequências morais desses mesmos fatos para o futuro da Humanidade. A partir daí o Espiritismo tomou posição entre as ciências filosóficas; marchou a passos de gigante, a despeito dos obstáculos que lhe foram suscitados, porque satisfazia

às aspirações das massas, porque prontamente compreenderam que vinha preencher um imenso vazio nas crenças e resolver o que até então parecia insolúvel.

A América foi, pois, o berço do Espiritismo, mas foi na Europa que ele cresceu e fez suas humanidades. Isto é motivo para a América ficar enciumada? Não, porque noutros pontos ela levou vantagem. Não foi na Europa que as máquinas a vapor surgiram? e não foi na América que encontraram a sua aplicação prática? A cada um o seu papel, conforme suas aptidões, e a cada povo o seu, segundo seu gênio particular.

O que particularmente distingue a escola espírita dita americana da escola européia é a predominância, na primeira, da parte fenomênica, à qual se ligam mais especialmente, e na segunda, a parte filosófica. A filosofia espírita da Europa espalhou-se prontamente, porque ofereceu, desde o princípio, um conjunto completo, mostrando o objetivo e ampliando o horizonte das idéias; incontestavelmente, é a que hoje prevalece no mundo inteiro. Até hoje os Estados Unidos pouco se afastaram de suas idéias primitivas; significará isto que, isolados, ficarão na retaguarda do movimento geral? Seria injuriar a inteligência desse povo. Aliás, os Espíritos lá estão para o impelir na via comum, ensinando ali o que ensinam alhures; triunfarão pouco a pouco das resistências que poderiam nascer do amor-próprio nacional. Se os americanos repelissem a teoria européia, porque vem da Europa, aceitá-la-ão quando surgir em seu meio, pela própria voz dos Espíritos; cederão ao ascendente, não da opinião de alguns homens, mas ao controle universal do ensino dos Espíritos, esse poderoso critério, como o demonstramos em nosso artigo sobre a *autoridade da doutrina espírita*; é apenas uma questão de tempo, principalmente quando houverem desaparecido as questões pessoais.

De todos os princípios da doutrina, o que encontrou mais oposição na América – e por América deve entender-se

exclusivamente os Estados Unidos – foi o da reencarnação. Pode mesmo dizer-se que é a única divergência capital, prendendo-se as outras mais à forma do que ao fundo, e isto porque ali os Espíritos não a ensinaram. Expliquemos as razões disto. Os Espíritos procedem em toda parte com sabedoria e prudência; para se fazerem aceitar, evitam chocar muito bruscamente as idéias preconcebidas. Não irão dizer de chofre a um muçulmano que Maomé é um impostor. Nos Estados Unidos o dogma da reencarnação teria vindo chocar-se contra os preconceitos de cor, tão profundamente arraigados naquele país; o essencial era fazer aceitar o princípio fundamental da comunicação do mundo visível com o mundo invisível; as questões de detalhe viriam a seu tempo. Ora, é indubitável que esse obstáculo acabará por desaparecer, e que um dos resultados da guerra civil será o gradativo enfraquecimento de preconceitos, verdadeira anomalia numa nação tão liberal.

Se, de maneira geral, a idéja da reencarnação ainda não é aceita nos Estados Unidos, ela o é individualmente por alguns, se não como princípio absoluto, ao menos com certas restrições, o que já é alguma coisa. Quanto aos Espíritos, sem dúvida julgando que o momento é propício, começam a ensinar com cautela em certos lugares e sem rodeios em outros. Uma vez levantada, a questão percorrerá longa distância. Aliás, temos sob os olhos comunicações já antigas, obtidas naquele país, nas quais, sem estar formalmente expressa, a pluralidade das existências é a consequência forçada dos princípios emitidos; aí se vê brotar a idéja. Assim, não há que duvidar que, em pouco tempo, o que hoje ainda se chama escola americana fundir-se-á na grande unidade que se estabelece por toda parte.

Como prova do que avançamos, citaremos o artigo seguinte, publicado no jornal *União*, de *San Francisco*, e um extrato da carta que o acompanhou.

“Senhor Allan Kardec,

“Embora não tenha a honra de ser vossa conhecida, tomo, como médium, a liberdade de vos enviar a notícia anexa, que esses senhores do jornal resumiram um pouco. Contudo, tal como está, muitas pessoas parecem desejar mais. Assim, todos os vossos livros se espalham e logo nossos livreiros terão de fazer novos pedidos...

“Recebei, etc.”

Pauline Boulay

NOTÍCIA SOBRE O ESPIRITISMO

“Basta exprimir em voz alta idéias que nem todos compreendem para se ser tachado de exaltado, extravagante e louco. Não é preciso ser uma literata para escrever o que nos ditam a alma e o coração.

“Um espírito forte dizia a uma senhora médium: – Como vós, que sois inteligente, podeis acreditar em Espíritos invisíveis e na pluralidade das existências? – Respondeu a dama: Talvez porque eu seja inteligente é que creio nisto; o que sinto me inspira mais confiança do que o que vejo, uma vez que o que vemos nos engana algumas vezes; o que sentimos jamais nos engana. Sois livre para não acreditar. Os que crêem na pluralidade das existências não são maus e são mais desinteressados que os que não crêem; os incrédulos os tratam de loucos, mas isto não prova que digam a verdade; ao contrário. Duvidar do poder de Deus é ofendê-lo; negar o que existe além do que podemos apalpar é um ultraje dirigido ao Criador.

“Temos o hábito, quando nos acontece algo de extraordinário, a atribuí-lo ao acaso. Pergunto: o que é o acaso? O nada, responde a voz da verdade. Ora, não podendo o nada

produzir algo, o que existe nos vem de uma fonte produtiva. Seria muito justo pensar que o que acontece independentemente de nossa vontade é obra da Providência, dirigida pelo Senhor de nossos destinos.

“Seja o que disserdes, seja o que façais, espíritos fortes, jamais destruireis esta doutrina, que sempre existiu. Como a ignorância das almas primitivas não lhes permite compreendê-la em toda a sua extensão, imaginam que depois desta vida tudo está acabado. É um erro! Nós, médiuns, mais ou menos adiantados, acabaremos por vos convencer.

“Não só o Espiritismo é uma consolação, mas ainda desenvolve a inteligência, destrói todo pensamento de egoísmo, de orgulho e de avareza, põe-nos em comunicação com os que nos são caros e prepara o progresso, progresso imenso que, insensivelmente, destruirá todos os abusos, as revoluções e as guerras.

“A alma tem necessidade de reencarnar para se aperfeiçoar; numa única vida material não pode aprender tudo quanto deve saber para compreender a obra do Todo-Poderoso. O corpo não passa de um envoltório passageiro, no qual Deus envia uma alma para se aperfeiçoar e sofrer as provas necessárias ao seu adiantamento e à realização da grande obra do Criador, a que somos chamados a servir, quando tivermos sofrido nossas provas e adquirido todas as perfeições. Todas as nossas celebridades contemporâneas são outras tantas almas que progrediram pela renovação das encarnações; muitas dentre elas são médiuns escreventes, gênios que trazem, em cada existência nova, os progressos da ciência e das artes.

“A lista dos homens de gênio aumenta todos os anos. São outros tantos guias que Deus coloca em nosso meio para nos esclarecer, nos instruir, numa palavra, nos ensinar o que ignoramos e que é absolutamente necessário que saibamos; eles nos mostram

a chaga social, procuram destruir os preconceitos, põem à luz e aos nossos olhos todo o mal produzido pelo egoísmo e pela ignorância. Esses gênios são animados por Espíritos superiores; fizeram mais pelo progresso e pela civilização que toda a vossa pirotecnia, e fazem derramar mais lágrimas de ternura e de reconhecimento que todos os vossos feitos de armas.

“Refleti, pois, seriamente no Espiritismo, homens inteligentes, pois nele encontrareis grandes ensinamentos. Não há charlatanismo nesta lei divina: tudo aí é belo, grande, sublime; ela apenas tende a conduzir-nos à perfeição e à verdadeira felicidade moral.

“O livro escrito pelos médiuns, ditado por Espíritos superiores e errantes, é um livro de alta filosofia e de uma instrução tão profunda quanto etérea; trata de tudo. É verdade que nem todos estão ainda preparados para esta crença e, para compreendê-la, é necessário que a alma já tenha reencarnado várias vezes.

“Quando todo o mundo compreender o Espiritismo, nossos grandes poetas serão mais apreciados e lidos com atenção e respeito. Todos os nossos literatos serão compreendidos por todos os povos e admirados sem inveja, porque serão conhecidas as causas e os efeitos.

“O estudo da Ciência é a mais nobre das ocupações; o Espiritismo é a sua divindade. Por ele associamo-nos ao gênio e, como disse um dos nossos cientistas, depois do homem de gênio vem o que sabe compreendê-lo.

A instrução faz do Espírito o que um hábil joalheiro faz da pedra bruta: dá-lhe o polimento, o brilho que encanta e seduz, realçando-lhe o valor.

A alma não tem forma propriamente dita; é uma espécie de luz que difere por sua intensidade, conforme o grau de

perfeição adquirida. Quanto mais a alma progride, tanto mais luminosa é a sua cor.

“Quando todos fordes médiuns, podereis entreter-vos com os Espíritos, como já o fazemos; eles vos dirão que são mais felizes que nós. Eles nos vêem, nos escutam, assistem às nossas reuniões, conversam com nossa alma durante o sono, transportam-se e penetram por toda parte onde Deus os envia.”

Pauline Boulay

Nota – O princípio da reencarnação acha-se igualmente num manuscrito que nos foi enviado de Montreal (Canadá), e do qual falaremos em breve.

Cursos Públicos de Espiritismo em Lyon e Bordeaux

Aqui não se trata, como poderiam supor, de uma demonstração aprobativa da doutrina, mas, ao contrário, de uma nova forma de ataque, sob um título atraente e algo enganador, pois aquele que, confiando no cartaz publicitário, lá fosse pensando assistir a lições de Espiritismo, ficaria muito desapontado. Os sermões estão longe de ter tido o resultado esperado; aliás, só se dirigem aos fiéis; depois exigem uma forma muito solene, excessivamente religiosa, ao passo que a tribuna de ensino permite atitudes mais livres, mais familiares; o orador eclesiástico faz abstração de sua condição de sacerdote: torna-se professor. Essa tática dará bons resultados? Só o futuro dirá.

O abade Barricand, professor da Faculdade de Teologia de Lyon, começou no Petit-Collège uma série de lições públicas sobre, ou melhor, contra o magnetismo e o Espiritismo. O jornal *Verité*, em seu número de 10 de abril de 1864, analisa uma

sessão consagrada ao Espiritismo e destaca várias asserções do orador; promete manter os leitores informados da continuação, ao mesmo tempo que se encarrega de refutar o que, não temos dúvida, fará maravilhosamente, a julgar por seu começo. A conveniência e a moderação de que deu prova até hoje em sua polêmica nos são garantia de que não se apartará dessa linha, mesmo que o seu contraditor dela se afaste.

Enquanto o abade Barricand ficar no terreno da discussão dos princípios da doutrina, estará no seu direito; não podemos censurá-lo por não ser de nossa opinião, de dizer e tentar provar que tem razão. Gostaríamos que o clero em geral fosse tão partidário do livre-exame quanto nós mesmos. O que está fora do direito de discussão são os ataques pessoais e, sobretudo, os personalismos malévolos; é quando, pelas necessidades de sua causa, um adversário desnatura os fatos e os princípios que quer combater, as palavras e os atos dos que os defendem. Semelhantes meios são sempre provas de fraqueza e testemunham a pouca confiança nos argumentos tirados da própria coisa. São esses desvios da verdade que devem ser destacados no caso, mas dentro dos limites da conveniência e da urbanidade.

O *Vérité* assim resume uma parte da argumentação do abade Barricand:

“Quanto aos espíritas, que são muito mais numerosos, igualmente me esforço por provar que hoje descem do pedestal pretensioso sobre o qual o Sr. Allan Kardec os entronizava em 1862. Com efeito, em 1861 o Sr. Kardec realizava uma viagem por toda a França, viagem da qual complacientemente dava contas ao público. Oh! senhores, então tudo corria de vento em popa; os adeptos dessa escola se contavam por trinta mil em Lyon, por dois ou três mil em Bordeaux, etc., etc. O Espiritismo parecia ter invadido toda a Europa! Ora, o que se passa em 1863? O Sr. Allan Kardec não faz mais viagens... nem relatórios enfáticos! É que,

provavelmente, constatou bom número de deserções e, para não desencorajar o que ainda possa restar de espíritas, por um estado pouco favorável, julgou prudente e correto abster-se. Perdão senhores, eu me engano: o Sr. Allan Kardec consagra algumas páginas de sua *Revista Espírita* (janeiro de 1864), dando-nos algumas informações gerais sobre a campanha de 1863. Mas aqui, não mais cifras ambiciosas! Ele se guarda e com razão!... O Sr. Allan Kardec se contenta em anunciar que o Espiritismo está sempre florescente, mais florescente que nunca. Como provas de apoio, cita a criação de dois novos órgãos da escola, o *Ruche* de Bordeaux, e o *Vérité* de Lyon; sobretudo o *Vérité* que, como ele diz, veio *postar-se como atleta temível, por seus artigos de uma lógica tão cerrada, que não deixam nenhuma margem à crítica*. Espero, senhores, vos demonstrar sexta-feira que o *Vérité* não é tão terrível quanto dizem.

“É fácil ao Sr. Allan Kardec fazer esta afirmação: O *Espiritismo está mais forte que nunca*, e citar como principal prova a criação do *Ruche* e do *Vérité*! Senhores, tudo comédia!... Esses dois jornais bem podem existir, sem que se deva concluir obrigatoriamente que o Espiritismo tenha dado um passo à frente... Se me objetardes que tais jornais têm despesas e que para as pagar são necessários assinantes ou a imposição de sacrifícios esmagadores, ainda responderei: Comédia!... Ao que dizem, a caixa do Sr. Allan Kardec é bem abastecida. Não é justo e racional que venha ajudar os seus discípulos?”

O redator do *Vérité*, Sr. Edoux faz acompanhar esta citação da seguinte nota: “Ao sair do curso, tivemos breve entrevista com o abade Barricand que, aliás, nos recebeu de maneira muito cortês. Nosso objetivo era oferecer-lhe uma coleção do *Vérité*, para lhe facilitar meios de falar à vontade.”

Veremos se o Sr. Barricand será mais feliz que seus confrades e se encontrará o que tantos outros buscaram inutilmente: argumentos esmagadores contra o Espiritismo. Mas,

para que tanto trabalho, desde que este está morrendo? Já que o abade Barricand o crê, deixemos-lhe essa doce crença, pois não será nem mais nem menos. Não temos nenhum interesse em dissuadi-lo. Apenas diremos que se não tem motivos mais sérios de convicção, que os que faz valer, suas razões não são muito concludentes e se todos os seus argumentos contra o Espiritismo têm a mesma força, podemos dormir tranquilos.

Causa admiração que um homem sério tire conseqüências tão arriscadas do que teríamos feito na viagem que realizamos o ano passado e se intrometa em nossos atos particulares a ponto de supor as razões que nos teriam levado a empreendê-la. De uma suposição ele tira uma conseqüência absoluta, o que não é lógica rigorosa, porquanto, se as premissas não forem certas, a conclusão não o poderá ser. Direis que isto não é responder; mas não temos a menor intenção de satisfazer a curiosidade de quem quer que seja. O Espiritismo é uma questão humanitária, seu futuro está nas mãos de Deus e não depende deste ou daquele passo do homem. Lamentamos que o Sr. abade Barricand o veja de um ponto de vista tão estreito.

Quanto a saber se nossa caixa está bem ou mal abastecida, parece-nos que calcular o que existe no bolso de alguém que não deu o direito de examiná-lo, poderia passar por indiscrição; fazer disto o texto de uma informação pública é profanar a vida privada; *supor* o uso que alguém deva ter feito do que se *supõe* que ele possua, pode, conforme as circunstâncias, chegar à calúnia.

Parece que o sistema do Sr. Barricand é proceder por suposições e insinuações. Com tal sistema, pode expor-se a receber desmentidos. Ora, nós lhe damos um formal desmentido a respeito de todas as alegações, suposições e deduções acima relatadas. Discuti tanto quanto quizerdes os princípios do Espiritismo, mas o que fazemos ou não fazemos, o que temos ou não temos, está fora de questão. Um curso não é uma diatribe; é uma exposição séria,

completa e conscienciosa do assunto de que se trata; se for contraditório, exige a lealdade argumentos pró e contra, a fim de que o público julgue de seu valor recíproco; às provas, é preciso opor provas mais preponderantes. É dar uma pobre idéia da força de seus próprios argumentos tentar lançar o descrédito sobre as pessoas. Eis como compreendemos um curso, sobretudo da parte de um professor de Teologia que, antes de tudo, deve procurar a verdade.

Bordeaux também tem seu curso público de Espiritismo, isto é, contra o Espiritismo, pelo reverendo padre Delaporte, professor da Faculdade de Teologia daquela cidade. O *Ruche* o anuncia nestes termos:

“Quarta-feira última, 13 do corrente, assistimos ao curso público de dogma, no qual o padre Delaporte tratava esta questão: *Da hipótese de uma nova religião revelada pelos Espíritos, ou o Espiritismo*. Não tendo concluído ainda o ilustre professor, seguiremos com atenção suas lições e delas daremos conta com a imparcialidade e a moderação de que um espírita jamais deve abdicar.”

O *Sauveur des peuples*, em seus números de 17 e 24 de abril, relata as duas primeiras lições e faz a sua crítica cerrada, o que não deve deixar de causar alguns embaraços ao orador. Assim, eis dois professores de teologia de incontestável talento que, nos dois principais centros do Espiritismo na França, empreendem contra ele uma nova guerra, altercando, nos dois pontos, com campeões que têm o que lhes responder. É que hoje se encontra aquilo que era mais raro há alguns anos: homens que estudaram seriamente e não temem se expor. Que sairá daí? Um primeiro resultado inevitável: o exame mais aprofundado da questão para todo o mundo; os que não leram, quererão ler; os que não viram, quererão ver. Um segundo resultado será o de fazê-lo tomar a sério por aqueles que nele ainda não vêem senão mistificação, pois os sábios

teólogos o julgam assunto digno de séria discussão pública. Um terceiro resultado, enfim, será calar o temor do ridículo, que ainda retém muita gente. Quando uma coisa é discutida publicamente por homens de valor, pró e contra, não se tem mais receio de dela falar.

Da cátedra religiosa a discussão naturalmente passará para a cátedra científica e filosófica. Esta discussão, pela nata dos homens inteligentes, terá por efeito esgotar os argumentos contraditórios, que não poderão resistir à evidência dos fatos.

Sem dúvida a idéa espírita está muito espalhada, embora, pode-se dizer, ainda como opinião individual. O que hoje se passa tende a lhe abrir espaço na opinião geral e, em pouco tempo, lhe assinalará um lugar oficial entre as crenças aceitas.

Aproveitamos com satisfação a oportunidade que nos é oferecida para dirigir felicitações e encorajamentos a todos os que, afrontando o medo, resolutamente chamam a si a causa do Espiritismo. Somos felizes por ver seu número crescer dia a dia. Que perseverem, e logo verão se multiplicarem os apoios; mas que se persuadam também de que a luta não terminou e que a guerra a céu aberto não é mais para temer. O inimigo mais perigoso é o que age na sombra, ocultando-se muitas vezes sob uma falsa máscara. Então diremos: Desconfiai das aparências; não julgueis os homens pelas palavras, mas pelos atos; temei, sobretudo, as armadilhas.

Variedades

MANIFESTAÇÕES DE POITIERS

Conforme nos disseram, os ruídos que tinham posto em alvoroço a cidade de Poitiers cessaram completamente, mas parece que os Espíritos barulhentos transportaram o teatro de suas proezas para as cercanias. Eis o que, a respeito, se lê no *Pays*:

“Os Espíritos batedores de Poitiers começaram a fazer escola e povoam os campos vizinhos. Escrevem de Ville-au-Moine, a 24 de fevereiro, ao *Courrier de la Vienne* (não confundir com o *Journal de la Vienne*, especial para a casa de O.):

“Senhor redator,

“Desde alguns dias nossa região está preocupada com a presença, em Bois-de-Doeuil, de Espíritos batedores que espalham o terror em nossas aldeias. A casa do Sr. Perroche é seu ponto de encontro: todas as noites, entre onze horas e meia-noite, o Espírito se manifesta por nove, onze ou treze pancadas, marcadas por duas e uma, e às seis da manhã, pelo mesmo barulho.

“Notai, senhor, que esses golpes são dados à cabeceira de uma cama onde se deita uma mulher, semimorta de pavor, que garante receber as comunicações de um tio de seu marido, morto em nossa cidade há um mês. Como é difícil acreditar nestas coisas, eu e vários de meus amigos quisemos conhecer a verdade e, para isto, fomos dormir em Bois-de-Doeuil, onde testemunhamos os fatos que nos haviam assinalado; vimos até agitar, no sentido longitudinal, o berço de uma criança, que parecia não estar em contato com ninguém.

“A princípio rimos da coisa, mas vendo que todas as precauções tomadas para descobrir um estratagema nenhum resultado tinham dado, retiramo-nos com mais estupor que vontade de rir.

“Se o barulho continuar, a casa do Sr. Perroche não será suficientemente grande para receber os curiosos que, de Marsais, Priaire, Migre, Doeuil e mesmo de Villeneuve-la-Comtesse, vêm aos bandos para lá passar a noite e tentar descobrir as profundezas desse mistério.

“Aceitai, etc.”

Não faremos sobre tais acontecimentos senão uma curta reflexão. Ao relatá-los, o *Journal de la Vienne* tinha anunciado reiteradamente que estavam na pista do ou dos engraçadinhos que causavam aquelas perturbações, e que não tardariam a prendê-los. Se não o conseguiram, não podem acusar a autoridade de negligência. Como é possível, numa casa ocupada de alto a baixo por seus agentes, que esses engraçadinhos pudessem continuar suas manobras em sua presença, sem que lhes fosse possível apanhá-los? É preciso convir que eles tinham, ao mesmo tempo, muita audácia e muita habilidade, desde que se safaram da força policial sem serem vistos. Além disso, é preciso que esse bando de espertalhões seja muito numeroso, pois fazem as mesmas brincadeiras em diversas cidades e a anos de intervalo, sem jamais serem surpreendidos; que o digam os casos da Rue des Grès e da Rue des Noyers, em Paris; das Grandes-Ventes, perto de Dieppe, e tantos outros, que também não chegaram a nenhum resultado. Como é que a polícia, que possui tão grandes recursos e despista os mais hábeis e os mais astutos malfeitores, não possa vencer a resistência de alguns barulhentos? Já refletiram sobre isto?

Aliás, esses fatos não são novos, como se pode ver pelo relato seguinte.

TASSO E SEU DUENDE

Escrevem-nos de São Petersburgo:

“Venerável mestre, tendo lido no primeiro número da *Revista Espírita* de 1864, o caso de um Espírito batedor do século dezesseis, lembrei-me de outro; talvez o julgueis digno de um pequeno lugar no vosso jornal. Tomo-o de uma notícia sobre a vida e o caráter de Tasso, escrita pelo Sr. Suard, secretário perpétuo da classe de língua e literatura francesas e inserido na tradução da *Jerusalém Libertada*, publicada em 1803.

“Após dizer que os sentimentos religiosos de Tasso, exaltados em conseqüência de sua disposição melancólica e das infelicidades resultantes, o levaram seriamente a convencer-se de que era objeto das perseguições de um diabrete que derrubava tudo em sua casa, roubava-lhe o dinheiro e tirava, de sobre a mesa e aos seus olhos, tudo quanto lhe era servido, acrescenta com o seu historiador: Eis a maneira pela qual o próprio Tasso lhe dá conta dessa perseguição:

“O irmão R... (comunica ele a um de seus amigos) trouxe-me duas cartas vossas, mas uma delas desapareceu assim que a li e creio que o duende a levou, tanto mais quanto era aquela em que faláveis dele. É um desses prodígios, dos quais tantas vezes fui testemunha no hospital, o que não permite duvidar que seja obra de algum mágico, e tenho muitas outras provas. Hoje mesmo retirou um pão de minha frente e noutra dia um prato de frutas.”

A seguir, queixa-se dos livros e papéis que lhe roubam e acrescenta: “Os que desapareceram enquanto eu não estava aqui, podem ter sido levados por homens que, penso, têm as chaves de todas as minhas caixetas, de sorte que nada mais tenho que possa proteger contra os atentados dos inimigos ou do diabo, a não ser a minha vontade, que jamais consentirá que algo me seja ensinado por ele ou seus sectários, nem a contrair familiaridade com ele ou seus magos.”

Em outra carta ele diz: “Tudo vai de mal a pior; esse diabo, que jamais me deixava, quer eu dormisse ou passeasse, vendo que não conseguia de mim o acordo que desejava, tomou o partido de roubar abertamente o meu dinheiro.”

“De outra vez, continuava o autor da notícia, julgou que a Virgem Maria lhe aparecia, e o abade Serassi conta que numa doença que teve na prisão, Tasso se recomendou com tanto ardor

à Santa Virgem, que esta lhe apareceu e o curou. Tasso consagrou esse milagre num soneto.

“Continuando, o duende transformou-se em demônio mais afável, com quem Tasso pretendia conversar mais familiarmente e que lhe ensinava coisas maravilhosas. Todavia, pouco satisfeito com esse estranho comércio, Tasso atribuía sua origem à imprudência que cometera na juventude, de compor um diálogo onde se imaginava a conversar com um Espírito. ‘O que não teria eu querido fazer seriamente, ainda quando me tivesse sido possível’, concluiu.

“O Sr. Suard termina o relato dizendo: Não se pode evitar uma triste reflexão, ao pensar que foi aos trinta anos, depois de haver escrito uma obra imortal, que o infeliz foi escolhido para dar o mais deplorável exemplo da fraqueza do espírito.

“Mas vós, senhor, graças à luz do Espiritismo, podeis fazer outro julgamento e ver nestes fatos, estou certo, mais um elo na cadeia dos fenômenos espíritas que ligam os tempos antigos à época atual.”

Sem a menor dúvida os fatos que hoje se passam, perfeitamente comprovados e explicados, provam que Tasso podia achar-se sob o império de uma dessas obsessões que diariamente testemunhamos, e que nada têm de sobrenatural. Se ele tivesse conhecido a verdadeira causa não se teria com ela impressionado mais do que se o é atualmente; mas, naquela época, a idéia do diabo, das feiticeiras e dos mágicos estava em toda a sua força, e como, longe de a combater, buscavam entretê-la, ela podia reagir de modo lamentável sobre os cérebros fracos. Assim, é mais provável que Tasso não fosse mais louco do que o são os obsedados em nossa sociedade hodierna, aos quais são necessários cuidados morais e não medicamentos.

INSTRUÇÃO DE CIRO A SEUS FILHOS, NO MOMENTO DA MORTE

(Extraído da *Ciropédia*, de *Xenofonte*, liv. VIII, cap. VII)

Eu vos conjuro, meus filhos, em nome dos deuses de nossa pátria, a ter respeito um pelo outro, caso conserveis algum desejo de me agradar, pois imagino que não considereis como certo que eu não seja mais nada quando tiver cessado de viver. Até agora minha alma ficou oculta aos vossos olhos; mas por suas operações, reconhecíeis que ela existia.

Não notastes também de que terrores são atormentados os homicidas pelas almas dos inocentes que fizeram morrer, e que vinganças elas tomam desses ímpios? Pensais que o culto que se presta aos mortos teria sido mantido até hoje, caso se acreditasse que suas almas fossem destituídas de todo poder? Para mim, meus filhos, jamais pude persuadir-me de que a alma, que vive enquanto está num corpo mortal, se extinga desde que dele saiu, pois vejo que é ela que vivifica os corpos destrutíveis, enquanto os habita. Também jamais me pude convencer de que ela perca sua faculdade de raciocinar no momento em que se separa de um corpo incapaz de pensar; é natural crer que a alma, então mais pura e despreendida da matéria, goze plenamente de sua inteligência. Quando um homem está morto, vêm-se as diferentes partes que o compunham, unir-se aos elementos a que pertenciam: só a alma escapa aos olhares, quer durante sua estada no corpo, quer quando o deixa.

Sabeis que é durante o sono, imagem da morte, que mais a alma se aproxima da Divindade e que, nesse estado, muitas vezes prevê o futuro, sem dúvida porque, então, está inteiramente livre.

Ora, se estas coisas são como penso, e se a alma sobrevive ao corpo que abandona, fazei, em respeito à minha, o que vos recomendo; se eu estiver errado, se a alma ficar com o

corpo e perecer com ele, ao menos temei os deuses, que não morrem, que tudo vêem, que podem tudo, que sustentam no Universo essa ordem imutável, inalterável, invariável, cuja magnificência e majestade estão acima de qualquer expressão.

Que esse temor vos preserve de toda ação, de todo pensamento que ofenda a piedade ou a justiça... Mas sinto que minha alma me abandona; sinto-o pelos sintomas que de ordinário anunciam a nossa dissolução.

Observação – Um espírita teria bem pouco a acrescentar a essas notáveis palavras, dignas de um filósofo cristão e onde se acham admiravelmente descritos os atributos especiais do corpo e da alma: o corpo material, destrutível, cujos elementos se dispersam, para unir-se aos elementos similares e que, durante a vida, só age por impulso do princípio inteligente; depois a alma, sobrevivendo ao corpo, conservando sua individualidade e gozando das maiores percepções quando desprendida da matéria; a liberdade da alma durante o sono; enfim, a ação da alma dos mortos sobre os vivos.

Além disso, pode ainda notar-se a distinção feita entre os deuses e a Divindade propriamente dita. Os deuses não passavam de Espíritos, em diferentes graus de elevação, encarregados de presidir, cada um em sua especialidade, a todas as coisas deste mundo, na ordem moral e na ordem material. Os deuses da pátria eram os Espíritos protetores da pátria, como os deuses lares o eram da família. Os deuses, ou Espíritos superiores, não se comunicavam aos homens senão por meio de Espíritos subalternos, chamados *demônios*. O vulgo não ia além disto; mas os filósofos e os iniciados reconheciam um Ser Supremo, criador e ordenador de todas as coisas.

Notas Bibliográficas

A GUERRA AO DIABO E AO INFERNO, *a inabilidade do diabo, o diabo convertido*; por Jean de la Veuze. Brochura in-18, preço: 1 fr. – Bordeaux, Ferrel, livreiro. – Paris, Didier & Cie, 35, quai des Augustins; Ledoyen, Palais-Royal.

O autor, partindo do ponto que o Espiritismo é uma concepção do diabo, visando atrair a si o maior número de almas, traça-lhe um rápido esboço, desde as primeiras manifestações da América até os nossos dias, mostrando que o diabo errou os cálculos, pois salva as almas que estavam perdidas e deixa escaparem, desastradamente, as que eram suas. Vendo isto, converteu-se, assim como parte de seus acólitos. É uma crítica espirituosa e alegre do papel que fazem o diabo representar nos últimos tempos, mas onde pensamentos sérios, profundos e de perfeita justeza ressaltam através de um tom jocoso.

Não temos a menor dúvida de que este pequeno livro será lido com prazer por muita gente.

CARTAS AOS IGNORANTES, *filosofia do bom-senso*; por V. Tournier. Brochura in-18, preço: 1 fr. – Dentu, Palais-Royal.

O autor, espírita fervoroso e esclarecido, reproduz em versos os princípios fundamentais da Doutrina Espírita, conforme *O Livro dos Espíritos*. Nós o cumprimentamos sinceramente pela intenção que presidiu ao seu trabalho. Seja qual for a forma sob a qual se apresente a Doutrina, é sempre um indício de vulgarização da idéia e outras tantas sementes espalhadas que frutificam mais ou menos, segundo a forma de que se acham revestidas. O essencial é que o fundo seja exato, como é o caso.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

JUNHO DE 1864

Nº 6

A Vida de Jesus, pelo Sr. Renan

(2º artigo – Vide o número de maio de 1864)

Este é um daqueles livros que não podem ser completamente refutados senão por outro. Precisaríamos discutir artigo por artigo. É uma tarefa que não empreenderemos, por tocar questões que não são de nossa alçada e de que muitos outros se encarregarão. Limitar-nos-emos ao exame das consequências tiradas pelo autor, do ponto de vista em que se colocou.

Há nesta obra, como em todas as obras históricas, duas partes bem distintas: o relato dos fatos e a apreciação dos fatos. A primeira é uma questão de erudição e de boa-fé; a segunda depende inteiramente da opinião pessoal. Dois homens podem concordar perfeitamente quanto a uma e diferir completamente quanto à outra.

É natural que a parte religiosa tenha sido atacada, já que é uma questão de crença, mas a parte histórica parece não ser invulnerável, a julgar pelas críticas dos teólogos, que não só lhe

contestam a apreciação, mas a exatidão de certos fatos. Deixaremos aos mais competentes do que nós o cuidado de decidir esta última questão. Entretanto, e sem nos constituirmos em juiz do debate, reconhecemos que certas críticas evidentemente são fundadas, mas que, sobre vários pontos importantes da História, as observações do Sr. Renan são perfeitamente justas. Entre as numerosas refutações que foram feitas ao seu livro, cremos dever assinalar a do padre *Gatry* como uma das mais lógicas e mais imparciais. Ele aí ressalta com muita clareza as contradições encontradas a cada passo¹².

Contudo, admitamos que o Sr. Renan em nada se tenha afastado da verdade histórica. Isto não implica a justeza de sua apreciação, porque ele fez esse trabalho em vista de uma opinião e com idéias preconcebidas. Estudou os fatos para neles buscar a prova dessa opinião, e não para formar uma opinião; naturalmente não viu senão o que lhe pareceu conforme à sua maneira de ver, não tendo visto o que lhe era contrário. Sua opinião é a sua medida; aliás, ele o diz nesta passagem de sua introdução, à página 5: “Ficarei satisfeito se, depois de ter escrito a vida de Jesus, me for dado *contar como entendo* a história dos apóstolos, o estado da consciência cristã durante as semanas que se seguiram à morte de Jesus, a formação do *ciclo lendário* da ressurreição, os primeiros atos da Igreja de Jerusalém, a vida de São Paulo, etc.” Pode haver diversas maneiras de apreciar um fato, mas o fato em si mesmo é independente da opinião. É, pois, uma história dos apóstolos *à sua maneira* que o Sr. Renan se propõe escrever, como escreveu, *à sua maneira*, a história da vida de Jesus. Acha-se ele nas condições de imparcialidade requeridas para que sua opinião faça lei? Que ele nos permita duvidar.

Persuadido de que estava certo, pôde agir, e cremos que o fez de boa-fé e que os erros materiais que lhe censuram não

12 Brochura in-18 – Preço: 1 fr.; Plon, 8, rue Garancière.

resultam de um desígnio premeditado de alterar a verdade, mas de uma falsa apreciação das coisas. Ele está na posição de um homem consciencioso, partidário exclusivo das idéias do antigo regime e que escrevesse uma história da Revolução Francesa. Seu relato poderá ser de escrupulosa exatidão, mas o julgamento que fizer dos homens e das coisas será o reflexo de suas próprias idéias; censurará o que outros aprovam. Em vão terá percorrido os lugares onde se desenrolaram os acontecimentos; os lugares lhe confirmarão os fatos, mas não lhe farão encará-los de outra maneira. Tal foi o Sr. Renan, percorrendo a Judéia com o Evangelho na mão; encontrou os traços do Cristo, de onde concluiu que o Cristo tinha existido, mas não viu o Cristo de maneira diversa da que o via antes. Onde não viu senão os passos de um homem, um apóstolo da fé ortodoxa teria percebido o selo da Divindade.

Sua apreciação decorre do ponto de vista em que se colocou. Defende-se do ateísmo e do materialismo, porque não crê que a matéria pense, porque admite um princípio inteligente, universal, repartido pelos indivíduos em dose mais ou menos forte. Em que se torna esse princípio inteligente após a morte de cada criatura? A crer na dedicatória do Sr. Renan à alma de sua irmã, aquela conserva sua individualidade e suas afeições. Mas se a alma conserva sua individualidade e suas afeições, há, então, um mundo invisível, inteligente e amante. Ora, desde que esse mundo é inteligente, não pode ficar inativo; deve representar um papel qualquer no Universo. Pois bem! A obra inteira é a negação desse mundo invisível, de toda inteligência ativa fora do mundo visível; por conseguinte, de todo fenômeno resultante da ação de inteligências ocultas, de toda relação entre os mortos e os vivos, donde se deve concluir que sua tocante dedicatória é uma obra da imaginação, suscitada pelo pesar sincero que sente pela perda da irmã, e que aí exprime mais seu desejo do que sua crença. Porque, se tivesse acreditado seriamente na existência individual da alma da irmã, na persistência de sua afeição por ele, na sua

solicitude, na sua inspiração, essa crença lhe teria dado idéias mais verdadeiras sobre o sentido da maior parte das palavras do Cristo.

Com efeito, o Cristo, preocupando-se com o futuro da alma, incessantemente faz alusão à vida futura, ao mundo invisível, que apresenta, conseqüentemente, como muito mais invejável que o mundo material e como devendo constituir o objetivo de todas as aspirações do homem. Para quem nada vê fora da Humanidade tangível, estas palavras: “Meu reino não é deste mundo; Há várias moradas na casa de meu Pai; Não busqueis tesouros da Terra, mas os do céu; Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”, e tantas outras, só devem ter um sentido quimérico. É assim que as considera o Sr. Renan. Diz ele: “A parte de verdade, contida no pensamento de Jesus, o tinha arrastado à *quimera* que o obscurecia. Contudo, não desprezemos esta quimera, que foi a casca grosseira do bulbo sagrado do qual vivemos. Este *fantástico reino do céu*, essa busca sem-fim de uma cidade de Deus, que sempre preocupou o Cristianismo em sua longa carreira, foi o princípio do grande instinto do futuro, que animou todos os reformadores, discípulos obstinados do Apocalipse, desde Joaquim de Flore, até o sectário protestante de nossos dias.” (Cap. XVIII, página 285, 1ª edição)¹³.

A obra do Cristo era toda espiritual. Ora, não crendo o Sr. Renan na espiritualização do ser, nem num mundo espiritual, naturalmente deveria tomar o oposto de suas palavras e o julgar do ponto de vista exclusivamente material. Um materialista ou um panteísta, julgando uma obra espiritual, é como um surdo julgando um trecho de música. Julgando o Cristo do ponto de vista em que se colocou, o Sr. Renan deve ter-se equivocado quanto às suas intenções e o seu caráter. A mais evidente prova disto se acha nesta estranha passagem de seu livro: “*Jesus não é um espiritualista, porquanto tudo para ele deságua numa realização palpável; ele não tem a mínima noção de uma alma separada do corpo.* Mas é um idealista

13 Todas as nossas citações são tiradas da 1ª edição.

completo; para ele a matéria não passa do sinal da idéia, e o real a expressão viva do que não aparece.” (Cap. VII, página 128).

Concebe-se o Cristo, fundador da doutrina espiritualista por excelência, não acreditando na individualidade da alma, da qual não tem a menor noção e, desse modo, não crendo na vida futura? Se não é espiritualista, é materialista e, conseqüentemente, o Sr. Renan é mais espiritualista que ele. Tais palavras não se discutem; bastam para indicar o alcance do livro, porque provam que o autor leu os Evangelhos, ou com muita leviandade, ou com um espírito tão prevenido que não viu o que salta aos olhos de todo o mundo. Pode admitir-se sua boa-fé, mas não se admitirá, por certo, a justeza de sua visão.

Todas as suas apreciações decorrem da idéia de que o Cristo só tinha em vista as coisas terrestres. Segundo ele, era um homem essencialmente bom, desinteressado dos bens deste mundo, costumes muito suaves, instrução limitada ao estudo dos textos sagrados, inteligência natural superior, a quem as disputas religiosas dos judeus deram a idéia de fundar uma doutrina. Nisto foi favorecido pelas circunstâncias, que soube explorar habilmente. Sem idéia preconcebida e sem plano definitivo, vendo que não teria êxito junto aos ricos, procurou seu ponto de apoio nos proletários, naturalmente animados contra os ricos; lisonjeando-os, deveria transformá-los em seus amigos. Se disse que o reino dos céus é para as crianças, foi para agradar às mães, que tomava por seu lado fraco e fazê-las partidárias. Assim, sob muitos aspectos, a religião nascente foi um movimento de mulheres e crianças. Numa palavra, nele tudo era cálculo e combinação e, auxiliado pelo amor do maravilhoso, triunfou. Aliás, não muito austero, porque amou muito Madalena, pela qual foi amado. Várias mulheres ricas proviam às suas necessidades. Ele e seus apóstolos eram folgazões e não desdenhavam os banquetes. Vede antes o que ele diz:

“Três ou quatro galiléias devotadas acompanhavam sempre o *jovem mestre* e disputavam o prazer de o escutar e dele cuidar, cada uma por sua vez. Traziam para a seita nova um elemento de entusiasmo e de maravilhoso, cuja importância já se apreende. Uma delas, Maria de Magdala, que celebrizou no mundo o nome de seu pobre vilarejo, parece ter sido uma pessoa muito exaltada. Segundo a linguagem da época, tinha sido possessa de sete demônios, isto é, tinha sido afetada de doenças nervosas, aparentemente inexplicáveis. Jesus, *por sua beleza* pura e suave, acalmou essa organização perturbada. Madalena lhe foi fiel até ao Gólgota e, no dia seguinte à sua morte, representou um papel de primeira ordem, por ter sido o elemento principal pelo qual se estabeleceu a fé na ressurreição, como veremos mais tarde. Joana, mulher de Cusa, um dos intendentos de Antipas, Suzana e outras, que ficaram desconhecidas, o seguiam sem cessar e o serviam. Algumas eram ricas e punham, *por sua fortuna*, o *jovem profeta em condição de viver* sem exercer o ofício que professara até então.” (Cap. IX, página 151).

“Jesus compreendeu bem depressa que o mundo oficial de seu tempo não se prestaria absolutamente para o seu reino. Ele tomou seu partido com extrema petulância. Deixando lá toda essa gente de coração empedernido e estreitos preconceitos, voltou-se para os simples. O reino de Deus é feito para as crianças e para os que se lhes assemelham; para os desprezados deste mundo, vítimas da arrogância social, que repele o homem bom, mas humilde... O puro *ebionismo*, isto é, que os pobres (*ebionin*) são os únicos a serem salvos e o reino dos pobres vai chegar, foi, pois, a doutrina de Jesus. (Cap. XI, página 178).

“Ele não apreciava os estados da alma senão na proporção do amor que aí se mistura. Mulheres com o coração cheio de lágrimas e dispostas por suas faltas aos sentimentos de humildade, estavam mais perto de seu reino do que as naturezas medíocres, as quais muitas vezes têm pouco mérito por não terem

falido. Por outro lado, concebe-se que essas almas ternas, achando em sua conversão à seita um meio fácil de reabilitação, a ele se ligavam com paixão.

“Longe de buscar atenuar os murmúrios provocados por seu desdém às suscetibilidades sociais do tempo, parecia ter prazer em os excitar. Jamais foi confessado mais altivamente esse desprezo do mundo, que é a condição das grandes coisas e da grande originalidade. Só perdoava ao rico quando este, por força de algum preconceito, era malvisto pela sociedade. Preferia claramente as pessoas de vida equívoca e de pouca consideração aos notáveis ortodoxos. Dizia: ‘Publicanos e *cortesãs* vos precederão no reino de Deus. Veio João; publicanos e *cortesãs* creram nele e, apesar disto, não vos convertestes.’ Compreende-se que a censura por não terem seguido o bom exemplo que lhes davam as *filhas do prazer* deveria ser cruel para gente que fazia profissão de austeridade e de uma moral rígida.

“Não tinha qualquer afetação exterior, nem dava mostras de severidade. Não fugia à alegria e ia de bom grado às festas de casamento. *Um de seus milagres foi feito para distrair as bodas de um vilarejo.* As bodas no Oriente se dão à noite. Cada um leva uma lâmpada; as luzes que vão e vêm têm um efeito muito agradável. Jesus gostava deste aspecto alegre e animado e daí tirava as suas parábolas. (Cap. XI, página 187).

“Os fariseus e os doutores gritavam, escandalizados. Diziam: Vede com que gente ele come! Jesus tinha, então, finas respostas, que exasperavam os hipócritas: Não são os sadios que precisam de médico.” (Cap. XI, página 185).

O Sr. Renan tem o cuidado de indicar, em notas de chamada, as passagens do Evangelho a que faz alusão, para mostrar que se apóia no texto. Não é a verdade das citações que se lhe contesta, mas a interpretação que lhes dá. É assim que a profunda máxima deste último parágrafo é travestida numa simples tirada

espiritiosa. Tudo se materializa no pensamento do Sr. Renan; em todas as palavras de Jesus nada vê além do terra-a-terra, porque ele próprio nada enxerga fora da vida material.

Depois de uma idílica descrição da Galiléia, de seu clima delicioso, de sua fertilidade luxuriante, do caráter doce e hospitaleiro de seus habitantes, dos quais faz verdadeiros pastores da Arcádia, acha, na disposição de espírito que daí devia resultar, a fonte do Cristianismo.

“Esta vida contente e facilmente satisfeita não levava ao grosseiro materialismo do nosso camponês, à grande alegria de uma normanda generosa, à pesada alegria dos flamengos. Ela se espiritualizava em sonhos etéreos, numa espécie de misticismo poético, confundindo o Céu e a Terra... A alegria fará parte do reino de Deus. Não é a filha dos humildes de coração, dos homens de boa vontade?”

“Toda a história do Cristianismo nascente tornou-se uma espécie de deliciosa pastoral. Um Messias em repasto de bodas, a cortesã e o bom Zaqueu chamados a seus festins, os fundadores do reino do céu, como um cortejo de paraninfos: eis o que a Galiléia ousou e fez aceitar.” (Cap. IV, pág. 67).

“Jesus foi dominado por um sentimento de admirável profundidade, bem como o grupo de *crianças alegres* que o acompanhavam e dele fez para a eternidade o verdadeiro criador da paz da alma, o grande consolador da vida.” (Cap. X, pág. 176).

“*Utopias de vida bem-aventurada, fundadas na fraternidade dos homens* e o culto puro do verdadeiro Deus preocupavam as almas elevadas e em toda parte produziam ensaios ousados, sinceros, mas de pouco futuro.” (Cap. X, pág. 172).

“No Oriente, a casa onde entra um estrangeiro torna-se, em seguida, um lugar público. O vilarejo inteiro aí se reúne; os

meninos a invadem; os criados se afastam; eles voltam sempre. Jesus não suportava que maltratassem esses ingênuos ouvintes; aproximava-os de si e os abraçava. As mães, encorajadas por tal acolhida, traziam-lhe seus bebês para que ele os tocasse... As mulheres e as crianças igualmente o adoravam...

“Assim, a religião nascente foi, sob vários aspectos, um movimento de mulheres e de crianças. Estes últimos o rodeavam à feição de uma jovem guarda para a inauguração de sua inocente realeza e lhe faziam pequenas ovações, que muito lhe agradavam, chamando-o filho de Davi, gritando: Hosana! e agitando palmas ao seu redor. Como Savanarola, talvez Jesus os fizesse servir de instrumento a missões piedosas. Ele estava bem à vontade para ver esses jovens apóstolos, que não o comprometiam, lançar-se à frente e conferir-lhe títulos que ele próprio não ousava tomar.” (Cap. XI, pág. 190).

Jesus é, desse modo, apresentado como um ambicioso vulgar, de paixões mesquinhas, que age às escondidas e não tem coragem de se confessar. Em falta de uma realeza efetiva, contenta-se com a mais inocente e menos perigosa que lhe conferem os meninos. A passagem seguinte dele faz um egoísta:

“Mas de tudo isto não resultou uma Igreja estabelecida em Jerusalém, nem um grupo de discípulos hierosolimitas. O encantador doutor, que a todos perdoava, contanto que o amassem, não podia achar muito eco nesse santuário de disputas vãs e sacrifícios antiquados.”

“Sua família parece não o ter amado e, por momentos, ele é duro para com ela. Como todos os homens exclusivamente preocupados com uma idéia, chegava a ter em pouca conta os laços de sangue... Logo, em sua audaciosa revolta contra a Natureza, devia ir ainda mais longe e o veremos espezinhando tudo quanto é do homem, o sangue, o amor, a pátria, não guardando ressentimento

senão para a idéia que se lhe apresentava como forma absoluta do bem e do verdadeiro.” (Cap. III, pág. 42 e 43).

Eis o que o Sr. Renan intitula: *Origens do Cristianismo*. Quem alguma vez teria acreditado que um grupo de pessoas alegres, um bando de mulheres, de cortesãs e de crianças, tendo à frente um idealista, que não possuía a menor noção da alma, pudesse, auxiliado por uma utopia, pela quimera de um reino celeste, mudar a face do mundo religioso, social e político? Em outro artigo examinaremos o modo pelo qual ele encara os milagres e a natureza da pessoa do Cristo.

Relato Completo da Cura da Jovem Obsedada de Marmande

(Vide os números de fevereiro e março de 1864)

O Sr. Dombre, de Marmande, enviou-nos o relato circunstanciado dessa cura, da qual já demos conhecimento aos leitores. Os detalhes que encerra são do mais alto interesse, do duplo ponto de vista dos fatos e da instrução. Como se verá, é, ao mesmo tempo, um curso de ensino teórico e prático, um guia para casos análogos e uma fonte fecunda de observações para o estudo do mundo invisível em geral, nas suas relações com o mundo visível.

Fui advertido – diz o Sr. Dombre em seu relatório – por um dos membros de nossa sociedade espírita, das crises violentas que todas as tardes, regularmente, no decurso dos últimos oito meses, sofria uma tal Tereza B...

Acompanhado do Sr. L..., médium, dirigi-me, em 11 de janeiro último, às quatro e meia da tarde, a uma casa vizinha à da doente, para tentar testemunhar a crise que, conforme ocorria

todos os dias, devia acontecer às cinco horas. Lá encontramos a jovem e sua mãe, conversando com os vizinhos. A meia hora logo passou. De repente, vimos a moça levantar-se, abrir a porta, atravessar a rua entrar em sua casa, seguida pela mãe, que a tomou e a colocou toda vestida na cama. Começaram as convulsões; o corpo se contorcia; a cabeça tendia a tocar os calcanhares; o peito ofegava; numa palavra: era desagradável à vista. Entrando eu e o médium na casa vizinha, perguntamos ao Espírito Louis David, guia espiritual do médium, se era uma obsessão ou um caso patológico. O Espírito respondeu:

“Pobre criança! Com efeito, ela se acha sob uma fatal influência, mesmo muito perigosa; vinde auxiliá-la. Obstinado e mau esse Espírito resistirá por muito tempo. Evitai, tanto quanto possível, que seja tratada por medicamentos, que lhe prejudicariam o organismo. A causa é toda moral. Tentai evocar esse Espírito; moralizai-o com delicadeza: nós vos auxiliaremos. *Que todas as almas sinceras que conheceis se reúnam para orar e combater a mui perniciosa influência desse Espírito maldoso.* Pobre pequena vítima do ciúme!”

Louis David

P. – Por que nome chamaremos este Espírito?

Resp. – Jules.

Evoquei-o imediatamente. O Espírito apresentou-se de modo violento, injuriando-nos, rasgando o papel e recusando responder a certas interpelações. Enquanto nos entretínhamos com o Espírito, o Sr. B..., médico, que tinha vindo examinar a crise, chegou junto de nós e disse com certo assombro: “É singular! De repente a menina deixou de se contorcer; agora está imóvel no leito, toda estendida.” – “Isto não me causa admiração”, disse-lhe eu, “porque o Espírito obsessivo está junto de nós neste momento.” Exortei o Sr. B... a voltar para a doente e continuamos a interpelar o Espírito que, em dado momento, não mais respondeu. O guia do

médium informou-nos que ele tinha ido continuar a sua obra, recomendando que não mais o evocássemos durante as crises, no interesse da menina, porque, voltando para ela com mais raiva, a torturava de modo mais intenso. No mesmo instante o médico entrou e nos informou que a crise recomeçava mais forte que nunca. Eu lhe fiz ler o aviso que acabava de nos ser dado e ficamos chocados com as coincidências, que não podiam deixar dúvidas quanto à causa do mal.

A partir dessa noite e sob recomendação dos Espíritos bons que nos assistem nos trabalhos espíritas, nós nos reuníamos todas as noites, até a cura completa.

No mesmo dia 11 de janeiro, recebemos a seguinte comunicação do Espírito protetor de nosso grupo:

“Guardiã vigilante da infância infeliz, venho associar-me aos vossos trabalhos, unir os meus aos vossos esforços para libertar esta mocinha das garras cruéis de um Espírito mau. O remédio está em vossas mãos; velai, evocai e orai sem jamais vos cansardes, até a cura completa.”

Pequena Cárta

Este Espírito, que toma o nome de *Pequena Cárta*, é o de uma jovem que conheci, morta na flor da idade e que, desde a mais tenra infância, tinha dado provas de grande angelitude e rara bondade.

A evocação do Espírito obsessivo só nos valeu as mais grosseiras e obscenas injúrias, que é inútil repetir. Nossas exortações e nossas preces resvalavam sobre ele, mas não surtiram o efeito desejado.

“Amigos, não desanimeis; ele se julga forte porque vos vê aborrecidos com a sua linguagem grosseira. Evitai pregar-lhe

moral neste momento. Conversai com ele familiarmente e em tom amigável, pois assim ganhareis a sua confiança e mais tarde podereis voltar a falar a sério com ele. Amigos, perseverança.”

Vossos Guias

Conforme a recomendação, tornamo-nos afáveis nas interpelações, às quais ele respondeu no mesmo tom.

No dia seguinte, 12 de janeiro, a crise foi tão longa e violenta que as dos dias precedentes; durou mais ou menos uma hora e meia. A menina erguia-se no leito, repelia o Espírito com força e lhe dizia: “Vai-te! vai-te!” O quarto da doente estava cheio de gente. Alguns de nós nos achávamos junto ao leito para observar atentamente as fases da crise.

Na reunião da noite recebemos a seguinte comunicação:

“Meus amigos, eu vos exorto a seguides, como tendes feito, passo a passo, esta obsessão que, para vós, é um fato novo. Vossas observações serão de grande utilidade, pois casos semelhantes, em que tereis de intervir, poderão multiplicar-se.

“Creio que esta obsessão, a princípio inteiramente física, será seguida de alguma obsessão moral, mas sem perigo. Logo vereis momentos de alegria em meio às torturas exercidas por esse Espírito mau. Reconhecê-los-eis pela presença e pela mão dos Espíritos bons. Se as torturas ainda durarem, notareis, depois da crise, a completa paralisação do corpo e, após essa paralisação, uma alegria serena e um êxtase que suavizarão a dor da obsessão.

“Observai bastante. Manifestar-se-ão outros sintomas e neles encontrareis novo material de estudo.

“O Senhor disse aos seus anjos: Ide levar minha palavra aos filhos dos homens. Ferimos a terra com a vara e esta gera prodígios. Curvai-vos, filhos: é a onipotência do Eterno que se vos manifesta.

Amigos, vigiai e orai; estamos junto de vós e do leito dos sofrimentos para secar as lágrimas.”

Pequena Cárta

Evocado, o Espírito Jules estava menos intratável do que na véspera; na verdade, respondemos às suas facécias com outras, o que lhe agradava. Antes de nos deixar, fizemos nos prometer ser menos duro em relação à sua vítima. “Tratarei de moderar-me”, disse ele; e como, por nossa vez, prometemos orar por ele, respondeu-nos: “Aceito, embora não conheça o valor desta mercadoria.”

P. [Ao Espírito]. Já que não conheceis a prece, quereis conhecê-la e escrever uma ditada por mim?

Resp. – Gostaria muito.

Ditado por nós, o Espírito escreveu a seguinte prece: “Ó meu Deus! prometo abrir minha alma ao arrependimento; fizeti penetrar no meu coração um raio de amor por meus irmãos, única coisa que pode purificar-me e, como garantia desse desejo, aqui faço a promessa de... (O fim da frase era: *Cessar minha obsessão*; mas o Espírito não escreveu estas três últimas palavras). Acrescentou: Alto! Quereis comprometer-me, sem me avisar. Cuidado! Não gosto de armadilhas. Andais muito depressa.” E como quiséssemos saber a origem de seu ciúme e de sua vingança, continuou: “Nunca mais me faleis da menina; apenas me afastaríeis de vós.”

A crise do dia 13 não durou mais que meia hora; a luta com o Espírito foi seguida de sorrisos de felicidade, de êxtase e de lágrimas de alegria; com os olhos muito abertos e juntando as duas

mãos, a menina erguia-se no leito e fitava o céu, como num quadro encantador. As predições da pequena Cárta realizaram-se em todos os pontos.

Na evocação ocorrida à noite, assim como nos dias anteriores, o Espírito Jules mostrou-se mais afável, mais submisso, e novamente prometeu moderar os seus ataques contra a menina, cuja história jamais quis contar; prometeu até mesmo orar.

Disse-nos o guia do médium: “Não confieis muito em suas palavras; podem ser sinceras, mas ele poderia estar querendo vos enganar para se livrar de vós. Ficai de guarda. Levai em consideração as suas promessas; se, mais tarde, tiverdes de o censurar, fazei-o com brandura, a fim de que ele sinta os bons sentimentos que tendes para com ele.

Louis David

No dia 14 a crise foi tão curta quanto na véspera e ainda menos viva. Foi igualmente seguida de êxtase e de manifestações de alegria. As lágrimas que corriam pelas faces da menina causavam nos assistentes uma emoção que não podiam ocultar.

Reunidos às oito horas da noite, como de costume, recebemos inicialmente a seguinte comunicação:

“Como deveis ter notado, operou-se hoje uma melhora sensível na menina. Devemos dizer que nossa presença influi bastante sobre o Espírito; nós lhe lembramos a promessa de ontem. A mocinha hauriu novos conhecimentos no êxtase e tentou repelir os ataques do obsessor. Na evocação de Jules, não useis de subterfúgios; evitai os detalhes que fatigam uns aos outros; sede francos e benevolentes com ele e o conquistareis mais cedo. Conforme pudemos notar nesta última crise, ele deu um grande passo à frente.”

Pequena Cárta

Evocação de Jules.

Resp. – Eis-me aqui, senhores.

P. – Quais as vossas disposições de hoje?

Resp. – São boas.

P. – Sentistes o efeito de nossas preces?

Resp. – Não muito.

P. – Perdoai à vossa vítima e sentireis uma satisfação que não conheceis; é o que sentimos no perdão das injúrias.

Resp. – Comigo é tudo ao contrário. Eu encontrava satisfação na vingança de uma injúria. A isto chamo pagar as dívidas.

P. – Mas o sentimento de ódio que conservais na alma é um sentimento desagradável que está longe de vos dar tranqüilidade.

Resp. – Se vos dissesse que é o apego, acreditaríeis em mim?

P. – Acreditamos. Não obstante, tende a bondade de explicar como conciliais esse apego com a vingança que praticais. Que era para vós o Espírito dessa criança numa outra existência, e que vos fez ela para merecer tanto rigor?

Resp. – Inútil que mo pergunteis. Já vo-lo disse: não me faleis dessa menina.

P. – Pois bem! não falemos mais nisso. Mas devemos vos felicitar pela mudança em vós operada; estamos felizes por isto.

Resp. – Faço progressos em vossa escola... Que vão dizer os outros?... Não me vaiar e protestar: Ah! tu te fazes eremita!

P. – Que vos importa seu escárnio, se tendes os louvores dos Espíritos bons?

Resp. – É verdade.

P. – Ora! Para provar aos Espíritos maus, vossos antigos companheiros, que rompeis completamente com eles, deveríeis perdoar completamente, a partir de hoje; mostrar-vos generoso e bom, deixando de modo absoluto a jovem pela qual nos interessamos.

Resp. – Impossível, meu caro senhor. *Isto não pode acontecer de maneira tão repentina; Deixai que me desfaça pouco a pouco do que me é uma necessidade.* Sabeis a que vos arriscaríeis se eu cessasse subitamente? a me ver voltar de súbito. Entretanto, quero vos prometer uma coisa: é poupar a menina e torturá-la amanhã menos que hoje. Mas imponho uma condição: a de não ser trazido aqui à força; quero vir livremente ao vosso apelo e, se faltar à minha palavra, consinto em perder este favor. Devo dizer-vos que tal mudança em mim é devida a essa figura radiosa que aí está, junto de vós, e que também vejo ao lado da cama da menina, todos os dias, no momento da luta. Sentimo-nos tocado, mesmo sem o querer; sem isto, vós e os santos teríeis dificuldades por alguns dias. (O Espírito referia-se à pequena Cárita).

P. – Então ela é bonita?

Resp. – Oh! sim, muito bela!

P. – Mas ela não está sozinha junto de vós durante as lutas?

Resp. – Oh! não! Há outros: os antigos *do corpo*, os amigos. Eles jamais sorriem; mas agora zombo muito deles.

Observação – O interrogador por certo queria falar dos outros Espíritos bons, mas Jules fazia alusão aos Espíritos maus, seus companheiros.

P. – Vamos! Antes de nos deixar, prometemos esta noite fazer uma prece por vós.

Resp. – Eu peço dez; *dizei-as de coração* e amanhã estareis contentes comigo.

P. – Pois bem! que sejam dez. E já que estais em tão boas disposições, quereis escrever de cor uma prece em três palavras, ditada por mim?

Resp. – De bom grado.

O Espírito escreveu: “Ó meu Deus, dai-me a força de perdoar.”

No dia 15 de janeiro a crise se deu, como sempre, às cinco horas da tarde, mas durou apenas um quarto de hora. A luta foi fraca e seguida de êxtase, sorrisos e lágrimas, que exprimiam alegria e felicidade.

Na reunião da noite, a pequena Cárita nos deu a comunicação seguinte:

“Meus caros protegidos, conforme havíamos previsto, o fenômeno espírita que se passa aos vossos olhos se modifica, melhora dia a dia, perdendo seu caráter de gravidade. Antes de mais, um conselho: Que seja para vós um tema de estudo, do ponto de vista das torturas físicas, e de estudos morais. Aos olhos do mundo não façais sinais exteriores; não digais palavras inúteis. Que vos importa o que hão de dizer? Deixai a discussão aos ociosos. Que o objetivo prático, isto é, a libertação desta menina e a melhora do Espírito que a obsidia, seja o elemento de vossas conversas íntimas e sérias; não faleis de cura em voz alta; pedi-a a Deus no recolhimento e na prece.

“Esta obsessão – sinto-me feliz em dizer – chega ao fim. O Espírito Jules melhorou sensivelmente. Também eu, com todo o meu poder, agi sobre o Espírito da menina, a fim de que essas duas naturezas tão opostas se tornassem mais compatíveis entre si. A combinação dos fluidos não oferecerá mais nenhum perigo real em relação ao organismo; o abalo que sentia esse corpo jovem ao contato fluídico desaparece sensivelmente. Vosso

trabalho não acabou; a prece de *todos* deve sempre preceder e seguir a evocação.”

Pequena Cárta

Após a evocação de Jules e a prece, na qual é qualificado de Espírito mau, diz ele:

“Eis-me aqui! Em nome da justiça, peço a reforma de certas palavras de vossa prece. Reformei os meus atos; reformai as qualificações que me dais.”

P. – Tendes razão; não erraremos mais. Hoje viestes sem constrangimento?

Resp. – Sim, vim livremente; cumpri minhas promessas.

P. – Agora que estais calmo e com bons sentimentos, concordais em nos confiar os motivos de vosso rigor em relação a essa menina?

Resp. – Por favor, deixai o passado. Quando o mal está cauterizado, para que revolver a ferida? Ah! sinto que o homem deve tornar-se melhor. Tenho horror ao meu passado e encaro o futuro com esperança. Quando uma boca de anjo vos diz: A vingança é uma tortura para quem a exerce; o amor é a felicidade para aquele que o prodigaliza, então esse fermento que azeda e seca o coração se extingue: é preciso amar.

Estais admirados de minhas palavras? Não são criação minha; foram-me ensinadas e tenho prazer em vo-las repetir. Ah! como seríeis felizes se, mesmo por um minuto, pudésseis perceber este anjo bom, radioso como o sol, suave como o orvalho refrescante que cai em gotículas finas sobre uma planta queimada pelo fogo do dia! Como vedes, não tenho dificuldade de falar: bebo na fonte.

“Um rápido golpe de vista em minha vida vagabunda:

“Nascido no seio da miséria, ligado ao vício, desde cedo experimentei os amores grosseiros da vida. Sorvi com o leite a poção envenenada que me ofereciam todas as paixões. Errei sem fé, sem lei, sem honra. Quando se tem de viver ao acaso, tudo é bom. A galinha do camponês, como o carneiro do castelão, servia-nos de refeição. A pilhagem era a minha ocupação, quando sem dúvida o acaso, pois não creio que a Providência cuide de semelhantes celerados, me tomou e me equipou. Orgulhoso da roupa batida, que substituía meus andrajos, e munido de uma alabarda, juntei-me a um bando de... maus companheiros, vivendo a expensas de um senhor cobarde que, por sua vez, distinguia-se pelo talhe sobre seus companheiros. Mas que nos importava, a nós, a fonte de onde corriam para as nossas mãos a moeda e as provisões! Não entrarei em detalhes sobre os fatos que me são pessoais: eles são maus, horríveis e indignos de serem contados. Compreendeis que, educado em semelhante escola, a gente possa tornar-se um homem de bem?

“Separado pela morte, o bando foi restabelecer-se no mundo dos Espíritos. Longe de evitar as ocasiões de fazer o mal, nós as buscávamos. Em meus passeios errantes, encontrei uma vítima a fazer e o fiz. O resto já sabeis.

“Orai também pelo bando, senhores, por favor! Muitas vezes vos admirais de que uma região contenha mais malfeitores que outras. É muito simples. *Não querendo separar-se, lançam-se sobre uma região como uma nuvem de gafanhotos: aos lobos, as florestas; aos pombos, os pombais.*

“Vivi esta existência terrena ao tempo de Luís XIII. Minha última experiência passou-se sob o Império. Fui guerrilheiro; o bacamarte e o chapéu cônico adornado com fitas me agradavam muito. Amava o perigo, o roubo e as ações arriscadas.

Triste gosto, direis; mas que fazer alhures? Estava habituado a viver nos bandos. Deveis estar admirados dessa mudança súbita: é a obra de um anjo.

“Nada vos prometo para amanhã. Julgar-me-eis por meus atos. Uma prece, por favor; por minha vez, vou fazer uma:

“Anjinho, abre tuas asas, levanta vôo para o trono do Senhor; pede-lhe o meu perdão, pondo a seus pés o meu arrependimento.”

Jules

P. – Já que estais em tão bom caminho, pedi a Deus pela pobre menina...

Resp. – Não posso... seria irrisão ou crueldade que o carrasco abraçasse sua vítima.

No dia seguinte, 16 de janeiro, a menina não teve crise, mas apenas um desconforto gástrico. Aos nossos olhos, havia-se operado a libertação.

Às oito horas da noite, respondendo ao nosso apelo, o Espírito Jules deu a seguinte comunicação:

“Meus amigos, permiti-me este nome. Eu, o Espírito obsessivo, astuto e perverso; eu que, ainda há poucos dias, apodrecia no mal e nisso tinha prazer, vou, com o auxílio do anjo, vos pregar moral. Eu mesmo me encontro surpreso por esta mudança; pergunto-me se sou eu mesmo quem fala.

“Julgava que todo sentimento se tivesse apagado em minha alma; mas uma fibra ainda vibrava; o anjo a adivinhou e a tocou; começo a ver e a sentir. O mal me causa horror. Lancei o olhar sobre o meu passado e só vi crimes. Uma voz suave me disse: Espera; contempla a alegria e a felicidade dos Espíritos bons;

purifica-te; perdoa, em vez de te vingar; ama, ao invés de odiar. Também te amarei, eu, se quiseres amar, se te tornares melhor. Sinto-me comovido. Agora compreendo a felicidade que experimentarão os homens, quando souberem praticar a caridade.

“Mocinha, (dirigia-se à sua vítima, presente na sessão) tu, que eu havia escolhido para minha presa, como o abutre a doce pomba, ora por mim e que o nome do reprovado se apague da tua memória. Recebi o batismo do amor das mãos do Senhor e agora visto a roupa da inocência. Pobre menina, desejo que tuas preces, dirigidas ao Senhor em meu benefício, logo me livrem do remorso que me vai acompanhar como uma expiação justamente merecida.

“Meus amigos, tende a bondade de continuar, também, vossas preces por meus miseráveis companheiros, que me perseguem com a sua inveja maldosa, porque lhes escapo. Ainda ontem eu me perguntava o que eles dirão de mim; hoje eu lhes digo: Venci; meu passado está perdoado, pois soube arrepender-me. Fizei como eu, travai a batalha contra o mal, que vos mantém cativo nesse lugar de tormentos e de desespero; saí de lá vencedores. Se, como a vossa, a minha mão criminoso encharcou-se de sangue, ela vos levará a água santa da prece que lava os estigmas do reprovado. Meu Deus, perdão!

“Obrigado, meus amigos, pelo bem que me fizestes. Pedirei para ficar junto de vós, a partir de hoje, para assistir às vossas reuniões. Necessito beber na fonte pura, conselhos para viver uma nova existência, que rogarei a Deus, quando tiver sofrido a expiação de meu passado infame, que a consciência censura.”

Jules

A 17 de janeiro, conforme a promessa de Jules, a menina não sentiu qualquer mal-estar do estômago. A Pequena Cárita anunciou que ela sofreria uma prova moral, às cinco horas da tarde, durante alguns dias, ou durante o sono, prova que nada

teria de penoso para ela e cujos únicos sintomas seriam sorrisos e doces lágrimas, o que realmente aconteceu, durante dois dias. Nos dias seguintes houve a mais completa ausência do menor sinal de crise. Nem por isso deixamos de observar a menina e de orar.

Em 18 de fevereiro a Pequena Cárta nos ditou a seguinte instrução:

“Meus bons amigos, bani todo o medo; a obsessão está acabada e bem-acabada; uma ordem de coisas estranhas para vós, mas que logo vos parecerão naturais, talvez seja a consequência desta obsessão, mas não obra de Jules. Algumas explanações são aqui necessárias como ensinamento.

“Hoje, que conheceis a doutrina, a obsessão ou a subjugação do ser material se vos apresenta não como um fenômeno sobrenatural, mas simplesmente com um caráter diferente das doenças orgânicas.

“O Espírito que subjuga penetra o perispírito do ser sobre o qual quer agir. O perispírito do obsedado recebe como uma espécie de envoltório o corpo fluídico do Espírito estranho e, por esse meio, é atingido em todo o seu ser; o corpo material experimenta a pressão sobre ele exercida de maneira indireta.

“Causa admiração que a alma possa agir fisicamente sobre a matéria animada. Entretanto, é ela a autora de todos esses fatos. Ela tem por atributos a inteligência e a vontade; por sua vontade ela dirige, e o perispírito, de natureza semimaterial, é o instrumento do qual ela se serve.

“O mal físico é aparente, mas a combinação fluídica, que vossos sentidos não podem captar, esconde um número infinito de mistérios, que se revelarão com o progresso da doutrina, considerada do ponto de vista científico.

“Quando o Espírito abandona sua vítima, sua vontade não age mais sobre o corpo, mas a impressão que recebeu o perispírito pelo fluido estranho de que foi carregado, não se apaga de repente e continua ainda por algum tempo a influir sobre o organismo. No caso de vossa jovem doente: tristezas, lágrimas, langores, insônias, distúrbios vagos, tais são os efeitos que poderão produzir-se em consequência dessa libertação; mas, tranquilizai-vos, vós, a menina e sua família, pois essas consequências não representarão perigo para ela.

“O dever me chama, de maneira especial, a levar a bom termo o trabalho que iniciei convosco. Agora é preciso agir sobre o próprio Espírito da menina, por uma doce e salutar influência moralizadora.

“Quanto a vós, meus amigos, continuai a orar e a observar atentamente todos esses fenômenos; estudai sem cessar; o campo está aberto e é vasto. Dai a conhecer e fazei compreender todas as coisas, e pouco a pouco as idéias espíritas se insinuarão no Espírito de vossos irmãos, que o aparecimento da doutrina encontrou incrédulos ou indiferentes.”

Pequena Cárta

Observação – Devemos um justo tributo de elogios aos nossos irmãos de Marmande pelo tato, prudência e devotamento esclarecido de que deram prova nessa circunstância. Por este retumbante sucesso Deus lhes recompensou a fé, a perseverança e o desinteresse moral, já que não buscavam nenhuma satisfação ao amor-próprio; o mesmo não teria ocorrido se o orgulho tivesse ofuscado sua boa ação. *Deus retira seus dons a quem quer que não os use com humildade*; sob o império do orgulho, as mais eminentes faculdades mediúnicas se pervertem, alteram-se e se extinguem, porque os Espíritos bons retiram o seu concurso. As decepções, os dissabores, as desgraças efetivas desde esta vida, muitas vezes são a

conseqüência do desvio da faculdade de seu objetivo providencial. Poderíamos citar mais de um exemplo infeliz entre os médiuns que suscitavam as mais belas esperanças.

A tal respeito, nunca nos penetraríamos demasiadamente das instruções contidas na *Imitação do Evangelho*, n^{os} 285, 326 e seguintes, 333, 392 e seguintes.

Recomendamos às preces de todos os bons espíritas o Espírito obsessor Jules, acima citado, a fim de o fortalecer em suas boas resoluções e fazer que compreenda o que se ganha fazendo o bem.

Algumas Refutações

CONSPIRAÇÕES CONTRA A FÉ

A História haverá de registrar a lógica singular dos contraditores do Espiritismo, da qual vamos dar algumas amostras.

Do Departamento do Haute-Marne remetem-nos a pastoral do Sr. bispo de Langres, onde se nota a seguinte passagem:

“...E eis que os homens que se dizem amigos da Humanidade, da liberdade e do progresso, mas que, na realidade, a sociedade deve contar no número de seus mais perigosos inimigos, se esforçam, por todos os meios, para arrancar (a fé) do coração das populações cristãs. Porque, caríssimos irmãos, é nosso dever vos advertir, nós que somos encarregados de velar pela guarda de vossas almas, a fim de que os nossos avisos vos tornem prudentes e precavidos: Talvez jamais se tenha visto uma conspiração mais odiosa, mais vasta, mais perigosa e mais hábil, isto é, organizada de modo mais infernal contra a fé católica que a que hoje existe. Conspiração das sociedades secretas, que trabalham na sombra para aniquilar o catolicismo, como se isto

fosse possível; conspiração do protestantismo que, por uma propaganda ativa, busca insinuar-se por toda parte; conspiração dos filósofos racionalistas e anticristãos, que rejeitam, sem razão e contra toda razão, o sobrenatural e a religião revelada, e que se esforçam por fazer prevalecer no mundo letrado sua falsa e funesta doutrina; conspiração das sociedades espíritas que, pela prática supersticiosa da evocação dos Espíritos, entregam-se e incitam os outros a se consagrarem à pérfida maldade do espírito de mentira e de erro; conspiração de uma literatura ímpia ou corruptora; conspiração dos maus jornais e dos maus livros, que se propagam de modo assustador, à sombra de uma tolerância ou de uma liberdade louvada como progresso do século, como conquista do que chamam espírito moderno, e que não é senão um incitamento ao gênio do mal, um justo motivo de dor para uma nação católica, uma armadilha e um perigo muito evidente para todos os fiéis, seja qual for a classe a que pertençam, não suficientemente instruídos na religião, cujo número infelizmente é grande; conspiração, enfim, desse materialismo prático que não vê, não busca, não persegue senão o que diz respeito ao corpo e ao bem-estar físico; que não mais se ocupa da alma e de seu destino, como se não o houvesse, e cujo exemplo pernicioso seduz e arrasta facilmente as massas. Tais são, em resumo, caríssimos irmãos, os perigos que hoje corre a fé... etc.”

Estamos perfeitamente de acordo com o Sr. bispo no que toca as funestas conseqüências do materialismo; mas é surpreendente vê-lo confundir na mesma reprovação o materialismo, que nega a alma, o futuro, Deus e a Providência, com o Espiritismo, que vem combatê-lo e dele triunfa pelas provas materiais que dá da existência da alma, precisamente com o auxílio dessas mesmas evocações pretensamente supersticiosas. Será porque leva vantagem onde a Igreja é impotente? Partilharia o Sr. bispo da opinião de certo eclesiástico que dizia do púlpito: “Prefiro vos saber fora da Igreja a nela vos ver entrar pelo Espiritismo!” E deste outro que dizia: “Prefiro um ateu, que em nada crê, a um

espírita, que crê em Deus e na alma.” É uma opinião como outra qualquer e gostos não se discutem. Seja qual for a do Sr. bispo sobre este ponto, estimaríamos muito que ele respondesse às duas questões seguintes: “Como é que a Igreja, auxiliada pelos poderosos meios de ensino de que dispõe para fazer brilhar a verdade aos olhos de todos, não tem sido capaz de deter o materialismo, ao passo que o Espiritismo, nascido ontem, diariamente converte incrédulos endurecidos? – O meio pelo qual se atinge um objetivo é mais mau do que aquele com cujo auxílio não se o alcança?”

O Sr. bispo enumera uma série de conspirações, que se erguem ameaçadoras contra a religião; por certo não refletiu que, por esse quadro pouco tranquilizador para os fiéis, vai precisamente contra seu objetivo e pode até provocar nestes últimos deploráveis reflexões. A ouvi-lo, em pouco tempo os conspiradores seriam mais numerosos.

Ora, o que aconteceria num Estado se toda a nação conspirasse? Se a religião se vê atacada por tão numerosas coortes, isto não provaria em favor das simpatias que ela encontra. Dizer que a fé ortodoxa está ameaçada é confessar a fraqueza de seus argumentos. Se ela é fundada na verdade absoluta, não pode temer nenhum argumento contrário. Em tal caso, soar o alarme é completa falta de habilidade.

UMA INSTRUÇÃO DE CATECISMO

Num catecismo para crianças da diocese de Langres, por ocasião da pastoral acima referida, foi dada uma instrução sobre o Espiritismo, como assunto a ser tratado pelos alunos.

Eis a narração textual de um deles:

“O Espiritismo é obra do diabo, que o inventou. Entregar-se a isto é pôr-se em relação direta com o demônio.

Superstição diabólica! *Muitas vezes Deus permite essas coisas para reavivar a fé dos fiéis.* O demônio faz-se bom, faz-se santo; cita palavras das Escrituras sagradas.”

Esse meio de reanimar a fé nos parece muito mal escolhido.

“Tertuliano, que viveu no segundo século, conta que faziam falar as cabras e as mesas; é a essência da idolatria. Essas operações satânicas eram raras em certos países cristãos, mas hoje são muito comuns. Esse poder do demônio mostrou-se em todo o seu vigor com o advento do protestantismo.”

Eis crianças bem convencidas do grande poder do demônio. Não seria para temer que isto lhes fizesse duvidar um pouco do poder de Deus, quando se vê o primeiro tantas vezes levar a melhor sobre o segundo?

“O Espiritismo nasceu na América, no seio de uma família protestante chamada Fox. A princípio o demônio manifestou-se por pancadas que despertavam as pessoas em sobressalto; enfim, aborrecidos com as pancadas, procuraram o que podia ser. Um dia a filha do Sr. Fox pôs-se a dizer: Bate aqui, bate ali; e batiam onde ela queria.”

Sempre a excitação contra os protestantes! Assim, eis rapazes educados pela religião no ódio contra uma parte de seus concidadãos, muitas vezes contra membros da própria família! Felizmente o espírito de tolerância que reina em nossa época o contrabalança, sem o que veríamos a renovação de cenas sangrentas dos séculos passados.

“Esta heresia logo se vulgarizou e já conta quinhentos mil sectários. Os Espíritos invisíveis se permitem fazer toda a sorte de coisas. Ao simples pedido de um indivíduo, moviam-se mesas sobrecarregadas com centenas de livros; viam-se mãos sem corpo.

Eis o que se passou na América, e isto veio à França pela Espanha. Inicialmente o Espírito foi forçado por Deus e os anjos a dizer que era o diabo, a fim de não apanhar em suas armadilhas as pessoas honestas.”

Julgamo-nos bem ao corrente da marcha do Espiritismo, e jamais ouvimos dizer que tivesse chegado à França pela Espanha. Seria um ponto a retificar na história do Espiritismo?

Pela confissão dos adversários do Espiritismo, vê-se com que rapidez a idéia nova ganha terreno; uma idéia que, apenas despontada, conquista quinhentos mil partidários não é sem valor e prova o caminho que fará mais tarde; dez anos mais tarde um deles eleva a cifra a vinte milhões, só na França e prediz que em breve a heresia terá ganho os outros vinte milhões (Vide a *Revista Espírita* de junho de 1863). Mas, então, se todo o mundo é herético, que restará para a ortodoxia? Não seria o caso de aplicar a máxima: Quando todos estão errados, todos têm razão? Que teria respondido o instrutor, se uma criança insuportável de seu jovem auditório lhe tivesse feito a pergunta: “Como é possível que a primeira pregação de São Pedro só converteu três mil judeus, enquanto o Espiritismo, que é obra de satanás, fez imediatamente quinhentos mil adeptos? Será satanás mais poderoso do que Deus?” – Talvez ele lhe tivesse respondido: “É porque eram protestantes.”

“Satã diz que é um Espírito bom; mas é um mentiroso. Um dia quiseram que a mesa falasse; ela não quis responder; julgaram que a presença de eclesiásticos a impedia. Por fim, duas batidas vieram advertir que o Espírito lá estava. Perguntaram-lhe: – Jesus-Cristo é filho de Deus? – Não. – Reconheces a santa eucaristia? – Sim. – A morte de Jesus-Cristo aumentou os teus sofrimentos? – Sim.”

Então há padres que assistem a essas reuniões diabólicas. A criança insuportável poderia ter perguntado por que, quando vêm, não fazem o diabo fugir?

“Eis uma cena diabólica.” Assim dizia o Sr. Allan Kardec: “A velhacaria dos Espíritos mistificadores ultrapassa tudo quanto se possa imaginar. Havia dois Espíritos, um representando o bom, outro, o mau; ao cabo de alguns meses disse um: – Aborreço-me de vos repetir palavras melífluas, nas quais não penso. – Então és o Espírito do mal? – Sim. – Não sofres falando de Deus, da Virgem e dos santos? – Sim. – Queres o bem ou o mal? – O mal. – Não és o Espírito que falava há pouco? – Não. – Onde estás? – No inferno. – Sofres? – Sim. – Sempre? – Sim. – Estás submetido a Jesus-Cristo? – Não, a Lúcifer. – Ele é eterno? – Não. – Gostas do que tenho na mão? (eram medalhas da santa Virgem). – Não; julguei vos inspirar confiança; o inferno me reclama; adeus!”

O relato é muito dramático, sem dúvida, mas seria muito hábil quem provasse que temos algo a ver com isso. É triste ver a que expedientes são obrigados a recorrer para dar fé. Esquecem que essas crianças crescem e refletirão. A fé que repousa em tais provas tem razão de temer as conspirações.

“Acabamos de ver o Espírito do mal forçado a confessar que era o tal. Eis uma outra frase que o lápis do médium escrevia: ‘Se queres entregar-te a mim, alma, Espírito e corpo, satisfarei os teus desejos; se queres estar comigo, escreve teu nome por baixo do meu’; e escrevia: *Gieflé* ou *Satã*. O médium tremia e não escrevia; tinha razão. *Todas* as sessões terminam por estas palavras: ‘*Queres aderir?*’ O demônio queria que fizessem um pacto com ele. Entrega-me a tua alma! disse um dia a alguém. – Quem és tu? responderam. – Sou o demônio. – Que queres? – Possuir-te. Não há purgatório; os celerados, os maus, tudo isto há no céu.”

Que dirão estes meninos quando testemunharem algumas evocações e, em vez de um pacto infernal, ouvirem os Espíritos dizer: “Amai a Deus acima de todas as coisas, e ao próximo como a vós mesmos; praticai a caridade ensinada pelo

Cristo; sede bons para com todos, mesmo com os vossos inimigos; orai a Deus e segui os seus mandamentos para serdes felizes neste mundo e no outro?”

“Todos esses prodígios, todas essas coisas extraordinárias vêm dos Espíritos das trevas. O Sr. Home, espírita fervoroso, nos diz que por vezes o solo vibra sob os seus pés, os aposentos estremecem, as pessoas se arrepiam; uma mão invisível nos apalpa os joelhos e os ombros; uma mesa pula. Perguntam: Estás aí? – Sim. – Dá provas disto. E a mesa se ergue duas vezes!”

Ainda uma vez, tudo isto é muito dramático; mas, entre os jovens ouvintes, certamente mais de um desejou vê-lo e não perderá a primeira oportunidade. Também se encontrarão mocinhas impressionáveis, de organização delicada que, ao menor comichão, julgarão sentir a mão do diabo e passarão mal.

“Todas essas coisas são ridículas. A santa Igreja, mãe de todos nós, faz-nos ver que isto não passa de mentira.”

Se tudo isto for ridículo e mentiroso, por que, então, dar tanta importância? Por que apavorar as crianças com quadros sem nenhuma realidade? Se há mentira, não é precisamente nesses quadros?

“Na evocação dos mortos, por exemplo, não se deve crer que sejam os nossos parentes que nos falam; é Satã quem fala e se dá por um morto. Certamente estamos em comunicação pela comunhão dos santos. Na vida dos santos temos exemplos de aparições de mortos; mas é um milagre da sabedoria divina e esses milagres são raros. Eis o que nos dizem: Algumas vezes os demônios se dão por mortos e, também, por santos.”

Algumas vezes não é sempre; portanto, pode acontecer que o Espírito que se comunica não seja um demônio.

“Eles podem fazer muitas outras coisas. Certo dia, um médium que não sabia desenhar reproduziu, com a mão conduzida por um Espírito, as imagens de Jesus-Cristo e da santa Virgem que, apresentadas a alguns de nossos melhores artistas, foram julgadas dignas de ser expostas.”

Ouvindo isto, um aluno bem poderia pensar: E se um Espírito pudesse conduzir-me a mão para fazer meu dever e ganhar um prêmio? Tentemos!

“Saul consultou a pitonisa de Endor e Deus permitiu que Samuel lhe aparecesse para dizer: Por que perturbas o meu repouso? Amanhã estarás comigo no túmulo. Nossos Sauis de salão bem que deveriam pensar nesta história. São Felipe de Néri nos diz: Se a santa Virgem vos aparecer, ou mesmo Nosso Senhor Jesus-Cristo, *cuspi-lhe no rosto*, pois seria apenas uma trapaça do demônio para vos induzir em erro.”

O que vem a ser a aparição de Nossa Senhora da Salette a duas pobres crianças? Conforme essa instrução de catecismo, deviam ter-lhe cuspidido no rosto.

“Nosso santo padre o papa Pio IX proibiu expressamente entregar-se a essas coisas. O Sr. bispo de Langres, e ainda muitos outros, fizeram o mesmo. Há perigo de morte: dois velhos se suicidaram porque os Espíritos lhes haviam dito que depois da morte gozariam de infinita ventura; perigo para a razão: vários médiuns enlouqueceram e numa casa de alienados contavam-se mais de quarenta indivíduos que o Espiritismo tornara loucos.”

Ainda não conhecemos a bula papal que proíbe expressamente de ocupar-se com estas coisas; caso existisse, o Sr. bispo de Langres e os outros não teriam deixado de mencioná-la. A história dos dois velhos, a que se faz alusão, é inexata; foi

provado, por documentos oficiais, registrados no tribunal e, notadamente por cartas por eles escritas antes da morte, que se suicidaram em consequência de perdas de dinheiro e do temor de cair na miséria (Vide a *Revista Espírita* de abril de 1863). A dos quarenta indivíduos confinados numa casa de alienados não é mais verídica. Seria muito constrangedor justificar tal história pelos nomes desses pretensos loucos, que um primeiro jornal fixou em quatro, um segundo em quarenta, um terceiro em quatrocentos e, por fim, um quinto dizia que trabalhavam na ampliação do hospício. Um instrutor de catecismo deveria colher seus dados históricos em outras fontes que não fossem as fofocas de jornais. As crianças a quem enunciam seriamente essas coisas as aceitam com confiança; mas, quanto maior a confiança, mais forte a reação contrária quando, mais tarde, souberem a verdade. Isto é dito em sentido geral e não exclusivamente para o Espiritismo.

Se analisamos este trabalho para meninos, fique bem entendido que não é a sua opinião que refutamos, mas aquela da qual a narração é um resumo. Se se investigasse com cuidado todas as instruções dessa natureza, ficaríamos menos admirados dos frutos recolhidos mais tarde. Para instruir a infância é preciso grande tato e muita experiência, porque é inimaginável o alcance que poderá ter uma única palavra imprudente que, como o joio, germina nessas jovens imaginações como em terra virgem.

Parece que os adversários do Espiritismo não acham que a idéia esteja bastante espalhada; dir-se-ia que, mau grado seu, são impelidos a inventar meios para difundi-la ainda mais. Depois dos sermões, cujo resultado é conhecido, não se podia achar um mais eficaz do que fazê-lo tema das instruções e deveres do catecismo. Os sermões atuam sobre a geração que se vai; as instruções predisõem a geração que chega. Assim, laboraríamos em erro se as encarássemos com desagrado.

O Espírito Batedor da Irmã Maria

A narrativa que segue está relatada numa carta, cujo original temos em mão e que transcrevemos textualmente.

“Viviers, 10 de abril de 1741.

“Ninguém no mundo, meu caro Noailles, melhor do que eu pode informar-vos de tudo quanto se passou na cela da Irmã Maria e se a descrição que fizestes nos expôs ao ridículo em nossa cidade; quero partilhá-lo convosco. A força da verdade vencerá sempre em mim o medo de passar por um visionário e um homem demasiado crédulo.

“Eis, pois, um pequeno relato de tudo o que vi e ouvi durante quatro noites que ali passei, e comigo mais de quarenta pessoas, todas dignas de fé. Só vos narrarei os fatos mais notáveis.

A 23 de março, dia da Anunciação, soube, pela voz pública, que há três dias, ouviam-se, todas as noites, grandes ruídos na cela da Irmã Maria; que as duas irmãs de São Domingos, que moram com ela tinham ficado tão apavoradas que mandaram chamar o Sr. Chambon, cura de Saint-Laurent, o qual tendo vindo àquela cela a uma hora da madrugada, ouvira os quadros batendo nas paredes, uma pia de água benta, de louça, mover-se com ruído, e uma cadeira de madeira, colocada no meio da cela, ser derrubada seis vezes. Confesso, senhor, que ao ouvir esse relato não deixei de zombar; as devotas renderam-se à minha crítica e, desde então, resolvi ir passar a noite seguinte na casa da Irmã Maria, convencido de que, em minha presença, tudo se passaria em silêncio ou eu descobriria a impostura. Com efeito, naquele mesmo dia, às nove horas da noite, dirigi-me àquela casa. Interroguei muitas irmãs, sobretudo a Irmã Maria, que me pareceu informada da causa de todos esses ruídos, mas ela não nos quis comunicar. Então, fiz uma busca minuciosa em seu quarto; olhei por cima e por baixo da cama; as paredes, os quadros, tudo foi examinado com muito

cuidado. Nada tendo descoberto que pudesse provocar todos esses ruídos, mandei que todos saíssem do quarto, com ordem de que ninguém entrasse senão eu. Posicionei-me no quarto vizinho, junto à lareira; deixei aberta a porta da cela e na soleira coloquei uma vela, de modo que via, do meu lugar, a um passo do leito, a cadeira que havia colocado e quase todo o quarto. Às dez horas os senhores d'Entrevaux e Archambaud vieram juntar-se a mim e, com eles, dois artesãos de nossa cidade.

“Cerca de onze e meia ouvi a cadeira mexer-se e logo acorri; ao encontrá-la caída, levantei-a, tomei uma segunda, que coloquei a maior distância do leito da doente, pois não queria perdê-la de vista. Os senhores d'Entrevaux e Archambaud tomaram a mesma precaução e, após um momento, nós a vimos mexer-se pela segunda vez; a pia de água benta, colocada no leito da Irmã Maria, mas a uma distância que ela não podia atingir, tiniu várias vezes e um quadro bateu três vezes na parede. Naquele momento fui falar com a nossa doente; encontrei-a extremamente oprimida e dessa opressão ela caiu num desfalecimento ou perdeu a consciência e o uso de todos os sentidos, que se reduziram à audição; eu próprio fui o seu médico; por meio de água de lavanda, em pouco tempo voltou a si. De quinze em quinze minutos ouvíamos o mesmo ruído e, achando sempre os quadros no mesmo estado, ordenei a esse barulhento, fosse quem fosse, que batesse três vezes o quadro na parede e invertesse a sua posição; logo fui obedecido. Um instante depois, ordenei-lhe que pusesse o quadro na posição anterior, recebendo uma segunda prova de sua submissão às minhas ordens.

“Como nada percebi de barulhento no quarto a não ser uma cadeira, dois quadros e uma pia de água benta, apossei-me de todos esses objetos; então o ruído deslocou-se para as imagens, que ouvimos mover-se várias vezes, e para um pequeno crucifixo pendurado à parede por um prego. Nada mais vimos ou ouvimos nessa noite; tudo ficou calmo e tranqüilo às cinco horas da manhã. Não fizemos segredo sobre tudo quanto tínhamos visto e ouvido e

vos deixo a pensar se não fui iludido em minha visão. Exortei os mais incrédulos a acreditar; lá fomos três noites seguidas e eis o que me pareceu mais surpreendente. Só vos relatarei certos fatos, pois seria muito longo se quisesse entrar em detalhes. Por ora deve bastar vos diga que os senhores Digoine, Bonfils, d'Entrevaux, Chambon, Faure, Allier, Aoust, Grange, Bouron, Bonnier, Fontènes, Robert e tantos outros os testemunharam.

“Tendo-se espalhado na cidade o boato de que a Irmã Maria podia ser a atriz dessa comédia, desde então modifiquei o bom conceito em que a tinha; quis mesmo suspeitar de fraude e, embora seja ela parálitica, segundo o testemunho de nosso médico e de todos que dela se aproximam e nos asseguram que há mais de três anos apenas movimenta a cabeça, presumi que ela pudesse agir e, com tal suposição, senhor, eis de que maneira me conduzi:

“Durante três dias consecutivos, às nove horas da noite, dirigi-me à casa da irmã. Preveni-a quanto aos expedientes que ia tomar para não ser enganado, em presença dos cinco ou seis senhores já citados. Fiz costurá-la em seu hábito; ela estava disposta e envolvida no leito como uma criança de um mês em seu berço. Tomei ainda dois papelotes, colocando-os em forma de cruz sobre o peito, de modo que não podia fazer qualquer movimento sem que a cruz se desfizesse.

“Nesse mesmo dia ela tinha revelado o mistério ao padre Chambon, que a dirige na ausência do Sr. bispo, e ao padre David, diretor de nosso seminário. O primeiro pediu-lhe e lhe permitiu que me informasse a causa de todos esses ruídos; então entrei na confidência e ela me informou que era uma alma sofredora, cujo nome indicou, e que vinha com a permissão de Deus para que aliviassem suas penas. Assim instruído e prevenido contra o erro, não deixei ninguém no quarto. Éramos oito naquela noite e todos determinados em nada acreditar. Por volta das onze horas os quadros e a pia de água benta se fizeram ouvir. Então o Sr. Digoine e eu nos fomos colocar à porta, com uma lâmpada à

mão; é preciso notar que a cela é pequena, que do meio eu podia alcançar as quatro paredes apenas estendendo os braços. Mal nos postamos e o quadro bateu na parede; corremos imediatamente, encontrando o quadro sem movimento e a doente na mesma situação; retomamos o nosso lugar e, tendo o quadro batido segunda vez, corremos à primeira pancada e vimos o quadro girar no ar e rodar sobre o leito. Coloquei-o na janela; um momento depois ele bateu três vezes, à vista de todos. Querendo cada vez mais me convencer da verdade contada pela Irmã Maria, ordenei ao Espírito sofredor que tomasse o crucifixo da parede e o pusesse no peito da doente; ele logo obedeceu. Todos os senhores que estavam comigo foram testemunhas. Ordenei-lhe que recolocasse o crucifixo no lugar e movesse a pia com força; também obedeceu; como, então, eu tivera o cuidado de pôr a pia à vista de todos, ouvimos o ruído e vimos o movimento. Não sendo tais sinais suficientes para me convencer, exigi novas provas. Coloquei uma mesa ao pé do leito da doente e disse a esse Espírito sofredor que de boa vontade lhe ofereceríamos votos e preces, mas sendo o sacrifício da missa o meio mais seguro para o alívio de suas penas, ordenei que desse tantas pancadas sobre a mesa quantas missas quisesse que fossem ditas para ele. Bateu no mesmo instante e contamos trinta e três pancadas. Então entramos em acordo para nos desobrigar daquela incumbência o quanto antes e, durante o tempo destinado para isto, os quadros, a pia e o crucifixo batiam ao mesmo tempo, com mais ruído que nunca.

“Eram duas horas da madrugada; mandei despertar o padre Chambon, que testemunhou tudo quanto lhe havíamos contado, pois em sua presença fizemos repetir as 33 batidas. O padre Chambon lhe ordenou que levasse o crucifixo para determinada cadeira; tão logo ouvimos uma pancada sobre esta, corremos e encontramos o crucifixo debaixo da cama, a um passo da cadeira. Pedi sucessivamente ao cônego Digoine, ao padre Chambon e ao Sr. Robert que se escondessem na cela para examinar se viam algo; ouviram duas vozes diferentes na cama da

doente, distinguindo a desta perfeitamente, que fazia várias perguntas; quanto à outra, não puderam discernir a resposta, pois se explicava em tom muito baixo e rápido. Informado por esses senhores, fui conferi-lo com a Irmã Maria, que confessou o fato.

“Propus àqueles senhores dizer um *De profundis* pelo alívio das penas dessa alma sofredora e, acabada a prece, a cadeira tombou, os quadros bateram e a pia zuniu. Disse a esse Espírito que íamos dizer cinco *Pater* e cinco *Ave* em honra das cinco chagas de Nosso Senhor, e lhe ordenava, como prova de que a prece lhe agradava, derrubar a cadeira uma segunda vez, mas com mais força. Mal nos ajoelhamos, a cadeira, colocada sob as nossas vistas e a dois passos, caiu para frente, levantou-se e caiu para trás.

“Vendo a docilidade desse Espírito e sua presteza em obedecer, julguei poder tentar tudo. Pus 40 moedas sobre a cama da doente e ordenei-lhe que as contasse. Imediatamente ouvimos contá-las num copo de vidro que eu havia colocado perto. Peguei a moeda e coloquei-a sobre a mesa; ordenei a mesma coisa e logo ele obedeceu. Pus um escudo de seis francos e mandei que com ele indicasse o número de missas que lhe são necessárias; bate 33 vezes com o escudo na parede. Faço entrar no quarto os senhores Digoine, Bonfils e d’Entrevaux, afastamos as cortinas do leito, colocamos a vela sobre este e mando o Espírito bater e nos designar o número de missas. Vemos, os quatro, a Irmã Maria sempre no mesmo estado, sem movimento e com os papelotes em forma de cruz, ainda dispostos, e contamos 33 batidas na parede. É de notar que no quarto vizinho, separado por esta parede, não havia viva alma; tínhamos tido o cuidado de afastar tudo quanto fizesse suscitar em nós a menor suspeita.

“Por fim, senhor, tentei uma nova via; escrevi estas palavras num papel: Eu te ordeno, alma sofredora, que nos digas quem és, tanto para nossa consolação quanto para a sustentação de nossa fé. Escreve, pois, o teu nome neste papel ou, pelo menos, faz nele uma marca para conhecermos a necessidade que tens de

nossas preces. Coloco este escrito debaixo da cama da doente, com um tinteiro e uma pena; um instante depois ouço a pia tilintar; acorremos todos ao ruído e, ao mesmo tempo, achamos o papel e o crucifixo sobre ele. Ordeno-lhe que ponha o crucifixo em seu lugar e marque o papel; então dissemos a ladainha da Virgem e, acabada a prece, encontramos o crucifixo em seu lugar e por baixo do papel duas cruces feitas com a pena. O padre Chambon, que estava muito perto do leito, ouviu o ruído da pena no papel. Eu poderia contar-vos muitos outros fatos igualmente surpreendentes, mas o detalhe me levaria muito longe.

“Sem dúvida perguntareis, caro senhor, o que penso desta aventura. Vou fazer minha profissão de fé. Em primeiro lugar estabeleço que o ruído que vi e ouvi tem uma causa. Os quadros, a cadeira, a pia, etc., são seres inanimados, que não podem mover-se por si mesmos. Qual, então, a causa que lhes deu movimento? Necessariamente, é preciso que seja natural ou sobrenatural; se for natural, não pode ser senão a Irmã Maria, pois havia apenas ela no quarto. Não se pode pretender que o ruído tenha sido produzido por molas; examinamos tudo com a máxima atenção, até desmontando os quadros, e se um simples cabelo tivesse respondido pela pia ou pela cadeira nós o teríamos percebido.

“Ora, eu digo que a Irmã Maria não é a causa; ela não quis, ou melhor, ela não nos pôde enganar. Será possível que uma menina em perfeito estado de santidade, uma jovem cuja vida é um milagre contínuo, pois está provado que há três anos não come, não bebe e que de seu corpo não tem saído, senão uma quantidade de pedras; que uma donzela que sofre há seis anos tudo quanto se pode sofrer e sempre com uma paciência admirável; que uma moça que só abre a boca para orar, deixando transparecer, em tudo o que diz, a mais profunda humildade, tenha querido nos enganar, impondo-se assim a todo um público, ao seu bispo, ao seu confessor e a uma multidão de sacerdotes que a interrogaram a respeito? Acho em tudo quanto ela diz uma coerência maravilhosa, jamais a menor contradição, caráter único da verdade, pois a mentira não se

sustentaria. Não creio que os mártires tenham sofrido mais do que esta santa; há épocas do ano em que o seu corpo é uma chaga só; vê-se saindo sangue e pus pelos ouvidos e, com muita freqüência, lhe arrancam vermes muito compridos, que saem pelas narinas; ela sofre e pede continuamente a Deus que a faça sofrer. Uma coisa maravilhosa é que todo ano, na quinzena da Páscoa, é tomada por um vômito de sangue; passado o vômito, a garganta fica desobstruída, ela recebe o santo viático e um instante depois se fecha totalmente; foi o que lhe aconteceu quarta-feira última.

“Em segundo lugar digo que ela não nos pôde enganar, pois está fora de estado de agir; como já disse, é paralítica e uma senhorita de nossa cidade ficou plenamente convencida quando lhe enterrou uma calibrosa agulha na coxa. Aliás, vedes as precauções que tomamos. Costuramo-la em seu hábito e muitas vezes com guarda à vista. Então não é ela. Quem é, então? Perguntais. A consequência é fácil de tirar de tudo quanto tenho a honra de vos dizer neste relato.

“*Assinado: † Abade de Saint-Ponc, cônego apresentador.*”

Observação – Há evidente analogia entre estes fatos e os do Espírito batedor de Bergzabern e de Dibbelsdorf, relatados na *Revista Espírita* de maio, junho, julho e agosto de 1858, salvo, neste, que o Espírito nada tinha de malévolo. São constatados por um homem cujo caráter não pode ser suspeito, e que não observou levemente. Se, como pretendem certas pessoas, só o diabo se manifesta, como viria junto de uma moça em estado de perfeição espiritual? Ora, é de notar que esta não era apavorada nem atormentada; ela própria sabia e as experiências constataram, que era uma alma sofredora. Se não é o diabo, então outros Espíritos podem comunicar-se?

Duas circunstâncias têm analogia particular como a que hoje vemos. Antes de mais, o primeiro pensamento é que haja fraude da parte da pessoa junto à qual se produzem os fenômenos,

a despeito das impossibilidades materiais que, por vezes, existem. Na situação física e moral dessa moça, não se compreende que a suspeita de uma encenação tenha podido entrar no espírito das outras religiosas.

O segundo fato é mais importante. Se alguns dos fenômenos ocorreram à vista das pessoas presentes, a maior parte deles se produziu quando elas estavam no quarto vizinho, de costas e na ausência de luz direta, como muitas vezes se tem observado em nossos dias. A que se deve isto? É o que não está ainda suficientemente explicado. Tendo esses fenômenos uma causa material, e não *sobrenatural*, poderia acontecer, como em certas operações químicas, que a luz difusa fosse mais favorável à ação dos fluidos de que se serve o Espírito¹⁴. A física espiritual ainda está na infância.

Variedades

O INDEX DA CÚRIA ROMANA

A data de 1º de maio de 1864 será marcada nos anais do Espiritismo, como a de 9 de outubro de 1861. Ela lembrará a decisão da sagrada congregação do *Index*, concernente às nossas obras sobre o Espiritismo. Se uma coisa surpreendeu os espíritas, é que tal decisão não tenha sido tomada mais cedo. Aliás, uma só é a opinião sobre os bons efeitos que ela deve produzir, já confirmados pelas informações que nos chegam de todos os lados. A essa notícia, a maioria dos livreiros se apressou em pôr essas obras mais em evidência. Alguns, mais timoratos, crendo numa proibição de sua venda, as retiraram das prateleiras, mas nem por isso deixam de vendê-las furtivamente. Tranqüilizaram-nos, fazendo-lhes observar que a lei orgânica diz que “Nenhuma bula, breve, decreto, mandato, provisão, assinatura servindo de provisão, nem outros

14 N. do T.: Parece que se dá exatamente o inverso: a luz difusa causa dissolução dos fluidos.

expedientes da cúria de Roma, *mesmo que só digam respeito aos particulares*, poderão ser recebidos, publicados, impressos nem de qualquer modo *executados* sem autorização do governo.”

Quanto a nós, esta medida, que é uma das que esperávamos, é um sinal que aproveitaremos, e que servirá de guia para os nossos trabalhos ulteriores.

PERSEGUIÇÕES MILITARES

Conta o Espiritismo numerosos representantes no exército, entre oficiais de todos os graus, que lhe constata a influência benfazeja sobre si mesmos e sobre os subalternos. Em algumas regiões, no entanto, entre os chefes superiores, encontra não negadores, mas adversários declarados, que interdita formalmente a seus subordinados de dele se ocuparem. Conhecemos um oficial que foi riscado do quadro de propostas para a Legião de Honra e outros que foram confinados por causa do Espiritismo. Temos aconselhado que se submetam sem murmúrio à disciplina hierárquica e que esperem pacientemente uma ocasião melhor, que não pode tardar, pois será levado pela força da opinião. Temos mesmo aconselhado a se absterem de toda manifestação espírita exterior, se preciso for, porque nenhum constrangimento pode ser exercido sobre sua crença íntima, nem lhes tirar as consolações e o encorajamento que nele haurem. Essas pequenas perseguições são provas para sua fé e servem ao Espiritismo, em vez de o prejudicar. Devem considerar-se felizes por sofrer um pouco por uma causa que lhes é cara. Não se orgulham de deixar um membro no campo de batalha pela pátria terrestre? Que são, pois, alguns dissabores e contrariedades suportados pela pátria eterna e pela causa da Humanidade?

UM ATO DE JUSTIÇA

Domingo, 3 de abril de 1864 foi um dia de grande festa para a comuna de Cempuis, perto de Grandvilliers (Oise). Milhares

de pessoas ali se achavam reunidas para uma tocante cerimônia, que deixará lembranças inapagáveis no coração de todos os presentes. O Sr. Prévost, nosso colega, membro da Sociedade Espírita de Paris, fundador do asilo de Cempuis e das sociedades de auxílio mútuo do bairro, foi o modesto herói. Um imenso cortejo, precedido pela banda de Grandvilliers, o conduziu à prefeitura, onde recebeu das mãos da autoridade departamental a medalha de honra de que se fez merecedor por seu devotamento à causa da humanidade sofredora. No discurso pronunciado na ocasião pelo delegado da prefeitura, destacamos a seguinte passagem:

“Senhores, se nesta revista sumária consegui que cada um fizesse a parte merecida que lhe cabe na consagração deste grande dia, que me seja permitido rejubilar-me convosco, como se fora a execução de um dever que, por todos os títulos, me era muito caro.

“É, pois, com indizível alegria e legítimo orgulho que todos verão sobre o nobre peito do Sr. Prévost este símbolo honorífico, que o Imperador aí quis ver ligar em seu nome, esperando – não o duvidemos – que a estrela de honra aí venha brilhar com sua mais viva luz.

“Antes de encerrar esta bela cerimônia, à qual a juventude está, de pleno direito, impaciente para substituir por sua alegre animação, façamos remontar a nossa alegria e a nossa gratidão até o seu autor augusto, o Imperador, bem como ao seu fiel intérprete, o Sr. prefeito de Oise.”

A Sociedade Espírita de Paris também se orgulha com a honra prestada a um de seus membros altamente reconhecidos. (Para detalhes sobre o asilo de Cempuis, vide a *Revista Espírita* de outubro de 1863).

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

JULHO DE 1864

Nº 7

Reclamação do Abade Barricand

O número da *Revista* do mês de junho já estava composto e impresso parcialmente quando nos chegou a seguinte carta, do abade Barricand, ao qual mandamos responder o que se segue adiante:

“Senhor.

“O Sr. Allan Kardec encarrega-me de acusar o recebimento da carta que lhe dirigistes, e de vos dizer que era supérfluo requerer a sua inserção na *Revista*. Bastaria que lhe tivésseis pedido uma retificação motivada e ele teria considerado como um dever de imparcialidade reconhecer o vosso direito. Como o número da *Revista* de 1º de junho já estava pronto quando da recepção de vossa carta, ela só poderá aparecer na edição seguinte.

“Recebei, etc.”

“Lyon, 19 de maio de 1864.

“Senhor,

“Acabo de ler na *Revista Espírita*, fascículo do mês de maio de 1864, um artigo no qual meu curso é de tal modo fantasiado e desfigurado que me vejo na obrigação de lhe dar uma resposta, para destruir a impressão desfavorável que o artigo deve ter deixado em vossos leitores, no tocante à minha pessoa e ao meu ensino.

“O artigo é intitulado: *Cursos públicos de Espiritismo em Lyon*. Jamais se viu tal designação figurar em nenhum de meus programas, e se alguém veio ao meu curso na crença de que assistiria a lições de Espiritismo, não foi, como insinuais, porque tivesse sido seduzido por um título *atraente e um pouco enganador*, mas unicamente porque não se deu ao trabalho de ler o que dizem nossos cartazes.

“Informais aos vossos leitores que o *jornal Vérité* destaca várias de nossas *asserções* e, além disso, que se encarregará de nos refutar; disto não temos dúvida, acrescentais, *pois, a julgar por seu começo, ele se desobrigará às maravilhas*. Mas não dais a conhecer essas asserções. É verdade que o nosso contraditor afirma *não ser necessário haver cursado teologia para tomar de uma pena*, e que não temerá enfrentar-nos usando *apenas as armas da razão e da fé em Deus, dadas pelo Espiritismo*;... que a *tese paradoxal que sustentamos não se discute*;... que *não nos faríamos de rogado para acompanhar o Espiritismo ao cemitério, mas que não devemos ter muita pressa em dobrar por finados*;... que, por sua própria conta, está em condições de alimentar, *por si mesmo e sem muito trabalho, essa criancinha que se chama Verdade*;... que *o sangue do futuro corre mais quente que nunca nas veias do espírita, e que ele tem a confiança íntima de que um dia nos será dado o tom definitivo do mais magnífico Te Deum*.

“Por certo o Sr. Allan Kardec se supõe em perfeitas condições de contestar os nossos argumentos e de prometer aos

seus leitores que, a julgar pelo começo, o diretor do *Vérité* se desobrigará maravilhosamente da tarefa que se impôs, de nos refutar. Mas é difícil acreditar que, fora da escola espírita, as pessoas tenham a mesma opinião; chegaríamos até mesmo a suspeitar que se o Sr. Diretor da *Revista Espírita* publicasse na íntegra, aos olhos de seus assinantes, o artigo em que o nosso antagonista aceita a luta, muitos deles teriam hesitado em considerá-lo como um princípio que promete uma refutação maravilhosa de nossas lições contra o Espiritismo.

“Mas talvez digais: o resumo que dá o *Vérité* de uma parte de vossa argumentação não a reproduz fielmente? Não, senhor, esse resumo não passa de uma paródia burlesca. Tudo aí é falsificado: nossa linguagem, nossas idéias e nosso raciocínio. Estas expressões arrogantes: *Julgo-me capaz de provar; pedestal pretensioso...; relatório enfático; cifras ambiciosas; tudo comédia; a caixa do Sr. Allan Kardec está bem abastecida e é justo que venha em auxílio de seus discípulos*, etc., jamais entraram em nossas lições e o Sr. Diretor do *Vérité* se teria poupado ao trabalho de no-las atribuir, se tivesse compreendido, ou querido compreender, o verdadeiro estado da questão que tratávamos à sua frente.

“Com efeito, de que se tratava? De dar a conhecer ao nosso auditório qual era, no final de 1862 e de 1863, a situação do Espiritismo em Lyon. Ora, para nos apoiarmos tão-somente em dados que nenhum espírita pode recusar, em vez de falar de vossas viagens e calcular o que pudesse conter vossa caixa, contentamo-nos em confrontar vossa brochura intitulada: *Viagem Espírita em 1862* e o *vosso artigo da Revista Espírita* (janeiro de 1864), no qual dais conta aos assinantes da situação do Espiritismo em 1863. Da diferença tão evidente de tom e de linguagem notados nesses dois documentos, julgamos dever concluir, não como nos faz dizer o *Vérité*, que o Espiritismo está morto ou agonizante, mas que sofre, ao menos em Lyon, de uma paralisação, se já não entrou num período de decadência. Em apoio a esta conclusão, lembramos as

confissões do diretor do *Vérité*, porque, enquanto o Sr. Allan Kardec afirma que em 1862 podiam-se contar, sem exagero, 25 a 30 mil espíritas lioneses, o Sr. Edoux não tem dificuldade em reconhecer que o seu número hoje não passa de dez mil. Ora, que outro nome, senão decadência, pode ser dado a tão notável diminuição?

“Parece-nos que nada é mais fácil do que apreender o verdadeiro sentido de tão simples argumentação e lhe fazer uma análise exata. Mas o Sr. Diretor do *Vérité*, em vez de limitar-se a reproduzir fielmente a nossa exposição, julgou que fosse mais interessante dar aos leitores uma bonita amostra de nosso curso, inserindo-a no seu jornal.

“E, contudo, é esse relato, onde cada linha põe a descoberto a falta de lógica e de sinceridade, que julgastes dar como fundamento a essas insinuações malévolas, que tendem a nos apresentar aos vossos leitores como um homem *que se imiscui nos vossos atos privados, que de uma simples suposição tira uma consequência absoluta; que calcula o que há no fundo de vossa caixa para disso fazer o texto de um ensinamento público.* Tais acusações, assacadas irrefletidamente e sem sombra de provas, caem por si mesmas. Conforme a palavra de um autor antigo basta divulgá-las para as refutar: *Vestra exposuisse refellisse est.*

“Ao concluir o vosso artigo, julgastes dever ensinar-nos como deve ser feito um curso de teologia. Por nossa vez, guardamo-nos de vos querer dar lições, mas que nos seja permitido, ao menos, vos dar um caridoso conselho, se quiserdes evitar muitos desmentidos, o de não aceitar mais, senão com certa desconfiança, os relatórios de vossos correspondentes, porque, tomando por empréstimo a linguagem de nosso bom La Fontaine, um amigo ignorante é mais perigoso que um inimigo sábio.

“Peço-vos, e se necessário exijo, a inserção integral desta resposta no vosso próximo número.

“Recebei os protestos de meus mais elevados sentimentos.”

A. Barricand,

Deão da Faculdade de Teologia

As palavras contra as quais reclama o abade Barricand são estas: “É fácil ao Sr. Allan Kardec fazer esta asserção: *O Espiritismo está mais forte que nunca*, e citar como principal prova a criação do *Ruche* e do *Vérité*! Senhores, tudo comédia!... Esses dois jornais bem podem existir, sem que se deva concluir obrigatoriamente que o Espiritismo haja dado um passo à frente... Se me objetardes que tais jornais têm despesas e que para as pagar são necessários assinantes ou a imposição de sacrifícios esmagadores, ainda responderei: Comédia!... Ao que dizem, a caixa do Sr. Allan Kardec é bem abastecida. Não é justo e racional que venha ajudar os seus discípulos?”

Elas são extraídas textualmente do jornal *Vérité* de 10 de abril de 1864. Apenas acrescentamos as reflexões muito naturais que elas sugeriram, dizendo que não reconhecemos em ninguém o direito de calcular o fundo de nossa bolsa, nem de prejudicar o uso que fizemos do que pensamos que possuímos e, ainda menos, de fazer disto o texto de um ensinamento público. (Vide a *Revista* do mês de maio.)

Sem investigar se o abade Barricand pronunciou as palavras que contesta, ou o equivalente, é de admirar não tenha ele, em primeiro lugar, pedido a retificação ao jornal do qual as tomamos por empréstimo. Esse jornal é de 10 de abril; aparece em Lyon todas as semanas e lhe é remetido. Ora, sua carta é de 19 de maio e, nesse intervalo, cinco números tinham aparecido. De duas, uma: estas palavras são justas, ou são falsas; se são falsas, é que o

redator, que declara no artigo haver assistido à lição do professor, as inventou. Então, como é que no mesmo artigo ele protesta contra a alegação de ser subvencionado por nós, dizendo que não necessita do auxílio de ninguém e pode andar sozinho? Ter-se-ia equivocado estranhamente. Como é que em presença dessa dupla asserção o abade Barricand tenha deixado passar mais de um mês sem protestar? Seu silêncio, quando não podia ignorá-lo, deve ter sido considerado por nós como um assentimento, pois é muito evidente que se tivessem sido retificadas no *Vérité*, nós não as teríamos reproduzido.

Em sua carta, o abade Barricand volta à tese que sustentou, relativa à pretensa decadência do Espiritismo, restringindo, no entanto, o alcance de suas expressões. Já que tal pensamento o tranqüiliza, deixamo-lo de boa vontade, pois não temos o menor interesse em dissuadi-lo. Assim, que ele tire da ausência de estipulações precisas sobre o número de espíritas as conclusões que quiser, o que não impedirá que as coisas sigam o seu curso. Pouco importa se os nossos adversários acreditem ou não no progresso do Espiritismo; ao contrário, quando menos acreditarem, menos dele se ocuparão e mais nos deixarão em paz. Far-nos-emos de mortos se isto lhes for agradável. A eles caberia não nos despertar; mas, enquanto vociferarem, fulminarem, anatematizarem, usarem de violências e de perseguições, não farão ninguém acreditar que estamos mortos e bem mortos.

Até agora o clero havia pensado que um meio de apavorar, no que respeita ao Espiritismo, fazendo que o repelissem, era exagerar o número de seus adeptos além da medida. Em quantos sermões, pastorais e publicações de todo o gênero estes não foram apresentados como invasores da sociedade e, por seu aumento, pondo a Igreja em perigo? Confirmamos o progresso das idéias espíritas, pois, melhor do que ninguém, estamos em condições de constatar; mas jamais caímos em cálculos hiperbólicos e nunca dissemos, como certo pregador, que só em

Bordeaux foram vendidos mais de 170.000 francos de nossos livros. Não fomos nós que dissemos que havia 20 milhões de espíritas na França, nem, como numa obra recente, 600 milhões no mundo inteiro, o que equivaleria a mais da metade da população total do globo. O resultado desses quadros foi completamente diverso do que esperavam. Ora, se quiséssemos proceder por indução, suspeitaríamos que o abade Barricand quisesse seguir uma tática contrária, atenuando os progressos do Espiritismo, em vez de os exaltar.

Seja como for, a estatística exata dos espíritas é uma coisa impossível, tendo em vista o número imenso de pessoas simpáticas à idéia e que não têm qualquer motivo para se porem em evidência, já que os espíritas não estão arregimentados como numa confraria. Grande seria o equívoco de quem tomasse por base o número de grupos oficialmente conhecidos, considerando-se que nem um milésimo dos adeptos os freqüentam. Conhecemos algumas cidades onde não há nenhuma sociedade regular e nas quais há mais espíritas que em outras, que contam diversas. Aliás, já dissemos que as sociedades não são uma condição necessária à existência do Espiritismo; algumas se formam hoje e encerram suas atividades amanhã, sem que sua marcha seja entravada no que quer que seja. *O Espiritismo é uma questão de fé e de crença, e não de associação.*

Quem quer que partilhe de nossas convicções a respeito da existência e da manifestação dos Espíritos e das conseqüências morais daí decorrentes, é espírita de fato, sem que haja necessidade de estar inscrito num registro ou matrícula, ou de receber um diploma. Basta uma simples conversa para dar a conhecer os que são simpáticos à idéia ou a repelem, e por aí se julga se ela ganha ou perde terreno.

A avaliação aproximada do número de adeptos repousa em relatórios íntimos, pois não existe qualquer base para o estabelecimento de uma cifra rigorosa, cifra, aliás, incessantemente

variável. Uma carta, por exemplo, vai nos revelar toda uma família espírita e, por vezes, várias famílias, de que não tínhamos nenhum conhecimento. Se o abade Barricand visse a nossa correspondência talvez mudasse de opinião; mas não nos preocupamos com isso.

A oposição feita a uma idéia está sempre na razão de sua importância. Se o Espiritismo fosse uma utopia, dele não se teriam ocupado, como de tantas outras teorias. A obstinação da luta é indício certo de que o levam a sério. Mas se há luta entre o Espiritismo e o clero, a História dirá quais foram os agressores. Os ataques e as calúnias de que foi objeto o forçaram a devolver as armas que lhe atiravam e a mostrar o lado vulnerável de seus adversários. Perseguindo-o, detiveram sua marcha? Não, certamente. Se o tivessem deixado em paz, nem o nome do clero teria sido pronunciado e talvez este tivesse vencido. Atacando-o em nome dos dogmas da Igreja, forçaram-no a discutir o valor das objeções e, por isto mesmo, a entrar num terreno que ele não tinha intenção de enveredar. A missão do Espiritismo é combater a incredulidade pela evidência dos fatos, reconduzir a Deus os que o desconheciam, provar o futuro aos que criam no nada. Então, por que hoje a Igreja lança mais anátemas sobre aqueles aos quais dá fé, do que quando em nada criam? Repelindo os que crêem em Deus e na alma pelo Espiritismo, é estrangê-los a buscar refúgio fora da Igreja. Quem primeiro proclamou que o Espiritismo era uma religião nova, com seu culto e seus sacerdotes, senão o clero? Onde se viu, até agora, o culto e os sacerdotes do Espiritismo? Se algum dia tornar-se uma religião, é o clero que o terá provocado.

A Religião e o Progresso

Hoje geralmente se pensa que a Igreja admite o fogo do inferno como um fogo moral e não como um fogo material. Tal é, pelo menos, a opinião da maioria dos teólogos e de muitos eclesiásticos esclarecidos. Contudo, é apenas uma opinião

individual, e não uma crença adquirida pela ortodoxia, pois, do contrário, seria universalmente professada. Pode julgar-se pelo seguinte quadro, que um pregador traçou do inferno, durante a última quaresma, em Montreuil-sur-Mer:

“O fogo do inferno é milhões de vezes mais intenso que o da Terra, e se um dos corpos que ali queimam sem se consumir viesse a ser lançado no nosso planeta, empestá-lo-ia de ponta a ponta!

“O inferno é uma vasta e sombria caverna, guarnecida de pregos pontiagudos, de lâminas de espadas afiadas, de navalhas bem cortantes, na qual são precipitadas as almas dos danados!”

Seria supérfluo refutar esta descrição; no entanto, poderíamos perguntar ao orador onde colheu um conhecimento tão preciso do lugar que descreve. Por certo não foi no Evangelho, onde não se trata de pregos, nem de espadas, nem de navalhas. Para saber se essas lâminas são bem afiadas e bem cortantes, é preciso tê-las visto e experimentado. Será que, novo Enéas ou Orfeu, ele próprio teria descido a essa caverna sombria que, aliás, muito se assemelha ao Tártaro dos pagãos? Além disso, ele deveria ter explicado a ação que pregos e navalhas poderiam ter sobre as almas e a necessidade de serem bem afiados e de boa têmpera. Já que conhece tão bem os detalhes interiores do local, também deveria ter dito onde está situado. Não é no centro da Terra, pois supõe a hipótese de um dos corpos que ela encerra ter sido lançado em nosso planeta. Então é no espaço? Mas a astronomia aí fixou o seu olhar muito antes, sem nada descobrir. É verdade que não olhou com os olhos da fé.

Seja como for, o quadro é feito para seduzir os incrédulos? É bastante duvidoso, pois é mais adequado para diminuir o número dos crentes.

Em contrapartida, citaremos o seguinte trecho de uma carta escrita de *Riom*, e relatada no jornal *Vérité*, em seu número de 20 de março de 1864:

“Ontem, para minha grande surpresa e satisfação, ouvi com os próprios ouvidos esta serena confissão da boca de um eloqüente pregador, em presença de numeroso e atônito auditório: *Não há mais inferno... o inferno não existe mais... foi substituído admiravelmente pelos fogos da caridade e do amor, que resgatam as nossas faltas!*

“Nossa divina doutrina (o Espiritismo) não está encerrada inteiramente nestas poucas palavras?”

É inútil dizer qual dos dois teve mais simpatias do auditório; mas o segundo poderia até ser acusado de heresia pelo primeiro. Outrora teria expiado, infalivelmente, na fogueira ou numa masmorra a audácia de haver proclamado que Deus não manda queimar as suas criaturas.

Esta dupla citação nos sugere as seguintes reflexões:

Se uns acreditam na materialidade das penas, enquanto outros a negam, necessariamente uns laboram em erro e outros têm razão.

Este ponto é mais capital do que parece à primeira vista, porque é o caminho aberto às interpretações numa religião fundada na unidade absoluta da crença e que, em princípio, repele a interpretação.

É bem certo que até hoje a materialidade das penas tem participado das crenças dogmáticas da Igreja. Por que, então, nem todos os teólogos lhe dão crédito? Como nem uns, nem outros o verificaram por si mesmos, o que leva alguns a ver apenas uma imagem onde outros vêem a realidade, senão *a razão* que, nos primeiros, supera a fé cega? Ora, a razão é o livre-exame.

Eis, pois, a razão e o livre-exame entrando na Igreja pela força da opinião. Poder-se-ia dizer, sem metáfora, pela porta do inferno; é a mão posta no santuário dos dogmas, não pelos leigos, mas pelo próprio clero.

Não se julgue esta uma questão de menor importância, pois contém em si o germe de toda uma revolução religiosa e de um imenso cisma, muito mais radical que o protestantismo, porque não ameaça apenas o catolicismo, mas o protestantismo, a Igreja grega e todas as seitas cristãs. Com efeito, entre a materialidade das penas e as penas puramente morais, há toda a distância do sentido próprio ao sentido figurado, da alegoria à realidade. Desde que se admitam as chamas do inferno como alegoria, torna-se evidente que as palavras de Jesus: “Ide ao fogo eterno” têm um sentido alegórico. Daí a consequência de que o mesmo deve acontecer com outras de suas palavras.

Mas a consequência mais grave é esta: Uma vez que se admita a interpretação sobre um ponto, não há motivo para a rejeitar sobre outros; é, pois, como dissemos, a porta aberta à livre discussão, um golpe mortal desferido no princípio absoluto da fé cega. A crença na materialidade das penas liga-se intimamente a outros artigos de fé, que lhe são corolários; transformada essa crença, as outras se transformarão pela força das coisas e, assim, gradualmente.

Já temos uma aplicação disto. Há poucos anos ainda, o dogma: *Fora da Igreja não há salvação*, estava em toda a sua força; o batismo era condição tão imperiosa, que bastava que o filho de um herético o recebesse clandestinamente e à revelia dos pais, para ser salvo, porquanto tudo que não fosse rigorosamente ortodoxo era irremissivelmente condenado. Mas, tendo a razão humana se levantado contra esses bilhões de almas votadas às torturas eternas, quando delas não dependera ser esclarecidas na verdadeira fé; contra essas inúmeras crianças que morrem antes de adquirir a

consciência de seus atos e que, nem por isso, são menos danadas, se a negligência ou a fé religiosa de seus pais as privou do batismo, a Igreja viu-se forçada, nesse ponto, a renunciar ao seu absolutismo. Hoje ela diz, ou, pelo menos, diz a maioria de seus teólogos, que essas crianças não são responsáveis pelas faltas dos pais; que a responsabilidade só começa no momento em que, tendo a possibilidade de se esclarecerem, o recusam e, por isto, estas crianças não são danadas por não haverem recebido o batismo; que o mesmo se dá com os selvagens e os idólatras de todas as seitas. Alguns vão mais longe: reconhecem que, pela prática das virtudes cristãs, isto é, *da humildade e da caridade*, pode-se ser salvo em todas as religiões, porque depende, também, da vontade de um hindu, de um judeu, de um muçulmano, de um protestante, quanto de um católico, viver cristãmente; que aquele que vive assim está na Igreja pelo espírito, mesmo que não o esteja pela forma. Não está aí o princípio: *Fora da Igreja não há salvação*, ampliado e transformado no *Fora da caridade não há salvação*? É precisamente o que ensina o Espiritismo e, contudo, é por isto que ele é declarado obra do demônio. Por que essas máximas seriam o sopro do demônio na boca dos espíritas e não na dos ministros da Igreja? Se a ortodoxia da fé está ameaçada, então não o é pelo Espiritismo, mas pela própria Igreja, porque ela sofre, mau grado seu, a pressão da opinião geral e porque, entre seus membros, encontram-se alguns que vêm as coisas de mais alto e nos quais a força da lógica leva a melhor a fé cega.

Talvez parecesse temerário dizer que a Igreja marcha ao encontro do Espiritismo; entretanto, é uma verdade que reconhecerão mais tarde. Avançando para o combater, nem por isso ela deixa, pouco a pouco, de lhe assimilar os princípios, mesmo sem o suspeitar.

Esta nova maneira de encarar a questão da salvação é grave. Posto acima da forma, o Espírito é um princípio eminentemente revolucionário na ortodoxia. Sendo reconhecida

possível a salvação fora da Igreja, a eficácia do batismo é relativa, e não absoluta: torna-se um símbolo. Não trazendo a criança não batizada a pena da negligência nem da má vontade dos pais, em que se torna a pena incorrida por todo o gênero humano pela falta do primeiro homem? em que se torna também o pecado original, tal qual o entende a Igreja?

Muitas vezes os maiores efeitos decorrem de pequenas causas. O direito de interpretação e de livre-exame, pueril na aparência, uma vez admitido na questão da materialidade das penas futuras, é um primeiro passo cujas conseqüências são incalculáveis, porque representa uma brecha na imutabilidade dogmática, e uma pedra arrancada arrasta outras. Forçoso é convir: a posição da Igreja é delicada. Todavia, só há um dos dois partidos a tomar: ficar estacionária, a despeito de tudo, ou ir para frente. Mas, então, não poderá escapar deste dilema: se se imobilizar de modo absoluto nos erros do passado, será infalivelmente superada, como já o é, pelo fluxo das idéias novas, depois isolada e, por fim, desmembrada, como o seria hoje, se tivesse persistido em expulsar do seu seio os que crêem no movimento da Terra, ou nos períodos geológicos da Criação; se entrar na via da interpretação dos dogmas transforma-se e aí entra pelo simples fato de renunciar à materialidade das penas e à necessidade absoluta do batismo.

O perigo de uma transformação, aliás, está clara e energicamente formulado na seguinte passagem de um opúsculo publicado pelo padre *Marin de Boylesve*, da Companhia de Jesus, sob o título de *O milagre e o diabo*, em resposta à *Revue des Deux-Mondes*.

“Há, entre outras, uma questão que, para a religião, é de vida ou de morte: a questão do milagre. A do diabo não é menos. Tirai o diabo, e o Cristianismo desaparece. Se o diabo não passar de um mito, a queda de Adão e o pecado original entrarão no domínio das fábulas. Por conseguinte a redenção, o batismo, a Igreja, o

Cristianismo, numa palavra, não têm mais razão de ser. Por isso a Ciência não poupa esforços para apagar o milagre e suprimir o diabo.”

Desse modo, se a Ciência descobrir uma lei da Natureza, que faça entrar nos fatos naturais um fato que é reputado miraculoso; se provar a anterioridade da raça humana e a multiplicidade de suas origens, todo o edifício se desmorona. Uma religião é muito frágil quando uma descoberta científica lhe é uma questão de vida e morte. Eis uma confissão desastrosa. Por nossa conta, estamos longe de partilhar das apreensões do padre Boylesve em relação ao Cristianismo. Dizemos que o Cristianismo, tal qual saiu da boca de Jesus, mas apenas tal qual saiu, é invulnerável, porque é a lei de Deus.

A conclusão é esta: Nada de concessão, sob pena de morrer. Esquece o autor de examinar se há mais chances de viver na imobilidade. Nossa opinião é que há menos e que é preferível viver transformado a não viver de modo algum.

Num e noutro caso, a cisão é inevitável. Pode mesmo dizer-se que já existe; a unidade doutrinária está rompida, pois não há acordo perfeito no ensino; uns aprovam o que outros censuram; uns absolvem o que outros condenam. Assim, vêem-se fiéis indo de preferência àqueles cujas idéias mais lhes convêm. Dividindo-se os pastores, o rebanho igualmente se divide. Dessa divergência a uma separação, a distância não é grande; um passo a mais e os que estão na vanguarda serão tratados como heréticos pelos que ficaram na retaguarda. Ora, eis o cisma estabelecido; aí está o perigo da imobilidade.

A religião, ou melhor, todas as religiões sofrem, mau grado seu, a influência do movimento progressivo das idéias. Uma necessidade fatal as obriga a se manterem no nível do movimento ascensional, sob pena de soçobrem. Assim, todas têm sido

forçadas, de tempos em tempos, a fazer concessões à Ciência, a minimizar o sentido literal de certas crenças ante a evidência dos fatos. A que repudiasse as descobertas da Ciência e suas conseqüências, do ponto de vista religioso, mais cedo ou mais tarde perderia a sua autoridade e o seu crédito e aumentaria o número dos incrédulos. Se uma religião qualquer pode ser comprometida pela Ciência, a culpa não é da Ciência, mas da religião fundada sobre dogmas absolutos, em contradição com as leis da Natureza, que são leis divinas. Repudiar a Ciência é, pois, repudiar as leis da Natureza e, por isto mesmo, renegar a obra de Deus; fazê-lo em nome da religião seria pôr Deus em contradição consigo mesmo e fazê-lo dizer: Estabeleci leis para reger o mundo; mas não acrediteis nessas leis.

O homem não tem sido capaz, nas diferentes épocas, de conhecer todas as leis da Natureza. A descoberta sucessiva dessas leis constitui o progresso; daí, para as religiões, a necessidade de pôr suas crenças e seus dogmas em harmonia com o progresso, sob pena de receberem o desmentido dos fatos constatados pela Ciência. Só com esta condição uma religião é invulnerável. Em nossa opinião, a religião deveria fazer mais do que se pôr a reboque do progresso, que apenas acompanha constrangida e forçada; deveria ser uma sentinela avançada, porque é honrar a Deus proclamar a grandeza e a sabedoria de suas leis.

A contradição que existe entre certas crenças religiosas e as leis naturais fez a maioria dos incrédulos, cujo número aumenta à medida que se populariza o conhecimento dessas leis. Se fosse impossível o acordo entre a Ciência e a religião, não haveria religião possível. Proclamamos altamente a possibilidade e a necessidade desse acordo, porque, em nosso entender, a Ciência e a religião são irmãs para a maior glória de Deus e devem completar-se entre si, em vez de se desmentirem reciprocamente. Elas se estenderão as mãos, quando a Ciência não vir na religião nada de incompatível com os fatos demonstrados e a religião não mais tiver que temer a

demonstração dos fatos. O Espiritismo, pela revelação das leis que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, será o traço de união que lhes permitirá se olhem face a face, uma sem rir, a outra sem tremer. É pela concordância da fé e da razão que diariamente tantos incrédulos são reconduzidos a Deus.

O Espiritismo em Constantinopla

Sob esse título, o jornal de Constantinopla publicou, em março último, três artigos muito extensos sobre, ou melhor, contra o magnetismo e o Espiritismo que, naquela capital, têm muitos adeptos fervorosos. Como, em geral, fazemos em todas as críticas, em vão procuramos argumentos sérios, ao passo que vimos a prova evidente de que o autor fala de algo que desconhece, ou só conhece muito superficialmente; julga o Espiritismo pelas aparências, por ouvir-dizer, pela leitura de alguns fragmentos incompletos, pelo relato de alguns fatos excêntricos repudiados pelo próprio Espiritismo, o que lhe parece suficiente para proferir uma sentença. Como se vê, é uma nova demonstração da lógica dos nossos antagonistas. O que parece ter sido mais lido é o Sr. de Mirville, a magia do Sr. Dupotet e a vida do Sr. Home; mas da ciência espírita propriamente dita, não se vêem estudos, nem observações sérias.

Estamos longe de pretender que quem estude o Espiritismo deva necessariamente aprová-lo. Mas, se for de boa-fé, mesmo censurando não se afastará da verdade; não nos fará dizer o contrário do que dizemos, o que ocorrerá fatalmente se não souber tudo quanto dissemos. Só reconheceríamos como crítico sério aquele que, saindo das generalidades, aos nossos argumentos opusesse argumentos peremptórios e provasse, sem réplica possível, que os fatos sobre os quais nos apoiamos são falsos, inventados e radicalmente impossíveis. É o que ninguém ainda fez,

tanto o redator do jornal de Constantinopla quanto os outros. O Espiritismo tem sido atacado de todas as maneiras, com todas as armas que julgaram mais mortíferas; nada foi poupado para o aniquilar, nem mesmo a calúnia; não há o mais medíocre escritor que, num opúsculo ou folhetim, não se tenha jactado de lhe dar o golpe de misericórdia; entre os seus adversários encontram-se homens de real valor, que esmiuçaram até o fundo o arsenal das objeções, com ardor tanto maior quanto maior o interesse em o abafar. No entanto, a despeito do que tenham feito, não só ele ainda está de pé, mas se espalha, dia a dia, cada vez mais; implanta-se por toda parte; o número de seus adeptos cresce incessantemente. Isto é um fato notório. Que se deve concluir disto? É que nada lhe puderam opor de sério e concludente. Nosso contraditor de Constantinopla seria mais feliz? Duvidamos muito, se não tiver melhores argumentos a fazer valer. Seus artigos, longe de deter o movimento espírita no Oriente, só o pode favorecer, como aconteceu com todos do mesmo gênero, pois giraram exatamente no mesmo círculo; eis por que não nos preocupamos. Limitar-nos-emos a citar alguns trechos, que resumem a opinião do autor.

Não há uma só de suas objeções contra o Espiritismo que não encontre sua refutação em nossas obras. Se tivéssemos de refutar todos os absurdos atribuídos ao assunto, teríamos de nos repetir incessantemente, o que é inútil, pois, em última análise, não tendo essas críticas nenhum fundo sério, mais ajudam que prejudicam.

“Ao lado dos praticantes habilidosos, tais como o Sr. Dupotet, mágico, ou o Sr. Home, médium, vêm colocar-se operadores de uma ordem diferente, em cujas primeiras filas figura o Sr. Allan Kardec. Este pode ser apresentado como o modelo sobre o qual é calcado todo um quadro de espíritas, cuja boa-fé não poderia ser posta em dúvida.

“Como já dissemos, os espíritas de Constantinopla pertencem a essa escola literária e artística, que milita principalmente por seus escritos, dos quais a *Revista Espírita*, do Sr. Allan Kardec, é o tipo mais perfeito. São os adeptos desta categoria que estabeleceram a doutrina. A teoria dos Espíritos não tem mais nenhum segredo para eles; assim, na maioria das vezes desdenham recorrer aos processos materiais empregados pelos médiums comuns. Têm manifestações diretas. Seu processo, tão simples quanto eles próprios, consiste em tomar um lápis comum, como o primeiro profano que chegasse, com o auxílio do qual são postos em relação imediata com os Espíritos e escrevem sob o seu ditado. Entre outras vantagens, este método lhes permite pôr de lado toda a modéstia e dar às suas próprias obras os mais exagerados louvores, cobrindo-se com o nome de seus supostos autores.

“Antes de crer na exatidão do médium escrevente *mecânico*, gostaríamos de ver um idiota escrever alguma bela página, tal como os Espíritos que agem por via mediúnica jamais ditaram. O médium *intuitivo* é mais aceitável; mas nos parece muito difícil que a experiência ensine a distinguir o pensamento do Espírito do do médium. Aliás, o papel representado por este último pode ser facilmente explicado. Na maioria dos casos ele é sincero e é antes a ele do que aos operadores da ordem dos senhores Home e Dupotet que se aplicaria com justeza a opinião emitida pelo Sr. conde de Gasparin. Quanto à opinião do Sr. de Mirville, aqui não há lugar para discuti-la, pois está perfeitamente provado que nenhum médium, pelo menos em Constantinopla, seja feiticeiro.

“Se tivéssemos de defender os espíritas contra acusações tão odiosas quanto as que aqui repelimos, bastaria, para demonstrar sua completa *inocência*, citar alguns dos ensinamentos dados pelos Espíritos.

“Os diferentes planetas que circulam no espaço são povoados como a nossa Terra. As *observações astronômicas* induzem

a pensar que os meios aonde vão os seus respectivos habitantes são bastante diversos para necessitar organizações corpóreas diferentes; mas o *perispírito* se acomoda à variedade dos tipos e permite ao Espírito que ele encobre encarnar na superfície de planetas diferentes.

“O estado moral, intelectual e físico desses mundos forma uma série progressiva, na qual a nossa Terra não ocupa a primeira, nem a última posição; ela é, contudo, um dos globos mais materiais e mais atrasados. Uns há onde o mal moral é desconhecido; onde as artes e as ciências chegaram a um grau de perfeição que não podemos compreender; onde a organização física não está sujeita aos sofrimentos, nem às doenças; onde *os homens* vivem em paz, sem se prejudicarem, isentos de pesares e de preocupações.

“*Com meus novos instrumentos, esta noite verei homens na Lua...*” diz, em algum lugar, o rei Afonso. Mais ditosos que ele, os espíritas os viram, mas não é justo que invejem a sorte dos lunáticos; pensamos que nada os impediria de gozar à vontade, a partir deste mundo.

“De tudo o que precede, vê-se a que se reduzem o maravilhoso e o sobrenatural do Espiritismo. Para os aniquilar, basta examinar todos os fatos que citamos, sem idéias preconcebidas e neles achar as mais repreensíveis práticas de feitiçaria, ou a ação de um fluido, cuja existência os cientistas negam. Para quem quiser se dar ao trabalho de assistir às suas sessões, sem se condenar a tomar os fatos que eles produzem pelo que dizem que são, os senhores Home e Dupotet, como todos os operadores da mesma ordem, serão, muito evidentemente, mistificadores interessados. Quando muito, suas operações serão comparáveis, quanto à habilidade, às do Sr. Bosco, mas este tem mais sinceridade, o que não permite levar mais longe a comparação entre eles.

“Muito diferente dos mágicos de que acabamos de falar, os médiuns da categoria do Sr. Allan Kardec, à qual pertencem, em geral, os espíritas de Constantinopla, são, ao contrário, mistificados. Todos os seus esforços tendem a tornar cada vez mais completa a mistificação de si próprios. A despeito de toda a boa vontade que se lhes tenha, é verdadeiramente impossível levar a sério qualquer de suas práticas. Todavia, é permitido lamentar que criaturas honestas assim passem a maior parte de seu tempo a se persuadirem de erros que, para eles, se tornam a realidade. Por mais inofensivos que, no fundo, possam parecer esses erros, não é menos certo que só podem produzir funestos resultados, pois tomam o lugar da verdade. É neste sentido que são condenáveis.”

Os próprios espíritas de Constantinopla se encarregaram de responder em dois artigos que o jornal publicou, em seus números de 21 e 22 de março último. Um é de um médium, que dá conta da maneira pela qual a sua faculdade se desenvolveu e triunfou sobre a sua incredulidade. O outro, que reproduzimos a seguir, é em nome de todos.

“Senhor redator,

“Vosso jornal acaba de publicar três longos artigos intitulados: *O Espiritismo em Constantinopla*, em consequência dos quais vimos pedir que vos digneis abrir espaço às linhas seguintes:

O VERDADEIRO ESPIRITISMO EM CONSTANTINOPLA

“A doutrina que se baseia na crença de um Deus infinitamente justo e infinitamente bom: o amor infinito; que indica como objetivo aos Espíritos, criados por esse mesmo Deus, o encaminhamento para a perfeição cada vez mais completa; e para castigo, no estado de Espírito, a perfeita percepção desse objetivo, com o pesar de dele se haver afastado, simultaneamente à necessidade de recomeçar esta marcha ascensional para novas

encarnações... A doutrina que ensina a moral mais pura, a mesma que o Cristo expôs por estas simples palavras: *Amai-vos uns aos outros...* Uma tal doutrina de amor, digamo-lo altivamente, pode muito bem se privar das manifestações que o autor dos artigos *O Espiritismo em Constantinopla*, depois de haver prometido explicá-los fora do Espiritismo, limita-se a qualificar de mistificações.

“Mas essas manifestações, hoje tão bem constatadas, e cuja prova se acha quase em cada página da história da Humanidade, Deus as permite continuamente, a fim de dar a todos a prova da solidariedade que existe entre os Espíritos encarnados e desencarnados; e isto a fim de que uns e outros se auxiliem mutuamente e que o ser espiritual, chamado à vida eterna, possa atingir mais facilmente e, sobretudo, mais seguramente, o objetivo providencial atribuído à Criação.

“Se os fatos dos quais decorrem semelhantes teorias, que são a base da Doutrina Espírita, podem ser tomados *por certas pessoas* como mistificações, pelo menos elas deveriam indicar as razões e, o que seria ainda melhor, apresentar outras *teorias mais racionais* e, sobretudo, mais verdadeiras.

“Agora, chamai a verdade *feitiçaria, magia, prestidigitação* e outros epítetos ainda mais ridículos e não impedireis que *esta verdade* se propague e estenda os seus raios benfazejos sobre todo o gênero humano.

“Eis por que o Espiritismo espalhou-se tão rapidamente em toda a face da Terra, apesar das críticas do gênero dos citados artigos, os quais não impedirão que os seus adeptos se contem por milhões.”

Os espíritas de Constantinopla

Dirigimos aos nossos irmãos espíritas de Constantinopla, tanto em nosso nome pessoal quanto no dos

membros da Sociedade de Paris, as sinceras felicitações que merece sua resposta, ao mesmo tempo digna e moderada. A carta seguinte, que a respeito nos escreve o Sr. Repos, advogado, presidente da Sociedade Espírita de Constantinopla, testemunha muito bem o devotamento à causa da doutrina, para que tomemos como um dever e sincero prazer a sua publicação, a fim de que os espíritas de todos os países saibam que na capital do Oriente existem irmãos com cuja fraternidade podem contar. Falando do Oriente, não devemos esquecer os de Esmirna; eles também se fazem merecedores de todas as suas simpatias.

“Constantinopla, 15 de junho de 1864.

“Caro mestre e mui honrado irmão em Espiritismo,

“Recebi em tempo vossa estimável carta de 8 de abril último, que me deu o maior prazer, assim como aos nossos irmãos espíritas, aos quais dei conhecimento em sessão.

“Associam-se a mim todos os espíritas de Constantinopla para, em conjunto, assegurarmos os nossos fraternos sentimentos a vós e a todos os espíritas que fazem parte da Sociedade de Paris. E agradecendo o encorajamento que nos dais, para nos ajudar a combater por nossa grande causa, fiquei persuadido de que não falharemos na tarefa que empreendemos, e que todos os nossos esforços se concentrarão para a propagação da verdade, do amor do bem e da emancipação intelectual dos outros homens, nossos irmãos em Deus, ainda que tivéssemos de sustentar as mais encarniçadas lutas contra os nossos inimigos. Se há homens bastante servis e bastante covardes para ousarem combater a verdade, também os há suficientemente independentes e corajosos para defendê-la, assim obedecendo aos sentimentos de justiça e de amor fraterno, que fazem do ser humano um verdadeiro filho de Deus.

“Foi com vivíssimo interesse que li os interessantes detalhes contidos em vossa citada carta, em relação ao progresso do Espiritismo na França e alhures. Esperamos que, no futuro, a idéia cresça cada vez mais e o desejamos ardentemente pelos nossos irmãos terrenos de todos os países e de todas as religiões.

“O jacto possante da revelação brota por todos os lados; cego quem não o vê, imprudente quem o nega, insensato quem o combate, buscando reprimi-lo na fonte; sua água pura e límpida não vem do trono eterno para se espalhar em suave e fecundo orvalho sobre a Terra inteira, que deve regenerar? Nenhuma força humana poderá, então, comprimi-la!... E, com efeito, não vemos que, desde que um jacto surge em qualquer parte, se alguém fizer esforços para o comprimir, logo se vêem milhares de jactos surgindo em todas as direções e em todos os degraus da escala social? Tanto é verdade que a vontade divina é onipotente e que, num dado momento, nenhum obstáculo se lhe pode opor, sob pena de ser derrubado e esmagado pelo carro deslumbrante da justiça e da verdade.

“Caro mestre, tenho grato dever a cumprir: o de vos cumprimentar, tanto em meu nome quanto no de todos os irmãos espíritas do Oriente, pela condenação sofrida por vossas obras pela santíssima inquisição do pensamento, quero dizer, a condenação do Índex. Rejubilai-vos, pois, com todos os nossos irmãos: se vossas obras levantaram grandes cóleras, estas não vos puderam ferir, servindo apenas para tornar ridículos os vossos contraditores e revelar as suas intenções ocultas. Tal julgamento já foi declarado nulo e sem valor pela opinião pública de todos os países.

“Provavelmente já recebestes os jornais de Constantinopla que vos enviei e nos quais se achavam a maioria dos artigos publicados contra o Espiritismo e os espíritas. Vistes as nossas duas pequenas respostas? Que pensais delas? Aqui produziram bom efeito e agora se fala do Espiritismo mais que

nunca. Esperamos pacientemente o que direis para nos ajudar a combater a fraude e a mentira, único apanágio dos inimigos de nossa bela doutrina.

“Aqui já começou a perseguição surda que anunciastes. Um dos nossos irmãos perdeu o emprego devido à sua qualidade de espírita; outros são perseguidos, ameaçados em seus mais caros interesses de família ou nos meios de subsistência, pelas manobras tenebrosas dos eternos inimigos da luz, que ousam dizer que o Espiritismo é obra do anjo-das-trevas! Se é assim que julgam sufocá-lo, enganam-se. Longe de deter, a perseguição faz crescer toda idéia que vem do alto; apressa sua eclosão e sua maturidade, porque é o adubo que a fecunda; prova a ausência de qualquer meio inteligente para combatê-la. O sangue dos mártires sufocou a idéia cristã?”

“Até a vista, caro mestre. Crede em minha dedicação muito sincera a vós e aos nossos irmãos espíritas de Paris, aos quais vos peço apresenteis os meus cumprimentos.”

B. Repos Filho,
Advogado

Extrato do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro

de 23 de setembro de 1863

CRÔNICA DE PARIS

A propósito dos espectros dos teatros, assim concluiu o correspondente, depois de haver feito o seu histórico:

“Assim, no próximo inverno, cada um poderá brindar seus amigos com o espetáculo, tornado popular, de alguns fantasmas e outras curiosidades sobrenaturais. À sobremesa

apagarão as velas e ver-se-ão aparecer, envoltos em seus sudários, os espectros modernos, substituindo as antigas canções que outrora cantavam nossos avós. Nos bailes, em vez de refrescos, desfilarão fantasmas. Que distração encantadora! Só de pensar a gente se arrepia.”

Depois o autor passa ao Espiritismo:

“Já que falamos de coisas sobrenaturais, não passaremos em silêncio *O Livro dos Espíritos*. Que título atraente! que mistérios não oculta! E se voltarmos ao ponto de partida, que caminho não percorreram essas idéias nos últimos anos! – No começo esses fenômenos, ainda não explicados, consistiam numa simples mesa posta em movimento pela imposição das mãos; hoje as mesas não se contentam mais em girar, saltar, erguer-se num pé, fazer mil piruetas; vão mais longe: falam! Quando digo: falam, é que têm um alfabeto próprio e, mesmo, vários. Basta dirigir-lhes uma pergunta e logo é dada a resposta por pequenas batidas seguidas, com o pé, ou por meio de um lápis que, seguro pela mão, põe-se a traçar, no papel, sinais, palavras, frases inteiras ditadas por uma vontade estranha e desconhecida. Então a mão se torna um simples instrumento, um mero porta-lápis, e o Espírito da pessoa fica completamente estranho a tudo o que se passa.

“O Espiritismo – é assim que chamam a ciência desses fenômenos – em poucos anos fez grandes progressos nos fatos e na prática; mas a teoria, em minha opinião, não fez o mesmo caminho, ficou estacionária e direi por quê.

“É incontestável, a menos que as pessoas que se ocupam dessa matéria não tenham interesse em se enganar e nos enganar, que os fatos existem. Não só se revelam por meio das mesas, mas, também, se nos apresentam todos os dias e a todas as horas. Excitam a admiração de todos, mas cada um fica nisto. Por exemplo:

“Duas pessoas concebem a mesma idéia ou se encontram simultaneamente na mesma palavra; alguém que não encontramos com freqüência e em quem acabamos de pensar apresenta-se inopinadamente; batem à nossa porta e, a despeito de nada vir de fora que nos indique a pessoa, adivinhamos quem é; uma carta com dinheiro nos chega num momento de urgência; e tantos outros casos freqüentes, tão numerosos e conhecidos de todo o mundo. Tudo isto pode ser atribuído ao acaso? Não; não pode ser o acaso em caso algum. E por que não seria uma comunicação fluídica, inapreciável à nossa organização material, enfim um sexto sentido de natureza mais elevada? Ninguém sabe onde reside a alma; ela não é visível, nem ponderável, nem tangível e, todavia, cheios de convicção como estamos, afirmamos a sua existência.

“Qual a natureza do agente elétrico? O que é o ímã?... E, contudo, os efeitos da eletricidade e do magnetismo estão sempre patentes aos nossos olhos. Estou convencido de que um dia se dará o mesmo com o Espiritismo, ou seja qual for o nome que a Ciência, em última instância, haja por bem lhe dar.

“Desde algum tempo tenho visto numerosos casos de catalepsia, de magnetismo, de Espiritismo e não posso conservar a menor dúvida a seu respeito; mas o que me parece mais difícil é poder explicá-los e os atribuir a esta ou àquela causa. Assim, é necessário proceder com prudência e reserva de opinião, abstendo-se de cair nos dois extremos: ou negar todos os fatos, ou submetê-los todos a uma teoria prematura.

“A existência dos fenômenos é incontestável; sua teoria ainda está por descobrir: eis hoje o estado da questão. Não se pode negar que haja algo de singular e digno de ser examinado nesta idéia que agitou o mundo inteiro e que reaparece com mais intensidade que nunca, nessa idéia que tem os seus órgãos periódicos, seus anais de observação e que tem emocionado os espíritos na Áustria, na Itália e na América, fazendo nascerem reuniões na França, país onde elas raramente se formam, e onde o governo dificilmente as tolera.

“Esta invasão geral, além de produzir uma viva impressão, tem altíssima importância. É necessário, pois, sem precipitação nem idéias preconcebidas, verificar esses fenômenos com boa-fé, até que venham a ser explicados, o que será feito um dia, se a Deus aprouver nos revelar a natureza desse agente misterioso.”

Como se vê, o autor não é muito adiantado; mas, pelo menos, não julga o que não sabe. Reconhece a existência dos fatos e sua causa primeira, mas desconhece seu modo de produção. Ignora os progressos da parte teórica da ciência e, a respeito, dá um conselho muito sábio: o de não fazer teorias arriscadas, como no começo dos fenômenos muitos se apressaram em fazer, em que cada um se desdobrava para os explicar à sua maneira. Assim, a maioria desses sistemas prematuros caiu por efeito de experiências ulteriores, que vieram contradizê-los. Hoje possuímos uma teoria racional, na qual *nenhum ponto foi admitido a título de hipótese*; tudo é deduzido da experiência e da observação atenta dos fatos. Pode dizer-se que, a tal respeito, o Espiritismo tem sido estudado à maneira das ciências exatas.

Negada ontem, esta ciência não disse tudo; ao contrário, ainda resta muita a aprender. Mas disse bastante para ser fixada em bases fundamentais e saber que esses fenômenos não saem da ordem dos fatos naturais. Foram qualificados como sobrenaturais e maravilhosos por falta de conhecimento da lei que os rege, como ocorreu com a maioria dos fenômenos da Natureza. Dando a conhecer esta lei, o Espiritismo restringe o círculo do maravilhoso, ao invés de o ampliar. Dizemos mais: ele lhe desfecha o último golpe. Os que falam de outro modo provam que não o estudaram.

Constatamos com satisfação que a idéia espírita faz sensíveis progressos no Rio de Janeiro, onde conta expressivo número de representantes, fervorosos e devotados. A pequena

brochura *O Espiritismo na sua expressão mais simples*, publicada em português, muito contribuiu para ali espalhar os verdadeiros princípios da doutrina.

Extrato do *Progrès Colonial*, Jornal da Ilha Maurício

de 28 de março de 1864

Ao Sr. Redator do Progrès Colonial.

“Senhor,

“Conhecendo o vosso liberalismo e também sabendo que vos ocupais de Espiritismo, queira fazer o obséquio de inserir em vosso próximo número a carta que vos envio, dirigida ao abade Régnon, deixando-vos a liberdade de fazer as reflexões que julgardes convenientes no interesse da verdade.

“Contando com a vossa imparcialidade, ousou pensar que abrireis as colunas do vosso jornal para todas as reclamações do gênero das que tenho a honra de vos enviar.

“Sou, senhor, vosso humilde servo.”

C.

Ao Sr. abade Régnon.

“Port-Louis, 26 de março de 1864.

“Senhor abade,

“Em vossa conferência de quinta-feira última (24 de março), atacastes o Espiritismo e quero crer que o tendes feito

de boa-fé, embora os argumentos de que vos servistes contra ele talvez não tenham sido de inteira exatidão.

“Para nós, espíritas convictos, é lamentável que os tendes ido colher fora da fonte de conhecimento positivo desta ciência. Estudando-o um pouco, teríeis sabido que repelimos, assim como vós, todas as comunicações emanadas de Espíritos grosseiros ou enganadores, que com a menor experiência são facilmente reconhecidos, e que nós nos fixamos apenas àqueles que se apresentam de maneira clara, racional e segundo as leis de Deus que, vós o sabeis, tanto quanto nós, em todos os tempos permitiu as manifestações espíritas. As santas Escrituras aí estão para provar.

“Aliás, não negais a existência dos Espíritos; ao contrário; apenas admitis a dos maus. Eis a diferença que existe entre nós.

“Temos certeza de que existem os bons e de que seus conselhos, quando seguidos – e todo verdadeiro espírita os segue – conduzem mais almas a Deus e dão mais prosélitos à religião do que pensais. Mas para compreender e praticar esta ciência, bem como todas as outras, é preciso, antes de mais, instruir-se e conhecê-la a fundo.

“Assim, senhor abade, eu vos aconselho, não só no vosso, mas no interesse de todos os que têm a felicidade de vos ouvir, a ler uma das principais obras que apareceram sobre o assunto, *O Livro dos Espíritos*, por estes ditada ao Sr. Allan Kardec, presidente da Sociedade Espírita de Paris, composta de gente séria e, em sua maioria, muito instruída.

“Aí vereis que somente os ignorantes se deixam enganar por falsos nomes e palavras mentirosas, e que *pelos frutos é muito fácil conhecer a árvore!* Aliás, terei necessidade de vos lembrar a 4ª epístola de São João, versículos 1, 2 e 3, sobre a maneira de experimentar os Espíritos?

“Sim, concordo, o Espiritismo é uma ciência que, assim como o que existe de melhor neste mundo, por vezes pode produzir grandes males, quando exercida por aqueles que não a estudaram e a praticam ao acaso. Como, então, julgá-la, homem prudente que sois, sem a conhecer?”

“E nossa bela religião cristã – em nome da qual tão grande número de insensatos, de ignorantes e até de celerados cometeram tantos crimes e fizeram derramar tanto sangue – também deve ser julgada pelas ações loucas ou criminosas desses infelizes?”

“Não, senhor abade, não é justo, nem racional fazer um julgamento temerário sobre coisas que, de início, não nos certificamos. Deixai a superfície, ide ao fundo pelo estudo; só então podereis tratá-las com conhecimento de causa e nós vos escutaremos com recolhimento, porque, então, sem dúvida estareis certo e não mais sorriremos dizendo baixinho: Ele fala do que ignora.”

Um espírita

Se o Espiritismo tem detratores, também tem defensores por toda parte, mesmo nas regiões mais afastadas. O autor desta carta publicou em folhetins, nesse mesmo jornal, um romance muito interessante, cuja base é o Espiritismo e que contribuiu poderosamente para difundir estas idéias naquela região. Voltaremos a este assunto mais tarde.

Extrato da *Revista Espírita de Antuérpia*

SOBRE A CRUZADA CONTRA O ESPIRITISMO

(Número de junho de 1863)

“Decididamente o Espiritismo é uma coisa horrível, porque jamais a Ciência, nem doutrina herética, nem o próprio ateísmo levantaram contra si tão forte comoção no seio da Igreja,

como o fez o Espiritismo. Todos os recursos imagináveis, laís ou não, foram postos em jogo, a princípio para o abafar e depois, quando demonstrada a impossibilidade de o destruir, para o desnaturar e o apresentar sobre o negro aspecto de pecados. Pobre Espiritismo! Ele só pedia um lugarzinho ao sol para fazer que o mundo gozasse, gratuitamente, de seus benefícios; não pedia a essas criaturas que, na qualidade de supostos discípulos do Cristo, do Homem-amor, presumem trazer a palavra caridade inscrita em letras brilhantes sobre suas vestes eclesiásticas; não lhes pedia senão conduzir ao bom caminho esses milhares de ovelhas que eles tinham sido incapazes de conservar; só lhes pedia o poder de secundá-los em sua obra de devotamento, curando por uma esperança legítima os pobres corações corroídos pela gangrena da dúvida, e esse pedido tão desinteressado, de intenção tão pura, foi respondido por um decreto de proscricção! Realmente vêem-se coisas estranhas neste mundo: os mensageiros oficiais da caridade condenam às penas eternas mais de nove décimos dos homens, porque escapam à sua influência, e condenam mais profundamente ainda os que querem salvar aqueles infelizes!

“Assim, sem a menor dúvida, o Espiritismo é algo muito culpável, tamanha é a maneira por que é combatido; mas é de causar admiração que uma doutrina tão perversa tenha caminhado tanto em tão curto lapso de tempo. Mas o que parece ainda mais notável é que esse abominável Espiritismo se tenha estabelecido tão solidamente e seja tão lógico; que todos os argumentos que lhe opõem, longe de o destruir e o reduzir a nada, longe mesmo de o abalar, ao contrário, todos vêm contribuir, por sua inanidade e manifesta impotência, para a sua propagação e solidificação. Com efeito, é pelos entraves que lhe quiseram suscitar que ele deve, em notável parte, a rapidez de sua extensão, não tendo sido desprezível o auxílio prestado pelas prédicas desenfreadas de certos adversários para a sua generalização. É assim na ordem das coisas: a verdade nada tem a temer de seus detratores e são esses mesmos que involuntariamente contribuem para fazê-la triunfar. O

Espiritismo é um imenso foco de calor e de luz, e quem soprar sobre esse braseiro, além de se queimar um pouco, não consegue outro resultado senão o reavivar ainda mais.

“Entretanto, pastorais e conferências parecem insuficientes para aniquilar o Espiritismo – e estamos longe de negar essa influência patente. Assim, a Congregação romana acaba de pôr no *Índex* todos os livros do Sr. Allan Kardec, livros que contêm o ensino universal dos Espíritos, aos quais todos nós, espíritas, estamos ligados. Que nos permitam fazer a respeito as duas reflexões seguintes: Os livros espíritas em questão encerram, em toda a sua pureza e com os desenvolvimentos que exige o estado atual do espírito humano, os ensinamentos e preceitos de Jesus, em quem os Espíritos reconhecem um Messias. Condenar esses livros e pô-los no *Índex* não é condenar as palavras do Cristo e, de certo modo, ali colocar os Evangelhos, que estão de acordo conosco? Parece-nos que sim, mas é verdade que não somos *infalíveis* como vós! Segunda reflexão: Esta medida que hoje tomam não é um tanto tardia? Por que esperaram tanto tempo? Além de ser mais ou menos inexplicável (a menos que se creia que o Espiritismo vos pareça de tal modo verdadeiro e que estejais de tal sorte persuadidos do seu triunfo, que durante muito tempo vacilastes em atacá-lo abertamente, e que um interesse pessoal deveras poderoso, já que não cometeremos a injúria de vos supor ultra-ignorantes, vos decidiu a fazê-lo), além de ser mais ou menos inexplicável, dizemos nós, ainda revela muita falta de habilidade. Com efeito, *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e a *Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo*, estão atualmente nas mãos de milhares de pessoas e duvidamos muito que a condenação da Congregação de Roma possa agora fazer achar mau e abjeto o que cada um julgou grande e nobre.

“Seja como for, os livros espíritas foram postos no *Índex*. Tanto melhor, porque muitos dos que ainda não os leram irão devorá-los. Tanto melhor! porque de dez pessoas que os

percorrem pelo menos sete se convencerão ou ficarão fortemente abaladas e desejosas de estudar os fenômenos espíritas; tanto melhor! porque os nossos próprios adversários, vendo seus esforços redundar em resultados diametralmente opostos aos que esperavam, ligar-se-ão a nós, se forem sinceros, desinteressados e possuírem as luzes que seu ministério comporta. Aliás, assim o quer a lei de Deus: nada no mundo pode ficar eternamente estacionário, pois tudo progride e a idéia religiosa deve seguir o progresso geral, se não quiser desaparecer.

“Que os nossos adversários continuem, então, a sua cruzada. Já puseram em jogo as pastorais, os sermões, os cursos públicos, as influências ocultas, algumas vezes aparentemente vitoriosas, por causa do estado dependente daqueles sobre os quais pesam tiranicamente; serviram-se do auto-de-fé, queimando publicamente nossos livros em Barcelona; só tendo podido queimar alguns exemplares, e estes se substituindo em número impressionante, por fim os puseram no *Índex*. Ah! não sendo mais tolerada a Inquisição, embora, sob uma forma ou outra, continue existindo, e ajudados pelas influências ocultas de que acabamos de falar, não lhes resta senão a excomunhão em massa de todos os espíritas, isto é, de uma notável fração de homens e, em particular, de uma considerável fração de cristãos (e só falamos dos espíritas confessos, pois inapreciável é o número dos que o são sem saber).”

Instruções dos Espíritos

O CASTIGO PELA LUZ

Nota – Numa das sessões da Sociedade Espírita de Paris, em que se havia discutido a questão da perturbação que geralmente se segue à morte, um Espírito se manifestou espontaneamente à Sra. Costel, dando a comunicação que se segue, e que não leva a sua assinatura:

“Que falais de perturbação? Por que essas palavras vãs? Sois sonhadores e utopistas. Ignorais perfeitamente as coisas de que vos pretendeis ocupar. Não, senhores, a perturbação não existe, salvo, talvez, em vossos cérebros. Estou tão recentemente morto quanto possível, e vejo claro em mim, em redor de mim, em toda parte... A vida é uma lúgubre comédia! Desastrados os que se retiram de cena antes de cair o pano... A morte é um terror, um castigo, um desejo, conforme a fraqueza ou a força dos que a temem, a afrontam ou a imploram. Para todos é uma amarga irrisão!... A luz me ofusca e penetra, como seta aguda, a sutileza de meu ser... Castigaram-me pelas trevas da prisão e pensaram castigar-me pelas trevas do túmulo, ou as sonhadas pelos supersticiosos católicos. Pois bem! sois vós, senhores, que sofreis a escuridão, e eu, o degradado social, paio acima de vós... Quero continuar eu!... Forte pelo pensamento, desdenho os avisos que ressoam à minha volta... Vejo claro... Um crime! é uma palavra! O crime existe por toda parte. Quando praticado por massas de homens, glorificam-no; em particular, é maldito. Absurdo!

“Não quero ser lamentado... nada peço... eu me basto e saberei bem lutar contra esta luz odiosa.”

Aquele que ontem era um homem

Tendo sido analisada esta comunicação na sessão seguinte, foi reconhecido, mesmo no cinismo da linguagem, um grave ensinamento e se viu na situação desse infeliz uma nova fase do castigo que aguarda os culpados. Com efeito, enquanto uns são mergulhados nas trevas ou no isolamento absoluto, outros suportam durante longos anos as angústias de sua última hora, ou ainda se julgam neste mundo; a luz brilha para este; seu Espírito goza da plenitude de suas faculdades; sabe perfeitamente que está morto e de nada se queixa; não pede qualquer assistência e ainda afronta as leis divinas e humanas. Escapará à punição? Não, mas a

justiça divina se realiza sob todas as formas, e o que constitui a alegria de uns, para outros é um tormento; essa luz é o seu suplício, contra o qual se obstina e, malgrado o seu orgulho, ele o confessa quando diz: “Eu me basto e saberei bem lutar contra essa luz odiosa”; e nessa outra frase: “A luz me ofusca e penetra, como seta aguda, a sutileza de meu ser.” Estas palavras: *sutileza de meu ser* são características; ele reconhece que seu corpo é fluídico e penetrável pela luz, da qual não pode escapar, e essa luz o trespassa como seta aguda.

Solicitados a dar sua apreciação sobre o assunto, nossos guias espirituais ditaram as três comunicações seguintes, que merecem séria atenção:

(Médium: Sr. A. Didier)

Há provações sem expiação, como há expiações sem provação. Evidentemente, na erraticidade, do ponto de vista das existências, os Espíritos estão inativos e à espera. Todavia, podem expiar, desde que o orgulho, a tenacidade formidável e a rebeldia de seus erros não os retenham no momento de sua ascensão progressiva. Tendes um exemplo terrível na última comunicação, relativamente ao criminoso que se debate contra a justiça divina que o persegue, depois da dos homens. Neste caso, então, a expiação, ou antes, o sofrimento fatal que os oprime, em vez de lhes aproveitar e de lhes fazer sentir a profunda significação de suas penas, os exalta na revolta e lhes faz soltar esses murmúrios que as Escrituras, em sua poética eloqüência, chamam *ranger de dentes*. Imagem por excelência! sinal do sofrimento abatido, mas insubmisso! perdida na dor, mas cuja revolta ainda é bastante grande para recusar reconhecer a verdade da pena e a verdade da recompensa!

Amiúde os grandes erros se prolongam quase sempre no mundo dos Espíritos; do mesmo modo, as grandes consciências

criminosas. Ser dono de si, a despeito de tudo, e pavonear-se diante do infinito, assemelha-se a essa cegueira do homem que contempla as estrelas e as toma por arabescos de um teto, como imaginavam os gauleses do tempo de Alexandre.

Existe o infinito moral! Miserável é aquele, ínfimo é aquele que, a pretexto de continuar as lutas e as bravatas abjetas da Terra, não vê mais longe no outro mundo do que aqui embaixo! A esse a cegueira, o desprezo dos outros, a egoísta e mesquinha personalidade e a interrupção do progresso! É certíssimo, ó homens, que há um acordo secreto entre a imortalidade de um nome puro, deixado na Terra, e a imortalidade que guardam realmente os Espíritos em suas provações sucessivas.

Lamennais

Observação – Para compreender o sentido desta frase: “Há provações sem expiação e expiações sem provação”, é necessário entender por *expiação* o sofrimento que purifica e lava as manchas do passado; depois da expiação, o Espírito está reabilitado. O pensamento de Lamennais é este: Conforme as vicissitudes da vida sejam ou não acompanhadas pelo arrependimento das faltas que as ocasionaram, do desejo de as tornar proveitosas para seu próprio melhoramento, haverá ou não expiação, isto é, reabilitação. Assim, os maiores sofrimentos podem não ter proveito para aquele que os suporta, se não o tornarem melhor, se não o elevarem acima da matéria, se não virem a mão de Deus, enfim, se não o fizerem dar um passo à frente, porquanto terão de recomeçar em condições ainda mais penosas. Deste ponto de vista, dá-se o mesmo com as penas sofridas depois da morte; o Espírito endurecido as sofre sem ser tocado pelo arrependimento. Eis por que as pode prolongar indefinidamente por sua própria vontade; é castigado, mas não repara as faltas.

(Médium: Sr. d'Ambel)

Se precipitarmos um homem nas trevas ou em ondas de luz o resultado não será o mesmo? Num e noutro caso, ele nada vê do que o cerca e se habituará muito mais rapidamente à sombra do que à tripla claridade elétrica, na qual pode estar submerso. Assim, o Espírito que se comunicou na última sessão exprime bem a verdade de sua situação, quando exclama: “Oh! eu saberei bem lutar contra esta luz odiosa!” Com efeito, essa luz é tanto mais terrível, tanto mais atroz que o trespassa completamente, tornando visíveis e aparentes seus mais secretos pensamentos. Eis um dos lados mais duros de seu castigo espiritual. Ele se acha, a bem dizer, internado na casa de vidro que pedia Sócrates, e aí está ainda um ensinamento, porque o que teria sido a alegria e o consolo do sábio torna-se a punição infamante e contínua do mau, do criminoso, do parricida, assustado em sua própria personalidade.

Compreendeis, meus filhos, a dor e o terror que devem oprimir aquele que, durante uma existência sinistra, se comprazia em arquitetar, em maquinar as mais tristes perversidades no fundo de seu ser, onde se refugiava como uma fera em sua toca, e que hoje se acha expulso desse refúgio íntimo, onde se subtraía aos olhares e à investigação dos contemporâneos? Agora sua máscara de impassibilidade lhe é arrancada e cada um de seus pensamentos se reflete sucessivamente em sua frente!

Sim, doravante nenhum repouso, nenhum asilo para esse formidável criminoso! Cada mau pensamento – e Deus sabe se sua alma os exprime – se trai fora e dentro de si, como num choque elétrico superior. Quer ocultar-se à multidão, e a luz odiosa o atravessa continuamente. Quer fugir, foge numa carreira ofegante e desesperada, através dos espaços incomensuráveis e, por toda parte, a luz! por toda parte os olhares que nele mergulham! e se precipita novamente, em busca da sombra, da noite, e a sombra e a

noite para ele não existem. Chama a morte em seu auxílio, mas a morte não passa de um nome vazio de sentido. O infeliz foge sempre! Marcha para a loucura espiritual, terrível castigo! dor horrível! onde se debaterá consigo mesmo para se desembaraçar de si próprio. Porque tal é a lei suprema além da Terra: é o culpado que se torna, para si mesmo, seu mais inexorável castigo.

Quanto tempo durará isto? Até a hora em que sua vontade, enfim vencida, curvar-se sob a pungente pressão do remorso, e em que sua fronte soberba humilhar-se perante suas vítimas apaziguadas e ante os Espíritos de justiça. E notai a alta lógica das leis imutáveis; nisto ele ainda cumprirá o que escrevia nessa arrogante comunicação, tão clara, tão lúcida e tão tristemente cheia de si, que deu sexta-feira última, desobrigando-se por um ato de sua própria vontade.

O Espírito protetor do médium

(Médium: Sr. Costel)

A justiça humana não faz acepção da individualidade dos seres que castiga. Medindo o crime pelo crime em si, fere indistintamente os que os cometeram, e a mesma pena atinge o culpado sem distinção de sexo e seja qual for a sua educação. A justiça divina procede de outro modo; as punições correspondem ao grau de adiantamento dos seres aos quais são aplicadas. A igualdade do crime não constitui igualdade entre os indivíduos; dois homens culpados no mesmo grau podem ser separados pela distância das provas, que mergulham um na opacidade intelectual dos primeiros círculos iniciadores, ao passo que o outro, os tendo ultrapassado, possui a lucidez que liberta o Espírito da perturbação. Então não são mais as trevas que castigam, mas a acuidade da luz espiritual; ela atravessa a inteligência terrena e o faz experimentar a angústia de uma chaga reavivada.

Os seres desencarnados perseguidos pela representação material de seu crime sofrem o choque da eletricidade física: sofrem pelos sentidos. Os que já estão desmaterializados pelo Espírito sentem uma dor muito superior, que aniquila nas suas vagas amargas a recordação dos fatos, para não deixar subsistir senão a ciência de suas causas.

O homem pode, pois, a despeito da criminalidade de suas ações, possuir um adiantamento interior, pois enquanto suas paixões o fazem agir como um bruto, suas faculdades afiadas o elevam acima da espessa atmosfera das camadas inferiores. A ausência de ponderação, de equilíbrio entre o progresso moral e o progresso intelectual, produz as anomalias muito freqüentes nas épocas de materialismo e de transição.

A luz que tortura o Espírito culpado é, pois, o raio que inunda de claridade os recônditos de seu orgulho e a lhe pôr a descoberto a inanidade de seu ser fragmentário. Eis os primeiros sintomas e as primeiras angústias da agonia espiritual, que anunciam a separação ou a dissolução dos elementos intelectuais materiais, que compõem a primitiva dualidade humana, e devem desaparecer na grande unidade do ser acabado.

Jean Reynaud

Observação – Recebidas simultaneamente, estas três comunicações se complementam, apresentando o castigo sob novo aspecto, eminentemente filosófico, um pouco mais racional que as chamas do inferno, com suas cavernas guarnecidas de navalhas. (Vide *A religião e o progresso*, neste número.) É provável que os Espíritos, querendo tratar a questão por um exemplo, tenham provocado, com esse objetivo, a comunicação espontânea do Espírito culpado.

Notas Bibliográficas

A EDUCAÇÃO MATERNA

Conselho às mães de família¹⁵

Este opúsculo é produto de instruções mediúnicas, formando um conjunto completo, ditadas à Sra. Collignon, de Bordeaux, por um Espírito que se assina *Étienne*, desconhecido da médium. Essas instruções, antes publicadas em artigos avulsos pelo jornal *Sauveur*, foram reunidas em brochura.

É com prazer que aprovamos esse trabalho sem reservas, tão recomendável pela forma quanto pelo fundo: estilo simples, claro, conciso, sem ênfase, nem palavras vazias de sentido; pensamentos profundos, lógica irreprochável, é bem a linguagem de um Espírito elevado, e não esse estilo verboso de Espíritos que julgam compensar o vazio das idéias pela abundância das palavras. Não tememos fazer estes elogios porque sabemos que a Sra. Collignon não os tomará para si e que seu amor-próprio não será superexcitado, assim como não se melindraria com a mais severa crítica.

Nesse escrito, a educação é encarada sob seu verdadeiro ponto de vista em relação ao desenvolvimento físico, moral e intelectual da criança, considerado desde o berço até o seu estabelecimento no mundo. As mães espíritas, melhor que todas as outras, apreciarão a sabedoria dos conselhos que encerra, razão por que lhes recomendamos como uma obra digna de toda a sua atenção.

A brochura é rematada por um pequeno poema, intitulado *O corpo e o Espírito*, também mediúnico, que mais de um autor de renome poderia assinar sem receio. Eis o seu começo:

15 Brochura in-8^o; Preço: 50 c.; pelo correio: 60 c. – Paris: Ledoyen, Palais-Royal, galerie d'Orléans, n^o 31. – Bordeaux: Ferret, livreiro, 15, Fossés-de-l'Intendance, e no escritório do jornal *Sauveur*, 57, cours d'Aquitaine.

Morfeu já mergulhara em sono os meus sentidos;
 Meu Espírito, então, nos sonhos mais garridos,
 Emancipar-se quis pelo espaço a bom gosto,
 Do seu corpo a fugir qual soldado do posto.
 Como aspira o detento a gemer nas algemas,
 Quis libertar-se pois das angústias extremas;
 Uma doce lembrança, um capricho, um mistério
 Levava-o a deixar da terra o amargo império?
 Dizer não saberia, e ele mesmo, ao regresso,
 Responde a essa questão nos termos em tropeço,
 Mas logo compreendi dessa astúcia o motivo
 E muito me zanguei, que a enganos sou esquivo,
 “Ao menos me direis Espírito brioso
 “Que vistes nesses céus de belo e grandioso?
 “ – Eu para te agradecer, dizer-te algo é preciso
 “Senão o carcereiro em seu humor sem riso
 “Aplicaria ao preso o seu sermão brutal
 “E o mísero cativo estaria bem mal...
 “Sabe, pois... – Esperai. É bem a mesma história
 “Que vós me ides contar? – Oh! sim, e de memória
 “E sabe mais, no mundo espiritual, outrora
 “Parentes eu deixei, bons amigos que, agora,
 “Os queria rever: porque o exílio terrestre
 “Não é feito, bem sei, para um prazer campestre!
 “Aproveitando o sono enquanto preso ao leito
 “Meu corpo lá deixei e, *Espírito refeito*,
 “Eu transpus os degraus que separam os mundos,
 “Fazendo esse trajeto em quase dois segundos.
 “Convinha se apressar pois o menor atraso
 “Podia pôr-te em risco. Ah, se qualquer desazo
 “Levasse-me a olvidar-me em tão longo percurso.
 “Ao retornar, vê bem, em erro grave incurso,
 “Cadáver acharia em vez do corpo meu.
 “Sempre busco evitar do remorso o apogeu.
 “Sabia que ao ficar cometeria um crime,
 “Só Deus pode quebrar tão íntimo regime.
 “ – Muito obrigado, pois, Espírito querido,
 “Que eu teria sem vós certamente morrido
 “Ante o menor atraso... Ah! fé em corpo honrado,
 “Na cabeça o cabelo até sinto eriçado!”

O ESPIRITISMO NA SUA EXPRESSÃO MAIS SIMPLES

Por ALLAN KARDEC

Edição em língua russa

Impresso em Leipzig, por *Baer & Hermann* – Paris: Ledoyen, Palais-Royal; Didier & Cie., 35, quai des Augustins; e no escritório da *Revista Espírita*. – Preço: 20 centavos; pelos Correios: 25 centavos.

AVISO – O Dr. *Chauvaux*, presidente da Sociedade de Estudos Espíritos de Marselha, pede anunciemos que a sede da dita sociedade é na rue du Petit-Saint-Jean, 24, primeiro andar.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

AGOSTO DE 1864

Nº 8

Novos Detalhes sobre os Possessos de Morzine

Na *Revista Espírita* dos meses de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro, março e maio de 1863, apresentamos um relato circunstanciado e uma apreciação da epidemia demoníaca de Morzine (Haute-Savoie), e demonstramos a insuficiência dos meios empregados para combatê-la. A despeito de o mal jamais ter cessado completamente, tinha havido uma espécie de interrupção. Vários jornais, bem como a nossa correspondência particular, assinalam o reaparecimento do flagelo com nova intensidade. O *Magnetiseur*, jornal de magnetismo animal, publicado em Genebra pelo Sr. Lafontaine, em seu número de 15 de maio de 1864, relata este caso:

“A epidemia demoníaca que, desde 1857, reina no burgo de Morzine e nos lugarejos vizinhos, situados entre as montanhas da Haute-Savoie, ainda provoca os seus estragos. O governo francês se inquieta com o caso, já que a Savoie lhe pertence. Enviou ao local homens especializados, inteligentes e capazes, inspetores de hospícios de alienados, etc., para estudar a

natureza e observar a marcha da doença. Estes tomaram algumas medidas, tentaram o deslocamento e transportaram as moças doentes para Chambéry, Annecy, Evian, Thonon, etc. Contudo, o resultado dessas tentativas não foi satisfatório; apesar do tratamento médico que julgaram conveniente, as curas foram pouco numerosas; e quando essas infelizes retornaram à região, recaíram no mesmo estado de sofrimento. Depois de, inicialmente, ter atingido as crianças e as mocinhas, a epidemia estendeu-se às mães de família e às mulheres idosas. Poucos homens lhe sentiram a influência; todavia, custou a vida de um. Esse infeliz meteu-se no estreito espaço entre o fogão e a parede, de onde garantia não poder sair; ali ficou um mês, sem se alimentar; morreu de esgotamento e de inanição, vítima de sua imaginação impressionável.

“Os enviados do governo francês fizeram relatórios, num dos quais o Sr. Constant, entre outras coisas, declarava que o pequeno número de curas realizado naquela população era devido ao magnetismo por mim empregado em Genebra, em moças e senhoras que me haviam trazido em 1858 e 1859.

“Nossos leitores sabem que o flagelo, atribuído pelos bons camponeses de Morzine e, o que é mais lamentável, por seus guias espirituais, *ao poder do demônio*, manifesta-se naqueles que são tomados por convulsões violentas, acompanhadas de gritos, de perturbações do estômago e de gestos da mais impressionante ginástica, sem falar dos juramentos e de outros processos escandalosos, de que os doentes se tornam culpados, tão logo constrangidos a entrar numa igreja.

“Conseguimos curar vários desses doentes, que não sofreram nenhum ataque enquanto moravam longe das influências desagradáveis do contágio e dos Espíritos feridos de sua região. Mas em Morzine o horrível mal não deixou de fazer estragos entre essa infeliz população; ao contrário, o número de suas vítimas foi

crescendo. Em vão prodigalizaram preces e exorcismos; em vão levaram os doentes para hospitais de várias cidades distantes; o flagelo, que em geral ataca mocinhas, cuja imaginação é mais viva, encarna-se sobre a sua presa, e as únicas curas constatadas são as operadas por nós, das quais fizemos um relato em nosso jornal.

“Enfim, esgotados os meios, quiseram tentar um grande golpe. monsenhor Maguin, bispo de Annecy, há pouco anunciou que iria a Morzine, tanto para crismar os habitantes que ainda não haviam recebido esse sacramento, quanto para descobrir os meios de vencer a terrível doença. A boa gente do vilarejo esperava maravilhas dessa visita.

“Ela ocorreu sábado, 30 de abril, e domingo, 1º de maio. Eis as circunstâncias que a assinalaram:

“Sábado, lá pelas quatro horas, o prelado aproximou-se da aldeia. Estava a cavalo, acompanhado por grande número de eclesiásticos. Tinham procurado reunir os doentes na Igreja; alguns tinham sido forçados a ir. Logo que o bispo pisou em terras de Morzine, diz uma testemunha ocular, as possessas, sentindo a sua aproximação, foram tomadas das mais violentas convulsões. Em especial, as que estavam confinadas na igreja, soltavam gritos e urros, que nada tinham de humano. Todas as jovens que, em diferentes épocas, tinham sido atingidas pela doença, a apresentaram novamente, e viram-se diversas, que há cinco anos não eram atingidas, vitimadas pelo mais aterrador paroxismo, pelas mais terríveis crises. O próprio bispo empalideceu ao ouvir os urros que acolheram a sua chegada. A despeito disto, continuou a avançar para a igreja, malgrado as vociferações de algumas doentes, que haviam escapado das mãos de seus guardas para se atirarem à sua frente e o injuriarem. Apeou à porta do templo e aí entrou com dignidade. Mal acabara de entrar, a desordem redobrou; deu-se, então, uma cena verdadeiramente infernal.

“As possessas, cerca de setenta, com um único rapaz, juravam, rugiam, pulavam em todos os sentidos; isto durou várias horas. Quando o prelado quis fazer o crisma, o furor recrudesceu, como se fosse possível. Tiveram de arrastá-las para junto do altar; sete ou oito homens viram-se forçados a conjugar os seus esforços para vencer a resistência de algumas; os policiais prestaram auxílio. O bispo devia partir às quatro horas; às sete da noite ainda estava na igreja, onde não puderam vencer a resistência de três doentes; conseguiram arrastar duas, ofegantes, espuma na boca, blasfêmias nos lábios, até os pés do prelado. A última resistiu a todos os esforços; vencido de fadiga e de emoção, o bispo viu-se obrigado a lhe negar a imposição das mãos; saiu da igreja tremendo, transtornado, as pernas cobertas de contusões recebidas das possessas, enquanto estas se debatiam sob sua bênção.

“Partiu do vilarejo, deixando aos habitantes boas palavras, mas sem lhes ocultar a impressão de profundo estupor que havia experimentado em presença de um mal, que não podia prefigurar tão grande. Terminou confessando que não se tinha sentido bastante forte para conjurar a chaga que tinha vindo curar e prometendo voltar o quanto antes, munido de maiores poderes.

“Não fazemos hoje nenhuma reflexão, limitando-nos a relatar esses fatos deploráveis. Talvez no próximo número relatemos todo o incômodo que em nós eles provocaram.”

Ch. Lafontaine

Eis o relato sucinto que o *Courrier des Alpes* fez de tais fatos, e que vários jornais reproduziram sem comentários:

“Em Annecy comenta-se muito um incidente, tão doloroso quanto imprevisto, que assinalou a excursão de monsenhor Maguin, nosso digno prelado. Todos conhecem a triste e singular doença que, há anos, aflige a comuna de Morzine, à qual não se sabe bem que nome dar; a Ciência aí se perde. Certo público

caracterizou essa doença, que acomete principalmente as mulheres, chamando de *possessos* os que por ela são atingidos. Com efeito, muitos habitantes da comuna estão convencidos de que um sortilégio foi lançado sobre essa localidade.

“Lembra-se, também, que em 1862, um certo número de pessoas vitimadas por essa estranha doença, que reproduz todos os efeitos da loucura furiosa, embora não lhe tendo o caráter, foram espalhadas em diversos hospitais, situados em vários pontos da França, e de lá voltaram curadas. Este ano a doença ganhou outras pessoas e, desde algum tempo, vem tomando proporções alarmantes.

“Foi nestas circunstâncias que monsenhor Maguin, movido apenas pela caridade, fez a sua turnê pastoral a Morzine, e foi no momento em que administrava o sacramento da confirmação que, de repente, uma crise se apoderou de certo número desses infelizes que assistiam à cerimônia ou dela participavam. Deu-se, então, um terrível escândalo. Os detalhes dessa cena são muito confrangedores para serem relatados.

“Limitar-me-ei a dizer que a administração superior comoveu-se com esse triste caso e que um destacamento de trinta homens de infantaria já foi enviado ao local; sei de boa fonte que esse destacamento será duplicado e comandado por um oficial superior, encarregado de meticolosas instruções. Escusado dizer que outras medidas serão tomadas, tais, por exemplo, o envio de médicos especialistas, encarregados de estudar a doença. A força armada terá por missão proteger as pessoas.”

A Ciência aí se perde é uma confissão de impotência. Então, o que é que farão os médicos? Já não os enviaram, e muito capacitados? Dizem que vão mandar especialistas. Mas, como estabelecer sua especialidade numa afecção cuja natureza não se conhece, e na qual a Ciência se perde? Concebe-se a especialidade

dos oculistas para as afecções dos olhos, dos toxicologistas nos casos de envenenamento. Mas aqui, em que categoria serão recrutados? Entre os alienistas? Muito bem, se for demonstrado que é uma afecção mental. Mas os próprios alienistas fracassaram; não estão de acordo quanto à causa nem quanto ao tratamento. Ora, já que a Ciência aí se perde, o que é uma grande verdade, os alienistas não são mais especialistas que os cirurgiões. É verdade que lhes vão agregar uma força armada, mas já empregaram esse expediente sem sucesso. Duvidamos muito que desta vez sejam mais bem-sucedidos.

Se, pois, a Ciência falha, é que não está com a verdade. Que há para admirar? Tudo revela uma causa moral, e enviam homens que só crêem na matéria; procuram na matéria e aí nada encontram. Isto prova sobejamente que não procuram onde é preciso. Se quiserem médicos mais especialistas, que os selecionem entre os espiritualistas, e não entre os materialistas; ao menos aqueles poderão compreender que possa haver algo fora do organismo.

A religião não foi mais feliz; usou suas munições contra os diabos, sem poder chamá-los à razão. Então os diabos são mais fortes, a menos que não sejam diabos. Seus constantes reveses, em casos semelhantes, provam uma de duas coisas: ou que ela não está com a verdade, ou que é vencida por seus inimigos.

O mais claro de tudo isto é que nada do que empregaram deu resultado e melhor resultado não obterão enquanto se obstinarem a não buscar a verdadeira causa onde ela está. Um estudo atento dos sintomas demonstra, como última evidência, que sua causa está na ação do mundo invisível sobre o mundo visível, ação que é a fonte de mais afecções do que se pensa, e contra as quais a Ciência falha pela razão de que combate o efeito e não a causa. Numa palavra, é o que o Espiritismo designa sob o nome de *obsessão*, levada ao mais alto grau, isto é, de *subjugação* e de

possessão. As crises são efeitos consecutivos; a causa é o ser obsessor. É, pois, sobre este ser obsessor que se deve agir, como se age sobre os vermes nas convulsões por eles ocasionadas.

Sistema absurdo, dirão. Absurdo para os que nada admitem fora do mundo tangível, mas muito positivo para os que constataram a existência do mundo espiritual e a presença de seres invisíveis à nossa volta; sistema, aliás, baseado na experiência e na observação, e não numa teoria preconcebida. A ação de um ser invisível malfazejo foi *constatada* numa imensidão de casos isolados, tendo completa analogia com os fatos de Morzine, donde é lógico concluir que a causa seja a mesma, uma vez que os efeitos são semelhantes; a diferença está apenas no número. Todos os sintomas, sem exceção, observados nos doentes daquela localidade, o foram em casos particulares de que falamos. Ora, desde que libertaram os doentes atingidos pelo mesmo mal, sem exorcismo, sem medicamentos e sem polícia, o que se fez alhures poderia ser feito em Morzine.

Se é assim, perguntarão, por que os recursos espirituais empregados pela Igreja são ineficazes? Eis a razão.

A Igreja acredita nos demônios, isto é, numa categoria de seres de natureza perversa, e votados eternamente ao mal, por conseguinte, imperfectíveis. Com esta idéia, ela não procura melhorá-los. O Espiritismo, ao contrário, reconheceu que o mundo invisível é composto de almas ou Espíritos dos homens que viveram na Terra e que, depois da morte, povoam o espaço; nesse número os há bons e maus, como entre os homens. Dos que se regozijavam em vida em praticar o mal, muitos ainda se comprazem em fazê-lo após a morte; mas, pelo fato de pertencerem à Humanidade, estão submetidos à lei do progresso e podem melhorar-se. Não são, pois, demônios, como o entende a Igreja, mas Espíritos imperfectos.

Sua ação sobre os homens se exerce, ao mesmo tempo, sobre o físico e o moral. Daí uma porção de afecções que não têm sede no organismo, loucuras aparentes refratárias a qualquer medicação. É um novo ramo da patologia, que se pode designar sob o nome de *patologia espiritual*. A experiência ensina a distinguir os casos desta categoria dos que pertencem à patologia orgânica.

Não nos propomos descrever o tratamento das afecções desse gênero, porque já foi indicado alhures. Limitar-nos-emos a lembrar que consiste numa tripla ação: a ação fluídica, que libera o perispírito do doente da opressão do perispírito do Espírito malévolos, o ascendente exercido sobre este último pela autoridade que sobre ele dá a superioridade moral, e a influência moralizadora dos conselhos que se lhe dá. A primeira não passa de acessório das duas outras; sozinha ela é insuficiente, porque, caso se consiga, momentaneamente, afastar o Espírito, nada o impede de voltar à carga. É a fazê-lo renunciar voluntariamente a seus maus propósitos que nos devemos empenhar, moralizando-o. É uma verdadeira educação a fazer, que exige tato, paciência, devotamento e, acima de tudo, uma fé sincera. Prova a experiência, pelos resultados obtidos, o poder deste meio; mas também demonstra que, em certos casos, é necessário o concurso simultâneo de várias pessoas, unidas na mesma intenção.

Ora, que faz a Igreja em semelhantes casos? Convicta de que trata com demônios incorrigíveis, não se ocupa absolutamente com a sua melhora; crê amedrontá-los e afastá-los por sinais, fórmulas e aparatos de exorcismo, de que eles se riem e se tornam mais excitados, redobrando a malícia, como sempre sucedeu quando tentaram exorcizar os lugares em que se produzem barulhos e perturbações. É fato confirmado pela experiência que os sinais e os atos exteriores nenhum poder exercem sobre eles, ao passo que se tem visto os mais endurecidos e perversos Espíritos cederem a uma pressão moral e voltarem aos bons sentimentos. Tem-se, então, a dupla satisfação de livrar o obsidiado e de reconduzir a Deus uma alma transviada.

Talvez perguntem por que os espíritas – já que estão convencidos da causa do mal e dos meios de o combater – não foram a Morzine para ali operar seus milagres? Em primeiro lugar, os espíritas não fazem milagres; a ação curativa que se pode exercer em semelhantes casos nada tem de maravilhoso, nem de sobrenatural; repousa numa lei da Natureza: a das relações entre o mundo visível e o mundo invisível, lei que, dando a razão de certos fenômenos incompreendidos, por falta de conhecimento, vem restringir os limites do maravilhoso, em vez de os alargar. Em segundo lugar, dever-se-ia perguntar se o seu concurso teria sido aceito; se não teriam encontrado uma oposição sistemática; se, longe de serem secundados, não teriam sido entravados pelos próprios que fracassaram; se não teriam sido insultados e maltratados por uma população superexcitada pelo fanatismo, acusados de feitiçaria junto aos próprios doentes e de agirem em nome do diabo, como se viram amostras em certas localidades. Nos casos individuais e isolados, os que se devotam ao alívio dos aflitos geralmente são auxiliados pela família e pela vizinhança, muitas vezes pelos próprios doentes, sobre o moral dos quais devem atuar, por meio de palavras boas e encorajadoras, que devem excitar a prece. Semelhantes curas não se obtêm instantaneamente. Os que as empreendem necessitam de calma e de profundo recolhimento. Nas circunstâncias atuais, essas condições seriam possíveis em Morzine? É mais que duvidoso. Quando vier o momento de deter o mal, Deus o proverá.

Aliás, os fatos de Morzine e sua continuação têm sua razão de ser, assim como as manifestações do mesmo gênero em Poitiers. Eles se multiplicarão, quer isolada, quer coletivamente, a fim de convencer da impotência dos meios até agora empregados para lhes pôr um termo, e para forçar a incredulidade a reconhecer, enfim, a existência de um poder extra-humano.

Para todos os casos de obsessão, de possessão e de quaisquer manifestações desagradáveis, chamamos a atenção sobre

o que, a respeito, diz *O Livro dos Médiuns*, capítulo da *obsessão*; sobre os artigos da *Revista* relativos a Morzine e referidos acima; sobre nossos artigos dos meses de fevereiro, março e junho de 1864, concernentes à jovem obsedada de Marmande; enfim, sobre os n^{os} 325 a 335 da *Imitação do Evangelho*. Aí encontrarão as instruções necessárias para se guiarem em circunstâncias análogas.

Suplemento ao Capítulo das Preces da *Imitação do Evangelho*

Vários assinantes lamentaram não ter encontrado, em nossa *Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo*, uma prece especial da manhã e da noite, para uso habitual.

Faremos notar que as preces contidas nessa obra não constituem um formulário que, para ser completo, deveria encerrar um número bem maior. Elas fazem parte das comunicações dadas pelos Espíritos; nós as reunimos no capítulo consagrado ao exame da prece, como agregamos a cada um dos outros capítulos as comunicações que lhes diziam respeito. Omitindo intencionalmente as da manhã e da noite, quisemos evitar que nossa obra tivesse um caráter litúrgico, razão por que nos limitamos às que têm relação mais direta com o Espiritismo, de modo que cada um poderá encontrar as outras entre as de seu culto particular. Todavia, para anuir ao desejo que nos é expresso, damos a seguir a que nos parece responder melhor ao objetivo que se propõe. Contudo a faremos preceder de algumas observações, para que melhor se compreenda o seu alcance.

Na *Imitação*, n^o 274, ressaltamos a necessidade das preces *inteligíveis*. Aquele que ora sem compreender o que diz, habitua-se a ligar mais valor às palavras do que aos pensamentos; para ele as palavras é que são eficazes, mesmo que o coração em nada tome parte. Assim, muitos se julgam desobrigados depois de

recitarem algumas palavras que os dispensam de se reformarem. É fazer da Divindade uma idéia estranha acreditar que ela se deixe pagar por palavras em vez de atos, que atestam uma melhora moral.

Eis, a respeito, a opinião de São Paulo:

“Se eu, pois, ignorar a significação da voz, serei estrangeiro para aquele que fala; e ele, estrangeiro para mim. – Porque, se eu orar em outra língua, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera. – E se tu bendisseres apenas em espírito, como dirá o indouto o *amém* depois da tua ação de graças? visto que não entende o que dizes. – Porque tu, de fato, dás bem as graças, mas o outro não é edificado.” (São Paulo, 1ª Epístola aos Coríntios, capítulo 14, versículos, 11, 14, 16 e 17.)

É impossível condenar de maneira mais formal e mais lógica o uso das preces ininteligíveis. É de admirar-se que se haja levado em tão pouca conta a autoridade de São Paulo sobre este ponto, quando, sobre outros, é tantas vezes invocada. Outro tanto se poderia dizer da maioria dos escritores sacros, considerados como luzes da Igreja, cujos preceitos estão longe de ser postos em prática.

Uma condição essencial da prece é, pois, segundo São Paulo, ser inteligível, a fim de que possa falar ao nosso espírito. Para isto não basta que seja dita em língua compreensível para aquele que ora; há preces em língua vulgar que não dizem muito mais ao pensamento do que se o fossem em língua estranha, e que, por isso mesmo, não vão ao coração; as raras idéias que encerram muitas vezes são abafadas pela superabundância de palavras e pelo misticismo da linguagem.

A principal qualidade da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos, que não passam de falsos adereços; cada palavra deve ter o seu alcance, despertar um pensamento, agitar uma fibra; numa palavra, deve

fazer refletir; só com esta condição a prece pode atingir o seu objetivo, do contrário não passa de ruído. Observai, também, com que ar distraído e com que volubilidade elas são ditas na maior parte do tempo. Vêm-se os lábios se movendo, mas, pela expressão da fisionomia e pelo tom da voz se reconhece um ato maquinal, puramente exterior, ao qual a alma fica indiferente.

O mais perfeito modelo de concisão em matéria de prece é, indubitavelmente, a *Oração dominical*, verdadeira obra-prima de sublimidade na sua simplicidade; sob a mais restrita forma, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo. Contudo, em razão de sua própria brevidade, o sentido profundo, encerrado nas poucas palavras de que se compõe, escapa à maioria; os comentários feitos a respeito nem sempre estão presentes à memória, ou, mesmo, são desconhecidos pela maioria. Eis por que geralmente a dizem sem digerir o pensamento sobre as aplicações de cada uma de suas partes. Dizem-na como uma fórmula, cuja eficácia é proporcional ao número de vezes que é repetida. Ora, é quase sempre um dos números cabalísticos *três, sete ou nove*, tirados da antiga crença na virtude dos números, e ainda em uso nas operações de magia. Pensai ou não no que dizeis, mas repeti a prece tantas vezes, que isto basta. Enquanto o Espiritismo repele expressamente toda eficácia atribuída às palavras, aos sinais e às fórmulas, a Igreja se intromete indevidamente ao acusá-lo de ressuscitar as velhas crenças supersticiosas.

Todas as religiões antigas e pagãs tiveram sua língua sagrada, língua misteriosa, inteligível apenas aos iniciados, mas cujo sentido verdadeiro era oculto ao vulgo, que a respeitava tanto mais quanto menos a compreendia. Isto podia ser aceito na época da infância intelectual das massas; mas hoje, que estão espiritualmente emancipadas, as línguas místicas não têm mais razão de ser e constituem um anacronismo; querem ver tão claro nas coisas da religião quanto nas da vida civil; não se pede mais para crer e orar, mas se quer saber por que se crê e o que se pede orando.

O latim, de uso habitual nos primeiros tempos do Cristianismo, tornou-se para a Igreja a língua sagrada, e é por um resquício do antigo prestígio ligado a essas línguas, que a maioria dos que não o sabem recitam a oração dominical nessa língua, em vez de na sua própria. Dir-se-ia que ligam a isto tanto mais virtude quanto menos a compreendem. Por certo, não foi essa a intenção de Jesus quando a ditou, e tal não foi, igualmente, a de São Paulo, quando disse: “Se eu orar em outra língua, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera.” Ainda se, por falta de inteligência, o coração orasse sempre, haveria apenas um mal menor; infelizmente, muitas vezes o coração não ora mais que o espírito. Se o coração realmente orasse, não se veria tanta gente, entre os que rezam muito, aproveitar tão pouco, não ser nem mais benevolente, nem mais caridosa, nem menos maledicente para com o próximo.

Feita esta ressalva, diremos que a melhor prece da manhã e da noite é, sem sombra de dúvida, a *Oração dominical*, dita com inteligência, de coração e não de lábios. Mas, para suprir o vácuo que a sua concisão deixa no pensamento, a ela acrescentamos, a conselho e com a assistência dos Espíritos bons, um desenvolvimento a cada proposição.

Conforme as circunstâncias e o tempo disponível, pode, pois, dizer-se a *Oração dominical* simples ou com os comentários. Também se podem acrescentar algumas das preces contidas na *Imitação do Evangelho*, tomadas entre as que não tenham um objetivo especial, por exemplo: a prece aos anjos-da-guarda e aos Espíritos protetores, nº 293; aquela para afastar os Espíritos maus, nº 297; para as pessoas que nos foram afeiçoadas, nº 358; para as almas sofredoras que pedem preces, nº 360, etc. Fique entendido que é sem prejuízo das preces especiais do culto ao qual se pertence por convicção, e ao qual o Espiritismo não manda renunciar.

Aos que nos pedem uma linha de conduta a seguir no que concerne às preces cotidianas, aconselhamos cada um a fazer sua própria coletânea, apropriada às circunstâncias em que se encontram, para si, para outrem ou para os que deixaram a Terra; de desenvolvê-las ou restringi-las, conforme a oportunidade.

Uma vez por semana, por exemplo, no domingo, pode-se consagrar a elas um tempo mais longo e dizer todas, seja em particular, seja em comum, se houver lugar, acrescentando algumas passagens da *Imitação do Evangelho* e a de algumas boas instruções, ditadas pelos Espíritos. Isto se dirige mais especialmente às pessoas repelidas pela Igreja por causa do Espiritismo, as quais se sentem, por isto mesmo, mais necessitadas de se unirem a Deus pelo pensamento.

Mas, salvo este caso, nada impede que os crentes, nos dias consagrados às cerimônias de seu culto, ali digam algumas das preces relacionadas com as crenças espíritas, ao mesmo tempo em que profere as suas. Isto não pode senão contribuir para elevar sua alma a Deus pela união do pensamento e das palavras. O Espiritismo é uma fé íntima; está no coração, e não nos atos exteriores; não impõe nenhuma que seja susceptível de escandalizar os que não partilham dessa crença; ao contrário, recomenda a sua abstenção, por espírito de caridade e de tolerância.

Em consideração e como aplicação das idéias precedentes, damos a seguir a *Oração dominical desenvolvida*. Se algumas pessoas julgassem que não era aqui o lugar para um documento desta natureza, nós lhes lembraríamos que nossa *Revista* não é somente uma compilação de fatos, e que seu campo de ação abrange tudo quanto possa ajudar o desenvolvimento moral. Houve um tempo em que os casos de manifestações eram os únicos a interessar os leitores; mas hoje, que o objetivo sério e moralizador do Espiritismo é compreendido e apreciado, a maioria dos adeptos ali procura mais o que toca o coração do que o que agrada o espírito. É, pois, a estes, que nos dirigimos nesta

circunstância. Por esta publicação, sabemos ser agradável a um grande número, se não a todos. Só isto nos moveu, se outras considerações, sobre as quais devemos guardar silêncio, não nos tivessem determinado a fazê-lo neste momento, e não em outro.

ORAÇÃO DOMINICAL DESENVOLVIDA¹⁶

I. Pai Nosso, que estás no céu, santificado seja o teu nome!

Creemos em ti, Senhor, porque tudo revela o teu poder e a tua bondade. A harmonia do Universo dá testemunho de uma sabedoria, de uma prudência e de uma providência que ultrapassam todas as faculdades humanas. Em todas as obras da Criação, desde o raminho de erva minúscula e o inseto pequenino, até os astros que se movem no espaço, acha-se inscrito o nome de um ser soberanamente grande e sábio. Por toda parte se nos depara a prova de paternal solicitude. Cego, portanto, é aquele que te não reconhece nas tuas obras, orgulhoso aquele que te não glorifica e ingrato aquele que te não rende graças.

II. Venha o teu reino!

Senhor, destes aos homens leis plenas de sabedoria e que lhes dariam a felicidade, se eles as cumprissem. Com essas leis, fariam reinar entre si a paz e a justiça e mutuamente se auxiliariam, em vez de se maltratarem, como o fazem. O forte sustentaria o fraco, em vez de o esmagar. Evitados seriam os males, que se geram dos excessos e dos abusos. Todas as misérias deste mundo provêm da violação de tuas leis, porquanto nenhuma infração delas deixa de ocasionar fatais conseqüências.

Deste ao bruto o instinto, que lhe traça o limite do necessário, e ele maquinalmente se conforma; ao homem, no

16 **N. do T.:** Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XXVIII, item 3.

entanto, além desse instinto, deste a inteligência e a razão; também lhe deste a liberdade de cumprir ou infringir aquelas das tuas leis que pessoalmente lhe concernem, isto é, a liberdade de escolher entre o bem e o mal, a fim de que tenha o mérito e a responsabilidade das suas ações.

Ninguém pode pretextar ignorância das tuas leis, pois, com paternal providência, quiseste que elas se gravassem na consciência de cada um, sem distinção de cultos, nem de nações. Se as violam, é porque as desprezam.

Dia virá em que, segundo a tua promessa, todos as praticarão. A incredulidade, então, terá desaparecido. Todos te reconhecerão por soberano Senhor de todas as coisas, e o reinado das tuas leis será o teu reino na Terra.

Digna-te, Senhor, de apressar-lhe o advento, outorgando aos homens a luz necessária, que os conduza ao caminho da verdade.

III. Faça-se a tua vontade, assim na Terra como no Céu.

Se a submissão é um dever do filho para com o pai, do inferior para com o seu superior, quão maior não deve ser a da criatura para com o seu Criador! Fazer a tua vontade, Senhor, é observar as tuas leis e submeter-se, sem queixumes, aos teus decretos. O homem a ela se submeterá, quando compreender que és a fonte de toda a sabedoria e que sem ti ele nada pode. Fará, então, a tua vontade na Terra, como os eleitos a fazem no Céu.

IV. Dá-nos o pão de cada dia.

Dá-nos o alimento indispensável à sustentação das forças do corpo; mas, dá-nos também o alimento espiritual para o desenvolvimento do nosso Espírito.

O bruto encontra a sua pastagem; o homem, porém, deve o sustento à sua própria atividade e aos recursos da sua inteligência, porque o criaste livre.

Tu lhe hás dito: “Tirarás da terra o alimento com o suor da tua frente.” Desse modo, fizeste do trabalho, para ele, uma obrigação, a fim de que exercitasse a inteligência na procura dos meios de prover às suas necessidades e ao seu bem-estar, uns mediante o labor manual, outros pelo labor intelectual. Sem o trabalho, ele se conservaria estacionário e não poderia aspirar à felicidade dos Espíritos superiores.

Ajudas o homem de boa vontade que em ti confia, pelo que concerne ao necessário; não, porém, àquele que se compraz na ociosidade e desejara tudo obter sem esforço, nem àquele que busca o supérfluo.

Quantos e quantos sucumbem por culpa própria, pela sua incúria, pela sua imprevidência, ou pela sua ambição e por não terem querido contentar-se com o que lhes havias concedido! Esses são os artífices do seu infortúnio e carecem do direito de queixar-se, pois que são punidos naquilo em que pecaram. Mas, nem a esses mesmos abandonas, porque és infinitamente misericordioso. Estende-lhes as mãos para socorrê-los, desde que, como o filho pródigo, se voltem sinceramente para ti.

Antes de nos queixarmos da sorte, inquiramos de nós mesmos se ela não é obra nossa. A cada desgraça que nos chegue, cuidemos de saber se não teria estado em nossas mãos evitá-la. Consideremos também que Deus nos outorgou a inteligência para tirar-nos do lameiro, e que de nós depende o modo de a utilizarmos.

Pois que à lei do trabalho se acha submetido o homem da Terra, dá-nos coragem e forças para obedecer a essa lei. Dá-nos

também a prudência, a providência e a moderação, a fim de não perdermos o respectivo fruto.

Dá-nos, pois, Senhor, o pão de cada dia, isto é, os meios de adquirirmos, pelo trabalho, as coisas necessárias à vida, porquanto ninguém tem o direito de reclamar o supérfluo.

Se trabalhar nos é impossível, à tua divina providência nos confiamos.

Se está nos teus desígnios experimentar-nos pelas mais duras provações, a despeito dos nossos esforços, aceitamo-las como justa expiação das faltas que tenhamos cometido nesta existência, ou noutra anterior, porquanto és justo. Sabemos que não há penas imerecidas e que jamais castigas sem causa.

Preserva-nos, ó meu Deus, de invejar os que possuem o que não temos, nem mesmo os que dispõem do supérfluo, ao passo que a nós nos falta o necessário. Perdoa-lhes, se esquecem a lei de caridade e de amor do próximo, que lhes ensinaste.

Afasta, igualmente, do nosso espírito a idéia de negar a tua justiça, ao notarmos a prosperidade do mau e a desgraça que cai por vezes sobre o homem de bem. Já sabemos, graças às novas luzes que te aprouve conceder-nos, que a tua justiça se cumpre sempre e a ninguém excetua; que a prosperidade material do mau é efêmera, quanto a sua existência corpórea, e que experimentará terríveis reveses, ao passo que eterno será o júbilo daquele que sofre resignado.

V. Perdoa as nossas dívidas, como perdoamos aos que nos devem. – Perdoa as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos ofenderam.

Cada uma das nossas infrações às tuas leis, Senhor, é uma ofensa que te fazemos e uma dívida que contraímos e que

cedo ou tarde teremos de saldar. Rogamos-te que no-las perdoes pela tua infinita misericórdia, sob a promessa, que te fazemos, de empregarmos os maiores esforços para não contrair outras.

Tu nos impuseste por lei expressa a caridade; mas, a caridade não consiste apenas em assistirmos os nossos semelhantes em suas necessidades; também consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. Com que direito reclamaríamos a tua indulgência, se dela não usássemos para com aqueles que nos hão dado motivo de queixa?

Concede-nos, ó meu Deus, forças para apagar de nossa alma todo ressentimento, todo ódio e todo rancor. Faze que a morte não nos surpreenda guardando no coração desejos de vingança. Se te aprouver tirar-nos hoje mesmo deste mundo, faze que nos possamos apresentar, diante de ti, puros de toda animosidade, a exemplo do Cristo, cujos últimos pensamentos foram em prol dos seus algozes.

Constituem parte das nossas provas terrenas as perseguições que os maus nos infligem. Devemos, então, recebê-las sem nos queixarmos, como todas as outras provas, e não maldizer dos que, por suas maldades, nos rasgam o caminho da felicidade eterna, visto que nos disseste, por intermédio de Jesus: “Bem-aventurados os que sofrem pela justiça!” Bendigamos, portanto, a mão que nos fere e humilha, uma vez que as mortificações do corpo nos fortificam a alma e que seremos exalçados por efeito da nossa humildade. Bendito seja teu nome, Senhor, por nos teres ensinado que nossa sorte não está irrevogavelmente fixada depois da morte; que encontraremos, em outras existências, os meios de resgatar e de reparar nossas culpas passadas, de cumprir em nova vida o que não podemos fazer nesta, para nosso progresso.

Assim se explicam, afinal, todas as anomalias aparentes da vida. É a luz que se projeta sobre o nosso passado e o nosso

futuro, sinal evidente da tua justiça soberana e da tua infinita bondade.

VI. Não nos deixes entregues à tentação, mas livra-nos do mal.

Dá-nos, Senhor, a força de resistir às sugestões dos Espíritos maus, que tentem desviar-nos da senda do bem, inspirando-nos maus pensamentos.

Mas, somos Espíritos imperfeitos, encarnados na Terra para expiar nossas faltas e melhorar-nos. Em nós mesmos está a causa primária do mal e os Espíritos maus mais não fazem do que aproveitar os nossos pendores viciosos, em que nos entretêm para nos tentarem.

Cada imperfeição é uma porta aberta à influência deles, ao passo que são impotentes e renunciam a toda tentativa contra os seres perfeitos. É inútil tudo o que possamos fazer para afastá-los, se não lhes opusermos decidida e inabalável vontade de permanecer no bem e absoluta renúncia ao mal. Contra nós mesmos, pois, é que precisamos dirigir os nossos esforços e, se o fizermos, os Espíritos maus naturalmente se afastarão, ao passo que o bem os repele.

Senhor, ampara-nos em nossa fraqueza; inspira-nos, pelos nossos anjos guardiães e pelos Espíritos bons, a vontade de nos corrigirmos de todas as imperfeições a fim de obstartmos aos Espíritos maus o acesso à nossa alma.

O mal não é obra tua, Senhor, porquanto o manancial de todo o bem nada de mau pode gerar. Somos nós mesmos que criamos o mal, infringindo as tuas leis e fazendo mau uso da liberdade que nos outorgaste. Quando os homens as cumprirmos, o mal desaparecerá da Terra, como já desapareceu de mundos mais adiantados que o nosso.

O mal não constitui para ninguém uma necessidade fatal e só parece irresistível aos que nele se comprazem. Desde que temos vontade para o fazer, também podemos ter a de praticar o bem, pelo que, ó meu Deus, pedimos a tua assistência e a dos Espíritos bons, a fim de resistirmos à tentação.

VII. Assim seja.

Praza-te, Senhor, que os nossos desejos se efetivem. Mas, curvamo-nos perante a tua sabedoria infinita. Que em todas as coisas que nos escapam à compreensão se faça a tua santa vontade e não a nossa, pois somente queres o nosso bem e, melhor do que nós, sabes o que nos convém.

Dirigimos-te esta prece, ó Deus, por nós mesmos e também por todas as almas sofredoras, encarnadas e desencarnadas, pelos nossos amigos e inimigos, por todos os que solicitem a nossa assistência.

Para todos suplicamos a tua misericórdia e a tua bênção.

Nota – Aqui podem formular-se os agradecimentos que se queiram dirigir a Deus e o que se deseje pedir para si mesmo ou para outrem.

Questões e Problemas

DESTRUIÇÃO DOS ABORÍGENES DO MÉXICO¹⁷

Escrevem-nos de Bordeaux:

“Lendo no *Civilisateur*, de Lamartine, as cartas de Cristóvão Colombo sobre o estado do México no momento da descoberta, chamou-nos particularmente a atenção a seguinte passagem:

¹⁷ **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 537.

“A Natureza, diz Colombo, ali é tão pródiga que a propriedade não criou o sentimento de avareza ou de cupidez. Esses homens parecem viver numa idade de ouro, felizes e tranqüilos em meio de jardins abertos e sem limites, que não são nem cercados por fossos, nem divididos por paliçadas, nem defendidos por muros. Agem lealmente um para com o outro, sem lei, sem livros, sem juízes. Olham como um homem mau aquele que se compraz em prejudicar o outro. Este horror dos bons contra os maus parece ser toda a sua legislação.

“Sua religião é apenas o sentimento de inferioridade, de reconhecimento e de amor ao Ser Invisível que lhes havia prodigalizado a vida e a felicidade.

“Não há no Universo melhor nação nem melhor país; amam seus vizinhos como a si mesmos; têm sempre uma linguagem suave e graciosa e o sorriso da ternura nos lábios. Andam nus, é verdade, mas vestidos de candura e de inocência.”

“Conforme este quadro, esses povos eram infinitamente superiores, não só aos seus invasores, mas o seriam ainda hoje, em comparação aos povos dos países mais civilizados. Os espanhóis nada tomaram de suas virtudes e os contaminaram com os seus vícios; em troca de sua boa acolhida, não lhes trouxeram senão a escravidão e a morte. Esses infelizes foram, em grande parte, exterminados, e o pouco que deles resta perverteu-se ao contato dos conquistadores.

“Diante desses resultados, pergunta-se:

“Onde está o progresso, e que benefício moral colheu a Humanidade de tanto sangue derramado? Não teria sido melhor que a velha Europa ignorasse o Novo Mundo, tão feliz antes dessa descoberta?

“A essa pergunta, assim respondeu meu guia espiritual:

“Nós te responderíamos com prazer, se teu Espírito se achasse em condições de tratar, neste momento, de assunto tão sério, que exige alguns desenvolvimentos espiritual-filosóficos. Dirige-te a Kardec. Esta ordem de idéias já foi debatida, mas a ela voltarão de maneira mais lúcida do que poderias fazê-lo, porque sempre tens o espírito tenso e o ouvido à espreita. É uma consequência de tua posição atual e a ela te deves submeter.”

Disto resulta uma primeira instrução, a de que não basta ser médium, mesmo formado e desenvolvido, para obter à vontade comunicações sobre o primeiro assunto que surgir. Aquele fez suas provas, mas, no momento, seu próprio Espírito, fortemente e penosamente preocupado com outras coisas, não dispunha da calma necessária. É assim que mil circunstâncias podem opor-se ao exercício da faculdade mediúnica; nem por isso a faculdade deixa de subsistir, mas nada é, sem o concurso dos Espíritos, que lhe dão ou lhe recusam, conforme julgam conveniente, e isto, muitas vezes, no interesse do próprio médium.

Quanto à questão principal, eis a resposta obtida na Sociedade de Paris:

(8 de julho de 1864 – Médium: Sr. d'Ambel)

“Sob as aparências de uma certa bondade natural, e com costumes mais suaves que virtuosos, os incas viviam indolentemente, sem progredir nem se elevar. Faltava a luta a essas raças primitivas; e se batalhas sangrentas não os dizimavam; se uma ambição individual aí não exercia uma pressão soberana para lançar aquelas populações a guerras de conquistas, nem por isso eram menos atingidas pelo perigoso vírus que levava sua raça à extinção. Era preciso retemperar as fontes vitais desses incas degenerados, dos quais os astecas representavam a decadência fatal, que deveria ferir todos aqueles povos. A essas causas inteiramente fisiológicas,

se juntarmos as causas morais, notaremos que o nível das ciências e das artes ali tinha igualmente ficado em prolongada infância. Havia, pois, utilidade de pôr essas regiões pacíficas no mesmo nível das raças ocidentais. Hoje se julga a raça desaparecida, porque se fundiu com a família dos conquistadores espanhóis. Dessa raça cruzada surgiu uma nação nova e vivaz que, por um vigoroso impulso, não tardará a alcançar os povos do velho continente. Que resta de tanto sangue derramado? perguntam de Bordeaux. Primeiro, o sangue derramado não foi tão considerável quanto se poderia crer. Perante as armas de fogo e alguns soldados de Pizarro, toda a nação invadida se submeteu como se estivesse diante de semideuses, saídos das águas. É quase um episódio da mitologia antiga, e essa raça indígena é, sob vários aspectos, semelhante às que defendiam o Tosão de Ouro.”

A essa judiciosa explicação acrescentaremos algumas reflexões:

Do ponto de vista antropológico, a extinção das raças é um fato positivo. Do ponto de vista da filosofia, ainda é um problema. Do ponto de vista da religião, o fato é inconciliável com a justiça de Deus, se se admitir para o homem uma única existência corpórea a decidir o seu futuro para a eternidade. Com efeito, as raças que se extinguem são sempre raças inferiores às que as sucedem; podem ter na vida futura uma posição idêntica à das raças mais aperfeiçoadas? O simples bom-senso repele esta idéia, pois, do contrário, o trabalho que fazemos para nos melhorarmos seria inútil, e tanto faria ficarmos selvagens. A não-preexistência da alma implica forçosamente, para cada raça, a criação de novas almas, mais perfeitas, ao saírem das mãos do Criador, hipótese incompatível com o princípio de toda justiça. Ao contrário, tudo se explica se admitirmos um mesmo ponto de partida para todas e uma sucessão de existências progressivas.

Na extinção das raças, em geral só se leva em conta o ser material, o único que se destrói, enquanto se esquece o ser

espiritual, que é indestrutível e apenas muda de vestimenta, porque o primeiro não estava mais em relação com o seu desenvolvimento moral e intelectual. Suponhamos toda a raça negra destruída: não será destruída senão a vestimenta negra; mas o Espírito, que vive sempre, revestirá, inicialmente, um corpo intermediário entre o negro e o branco e, mais tarde, um corpo branco. É assim que o ser, colocado no último degrau da Humanidade, atingirá, num dado tempo, a soma das perfeições compatíveis com o estado do nosso globo.

Não convém perder de vista que a extinção das raças só alcança o corpo, em nada afetando o Espírito; este, longe de sofrer com isto, ganha um instrumento mais aperfeiçoado, provido de recursos cerebrais que respondem a um maior número de faculdades. O Espírito de um selvagem, encarnado no corpo de um cientista europeu, não seria mais sábio nem saberia o que fazer de seu instrumento, cujas fibras inativas se atrofiariam; o Espírito de um cientista, encarnado no corpo de um selvagem, aí seria como um grande pianista, ante um piano ao qual faltasse a maioria das cordas. Esta tese foi desenvolvida num artigo da *Revista* do mês de abril de 1862, sobre *a perfectibilidade da raça negra*.

A raça branca caucásica é, sem contradita, a que ocupa o primeiro lugar na Terra. Mas terá atingido o apogeu da perfeição? Todas as faculdades da alma estarão nela representadas? Quem ousaria dizê-lo? Suponhamos, então, que, progredindo continuamente, os Espíritos dessa raça acabassem não mais achando espaço físico: tal raça desapareceria para dar lugar a outra, de uma organização mais bem dotada. Assim o quer a lei do progresso. Já não se vêem, na raça branca, nuances bem marcantes, como desenvolvimento moral e intelectual? Podemos ficar certos de que os mais adiantados absorverão os outros.

O desaparecimento das raças opera-se de duas maneiras: numas, pela extinção natural, em conseqüência de

condições climáticas e do abastardamento, quando ficam isoladas; noutras, pelas conquistas e pela dispersão que resultam dos cruzamentos. Sabe-se que da raça negra e da raça branca saiu uma raça intermediária, muito superior à primeira, e que é como que um degrau para os Espíritos desta. Depois, a fusão do sangue dá lugar à aliança dos Espíritos, dos quais os mais avançados auxiliam o progresso dos outros. A respeito, quem pode prever as consequências da última guerra da China? as modificações que se vão produzir nesse país, por tanto tempo estagnado, os novos elementos fisiológicos e psicológicos levados para lá? Em alguns séculos talvez não seja mais reconhecível do que o México de hoje, comparado com o do tempo de Colombo.

Quanto aos indígenas do México, diremos, como Erasto, que neles havia costumes mais suaves que virtudes, e acrescentamos que, por certo, poetizaram em demasia a sua pretensa idade de ouro. Ensina-nos a história da conquista que se guerreavam entre si, o que não indica um grande respeito pelos direitos dos vizinhos. Sua idade de ouro era a da infância; hoje estão no entusiasmo da juventude; mais tarde atingirão a idade viril. Se ainda não possuem a virtude dos sábios, adquiriram a inteligência que a ela os conduzirá, quando estiverem maduros pela experiência. Mas são necessários séculos para a educação dos povos; ela não se opera senão pela transformação de seus elementos constitutivos. A França seria o que é hoje sem a conquista dos romanos? E os bárbaros se teriam civilizado se não tivessem invadido a Gália? A sabedoria gaulesa e a civilização romana, unidas ao vigor dos povos do Norte, fizeram o povo francês atual.

Sem dúvida é penoso pensar que o progresso, por vezes, precisa de destruição. Mas é preciso destruir os velhos casebres e substituí-los por casas novas, mais belas e mais cômodas. Aliás, é preciso levar em conta o estado atrasado do globo, onde a Humanidade está apenas no progresso material e intelectual. Quando entrar no do progresso moral e espiritual, as necessidades

morais suplantarão as necessidades materiais. Os homens serão governados segundo a justiça e não mais terão de reivindicar seu lugar à força; então a guerra e a destruição não mais terão razão de ser. Até lá, a luta é consequência de sua inferioridade moral.

Vivendo mais material que espiritualmente, o homem só encara as coisas do ponto de vista atual e material; por conseguinte, de um ponto limitado. Até agora, ignorou que o papel capital pertence ao Espírito; viu os efeitos, mas não conheceu as causas, razão por que, durante tanto tempo, extraviou-se nas ciências, nas suas instituições e nas suas religiões. O Espiritismo, ao ensinar-lhe a participação do elemento espiritual em todas as coisas do mundo, amplia o seu horizonte e muda o curso de suas idéias; abre a era do progresso moral.

Correspondência

RESPOSTA DO REDATOR DO *VÉRITÉ* À RECLAMAÇÃO DO ABADE BARRICAND

Caro Senhor Allan Kardec,

Faréis a gentileza de inserir algumas linhas no próximo número de vossa *Revista*?

Fiquei deveras surpreso ao abrir o último número do vosso jornal (julho de 1864) e aí encontrar uma carta assinada Barricand, na qual esse teólogo investe contra mim a propósito de um relato que publiquei sobre um de seus cursos antiespíritas (*Vérité* de 10 de abril de 1864).

As observações muito judiciosas, que fizestes acompanhar esse inqualificável e muito tardio protesto, certamente me teriam dispensado de o responder pessoalmente, se não tivesse temido que, aos olhos de alguns, o meu silêncio passasse por uma derrota ou um erro. Declaro com todas as letras que minha

consciência não poderia associar-se à grave censura que ele me fez de haver fantasiado, *falsificado* o curso de que se trata. Eu o afirmo perante Deus: Se nem sempre reproduzi as mesmas frases, as mesmas palavras pronunciadas por meu contraditor, continuo *convicto* de lhes haver dado o verdadeiro sentido.

Depois disto, que a alta inteligência do abade Barricand julgue a minha muito ínfima ou muito pesada para ter podido captar o verdadeiro tema de seu discurso, através de caminhos sinuosos, mas floridos, por onde passeou; que o abade Barricand tire desta premissa a indução que, em semelhante circunstância, não me é mais permitido afirmar nem infirmar; palavra de honra, é bem possível! Neste caso, e para ser fiel aos meus princípios de tolerância, eu quase consentiria em me censurar por haver defendido o *Vérité* e os outros jornais espíritas contra acusações ilusórias, nascidas de meu cérebro em delírio; em me bater no peito por haver compreendido que, em vez de dobrar a finados sobre as nossas cabeças, contentavam-se, ao que parece, em nos tomar o pulso.

Assim se apaziguará, espero, a ira do Sr. deão da Faculdade de Teologia; desse modo serão reabilitados, aos olhos do mundo, a sua pessoa e o seu ensino.

Aceitai, etc.

E. Edoux,
Diretor do Vérité

Conversas de Além-Túmulo

JULIENNE-MARIE, A MENDIGA

Na comuna da Villatte, perto de Nozai (Loire-Inférieure), havia uma pobre mulher chamada Julienne-Marie, velha, enferma,

e que vivia da caridade pública. Um dia caiu num pântano, de onde foi retirada pelo Sr. Aubert, habitante da região, que habitualmente lhe prestava socorro. Transportada ao seu domicílio, morreu pouco tempo depois, em consequência do acidente. Era opinião geral que ela quisera suicidar-se. No mesmo dia de seu falecimento o Sr. Aubert, que é espírita e médium, sentiu sobre toda a sua pessoa como que o roçar de alguém que estivesse ao seu lado, sem, todavia, explicar a sua causa. Quando soube da morte de Julienne-Marie, veio-lhe o pensamento de que talvez o seu Espírito tivesse vindo visitá-lo.

Seguindo o conselho de um de seus amigos, o Sr. Cheminant, membro da Sociedade Espírita de Paris, ao qual havia contado o que se passara, fez a evocação dessa mulher, com o objetivo de lhe ser útil, não sem antes se aconselhar com seus guias protetores, dos quais recebeu a seguinte resposta:

“Tu podes e isto lhe dará prazer, embora seja inútil o serviço que te propões prestar. Ela é feliz e inteiramente devotada aos que lhe foram compassivos. És um de seus bons amigos; ela quase não te deixa e, sem que o percebas, muitas vezes se entretém contigo. Mais cedo ou mais tarde os serviços prestados serão recompensados, se não pelo favorecido, por aqueles que por ele se interessam, antes e depois de sua morte. Quando o Espírito não teve tempo de se reconhecer, outros Espíritos simpáticos, em seu nome, testemunham todo o seu reconhecimento. Eis o que explica o que sentiste no dia de sua morte. Agora é ela quem te ajuda no bem que queres fazer. Lembra-te do que disse Jesus: ‘Aquele que se humilhar será exaltado.’ Terás a medida do serviço que ela te pode prestar, se, contudo, só lhe pedires assistência para ser útil a teu próximo.”

Evocação – Bondosa Julienne-Marie, sois feliz; eis tudo quanto eu queria saber. Isto não me impedirá de pensar em vós muitas vezes e de jamais vos esquecer em minhas preces.

Resp. – Tem confiança em Deus; inspira aos teus doentes uma fé sincera e triunfarás quase sempre. Não te ocupes jamais com a recompensa que disso virá, pois ela ultrapassará a tua expectativa. Deus sabe sempre recompensar como merece aquele que se dedica ao alívio de seus semelhantes e vota às suas ações um completo desinteresse. Sem isto, tudo não passa de ilusão e quimera. Antes de tudo é preciso ter fé, do contrário, nada. Lembra-te desta máxima e ficarás admirado dos resultados que obterás. Os dois doentes que curaste disso são a prova; nas circunstâncias em que se encontravam, com os remédios simples terias falhado.

Quando pedires a Deus permissão para que os Espíritos bons derramem sobre ti seus fluidos benfazejos, se o pedido não te fizer sentir um sobressalto involuntário, é que tua prece não foi bastante fervorosa para ser ouvida; ela só o será nas condições que te assinalo. É o que tens experimentado quando dizes do fundo do coração: “Deus Todo-Poderoso, Deus misericordioso, Deus de bondade sem limites, acolhei a minha prece e permiti que os Espíritos bons me assistam na cura de...; tende piedade dele, meu Deus, e restitui-lhe a saúde; sem vós nada posso. Que se faça a vossa vontade.”

Fizestes bem em não desprezar os humildes. A voz do que sofreu e suportou com resignação as misérias deste mundo é sempre ouvida; e, como vês, um serviço prestado sempre recebe a sua recompensa.

Agora, uma palavra a meu respeito; isto te confirmará o que foi dito acima.

O Espiritismo te explica minha linguagem como Espírito. Não preciso entrar em detalhes a respeito. Também creio ser inútil dar-te a conhecer a minha existência anterior. A posição em que me conhecestes na Terra deve fazer-te compreender e

apreciar minhas outras existências, que nem sempre foram irrepreensíveis. Votada a uma vida de miséria, enferma e não podendo trabalhar, mendiguei a vida toda. Não entesourei; na velhice minhas pequenas economias limitavam-se a uma centena de francos, que reservava para quando as pernas não me pudessem transportar. Deus julgou a minha provação e expiação suficiente e lhes pôs um termo, livrando-me, sem sofrimento, da vida terrena; porque eu não me suicidei, como a princípio pensaram. Caí fulminada à borda do pântano, no momento em que dirigia minha última prece a Deus. O declive do terreno foi a causa da presença de meu corpo na água. Não sofri; estou feliz por ter podido cumprir minha missão sem entraves e com resignação. Tornei-me útil, na medida de minhas forças e de minhas possibilidades, e evitei fazer mal ao próximo. Hoje recebo a recompensa e dou graças a Deus, nosso divino Senhor que, no castigo que inflige, suaviza a amargura fazendo-nos esquecer, durante a vida, as nossas antigas existências, e pondo em nosso caminho almas caridosas, para nos ajudarem a suportar o fardo de nossos erros passados.

Persevera também e, como eu, serás recompensado.

Agradeço-te as boas preces e o serviço que me prestaste. Jamais o esquecerei. Um dia nos reveremos e muitas coisas ser-te-ão explicadas; no momento seriam supérfluas. Basta saberes que te sou muito devotada, muitas vezes estou junto de ti e sempre que necessitares de mim, para o alívio dos que sofrem.

*A pobrezinha **Julienne-Marie***

Tendo sido evocado na Sociedade de Paris, a 10 de junho de 1864 (médium: Sra. Patet), o Espírito Julienne-Marie ditou a seguinte comunicação:

Obrigado porque me admitistes em vosso meio, caro presidente; sentistes bem que minhas existências anteriores foram mais elevadas do ponto de vista social; e, se voltei para sofrer a

prova da pobreza, era para me punir de um vão orgulho, que me fazia repelir quem fosse pobre e miserável. Então sofri essa lei justa de talião, que me tornou a mais horrenda mendiga desta região; mas, como que para me provar a bondade de Deus, eu não era repelida por todos; isto era todo o meu medo. Suportei minha prova sem murmurar, pressentindo uma vida melhor, de onde não devia mais voltar a esta Terra de exílio e de calamidade. Que felicidade o dia em que nossa alma, ainda jovem, puder entrar na vida espiritual para rever os seres amados! porque, eu também, amei e sou feliz por ter encontrado os que me precederam. Obrigado a esse bom Aubert; ele me abriu a porta do reconhecimento; sem a sua mediunidade eu não lhe poderia agradecer e provar-lhe que minha alma não esquece as felizes influências de seu bom coração e recomendar-lhe que propague sua divina crença. Ele é chamado a recolher as almas transviadas; que se convença bem do meu apoio. Sim, eu lhe posso retribuir ao cêntuplo o que ele me fez, instruindo-o na via que seguis. Agradecei ao Senhor o me haver permitido que os Espíritos vos possam dar instruções para encorajar o pobre em suas penas e deter o rico em seu orgulho. Sabei compreender a vergonha que há em repelir um infeliz; que eu vos sirva de exemplo, a fim de que eviteis, como eu, de vir expiar as vossas faltas nessas dolorosas posições sociais, que vos colocam tão baixo e vos fazem a escória da sociedade.

Julienne-Marie

Observação – Este caso está cheio de ensinamentos para quem quer que medite as palavras deste Espírito nestas duas comunicações. Todos os grandes princípios do Espiritismo aí se acham reunidos. Desde a primeira, o Espírito revela a sua superioridade pela linguagem; como fada benfeitora, vem proteger aquele que não a rejeitou em seus farrapos de miséria. É uma aplicação destas máximas do Evangelho: “Os grandes serão humilhados e os pequenos serão exaltados; bem-aventurados os

humildes; bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados; não desprezeis os pequenos, pois quem é pequeno neste mundo talvez seja maior do que credes.” Que os que negam a reencarnação como contrária à justiça de Deus, expliquem a posição dessa mulher, condenada à infelicidade desde o nascimento, por suas enfermidades, se não por uma vida anterior!

Transmitida esta comunicação ao Sr. Aubert, ele obteve, por sua vez, a que segue, que vem confirmar a anterior:

P. – Boa Julienne-Marie, já que quereis ajudar-me com os vossos bons conselhos, a fim de me fazer progredir na via da nossa divina doutrina, tende a bondade de vos comunicardes comigo. Envidarei todos os esforços para tirar proveito dos vossos ensinamentos.

Resp. – Lembra-te da recomendação que te vou fazer e dela jamais te afastes. Sê sempre caridoso, na medida de tuas possibilidades; compreendes a caridade suficientemente tal qual deve ser praticada em todas as posições da vida terrena. Não preciso, pois, vir dar-te um ensinamento a respeito; serás tu mesmo o melhor juiz, seguindo, contudo, a voz da consciência, que jamais te enganará, quando a escutares sinceramente.

Não te iludas quanto às missões que tens a cumprir na Terra; pequenos e grandes têm a sua; a minha foi muito penosa, mas eu merecia semelhante punição, por minhas existências precedentes, conforme o confessei ao bom presidente da sociedade mãe de Paris, à qual todos vos reunireis um dia. Esse dia não está tão longe quanto pensas; o Espiritismo marcha a passos de gigante, a despeito de tudo quanto têm feito para o entravar. Marchai, pois, todos sem medo, fervorosos adeptos da doutrina, e vossos esforços serão coroados de sucesso. Pouco vos importe o que disserem de vós. Colocai-vos acima de uma crítica irrisória, que cairá sobre os adversários do Espiritismo.

Os orgulhosos! eles se julgam fortes e pensam abater-vos facilmente. Vós, meus bons amigos, ficai tranqüilos e não temais vos medir com eles. Eles são mais fáceis de vencer do que imaginais; muitos dentre eles têm medo e temem que a verdade, enfim, lhes venha ofuscar os olhos. Esperai; eles virão, por sua vez, ajudar no coroamento do edifício.

Julienne-Marie

Notas Bibliográficas¹⁸

L'AVENIR,

Monitor do Espiritismo

Durante muito tempo batalhamos quase sozinhos para sustentar a luta tramada contra o Espiritismo. Eis, porém, que surgiram campeões de diversos lados e entraram corajosamente na liça, como para dar um desmentido aos que pretendem que o Espiritismo se vai. Primeiro, o *Vérité*, em Lyon; depois, o *Ruche*, o *Sauveur* e a *Lumière*, em Bordeaux; a *Revue Spirite d'Anvers*, na Bélgica; os *Annales du Spiritisme en Italie*, em Turim. Temos a satisfação de dizer que todos empunham bravamente a bandeira, e provaram aos nossos adversários que achariam com quem contar. Se fazemos justos elogios à firmeza de que esses jornais deram prova, por suas refutações cheias de lógica, devemos, sobretudo, elogiá-los por não se terem afastado da moderação, que é o caráter essencial do Espiritismo e, ao mesmo tempo, a prova de sua verdadeira força; por não terem seguido os nossos antagonistas no terreno do personalismo e da injúria, sinal incontestável de fraqueza, porquanto não se chega a tal extremo senão quando se

¹⁸ Vide, mais adiante, os anúncios detalhados a respeito das diversas obras sobre o Espiritismo.

está necessitado de boas razões. Aquele que está de posse de argumentos sérios os faz valer; não os substitui ou se guarda de os enfraquecer por uma linguagem indigna de uma boa causa.

Em Paris, um recém-vindo se apresenta sob o título desprezioso de *Avenir, Moniteur du Spiritisme*. A maioria de nossos leitores já o conhece, bem como o seu redator-chefe, o Sr. d'Ambel, e o puderam julgar por suas primeiras armas. A melhor publicidade é provar o que se pode fazer; depois, o grande júri da opinião pronuncia o veredicto. Ora, não duvidamos que este lhe seja favorável, a julgar pela acolhida simpática recebida por ocasião de seu aparecimento.

A ele, pois, também as nossas simpatias pessoais, conquistadas previamente por todas as publicações susceptíveis de servir valiosamente à causa do Espiritismo; porque não poderíamos conscientemente apoiar, nem encorajar, aqueles que, pela forma ou pelo fundo, voluntariamente ou por imprudência, lhe fossem mais prejudiciais do que úteis, iludindo a opinião quanto ao verdadeiro caráter da doutrina, ou oferecendo combustível aos ataques e às críticas fundadas dos nossos inimigos. Em semelhante caso, a intenção não pode ser julgada pelo fato.

CARTAS SOBRE O ESPIRITISMO

Escritas aos eclesiásticos pela Sra. J. B., com esta epígrafe de circunstância, que é um sinal característico de nossa época

Tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas não o podeis suportar. Quando, porém, vier o Espírito de Verdade, ele vos ensinará toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. E quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo. (São João, 16:12, 13 e 8).

As reflexões que fizemos acima, a propósito do *Avenir*, não se aplicam apenas às folhas periódicas, mas às publicações de

qualquer outra natureza, volumes ou brochuras, cujo número se multiplica incessantemente, e cujos autores são igualmente campeões que participam da luta e trazem a sua pedra ao edifício. Saudação fraterna de boas-vindas a todos esses defensores, homens e mulheres que, sacudindo o jugo dos velhos preconceitos, içam a bandeira sem segunda intenção pessoal, sem outro interesse que o do bem geral e fazem retinir o grito libertador e emancipador da Humanidade: *Fora da caridade não há salvação!* Apenas pronunciado esse grito pela primeira vez e cada um compreendeu que encerrava toda uma revolução moral, desde há muito tempo pressentida e desejada, e que encontrou ecos simpáticos nas cinco partes do mundo. Foi saudado como a aurora de um futuro venturoso e, em poucos meses, tornou-se a contra-senha de todos os espíritas sinceros. É que, após uma luta tão grande e tão cruel contra o egoísmo, enfim deixava entrever o reino da fraternidade.

A brochura que aqui anunciamos é devida a uma senhora, membro da Sociedade Espírita de Paris, excelente médium, chefe de um grupo particular admiravelmente dirigido e a quem não se poderia censurar senão um excesso de modéstia, se excesso pudesse haver no bem. Se só assinou seu escrito por iniciais, por certo pensou que um nome desconhecido não é uma recomendação; além do mais, não tem a menor intenção de se apresentar como escritora. Mas nem por isso deixa de ter a coragem da opinião, que não é mistério para ninguém.

A Sra. J. B. é sinceramente católica, mas católica muito esclarecida, o que diz tudo. Sua brochura é escrita desse ponto de vista e, por isto mesmo, dirige-se principalmente aos membros do clero. É impossível refutar com mais talento, elegância na forma, moderação e lógica, os argumentos que uma fé exclusiva e cega contrapõe às idéias novas. Recomendamos esse interessante trabalho aos nossos leitores. Eles podem, sem receio, propagá-lo entre as pessoas que desconfiam da ortodoxia, e o dar em resposta aos ataques dirigidos contra o Espiritismo, do ponto de vista religioso.

OS MILAGRES DE NOSSOS DIAS

Por Aug. Bez

Sob esse título, o Sr. Aug. Bez, de Bordeaux, acaba de publicar o relato das manifestações de Jean Hillaire, médium extraordinário, cujas faculdades lembram, sob muitos aspectos, as do Sr. Home, chegando mesmo a ultrapassá-las em certos pontos.

O Sr. Home é um homem do mundo, de maneiras afáveis e cheias de urbanidade, que só se revelou à mais alta aristocracia. Jean Hillaire é um simples cultivador da Charente-Inférieure, pouco letrado, que vive do seu trabalho. Suas maiores excursões, ao que parece, foram de Sonnac, seu vilarejo, a Saint-Jean d'Angely e a Bordeaux; mas Deus, na repartição de seus dons, não leva em conta as posições sociais; quer que a luz se faça em todos os graus da escala, razão por que os concede aos grandes e aos pequenos.

A crítica e a calúnia odiosa não pouparam o Sr. Home. Sem consideração às altas personagens que o honraram com sua estima, que o receberam e ainda o recebem em sua intimidade, a título de comensal e amigo, a incredulidade zombeteira, que nada respeita, se deleitou em ridicularizá-lo, em apresentá-lo como vil charlatão e hábil prestidigitador, numa palavra, como um saltimbanco de fina educação. Não se deteve nem mesmo ante a idéia de que tais ataques atingiam a honorabilidade das mais respeitáveis pessoas, acusadas, por isso mesmo, de convivência com um suposto ilusionista. Dissemos a seu respeito que basta tê-lo visto para julgar que seria o mais desastrado charlatão, porque não tem atitudes audaciosas nem loquacidade, que se não coadunariam com a sua timidez habitual. Aliás, quem poderia dizer que alguma vez ele tivesse fixado preço às suas manifestações? O motivo que ultimamente o conduzia a Roma, de onde foi expulso, para ali se aperfeiçoar em escultura e desta tirar seus recursos, é o mais formal desmentido aos seus detratores. Mas que importa! Eles disseram que é um charlatão, e não querem dar o braço a torcer.

Os que conhecem Hillaire igualmente puderam convencer-se de que ele seria um charlatão ainda mais desastrado. Nunca seria demais repetir: o móvel do charlatanismo é sempre o interesse; onde não há nada a ganhar o charlatanismo não tem objetivo; onde teria a perder, seria uma estupidez. Ora, que proveito material tirou Hilário de suas faculdades? Muitas fadigas, uma grande perda de tempo, aborrecimentos, perseguições, calúnias. O que ganhou, e para ele não tem preço, foi uma fé viva em Deus, que antes não tinha, uma fé em sua bondade, na imortalidade da alma e na proteção dos Espíritos bons. Não é este, exatamente, o fruto visado pelo charlatanismo. Mas ele sabe, também, que essa proteção não se obtém senão se melhorando; é o que se esforça por fazer, e o que, também, não interessa aos charlatães. É, igualmente, o que o faz suportar com paciência as vicissitudes e as privações.

Em semelhantes casos, uma garantia de sinceridade está, pois, no absoluto desinteresse. Antes de acusar um homem de charlatanismo, é preciso perguntar que proveito pode tirar em enganar os outros, pois os charlatães não são tolos a ponto de nada ganhar e, ainda menos, de perder, ao invés de ganhar. Assim, os médiuns têm uma resposta peremptória a dar aos detratores, perguntando-lhes: *Quanto me pagaram* para fazer o que faço? Uma garantia não menos significativa e susceptível de causar viva impressão é a reforma de si mesmo. Só uma profunda convicção pode levar um homem a vencer-se, a desembaraçar-se do que tem de mau, a resistir aos perniciosos arrastamentos. Então, já não é apenas a faculdade que se admira, mas a pessoa que se respeita e se impõe à zombaria.

As manifestações obtidas por Hillaire são, para ele, uma coisa santa; considera-as como um favor de Deus. Os sentimentos que elas lhe inspiram estão resumidos nas seguintes palavras, extraídas do livro do Sr. Bez:

“O rumor desses novos fenômenos espalhou-se por toda parte com a rapidez do relâmpago. Todos os que, até então, ainda não haviam assistido a manifestações espíritas, ficaram mortos de vontade de ver. Mais que nunca, Hillaire foi assediado por pedidos e convites de toda sorte. Ofertas de dinheiro foram feitas por várias pessoas, a fim de o decidir a dar sessões em suas casas; mas Hillaire sempre teve a convicção profunda de que suas faculdades não lhe foram dadas senão visando à caridade, a fim de trazer a fé à alma dos incrédulos e, assim, arrancá-los ao materialismo, que os corrói sem piedade e os mergulha no egoísmo e no deboche. Desde que Deus lhe fez a graça de se servir dele para esclarecer os seus compatriotas; desde que manifestações de ordem tão elevada são produzidas por seu intermédio, o simples médium de Sonnac considerou sua mediunidade como puro sacerdócio e convenceu-se de que, no dia em que aceitasse a menor retribuição, suas faculdades lhe seriam retiradas ou entregues como um joguete aos Espíritos maus e levianos, que as utilizariam para fazer o mal ou mistificar todos aqueles que ainda cometessem a imprudência de a ele dirigir-se. E, não obstante, a posição pecuniária desse humilde instrumento se acha em estado muito precário. Sem fortuna, tem de ganhar o pão com o suor do rosto e, muitas vezes, a grande fadiga que experimenta quando se produzem algumas manifestações importantes, mina as forças que lhe são necessárias para manejar a pá e a enxada, dois instrumentos que, incessantemente, deve ter entre as mãos.”

Nos momentos de infortúnio, que tinham por objetivo experimentar sua fé e sua resignação, Hillaire, tal qual acontecera com Job, encontrou asilo e assistência nos amigos reconhecidos, que lhe deviam a consolação pelo Espiritismo. Isto é pôr à venda as manifestações dos Espíritos? Não, certamente. É um socorro que Deus lhe enviou, que podia e devia aceitar sem escrúpulo; sua consciência está em paz, porque não traficou com os dons que recebeu de graça; não vendeu as consolações aos aflitos, nem a fé que deu aos incrédulos. Quanto aos que lhe vieram em auxílio, cumpriram um dever de fraternidade, pelo que serão recompensados.

As faculdades de Hillaire são múltiplas; ele é médium vidente de primeira ordem, audiente, falante, extático e, além disso, escrevente. Obteve escrita direta e transportes notáveis. Várias vezes foi levantado e transpôs o espaço sem tocar o solo, o que não é mais sobrenatural do que ver erguer-se uma mesa. Todas as comunicações e todas as manifestações que obtém atestam a assistência dos Espíritos bons e sempre se dão em plena luz. Muitas vezes entra espontaneamente em sono sonambúlico, e é quase sempre neste estado que se produzem os mais extraordinários fenômenos.

A obra do Sr. Bez é escrita com simplicidade e sem exaltação. Não só o autor diz o que viu, como cita numerosas testemunhas oculares, a maioria das quais se interessou pessoalmente pelas manifestações; estes não teriam deixado de protestar contra inexatidões, sobretudo se lhes tivessem feito representar um papel contrário ao que se passou. O autor, justamente estimado e considerado em Bordeaux, não se teria exposto a receber semelhantes desmentidos. Pela linguagem se reconhece o homem consciencioso, que teria escrúpulo em alterar conscientemente a verdade. Aliás, não há um só desses fenômenos cuja possibilidade não seja demonstrada pelas explicações que se acham em *O Livro dos Médiuns*.

Esta obra difere da do Sr. Home; em vez de ser uma simples compilação de fatos, muitas vezes repetidos, sem deduções nem conclusões, encerra, sobre quase todos os que são relatados, apreciações morais e considerações filosóficas que dele fazem um livro ao mesmo tempo interessante e instrutivo, no qual se reconhece o espírita, não só convicto, mas esclarecido.

Quanto a Hillaire, felicitando-o por seu devotamento, nós o exortamos a jamais perder de vista que o que constitui o principal mérito do médium não é a transcendência de suas faculdades, que lhe podem ser retiradas a qualquer momento, mas

o bom uso que delas faz. Desse uso depende a continuação da assistência dos Espíritos bons, porque há uma grande diferença entre um médium bem-dotado e o que é bem assistido. O primeiro só excita a curiosidade; o segundo, ele próprio tocado no coração, reage moralmente sobre os outros, em razão de suas qualidades pessoais. Desejamos, tanto no seu próprio interesse quanto no da causa, que os elogios de amigos, geralmente mais entusiastas que prudentes, nada lhe tirem de sua simplicidade e de sua modéstia, e não o façam cair na armadilha do orgulho, que já perdeu tantos médiuns.

PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS

Estudo onde são expostas as condições de habitabilidade das terras celestes, discutidas do ponto de vista da Astronomia, da Fisiologia e da Filosofia Natural, por *Camille Flammarion*, adido ao Observatório de Paris. Um grosso volume in-12, com estampas astronômicas. Preço: 4 francos. – Edição de biblioteca, in-8, 7 francos. Livraria acadêmica de Didier & Cie., 35, quai des Augustins.

A falta de espaço nos obriga a adiar para o próximo número a apreciação crítica dessa importante obra.

Para as condições das obras acima, vide, mais adiante, a lista das *Obras diversas sobre o Espiritismo*.

Aviso

Excepcionalmente, e por força de circunstâncias particulares, as férias da Sociedade Espírita de Paris começarão este ano em 1^o de agosto. A Sociedade reabrirá suas sessões na primeira sexta-feira de outubro.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

SETEMBRO DE 1864

Nº 9

Influência da Música sobre os Criminosos, os Loucos e os Idiotas

A Revista musical do *Siècle*, exemplar de 21 de junho de 1864, continha o seguinte artigo:

“Sob o título: *Um órfão sob ferrolhos*, o Sr. de Pontécoulant acaba de publicar excelente notícia em favor de uma boa causa. Parece que o diretor de uma casa central de detenção concebeu a engenhosa idéia de introduzir a música nas celas dos condenados. Compreendeu que seu dever não era apenas punir, mas corrigir.

“Para agir com certeza sobre o caráter do prisioneiro, dorido pelo castigo, serviu-se da música. Começou por criar uma escola de canto. Os detentos que se haviam distinguido por sua boa conduta consideraram como uma recompensa fazer parte desse orfeão.

“A penitenciária se achava, assim, transformada. Dentre cerca de mil prisioneiros, escolheram cem, que foram chamados a

participar dos primeiros ensaios. O efeito foi muito grande sobre o moral desses infelizes. Uma infração dos regulamentos podia excluí-los da escola; puseram-se de acordo para respeitar as obrigações, que até então desdenhavam.

“A fim de fazer melhor compreender a importância que ligam à instituição desses coros, lembrarei que o silêncio lhes é imposto habitualmente. Eles pensam, mas não falam. Poderiam esquecer a sua língua, da qual não mais se servem momentaneamente. É compreensível que, em tais condições, esses trechos musicais, falados e cantados, lhes caíam como um maná do céu. É a ocasião de se reunirem, ouvir vozes, romper a solidão, comover-se, existir.

“Repito: os resultados são excelentes. De setenta cantores que compunham o orfeão, este ano, dezesseis foram indultados. Não é concludente?

“Esquecia-me de dizer que a experiência foi feita em Melun. É uma experiência a encorajar, um exemplo a seguir. Quem sabe se esses corações endurecidos talvez sintam se lhes fundir o gelo e possam ainda gostar de alguma coisa? Ensinando-lhes a cantar, lhes ensinam a não mais maldizer. Seu isolamento se povoa de seres, a cabeça se acalma e o trabalho pesado lhes parece menos duro. Cumprida a pena, muitas vezes reduzida pela aplicação e pela boa conduta, sairão transformados, e não pervertidos pelo ódio.

Um dia visitei a casa de saúde do Dr. B..., em companhia de um *alienista*. De passagem, dizia este:

– “As duchas! as duchas!... Conheço apenas as duchas e a camisa de força. É a panacéia... Todos os outros paliativos são insuficientes quando se está frente a frente com um louco furioso.

“Neste momento, gritos que partiam do fundo do jardim atraíram a nossa atenção.

– “Vede! Disse ele, percebo que um deles vai sofrer um dos dois suplícios, talvez mesmo os dois. Quereis que o sigamos? Vereis o efeito.

“O pobre coitado se debatia desesperadamente nas mãos dos guardas. Fazia ameaças e tinha os olhos em brasa. Tentar acalmá-lo parecia impossível sem recorrer aos grandes meios.

“De repente, ouviu-se uma voz na outra extremidade do jardim. Vinha de um pavilhão isolado, que parece ter surgido sozinho, com sua vinha virgem e suas parasitas caindo do telhado, num buquê de espinheiros em flor. A voz cantava a *romanza*¹⁹ de *Saulo*, da Desdêmona.

“Parei para escutar. Não sei se devo a impressão que senti à influência da atmosfera e do lugar, mas o que afirmo é que jamais, em tempo algum, me senti tão profundamente comovido. Soube depois que a cantora era uma dama do mundo, cujas desventuras lhe fizeram perder a razão.

“O louco furioso deteve-se subitamente, deixando de debater-se e de blasfemar.

– “A voz! a voz! disse ele... Psiu!

“E, aprumando o ouvido, caía em êxtase.

“Acalmara-se.

– “Muito bem! – observo ao *alienista* desapontado – que dizeis de vossa famosa teoria?

“Ele teria preferido ser feito em pedaços a desdizer a sua brutal afirmação. As pessoas sistemáticas são assim. Os fatos nada significam para elas. Tratam o que as contraria como uma

19 N. do T.: Grifo nosso.

exceção. Não tenteis combatê-las; têm idéia fixa e, quando tiverdes esgotado todos os argumentos, elas vos rirão na cara. Nada de concessões! estão ou não estão convencidas.

“Em vários hospícios de alienados, notadamente em Bicêtre, compreenderam o partido que poderiam tirar da música e dela se servem vitoriosamente. Ali as missas são cantadas pelos loucos. Salvo raros incidentes, tudo se realiza conforme o programa, sem que se tenha de reprimir o menor desvio.

“Há uma doença mais horrível que a loucura: quero falar do cretinismo. Os loucos têm seus momentos de lucidez; por vezes são afetados apenas por uma mania. Conversam razoavelmente sobre todos os assuntos, à exceção daqueles que os fazem divagar. Um se supõe de vidro e recomenda que o toquem com precaução; outro vos aborda e diz, mostrando um de seus vizinhos: ‘Vede bem este moreninho? Ele se julga o filho de Deus; mas o Cristo sou eu.’ Um terceiro vos convida para grandes caçadas, em seu esplêndido parque; ouve a matilha, os criados que o apóiam, as fanfarras que lhe respondem, a disputa dos cães pela comida; é feliz em seu sonho; é quase sempre um ambicioso, caído mais ou menos longe do objetivo visado. Todos os curáveis e incuráveis têm um ponto de referência para a sua imaginação.

“Mas os outros – os idiotas, os cretinos – que lhes resta? Estão agachados num canto de parede, sobre uma pedra, fisionomia embrutecida, como horrendas pilhas de carne, não tendo jamais um lampejo de inteligência e nem mesmo o instinto dos animais inferiores. Estão completamente perdidos de corpo e de alma, rebaixados em sua dignidade de homens, bastante degradados e tolhidos física e moralmente; têm ouvidos, mas não escutam; têm olhos, mas não vêem; seus sentidos estão extintos: são mortos vivos.

“Em vão tentaram ressuscitar alguma coisa neles, ora pelo rigor, ora pela doçura. Era para desesperar.

“Então vocalizaram notas em sua presença, até que as repetissem maquinalmente. Ensinaram-lhes a cantar motivos simples e curtos, que eles repetiam. Agora cantam. Para eles cantar é uma festa. Pelo canto mantêm o domínio sobre eles: é a sua punição ou a sua recompensa; obedecem; têm consciência de suas ações. Ocupam-nos nos mesmos trabalhos. Ei-los a caminho de uma espécie de reabilitação intelectual.

“Há regiões onde esta cruel enfermidade se reproduz incessantemente. Será o ar ou a água que a provoca?

“Certa manhã, depois de uma noite de caça laboriosa na vertente meridional dos Pirineus, eu tinha entrado na choupana de um pastor, para me refrescar. Aí encontrei o pai debilitado, a esposa macilenta e três meninos raquíticos, um dos quais enroscado num monte de palha apodrecida. Como eu examinasse esse desventurado imbecil, o pai me disse:

“Oh! este aí jamais viveu; nasceu como está. Aqui o cretinismo afeta um em três. Pago a minha dívida.

“Ele vos reconhece? perguntei.

“Nem a mim, nem aos irmãos; fica na posição em que o vedes. Só desperta desse torpor quando o Sol se põe e eu grito o rebanho, esparso no campo; então ele se agita, parece contente, como se algo feliz lhe sucedesse.

– “E a que atribuis esse movimento?

– “Não sei.

– “De que sinais vos servis?

– “Do refrão de todos os pastores.

– “Vejam; dissei o refrão, como se os animais estivessem voltando.

O velho dócil foi para a porta e, de pé, do lado de fora, com as mãos em posição de sopro, recomeçou o canto de chamada. Deu-se um fato estranho: o menino doente ergueu-se de um salto, soltando gritos inarticulados. Dava a impressão de querer falar. Expliquei que a música agia poderosamente sobre os seus nervos. O pai compreendeu e me disse com o seu sotaque característico:

– “Eu sei canções; eu lhas cantarei.

“Dois anos mais tarde tive oportunidade de rever essa pobre gente, a quem eu trazia uma cabra montês ferida.

“O menino se tornara dócil.

“Publiquei a história antes que pensassem em se servir da música como processo curativo em casos semelhantes. Meu relato foi tido à conta de fábula.

“O meio prático depois fez o seu caminho, com os cretinos e com os loucos, o que não impediu meu *alienista* de sustentar que nada supera a camisa de força e as duchas. Pelo menos esta é a sua convicção.”

Não sabemos se o autor do artigo, o Sr. Chadeuil, é antiespiritualista, mas o que é certo é que é antiespírita em alto grau, a julgar pelos sarcasmos que não poupa à crença nos Espíritos, quando se lhe deparou ocasião de fazê-lo em sua *Revista Musical*. Para negar uma doutrina baseada em fatos e aceita por milhões de pessoas, ele viu, observou e estudou? Informou-se escrupulosamente em todas as fontes? Seus próprios artigos testemunham ignorância daquilo de que fala. Em que, então, se apóia para afirmar que é uma crença ridícula? Em sua opinião pessoal, que acha ridícula a idéia de os Espíritos se comunicarem

com os homens, absolutamente como todas as idéias novas de alguma importância foram consideradas ridículas pelos homens, mesmo os mais capazes. Assim, e sem desconfiar, ele é a aplicação dessas notáveis e verídicas palavras de seu artigo:

“As pessoas sistemáticas são assim. Os fatos nada valem para elas. Tratam aquilo que as contraria como uma exceção. Não tenteis combatê-las; têm sua idéia fixa e, quando tiverdes esgotado todos os argumentos, elas vos rirão na cara.”

Não é sempre a história da trave e do argueiro no olho? É verdade que não sabemos se esta reflexão é dele ou do Sr. Pontécoulant. Em todo o caso, se ele a cita com elogio, é porque a aceita. Mas deixemos a opinião do Sr. Chateuil, que pouco nos importa, e vejamos o artigo em si mesmo, que constata um fato importante: a influência da música sobre os criminosos, os loucos e os idiotas.

Em todos os tempos tem-se reconhecido a influência salutar da música para o abrandamento dos costumes. Sua introdução entre os criminosos seria um progresso incontestável e só poderia dar resultados satisfatórios; ela move as fibras entorpecidas da sensibilidade e as predispõe a receber as impressões morais. Mas é suficiente? Não; é um labor em terra inculta, que necessita de sementeira de idéias próprias, capazes de causar uma profunda impressão sobre essas naturezas extraviadas. É preciso falar à alma, depois de haver amolecido o coração. O que lhes falta é a fé em Deus, em sua alma e no futuro; não uma fé vaga, incerta, incessantemente combatida pela dúvida, mas uma fé baseada na certeza, a única que pode torná-la inabalável. Sem dúvida a música pode predispor a isto, mas não a dá. Nem por isto deixa de ser um auxiliar, que não se pode negligenciar. Esta e muitas outras tentativas, que a Humanidade e a civilização não podem senão aplaudir, testemunham uma louvável solicitude pelo moral dos condenados; mas resta ainda atingir o mal na sua raiz.

Um dia será reconhecido toda a extensão do socorro que se pode haurir nas idéias espíritas, cuja influência já está provada pelas numerosas transformações que operam nas naturezas aparentemente mais rebeldes. Só os que se aprofundaram nesta doutrina e meditaram sobre as suas tendências e conseqüências inevitáveis, poderão compreender a força do freio que ela opõe aos arrastamentos perniciosos. O poder desta força resulta do fato de dirigir-se à própria causa desses arrastamentos, que é a *imperfeição do Espírito*, ao passo que a maior parte do tempo só a buscam na *imperfeição da matéria*. Como doutrina moral, o Espiritismo já não é hoje uma simples teoria: entrou na prática, ao menos para grande número dos que admitem os seus princípios. Ora, conforme o que se passa, e em face dos resultados produzidos, pode-se afirmar sem receio que a diminuição dos crimes e delitos será proporcional à sua vulgarização. É o que um futuro próximo se encarregará de demonstrar. Aguardemos que a experiência se faça em mais vasta escala, pois já se faz todos os dias individualmente. Disto a *Revista* já forneceu numerosos exemplos; limitar-nos-emos a lembrar as cartas de dois prisioneiros, publicadas nos números de novembro de 1863 e fevereiro de 1864.

Deixamos aos leitores o cuidado de apreciar o fato acima, relativo à loucura. Sem sombra de dúvida é a mais amarga crítica aos alienistas que só conhecem as duchas e a camisa de força. O Espiritismo vem projetar uma luz inteiramente nova sobre as doenças mentais, demonstrando a dualidade do ser humano e a possibilidade de agir isoladamente sobre o ser espiritual e sobre o ser material. O número sempre crescente de médicos que entram nessa nova ordem de idéias necessariamente provocará grandes modificações no tratamento dessas espécies de afecções. Abstração feita da idéia espírita propriamente dita, a constatação dos efeitos da música em semelhantes casos é um passo na via espiritualista, da qual os alienistas em geral se afastaram até hoje, para grande prejuízo dos doentes.

O efeito produzido sobre os idiotas e os cretinos é ainda mais característico. Quase sempre os loucos foram homens inteligentes; não se dá o mesmo com os idiotas e os cretinos, que parecem votados pela própria Natureza a uma nulidade moral absoluta. Ainda aqui o Espiritismo experimental vem projetar luz, ao provar, pelo isolamento do Espírito e do corpo, que são, geralmente, Espíritos desenvolvidos, e não atrasados, como se poderia supor, embora unidos a corpos imperfeitos. Em caso de igualdade de inteligência, a diferença entre o louco e o cretino é que o primeiro, ao nascer, é provido de órgãos cerebrais constituídos normalmente, mas que mais tarde se desorganizam, ao passo que o segundo é um Espírito encarnado num corpo, cujos órgãos, atrofiados desde o princípio, jamais lhe permitiram manifestar livremente o pensamento; está na situação de um homem forte e vigoroso a quem tivessem tirado a liberdade de movimentos. Para o Espírito, tal constrangimento é um verdadeiro suplício, porque não deixa de ter a faculdade de pensar e, como Espírito, sente a abjeção em que o coloca a sua enfermidade. Suponhamos, então, que em dado momento, por um tratamento qualquer, se possam desligar os órgãos: o Espírito recobriria a liberdade e o maior cretino se tornaria um homem inteligente. Seria como um prisioneiro saindo da prisão, ou como um bom músico em frente a um instrumento completo, ou, ainda, como um mudo, recobrando a palavra.

O que falta ao idiota não são, pois, as faculdades, mas as cordas cerebrais correspondentes a essas faculdades, para a sua manifestação. Na criança normalmente constituída, o exercício das faculdades do Espírito induz o desenvolvimento dos órgãos correspondentes, que nenhuma resistência oferecem. No idiota, a ação do Espírito é impotente para provocar um desenvolvimento que ficou em estado rudimentar, como um fruto abortado. Assim, a cura radical do idiota é impossível; tudo quanto se pode esperar é uma ligeira melhora. Para isto não se conhece nenhum tratamento

aplicável aos órgãos. É ao Espírito que se tem de dirigir. Estudando as faculdades, cujo germe se descobre, deve-se provocar o seu exercício por parte do Espírito; e este, então, superando a resistência, possibilitará que se obtenha uma manifestação, se não completa, ao menos parcial. Se há um meio externo de agir sobre os órgãos é, seguramente, a música. Ela consegue abalar essas fibras entorpecidas, como um grande ruído que chega aos ouvidos de um surdo. Com isto o Espírito se agita, como numa lembrança, e sua atividade, provocada, redobra esforços para vencer os obstáculos.

Para quem não vê no homem senão uma máquina organizada, sem levar em conta a inteligência que preside ao jogo desse organismo, tudo é obscuridade e problema nas funções vitais, tudo é incerteza no tratamento das afecções. Eis por que, na maioria das vezes, só se combate um lado do mal; mais ainda: tudo são trevas nas evoluções da Humanidade, tudo são ensaios nas instituições sociais; por isto, tantas vezes se anda em caminho errado.

Admiti, apenas a título de hipótese, a dualidade do homem, a presença de um ser inteligente independente da matéria, preexistente e sobrevivente ao corpo, já que este não passa de um invólucro temporário daquele, e tudo se explica. O Espiritismo, por meio de experiências positivas, faz desta hipótese uma realidade, ao revelar-nos a lei que rege as relações entre o Espírito e a matéria.

Zombai, pois, ó cépticos, da Doutrina Espírita, oriunda do fenômeno vulgar das mesas girantes, como a telegrafia elétrica surgiu das rãs dançantes de Galvani; mas sabeis que, negando os Espíritos, negais a vós mesmos, pois também zombaram das grandes descobertas.

O Novo bispo de Barcelona

Escrevem-nos da Espanha, em data de 1^o de agosto de 1864:

“Caro mestre,

“Tomo a liberdade de vos enviar a nova pastoral que monsenhor Pantaleão, bispo de Barcelona, acaba de publicar no jornal *Diário de Barcelona*, de 31 de julho. Como podeis notar, ele quis marchar sobre o rastro de seu predecessor. Para mim, espírita sincero, perdô os palavrões que nos dirige, mas não posso deixar de pensar que ele poderia empregar a ciência que possui de maneira mais proveitosa para o bem da fé e de seus semelhantes. Para citar apenas um exemplo, temos a todo instante o espetáculo dessas abomináveis touradas, nas quais os pobres animais, depois de terem passado a vida a serviço do homem, vêm morrer estripados nessas tristes arenas, para gáudio de uma população ávida de sangue, cujos maus instintos são desenvolvidos por esses jogos bárbaros.

“Eis contra o que deveríeis fulminar, monsenhor, e não contra o Espiritismo, que diariamente vos reconduz ao aprisco as ovelhas que havíeis perdido. Porque eu, que acreditava sinceramente em Deus, que reconhecia sua grandeza nos mais ínfimos detalhes da Natureza, antes de ser espírita não podia aproximar-me de uma igreja, tamanha era a discordância que os meus olhos viam entre os que se dizem os representantes de Deus na Terra e essa grande figura do Cristo, que o Evangelho nos mostra todo amor e abnegação. Sim, dizia a mim mesmo, Jesus se sacrifica por nós; faz sua entrada triunfal em Jerusalém, vestido de burel, montado num jumento; e vós, que vos dizeis seus representantes, vos cobris de seda, ouro e diamantes. É esse o desprezo das riquezas que o divino Messias pregava aos seus apóstolos? Não; e, no entanto, eu vo-lo confesso, monsenhor, desde que sou espírita pude entrar em vossas igrejas e nelas orar

com fervor, a despeito da música mundana, que aí toca árias de ópera; pude orar pensando que, entre todas essas pessoas reunidas, a algumas, talvez, essa pompa teatral fosse útil para elevar suas almas a Deus; então pude perdoar o vosso luxo e compreendê-lo num certo sentido. Bem vedes, assim, monsenhor, que não é sobre os espíritas que deveis trovejar; e se tendes em vista, como não duvido, apenas o bem do vosso rebanho, reconsiderai vossa maneira de ver o Espiritismo, que não nos recomenda senão o amor aos semelhantes, o perdão das injúrias, a doçura, a caridade e o amor, mesmo aos nossos próprios inimigos.

“Caro mestre, perdoai-me estas poucas linhas, que me foram sugeridas por esta nova pastoral. O Espiritismo veio reavivar a minha fé, explicando-me todas as misérias da vida que, até então, minha inteligência não pudera compreender. Sinceramente convencido de que trabalhamos para o nosso e para o progresso da Humanidade, não cessarei de propagar esta doutrina no meu círculo de relações, empregando, para tanto, uma convicção profunda e os meios que Deus me ofereceu.

“Dignai-vos receber, caro mestre, etc.”

Damos, a seguir, a tradução da pastoral do monsenhor bispo. Reproduzimo-la *in extenso*, para não enfraquecer o seu alcance. O monsenhor de Barcelona passa, com razão, por um homem de mérito; deve, portanto, ter reunido os mais poderosos argumentos contra o Espiritismo. Os nossos leitores julgarão se ele será mais feliz que os seus confrades, e se o golpe de misericórdia nos será dado do outro lado dos Pirineus. Limitamo-nos a acrescentar algumas observações.

“Nós, D. D. Pantaleão Monserra y Navarro, pela graça de Deus e da Santa Sé apostólica, bispo de Barcelona, cavaleiro da grã-cruz da Ordem Americana de Isabel, a Católica, do Conselho de Sua Majestade, etc.

“Aos nossos amados e fiéis diocesanos,

“O homem, posto na Terra como num lugar de trevas que o impede de ver as coisas colocadas numa ordem superior, não pode dar um passo para buscá-las, caso não seja esclarecido pela chama da fé. Se se separar desse guia, apenas tropeçará, caindo hoje no extremo da incredulidade, que tudo nega, e amanhã no da superstição, que em tudo crê. Nossa época, que pretende conduzir-se pela razão e pelos sentidos, não admitindo como verdade senão o que lhe mostram essas testemunhas falaciosas, vê-se atravessada por uma imensa corrente de idéias, arrastando, em consequência, a negação do sobrenatural e uma excessiva credulidade. Uma e outra são o produto do orgulho da inteligência humana, que se recusa a prestar uma atenção razoável à palavra revelada de Deus. A geração atual se vê obrigada a assistir a esse triste espetáculo que hoje nos dão os povos mais adiantados em ciência e em civilização. Os Estados Norte-Americanos, essa nação chamada modelo, e algumas partes da França, aí compreendida a colônia da Argélia²⁰, esforçam-se, desde algum tempo, ao estudo ridículo e à aplicação do Espiritismo, que, sob esse nome, vem ressuscitar as antigas práticas da necromancia, pela evocação dos Espíritos invisíveis, que repousam no lugar de seu destino, além do sepulcro, e os consultam para descobrir os segredos ocultos sob o véu que Deus estendeu entre o tempo e a eternidade.”

Observação – Se se é repreensível por manter relações com os Espíritos, seria preciso que a Igreja os impedisse de vir sem serem chamados, pois é notório que há um grande número de manifestações espontâneas, mesmo em pessoas que jamais ouviram falar do Espiritismo. Como as senhorinhas Fox, nos Estados Unidos, as primeiras que revelaram sua presença naquele país, foram postas no caminho das evocações, senão pelos Espíritos que a elas vieram manifestar-se, quando absolutamente neles não pensavam? Por que aqueles Espíritos deixaram o lugar que lhes fora designado além do sepulcro? Com ou sem a permissão de Deus?

20 **N. do T.:** *Alger* no original. Na verdade *Argélia* (Algérie), cuja capital é Argel.

O Espiritismo não brotou do cérebro de um homem como um sistema filosófico criado pela imaginação. *Se os Espíritos não se tivessem manifestado por si mesmos, não teria havido Espiritismo.* Se não se pode impedir que se manifestem, não se pode deter o Espiritismo, do mesmo modo que se não pode impedir um rio de correr, a menos que se lhe suprima a fonte. Pretender que os Espíritos não se manifestam é uma questão de fato e não de opinião. Contra a evidência não há contestação possível.

“Este desejo exagerado de tudo conhecer, por meios ridículos e reprovados, é apenas o fruto dessa necessidade, desse vazio que experimenta o homem, quando rejeitou tudo o que lhe foi proposto como verdade pela sua soberana legítima e infalível: a Igreja.”

Observação – Se o que essa soberana infalível propõe como verdade a Ciência demonstra ser um erro, é culpa do homem se o repele? A Igreja era infalível, quando condenava às penas eternas os que acreditavam no movimento da Terra e nos antípodas? quando ainda hoje condena os que crêem que a Terra não foi formada em seis dias vezes vinte e quatro horas? Para que a Igreja fosse acreditada sob palavra, seria necessário que nada ensinasse que pudesse ser desmentido pelos fatos.

“Num momento de ardor para tudo conhecer por si mesmo, ele repeliu como superstição essa mesma verdade, porque seu entendimento não a compreendia ou não concordava com as noções recebidas a propósito. Mais tarde, porém, julgou necessário o que havia desprezado; quis reabilitar-se na sua fé; examinou-a novamente e, conforme tal exame tenha sido feito por pessoas de imaginação viva, ou por outras de temperamento nervoso e irritável, admitiram, no seu sistema de crença, tudo quanto aquelas julgaram ver e ouvir dos Espíritos evocados, num momento de melancólica exaltação.”

Observação – Jamais havíamos pensado que a fé, isto é, a adoção ou a rejeição das verdades ensinadas pela Igreja, após o exame feito por aquele que sinceramente a ela queira voltar, fosse uma questão de temperamento. Se, por lhes dar preferência em relação às outras crenças, não se deve ser nervoso, nem irritável, nem ter a imaginação viva, há muita gente que será fatalmente excluída

em conseqüência de sua compleição. Cremos que neste século de progresso intelectual, a fé é uma questão de *compreensão*.

“Foi assim que se chegou a criar uma religião que, reproduzindo os desvios e as aberrações do paganismo, ameaça conduzir à loucura e ao mais imundo cinismo (*y al cinismo mas inmundo*) a sociedade ávida do maravilhoso.”

Observação – Eis mais um príncipe da Igreja que proclama, num ato oficial, que o Espiritismo é uma religião que se cria. É o caso de repetir aqui o que já dissemos a respeito: Se algum dia o Espiritismo se tornar uma religião, a Igreja terá sido a primeira a dar tal idéia. Em todo o caso, essa religião nova, caso venha a sê-lo, afastar-se-ia do paganismo pelo fato capital de que não admite um inferno localizado, com penas materiais, enquanto o inferno da Igreja, com suas labaredas, seus tridentes, suas caldeiras, suas lâminas de navalhas, seus pregos pontiagudos, que estraçalham os danados, e seus diabos que atijam o fogo, é uma cópia amplificada do Tártaro.

“Allan Kardec, o grande propagador desta seita de modernos iluminados, confessa-o em seu *O Livro dos Espíritos*, dizendo: ‘Que por vezes estes se comprazem em responder ironicamente e de maneira equívoca, que desconcerta os infelizes que os consultam.’ E, não obstante ele advirta da necessidade que há em discernir os Espíritos sérios dos superficiais, não nos pode dar as regras necessárias a esse discernimento, confissão que revela toda a vaidade e a falsidade do Espiritismo, com suas deploráveis conseqüências.”

Observação – Remetemos o Sr. bispo de Barcelona a *O Livro dos Médiuns* (capítulo XXIV, página 327).

“Se esse sistema, que estabelece monstruoso comércio entre a luz e as trevas, entre a verdade e o erro, entre o bem e o mal, numa palavra, entre Deus e Belial, não tem prosélitos na Espanha, há, com toda certeza, ardentes propagadores, e a metrópole de nossa diocese é o teatro escolhido para lançar mão de todos os meios que pode sugerir o Espírito de mentira e de perdição. A prova disto está na introdução fraudulenta que se opera, malgrado

o zelo manifestado pelas autoridades locais, de milhares de exemplares de *O Livro dos Espíritos*, escrito pelo pregador número um destas mentiras, Allan Kardec, e traduzido em espanhol.”

Observação – É muito difícil conciliar estas duas asserções, a saber: que o Espiritismo *não* tem prosélitos na Espanha, e que há, com toda certeza, ardorosos propagadores. Também não se compreende que, num país onde não há espíritas, *O Livro dos Espíritos* circule aos milhares.

“Lendo esta produção original, dissemos a nós mesmos: cada século tem as suas preocupações, seus erros favoritos; os erros do nosso são uma tendência a negar o que é invisível e a só buscar a certeza na matéria sensível. Não seria, pois, inacreditável, caso não o tivéssemos visto, que o século dezenove, tão rico em descobertas sobre as leis da Natureza, tão rico em observações e em experiências, tenha adotado os sonhos da magia e as aparições de Espíritos pela mera evocação de um simples mortal? Contudo, é isto! E esta nova heresia, importada, ao que parece, dos países idólatras pelos povos do novo mundo, invadiu o antigo e neste encontrou adeptos e partidários, a despeito da chama do Cristianismo, que ilumina há dezoito séculos e condena semelhantes bagatelas, malgrado o brilho que este espalhou em toda a sua superfície e, particularmente, sobre a Europa.”

Observação – Já que o monsenhor de Barcelona se admira de que o século dezenove aceite tão facilmente o Espiritismo, não obstante suas tendências positivas e as riquezas de suas descobertas no que concerne às leis da Natureza, nós lhe diremos que é precisamente a aptidão para essas descobertas que produz tal resultado. As relações entre o mundo visível e o mundo invisível são uma das grandes leis naturais, que ao século dezenove estava reservado desvelar ao mundo, bem como tantas outras leis. O Espiritismo, fruto da experiência e da observação, baseado em fatos positivos até agora incompreendidos, mal estudados e ainda pouco explicados, é a expressão dessa lei. Por isto mesmo vem destruir o fantástico, o maravilhoso e o sobrenatural, falsamente atribuídos a esses fatos, fazendo-os entrar na categoria dos fenômenos naturais. Como vem explicar o que era inexplicável, demonstra o que afirma e lhe dá a razão, não quer ser acreditado sob palavra; como provoca o exame, não quer ser aceito sem conhecimento de causa. É por tais motivos que

corresponde às idéias e tendências positivas do século. Sua fácil aceitação, longe de ser uma anomalia, é uma conseqüência de sua natureza, que lhe dá posição entre as ciências de observação. Se se tivesse cercado de mistérios e houvesse exigido a fé cega, tê-lo-iam repellido como um anacronismo.

Jovem ainda, encontra oposição, como todas as idéias novas de certa importância. Tem contra si:

1^o – Os que só crêem na matéria tangível e negam todo poder intelectual fora do homem;

2^o – Certos sábios que pensam que a Natureza não tem mais segredos para eles, ou que só a eles cabe descobrir o que ainda está oculto;

3^o – Os que, em todos os tempos, se empenharam em entrar a marcha ascendente do espírito humano, porque temiam que o desenvolvimento das idéias, fazendo ver bem claro, lhes prejudicasse o poder e os interesses;

4^o – Enfim, aqueles que, sem idéia preconcebida e não o conhecendo, julgam-no pelas deturpações com que o apresentam os seus adversários, visando a desacreditá-lo.

Esta categoria constitui a grande maioria dos opositores; mas diminui a cada dia, porque diariamente aumenta o número dos que estudam; as prevenções caem ante um exame sério e se ligam tanto mais à coisa sobre a qual reconhecem terem sido enganados. A julgar pelo caminho feito pelo Espiritismo em tão curto espaço de tempo, fácil é prever que em pouco tempo não terá contra si senão os antagonistas de idéias preconcebidas; e como estes formam uma pequena minoria, sua influência será nula. Eles próprios sofrerão a influência da massa e serão forçados a seguir a torrente.

A manifestação dos Espíritos não é apenas uma crença: é um fato. Ora, diante de um fato, a negação é sem valor, a menos que se prove que ele não existe, coisa que ninguém ainda demonstrou. Como em todos os pontos do globo a realidade do fato é constatada diariamente, crê-se no que se vê. É o que explica a impotência dos negadores para deter o movimento da idéia. Uma crença só é ridícula quando é falsa; já não o é, desde que repouse sobre uma coisa positiva. O ridículo é para o que se obstina em negar a evidência.

“Isto vos deve convencer, meus diletos filhos e irmãos, da necessidade que tem o homem de crer; e quando ele despreza as

verdadeiras crenças, abraça com entusiasmo até mesmo as falsas. Eis por que diz o profundo Pascal, num de seus pensamentos: ‘Os incrédulos são os homens mais propensos a crer em tudo.’ O Espírito das trevas toma os homens como joguete e instrumento de seus maus propósitos, servindo-se de sua vaidade, de sua credulidade, de sua presunção para deles fazer os propagadores e os apóstolos daquilo de que riam na véspera, do que qualificavam de invenção quimérica e de espantinho para as almas fracas.

“Não, meus irmãos, a verdadeira fé, a doutrina do Cristianismo, o ensino constante da Igreja, sempre reprovaram a prática dessas evocações, que levam a crer tenha o homem sobre os Espíritos um poder que só a Deus pertence. ‘Não está no poder de um mortal que as almas separadas dos corpos após a morte lhe revelem os segredos cobertos pelo véu do futuro.’ (Mat. 16:4).”

Observação – O Espiritismo também diz que aos Espíritos não é dado revelar o futuro, condenando formalmente o emprego de comunicações de além-túmulo como meio de adivinhação. Diz que os Espíritos vêm para nos instruir e nos melhorar, e não para nos ler a buena-dicha; diz ainda que ninguém pode constringer os Espíritos a vir falar quando não querem. É desnaturar maldosamente o objetivo pretender que ele faça necromancia. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXVI, pág. 386).

“Se a sabedoria divina tivesse julgado útil à felicidade e ao repouso do gênero humano instruí-lo sobre as relações entre o mundo dos Espíritos e o dos seres corpóreos, ela no-lo teria revelado de maneira que nenhum mortal pudesse ser enganado em suas comunicações; ter-nos-ia ensinado um meio para reconhecer quando nos tivessem dito a verdade, ou insinuado um erro, e não nos teria abandonado, para tal discernimento, à luz da razão, que é um clarão muito fraco para descobrir essas regiões que se estendem para além da morte.”

Observação – Desde que hoje Deus permite que existam tais relações, já que se deve admitir que nada acontece sem a permissão divina, é que julga útil à felicidade dos homens, a fim de dar-lhes a prova da vida futura, na

qual muitos não crêem mais, e porque o número sempre crescente dos incrédulos prova que, sozinha, a Igreja é impotente para os manter no aprisco. Deus lhes envia auxiliares nos Espíritos que se manifestam; repeli-los não é dar prova de submissão à sua vontade; renegá-los é desconhecer o seu poder; injuriá-los e maltratar seus intérpretes é agir como os judeus em relação aos profetas, o que fez com que Jesus derramasse lágrimas pela sorte de Jerusalém.

“Portanto, quando um miserável mortal, desvairado por sua imaginação, pretende dar-nos notícias sobre a sorte das almas do outro mundo; quando homens de limitada visão têm a audácia de querer revelar à Humanidade e ao indivíduo o seu destino indefectível no futuro, usurpam um poder que pertence a Deus, e do qual este não renuncia, a não ser para o bem da própria Humanidade e dos povos, advertindo-os ou os reprimindo por intermédio de enviados que, como os profetas, trazem consigo a prova de sua missão, nos milagres que operam e na realização constante do que eles anunciaram.”

Observação – Então renegais as predições de Jesus, já que não reconheceis no que acontece a realização do que ele anunciou. Que significam estas palavras: “Derramarei o Espírito sobre toda a carne; vossas mulheres e vossas filhas profetizarão, vossos mancebos terão visões e vossos velhos sonharão sonhos?”²¹

“Podemos considerar como visionários aqueles que, abandonando a verdade, e dando ouvidos a fábulas, querem que se escute como revelações os caprichos, os sonhos fantásticos de sua imaginação em delírio. Escrevendo a Timóteo, São Paulo previne aquele contra tudo isto, ele e as gerações futuras (I Tim., 4:7). O apóstolo já pressentia, dezoito séculos atrás, aquilo que, em nossa época, a incredulidade devia oferecer para encher, com alguma coisa, o vazio deixado na alma pela ausência da fé.”

Observação – Com efeito, a incredulidade é a chaga de nossa época; deixa na alma um imenso vazio. Por que, então, não a combate a Igreja? Por que é incapaz de manter os fiéis na fé? Meios materiais e espirituais não lhe faltam; não possui imensas riquezas, inumerável exército de pregadores, a instrução

21 N. do T.: Vide *Atos dos Apóstolos*, 2:17.

religiosa da juventude? Se seus argumentos não triunfam sobre a incredulidade, é que não são bastante peremptórios. O Espiritismo não vai fazer concorrência com ela: *faz o que a Igreja não faz*; dirige-se àqueles aos quais ela é impotente para reconduzir, e consegue lhes dar fé em Deus, na sua alma e na vida futura. Que dizer de um médico que, não podendo curar um doente, se opusesse a que este aceitasse os cuidados de outro médico que o pudesse salvar?

É verdade que ele não preconiza um culto à custa do outro, não lança anátema a ninguém, sem o que seria bem-vindo para aquele cuja causa exclusiva tivesse abraçado; mas é justamente por ser portador de uma contrasenha, à qual todos podem responder: “Fora da caridade não há salvação”, que ele vem fazer cessar o antagonismo religioso, que fez derramar mais sangue que as guerras de conquista.

“Depois de haver ensaiado a adivinhação e o sonambulismo pelo magnetismo animal, sem nada obter, senão a reprovação dos homens sensatos; depois de ter visto caírem em descrédito as mesas girantes, desenterraram o cadáver infecto desse Espiritismo, com o absurdo da transmigração das almas, desprezando os artigos do nosso símbolo, tais como os ensina a Igreja, quiseram substituí-los por outros que os anulam, admitindo uma imortalidade da alma, um purgatório e um inferno muito diferentes dos que nos ensina nossa fé católica.”

Observação – Isto é muito justo. O Espiritismo não admite um inferno onde há labaredas, tridentes, caldeiras e lâminas de navalhas; também não admite que seja uma felicidade para os eleitos levantar as tampas das caldeiras para aí ver fervendo os danados, talvez um pai, uma mãe ou um filho; não admite que Deus se compraza em ouvir, por toda a eternidade, os gritos de desespero de suas criaturas, sem ser tocado pelas lágrimas dos que se arrependem, nisto mais cruel que aquele tirano que mandou construir um respiradouro, pondo em comunicação as masmorras do palácio com o seu quarto de dormir, a fim de dar-se ao prazer de ouvir os gemidos de suas vítimas. Enfim, o Espiritismo não admite que a suprema felicidade consista numa contemplação perpétua, que seria uma perpétua inutilidade, nem que Deus tenha criado as almas para lhes dar apenas alguns anos, ou alguns dias de existência ativa e, em seguida, arrojá-las para sempre nas torturas ou numa inútil beatitude. Se esta é a pedra angular do

edifício, tem razão a Igreja para temer as idéias novas. Não é com tais crenças que ela tapará o abismo escancarado da incredulidade.

“Com isto, como disse muito a propósito o sábio bispo de Argel, tudo quanto os incrédulos puderam fazer foi mudar a face, para arrastar essa porção de crentes, cuja fé, simples e pouco esclarecida, facilmente se presta a tudo o que é extraordinário e, ao mesmo tempo, conseguir opor um novo obstáculo à conversão dessas almas sepultadas na indiferença religiosa que, vendo que querem reduzir o Cristianismo a um mosaico de superstições, acabaram blasfemando contra ele e o seu autor.”

Observações – Eis uma coisa muito singular! É o Espiritismo que impede a Igreja de converter as almas sepultadas na indiferença religiosa. Mas, então, por que ela não as converteu antes do aparecimento do Espiritismo? Nesse caso, ele é mais poderoso que a Igreja. Se os indiferentes se ligam a ele de preferência, é que, aparentemente, o que ele dá lhes convém mais.

“Para que os homens de pouca fé não se escandalizem lendo as doutrinas de *O Livro dos Espíritos*, e não creiam, um só instante, que elas estejam em harmonia com todos os cultos e com todas as crenças, inclusive a fé católica, como pretende Allan Kardec, nós lhes lembraremos que as Escrituras Santas as condenam como loucura, dizendo pela boca do Eclesiastes: ‘As adivinhações, os augúrios e os sonhos são coisas vãs, e o coração sofre essas quimeras; todas as vezes que não forem enviados pelo Altíssimo, desconfiai deles; porque os sonhos entristecem os homens e os que neles se apóiam são caídos.’ (Ecles., 36:5, 7.)²²

“Jesus-Cristo censura os seus discípulos por terem acreditado na visão de um fantasma, ao vê-lo andar sobre as águas, e não quer que se assegurem disto senão pelos sinais que lhes dá da realidade de sua pessoa. (Lucas, 24:39.)

22 **N. do T.:** Capítulo inexistente (36) em Eclesiastes. O espírito dessa passagem bíblica, embora sem corresponder exatamente à letra, pode ser encontrado em Jeremias, 27:9.

“Como intérpretes da palavra divina, a Igreja e os Santos Pais têm repellido constantemente esses meios enganadores, pelos quais se crê que os Espíritos se comunicam com os homens, e a razão esclarecida também os repele, pois, compreendendo que, por si só e sem o auxílio da fé, ela não pode abarcar as coisas nem as verdades que se referem ao passado na ordem sobrenatural. Como poderia atingir, por si mesma, num estado de transporte ou arrastada por uma imaginação ardente, aquilo que só se pode verificar de uma maneira, num lugar e em circunstâncias imprevistas?”

“Se, pois, em outras ocasiões, elevamos a voz contra esse materialismo ímpio e essa incredulidade sistemática, que nega a imortalidade da alma separada do corpo nos diferentes estados aos quais a divina justiça a destina para a eternidade, hoje nos vemos obrigados a protestar contra essa comunicação ativa, atribuída à evocação dos mortos, que pretende revelar o que só é perceptível à infinita penetração divina.

“Meus irmãos e meus diletos filhos, não vos deixeis arrastar por estas fábulas vãs, que encerram os erros e as preocupações dos povos bárbaros e ignorantes, e todas as invenções absurdas das criaturas cujo espírito, enfraquecido pela falta da verdadeira fé e pela superstição, abjuram a religião revelada pelo filho de Deus, degrada a razão humana e afasta a pureza da alma. Longe de nossos bem-amados diocesanos e, sobretudo, desses leitores, tidos, com justa razão, como esclarecidos e civilizados, de acreditarem nesses contos de sonhadores, tais como Allan Kardec, homens de imaginação exaltada e delirante! Longe de vós, pois, essa crença anticristã, que faz saírem dos túmulos os fantasmas, os Espíritos errantes; longe de vós essa superstição introduzida em nossa religião pelos pagãos convertidos ao Cristianismo, e que os escritos de seus sábios apologistas logo expulsaram.”

Observação – Os espíritas jamais fizeram os fantasmas saírem dos túmulos, e isto por uma razão muito simples: nos túmulos só existem os despojos mortais, que se destroem e não ressuscitam. Os Espíritos estão por toda parte no espaço, felizes por estarem livres e desembaraçados do corpo que os fazia sofrer, razão pela qual não se prendem aos seus restos, deles se afastando, em vez de o buscarem. O Espiritismo sempre repeliu a idéia de que as evocações fossem mais fáceis junto aos túmulos, de onde não se pode fazer sair o que lá não está. Só no teatro se vêem estas coisas.

“Tende cuidado para que vossos filhos, levados pela curiosidade juvenil, não leiam semelhantes produções e não se impressionem com as suas figuras, que têm feito perder o bom-senso a um bom número de pessoas, que hoje gemem nas casas de alienados, vítimas do Espiritismo.

“Envidai todos os esforços, meus filhos e meus irmãos, para conservar pura a doutrina que nos ensina o divino Mestre. Confiai e buscai apoio unicamente na sua santa palavra, no que concerne ao vosso futuro. E sabendo que é à Providência divina, sempre sábia, que cabe conduzir o homem através das vicissitudes desta vida, para experimentar a sua fé e avivar a sua esperança, sem querer sondar vossa sorte futura, buscai assegurá-la por meio das boas obras; são elas que certificam a vossa vocação de filhos de Deus, chamados à herança do Pai Celeste.”

Observação – Em vez de interferir na curiosidade dos filhos, não se estaria estimulando a dos pais, que esta pastoral não deixa de suscitar? Quanto à loucura, é sempre a mesma história, que começa a ser singularmente usada, e cujo resultado não foi mais feliz que o dos supostos fantasmas. Como são feitas experiências de todos os lados, ainda mais na intimidade das famílias do que em público, e encontrando-se os médiuns por toda parte, em todas as camadas da sociedade e em todas as idades, cada um saberá informar-se quanto ao verdadeiro estado de coisas; é por isto que os esforços feitos para desfigurar o Espiritismo não dão resultado. O número daqueles que falsas alegações conseguem ludibriar é muito fraco e, destes, querendo ver por si mesmos, muitos reconhecem a verdade. Como persuadir uma multidão de que é noite, quando todos podem ver que é dia claro? Esta faculdade de controle prático, dada a todos, é um dos caracteres especiais do Espiritismo; é o que constitui a sua força.

Já não se dá o mesmo com as doutrinas puramente teóricas, que podem ser combatidas pelo raciocínio. O Espiritismo baseia-se em fatos e observações que, incessantemente, cada um tem à mão.

Toda a argumentação do Sr. bispo de Barcelona assim se resume: As manifestações dos Espíritos são fábulas, imaginadas pelos incrédulos para destruir a religião; só se deve crer no que dizemos, porque somente nós estamos de posse da verdade; não examineis nada além, a fim de não serdes seduzidos.

“Para prevenir os perigos aos quais poderíeis sucumbir, e tendo em vista a autoridade divina que nos foi dada para vo-los assinalar e deles vos afastar, de conformidade com a faculdade que nos é reconhecida pelo artigo 3º da última concordata, e de acordo com o que foi previsto pelos cânones sagrados e as leis do reino, relativas aos erros que temos assinalado e combatido, condenamos *O Livro dos Espíritos*, traduzido em espanhol sob o título de *El Libro de los Espíritus*, de Allan Kardec, como incurso nos artigos 8º e 9º da ordenação promulgada em virtude da prescrição, para este efeito, do concílio de Trento. Proibimos a sua leitura a todos os nossos diocesanos, sem exceção, e lhes ordenamos que entreguem a seus curas os respectivos exemplares que lhes caírem nas mãos, para que nos sejam enviados com a máxima segurança possível.

“Dado em nossa santa visita de Mataro, a 27 de julho de 1864.”

Pantaleão, bispo de Barcelona,
Por ordem de S. E. S. monsenhor bispo,
Don Lazaro Bauluz, *secretário*

A proibição feita pelo bispo de Barcelona a todos os seus diocesanos, sem exceção, de se ocuparem do Espiritismo, é plagiada na do bispo de Argel. Duvidamos muito que ela tenha mais sucesso, embora seja na Espanha, porquanto nesse país, como alhures, as idéias fermentam, mesmo sob o abafador e, talvez, por causa do abafador, que as mantém em estufa quente. O auto-de-fé

de Barcelona apressou a sua eclosão. O efeito visado dessa solenidade aparentemente não correspondeu à expectativa, desde que não o repetiram; mas a execução, que já não ousam fazer em público, querem fazê-la em particular. Convidando seus administrados a lhe remeter todos os livros espíritas que lhes caírem à mão, monsenhor Pantaleão certamente não teve em vista colecioná-los. Ele lhes interdita evocar os Espíritos, o que é um direito seu; mas em sua pastoral esqueceu uma coisa essencial: proibir que os Espíritos entrem na Espanha.

Ele se admira de que o Espiritismo crie raízes tão facilmente no século dezenove. Devem admirar-se ainda mais de ver neste século a ressuscitação de usos e costumes da Idade Média. E, o que é mais surpreendente ainda, é que se encontrem pessoas, aliás instruídas, que compreendem tão pouco a natureza e a força da idéia, para crer que se lhe possa deter o caminho, como se retém um fardo de mercadorias na fronteira.

Vós vos queixais, monsenhor, de que os incrédulos e os indiferentes fiquem surdos à voz dos pastores da Igreja, ao passo que se submetem à do Espiritismo. É que eles são mais tocados pelas palavras de caridade, de encorajamento e de consolação do que pelos anátemas. Crêem reconduzi-los por imprecensões, como a pronunciada ultimamente pelo abade de Villemayor-de-Ladre, contra um pobre mestre-escola que se atreveu a contrariá-lo? Eis esta fórmula canônica, relatada pela *Correspondência* de Madrid, de junho de 1864, junto à qual a famosa imprecensão de Camille é quase doçura. O poeta colocou-a na boca de uma pagã, mas não se atreveu a pô-la na de uma cristã.

“Maldito seja Auguste Vincent; malditas as roupas que o cobrem, a terra em que pisa, a cama onde dorme, a mesa em que come; malditos sejam o pão e todos os outros alimentos de que se nutre, a fonte onde bebe e todos os líquidos que toma.

“Que a terra se abra e ele seja enterrado neste momento; que tenha Lúcifer à sua direita. Ninguém possa falar com ele, sob pena de serem todos excomungados, mesmo para lhe dizer adeus; malditos sejam também seus campos, sobre os quais não cairá mais água, para que nada lhe produzam; maldita seja a água em que ele monta, a casa em que mora e as propriedades que possui.

“Malditos também sejam seus pais, os filhos que tem ou tiver, que serão em pequeno número e maus; eles irão mendigar e ninguém lhes dará esmola; e, se lhas derem, que não a possam comer. Ainda mais: que sua mulher fique viúva agora, seus filhos órfãos e sem pai.”

É bem num templo cristão que se fizeram ouvir tão horríveis palavras? É bem um ministro do Evangelho, um representante de Jesus-Cristo que as pronunciou? que, por uma injúria pessoal, vota um homem à execração de seus semelhantes, a danação eterna e a todas as misérias da vida, ele, seu pai, sua mãe, seus filhos presentes e futuros, e tudo o que lhe pertence? Jesus jamais utilizou semelhante linguagem, ele que orava por seus algozes e que disse: “Perdoai aos vossos inimigos”; que diariamente nos faz repetir, na Oração Dominical: “Senhor, perdoai nossas ofensas, assim como perdoamos aos que nos têm ofendido.” Quando pronuncia a maldição contra os escribas e fariseus, chama sobre estes a cólera de Deus? Não; mas lhes prediz as desgraças que os aguardam.

E vos admirais, monsenhor, dos progressos da incredulidade! Antes vos deveríeis admirar de que, em pleno século dezenove, a religião do Cristo seja tão mal compreendida pelos que são encarregados de ensiná-la. Não fiquéis, pois, surpreso se Deus envia seus Espíritos bons para lembrarem o sentido verdadeiro de sua lei. Eles não vêm para destruir o Cristianismo, mas para libertá-lo das falsas interpretações e dos abusos que nele introduziram os homens.

Instruções dos Espíritos

OS ESPÍRITOS NA ESPANHA

(Barcelona, 13 de junho de 1864 – Médiun: Sra. J.)

Venho junto a vós para que tenhais a bondade de me recomendar a Deus em vossas preces, porque sofro e desejo que as caridosas almas encarnadas tenham compaixão de um pobre Espírito que pede perdão a Deus. Por muito tempo entreguei-me ao mal; hoje, porém, venho dizer aos Espíritos que o fazem: Cessai, almas impuras, as vossas iniquidades; cessai de ser incrédulas e de levar uma vida errante, tal qual a vossa; cessai de fazer o mal, porque Deus diz aos Espíritos bons: “Ide e purificai essas almas perversas, que jamais conheceram o bem; é preciso que cesse o mal, porque estão próximos os tempos em que a Terra deve ser melhorada. Para que ela seja melhor, é preciso que as almas maculadas, que diariamente vêm povoá-la, se purifiquem, a fim de habitar novamente a Terra, melhores e mais caridosas.”

É o que disse Deus a seus Espíritos bons. E eu, que era um dos mais cruéis na obsessão, hoje venho dizer aos que fazem o que eu fazia: Almas transviadas, segui-me; pedi perdão a Deus e a essas almas puras que vos estendem o braço; implorai, e Deus vos perdoará; mas perdoai também, e arrependei-vos. O perdão é tão doce! Ah! se o conhecêsseis, não demoraríeis um instante em vos retirardes do lodaçal do mal onde vos atolais; voaríeis imediatamente aos braços dos anjos que estão junto de vós. Cessai, cessai, irmãos, arrependei-vos.

Meus amigos, permiti que eu vos dê esse nome, embora não me conheçais. Sou um desses Espíritos que tudo fizeram, exceto o bem; mas a cada pecado, misericórdia; e, já que Deus me concede o perdão e os anjos me chamam de irmão, espero que vós, que praticais a caridade, orareis por mim, pois tenho de passar por provas muito duras; mas elas são merecidas.

P. – Há muito tempo que enveredaste pelo bem?

Resp. – Não, meus amigos; há pouco tempo, pois sou o Espírito obsessão da menina de Marmande. Sou Jules; venho pedir às almas caridosas que orem por mim e dizer aos meus antigos companheiros: “Parai! Não façais mais mal, porque Deus perdoa aos pecadores arrependidos; arrependei-vos e sereis absolvidos. Venho trazer-vos as palavras de paz; recebi do anjo aqui presente o santo batismo, como eu o recebi.”

Eu vos deixo, caros amigos, recomendando não me esqueçais em vossas boas preces. Adeus.

Jules

Tendo perguntado ao Espírito se o da Pequena Cárita, sua protetora, o acompanhava, respondeu afirmativamente. Pedimos a esse Espírito bom que dissesse algumas palavras a respeito das obsessões que há tanto tempo combatemos. Eis o que nos disse:

“Meus amigos, as obsessões que atormentam essas pobres almas encarnadas são muito dolorosas, sobretudo para os médiuns, que desejam servir-se de suas faculdades para fazer o bem, e não o podem, porque Espíritos malvados se abateram sobre eles e não lhes dão paz; mas é preciso esperar que essas obsessões cheguem a seu termo. Orai muito, pedi a Deus, a própria bondade, se digne abreviar vossos sofrimentos e vossas provações. Evocai, almas queridas, esses Espíritos transviados; orai por eles; moralizai-os; pedi conselhos aos Espíritos bons. Estais bem acompanhados; não tendes junto a vós diversas dessas almas etéreas, que velam por vós, vos protegem e procuram fazer-vos progredir, a fim de que chegueis perto de Deus? Nisto está a sua tarefa; trabalham incessantemente para vos preparar o caminho, que jamais acaba. Se não estais libertos, meus caros amigos, talvez ainda não estejais bastante purificados para a tarefa que vos impusestes. Escolheste

livremente a vossa provação e deveis vos esforçar por levá-la a bom termo, porque os Espíritos vos guiam e vos sustentam para vos ajudar a terminar a vida terrestre santamente, depurando-vos pela expiação do sofrimento e pela caridade.

“Adeus, caros amigos. Deixo-vos, pedindo a Deus por vós e por esses pobres obsedados e lhe peço que sejais sempre protegidos pelos Espíritos purificados do vosso grupo. (Vide a *Revista* de fevereiro, março e junho de 1864: Cura da jovem obsedada de Marmande).”

Pequena Cárta

Eis dois Espíritos que violaram a ordem e transpuseram os Pirineus sem permissão, não levando em conta a pastoral do monsenhor Pantaleão e, mais ainda, sem terem sido chamados ou evocados. É verdade que a pastoral ainda não tinha aparecido; agora veremos se eles serão menos audaciosos. Poder-se-ia dizer que, se não os chamaram nessa reunião, estavam habituados a fazê-lo em outras e que, encontrando a porta aberta, aproveitaram para entrar; mas não tardará, se é que já não o fizeram, a vê-los se introduzirem, lá como alhures, como em Poitiers, por exemplo, entre pessoas que jamais ouviram falar de Espiritismo e mesmo entre os que, escrupulosos observadores da pastoral, lhes fechem a entrada de suas casas, a despeito dos manda-chuvas.

Já que tais Espíritos se permitiram essa afronta, perguntaremos ao Sr. bispo o que há de ridículo no fato e onde o *cinismo imundo* que, em sua opinião, é fruto do Espiritismo: uma jovem de Marmande, que nem ela, nem os pais pensavam nos Espíritos, que, talvez, nem neles acreditassem, é acometida, de um ano para cá, de uma doença terrível, bizarra, ante a qual a Ciência é impotente. Alguns espíritas crêem reconhecer a ação de um Espírito mau; tentam sua cura sem medicamentos, pela prece e pela

evocação desse Espírito mau. Em cinco dias, não só lhe restabelecem a saúde, mas conduzem o Espírito mau ao bem. Onde está o mal? onde o absurdo? Depois, esse mesmo Espírito vem a Barcelona, sem que o chamem, pedir preces para completar a sua purificação; dá-se como exemplo e exorta seus antigos companheiros a renunciarem ao mal; o Espírito bom que o acompanha prega a moral evangélica. Ainda aí, que há de ridículo e de imundo? O que é ridículo, dizeis, é acreditar na manifestação dos Espíritos. Mas, que são esses dois seres que acabam de comunicar-se? Um efeito da imaginação? Não, pois não pensavam neles, nem no fato de que acabam de falar. Quando tiverdes morrido, monsenhor, vereis as coisas de outro modo e rogaremos a Deus que vos esclareça, como fez com o vosso predecessor, hoje um dos protetores do Espiritismo em Barcelona.

Entre as comunicações por ele dadas à Sociedade Espírita de Paris, eis a primeira que, não obstante já publicada nesta *Revista*, será reproduzida para a edificação dos que não a conhecem (Vide a *Revista* de agosto de 1862: Morte do bispo de Barcelona; e, quanto aos detalhes do auto-de-fé, os números de novembro e dezembro de 1861).

“Auxiliado pelo vosso chefe espiritual (São Luís) pude vir ensinar-vos com o meu exemplo e vos dizer: Não repilais nenhuma das idéias anunciadas, porque um dia, um dia que durará e pesará como um século, essas idéias amontoadas clamarão como a voz do anjo: Caim, que fizestes de teu irmão? Que fizestes de nosso poder, que devia consolar e elevar a Humanidade? O homem que voluntariamente vive cego e surdo de espírito, como outros o são do corpo, sofrerá, expiará e renascerá para recomeçar o labor intelectual que a sua preguiça e o seu orgulho o levaram a evitar; e essa voz terrível me disse: Queimaste as idéias, e as idéias te queimarão. Orai por mim. Orai, porque é agradável a Deus a prece que lhe é dirigida pelo perseguido em benefício do perseguidor.

“Aquele que foi bispo e que não passa de um penitente.”

Os Espíritos não se detêm em Barcelona; Madri, Cadiz, Sevilha, Múrcia e muitas outras cidades recebem suas comunicações, às quais deu o auto-de-fé um novo impulso, aumentando o número de adeptos. Sem ter o dom de profecia, podemos dizer com certeza que, em menos de meio século, toda a Espanha será espírita.

[Múrcia (Espanha), 28 de junho de 1864]

Pergunta a um Espírito protetor – Poderíeis falar do estado das almas encarnadas em mundos superiores ao nosso?

Resposta – Como ponto de comparação com o vosso, tomo um mundo sensivelmente mais adiantado, onde a crença em Deus, na imortalidade da alma, na sucessão das existências para alcançar a perfeição, são outras tantas verdades reconhecidas e compreendidas por todos, onde a comunicação dos seres corpóreos com o mundo oculto é, por isso mesmo, muito fácil. Ali os seres são menos materiais que em vossa Terra, e não se acham sujeitos a todas as necessidades que vos pesam; formam a transição entre os corpóreos e os incorpóreos. Lá não há barreiras separando os povos, nem guerras; todos vivem em paz, praticando entre si a caridade e a verdadeira fraternidade; as leis humanas ali são inúteis; cada um traz consigo a consciência, que é o seu tribunal. O mal é raro e mesmo esse mal seria quase o bem para vós. Em relação a vós eles seriam perfeitos, mas ainda estão bem longe da perfeição divina; necessitam, ainda, de várias encarnações em diversos orbes, para completarem a purificação. Aquele que na Terra vos parece perfeito seria considerado como um revoltado e um criminoso no mundo de que vos falo. Vossos grandes sábios ali seriam os últimos ignorantes.

Nos mundos superiores as produções da Natureza nada têm de comum com as do vosso globo; tudo ali é apropriado à

organização menos material dos habitantes. Não é pelo suor do rosto e pelo trabalho manual que tiram o alimento. O solo produz naturalmente o que lhes é necessário. Contudo não estão inativos, mas suas ocupações são bem diferentes das vossas. Não tendo que prover às necessidades do corpo acodem às do Espírito; compreendendo cada um por que foi criado, estão positivamente seguros de seu futuro e trabalham sem trégua o seu próprio melhoramento e a purificação de sua alma.

Ali a morte é considerada um benefício. O dia em que a alma deixa o seu invólucro é um dia feliz. Sabe-se aonde se vai; passa-se primeiro, para ir mais longe esperar os pais, os amigos e os Espíritos simpáticos, deixados para trás.

Terra de paz, morada feliz, onde as vicissitudes da vida material são desconhecidas, onde a tranqüilidade da alma não é perturbada pela ambição, nem pela sede de riquezas, felizes os que te habitam! Eles alcançam o fim que perseguem há tantos séculos; vêem, sabem, compreendem; regozijam-se em pensar no futuro que os espera e trabalham com mais ardor para chegar mais prontamente.

Um Espírito protetor

Esta comunicação nada oferece que já não tenha sido dito sobre os mundos adiantados; mas não é menos interessante ver a concordância que se estabelece no ensino dos Espíritos nos diversos pontos do globo. Com tais elementos, como não se haveria de dar a unidade da doutrina?

Até agora, estando constituídos os pontos fundamentais da doutrina, os Espíritos têm pouca coisa nova a dizer; não os podem senão repetir em outros termos, desenvolver e comentar os mesmos assuntos, o que estabelece certa uniformidade em seus ensinamentos. Antes de abordar novas questões, deixam às que estão resolvidas o tempo de se identificarem com o

pensamento. Mas, à medida que o momento é propício para dar um passo à frente, vemo-los abordar novos assuntos que, mais cedo, teriam sido prematuros.

Conversas de Além-Túmulo

UM ESPÍRITO QUE SE JULGA MÉDIUM

A Sra. Gaspard, amiga da Sra. Delanne, era uma fervorosa espírita; seu pesar era não ser médium; teria desejado sobretudo ser médium vidente. Desde longa data sofria muito de um aneurisma. Em 2 de julho último, durante a noite, a ruptura desse aneurisma provocou-lhe a morte súbita. A Sra. Delanne ainda não tinha sido informada do evento quando, de dia, ouviu pancadas em diversas partes do quarto; a princípio não prestou grande atenção, mas a persistência dos golpes fez pensasse que algum Espírito queria comunicar-se. Como é excelente médium, tomou do lápis e escreveu o que se segue:

Oh! boa Sra. Delanne, como me fizestes esperar! Corri para vos contar minha nova faculdade: sou médium vidente. Vi meu caro Emílio, minhas crianças, todos, minha mãe, a mãe do Sr. Gaspard. Oh! como ele vai sentir-se feliz quando souber! Obrigado meu Deus, por tão grande favor!

P. – Sois vós mesma, Sra. Gaspard, que me falais neste momento?

Resp. – Como! não me vedes? Há muito tempo estou perto de vós. Estava impaciente porque não me respondíeis. Vamos! vireis, não? Agora é a vossa vez. E, depois, isto vos fará bem; iremos passear, agora que me sinto bem. Oh! como se é feliz, ao rever aqueles a quem se ama! Foi o que me curou. Como o bom Deus é bom e como cumpre suas promessas quando se é fiel aos seus mandamentos! – Hem, meu Emílio! e dizer que meu pobre pai ainda vai falar que estou louca! Isso não tem importância; mesmo

assim lho direi. – Vamos partir? É preciso levar vossa mãe, pois isto lhe fará bem. Pobre mulher! ela tem um ar tão bom!

P. – Vamos partir, Sra. Gaspard; eu vos sigo. Vamos mesmo à vossa casa em Châtillon? Dizei-me o que vedes ou, melhor, o que lá se passa no momento.

Resp. – Coisas singulares!

Dito isto, o Espírito se foi e a Sra. Delanne nada mais pôde obter.

Para a compreensão desta última parte da comunicação, diremos que, desde algum tempo, as duas amigas haviam planejado um passeio na casa de campo da Sra. Gaspard, em Châtillon. Surpreendida por uma morte súbita, a Sra. Gaspard não se dá conta de sua posição e ainda se julga viva; como vê os Espíritos que lhe são caros, imagina haver-se tornado vidente; é uma particularidade notável da transição da vida corpórea à vida espiritual. Além disso, achando-se livre do sofrimento, a Sra. Gaspard crê-se curada e vem renovar seu convite à Sra. Delanne. Contudo, nela as idéias são confusas, pois vem avisá-la por meio de golpes em torno dela, sem compreender que não seria advertida desta maneira se estivesse viva.

A Sra. Delanne logo compreende a singularidade da posição, mas, não lhe querendo tirar as ilusões, a convida a ver o que se passa em Châtillon. O Espírito para ali se transporta e talvez tenha sido chamado à realidade por alguma circunstância imprevista, já que exclama: “Coisas singulares!”, e interrompe a comunicação.

Aliás, a ilusão durou pouco. A partir do dia seguinte a Sra. Gaspard já estava completamente desprendida e ditou excelente comunicação, dirigida ao marido e aos amigos, congratulando-se por haver conhecido o Espiritismo, que lhe proporcionara uma morte isenta das angústias da separação.

Estudos Morais

UMA FAMÍLIA DE MONSTROS

Escrevem de Brunswick ao *Pays*:

“Uma camponesa das cercanias de Lutter acaba de dar à luz uma criança com todas as aparências de um macaco, pois seu corpo é quase inteiramente coberto de pelos negros e cerrados, e nem mesmo o rosto está isento dessa estranha vegetação.

“Casada há doze anos, e embora admiravelmente conformada, essa infeliz senhora ainda não deu à luz um só filho que não fosse acometido de enfermidades mais ou menos horríveis.

“Sua filha mais velha, de dez anos, é completamente corcunda e a fisionomia parece copiada, traço por traço, da de Polichinelo. Seu segundo filho é um menino de sete anos; ele é aleijado das pernas. O terceiro, que vai completar cinco anos, é surdo-mudo e idiota. Enfim a quarta, de dois anos e meio, é completamente cega.

“Qual pode ser a causa desse estranho fenômeno? Eis um ponto que a Ciência deve esclarecer.

“O pai é um homem perfeitamente constituído e tem todas as aparências da mais robusta saúde e nada pode explicar a espécie de fatalidade que pesa sobre a sua raça.”

(*Moniteur* de 29 de julho de 1864)

“Eis um ponto”, diz o jornal, “que a Ciência deve esclarecer.” Há muitos outros pontos diante dos quais a Ciência fica impotente, sem contar os de Morzine e de Poitiers. A razão disto é muito simples: é que ela se obstina em buscar as causas

apenas na matéria, só levando em conta as leis que conhece. A respeito de certos fenômenos ela está na posição em que se encontraria se não tivesse saído da física de Aristóteles, se tivesse desconhecido a lei da gravitação ou a da eletricidade. Por onde esteve a religião, quando desconhecia a lei do movimento dos astros? Onde estão ainda hoje os que desconhecem a lei geológica da formação do globo?

Duas forças partilham o mundo: o Espírito e a matéria. O Espírito tem as suas leis, como a matéria tem as dela. Ora, reagindo incessantemente uma sobre a outra, resulta que certos fenômenos materiais têm como causa a ação do Espírito e que umas não podem ser perfeitamente compreendidas se as outras não forem levadas em conta. Fora das leis tangíveis há uma outra que desempenha no mundo um papel capital: a que estabelece as relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Quando a Ciência reconhecer a existência desta lei, nela encontrará a solução de uma multidão de fenômenos, contra os quais se choca inutilmente.

As monstruosidades, como todas as enfermidades congênicas, por certo têm uma causa fisiológica, que é da alçada da ciência material; mas, supondo que esta venha descobrir o segredo desses desvios da Natureza, restará sempre o problema da causa primeira e a conciliação do fato com a justiça de Deus. Se a Ciência disser que isto não lhe concerne, o mesmo não poderá dizer a religião. Quando a Ciência demonstra a existência de um fato, incumbe à religião o dever de aí procurar a prova da soberana sabedoria. Alguma vez já terá ela sondado, do ponto de vista da divina equidade, o mistério dessas existências anômalas? dessas fatalidades que parecem perseguir certas famílias, sem causas atuais conhecidas? Não, porque sente a sua impotência e se apavora com essas questões perigosas para seus dogmas absolutos. Até agora tinham aceitado o fato sem ir mais longe; mas hoje pensam, refletem, querem saber; interrogam a Ciência, que procura nas

fibras e fica muda; interrogam a religião, que responde: Mistério impenetrável!

Pois bem! o Espiritismo vem desvendar esse mistério e dele fazer sair a deslumbrante justiça de Deus; prova que essas almas deserdadas desde o nascimento neste mundo já viveram e expiam, em corpos diferentes, suas faltas passadas. A observação o demonstra e a razão diz, porquanto não se poderia admitir que fossem castigadas ao sair das mãos do Criador, quando ainda nada haviam feito.

Tudo bem, dirão, para o ser que nasce assim. Mas, e os pais? essa mãe que dá à luz seres desgraçados? que é privada da alegria de ter um único filho que lhe faça honra e que possa mostrar com orgulho? A isto responde o Espiritismo: Justiça de Deus, expiação, provação para sua ternura materna, pois é uma prova bem grande só ver em torno de si, pequenos monstros, em vez de crianças graciosas. E acrescenta: Não há uma só infração às leis de Deus que, mais cedo ou mais tarde, não tenha suas funestas conseqüências, na Terra ou no mundo dos Espíritos, nesta ou numa vida seguinte. Pela mesma razão, não há uma só vicissitude da vida que não seja a conseqüência e a punição de uma falta passada, e assim será para cada um, enquanto não se tiver arrependido, expiado e reparado o mal que fez; retorna à Terra para expiar e reparar; cabe a ele melhorar-se bastante para a ela não mais voltar *como condenado*. Muitas vezes Deus se serve daquele que é punido para punir outros; é assim que os Espíritos dessas crianças, como punição, devendo encarnar em corpos disformes, são, sem o saber, instrumentos de expiação para a mãe que os deu à luz. Essa justiça distributiva, proporcionada à duração do mal, é preferível à das penas eternas, irremissíveis, que fecham a todos, e para sempre, o caminho do arrependimento e da reparação.

Lido o fato acima na Sociedade Espírita de Paris, como assunto de estudo filosófico, um Espírito deu a seguinte explicação:

(Sociedade de Paris, 29 de julho de 1864)

Se pudésseis ver as forças ocultas que fazem mover o vosso mundo, compreenderíeis como tudo se encadeia, das menores às maiores coisas; compreenderíeis, sobretudo, a ligação íntima que existe entre o mundo físico e o mundo moral, esta grande lei da Natureza; veríeis a multidão de inteligências que presidem a todos os fatos e os utilizam para que sirvam à realização dos propósitos do Criador. Suponde-vos um instante ante uma colméia, cujas abelhas fossem invisíveis; o trabalho que veríeis realizar-se diariamente vos causaria admiração e, talvez, exclamásseis: Singular efeito do acaso! Pois bem! realmente estais em presença de um ateliê imenso, conduzido por inumeráveis legiões de operários, para vós invisíveis, dos quais uns não passam de trabalhadores manuais, que obedecem e executam, enquanto outros comandam e dirigem, cada um em sua esfera de ação, proporcionada ao seu desenvolvimento e ao seu adiantamento e, assim, pouco a pouco, até a vontade suprema, que tudo impulsiona.

Assim se explica a ação da Divindade nos mais insignificantes detalhes. Como os soberanos temporais, Deus tem seus ministros, e estes, agentes subalternos, engrenagens secundárias do grande governo do Universo. Se, num país bem administrado, o último casebre sente os efeitos da sabedoria e da solicitude do chefe de Estado, como não deve a infinita sabedoria do Altíssimo estender-se aos menores detalhes da Criação!

Não creiais, pois, que essa mulher, de que acabais de falar, seja vítima do acaso ou de uma cega fatalidade. Não; o que lhe acontece tem sua razão de ser – ficai bem convencidos. Ela é castigada em seu orgulho; desprezou os fracos e os enfermos; foi dura para com os seres caídos em desgraça, dos quais desviava os olhos com repulsa, em vez de envolvê-los num olhar de comiseração; envaideceu-se da beleza física de seus filhos, à custa de mães menos favorecidas; mostrava-os com orgulho, porque aos

seus olhos a beleza do corpo tinha mais valor que a beleza da alma; assim, neles desenvolveu vícios, que lhes retardaram o avanço, em vez de desenvolver as qualidades do coração. É por isso que Deus permitiu que, em sua existência atual, ela só tivesse filhos disformes, a fim de que a ternura maternal a ajudasse a vencer sua repugnância pelos infelizes. Para ela isto é uma punição e um meio de adiantamento; mas nessa própria punição brilham, ao mesmo tempo, a justiça e a bondade de Deus, que castiga com uma das mãos, mas incessantemente dá ao culpado, com a outra, os meios de se resgatar.

Um Espírito protetor

Variedades

SUICÍDIO FALSAMENTE ATRIBUÍDO AO ESPIRITISMO

O *Moniteur* de 6 de agosto estampa o seguinte artigo, que o *Siècle* reproduziu no dia seguinte:

“Ontem, quinta-feira, às duas horas da tarde, um jovem de apenas dezenove anos, filho de um médico, suicidou-se em seu domicílio, na Rua dos Mártires, com um tiro de pistola na boca.

“A bala fraturou-lhe a cabeça. A morte, porém, não foi instantânea: conservou a razão por alguns momentos e, às perguntas que lhe eram feitas, respondia que, salvo o desgosto que ia causar ao pai, não sentia nenhum pesar pelo que havia feito. Depois foi tomado de delírio e, a despeito dos cuidados de que o rodearam, morreu na mesma noite, depois de uma agonia de cinco horas.

“Dizem que desde algum tempo esse infeliz rapaz nutria idéias de suicídio, presumindo-se, *com ou sem razão*, que o estudo do Espiritismo, ao qual se entregara com ardor, não tinha sido estranho à sua fatal resolução.”

Por certo esta notícia fará o seu passeio nos jornais, como outrora a dos quatro supostos loucos de Lyon, repetida cada vez com o acréscimo de um zero, tamanha a avidez com que os nossos adversários buscam as ocasiões para criticar o Espiritismo. A verdade não tarda a ser conhecida, mas, que importa! espera-se que de uma pequena calúnia espalhada, sempre reste alguma coisa. Sim, dela algo resta: uma mancha sobre os caluniadores. Quanto à Doutrina, não se nota que tenha sofrido por isto, já que prossegue sua marcha ascendente.

Nossos cumprimentos ao diretor do *Avenir*, Sr. d'Ambel, por seu empenho em informar-se da verdadeira causa do acontecimento. Eis o que diz ele a respeito, no número de 11 de agosto de 1864:

“Confessamos que a leitura dessa pasquinada mergulhou-nos na mais profunda estupefação. É impossível não protestar contra a leviandade com que o órgão oficial acolheu semelhante acusação. O *Espiritismo* é completamente estranho ao ato desse moço infeliz. Nós, que somos vizinhos do local do sinistro, sabemos perfeitamente que tal não foi a causa desse espantoso suicídio. É com a maior reserva que devemos indicar a verdadeira causa dessa catástrofe. Mas, enfim, a verdade é a verdade, e nossa doutrina não pode permanecer sob o golpe de tal imputação.

“Desde muito tempo esse jovem, que apresentam como ardoroso estudioso de nossa doutrina, tinha fracassado várias vezes nos *exames de proficiência exigidos ao fim do curso secundário*²³. O estudo lhe era tão antipático quanto a profissão paterna; em breve ele deveria submeter-se a novo exame. Mas foi em consequência de uma viva discussão com o pai que, temendo ser reprovado mais uma vez, tomou e executou a fatal resolução.

23 N. do T.: Grifos nossos. No original: *baccalauréat*.

“Acrescentamos que se realmente tivesse conhecido o *Espiritismo*, nossa doutrina o teria detido na queda fatal, ao mostrar-lhe todo o horror que nos inspira o suicídio e todas as conseqüências terríveis que tal crime arrasta consigo. (Vide *O Livro dos Espíritos*, pág. 406 e seguintes).”

Notas Bibliográficas

PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS

Pelo Sr. Camille Flammarion

Nossos leitores se lembram de uma brochura, sob o mesmo título, publicada pelo Sr. Flammarion, da qual demos notícia, com o devido elogio que ela merece, na *Revista Espírita* de janeiro de 1863. O sucesso do opúsculo levou o autor a desenvolver a mesma tese numa obra mais completa, onde a questão é tratada com todos os desenvolvimentos que comporta, do ponto de vista da Astronomia, da Fisiologia e da Filosofia Natural.

Nesta obra é feita abstração do Espiritismo, do qual não se fala e, por isto mesmo, tanto se dirige aos incrédulos quanto aos crentes. Como, porém, a pluralidade dos mundos habitados se liga intimamente à Doutrina Espírita, é muito importante vê-la consagrada pela Ciência e pela Filosofia. Sob esse aspecto, a extraordinária e sábia obra tem seu lugar marcado na biblioteca dos espíritas.

É sob o mesmo ponto de vista, isto é, fora da revelação dos Espíritos, que será tratada a importante questão da *pluralidade das existências*, numa obra ora no prelo, editada pelos Srs. Didier & Cie. O nome do autor, conhecido no mundo científico, é uma garantia de que o seu livro estará à altura do assunto.

A VOZ DE ALÉM-TÚMULO

**Jornal do Espiritismo, publicado em Bordeaux,
sob a direção do Sr. Aug. Bez**

Eis a quarta publicação periódica espírita que aparece em Bordeaux, e que temos a satisfação de incluir nas reflexões que fizemos em nosso último número, sobre as publicações do mesmo gênero. De longa data conhecemos o Sr. Bez como um dos firmes sustentáculos da causa. Sua bandeira é a mesma que a nossa e temos fé em sua prudência e moderação. É, pois, mais um órgão que vem somar sua voz às que defendem os verdadeiros princípios da doutrina. Que seja bem-vindo!

Fomos informados de que em breve Marselha também terá o seu jornal espírita.

A multiplicação desses jornais especiais sugeriu-nos importantes reflexões em seu interesse, mas a falta de espaço obriga-nos a adiar o assunto para o próximo número.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

OUTUBRO DE 1864

Nº 10

O Sexto Sentido e a Visão Espiritual

ENSAIO TEÓRICO SOBRE OS ESPELHOS MÁGICOS

Dá-se o nome de *espelhos mágicos* a objetos, geralmente de reflexos brilhantes, tais como gelo, placas metálicas, garrafas, vidros, etc., nos quais certas pessoas vêem imagens que lhes projetam acontecimentos afastados, passados, presentes e, por vezes, futuros, e as põem em condição de responder às perguntas que lhes são dirigidas. O fenômeno não é excessivamente raro. Os espíritos fortes os tacham de crença supersticiosa, efeito da imaginação, charlatanismo, como tudo o que não podem explicar pelas leis naturais conhecidas; o mesmo se dá com todos os efeitos sonambúlicos e mediúnicos. Mas se o fato existe, sua opinião não poderia prevalecer contra a realidade, e se é mesmo forçado a admitir a existência de uma nova lei, ainda não observada.

Até agora não nos estendemos sobre este assunto, a despeito dos numerosos fatos que nos eram relatados, porque temos por princípio não afirmar senão o que podemos dar conta, já que é nosso hábito, tanto quanto possível, dizer o como e o porquê das coisas, isto é, juntar ao relato uma explicação racional.

Mencionamos o fato com o testemunho de pessoas sérias e respeitáveis; mas, admitindo a possibilidade do fenômeno e, mesmo, a sua realidade, ainda não tínhamos visto com suficiente clareza a que lei podia ligar-se para ficar em condições de dar-lhe uma solução. Daí por que nos abstivemos. Além disso, os relatos que tínhamos à vista podiam estar carregados de exagero; faltavam, sobretudo, certos detalhes de observação, os únicos que podem ajudar a fixar as idéias. Agora que vimos, observamos e estudamos, podemos falar com conhecimento de causa.

Inicialmente vamos relatar, de modo sumário, os fatos que testemunhamos. Não pretendemos convencer os incrédulos; queremos apenas tentar esclarecer um ponto ainda obscuro da ciência espírita.

Durante a excursão espírita que fizemos este ano, tendo ido passar alguns dias na casa do Sr. de W..., membro da Sociedade Espírita de Paris, no cantão de Berna, na Suíça, este último nos falou de um camponês das cercanias, torneiro de profissão, que goza da faculdade de descobrir fontes e de ver num copo as respostas às perguntas que lhe fazem. Para a descoberta das fontes, algumas vezes ele se transporta aos lugares, servindo-se da varinha usada em semelhantes casos; outras vezes, sem se deslocar, serve-se de seu copo e dá as indicações necessárias. Eis um notável exemplo de sua lucidez:

Na propriedade do Sr. de W... havia um conduto de águas muito extenso; mas, em razão de certas causas locais, acharam melhor que a captação da água fosse mais próxima. A fim de poupar, na medida do possível, escavações inúteis, o Sr. de W... recorreu ao descobridor de fontes. Este, sem deixar o seu quarto, lhe disse, olhando o seu copo: “No percurso dos tubos existe uma outra fonte; está a tantos pés de profundidade, abaixo do décimo quarto tubo, a partir de tal ponto.” A coisa foi encontrada tal qual ele o havia indicado. A ocasião era muito favorável para ser

aproveitada, no interesse de nossa instrução. Então fomos à casa desse homem, com o Sr. e a Sra. de W... e duas outras pessoas. Algumas informações por ele dadas não deixam de ser úteis.

Trata-se de um homem de sessenta e quatro anos, bem alto, magro, de boa saúde, embora aleijado e andando com dificuldade. É protestante, muito religioso e faz suas leituras habituais da Bíblia e de livros de preces. Sua enfermidade, conseqüente a uma doença, data da idade de trinta anos. Foi nessa época que a faculdade se lhe revelou. Diz que foi Deus que lhe quis dar uma compensação. Sua fisionomia é expressiva e alegre, o olhar vivo, inteligente e penetrante. Só fala o dialeto alemão da região e não entende uma palavra de francês. É casado e pai de família; vive do produto de alguns pedaços de terra e de seu trabalho pessoal, de modo que, sem estar folgado, não passa por necessidades.

Quando pessoas desconhecidas se apresentam em sua casa para o consultar, seu primeiro movimento é de desconfiança; perscruta de certo modo as suas intenções e, por pouco favorável que seja essa impressão, responde que só se ocupa de fontes e recusa qualquer experiência com o copo. Nega-se, sobretudo, a responder a perguntas que tenham por objetivo a cupidez, tais a busca de tesouros, as especulações arriscadas, ou a realização de algum propósito mau; numa palavra, a todas as que possam chocar a lealdade e a delicadeza. Diz que Deus lhe retiraria a faculdade, caso se ocupasse dessas coisas. Quando alguém lhe é apresentado por pessoas de conhecimento, ou desperte a sua simpatia, logo sua fisionomia se torna aberta e benevolente. Se o motivo pelo qual se o interroga for sério e útil, ele se interessa e condescende nas buscas; mas se as perguntas forem fúteis e de mera curiosidade, ou se a ele se dirigem como a um ledor de buena-dicha, não responde.

Graças à presença e à recomendação do Sr. de W... tivemos a felicidade de ser bem recebido por ele, não tendo senão que demonstrar satisfação pela sua cordial acolhida e boa vontade.

Esse homem revela a mais completa ignorância no que concerne ao Espiritismo; não tem a menor idéia dos médiuns, nem das evocações, das intervenções dos Espíritos ou da ação fluídica. Para ele, sua faculdade está nos nervos, numa força que não sabe explicar, nem jamais buscou compreender, porque, quando lhe pedimos que dissesse de que maneira via em seu copo, pareceu-nos que era a primeira vez que sua atenção era despertada para tal ponto. Isto, para nós, era coisa essencial; não foi senão depois de algumas perguntas sucessivas que chegamos a compreender ou, melhor, a destrinçar o seu pensamento.

Seu copo é um copo comum para água, vazio, mas é sempre o mesmo; só tem essa serventia e não deveria utilizar outro. Na previsão de um acidente, foi-lhe indicado onde podia encontrar outro copo para substituí-lo. Havendo conseguido um, guarda-o de reserva. Quando o interroga, segura-o na palma da mão e olha no seu interior; se o copo for colocado na mesa, nada vê. Quando fixa o olhar no fundo, parece que os olhos se velam por um instante, mas logo retomam seu brilho habitual; então, olhando alternativamente para o copo e para os interlocutores, fala como de costume, dizendo o que vê, respondendo às perguntas de maneira simples, natural e sem ênfase. Em suas experiências não faz invocação, não emprega sinais cabalísticos nem pronuncia fórmulas ou palavras sacramentais. Quando lhe fazem uma pergunta, ele concentra a atenção e a vontade no assunto proposto, olhando no fundo do copo, onde se formam instantaneamente as imagens das pessoas e das coisas relativas ao tema de que se ocupa. Quanto às pessoas, descreve-as do ponto de vista físico e moral, como o faria um sonâmbulo lúcido, de maneira a não deixar nenhuma dúvida quanto à sua identidade. Também descreve, com maior ou menor precisão, lugares que não conhece, destruindo, assim, a idéia de que aquilo que vê seja produto da sua imaginação. Quando disse ao Sr. de W... que a fonte estava a tantos pés abaixo do décimo quarto tubo, por certo não podia tomá-lo do seu próprio cérebro. Para se

tornar mais inteligível, ele se serve, em caso de necessidade, de um pedaço de giz, com o qual traça, na mesa, pontos, círculos, linhas de vários tamanhos, indicando as pessoas e os lugares de que fala, sua posição relativa, etc., de modo a não ter senão que as mostrar quando volta a elas, dizendo: É este que faz tal coisa, ou é em tal ponto que tal coisa se passa.

Certo dia uma senhora o interrogava quanto à sorte de uma mocinha, raptada por ciganos há mais de quinze anos, sem que, desde então, jamais tivessem tido notícias suas. Partindo, à maneira dos sonâmbulos, do local onde a coisa se dera, seguia os traços da menina que, dizia, via no copo, e que, segundo ele, tinha seguido pelas bordas de uma grande água, isto é, o mar. Afirmou que vivia e descreveu sua situação, sem, contudo, ser capaz de precisar o local de sua residência, pois ainda não havia chegado o momento de ser devolvida à sua mãe; que, antes, seria preciso se realizassem certas coisas que especificou, e que uma circunstância fortuita levasse a mãe a reconhecer a filha. A fim de melhor precisar a direção a seguir para encontrá-la, pediu que de outra vez lhe trouxessem uma carta geográfica. O mapa lhe foi mostrado em nossa presença, no dia de nossa visita; mas, porque não tivesse nenhuma noção de geografia, foi preciso explicar-lhe o que representava o mar, os rios, as cidades, as estradas e as montanhas. Então, pondo o dedo sobre o ponto de partida, indicou o caminho que levava ao lugar em questão. Embora houvesse decorrido algum tempo desde a primeira consulta, recordou-se perfeitamente de tudo quanto havia dito e foi o primeiro a falar da mocinha, antes mesmo que o interrogassem.

Como a questão ainda não fora esclarecida, nada podemos prejudicar quanto ao resultado de suas previsões. Diremos apenas que, em relação às circunstâncias passadas e conhecidas, ele tinha visto com total precisão. Citamos o caso apenas como exemplo de sua maneira de ver.

Pelo que nos respeita pessoalmente, também pudemos constatar a sua lucidez. Sem pergunta prévia e, mesmo, sem que pensássemos no caso, ele nos falou espontaneamente de uma afecção que nos faz sofrer há algum tempo, cujo termo fixou. E, coisa notável, esse termo é o mesmo indicado pela sonâmbula, Sra. Roger, que tínhamos consultado sobre o assunto, seis meses antes.

Ele não nos conhecia nem de vista, nem de nome; e embora lhe fosse difícil compreender a natureza dos nossos trabalhos, em razão de sua ignorância, indicou claramente, por meio de circunlóquios, imagens e expressões à sua maneira, o seu objetivo, as suas tendências e os resultados inevitáveis. Sobretudo este último ponto parecia interessá-lo vivamente, pois repetia sem cessar que a coisa deveria realizar-se, que a ela estávamos destinado desde o nascimento, e que nada se lhe poderia opor. Por si mesmo falou da pessoa chamada a continuar a obra depois da nossa morte, dos obstáculos que certos indivíduos procuravam lançar em nosso caminho, das rivalidades ciumentas e das ambições pessoais; designou de maneira inequívoca os que podiam utilmente nos secundar e aqueles dos quais devíamos desconfiar, voltando sempre sobre uns e outros com certa obstinação; por fim entrou em detalhes circunstanciados de perfeita justeza, tanto mais notáveis quanto a maioria deles não eram provocados por nenhuma pergunta, coincidindo, em todos os pontos, com as revelações muitas vezes feitas por nossos guias espirituais, para o nosso governo.

Esse gênero de pesquisas escapava totalmente dos hábitos e dos conhecimentos desse homem, como ele próprio o dizia. Várias vezes repetiu: “Digo aqui muitas coisas que não diria a outros, porque não compreenderiam; mas *ele* (designando-nos) me compreende perfeitamente.” Com efeito, havia coisas intencionalmente ditas em meias palavras, só inteligíveis para nós. Vimos no fato uma marca especial da benevolência dos Espíritos bons que, por esse meio novo e inesperado, quiseram

confirmar as instruções que nos haviam dado em outras circunstâncias e, ao mesmo tempo, oferecer-nos um assunto de observação e de estudo.

Para nós, está comprovado que este homem é dotado de uma faculdade especial e que, realmente, ele vê. Vê sempre certo? Esta não é a questão; basta que tenha visto muitas vezes para constatar a existência do fenômeno. A infalibilidade não é dada a ninguém na Terra, já que aqui ninguém goza da perfeição absoluta. Como vê ele? Eis o ponto essencial, que só pode ser deduzido pela observação.

Em conseqüência de sua falta de instrução e dos preconceitos do meio em que sempre viveu, está imbuído de certas idéias supersticiosas, que mistura com os seus relatos. É assim, por exemplo, que acredita na influência dos planetas sobre o destino das criaturas e na dos dias felizes e infelizes. Conforme o que tinha visto de nós, deveríamos ter nascido não sabemos sob que signo; deveríamos abster-nos de empreender coisas importantes em certo dia da Lua. Não tentamos dissuadi-lo, o que certamente não conseguiríamos e só teria servido para perturbá-lo. Mas o fato de ele ter algumas idéias falsas não constitui motivo para negar a faculdade que possui, como a presença do joio num monte de trigo não significa ausência de grãos de boa qualidade. Do mesmo modo, porque nem sempre um homem vê certo, não se segue absolutamente que não veja.

Quando mais ou menos se deu conta do fim e dos resultados de nossos trabalhos, perguntou muito seriamente e com certa ansiedade ao ouvido do Sr. de W... se por acaso teríamos encontrado o sexto livro de Moisés. Ora, segundo uma tradição popular em algumas localidades, Moisés teria escrito um sexto livro, contendo novas revelações e a explicação de tudo o que há de obscuro nos cinco primeiros. Conforme a mesma tradição, o livro será descoberto um dia. Se alguma coisa pode dar a chave de todas

as alegorias das *Escrituras*, é, seguramente, o Espiritismo, que, assim, realizaria a idéia vinculada ao pretense sexto livro de Moisés. É muito singular que esse homem haja concebido tal idéia.

Um exame atento dos fatos acima demonstra completa analogia entre esta faculdade e o fenômeno designado sob o nome de *segunda vista*, *dupla vista* ou *sonambulismo desperto*, e que é descrito em *O Livro dos Espíritos*, cap. VIII: *Emancipação da alma*, e em *O Livro dos Médiuns*, cap. XIV. Ela tem, pois, o seu princípio na propriedade irradiante do fluido perispiritual que, em certos casos, permite à alma perceber coisas a distância, ou seja, a *emancipação da alma*, que é uma lei da Natureza. Não são os olhos que vêem; é a alma que, por seus raios, atingindo um ponto dado, exerce sua ação exteriormente e sem o concurso dos órgãos corporais. Esta faculdade é muito mais comum do que se pensa e se apresenta com graus de intensidade e de aspectos muito diversos, conforme os indivíduos: nuns ela se manifesta pela percepção permanente ou acidental, mais ou menos clara, das coisas afastadas; noutros, pela simples intuição dessas mesmas coisas; em outros, enfim, pela transmissão do pensamento. É de notar que muitos a possuem sem o suspeitar e, sobretudo, sem se darem conta; ela é inerente ao seu ser, e lhes parece tão natural como a faculdade de ver pelos olhos; muitas vezes, mesmo, confundem as duas percepções. Se se lhes perguntar como vêem, na maioria das vezes não sabem explicar melhor do que explicariam o mecanismo da visão ordinária.

O número de pessoas que gozam espontaneamente dessa faculdade é muito considerável, de modo que ela independe de um aparelho qualquer. O copo de que esse homem se serve é um acessório que só lhe é útil por hábito, pois constatamos que em várias circunstâncias ele descrevia as coisas sem o olhar. Pelo que nos concerne, notadamente falando de indivíduos, ele os indicava com o giz, por sinais característicos de suas qualidades e de sua posição. Era, sobretudo, sobre esses sinais que ele falava, olhando a mesa, sobre a qual parecia ver tão bem quanto no copo, que

apenas olhava; mas, para ele, o copo é necessário, e eis como o podemos explicar:

A imagem que ele observa forma-se nos raios do fluido perispiritual, que lhe transmitem a sua sensação; concentrando-se sua atenção no fundo do copo, para aí dirige os raios fluídicos e, muito naturalmente, a imagem aí se concentra, como se se concentrasse sobre um objeto qualquer: num copo de água, numa garrafa, numa folha de papel, num mapa ou num ponto vago do espaço. É um meio de fixar o pensamento e o circunscrever, e estamos convencidos de que quem quer que exerça tal faculdade com o auxílio de um objeto material verá igualmente bem com um pouco de exercício e com a firme vontade de o dispensar.

Contudo, admitindo-se, o que ainda não está provado, que o objeto possa agir sobre certas organizações, à maneira dos excitantes, de modo a provocar o desprendimento fluídico e, em consequência, o isolamento do Espírito, há um fato capital, adquirido pela experiência: é que não existe nenhuma substância especial que, a tal respeito, desfrute de uma propriedade exclusiva. O homem em questão só vê num copo vazio, seguro na palma da mão; não pode ver noutro copo e nem mesmo em seu próprio copo, desde que colocado de outro modo. Se a propriedade fosse inerente à substância e à forma do objeto, por que dois objetos, da mesma natureza e da mesma forma, não a possuiriam para o mesmo indivíduo? Por que o que tem efeito sobre um não o teria sobre outro? Por que, enfim, tantas pessoas possuem essa faculdade sem o concurso de nenhum aparelho? É, como dissemos, porque a faculdade é inerente ao indivíduo, e não ao copo. A imagem forma-se nele mesmo, ou, melhor, nos raios fluídicos que dele emanam. A bem dizer, o copo não oferece senão o reflexo dessa imagem: é um efeito, e não uma causa. Tal a razão por que nem todos vêem no que se convencionou chamar *espelhos mágicos*. Para isto não basta a visão *corporal*; é necessário ser dotado da faculdade chamada *dupla vista*, que seria designada, mais

apropriadamente, *visão espiritual*. E isto é tão verdadeiro que certas pessoas vêem perfeitamente com os olhos fechados.

A *visão espiritual* é, na realidade, o *sexto sentido* ou *sentido espiritual*, de que tanto se falou e que, como os demais sentidos, pode ser mais ou menos obtuso ou sutil. Ele tem como agente o fluido perispiritual, como a visão corporal tem por agente o fluido luminoso. Assim como a irradiação do fluido luminoso leva a imagem dos objetos à retina, a irradiação do fluido perispiritual leva à alma certas imagens e certas impressões. Esse fluido, como todos os outros, tem seus efeitos próprios, suas propriedades *sui generis*.

Sendo o homem composto de Espírito, perispírito e corpo, durante a vida as percepções e sensações se produzem, ao mesmo tempo, pelos sentidos orgânicos e pelo *sentido espiritual*; depois da morte os sentidos orgânicos são destruídos, mas, restando o perispírito, o Espírito continua a perceber pelo sentido espiritual, cuja sutileza aumenta em razão do desprendimento da matéria. O homem em que tal sentido é desenvolvido, goza, assim, por antecipação, de uma parte das sensações do Espírito livre. Embora amortecido pela predominância da matéria, nem por isto o sentido espiritual deixa de produzir sobre todos os homens uma multidão de efeitos reputados maravilhosos, por falta de conhecimento do princípio.

Estando na Natureza, já que se prende à constituição do Espírito, essa faculdade existiu em todos os tempos; mas, como todos os efeitos cuja causa é desconhecida, a ignorância a atribuía a causas sobrenaturais. Os que a possuíam em grau eminente podiam dizer, saber e fazer coisas acima do alcance vulgar; dentre estes, uns eram acusados de pactuar com o diabo; qualificados de feiticeiros, eram queimados vivos, enquanto outros foram beatificados, como tendo o dom dos milagres, quando, na realidade, tudo se reduzia à aplicação de uma lei natural.

Voltemos aos *espelhos mágicos*. A palavra *magia*, que outrora significava *ciência dos sábios*, perdeu sua significação primitiva devido ao abuso que dela fizeram a superstição e o charlatanismo. Está hoje desacreditada com razão e cremos difícil reabilitá-la, por achar-se, desde então, ligada à idéia das operações cabalísticas, dos formulários de feiticeiros, dos talismãs e de uma imensidão de práticas supersticiosas, condenadas pela sã razão. Declinando de toda solidariedade com essas pretensas ciências, o Espiritismo deve evitar apropriar-se de termos que possam falsear a opinião no que lhe diz respeito. No caso de que se trata, a qualificação de *mágico* é tão imprópria quanto a de *feiticeiros*, atribuída aos médiuns. A designação desses objetos sob o nome de *espelhos espirituais* parece-nos mais exata, porque lembra o princípio em virtude do qual se produzem os efeitos. À nomenclatura espírita podemos, pois, juntar os nomes de *visão espiritual*, *sentido espiritual* e *espelhos espirituais*.

Posto que a natureza, a forma e a substância desses objetos são coisas indiferentes, compreende-se que indivíduos dotados da *visão espiritual* vejam na borra de café, na clara dos ovos, na palma das mãos e nas cartas o que outros vêem num copo de água, dizendo, por vezes, coisas certas. Esses objetos e suas combinações não têm qualquer significado; são apenas um meio de fixar a atenção, um pretexto para falar, a bem dizer um suporte, pois é de notar que, no caso, o indivíduo apenas os olha, apesar de julgar faltar-lhe algo, se não os tiver à frente; ficaria desorientado, como ficaria o nosso homem, caso não tivesse o seu copo na mão; teria dificuldade para falar, como certos oradores que nada sabem dizer se não estiverem em seu lugar habitual, ou se não tiverem na mão um caderno, embora não o leiam.

Mas se há algumas pessoas sobre as quais esses objetos produzem o efeito de *espelhos espirituais*, há também muita gente que, não tendo outra faculdade senão a de ver pelos olhos, e possuir a linguagem convencional afetada a esses sinais, iludem os

outros ou a si mesmos; depois a igualmente numerosa multidão dos charlatães, que exploram a credulidade. Só a superstição pôde consagrar o uso de tais processos, como meio de adivinhação e de uma porção de outros, que não têm mais valor, atribuindo uma virtude a palavras, uma significação a sinais materiais, a combinações fortuitas, sem qualquer ligação necessária com o objeto da pergunta ou do pensamento.

Dizendo que com a ajuda de tais processos certas pessoas podem, às vezes, dizer verdades, não é nosso propósito reabilitá-las na opinião pública, mas mostrar que as idéias supersticiosas por vezes têm sua origem num princípio verdadeiro, desnaturado pelo abuso e pela ignorância. O Espiritismo, ao tornar conhecida a lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, destrói, por isso mesmo, as idéias falsas que se tinham feito sobre tais relações, como a lei da eletricidade destruiu, não o raio, mas as superstições engendradas pela ignorância das verdadeiras causas do raio.

Em síntese, a visão espiritual é um dos atributos do Espírito e constitui uma das percepções do sentido espiritual; por conseguinte, é uma lei da Natureza.

Sendo o homem um Espírito encarnado, possui os atributos do Espírito e, portanto, as percepções do sentido espiritual.

Em estado de vigília essas percepções geralmente são vagas, difusas e, por vezes, até insensíveis e inapreciáveis, porque amortecidas pela atividade preponderante dos sentidos materiais. Todavia, pode dizer-se que toda percepção extracorpórea é devida à ação do sentido espiritual que, no caso, supera a resistência da matéria.

Em estado de sonambulismo natural ou magnético, de hipnotismo, de catalepsia, de letargia, de êxtase e, mesmo, no sono

ordinário, estando os sentidos corporais momentaneamente adormecidos, o sentido espiritual se desenvolve com mais liberdade.

Toda causa exterior tendente a entorpecer os sentidos corporais provoca, por isto mesmo, a expansão e a atividade do sentido espiritual.

As percepções pelo sentido espiritual não estão isentas de erro, desde que o Espírito encarnado pode ser mais ou menos adiantado e, conseqüentemente, mais ou menos apto a julgar as coisas sensatamente e compreendê-las, e porque ainda sofre a influência da matéria.

Uma comparação fará melhor compreender o que se passa nesta circunstância. Na Terra, aquele que tem melhor visão pode ser enganado pelas aparências. Por muito tempo o homem acreditou no movimento do Sol. Necessitava da experiência e das luzes da Ciência para mostrar-lhe que era joguete de uma ilusão. Assim, há Espíritos pouco adiantados, encarnados ou desencarnados, que ignoram muitas coisas do mundo invisível, como sucede, aliás, com certos homens inteligentes, que ignoram muitas coisas da Terra; a visão espiritual só lhes mostra o que sabem e não basta para lhes dar os conhecimentos que lhes faltam; daí as aberrações e as excentricidades que se nota com tanta freqüência nos *videntes* e nos extáticos, sem contar que sua ignorância os põe, mais que outros, à mercê dos Espíritos enganadores, que lhes exploram a credulidade e, mais ainda, o seu orgulho. Eis por que haveria imprudência em aceitar suas revelações sem controle. Não se deve perder de vista que estamos na Terra, num mundo de expiação, onde abundam os Espíritos inferiores e onde os Espíritos realmente superiores são exceções. Nos mundos adiantados dá-se exatamente o contrário.

As pessoas dotadas de visão espiritual podem ser consideradas médiuns? Sim e não, conforme as circunstâncias. A

mediunidade consiste na intervenção dos Espíritos; o que se faz por si mesmo não é um ato mediúnico. Aquele que possui a visão espiritual vê pelo seu próprio Espírito e nada implica a necessidade do concurso de um Espírito estranho; ele não é médium porque vê, mas por suas relações com outros Espíritos. Conforme sua natureza boa ou má, os Espíritos que o assistem podem facilitar ou entravar sua lucidez, lhe fazer ver coisas justas ou falsas, o que também depende do objetivo a que se propõe e da utilidade que possam apresentar certas revelações. Aqui, como em todos os outros gêneros de mediunidade, as questões fúteis e de curiosidade, as intenções não sérias, os objetivos cúpidos e interesseiros, atraem os Espíritos levianos, que se divertem à custa das pessoas excessivamente crédulas e se comprazem em mistificá-las. Os Espíritos sérios só intervêm nas coisas sérias, e *o vidente mais bem dotado nada verá se não lhe for permitido responder ao que perguntam, ou ser perturbado por visões ilusórias, a fim de punir os curiosos indiscretos.* Embora possua sua própria faculdade, e por mais transcendente que ela seja, nem sempre é livre para usá-la à vontade. Muitas vezes os Espíritos lhe dirigem o emprego e, se dela abusa, será o primeiro punido pela intromissão dos Espíritos maus.

Resta um ponto importante a esclarecer: o da previsão de acontecimentos futuros. Compreende-se a visão das coisas presentes, a visão retrospectiva do passado; mas como pode a visão espiritual dar a certos indivíduos o conhecimento do que ainda não existe? Para não nos repetirmos, aludimos ao nosso artigo do mês de maio de 1864, sobre a *teoria da presciência*, onde a questão é tratada de maneira completa. Apenas acrescentaremos algumas palavras. Em princípio, o futuro é oculto ao homem por motivos tantas vezes já expostos; só excepcionalmente lhe é revelado e, além disso, ele é mais *pressentido* do que *predito*. Para o conhecer, Deus não deu ao homem nenhum meio certo. É, pois, em vão que este emprega, para tal finalidade, uma imensidão de processos inventados pela superstição, e que o charlatanismo explora em seu proveito. Se, por vezes, entre os ledores de buena-dicha,

profissionais ou não, alguns são dotados da visão espiritual, é de notar que vêem no passado e no presente com uma freqüência muito maior que no futuro. Seria, pois, uma imprudência confiar de maneira absoluta em suas predições e, em conseqüência, regular sua conduta.

Transmissão do Pensamento

MEU FANTÁSTICO

Sob este último título, lê-se na *Presse littéraire* de 15 de março de 1854 o artigo seguinte, assinado por *Émile Deschamps*:

“Se o homem só acreditasse no que compreende, não acreditaria em Deus, nem em si mesmo, nem nos astros que rolam sobre sua cabeça, nem na erva que cresce sob seus pés.

“Milagres, profecias, visões, fantasmas, prognósticos, pressentimentos, coincidências sobrenaturais, etc., que se deve pensar de tudo isto? Os espíritos fortes saem dessa enrascada com duas palavras: *mentira* ou *acaso*. Nada mais cômodo. As almas supersticiosas saem-se bem, ou não se saem. Prefiro muito mais essas almas àqueles espíritos. Com efeito, é preciso ter imaginação para que se possa tê-la doente, ao passo que basta ser eleitor e assinante de dois ou três jornais industriais para saber muito sobre isto e crer tão pouco quanto Voltaire. E, depois, prefiro a loucura à tolice, a superstição à incredulidade; mas, o que prefiro acima de tudo é a verdade, a luz, a razão; busco-as com uma fé viva e um coração sincero; examino todas as coisas e tomo o partido de não ter preconceito por coisa alguma.

“Vejamos. Quê! o mundo material e visível está cheio de mistérios impenetráveis, de fenômenos inexplicáveis, e não se haveria de querer que o mundo intelectual, que a *vida da alma*, que já é um milagre, também tivessem seus fenômenos e seus mistérios!

Por que tal pensamento bom, tal fervorosa prece, tal outro desejo não teriam o poder de produzir ou suscitar certos acontecimentos, bênçãos ou catástrofes? Por que não existiriam causas morais, como existem causas físicas, das quais não nos damos conta? E por que *os germes de todas as coisas* não seriam depositados e fecundados *na terra do coração e da alma*, para despontarem mais tarde sob a forma palpável dos fatos? Ora, quando Deus, em raras circunstâncias, e para alguns de seus filhos, julga por bem levantar a ponta do véu eterno e espalhar sobre suas fronteiras um raio fugidivo do archote da presciência, devemos abster-nos de gritar que é absurdo e, assim, de blasfemar contra a luz e a própria verdade.

“Eis uma reflexão que tenho feito muitas vezes: Foi dado às aves e a certos animais prever e anunciar a tempestade, as inundações, os terremotos. Diariamente os barômetros nos dizem o tempo que fará amanhã; e o homem não poderia, por meio de um sonho, de uma visão, de um sinal qualquer da Providência, ser advertido algumas vezes de algum acontecimento futuro, que interesse à sua alma, à sua vida, à sua eternidade? Então o Espírito também não tem a sua atmosfera, cujas variações possa pressentir? Enfim, seja qual for a miséria do maravilhoso neste século muito positivo, haveria ainda charme e utilidade em suprimi-lo, se todos aqueles que lhe refletem fracos clarões levassem a um foco comum todos esses raios divergentes; se cada um, depois de ter conscienciosamente interrogado suas recordações, redigisse de boa-fé e depositasse nos arquivos uma ata circunstanciada do que experimentou, do que lhe adveio de sobrenatural e de miraculoso. Talvez um dia se encontre alguém que, analisando os sintomas e os acontecimentos, consiga recompor, em parte, *uma ciência perdida*. Em todo o caso, comporia um livro que valeria muitos outros.

“Quanto a mim, aparentemente sou o que se chama uma pessoa impressionável, porque tive de tudo isto em minha vida, aliás tão obscura. Sou o primeiro a apresentar o meu tributo,

convicto de que esta visão interior tem sempre uma espécie de interesse. Todo o maravilhoso que vos dou, leitores, por menor que seja, passou-se em minha vida real. Desde que sei ler, registro no papel tudo quanto me acontece de sobrenatural. São memórias de um gênero singular.

.....

“No mês de fevereiro de 1846 eu viajava pela França. Chegando a uma rica e grande cidade, fui dar um passeio em frente às belas lojas de que está repleta. Começou a chover; abriguei-me numa elegante galeria; de repente fiquei imóvel; meus olhos não conseguiam desviar-se da figura de uma jovem, sozinha atrás de uma vitrina de jóias. Conquanto muito bela, não foi sua beleza que me fascinou. Não sei que interesse misterioso, que laço inexplicável dominava e prendia todo o meu ser. Era uma simpatia súbita e profunda, sem qualquer conotação sensual, mas de uma força irresistível, como o *desconhecido* em todas as coisas. Fui empurrado como uma máquina para a loja, por um poder sobrenatural. Comprei alguns pequenos objetos e paguei, dizendo: Obrigado, senhorita *Sara*. A jovem olhou-me com um ar algo surpreso. – É de causar admiração, continuei, que um estranho saiba o vosso nome, um dos vossos nomes; mas se quiserdes *pensar atentamente em todos os vossos nomes*, eu os direi sem vacilar. Farieis isto? – Sim, senhor, respondeu ela, meio risonha, meio trêmula. – Pois bem! continuei, *olhando-a fixamente no rosto*, chamai-vos *Sara, Adèle, Benjamine N...* – Está certo, replicou ela; e depois de alguns segundos de estupor começou a rir livremente, e eu vi que ela pensava que eu tivesse obtido tais informações na vizinhança, o que me divertiu. Mas eu, convicto de que não sabia uma palavra de tudo isso, fiquei perplexo com esta adivinhação instantânea.

“No dia seguinte, e em muitos outros, acorri à bela loja; minha adivinhação se renovava a cada momento. Eu lhe pedia que pensasse em algo, sem mo dizer, e quase imediatamente eu lia em

sua face o pensamento não explicado. Pedia-lhe que escrevesse, sem que eu visse, algumas palavras com o lápis; depois de olhá-la um minuto, eu escrevia as mesmas palavras e na mesma ordem. Lia no seu pensamento como num livro aberto e ela não lia no meu: eis a minha superioridade. Mas ela me impunha suas idéias e emoções. Se pensasse seriamente num objeto; se repetisse intimamente as palavras do escrito, logo eu adivinhava tudo. O mistério estava entre o seu e o meu cérebro, e não entre minhas faculdades de intuição e as coisas materiais. Seja como for, havia-se estabelecido entre nós uma relação tanto mais íntima quanto mais pura.

“Uma noite escutei junto ao ouvido uma forte voz, que me gritava: Sara está doente, muito doente! Corri à sua casa; um médico a velava e esperava uma crise. Na véspera à noite Sara tinha voltado com febre ardente; o delírio tinha continuado durante toda a noite. O médico chamou-me à parte e me disse que estava muito receoso. Dessa peça eu via em cheio o rosto de Sara e minha intuição, vencendo a inquietação, fez com que eu dissesse baixinho ao médico: Doutor, quereis saber de que imagens está ocupado o seu sono febril? Neste momento ela se crê na grande Ópera de Paris, onde jamais estive, e uma dançarina, entre outras ervas, corta uma planta de cicuta e lha atira dizendo: É para ti. O médico pensou que eu delirasse. Alguns minutos depois a doente despertou pesadamente e suas primeiras palavras foram: ‘Oh! como a Ópera é bonita! mas, por que esta cicuta, que me atira a bela ninfa?’ O médico ficou estupefato. Uma poção, que incluía cicuta, foi administrada a Sara que, em poucos dias, ficou curada.”

Os exemplos de transmissão do pensamento são muito freqüentes, não, talvez, de maneira tão característica quanto no fato acima, mas sob formas diversas. Quantos fenômenos assim se passam diariamente aos nossos olhos, que são como os fios condutores da vida espiritual, e aos quais, no entanto, a Ciência não se digna conceder a menor atenção! Por certo, nem todos os que os repelem são materialistas; muitos admitem uma vida espiritual, mas

sem relações diretas com a vida orgânica. No dia em que essas relações forem reconhecidas como lei fisiológica, ver-se-á realizar-se um imenso progresso, porquanto só então a Ciência terá a chave de uma porção de efeitos aparentemente misteriosos, que prefere negar, por não os poder explicar à sua maneira e com os seus meios, limitados às leis da matéria bruta.

Ligação íntima da vida espiritual e da vida orgânica durante a existência terrena; destruição da vida orgânica e persistência da vida espiritual após a morte; ação do fluido perispiritual sobre o organismo; reação incessante do mundo invisível sobre o mundo visível e reciprocamente: tal é a lei que o Espiritismo vem demonstrar, e que abre à Ciência e ao homem moral, horizontes completamente novos.

Por qual lei da fisiologia puramente material poder-se-iam explicar os fenômenos do gênero do relatado acima? Para que o Sr. Deschamps pudesse ler tão claramente no pensamento da moça, era preciso um intermediário entre ambos, um laço qualquer. Quem bem refletir sobre o artigo precedente reconhecerá que esse laço é a irradiação fluídica, que dá a visão espiritual, visão que não é obstada pelos corpos materiais.

Sabe-se que os Espíritos não necessitam de linguagem articulada. Compreendem-se sem o auxílio da palavra, apenas pela transmissão do pensamento, que é a linguagem universal. Por vezes isto também se dá entre os homens, porque os homens são Espíritos encarnados e, por esta razão, gozam, em maior ou menor grau, dos atributos e das faculdades do Espírito.

Mas, então, por que a moça não lia o pensamento do Sr. Deschamps? Porque num a visão espiritual estava desenvolvida; no outro, não. Segue-se que ele pudesse ver tudo, ler nos espelhos espirituais, por exemplo, ou ver a distância, à maneira dos sonâmbulos? Não, porque sua faculdade podia estar desenvolvida

apenas num sentido especial, e parcialmente. Podia ler com a mesma facilidade o pensamento de todo o mundo? Não o diz, mas é provável que não, pois pode existir, de indivíduo a indivíduo, relações fluídicas que facilitam essa transmissão e não existir do mesmo indivíduo para uma outra pessoa. Ainda não conhecemos senão imperfeitamente as propriedades desse fluido universal, agente tão poderoso e que desempenha tão grande papel nos fenômenos da Natureza. Conhecemos o princípio, e já é muito para nos darmos conta de muitas coisas; os detalhes virão a seu tempo.

Tendo sido o fato acima comunicado à Sociedade de Paris, um Espírito deu a respeito a seguinte instrução:

(Sociedade Espírita de Paris, 8 de julho de 1864 – Médium: Sr. A. Didier)

Os ignorantes – e como os há! – ficam cheios de dúvidas e de inquietação quando ouvem falar de fenômenos espíritas. Segundo eles, a face do mundo está transtornada; a intimidade do coração, dos sentimentos e a virgindade do pensamento são lançadas através do mundo e entregues à mercê do primeiro que vier. Com efeito, o mundo estaria mudado singularmente e a vida privada não estaria protegida atrás da personalidade de cada um, se todos os homens pudessem ler no espírito uns dos outros.

Um ignorante nos diz com muita ingenuidade: Mas a justiça, as perseguições da polícia, as operações comerciais, governamentais, poderiam ser consideravelmente revistas, corrigidas, esclarecidas, etc., com o auxílio desses processos. Os erros estão muito espalhados. A ignorância tem isto de particular: faz esquecer completamente o objetivo das coisas, para lançar o espírito inculto numa série de incoerências.

Razão tinha Jesus ao dizer: “Meu reino não é deste mundo”, o que também significava que neste mundo as coisas não se passam como no seu reino. O Espiritismo, que em tudo e por

tudo é o espiritualismo do Cristianismo, pode igualmente dizer aos ambiciosos e aos terroristas ignorantes, que o seu grande objetivo não é dar pilhas de ouro a um e deixar a consciência de um ser fraco à mercê de um ser mais forte, e de aliar a força e a fraqueza num duelo eternamente inevitável, prestes a acontecer; não. Se o Espiritismo proporciona satisfações, são as da calma, da esperança e da fé; se às vezes adverte por pressentimentos, ou pela visão adormecida ou desperta, é que os Espíritos sabem perfeitamente que uma ação caridosa particular não transtornará a superfície do globo. Aliás, se se observar a marcha dos fenômenos, o mal aí tem uma parte mínima. A ciência funesta parece relegada nos alfarrábios dos velhos alquimistas, e se Cagliostro voltasse, certamente não viria armado da varinha mágica ou do frasco encantado com que se apresentava, mas com sua força elétrica, comunicativa, espiritualista e sonambúlica, força que todo ser superior possui em si e que, ao mesmo tempo, toca o coração e o cérebro.

Como eu dizia ultimamente (o Espírito faz alusão a outra comunicação), a adivinhação era o maior dom de Jesus. Destinados a se tornarem superiores, como Espíritos, pedimos a Deus uma parte dos raios que concedeu a certos seres privilegiados, que facultou a mim mesmo e que eu poderia ter espalhado mais judiciosamente.

Mesmer

Observação – Não há uma só das faculdades concedidas ao homem da qual este não possa abusar, em virtude de seu livre-arbítrio. Não é a faculdade que é má em si, mas o uso que dela se faz. Se os homens fossem bons, nenhuma seria de temer, porque ninguém as usaria para o mal. No estado de inferioridade em que ainda se acham os homens na Terra, a penetração do pensamento, se fosse geral, seria, talvez, uma das mais perigosas, porque se tem muito a esconder, e muitos podem abusar. Mas, sejam quais forem os inconvenientes, se ela existe é um fato que se deve aceitar, por

bem ou por mal, pois não se pode suprimir um efeito natural. Deus, porém, que é soberanamente bom, mede a extensão dessa faculdade pela nossa fraqueza. Ele no-la mostra de vez em quando, para fazer-nos compreender melhor a nossa essência espiritual e nos advertir de trabalhar a nossa depuração, para não termos de temê-la.

O Espiritismo na Bélgica

Cedendo às insistentes solicitações de nossos irmãos espíritas de Bruxelas e de Antuérpia, fizemos-lhes uma rápida visita este ano e temos a satisfação de dizer que trouxemos a mais favorável impressão do desenvolvimento da doutrina naquele país. Ali encontramos maior número de adeptos do que esperávamos, devotados e esclarecidos. A acolhida simpática que nos foi feita naquelas duas cidades deixou-nos uma lembrança que jamais se apagará, e contamos os momentos ali passados no número dos mais agradáveis para nós. Não podendo enviar nossos agradecimentos a cada um em particular, gostaríamos que os recebessem aqui coletivamente.

Retornando a Paris, encontramos uma mensagem dos membros da Sociedade Espírita de Bruxelas, a qual nos tocou profundamente. Conservamo-la preciosamente como um testemunho de sua simpatia, mas eles compreenderão facilmente os motivos que nos impedem de publicá-la em nossa *Revista*. Entretanto, há uma passagem que nos impõe o dever de levar ao conhecimento de nossos leitores, porque o fato revelado diz mais que longas frases sobre a maneira pela qual certas pessoas compreendem o objetivo do Espiritismo. Está assim concebida:

“Comemorando vossa viagem à Bélgica, nosso grupo decidiu fundar um leito de criança na creche de Saint Josse Tennoode.”

Para nós, nada podia ser mais lisonjeiro do que semelhante testemunho. A fundação de uma obra de beneficência, em memória de nossa visita, é uma prova de grande estima, que nos honra muito mais do que as mais brilhantes recepções que pudessem lisonjear o amor-próprio de quem lhe é objeto, mas a ninguém aproveitam e não deixam qualquer traço útil.

Antuérpia se distingue por um maior número de adeptos e de grupos. Mas lá, como em Bruxelas e, aliás, em toda parte, os que participam de reuniões de certo modo oficiais e regularmente constituídas, estão em minoria. As relações sociais e as opiniões emitidas nas conversas provam que as simpatias pela doutrina se estendem muito além dos grupos propriamente ditos. Se nem todos os habitantes são espíritas, ali a idéia não encontra oposição sistemática; dela se fala como de uma coisa natural e não riem. Como os adeptos, em geral, pertencem ao alto comércio, nossa chegada foi novidade na bolsa e monopolizou a conversação, sem mais importância do que se se tratasse da chegada de uma carga de mercadorias.

Vários grupos são compostos de número limitado de membros e se designam por um título especial e característico; é assim que um se intitula: *A Fraternidade*, outro *Amor e Caridade*, etc. Acrescentemos que esses títulos não são para eles insígnias banais, mas divisas que se esforçam por justificar.

O grupo *Amor e Caridade*, por exemplo, tem por objetivo especial a caridade material, sem prejuízo das instruções dos Espíritos, que, de certo modo, constituem a parte acessória. Sua organização é muito simples e dá excelentes resultados. Um dos membros tem o título de *esmoler*, nome que corresponde perfeitamente às suas funções de distribuir socorros a domicílio; por diversas vezes os Espíritos já indicaram nomes e endereços de pessoas necessitadas. O nome *esmoler* voltou, assim à sua significação primitiva, da qual se havia singularmente desviado.

Esse grupo possui um médium típtólogo excepcional e dele faremos objeto de um artigo especial.

Aqui só fazemos constatar os bons elementos, que fazem bem augurar do Espiritismo nesse país, onde só há pouco criou raízes, o que não quer dizer que certos grupos dali não tenham tido, como em outros lugares, desavenças e decepções inevitáveis, quando se trata do estabelecimento de uma idéia nova. No começo de uma doutrina, sobretudo tão importante quanto o Espiritismo, é impossível que todos os que se declaram seus partidários lhe compreendam o alcance, a gravidade e as conseqüências. Deve-se, pois, esperar desvios da rota em pessoas que só lhe vêem a superfície, ambições pessoais, aquelas para quem o Espiritismo é mais um meio que uma sincera convicção, sem falar de gente que toma todas as máscaras para se insinuar, visando a servir os interesses dos adversários; porque, assim como o hábito não faz o monge, o nome de espírita não faz o verdadeiro espírita. Mais cedo ou mais tarde esses espíritas fracassados, cujo orgulho ficou vivaz, causam nos grupos atritos penosos e suscitam entraves, dos quais sempre se triunfa com perseverança e firmeza. São provações para a fé dos espíritas sinceros.

A homogeneidade e a comunhão de pensamentos e sentimentos são, para os grupos espíritas, como para quaisquer outras reuniões, a condição *sine qua non* de estabilidade e de vitalidade. É para tal objetivo que devem tender todos os esforços, e compreende-se que é tanto mais fácil atingi-lo quanto menos numerosas as reuniões. Nas grandes reuniões é quase impossível evitar a intromissão de elementos heterogêneos que, mais cedo ou mais tarde, aí semeiam a cizânia. Nas pequenas reuniões, onde todos se conhecem e se estimam, onde se está como em família, o recolhimento é maior, a intrusão dos mal-intencionados mais difícil. A diversidade dos elementos de que se compõem as grandes reuniões torna-as, por isso mesmo, mais vulneráveis à surda intriga dos adversários.

É preferível, pois, que haja numa cidade cem grupos de dez a vinte adeptos, dos quais nenhum se arroga a supremacia sobre os outros, a uma sociedade única, que reunisse todos os partidários. Esse fracionamento em nada prejudicará a unidade dos princípios, desde que a bandeira seja única e todos marchem para o mesmo objetivo. É o que parece ter sido perfeitamente compreendido por nossos irmãos de Antuérpia e de Bruxelas.

Em síntese, nossa viagem à Bélgica foi fértil em ensinamentos no interesse do Espiritismo, pelos documentos que recolhemos e que serão, oportunamente, postos em proveito de todos.

Não esquecemos uma das mais honrosas menções ao grupo espírita de Douai, que visitamos de passagem, e um particular testemunho de gratidão pela acolhida que ali nos dispensaram. É um grupo familiar, onde a doutrina espírita evangélica é praticada em toda a sua pureza. Ali reinam a mais perfeita harmonia, a benevolência recíproca, a caridade em pensamentos, palavras e ações; ali se respira uma atmosfera de fraternidade patriarcal, isenta de eflúvios malfazejos, onde os Espíritos bons devem comprazer-se tanto quanto os homens; por isso, as comunicações retratam a influência desse meio simpático. Deve-se à sua homogeneidade e aos escrupulosos cuidados nas admissões, jamais haver sido perturbado por dissensões e desavenças por que os outros sofreram; é que todos os que dele fazem parte são espíritas de coração e nenhum procura fazer prevalecer a sua personalidade. Os médiuns aí são relativamente muito numerosos; todos se consideram como simples instrumentos da Providência, isentos de orgulho, sem pretensões pessoais, e se submetem humildemente e sem melindres ao julgamento sobre as comunicações que recebem, prontos a destruí-las se forem consideradas más.

Um poema encantador foi obtido em nossa intenção e após a nossa partida. Agradecemos ao Espírito que o ditou e ao seu

intérprete; conservamo-lo como preciosa lembrança. São desses documentos que não podemos publicar e que só aceitamos a título de incentivo.

Temos a satisfação de dizer que esse grupo não é o único nestas condições favoráveis e de ter podido constatar que as reuniões verdadeiramente sérias, aquelas em que cada um procura melhorar-se, de onde a curiosidade foi banida, as únicas que merecem a qualificação de *espíritas*, multiplicam-se diariamente. Oferecem em pequena escala o que poderá vir a ser a sociedade, quando o Espiritismo, bem compreendido e universalizado, formar a base das relações mútuas. Então os homens nada mais terão a temer uns dos outros; a caridade fará reinar entre eles a paz e a justiça. Tal será o resultado da transformação que se opera, cujos efeitos a geração futura começará a sentir.

Tiptologia Rápida e Inversa

Dissemos que um dos grupos espíritas de Antuérpia possui um médium tiptólogo dotado de uma faculdade especial. Eis em que ela consiste.

A indicação das letras se faz por meio de batidas do pé da mesinha, mas com uma rapidez que quase alcança a da escrita e tal que os que as escrevem por vezes têm dificuldade de acompanhar; os golpes se sucedem como os do telégrafo elétrico em ação. Vimos fazer um ditado de vinte linhas em menos de quinze minutos. Mas, sobretudo, o que é singular é que o Espírito dita quase sempre ao avesso, começando pela última letra. Pelo mesmo processo o médium obtém respostas a perguntas mentais e em línguas que lhe são estranhas. O médium também é psicógrafo e, neste caso, escreve igualmente pelo avesso com a mesma facilidade. A primeira vez que se produziu o fenômeno, os assistentes, não encontrando sentido nas letras recolhidas,

pensaram numa mistificação; só depois de atenta observação é que descobriram o sistema empregado pelo Espírito. Talvez não passe de uma fantasia deste último; mas, como todas as suas comunicações são muito sérias, deve-se concluir que, no caso, há uma intenção séria.

Independentemente da rapidez com a qual os golpes se sucedem, a maneira de proceder ainda torna muito mais breve a operação. Servem-se de uma mesinha de três pés; o alfabeto é dividido em três séries: a 1^a, do *a* ao *b*; a 2^a do *i* ao *p*; a 3^a do *q* ao *z*. Cada pé da mesinha corresponde a uma série de letras e bate o número de golpes necessários para designar a letra desejada, começando pela primeira da série. Por exemplo: para indicar o *t*, em vez de 20 batidas o pé encarregado da 3^a série apenas bate 4. Três pessoas se posicionam junto à mesinha, uma para cada pé, enunciando a letra indicada em sua série, que, para ela, é um pequeno alfabeto, sem que tenha de se preocupar com as outras. Várias pessoas inscrevem as letras à medida que são indicadas, a fim de poder controlar, em caso de erro. O hábito de ler pelo avesso muitas vezes lhes permite adivinhar o fim de uma palavra ou de uma frase começada, como se faz no processo ordinário; o Espírito confirma, se for o caso, e passa adiante.

Esta divisão das letras, aliada à cooperação de três pessoas que não se podem entender, à rapidez do movimento e à indicação das letras em sentido inverso, torna a fraude materialmente impossível, bem como a reprodução do pensamento individual. A palavra *reproduction* (reprodução), por exemplo, será, então, escrita desta maneira: *noitcudorper*, e terá sido soletrada por três pessoas diferentes em alguns segundos, a saber: *noi* pela 2^a, *t* pela 3^a; *c* pela 1^a; *u* pela 3^a; *d* pela 1^a; *o* pela 2^a; *r* pela 3^a; *p* pela 2^a; *e* pela 1^a; *r* pela 3^a.

De todos os aparelhos imaginados para constatar a independência do pensamento do médium, nenhum supera este processo. É verdade que, para isto, é necessária a influência de um

médium especial, porque as duas pessoas que o assistem não são responsáveis pela rapidez do movimento.

Este processo, em última análise, só tem utilidade real para a convicção de certas pessoas, e como constatação de um fenômeno mediúnicos notável, porquanto nada pode suprir a facilidade das comunicações escritas.

Um Criminoso Arrependido²⁴

Durante a visita que acabamos de fazer aos espíritos de Bruxelas, deu-se o seguinte fato em nossa presença, numa reunião íntima de sete ou oito pessoas, a 13 de setembro.

Solicitou-se a uma senhora médium que escrevesse, sem que se tivesse feito qualquer evocação especial. Assaltada por extraordinária agitação, e depois de haver rasurado violentamente o papel, escreve em caracteres muito grossos estas palavras:

“Arrependo-me! arrependo-me! Latour.”

Surpreendidos com a inesperada comunicação, de modo algum provocada, visto que ninguém pensara nesse infeliz, cuja morte até então era ignorada por uma parte dos assistentes, dirigimos ao Espírito palavras de conforto e comiseração, fazendo-lhe em seguida esta pergunta:

– Que motivo vos levou a manifestar-vos aqui, de preferência a outro lugar, quando não vos evocamos?

Responde o médium de viva voz:

“Vi que, almas compassivas, teríeis piedade de mim, ao passo que outros me evocavam mais por curiosidade que por caridade, ou de mim se afastavam horrorizados.”

24 N. do T.: Vide *O Céu e o Inferno*, 2ª parte, capítulo VI (Jacques Latour).

Depois começou por uma cena indescritível, que não durou mais de meia hora. O médium, juntando os gestos e a expressão da fisionomia à palavra, deixava patente a identificação do Espírito com a sua pessoa; às vezes, esses gestos de cruel desespero desenhavam vivamente o seu sofrimento; o tom da sua voz era tão compungido, as súplicas tão veementes, que ficávamos profundamente comovidos. Alguns estavam mesmo aterrorizados com a superexcitação do médium, mas sabíamos que a manifestação de um ente arrependido, que implora piedade, nenhum perigo poderia oferecer. Se ele buscou os órgãos do médium, é que melhor desejava patentear a sua situação, a fim de que mais nos interessássemos pela sua sorte, e não como os Espíritos obsessores e possesores, que visam apoderar-se dos médiuns para os dominar. Tal manifestação lhe fora talvez permitida não só em benefício próprio, como também para edificação dos circunstantes.

Ei-lo a exclamar:

“Oh! sim, piedade... muito necessito dela... Não sabeis o que sofro... Não o sabeis, e não podereis compreendê-lo. É horrível! A guilhotina!... Que vale a guilhotina comparada a este sofrimento de agora? Nada! – é um instante. Este fogo que me devora, sim, é pior, porque é uma morte contínua, sem tréguas nem repouso... sem-fim!... E as minhas vítimas, ali estão ao redor, a mostrar-me os ferimentos, a perseguir-me com seus olhares...

“Aí estão, e vejo-as todas... todas... sem poder fugir-lhes! E este mar de sangue?! E este ouro manchado de sangue? Tudo aí está!... tudo... e sempre ante meus olhos! E o cheiro de sangue... Não o sentis? Oh! Sangue e sempre sangue! Ei-las que imploram, as pobres vítimas, e eu a feri-las sempre... sempre... impiedosamente!... O sangue inebria-me... Acreditava que depois da morte tudo estaria

terminado, e assim foi que afrontei o suplício e afrontei o próprio Deus, renegando-O!... Entretanto, quando me julgava aniquilado para sempre, que terrível despertar... oh! sim, terrível, cercado de cadáveres, de espectros ameaçadores, os pés atolados em sangue!!... Acreditava-me morto, e estou vivo! Vivo para rever tudo isto! para o ver incessantemente!... Horrendo! horrendo! mais horrendo que todos os suplícios da Terra! Ah! se todos os homens pudessem saber o que há para além da vida, saberiam também quanto custam as conseqüências do mal! Certo não haveria mais assassínios, nem criminosos, nem malfeitores! Eu só quisera que todos os assassinos pudessem ver o que eu vejo e sofro...

“Oh! então não mais o seriam, porque é horrível este sofrimento! Bem sei que o mereci, oh! meu Deus, porque também não tive compaixão das minhas vítimas; repelia as mãos súplices quando imploravam que as poupasse... Sim, fui cruel, decerto, matando-as covardemente para roubá-las! E fui ímpio, e fui blasfemo também, renegando o vosso sacratíssimo nome... *Quis enganar-me, porque eu queria persuadir-me de que vós não existíeis...* Meu Deus, eu sou grande e criminoso! Agora o compreendo. Mas... não tereis piedade de mim?... Vós sois Deus, isto é, a bondade, a misericórdia! Sois onipotente! Piedade, Senhor, Piedade! Eu vo-lo peço, não sejais inexorável; libertai-me destes olhares odiosos, destes espectros horríveis... deste sangue... das minhas vítimas... *olhares que, quais punhaladas, me varam o coração.*

“Vós outros, que aqui estais, que me ouvís, sede bondosos, almas caritativas. Sim, eu o vejo, sei que tendes piedade de mim, não é verdade? Haveis de orar por mim...

“Oh! eu vo-lo suplico, não me abandoneis como fiz outrora aos outros. Pedireis a Deus que me tire este horrendo espetáculo de ante os olhos, e Ele vos ouvirá porque sois bons... Imploro, orai por mim.”

Os assistentes, sensibilizados, dirigiram-lhe palavras de conforto e consolação. Deus, disseram-lhe, não é inflexível; apenas exige do culpado um arrependimento sincero, aliado à vontade de reparar o mal praticado. Uma vez que o vosso coração não está petrificado e que lhe pedis o perdão dos vossos crimes, a sua misericórdia baixará sobre vós. Preciso é, pois, que persevereis na boa resolução de reparar o mal que fizestes. Certo, não podeis restituir às vítimas as vidas que lhes arrancastes, mas, se o impetrardes com fervor, Deus permitirá que as encontreis em uma nova encarnação, na qual lhes podereis patentear tanto devotamento quanto o mal que lhes fizestes. E quando a reparação lhe parecer suficiente, para logo entrareis na sua santa graça. Assim, a duração do vosso castigo está nas vossas mãos, dependendo de vós o abreviá-lo. Comprometemo-nos a auxiliar-vos com as nossas preces e invocar para vós a assistência dos Espíritos bons. Vamos pronunciar em vossa intenção a prece que se contém na *Imitação do Evangelho*, referente aos Espíritos sofredores e arrependidos. Não pronunciaremos a que se refere aos Espíritos maus, porque desde que vos arrependeis, que implorais, que renunciáis ao mal, não passais para nós de um Espírito infeliz e não mau.

Feita essa prece, o Espírito continua, depois de breves instantes de calma:

“Obrigado, meu Deus!... Oh! obrigado! Tivestes piedade de mim... Eis que se afastam os espectros... Não me abandoneis, enviai-me os vossos Espíritos bons para me sustentarem... Obrigado...”

Depois desta cena o médium fica alquebrado, abatido, os membros lassos por algum tempo. A princípio, apenas tem vaga idéia do que se há passado, mas pouco a pouco vai-se lembrando de algumas das palavras que pronunciou sem querer, reconhecendo que não era ele quem falara.

No dia seguinte, em nova reunião, o Espírito tornou a manifestar-se, reencetando a cena da véspera, porém por minutos apenas, e isso com a mesma gesticulação expressiva, posto que menos violenta. Depois, tomado de agitação febril, escreveu:

“Grato às vossas preces. Experimento já uma sensível melhora. Foi tal o fervor com que orei, que Deus me concedeu um momentâneo alívio; não obstante, terei de ver ainda as minhas vítimas... Ei-las! Ei-las! Vedes este sangue?...” (Repetiu-se a prece da véspera. O Espírito continua dirigindo-se ao médium.)

“Perdoai o ter-me apossado de vós. Obrigado pelo alívio que proporcionais aos meus sofrimentos. Perdoai o mal que vos causei, mas eu tenho necessidade de me comunicar, e só vós o podeis...

“Obrigado! obrigado! Já sinto algum alívio, posto não tenha atingido o fim das provações. As minhas vítimas voltarão dentro em breve. Eis a punição a que fiz jus, mas Deus meu, sede indulgente.

“Orai todos vós por mim, tende piedade.”

Latour

Observação – Conquanto não tenhamos prova material da identidade do Espírito que se manifestou, também não temos motivo para duvidar. Em todo o caso, evidentemente é um Espírito muito culpado, mas arrependido, terrivelmente infeliz e torturado pelo remorso. Sob este aspecto, a comunicação é muito instrutiva, porque não se pode menosprezar a profundidade e o elevado alcance de algumas palavras que ela encerra; além disso, oferece um dos aspectos do mundo dos Espíritos castigados, acima do qual, entretanto, se vislumbra a misericórdia de Deus. A alegoria mitológica das Eumênides não é, assim, tão ridícula quanto se pensa, e os demônios, carrascos oficiais do mundo invisível, que os

substituem na crença moderna, são menos racionais, com seus chifres e seus tridentes, do que essas vítimas, elas próprias servindo para o castigo do culpado.

Admitindo a identidade desse Espírito, talvez se admirem de uma mudança assim tão imediata em seu estado moral. É que, como fizemos notar em outra ocasião, muitas vezes há mais recursos num Espírito brutalmente mau, do que no que é dominado pelo orgulho, ou que oculta seus vícios sob o manto da hipocrisia. Este pronto retorno a melhores sentimentos indica uma natureza mais selvagem que perversa, à qual só faltou uma boa direção. Comparando sua linguagem com a de outro criminoso, citado na *Revista* de julho de 1864, sob o título de: *Castigo pela luz*, é fácil ver qual dos dois é mais adiantado moralmente, a despeito da diferença de instrução e de posição social; um obedecia a um instinto natural de ferocidade, a uma espécie de superexcitação, enquanto o outro trazia na perpetração de seus crimes a calma e o sangue-frio de lenta e perseverante combinação e, depois da morte, ainda afrontava o castigo com orgulho. Sofre, mas não quer submeter-se, ao passo que o outro é domado imediatamente. Assim, pode prever-se qual dos dois sofrerá por mais tempo.

Estudos Morais

A VOLTA DA FORTUNA

Lê-se no *Siècle* de 5 de junho de 1864:

“O Sr. X..., berlinense, possuía imensa fortuna. Seu pai, ao contrário, em conseqüência de vários reveses, tinha caído em extrema miséria e se vira forçado a recorrer à generosidade do filho. Este repeliu duramente a súplica do ancião que, para não morrer de fome, teve de recorrer à intervenção da justiça. O Sr. X... foi condenado a fornecer ao pai uma pensão alimentar. Mas, antes,

havia tomado suas precauções: prevendo que parte de seus rendimentos poderia ser confiscada, caso se recusasse a pagar a pensão, resolveu ceder a fortuna a um tio paterno.

“O infeliz pai viu-se privado de sua última esperança. Protestou que a cessão era fictícia e que o filho tinha recorrido a ela para escapar à execução da sentença. Mas teria que o provar; o velho, porém, não dispunha de condições para intentar um processo custoso, já que lhe faltavam as coisas essenciais à vida.

“Um acontecimento imprevisto veio mudar tudo. O tio morreu subitamente, sem deixar testamento. Como não tivesse família, a fortuna reverteu, de direito, ao parente mais próximo, isto é, ao seu irmão.

“Compreende-se o resto. Hoje os papéis estão invertidos. O pai está rico e o filho pobre. O que, sobretudo, deve aumentar o desespero deste último é que não pode invocar o fato de uma cessão fictícia, pois a lei interdita formalmente esse gênero de transação.”

Dir-se-ia que se sempre fosse assim com o mal, melhor seria compreendida a justiça do castigo; sabendo o culpado por que é punido, saberia do que se deve corrigir.

Os exemplos de castigos imediatos são menos raros do que se pensa. Se se remontasse à fonte de todas as vicissitudes da vida, ver-se-ia, aí, quase sempre, a conseqüência natural de alguma falta cometida. A cada instante recebe o homem terríveis lições, das quais, infelizmente, bem poucos tiram proveito. Enceguecido pela paixão, não vê a mão de Deus, que o fere; longe de acusar-se por seus próprios infortúnios, põe a culpa na fatalidade e na má sorte; irrita-as muito mais do que se arrepende. Aliás, não nos surpreenderíamos se o filho, do qual se fala acima, em vez de ter reconhecido seus erros para com o pai, em lugar de lhe ter dispensado melhores sentimentos, passasse a lhe devotar maior

animosidade. Ora, o que pede Deus ao culpado? O arrependimento e a reparação *voluntária*.

Para o animar a isto multiplica à sua volta, durante a vida inteira, todas as formas de advertências: desgraças, decepções, perigos iminentes; numa palavra, tudo o que é próprio a fazê-lo refletir. Se, a despeito disto, seu orgulho resiste, não é justo que seja punido mais tarde? É grave erro pensar que o mal possa ficar impune, uma ou outra vez, na vida atual. Se se soubesse tudo quanto acontece ao mau, aparentemente o mais próspero, ficar-se-ia convencido da verdade de que não há uma única falta nesta vida, uma só inclinação má, dizemos mais, um só mau pensamento que não tenha sua contrapartida. Daí a consequência que, se o homem aproveitasse os avisos que recebe, se se arrependesse e reparasse desde esta vida, teria satisfeito à justiça de Deus e não mais teria de expiar, nem de reparar, seja no mundo dos Espíritos, seja em nova existência. Se há, pois, os que nesta vida sofrem o passado de sua precedente existência, é que devem pagar uma dívida que não saldaram. Se o filho em questão morrer na impenitência, sofrerá, primeiramente, no mundo dos Espíritos, o castigo do remorso; sofrerá moralmente o que fez sofrer materialmente; será um Espírito infeliz, porque terá violado a lei que lhe dizia: Honra teu pai e tua mãe. Mas Deus, que é soberanamente bom e, ao mesmo tempo, soberanamente justo, permitirá que ele reencarne para reparar; talvez lhe dê o mesmo pai e, em sua bondade, lhe poupe a humilhante lembrança do passado; mas o culpado trará consigo a intuição das resoluções que tiver tomado, a vontade de fazer o bem, ao invés do mal; será a voz da consciência que lhe ditará a conduta. Depois, quando retornar ao mundo dos Espíritos, Deus lhe dirá: Vem a mim, meu filho, tuas faltas estão apagadas. Mas, se falhar nessa nova prova, terá de recomeçar, até que se tenha despojado inteiramente do homem velho.

Deixemos, pois, de ver nas misérias que sofremos pelas faltas de uma existência anterior um mistério inexplicável e

digamos que de nós depende evitá-las, obtendo nosso perdão desde esta vida. Depois de saldar nossas dívidas, Deus não nos fará pagá-las segunda vez; mas se permanecermos surdos às suas advertências, então exigirá até o último ceitel, ainda que após vários séculos ou milhares de anos. Para isto não exige vãos simulacros, mas a reforma radical do coração. A morada dos eleitos só é aberta aos Espíritos purificados; qualquer mácula lhes interdita o acesso. Cada um pode pretendê-lo; compete a todos fazer o que a isto for necessário e lá chegar, mais cedo ou mais tarde, conforme seus esforços e sua vontade. Mas jamais dirá Deus a alguém: Não te purificarás!

UMA VINGANÇA

Escrevem de Marselha:

“O Sr. X..., um dos mais distintos negociantes de nossa cidade e por todos estimado, acaba de dar um tiro de pistola no vigário de Saint-Barnabé. Segunda-feira última o Sr. X... ficou sabendo, através de uma carta anônima, que sua esposa mantinha relações íntimas com aquele padre. Deram-lhe os mais minuciosos detalhes, que não deixavam margem a dúvidas quanto à magnitude de sua infelicidade. Chegou em casa, fez um inquérito junto aos empregados: camareira, criados, jardineiro, cocheiro, etc; todos confessaram o que sabiam. A intriga já durava quinze meses. O Sr. X... era alvo da zombaria de todo o quarteirão e o único a não suspeitar de coisa alguma. Foi depois desse inquérito que atirou contra o vigário.” (*Siècle* de 7 de junho de 1864.)

Quem é mais culpado neste triste caso? A mulher, o marido ou o padre? A mulher que, seduzida por piedosos sofismas, provavelmente se julgava desculpada pelo quilate do cúmplice e se tranqüilizara pela esperança de uma absolvição fácil? O marido que, cedendo a uma reação de indignação, não pôde dominar sua cólera? Ou o padre que, de sangue-frio, com premeditação, violou seus

votos, abusou de seu caráter, iludiu a confiança para lançar a desordem, o desespero e a desunião numa família honrada? A consciência pública pronunciou o seu veredicto. Mas, excetuando-se o fato material, há considerações da mais alta gravidade.

Uma filosofia de consciência elástica poderia, talvez, encontrar uma desculpa no arrastamento das paixões e se limitasse a censurar os votos imprudentes. Admitamos, se quiserem, não uma escusa, mas uma circunstância atenuante aos olhos dos homens carnavais e não ficará menos um abuso de confiança e do ascendente que o culpado hauria de sua qualidade; o fascínio que exercia sobre a vítima, protegido no seu hábito sagrado: aí está a falta, aí está o crime que, se não fosse punido pela justiça dos homens, sê-lo-ia certamente pela de Deus.

Ora, quinze meses eram mais que suficientes para dar-lhe tempo de refletir e de voltar ao sentimento de seus deveres. Que fazia ele no intervalo? Ensinava à juventude as verdades da religião; pregava as virtudes do Cristo, a castidade de Maria, a eternidade das penas contra os pecadores; absolvía ou retinha as faltas alheias, conforme seu próprio julgamento. E ele, o refratário aos mandamentos de Deus, que condenam o que ele fazia, era o dispensador infalível da inflexível severidade ou da misericórdia de Deus! É um caso isolado? Ah! a História de todos os tempos aí está a provar o contrário. Aqui fazemos abstração do indivíduo, para não ver senão um princípio que dá lugar à incredulidade e mina secretamente o elemento religioso. O poder absolutório do sacerdote, dizem, independe de sua conduta pessoal. Seja; não discutiremos este ponto, embora pareça estranho que um homem que, por suas infâmias, merece o inferno, possa abrir ou fechar as portas do paraíso a quem lhe aprouver, quando muitas vezes os excessos lhe tiram completamente a lucidez das idéias. Se o temor das penas eternas não detém na via do mal e na violação dos mandamentos de Deus aqueles que os preconizam, é que eles próprios nelas não crêem. A primeira condição para inspirar confiança seria pregar pelo exemplo.

Variedades

SOCIEDADE ALEMÃ DOS PESQUISADORES DE TESOUROS

Em vários jornais franceses e estrangeiros lê-se o artigo seguinte:

“Os espíritas acabam de recrutar novos adeptos na Alemanha. Um certo médico de Zittau, chamado Berthelen, autor de um opúsculo sobre as *mesas girantes*, organizou uma sociedade que se intitula: *Associação dos pesquisadores de tesouros*, e que tem por objetivo explorar o solo das localidades passíveis de conter tesouros enterrados. As operações da empresa são conduzidas por uma sonâmbula das mais lúcidas, Sra. Louise Ebermann, e começaram por escavações cotidianas, executadas em hora fixa, em meio a uma plantação de fumo, onde se acharia oculta a soma de 400.000 táleres (1.500.000 francos). A sociedade conta apenas sete ou oito membros participantes dos trabalhos e, até o momento, suas operações se limitam a fazer preces em comum e a revolver, com certo cerimonial, a terra retirada do solo, onde esperam descobrir o bendito tesouro.”

É realmente curioso ver o empenho de certos jornais em reproduzir tudo quanto, em sua opinião, possa lançar descrédito sobre o Espiritismo. O menor acontecimento infeliz ou ridículo, e ao qual, com ou seu razão, se acha associada a palavra *espírita*, é imediatamente repetida por toda parte, com variantes mais ou menos engenhosas, sem preocupação com a verdade. Até as pasquinadas mais inverossímeis são aceitas com uma seriedade verdadeiramente cômica. Com a aparição dos espectros nos teatros, todos repetem sem trégua que o Espiritismo foi a pique, e que os seus maiores truques foram, enfim, descobertos; é só um charlatão, um saltimbanco ou um ledor de buena-dicha julgarem por bem enfarpelar-se com o nome de espíritas e logo os adversários os assinalam como um dos representantes da doutrina. Que resultou de tudo isto? Repercussão do nome; daí o desejo de conhecer a

coisa; ridículo para os gracejadores, que falam levemente do que não sabem; ódio caído sobre os caluniadores e, em consequência, aumento do número de adeptos sérios, os únicos que contam entre os espíritas.

O artigo acima pertence à categoria de que acabamos de falar. O autor a si mesmo se desmente, dizendo que as pesquisas são feitas com o auxílio de uma sonâmbula das mais lúcidas; não é, pois, com o auxílio dos Espíritos. Em que se baseia para dizer que é uma associação de espíritas? Porque o fundador da sociedade escreveu um opúsculo sobre as mesas girantes, segue-se que seja espírita? De modo algum, porquanto, à época das mesas girantes ainda se estava no á-bê-cê da ciência; e, aliás, se ele conhecesse o Espiritismo, saberia que os Espíritos não podem favorecer nenhuma pesquisa de tal natureza.

Desde que se conhece o sonambulismo as criaturas o têm empregado na descoberta de tesouros, mas, até agora, ninguém conseguiu senão gastar dinheiro em escavações inúteis, como outrora os que procuravam a pedra filosofal. Predizemos a mesma sorte à nova empresa. Quando se soube que os Espíritos podiam comunicar-se, um primeiro pensamento, aliás muito natural, foi o de que eles pudessem servir utilmente às especulações de toda natureza; mas não tardou a se reconhecer que, neste ponto, só se obtinham mistificações. Para isto havia uma causa: foram os próprios Espíritos que a indicaram. Assim, não há hoje um só espírita esclarecido que perca seu tempo em perseguir tais quimeras, porque todos sabem que Deus não dá aos homens semelhante meio de enriquecer e, por esta razão, não permite aos Espíritos revelações deste gênero.

É, pois, abusivamente, que o autor do artigo colocou a associação alemã dos pesquisadores de ouro sob o patrocínio do Espiritismo. Não é entre os que só vêem nos Espíritos servos da ambição, da cupidez e dos interesses materiais que a doutrina

recruta seus adeptos, mas entre os que a consideram como uma causa de melhoramento moral.

Para mais ampla instrução a respeito, remetemos o leitor a O *Livro dos Médiuns*, capítulo XXVI, *Perguntas que se podem fazer aos Espíritos*; nº 291, *Perguntas sobre os interesses morais e materiais*; nº 294, *Perguntas sobre as invenções e descobertas*; nº 295, *Perguntas sobre tesouros ocultos*.

UM QUADRO ESPÍRITA NA EXPOSIÇÃO DE ANTUÉRPIA

Durante nossa estada em Antuérpia, fomos visitar a exposição de pintura, onde admiramos obras verdadeiramente notáveis de pintores nacionais; ali vimos, com extremo prazer, figurar com muita honra dois quadros de nosso colega da Sociedade de Paris, Sr. Wintz, 63, rue de Clichy: *Retour des vaches* (A volta das vacas) e *Clair de Lune* (Luar). Mas o que particularmente nos chamou a atenção foi um gênero de pintura exposto num folheto sob o título de *Cena de interior de camponeses espíritas*. Num interior de fazenda, três indivíduos em costume flamengo, estão sentados em volta de um enorme cepo, sobre o qual põem as mãos, na atitude dos que fazem mover as mesas. Pela fisionomia atenta e concentrada, reconhece-se que levam a coisa a sério. Outras personagens, homens, mulheres e crianças, estão diversamente agrupadas, umas espreitando com ansiedade o primeiro movimento da enorme massa, outras sorrindo com um ar de cepticismo. Essa pintura, cuja execução tem o seu mérito, é original e verdadeira. Se excetuarmos o quadro *mediúnico* que, como tal, figurava na exposição de artes de Constantinopla (Vide a *Revista* de julho de 1863), é a primeira vez que o Espiritismo figura tão claramente confessado nas obras de arte. É um começo.

Allan Kardec

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

NOVEMBRO DE 1864

Nº 11

O Espiritismo é uma Ciência Positiva

ALOCUÇÃO DO SR. ALLAN KARDEC AOS ESPÍRITAS DE
BRUXELAS E ANTUÉRPIA, EM 1864

Publicamos esta alocução a pedido de grande número de pessoas que nos testemunharam o desejo de conservá-la, e porque ela tende a fazer considerar o Espiritismo sob um aspecto de certo modo novo. A *Revista Espírita* de Antuérpia reproduziu-a integralmente.

Senhores e caros irmãos espíritas,

Apraz-me dar-vos este título, porque, embora eu não tenha o privilégio de conhecer todas as pessoas presentes nesta reunião, quero crer que aqui estamos em família e todos em comunhão de pensamentos e de sentimentos. Mesmo admitindo que nem todos os assistentes fossem simpáticos às nossas idéias, não os confundiria menos no sentimento fraterno que deve animar os verdadeiros espíritas para com todos os homens, sem distinção de opinião.

Não obstante, é aos nossos irmãos de crença que me dirijo mais especialmente, para exprimir-lhes a satisfação que sinto de me achar entre eles e de oferecer-lhes, em nome da Sociedade de Paris, a saudação de fraternidade espírita.

Eu já havia tido a prova de que o Espiritismo conta, nesta cidade, numerosos adeptos sérios, devotados e esclarecidos, compreendendo perfeitamente o objetivo moral e filosófico da doutrina; sabia que aqui encontraria corações simpáticos, e isto foi motivo determinante para que eu correspondesse ao insistente e grato convite que me foi feito por vários dentre vós, de aqui fazer uma pequena visita este ano. A acolhida tão amável e cordial que recebi fará que leve de minha estada a mais agradável lembrança.

Certamente eu teria o direito de envaidecer-me pela acolhida que me tem sido dispensada nos diferentes centros que visito, se não soubesse que esses testemunhos se dirigem muito menos ao homem do que à doutrina, da qual sou humilde representante, e devem ser consideradas como uma profissão de fé, uma adesão aos nossos princípios. É assim que os encaro, no que me concerne pessoalmente.

Aliás, se as viagens que faço de vez em quando aos centros espíritas só devessem ter como resultado a satisfação pessoal, eu as consideraria inúteis e delas me absteria. Mas, além de contribuírem para estreitar os laços de fraternidade entre os adeptos, também têm a vantagem de fornecer-me elementos de observação e de estudo, jamais perdidos para a doutrina. Independentemente dos fatos que possam servir ao progresso da ciência, aí recolho os materiais da história futura do Espiritismo, os documentos autênticos sobre o movimento da idéia espírita, os elementos mais ou menos favoráveis ou contrários que ela encontra, conforme as localidades, a força ou a fraqueza e as manobras de seus adversários, os meios de combater estes últimos, o zelo e o devotamento de seus verdadeiros defensores.

Entre estes últimos, devem colocar-se em posição de destaque todos os que militam pela causa com coragem, perseverança, abnegação e desinteresse, sem segunda intenção pessoal, que buscam o triunfo da doutrina pela doutrina, e não pela satisfação de seu amor-próprio; enfim, aqueles que, por seu exemplo, provam que a moral espírita não é uma palavra vã, e se esforçam por justificar esta notável afirmação de um incrédulo: *Com uma tal doutrina, não se pode ser espírita sem ser homem de bem.*

Não há centro espírita onde eu não tenha encontrado um número mais ou menos grande desses pioneiros da obra, desses arroteadores de terreno, desses lutadores infatigáveis que, sustentados por uma fé sincera e esclarecida, pela consciência de cumprir um dever, não desanimam ante nenhuma dificuldade, encarando seu devotamento como dívida de reconhecimento pelos benefícios morais que receberam do Espiritismo. É justo fiquem perdidos para os nossos descendentes os nomes daqueles de que se honra a doutrina e que um dia não possam ser inscritos no panteão espírita?

Infelizmente, ao lado destes por vezes se acham pessoas de má índole, os impacientes da causa, que, não calculando o alcance de suas palavras e de seus atos, podem comprometê-la; os que, por zelo irrefletido, por idéias intempestivas e prematuras, sem o querer fornecem armas aos nossos adversários. Depois vêm aqueles que, não considerando o Espiritismo senão pela superfície, *sem serem tocados no coração*, por seu próprio exemplo dão uma falsa idéia de seus resultados e de suas tendências morais.

Eis aí, sem sombra de dúvida, o maior escolho com que se deparam os sinceros propagadores da doutrina, pois muitas vezes vêm a obra, que tão penosamente esboçaram, desfeita justamente por aqueles que os deveriam secundar. Está provado que o Espiritismo é mais entravado pelos que o compreendem mal do que pelos que não o compreendem absolutamente, e, mesmo,

pelos inimigos declarados. E é de notar que os que o compreendem mal geralmente têm a pretensão de o compreender melhor que os outros; e não é raro ver neófitos que, ao cabo de alguns meses, pretendem dar lições àqueles que adquiriram experiência em estudos sérios. Tal pretensão, que denuncia o orgulho, é uma prova evidente da ignorância dos verdadeiros princípios da doutrina.

Contudo, que os espíritas sinceros não desanimem: é o resultado do momento de transição por que vivemos. As idéias novas não podem estabelecer-se de repente e sem obstáculos; como lhes é preciso varrer as idéias antigas, forçosamente encontram adversários que as combatem e as repelem, sem falar nas criaturas que as tomam em sentido contrário, que as exageram ou desejam acomodá-las a seus gostos e opiniões pessoais. Mas chega o momento em que as idéias contraditórias caem por si mesmas, uma vez conhecidos e compreendidos os verdadeiros princípios pela maioria. Já vedes o que sucedeu com todos os sistemas isolados, surgidos na origem do Espiritismo; todos caíram ante a observação mais rigorosa dos fatos, ou só ainda encontram alguns desses partidários tenazes que, em tudo, se aferram às suas idéias primitivas, sem darem um passo à frente. A unidade se fez na crença espírita com muito mais rapidez do que se esperava. É que os Espíritos, em todos os pontos, vieram confirmar os princípios verdadeiros, de sorte que hoje, entre os adeptos do mundo inteiro, há uma opinião predominante que, se ainda não goza da unanimidade absoluta, é, incontestavelmente, a da imensa maioria. Donde se segue que aquele que quiser marchar na contramão desta opinião, encontrando pouco ou nenhum eco, condena-se ao isolamento. Aí está a experiência para o demonstrar.

Para remediar o inconveniente que acabo de assinalar, isto é, para prevenir as conseqüências da ignorância e das falsas interpretações, é preciso maior empenho na vulgarização das idéias justas e na formação de adeptos esclarecidos, cujo número crescente neutralizará a influência das idéias errôneas.

Minhas visitas aos centros espíritas, naturalmente, têm por objetivo principal auxiliar os nossos irmãos em crença em suas tarefas. Assim, eu as aproveito para lhes dar instruções que possam necessitar, como desenvolvimento teórico ou aplicação prática da doutrina, tanto quanto me é possível fazê-lo. Como é sério o fim dessas visitas, e exclusivamente no interesse da doutrina, não busco ovações, que nem são do meu gosto, nem do meu caráter. Minha maior satisfação é encontrar-me com amigos sinceros, devotados, com os quais nos podemos entreter sem constrangimento e esclarecer-nos mutuamente, por uma discussão amistosa, em que cada um traz o contributo de suas próprias observações.

Nessas excursões não vou pregar aos incrédulos; jamais convoco o público para catequizá-lo, pois não vou fazer propaganda; só compareço a reuniões de adeptos nas quais meus conselhos são desejados e possam ser úteis; eu os dou de bom grado aos que julgam deles necessitar; abstenho-me de dá-los aos que se julgam bastante esclarecidos para os dispensar. Numa palavra, só me dirijo aos homens de boa vontade.

Se, excepcionalmente, se insinuassem nessas reuniões pessoas atraídas somente pela curiosidade, ficariam desapontadas, porquanto aí nada encontrariam que as pudesse satisfazer; e, caso estivessem animadas de sentimento hostil ou desabonador, o caráter eminentemente grave, sincero e moral da assembléia e dos assuntos nela tratados tiraria qualquer pretexto plausível para a sua malevolência. Tais são os pensamentos que exprimo nas diversas reuniões às quais sou chamado para assistir, a fim de que não se equivoquem quanto às minhas intenções.

Afirmei no início que eu não era senão o representante da doutrina. Algumas explicações sobre o seu verdadeiro caráter naturalmente chamarão vossa atenção para um ponto essencial que, até agora, não foi considerado suficientemente. Na verdade, vendo a rapidez dos progressos desta doutrina, haveria mais glória em

dizer-me seu criador; meu amor-próprio aí encontraria o seu salário; mas não devo fazer minha parte maior do que ela é; longe de o lamentar, eu me felicito, porque, então, a doutrina não passaria de uma concepção individual, que poderia ser mais ou menos justa, mais ou menos engenhosa, mas que, por isso mesmo, perderia sua autoridade. Poderia ter partidários, talvez fizesse escola, como muitas outras, mas certamente não teria adquirido, em alguns anos, o caráter de universalidade que a distingue.

Eis um fato capital, senhores, que deve ser proclamado bem alto. Não, o Espiritismo não é uma concepção individual, um produto da imaginação; não é uma teoria, um sistema inventado para a necessidade de uma causa; tem sua fonte nos fatos da própria Natureza, em fatos positivos, que se produzem a cada instante sob os nossos olhos, mas cuja origem não se suspeitava. É, pois, resultado da observação; numa palavra, uma ciência: a ciência das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; ciência ainda imperfeita, mas que se completa todos os dias por novos estudos e que, tende certeza, ocupará o seu lugar ao lado das ciências *positivas*. Digo *positivas*, porque toda ciência que repousa sobre fatos é uma ciência positiva, e não puramente especulativa.

O Espiritismo nada inventou, porque não se inventa o que está na Natureza. Newton não inventou a lei da gravitação; esta lei universal existia antes dele. Cada um a aplicava e lhe sentia os efeitos, embora não a conhecessem.

O Espiritismo, por sua vez, vem mostrar uma nova lei, uma nova força da Natureza: a que reside na ação do Espírito sobre a matéria, lei tão universal quanto a da gravitação e da eletricidade, conquanto ainda desconhecida e negada por certas pessoas, como o foram todas as outras leis na época de suas descobertas. É que os homens geralmente têm dificuldade em renunciar às suas idéias preconcebidas e, por amor-próprio, custa-lhes reconhecer que estavam enganados, ou que outros tenham podido encontrar o que eles mesmos não encontraram.

Mas, afinal, como esta lei repousa sobre fatos, e contra os fatos não há negação que possa prevalecer, terão de render-se à evidência, como os mais recalcitrantes o fizeram quanto ao movimento da Terra, a formação do globo e os efeitos do vapor. Por mais que acusem os fenômenos de ridículos, não podem impedir a existência daquilo que é.

Assim, o Espiritismo procurou a explicação dos fenômenos de uma certa ordem e que, em todos os tempos, se produziram de maneira espontânea. Mas, sobretudo, o que o favoreceu nessas pesquisas é que lhe foi dado, até certo ponto, o poder de produzi-los e de provocá-los. Encontrou nos médiuns instrumentos adequados a tal efeito, como o físico encontrou na pilha e na máquina elétrica os meios de reproduzir os efeitos do raio. É fácil compreender que isto não passa de uma comparação; não pretendo estabelecer uma analogia.

Mas há aqui uma consideração de alta importância: é que, em suas pesquisas, ele não procedeu por via de hipóteses, como o acusam; não supôs a existência do mundo espiritual para explicar os fenômenos que tinha sob as vistas; procedeu por meio da análise e da observação; *dos fatos remontou à causa e o elemento espiritual se lhe apresentou como força ativa; só o proclamou depois de havê-lo constatado.*

Como força e como lei da Natureza, a ação do elemento espiritual abre, assim, novos horizontes à Ciência, dando-lhe a chave de uma imensidão de problemas incompreendidos. Mas, se a descoberta de leis puramente materiais produziu revoluções materiais no mundo, a do elemento espiritual nele prepara uma revolução moral, pois muda totalmente o curso das idéias e das crenças mais arraigadas; mostra a vida sob outro aspecto; mata a superstição e o fanatismo; desenvolve o pensamento, e o homem, em vez de arrastar-se na matéria, de circunscrever sua vida entre o nascimento e a morte, eleva-se ao

infinito; sabe donde vem e para onde vai; vê um objetivo para o seu trabalho, para os seus esforços, uma razão de ser para o bem; sabe que nada do que adquire na Terra, em saber e moralidade, lhe é perdido, e que seu progresso continua indefinidamente no além-túmulo; sabe que há sempre um futuro para si, sejam quais forem a insuficiência e a brevidade da existência presente, ao passo que a idéia materialista, circunscrevendo a vida à existência atual, dá-lhe como perspectiva o nada, que não tem por compensação sequer a duração, que ninguém pode aumentar à vontade, já que podemos cair amanhã, em uma hora, e então o fruto dos nossos labores, de nossas vigílias, dos conhecimentos adquiridos estarão para nós perdidos para sempre, muitas vezes sem termos tido tempo de desfrutá-los.

O Espiritismo, repito, ao demonstrar, não por hipótese, mas por fatos, a existência do mundo invisível e o futuro que nos aguarda, muda completamente o curso das idéias; dá ao homem a força moral, a coragem e a resignação, porque não mais trabalha apenas pelo presente, mas pelo futuro; sabe que se não gozar hoje, gozará amanhã. Demonstrando a ação do elemento espiritual sobre o mundo material, amplia o domínio da Ciência e, por isto mesmo, abre nova via ao progresso material. Então terá o homem uma base sólida para o estabelecimento da ordem moral na Terra; compreenderá melhor a solidariedade que existe entre os seres deste mundo, já que esta solidariedade se perpetua indefinidamente; a fraternidade deixa de ser palavra vã; ela mata o egoísmo, em vez de por ele ser morta e, muito naturalmente, o homem imbuído destas idéias a elas conformará suas leis e suas instituições sociais.

O Espiritismo conduz inevitavelmente a esta reforma. Assim, pela força das coisas, realizar-se-á a revolução moral que deve transformar a Humanidade e mudar a face do mundo, e isto tão-só pelo conhecimento de uma nova lei da Natureza, que dá outro curso às idéias, uma finalidade a esta vida, um objetivo às aspirações do futuro, fazendo encarar as coisas de outro ponto de vista.

Se os detratores do Espiritismo – falo dos que militam pelo progresso social, dos escritores que pregam a emancipação dos povos, a liberdade, a fraternidade e a reforma dos abusos – conhecessem as verdadeiras tendências do Espiritismo, seu alcance e seus inevitáveis resultados, em vez de ridicularizá-lo, como fazem, de interpor incessantemente obstáculos no seu caminho, nele vissem a mais poderosa alavanca para chegar à destruição dos abusos que combatem, em vez de lhe serem hostis, o aclamariam como um socorro providencial. Infelizmente, na sua maioria, crêem mais em si do que na Providência. Mas a alavanca age sem eles e a despeito deles, e a força irresistível do Espiritismo será tanto mais bem constatada quanto mais ele tiver de combater. Um dia dirão deles, o que não será para a sua glória, o que eles próprios dizem dos que combateram o movimento da Terra e dos que negaram a força do vapor. Todas as negações, todas as perseguições não impediram que estas leis naturais seguissem seu curso, assim como os sarcasmos da incredulidade não impedirão a ação do elemento espiritual, que é, também, uma lei da Natureza.

Considerado desta maneira, o Espiritismo perde o caráter de misticismo que lhe censuram os detratores, justamente aqueles que menos o conhecem. Não é mais a ciência do maravilhoso e do sobrenatural ressuscitada: é o domínio da natureza enriquecida por uma lei nova e fecunda, uma prova a mais do poder e da sabedoria do Criador; são, enfim, os limites recuados dos conhecimentos humanos.

Tal é, em resumo, senhores, o ponto de vista sob o qual se deve encarar o Espiritismo. Nesta circunstância, qual foi o meu papel? Nem o de inventor, nem o de criador. Vi, observei, estudei os fatos com cuidado e perseverança; coordenei-os e lhes deduzi as conseqüências: eis toda a parte que me cabe. Aquilo que fiz, outro poderia ter feito em meu lugar. Em tudo isto fui simples instrumento dos pontos de vista da Providência, e dou graças a Deus e aos Espíritos bons por se terem dignado servir-se de mim.

É uma tarefa que aceitei com alegria, e da qual me esforcei por tornar-me digno, pedindo a Deus me desse as forças necessárias para realizá-la segundo a sua santa vontade. No entanto, a tarefa é pesada, mais pesada do que possam imaginá-la; e se tem para mim algum mérito, é que tenho a consciência de não haver recuado perante nenhum obstáculo e nenhum sacrifício. Será a obra da minha vida até meu último dia, porque, na presença de um objetivo tão importante, todos os interesses materiais e pessoais se apagam como pontos diante do infinito.

Termino esta alocução, senhores, dirigindo sinceras felicitações aos nossos irmãos da Bélgica, presentes ou ausentes, cujo zelo, devotamento e perseverança contribuíram para a implantação do Espiritismo neste país. Estou convicto de que as sementes plantadas nos grandes centros de população, como Bruxelas, Antuérpia, etc., não foram lançadas em solo estéril.

Uma Lembrança de Existências Passadas

Num artigo biográfico sobre *Méry*, publicado pelo *Journal littéraire* de 25 de setembro de 1864, encontra-se a seguinte passagem:

“Há teorias singulares, que para ele são convicções.

“Assim, ele crê firmemente que já viveu várias vezes; lembra-se das mínimas circunstâncias de suas existências precedentes e as detalha com entusiasmo, com uma certeza tal que impõe autoridade.

“Assim, foi um dos amigos de Virgílio e de Horácio, conheceu Augusto Germânico, fez a guerra nas Gálias e na Germânia. Era general e comandava as linhas romanas quando

estas atravessaram o Reno. Reconhecia nas montanhas lugares onde havia acampado, os vales de campos de batalha onde combateu. Lembra-se de conversas em casa de Mecenas, que são o terno objeto de seus pesares. Chamava-se Minius.

“Um dia, na sua vida atual, estava em Roma e visitava a biblioteca do Vaticano. Foi recebido ali por jovens noviços, vestidos em longas roupas escuras, que se puseram a lhe falar no latim mais puro. *Méry* era bom latinista, no que tange à teoria e às coisas escritas, mas ainda não havia experimentado conversar familiarmente na língua de Juvenal. Ouvindo esses romanos de hoje, admirando esse magnífico idioma, tão bem harmonizado com os monumentos, com os costumes da época em que era usado, teve a impressão de que um véu lhe caía dos olhos; pareceu-lhe que ele próprio havia conversado, em outros tempos, com amigos que se serviam dessa linguagem divina. Frases feitas e impecáveis fluíam de seus lábios; encontrou imediatamente a elegância e a correção; enfim, falou latim como fala francês; teve em latim o espírito que tem em francês. Nada disso se podia fazer sem aprendizagem e, se não tivesse sido um súdito de Augusto, se não tivesse atravessado aquele século de todos os esplendores, não teria improvisado uma ciência, impossível de adquirir em algumas horas.

“Outra passagem sua na Terra foi nas Índias, razão por que as conhece bem. Por isso, quando publicou a *Guerre du Nizam*, nenhum de seus leitores terá duvidado que ele não tivesse morado muito tempo na Ásia. Suas descrições são vivas, seus quadros são originais, toca com o dedo detalhes tais que é impossível não tenha visto o que conta, pois aí está o cunho da verdade.

“Pretende ter entrado naquele país com uma expedição muçulmana, em 1035. Lá viveu cinquenta anos, passou belos dias e ali se fixou para não mais sair. Era poeta, mas menos letrado que em Roma e em Paris. A princípio guerreiro, depois sonhador, guardou na alma as imagens impressionantes das margens do rio

sagrado e dos ritos hindus. Tinha várias moradas, na cidade e no campo, orou nos templos dos elefantes, conheceu a civilização avançada de Java, viu de pé as esplêndidas ruínas que assinala e que ainda se conhece tão pouco.

“É preciso ouvi-lo contar esses poemas, pois são verdadeiros poemas essas lembranças à maneira de Swedenborg. Ele é muito sério, não o duvideis. Não é uma mistificação arranjada à custa dos ouvintes, mas uma realidade de que ele consegue convencer-vos.

“E suas doutrinas sobre a História, que possui admiravelmente! E suas anedotas tão finas, que projetam nova luz sobre tudo quanto tocam! E seus relatos, que são romances, que quase nos fazem chorar, depois de não termos podido conter o riso! Tudo isto faz de Méry um dos homens mais maravilhosos dos tempos em que viveu e, mesmo, daqueles em que sua alma errante aguardava sua vez para entrar num corpo e novamente fazer que dela falassem as gerações sucessivas.”

Pierre Dangeau

O autor do artigo não acompanha este fato de nenhuma reflexão. Depois de ter exaltado o alto mérito de Méry e sua grande inteligência, foi inconseqüente ao tachá-lo de louco. Se, pois, Méry é um homem de bom-senso, de alto valor intelectual; se a crença de já ter vivido é nele uma convicção; se essa convicção não é produto de um sistema de sua maneira de ver, mas o resultado de uma lembrança retrospectiva e de um fato material, a coisa não é de chamar a atenção de todo homem sério? Vejamos a que conseqüências incalculáveis este simples fato nos conduz.

Se Méry já viveu, isto não deve constituir uma exceção, porquanto as leis da Natureza são as mesmas para todos e, assim, todos os homens também devem ter vivido; se já vivemos, por certo não é o corpo que renasce, mas o princípio inteligente, a

alma, o Espírito. Temos, pois, uma alma. Uma vez que Méry conservou a lembrança de várias existências, e desde que os lugares lhe recordam o que viu outrora, com a morte do corpo a alma não se perde no todo universal; conserva, pois, a sua individualidade, a consciência do seu *eu*.

Lembrando-se Méry do que foi há dois mil anos, em que se tornou sua alma no intervalo? Precipitou-se no oceano do infinito ou se perdeu nas profundezas do espaço? Não; sem isto ela não reencontraria sua individualidade de outrora. Então deve ter ficado na esfera da atividade terrestre, vivendo a vida espiritual, em nosso meio ou no espaço que nos rodeia, até retomar um novo corpo. Não sendo Méry único no mundo, deve haver em torno de nós uma população inteligente, invisível.

Renascendo para a vida corporal, depois de um intervalo mais ou menos longo, a alma renasce no estado primitivo? como alma nova? ou aproveita as idéias adquiridas em suas existências anteriores? A lembrança retrospectiva resolve a questão por um fato: Se Méry tivesse perdido as idéias adquiridas, não teria reconhecido a língua que falava outrora; a visão dos lugares nada lhe teria recordado.

Mas se já vivemos, por que não reviveríamos ainda? Por que esta existência seria a última? Se renascemos com o desenvolvimento intelectual realizado, a intuição que trazemos das idéias adquiridas é um fundo que ajuda a aquisição de novas idéias, que torna o estudo mais fácil. Se, numa existência, o homem for apenas um matemático pela metade, precisará de menos trabalho para ser um matemático completo. É uma consequência lógica. Se se tornou mais ou menos bom, se se corrigiu de alguns defeitos, terá menos dificuldade para tornar-se ainda melhor, e assim por diante.

Nada do que adquirimos em inteligência, em saber e em moralidade fica perdido; quer morramos jovens ou velhos, quer tenhamos ou não tempo de aproveitá-lo na existência presente,

colheremos os seus frutos em existências subseqüentes. As almas que animam os franceses civilizados de hoje podem, então, ser as mesmas que animavam os bárbaros francos, ostrogodos, visigodos, os gauleses selvagens, os conquistadores romanos, os fanáticos da Idade Média, mas que, a cada existência, deram um passo à frente, apoiadas nos passos precedentes, e que progredirão ainda. Eis, pois, resolvido o grande problema da Humanidade, contra o qual se chocaram tantos filósofos! está resolvido pelo simples fato da pluralidade das existências. Mas quantos problemas hão de encontrar a sua solução na solução deste! Que horizontes novos isto não abre! É toda uma revolução nas crenças e nas idéias.

Assim raciocinará o pensador sério, o homem refletido. Um fato é um ponto de partida, do qual tira conseqüências. Ora, quais são os pensamentos que o caso de Méry desperta no autor do artigo? Ele próprio os resume nestas palavras: “Há teorias singulares, que para ele são convicções.”

Mas se esse autor vê em tudo isto apenas uma coisa bizarra, pouco digna de sua atenção, não se dá o mesmo com todo o mundo. Alguém encontra em seu caminho um diamante bruto que, por lhe desconhecer o valor, não se digna apanhar, enquanto outra pessoa saberá apreciá-lo e tirar proveito.

Hoje as idéias espíritas se produzem sob todas as formas; estão na ordem do dia e, sem querer confessá-las, a imprensa as registra e as semeia em profusão, crendo que apenas enriquece suas colunas de facécias. Não é impressionante que todos os adversários da idéia, sem exceção, trabalhem sem trégua para a sua propagação? Gostariam de falar o que a força das coisas os arrasta a falar. Assim o quer a Providência – para os que crêem na Providência.

Dirão que raciocinamos sobre um fato isolado, incapaz de fazer lei, porquanto, se a pluralidade das existências fosse uma condição inerente à Humanidade, por que nem todos os homens se

recordam, como Méry? A isto respondemos: Dai-vos ao trabalho de estudar o Espiritismo e o sabereis. Não repetiremos, pois, o que cem vezes foi demonstrado em relação à inutilidade da lembrança, para aproveitar a experiência adquirida nas existências precedentes e o perigo dessa lembrança para as relações sociais.

Mas há outra causa para esse esquecimento, de certo modo fisiológica, devida, ao mesmo tempo, à materialidade do nosso envoltório e à identificação do nosso Espírito pouco adiantado com a matéria. À medida que o Espírito se depura, os laços materiais são menos tenazes, o véu que obscurece o passado menos opaco; assim, a faculdade da lembrança retrospectiva segue o desenvolvimento do Espírito. O fato é raro em nossa Terra, porque a Humanidade ainda é muito material; mas seria erro supor que Méry seja um exemplo único. De vez em quando Deus permite que um Méry se apresente, a fim de trazer aos homens o conhecimento da grande lei da pluralidade das existências, a única que explica a origem de suas qualidades boas ou más, mostra-lhe a justiça das misérias que aqui suporta e lhe traça a rota do futuro.

A inutilidade da lembrança para aproveitar o passado é o que custam mais a compreender os que não estudaram o Espiritismo; para os espíritas é uma questão elementar. Sem repetir o que já foi dito a respeito, a seguinte comparação poderá facilitar o seu entendimento.

O aluno percorre a série de classes, desde a oitava até a filosofia. O que aprendeu na oitava lhe serve para aprender o que ensinam na sétima. Suponhamos agora que no fim da oitava tenha perdido toda a lembrança do tempo passado nesta classe; nem por isto seu Espírito será menos desenvolvido e dotado de conhecimentos adquiridos; apenas não se lembrará nem onde nem como os adquiriu, mas, em face do progresso realizado, estará apto a aproveitar as lições da sétima. Imaginemos, ainda, que na oitava tenha sido preguiçoso, colérico, indócil, mas que, tendo sido

castigado e moralizado, seu caráter se tenha modificado, tornando-se laborioso, doce e obediente; levará essas qualidades para a nova classe, que lhe parecerá ser a primeira. De que lhe serviria saber que foi fustigado pela preguiça, se agora já não é preguiçoso? O essencial é que chegue na sétima melhor e mais capaz do que era na oitava. Assim será de classe em classe.

Pois bem! o que não acontece ao escolar, nem ao homem nos diferentes períodos de sua vida, existe para ele de uma existência a outra: eis toda a diferença; mas o resultado é exatamente o mesmo, embora em maior escala.

(Vide outro exemplo de lembrança do passado relatado na *Revista Espírita* de julho de 1860).

Um Criminoso Arrependido²⁵

(Continuação)

(Passy, 4 de outubro de 1864 – Médiun: Sr. Rul.)

Nota – O médium tivera a intenção de evocar Latour desde o momento do suplício. Tendo perguntado a seu guia espiritual se poderia fazê-lo, este respondeu que esperasse lhe fosse indicado o momento. Somente no dia 3 de outubro a autorização foi dada, após ter lido o artigo da *Revista*, que fazia referência ao caso.

P. – Ouvistes as minhas preces?

Resp. – Sim; ouvi-as e vo-las agradeço, não obstante a minha perturbação.

Fui evocado quase imediatamente depois da minha morte, porém não pude manifestar-me logo, de modo que muitos

25 N. do T.: Vide *O Céu e o Inferno*, 2ª parte, capítulo VI – Jacques Latour (continuação).

Espíritos levianos tomaram-me o nome e a vez. Aproveitei a estada em Bruxelas do Presidente da Sociedade de Paris e comuniquei-me, com a aquiescência de Espíritos superiores.

Voltarei a manifestar-me na Sociedade, a fim de fazer revelações que serão um começo de reparação às minhas faltas, podendo também servir de ensinamento a todos os criminosos que me lerem e meditarem na exposição dos meus sofrimentos. É somente sobre o Espírito dos homens fracos ou das crianças que a narrativa de penas infernais pode produzir efeitos terroristas. Ora, um grande malfeitor não é um espírito pusilânime, e o temor da polícia é para ele mais real que a descrição dos tormentos do inferno. Eis por que todos os que me lerem ficarão comovidos com as minhas palavras e com os meus padecimentos, que não são ficções. Não há um só padre que possa dizer que viu o que tenho visto, porque tenho assistido às torturas dos danados. Mas, quando eu vier dizer: – “Eis o que se passou após a minha morte, a morte do corpo; eis a minha enorme decepção ao me reconhecer vivo, ao contrário do que supunha e tinha tomado pelo termo dos suplícios, quando era o começo de outras torturas, aliás indescritíveis!” – então, mais de um se deterá à borda do precipício em que ia despenhar-se, e cada um dos desgraçados, desviados por mim da senda criminosa, concorrerá para o resgate das minhas faltas. É assim que do próprio mal sai o bem, e que a vontade de Deus se manifesta em toda parte, na Terra como no espaço.

Foi-me permitido libertar-me do olhar das minhas vítimas transformadas em carrascos, a fim de comunicar convosco; ao deixar-vos, entretanto, tornarei a vê-las e só esta idéia me causa tal sofrimento que eu não poderia descrevê-lo. Sou feliz quando me evocam, porque assim deixo o meu inferno por alguns instantes.

Orai sempre ao Senhor por mim, pedi-lhe que me liberte do olhar das minhas vítimas.

Sim, oremos juntos. A prece faz tanto bem... Estou mais aliviado; não sinto tão pesado o fardo que me acabrunha. Vejo um resquício de esperança luzindo-me aos olhos e, contrito, exclamo: Bendita a mão do Senhor e seja feita a sua vontade!

J. Latour

O guia espiritual do médium dita o seguinte:

“Não tome os primeiros gritos do Espírito que se arrepende como sinal infalível de suas resoluções. Ele pode estar de boa-fé em suas promessas, porque a primeira impressão que sente ao se ver no mundo dos Espíritos é de tal modo fulminante que, ao primeiro testemunho de caridade que recebe de um Espírito encarnado, ele se entrega às expansões do reconhecimento e do arrependimento. Mas, por vezes, a reação é igual à ação e, em muitas outras, esse Espírito culpado, que ditou a um médium tão boas palavras, pode voltar à sua natureza perversa, às suas tendências criminosas. Como uma criança que ensaia os primeiros passos, precisa de ajuda para não cair.”

No dia seguinte o Espírito Latour foi evocado novamente.

O médium – Em vez de pedir a Deus para vos furtar ao olhar das vossas vítimas, eu vos convido a pedir a Ele que vos dê a força necessária para suportardes essa tortura expiatória.

Latour – Eu preferiria livrar-me de tais olhares. Se soubésseis quanto sofro... O homem mais insensível comover-se-ia vendo impressos na minha fisionomia, como que a fogo, os sofrimentos de minha alma. Farei, entretanto, o que me aconselhais, pois compreendo ser esse um meio de expiar um pouco mais rapidamente as minhas faltas. É qual dolorosa operação que viesse curar um corpo gravemente adoentado. Ah! Pudessem ver-me os culpados da Terra, e ficariam apavorados das

conseqüências de seus crimes, desses crimes que, ignorados dos homens, são, no entanto, vistos pelos Espíritos. Como a ignorância é fatal para tanta gente!

Que responsabilidade assumem os que recusam instrução às classes pobres da sociedade! Acreditam que com polícia e soldados se previnem crimes... Que grande erro! Se dobrassem ou quadruplicassem o número de agentes da autoridade, os mesmos crimes seriam cometidos, porque é preciso que os Espíritos maus encarnados cometam crimes.

Eu me recomendo à vossa caridade.

Observação – Sem dúvida é por um resquício de preconceitos terrenos que diz Latour: “É preciso que os Espíritos maus encarnados cometam crimes.” Seria a fatalidade nas ações dos homens, doutrina que a todos desculpava. Aliás, é muito natural que ao sair de semelhante existência, o Espírito não compreenda ainda a liberdade moral, sem a qual o homem estaria ao nível dos animais. Causa admiração que ele não diga coisas ainda piores.

A comunicação seguinte, do mesmo Espírito, foi obtida espontaneamente em Bruxelas, pela Sra. C..., o mesmo médium que havia servido de instrumento à cena relatada no número de outubro.

“Nada mais receeis de mim; estou mais tranqüilo, embora ainda padeça. Vendo o meu arrependimento, Deus teve compaixão de mim. Agora *sofro por causa desse arrependimento, que me demonstra a enormidade dos meus crimes*. Bem aconselhado na vida, eu não teria jamais praticado todo esse mal, mas, sem repressão, obedeci cegamente aos meus instintos. Se todos os homens pensassem mais em Deus, ou, antes, se nele acreditassem, tais faltas não seriam cometidas.

“Falha é, porém, a justiça dos homens; uma falta muita vez passageira leva o homem ao cárcere, que não deixa de ser um foco de perversão. Daí sai ele completamente corrompido pelos maus exemplos e conselhos. Dado porém que a sua índole seja boa e forte para se não corromper, ainda assim, de lá saído, ele vai encontrar fechadas todas as portas, retraídas todas as mãos, indiferentes todos os corações! Que lhes resta pois? O desprezo, a miséria, o abandono e o desespero, se é que o assistem boas resoluções de se corrigir. Então a miséria o leva aos extremos, e assim é que também ele se toma de desprezo por seu semelhante, assim é que o odeia e perde a noção do bem e do mal, por isso que repellido se encontra, a despeito das suas boas intenções. Para angariar o necessário, rouba, mata às vezes, e depois... depois o executam! Meu Deus, ao ser presa novamente das minhas alucinações, sinto que a vossa mão se estende por sobre mim; sinto que a vossa bondade me envolve e protege.

“Obrigado, meu Deus! na próxima existência empregarei toda a minha inteligência no socorro aos desgraçados que sucumbiram, a fim de os preservar da queda. Obrigado a vós que não desdenhais de comunicar comigo; nada receeis, pois bem o vedes, eu não sou mau. Quando pensardes em mim, não vos figureis o meu retrato pelo que de mim vistes, mas o de uma alma angustiada que agradece a vossa indulgência.

“Adeus; evocai-me ainda e orai a Deus por mim.”

Latour

Observação – O Espírito faz alusão ao temor que sua presença inspirava ao médium.

“Sofro, diz ele ainda, por esse arrependimento, que me mostra a enormidade de minhas faltas.” Há nisto um pensamento profundo. Realmente, o Espírito não compreende a gravidade de seus erros senão quando se arrepende; o arrependimento traz o pesar, o remorso, sentimento doloroso, que é a transição do mal

para o bem, da doença moral para a saúde moral. É para se furtarem a isto que os Espíritos perversos se tornam inflexíveis à voz da consciência, como os doentes que repelem o remédio que os deve curar. Procuram iludir-se e atordoar-se, persistindo no mal. Latour chegou a um período em que o endurecimento acaba por ceder; o remorso entrou em seu coração; seguiu-se o arrependimento; compreende a extensão do mal que fez; vê a sua abjeção e sofre com isto. Eis por que diz: “Sofro por esse arrependimento.” Em sua existência precedente, deveria ter sido pior que nesta, porquanto, se se tivesse arrependido como o fez agora, sua vida teria sido melhor. As resoluções tomadas agora influirão sobre sua existência terrestre futura; a que acaba de deixar, por mais criminosa que tenha sido, marcou-lhe uma etapa de progresso. É mais que provável que, antes de começá-la, ele fosse, na erraticidade, um desses Espíritos maus, rebeldes, obstinados no mal, como se vêem tantos.

Muitas pessoas perguntaram que proveito poder-se-ia tirar das existências passadas, já que não se lembram do que foram, nem do que fizeram.

Esta questão está completamente resolvida, levando-se em conta que, se o mal que praticamos estivesse apagado, e se dele não restasse traço algum em nossos corações, sua lembrança seria inútil, uma vez que com eles não mais temos de nos preocupar. Quanto àquilo de que não nos corrigimos completamente, nós o conhecemos por nossas tendências atuais; é para estas que devemos concentrar toda a nossa atenção. Basta saber o que somos, sem que seja necessário saber o que fomos.

Durante a vida, quando se considera a dificuldade da reabilitação do mais arrependido dos culpados, da reprovação de que é objeto, deve-se agradecer a Deus por ter lançado um véu sobre o passado. Se Latour tivesse sido condenado em tempo hábil, e mesmo se tivesse sido absolvido, seus antecedentes levariam a sociedade a rejeitá-lo. A despeito do seu arrependimento quem o

teria admitido na intimidade? Os sentimentos que hoje manifesta como Espírito nos fazem esperar que, na próxima existência terrena, será um homem de bem, estimado e considerado. Mas supõe que se saiba quem foi Latour: a reprovação ainda o perseguirá. O véu lançado sobre o passado abre-lhe a porta da reabilitação; poderá sentar-se sem temor e sem desonra entre as mais distintas pessoas. Quantos não gostariam, fosse qual fosse o preço, de apagar da memória dos homens certos anos de sua existência!

Que se encontre, então, uma doutrina que melhor se concilie com a justiça e a bondade de Deus! Aliás, esta doutrina não é uma teoria, mas um resultado da observação. Não foram os espíritos que a imaginaram; eles viram e observaram as diversas situações em que se apresentam os Espíritos; procuraram a sua explicação, da qual saiu a doutrina. Se a aceitaram é porque ela resulta dos fatos e lhes pareceu mais racional que todas as concebidas até hoje sobre o futuro da alma.

Latour foi evocado muitas vezes, o que era muito natural. Mas, como sucede em casos semelhantes, houve muitas comunicações apócrifas, e os Espíritos levianos não perderam essa ocasião. A própria situação de Latour se opunha a que se pudesse manifestar quase simultaneamente em tantos pontos ao mesmo tempo. Tal ubiqüidade só é privilégio dos Espíritos superiores.

As comunicações que referimos são mais autênticas? Pensamos que sim e o desejamos, sobretudo para o bem desse Espírito. Em falta dessas provas materiais, que constata a identidade de modo absoluto, como muitas vezes são obtidas, pelo menos temos provas morais, que tanto resultam das circunstâncias em que ocorrem as manifestações, quanto da concordância. Sobre as comunicações que conhecemos, oriundas de fontes diversas, pelo menos três quartas partes concordam quanto ao fundo; entre as outras algumas não resistem a um exame, tão evidente é o erro

de situação, em flagrante contradição com o que nos ensina a experiência sobre o estado dos Espíritos no mundo espiritual.

Seja como for, não se pode recusar àquelas que citamos um alto ensino moral. O Espírito pode ter sido, deve mesmo ter sido ajudado em suas reflexões e, sobretudo, na escolha das expressões, por Espíritos mais adiantados. Mas, em casos semelhantes, estes últimos só assistem na forma, e não no fundo, e jamais põem o Espírito inferior em contradição consigo mesmo. Em Latour puderam poetizar a forma do arrependimento, mas não o teriam levado a exprimir o arrependimento contra a sua vontade, porque o Espírito tem o seu livre-arbítrio; nele viam o germe dos bons sentimentos, razão por que o ajudaram a exprimi-los, contribuindo, dessa maneira, para desenvolvê-los, ao mesmo tempo que para ele atraíram a comiseração.

Há algo de mais comovente, de mais moral, susceptível de impressionar mais vivamente, do que o quadro desse grande criminoso arrependido, a manifestar desespero e remorso? que, em meio às torturas, perseguido pelo olhar incessante de suas vítimas, eleva o pensamento a Deus para implorar misericórdia? Não está aí um salutar exemplo para os culpados? Tudo é sensato em suas palavras; tudo é natural em sua situação, enquanto a que lhe é atribuída por certas comunicações é ridícula. Compreende-se a natureza de suas angústias; elas são racionais, terríveis, embora simples e sem encenação fantasmagórica. Por que se não teria arrependido? Por que não haveria nele uma corda sensível e vibrante? Está precisamente aí o lado moral de suas comunicações; é a inteligência que tem da situação; são os pesares, as resoluções, os projetos de reparação que são eminentemente instrutivos. Que haveria de extraordinário no fato de ter-se arrependido sinceramente antes de morrer? que tivesse dito antes o que dissera depois?

Aos olhos da maioria de seus semelhantes, um retorno

ao bem antes de sua morte teria passado por uma fraqueza. Sua voz de além-túmulo é a revelação do futuro que os aguarda. Está absolutamente certo quando diz que o seu exemplo é mais adequado a reconduzir os culpados que as perspectiva das chamas do inferno e, mesmo, o patíbulo. Por que, então, não o daria nas prisões? Isto levaria mais de um a refletir, conforme temos vários exemplos. Como, porém, acreditar nas palavras de um morto, quando se crê que, após a morte, tudo está acabado? Contudo, dia virá em que se reconhecerá esta verdade: que os mortos podem vir e instruir os vivos.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

PIERRE LEGAY, O GRAND-PIERROT

(Paris, 16 de agosto de 1864 – Médiun: Sra. Delanne)

Pierre Legay era um rico cultivador um pouco interesseiro, falecido há dois anos e parente da Sra. Delanne. Era conhecido na região pela alcunha de *Grand-Pierrot*.

A conversa seguinte mostra um dos ângulos mais interessantes do mundo invisível, o dos Espíritos que ainda se julgam vivos. Foi obtida pela Sra. Delanne, que a comunicou à Sociedade de Paris. O Espírito se exprime exatamente como o fazia em vida; a própria trivialidade da linguagem é uma prova de identidade. Tivemos de suprimir algumas expressões que lhe eram familiares, por causa de sua crueza.

Diz a Sra. Delanne: “Desde algum tempo ouvíamos batidas à nossa volta; presumindo que pudesse ser um Espírito, pedimos-lhe se desse a conhecer. Ele logo escreveu: Pierre Legay, cognominado Grand-Pierrot.

P. – Eis-vos, então, em Paris, Grand-Pierrot, vós que

tínheis tanta vontade de vir aqui?

Resp. – Estou aqui, meu caro amigo; vim só, já que *ela* veio sem mim. E, contudo, eu lhe dissera tanto que me prevenisse... mas, enfim, aqui estou. Estava aborrecido, porque não me deram atenção.

Observação – O Espírito alude à mãe da Sra. Delanne, que desde algum tempo tinha vindo morar em Paris, na casa de sua filha. Ele a designa por um epíteto que lhe era habitual e que substituímos por *ela*.

P. – Sois vós que bateis à noite?

Resp. – Onde quereis que eu vá? Não posso deitar-me em frente à porta.

P. – Então vos deitais em nossa casa?

Resp. – Mas, evidentemente. Ontem fui passear convosco (ver as iluminações). Vi tudo. Ah! como aquilo é bonito! Ainda bem! Pode dizer-se que fizeram belas coisas. Asseguro-vos que estou muito contente; não lamento o meu dinheiro.

P. – Por que caminho viestes a Paris? Então pudestes abandonar as vossas paragens?

Resp. – Mas, com os diabos! eu não posso cavar e estar aqui. Estou muito contente por ter vindo. Perguntais como vim; mas vim pela estrada de ferro.

P. – Com quem estáveis?

Resp. – Bem, palavra de honra! eu não os conhecia.

P. – Quem vos deu o meu endereço? Dizei, também, de onde vinha a simpatia que tínheis por mim.

Resp. – Mas quando fui à casa *dela* (a mãe da Sra. Delanne) e não a encontrei, perguntei ao guarda onde ela estava. Ele me disse que estava aqui: então eu vim. E, depois, vede, meu amigo, gosto de vós porque sois um bom rapaz; agradastes-me, sois

franco e eu gosto de todas essas crianças. Vede, quando se gosta dos parentes também se gosta das crianças.

P. – Dizei-me o nome da pessoa que guarda a casa de minha sogra, já que ela tem as chaves no bolso.

Resp. – Quem lá encontrei? Mas foi o pai Colbert, que me disse que ela lhe havia dito que prestasse atenção.

P. – Vedes aqui o meu sogro, papai Didelot?

Resp. – Como quereis que o veja, se não está aqui? Sabeis perfeitamente que ele morreu.

(2ª conversa, 18 de agosto de 1864)

Tendo ido passar o dia em Châtillon, o Sr. e a Sra. Delanne ali fizeram a evocação de Pierre Legay.

P. – Então, viestes a Châtillon?

Resp. – Mas eu vou sigo por toda parte.

P. – Como viestes aqui?

Resp. – Sois engraçados! Vim na vossa viatura.

P. – Não vos vi pagar a passagem!

Resp. – Subi com Marianne e depois vossa mulher. Pensei que a tínheis pago. Estava na parte superior; nada me pediram. Não pagastes? Por que o condutor não reclamou?

P. – Quanto custou a passagem de trem de Ligny a Paris?

Resp. – Na estrada de ferro não é a mesma coisa. Fui a pé de Tréveray a Ligny; depois tomei o comboio e paguei ao condutor.

P. – Foi mesmo ao condutor que pagastes?

Resp. – A quem querieis que eu tivesse pago? Mas, meu primo, então acreditais que eu não tenha dinheiro? Há muito tempo havia reservado dinheiro para vir. Não é por eu não ter pago a passagem que devem pensar que não tenho dinheiro. Sem isto eu não teria vindo.

P. – Mas não me respondestes quanto gastastes no percurso em estrada de ferro de Nançois-le-Petit até Paris.

Resp. – Mas, b... paguei como os outros. Dei 20 francos e me devolveram 3 francos e sessenta centavos. Vede quanto é.

Observação – A soma de 16 fr. e 40 c. é, de fato, a marcada no *guia de preços* da estrada de ferro, o que ignorava o casal Delanne.

P. – Quanto tempo levastes na estrada de ferro de Nançois a Paris?

Resp. – Tanto quanto os outros. Não fizeram a locomotiva funcionar mais depressa para mim do que para os demais. Aliás, eu não podia achar o tempo longo; jamais tinha viajado de trem e pensava que Paris era muito mais longe. O que me espanta mais é essa velhaca (a sogra do Sr. D...), que aí vem tantas vezes. Por Deus! estou contente de poder correr convosco. Apenas muitas vezes não respondeis. Compreendo: vossos negócios vos sobrecarregam muito. Ontem não ousei regressar convosco pela manhã (a casa comercial onde o Sr. D... está empregado) e fui visitar o cemitério de Montmartre, creio; não é assim que o chamais? Precisais dizer-me os nomes para que possa contá-los quando lá voltar. (Com efeito, o Sr. e a Sra. Delanne tinham ido pela manhã ao cemitério de Montmartre).

P. – Visto que nada vos prende à região, pensais em partir logo?

Resp. – Só depois de ter visto tudo, já que estou aqui. E, depois, palavra de honra, eles bem podem mexer um pouco os outros (seus filhos); farão como quiserem. *Quando eu não estiver*

mais aqui, terão de passar sem mim. Que dizeis, primo?

P. – O que achais do vinho de Paris? e da comida?

Resp. – Não é melhor do que aquele que vos fiz beber (O Espírito faz alusão a uma circunstância em que fez o Sr. D.. beber vinho engarrafado há vinte e cinco anos); contudo não é mau. Quanto à comida, tanto faz; muitas vezes como pão ao vosso lado. Não gosto de sujar um prato; não vale a pena, quando não estamos habituados. Por que fazer cerimônias?

P. – Então onde dormis? não notei vosso leito.

Resp. – Chegando, Marianne foi a um quarto escuro; pensei que fosse para mim; deitei-me lá. Falei várias vezes a todos.

P. – Em vossa idade, não temeis ser atropelado nas ruas de Paris?

Resp. – Ah! meu primo, o que mais me aborrece são esses tais de carros; por isso, não deixo as calçadas.

P. – Há quanto tempo estais em Paris?

Resp. – Sabeis perfeitamente que cheguei quinta-feira última; creio que há oito dias.

P. – Como não vi vossa mala, se precisardes de roupa branca não vos constrangeis.

Resp. – Tomei duas camisas; é o bastante; quando estiverem sujas, eu voltarei para casa; gostaria de não vos incomodar.

P. – Quereis dizer o que vos disse o pai Colbert antes de vossa partida para Paris?

Resp. – Ele está na casa de Marianne há um bom tempo. Vendendo-a, quis ainda ficar por lá. Diz que não perturba, pois a guarda.

P. – Dissestes ontem que não víeis meu sogro Didelot,

porque ele morreu. Como, então, vedes tão bem o pai Colbert, que também está morto há pelo menos trinta anos?

Resp. – Ah! perguntais o que ignoro; não havia refletido nisto. O que é certo é que ele lá está bem tranqüilo; mais não vos posso dizer.

Observação – O pai Colbert era o antigo proprietário da casa da mãe da Sra. Delanne. Parece que desde sua morte ficou na casa, da qual se constituiu guarda, e que, também ele, se julga ainda vivo. Assim, esses dois Espíritos, Colbert e Pierre Legay, se vêem e conversam como se ainda pertencessem a este mundo, não se dando conta de sua situação.

(3^a conversa, 19 de agosto de 1864)

P. – [Ao guia espiritual do médium]. Gostaríamos que désseis algumas instruções a respeito do Espírito Legay, e dizer-nos se já é tempo de fazer que compreenda sua verdadeira situação.

Resp. – Sim, meus filhos, desde ontem ele está perturbado, por causa de vossas perguntas; tudo para ele é confuso quando quer saber, pois ainda não reclama a proteção de seu anjo-da-guarda.

P. – [A Legay]. Estais aqui?

Resp. – Sim, meu primo, mas tudo isto é muito estranho. Não sei o que isto quer dizer. Não te vás sem mim, Marianne.

P. – Refletistes no que pedimos que ontem dissésseis a respeito do pai Colbert, que vistes vivo, quando, na verdade, ele está morto?

Resp. – Não posso saber como isto acontece. Apenas já ouvi dizer que havia aparições. Por Deus! creio que ele é um dos tais. Digam, contudo, o que quiserem: eu o vi perfeitamente. Mas estou cansado; preciso de um pouco de tranqüilidade.

P. – Credes em Deus e fazeis vossas preces diárias?

Resp. – Juro que sim; se isto não faz bem, não me pode fazer mal.

P. – Credes na imortalidade da alma?

Resp. – Oh! isto é diferente. Não posso pronunciar-me sobre isto; duvido.

P. – Se eu vos desse uma prova da imortalidade da alma, acreditaríeis?

Resp. – Oh! então os parisienses conhecem tudo? Só peço isto. Como fareis?

P. – [Ao guia do médium]. Podemos fazer a evocação do pai Colbert, para lhe provar que está morto?

Resp. – Não precisa ir tão depressa; trouxe-o de volta suavemente. Depois este outro Espírito vos fatigará muito esta noite.

P. – [A Legay]. Onde estais colocado, que não vos vejo?

Resp. – Não me vedes?! Ah! isto é demais! Então estais cego?

P. – Dai-vos conta da maneira por que nos falais, já que fazeis minha mulher escrever?

Resp. – Eu? juro que não.

(Várias perguntas novas foram dirigidas ao Espírito e ficaram sem resposta. Evocaram seu anjo-da-guarda, e um dos guias do médium respondeu o que se segue).

“Meus amigos, sou eu que venho responder, pois o anjo-da-guarda deste pobre Espírito não está com ele; só virá quando ele próprio o chamar e rogar ao Senhor que lhe conceda a luz. Posto ainda estivesse sob o império da matéria e não quisesse escutar a voz de seu anjo-da-guarda, este se afastou dele, já que

teimava em ficar estacionário. Com efeito, não era ele que te fazia escrever; falava como de hábito, persuadido de que o escutáveis; mas era seu Espírito familiar que te conduzia a mão. Para ele, conversava com teu marido; tu escrevias e tudo isto lhe parecia muito natural. Mas as vossas últimas perguntas e vossos pensamentos o levaram a Tréveray; está perturbado; orai por ele e mais tarde o chamareis; ele voltará depressa. Orai por ele; nós oraremos convosco.”

Já vimos alguns exemplos de Espíritos que se julgavam ainda vivos. Pierre Legay nos mostra essa fase da vida dos Espíritos da mais característica maneira. Os que se acham neste caso parecem ser mais numerosos do que se pensa; em vez de constituírem exceção, de oferecerem uma variedade no castigo, seria quase uma regra, um estado normal para os Espíritos de certa categoria. Assim, teríamos à nossa volta não só os Espíritos que têm consciência da vida espiritual, mas uma multidão de outros que, a bem dizer, vivem uma vida semimaterial, se julgam ainda neste mundo, continuam a vagar ou pensam consagrar-se às suas ocupações terrenas. Entretanto, seria um equívoco assimilá-los em tudo aos encarnados, porque se nota em suas atitudes e em suas idéias algo de vago e de incerto, que não é peculiar à vida corporal; é um estado intermediário, que nos dá a explicação de certos efeitos nas manifestações espontâneas e de certas crenças antigas e modernas.

Um fenômeno que pode parecer mais bizarro e não deixa de fazer sorrir os incrédulos é o dos objetos materiais que o Espírito julga possuir. Compreende-se que Pierre Legay se imagine subindo no trem, porque a estrada de ferro é uma coisa real, existe; mas compreende-se menos que ele creia ter dinheiro e pago a sua passagem.

Esse fenômeno encontra sua solução nas propriedades do fluido perispiritual e na teoria das criações fluídicas, princípio importante que dá a chave de muitos mistérios do mundo invisível.

Seja pela vontade, seja pelo pensamento, o Espírito opera no fluido perispiritual, que não passa de uma concentração do fluido cósmico ou elemento universal, uma transformação parcial que produz o objeto que deseja. Tal objeto é para nós uma aparência, mas para o Espírito é uma realidade. É assim que um Espírito, desencarnado recentemente, um dia apresentou-se numa reunião espírita a um médium vidente, com um cachimbo na boca, fumando. À observação que lhe fizeram, de que aquilo não era conveniente, respondeu: “Que quereis! tenho de tal modo o hábito de fumar que não posso dispensar meu cachimbo.” O que era mais singular é que o cachimbo soltava fumaça; não, naturalmente, para os assistentes, mas para o vidente.

Tudo deve estar em harmonia no mundo espiritual, como no mundo material; aos homens corporais, são precisos objetos materiais; aos Espíritos, cujo corpo é fluídico, são necessários objetos fluídicos; os objetos materiais não lhes serviriam, assim como os objetos fluídicos não serviriam aos homens corporais. Querendo fumar, o Espírito fumador criaria um cachimbo que, para ele, tinha a realidade de um cachimbo de barro. Legay queria dinheiro para pagar a passagem: seu pensamento criou a soma necessária. Para ele há realmente dinheiro, mas os homens não poderiam contentar-se com a moeda dos Espíritos. Assim se explicam as vestimentas com que se cobrem à vontade, as insígnias que usam, as diferentes aparências que podem assumir, etc.

As propriedades curativas dadas ao fluído pela vontade também se explicam por esta transformação. O fluido modificado age sobre o perispírito que lhe é similar e esse perispírito, intermediário entre o princípio material e o princípio espiritual, reage sobre a economia, na qual representa importante papel, embora ainda desconhecido pela Ciência.

Há, pois, o mundo corporal visível com os objetos materiais, e o mundo fluídico, invisível para nós, com os objetos

fluídicos. É de notar que os Espíritos de ordem inferior e pouco esclarecidos operam essas criações sem se darem conta da maneira por que neles se produz tais efeitos; eles não o podem explicar, como um ignorante da Terra é incapaz de explicar o mecanismo da visão, nem um camponês dizer como cresce o trigo.

As formações fluídicas ligam-se a um princípio geral, que será ulteriormente objeto de um desenvolvimento completo, quando tiver sido suficientemente elaborado.

O estado dos Espíritos na situação de Pierre Legay levanta várias questões. A que categoria pertencem precisamente os Espíritos que ainda se julgam vivos? A que se deve esta particularidade? A uma falta de desenvolvimento intelectual e moral? Muitos que são inferiores dão-se conta perfeitamente de seu estado e a maior parte dos que temos visto nesta situação não é dos mais atrasados. É uma punição? Talvez o seja para alguns, como para Simon Louvet, do Havre, o suicida da torre de Francisco I que, durante cinco anos, estava na apreensão da queda (*Revista Espírita* do mês de março de 1863); mas muitos outros não são infelizes e não sofrem, como testemunha Pierre Legay. (Vide como resposta a dissertação que se segue).

Dissertações Espíritas²⁶

SOBRE OS ESPÍRITOS QUE AINDA SE JULGAM VIVOS

(Sociedade de Paris, 21 de julho de 1864 – Médiun: Sr. Vézy)

Já vos falamos muitas vezes das diversas provas e expiações; mas diariamente não descobris novas? Elas são infinitas, como o são os vícios da Humanidade. Como vos estabelecer a sua

26 **N. do T.:** Embora o título *Dissertações Espíritas* não conste no original, Allan Kardec o registrou no sumário, razão por que o repomos em seu devido lugar.

nomenclatura? E, contudo, vindes reclamar por um fato e eu vou tentar instruir-vos.

Nem tudo é provação na existência. A vida do Espírito continua, como já vos foi dito, desde o nascimento até o infinito; para alguns a morte não passa de simples acidente, que em nada influi sobre o destino daquele que morre. Uma telha caída, um ataque de apoplexia, uma morte violenta, muitas vezes apenas separam o Espírito de seu envoltório material; mas o invólucro perispiritual conserva, pelo menos em parte, as propriedades do corpo que acaba de sucumbir. Se eu pudesse, num dia de batalha, abrir-vos os olhos que possuíis, mas dos quais não podeis fazer uso, veríeis muitas lutas continuando, muitos soldados se atirando ainda ao assalto, defendendo e atacando os redutos; ouvi-los-íeis até soltando hurras e gritos de guerra, em meio ao silêncio, e sob o véu lúgubre que se segue a um dia de carnificina. Terminado o combate, voltam a seus lares, para abraçar os velhos pais, as velhas mães, que os esperam. Para alguns, esse estado às vezes dura muito; é uma continuidade da vida terrestre, um estado misto entre a vida corporal e a vida espiritual. Por que, se foram simples e honestos, sentiriam o frio da tumba? Por que passariam bruscamente da vida à morte, da claridade do dia à noite? Deus não é injusto e deixa aos pobres de espírito esse prazer, esperando que vejam seu estado pelo desenvolvimento das próprias faculdades, e que possam passar calmamente da vida material à vida real do Espírito.

Consolai-vos, pois, vós que tendes pais, mães, irmãos ou filhos que se extinguiram sem luta. Talvez lhes seja permitido ainda que seus lábios se aproximem de vossas fronteiras. Enxugai as lágrimas: o pranto vos é doloroso e eles se admiram vendo que chorais; cercam com os braços o vosso pescoço e vos pedem que lhes sorriam. Sorri, pois, a esses invisíveis e orai para que troquem o papel de companheiros pelo de guias; para que abram as suas asas espirituais, que lhes permitirão adejar no infinito e vos trazer as suas suaves emanações.

Notai bem que não vos digo que todas as mortes repentinas fazem o Espírito cair nesse estado. Não; mas não há um só cuja matéria não tenha de lutar com o Espírito que volta a si. Houve o duelo, a carne rasgou-se, o Espírito se obscureceu no momento da separação e, na erraticidade, reconheceu a verdadeira vida.

Agora vou dizer-vos algumas palavras sobre aqueles para os quais este estado é uma provação. Oh! como ele é penoso! eles se julgam vivos e bem vivos, possuindo um corpo capaz de sentir e deleitar-se com os prazeres da Terra; porém, quando suas mãos os querem tocar, eles se desvanecem; quando querem aproximar os lábios de uma taça ou de uma fruta, os lábios se aniquilam; vêem, querem tocar, mas não podem sentir nem tocar. Que bela imagem oferece o paganismo desse suplício, ao apresentar Tântalo com sede e com fome e jamais podendo tocar os lábios na fonte de água, que sussurra ao seu ouvido, ou no fruto, que parece maduro para ele! Há maldições e anátemas nos gritos desses infelizes! Que fizeram para suportar tais sofrimentos? Perguntai a Deus: é a lei, que foi escrita por ele. Quem mata a espada morrerá pela espada; quem profanou o próximo, por sua vez será profanado. A grande lei de talião estava escrita no livro de Moisés e ainda está no grande livro da expiação.

Orai, pois, incessantemente pelos que chegam à hora final; seus olhos se fecharão; dormirão no espaço como dormiram na Terra e, ao despertar, encontrarão não mais um juiz severo, mas um pai compassivo, a assinalar-lhes novas obras e novos destinos.

Santo Agostinho

Variedades

SUICÍDIO FALSAMENTE ATRIBUÍDO AO ESPIRITISMO

Conforme o *Sémaphore* de Marselha, de 29 de setembro, vários jornais se empenharam em reproduzir o seguinte fato:

“Anteontem à noite, uma casa da Rua Paradis foi teatro de doloroso acontecimento. Um industrial que tem naquela rua uma loja de lâmpadas, deu cabo à própria vida, empregando, para executar sua fatal resolução, forte dose de um dos mais enérgicos venenos.

“Eis em que circunstância ocorreu o suicídio:

“Desde algum tempo, esse industrial dava sinais de certo distúrbio do cérebro, talvez em parte produzido pelo abuso de licores fortes, mas, sobretudo, pela prática do Espiritismo, esse flagelo moderno, que já fez tantas vítimas nas grandes cidades, e que agora ameaça exercer sua ação maléfica até nos campos. Não obstante a sua boa clientela, que lhe assegurava um trabalho frutífero, X... não estava muito bem de negócios e, por vezes, tinha dificuldade para efetuar seus pagamentos. Em consequência, seu humor era geralmente sombrio e seu caráter rabugento.”

O artigo constata que o indivíduo abusava de licores fortes e que seus negócios não iam bem, circunstâncias que muitas vezes ocasionaram acidentes cerebrais e levaram ao suicídio. Entretanto, o autor do artigo não admite essas causas senão como possíveis ou acessórias, na circunstância de que se trata, enquanto atribui o acontecimento, *sobretudo, à prática do Espiritismo.*

A carta seguinte, que nos foi escrita de Marselha, resolve a questão e ressalta a boa-fé do redator:

“Caro mestre,

“A *Gazette du Midi* e o *Sémaphore* de Marselha, de 29 de setembro, publicaram um artigo sobre o envenenamento voluntário de um industrial, atribuído à prática do Espiritismo. Tendo conhecido pessoalmente esse infeliz, que era da mesma loja maçônica que eu, sei de maneira positiva que ele *jamaiz se ocupou de Espiritismo e nunca tinha lido qualquer obra ou publicação sobre esta*

matéria. Autorizo-vos a usar o meu nome, pois estou pronto a provar a veracidade do que avanço; se for necessário, todos os meus irmãos e os melhores amigos do defunto consideram um dever certifi-cá-lo. Oxalá tivesse ele conhecido e compreendido o Espiritismo, pois nele teria encontrado a força de resistir às funestas inclinações que o conduziram àquele ato insensato.

“Aceitai, etc.”

Chavaux,

Doutor em Medicina, rue du Petit-Saint-Jean

SUICÍDIO IMPEDIDO PELO ESPIRITISMO

Escrevem-nos de Lyon, em 3 de outubro de 1864:

“Conheceis a reputação do capitão B... É um homem de fé ardente, de convicção comprovada; dele já falastes em vossa *Revista*. Há algum tempo achava-se nas margens do rio Saône, em companhia de um advogado, espírita como ele. Prolongando o passeio, aqueles senhores entraram num restaurante para almoçar e logo viram outro viajante, entrando no mesmo estabelecimento. O recém-chegado falava alto, ordenava o prato com brusquidão e parecia querer monopolizar o pessoal do restaurante. Vendo esse sem-cerimônia, o capitão disse em voz alta algumas palavras um pouco severas ao recém-vindo. De repente sentiu-se tomado de estranha tristeza. O Sr. B... é médium audiente; ouve distintamente a voz de seu filho, do qual recebe freqüentes comunicações, murmurando ao seu ouvido: ‘O homem tão rude que estais vendo vai suicidar-se. Vem aqui fazer sua última refeição.’

“O capitão levanta-se precipitadamente, dirige-se ao desordeiro e lhe pede perdão por ter externado tão alto o seu pensamento. Depois o arrasta para fora do estabelecimento e lhe diz: ‘Senhor, ides suicidar-vos.’ Houve grande estupefação da parte do indivíduo, ancião de setenta e seis anos, que lhe respondeu:

‘Quem vos pode revelar semelhante coisa?’ – ‘Deus’, respondeu o Sr. B... Depois, começou a falar-lhe docemente e com bondade sobre a imortalidade da alma e, reconduzindo-o a Lyon, o entreteve sobre o Espiritismo e de tudo quanto em casos tais Deus pode inspirar, a fim de encorajar e consolar.

“O velho contou-lhe sua história. Antigo ortopedista, tinha sido arruinado por um sócio infiel. Ficando doente, viu-se forçado a ficar longo tempo no hospital; mas, uma vez curado, sua saúde o atirou no olho da rua, sem nenhum recurso. Foi recolhido por uma pobre operária, criatura sublime que, durante meses seguidos, o alimentou, sem a isto ser obrigada por nenhum laço que não fosse a piedade. Mas o medo de lhe continuar sendo um fardo o havia impelido ao suicídio.

“O capitão foi ver a digna mulher, encorajou-a, ajudou-a; mas quando se tem de viver, o dinheiro acaba depressa e ontem todo o parco mobiliário da operária teria sido vendido se alguns espíritas não tivessem resgatado os poucos móveis de seu único quarto, pois, desde que passou a alimentar o velho, há um ano, a casa de penhores havia apreendido colchões, cobertores, etc. A penhora foi suspensa graças aos bons corações, tocados por esse generoso devotamento. Mas não é tudo: é preciso continuar até que o velho tenha conseguido um refúgio junto às irmãs de caridade. A respeito, Cárita fez-me escrever uma comunicação, que vos remeto, com toda a expressão de nosso reconhecimento, a vós, caro senhor, que nos tornastes espíritas. Quanto a mim, não esqueço que me convidastes a ir ter convosco, quando voltardes.”

Eis a comunicação:

Apelo aos bons corações.

“O Espiritismo, esta estrela do Oriente, não vem somente abrir-vos as portas da Ciência. Faz mais que isto: é um amigo que vos conduz uns aos outros, para vos ensinar o amor ao

próximo e, sobretudo, a caridade. Não esta esmola degradante, que procura na bolsa a menor moeda para lançar na mão do pobre, mas a doce mansuetude do Cristo, que conhecia o caminho onde se encontra o infortúnio oculto.

“Meus bons amigos, encontrei em meu caminho uma destas misérias de que a História não fala, mas de que o coração se lembra, quando testemunhou tão rudes provas. É uma pobre mulher; é mãe; tem um filho desempregado há vários meses; além disso, alimenta uma infeliz operária, como ela. E, como se não bastasse, um velho vem diariamente encontrá-la à hora do almoço, quando há o que comer. Mas no dia em que falta o necessário, as duas pobres mulheres, criaturas admiráveis pela caridade, dão a sua refeição aos dois homens, o velho e o jovem, sob a alegação de que, estando com fome, comeram antes. Vi isto repetir-se muitas vezes; vi o velho, num momento de desespero, vender sua última roupa, e querer, por insigne ato de loucura, dar o último adeus à vida, antes de partir para o mundo invisível, onde Deus vos julga a todos.

“Vi a fome imprimir suas marcas nesses deserddados do bem-estar social, mas as mulheres oraram a Deus com fervor, e foram ouvidas. Já pôs irmãos, espíritas, sobre os seus passos, e quando a caridade chama, os corações devotados respondem. As lágrimas do desespero já secaram; só resta a angústia do amanhã, o fantasma ameaçador do inverno, com seu cortejo de geadas, de gelo e de neve. Eu vos estendo a mão em favor deste infortúnio. Os pobres, amigos, são envidados de Deus. Vêm dizer-vos: Nós sofremos; Deus o quer; é o nosso castigo e, ao mesmo tempo, um exemplo para a nossa melhora. Vendo-nos tão infelizes, vosso coração se enternece, vossos sentimentos se dilatam, aprendeis a amar e a lamentar o infeliz. Socorrei-nos, a fim de que não murmuremos e, também, para que Deus vos sorria dos píncaros de seu belo paraíso.

“Eis o que disse a pobre em seus farrapos; eis o que repete o anjo-da-guarda que vos vela e o que vos repito, simples mensageira da caridade, intermediária entre o Céu e vós.

“Sorride ao infortúnio, ó vós que sois tão ricamente dotados de todas as qualidades do coração; ajudai-me em minha tarefa; não deixeis fechar-se esse santuário de vossa alma, onde mergulhou o olhar de Deus. E um dia, quando entrardes na mãe-pátria, quando, com o olhar incerto e o passo inseguro, buscardes o vosso caminho através da imensidade, eu vos abrirei a porta do templo de par em par, onde tudo é amor e caridade, e vos direi: Entrai, meus amados, eu vos conheço!”

Cárita

A quem farão acreditar seja esta a linguagem do diabo? Foi a voz do diabo que se fez escutar ao ouvido do capitão, sob o nome de seu filho, para adverti-lo que o velho ia suicidar-se e, ao mesmo tempo, manifestar-lhe pesar por haver dito palavras que o deviam ferir? Conforme a doutrina que um partido busca fazer prevalecer, segundo a qual só o diabo se comunica, esse capitão deveria ter repellido como satânica a voz que lhe falava; disso teria resultado o suicídio do velho, o mobiliário das pobres operárias teria sido vendido e elas talvez tivessem morrido de fome.

Entre os donativos que recebemos em sua intenção, há um que devemos mencionar, embora sem nomear o autor. Estava acompanhado da seguinte carta:

“Senhor Allan Kardec,

“Soube por um parente, que o obtive de vós, o relato da bela ação, verdadeiramente cristã, realizada por uma pobre operária de Lyon, em benefício de um velho infeliz. O parente também me mostrou um apelo muito eloqüente em seu favor, por um Espírito que se dá o nome de Cárita. À sua pergunta, se nele eu

reconhecia a linguagem do demônio, respondi que os nossos melhores santos não falariam melhor. É minha opinião, e foi por isso que tomei a liberdade de pedir-lhe uma cópia.

“Senhor, não passo de um pobre padre, mas vos envio o óbolo da viúva, em nome de Jesus-Cristo, para essa brava e digna mulher. Anexo, encontrareis a módica soma de cinco francos, lamentando não poder dar mais. Peço o favor de silenciar o meu nome.

“Dignai-vos aceitar, etc.”

Abade X...

Periodicidade da *Revista Espírita*

SUAS RELAÇÕES COM OUTROS JORNAIS ESPECIAIS

O desejo de ver a *Revista* aparecer duas vezes por mês ou todas as semanas, mesmo à custa do aumento da assinatura, já nos foi manifestado várias vezes. Somos muito sensível a esse testemunho de simpatia, mas é impossível, pelo menos até nova ordem, mudar o nosso modo de publicidade. O primeiro motivo está na multiplicidade dos trabalhos resultantes de nossa posição, cuja extensão é difícil imaginar. Estamos rigorosamente com a verdade, dizendo não haver para nós um só dia de repouso absoluto e que, a despeito de toda a nossa atividade, é-nos materialmente impossível bastar a tudo. Duplicando ou quadruplicando nossa publicação mensal, compreendemos que a maioria dos assinantes teria tempo de lê-la; contudo, para nós, isto seria em prejuízo dos trabalhos mais importantes, que nos resta fazer.

O segundo motivo está na natureza mesma de nossa *Revista*, que não é propriamente um jornal, mas o complemento e

o desenvolvimento de nossas obras doutrinárias. Nela a forma periódica permite-nos introduzir mais variedade que num livro e aproveitar as atualidades. Aí vêm agrupar-se, conforme as circunstâncias e a oportunidade, os fatos mais interessantes, as refutações, as instruções dos Espíritos; nela se desenham as diferentes fases do progresso da ciência espírita; enfim, nela vêm ensaiar-se, sob forma dubitativa, as teorias novas, que só podem ser aceitas depois de haverem recebido a sanção do controle universal.

Numa palavra, a *Revista* é uma obra pessoal, cuja responsabilidade assumimos sozinho, e pela qual não devemos, nem queremos ser entravado por nenhuma vontade estranha; foi concebida segundo um plano determinado para concorrer ao objetivo que devemos atingir. Se fosse transformada numa folha hebdomadária, perderia seu caráter essencial. A própria natureza de nossos trabalhos opõe-se a que entremos em detalhe acerca das preocupações e vicissitudes do jornalismo. Eis por que a *Revista Espírita* deve permanecer tal qual é. Dar-lhe-emos continuidade enquanto sua existência, sob esta forma, nos for demonstrada necessária. Aliás, mudando o seu modo de publicação, daríamos a impressão de querer fazer concorrência com os novos jornais publicados sobre a matéria, o que não poderia entrar em nossa mente.

Por sua periodicidade mais freqüente, esses jornais preenchem a lacuna assinalada; pela diversidade dos assuntos que podem tratar, e que entram no seu quadro, pelo número dos espíritas esclarecidos e de talento que neles podem fazer ouvir a sua voz, enfim pela difusão da idéia sob diferentes formas, podem prestar grandes serviços à causa. São outros tantos campeões que militam pela doutrina, cujos órgãos temos a satisfação de ver multiplicando. Sempre apoiaremos os que marcharem francamente numa via útil, os que não se fizerem instrumentos de camarilhas, nem de ambições pessoais e, finalmente, os que se conduzirem segundo os grandes princípios da moral espírita. Sentimo-nos

felizes de encorajá-los e ajudá-los com nossos conselhos, se julgarem necessários. Mas aí se limita a nossa cooperação. Declaramos não ter solidariedade material com nenhum jornal, sem exceção. Por conseguinte, nenhum é publicado por nós, nem sob nosso patrocínio efetivo; deixamos a cada um a responsabilidade de suas publicações. Quando os pedidos de assinatura por sua conta são dirigidos à direção da *Revista*, nós os encaminhamos aos jornais a título de boa confraternidade, sem nisso ver qualquer interesse, nem mesmo a comissão normal dos intermediários, que não aceitaríamos, ainda que nos fosse oferecida.

Julgamos por bem explicar o estado real das coisas, para edificação dos que pensam que certos jornais espíritas estão ligados por interesse à nossa *Revista*. Sem dúvida todos têm um interesse comum, porque tendem para o mesmo objetivo que nós. A esse título, todos se devem recíproca benevolência, pois, do contrário, dariam um desmentido à sua qualificação de jornais espíritas, embora cada um atue na esfera de sua atividade e de seus meios, e sob sua própria responsabilidade. A doutrina só terá a ganhar em dignidade e em crédito com a sua independência, ao passo que o acordo de vistas e de princípios existente entre eles e a *Revista* nada teria de admirável da parte dos que emanassem da mesma fonte. Quando outra publicação periódica se fizer por nossa iniciativa e com o nosso concurso efetivo, nós o diremos abertamente.

Allan Kardec



Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

DEZEMBRO DE 1864

Nº 12

AVISO – Este número contém um suplemento. Tem 52 páginas, em vez de 32, inclusive o índice geral.

Comunhão de Pensamentos

A PROPÓSITO DA COMEMORAÇÃO DOS MORTOS

No dia 2 de novembro de 1864, a Sociedade Espírita de Paris reuniu-se pela primeira vez, com vistas a oferecer uma piedosa lembrança a seus colegas e irmãos espíritas já falecidos. Naquela ocasião, o Sr. Allan Kardec discorreu sobre o princípio da *comunhão de pensamentos*, como se vê no discurso seguinte:

Caros irmãos e irmãs espíritas,

Estamos reunidos, neste dia consagrado pelo uso à comemoração dos mortos, para darmos àqueles irmãos nossos que deixaram a Terra um testemunho particular de simpatia, para continuarmos as relações de afeição e de fraternidade que existiam entre eles e nós, quando eram vivos, e para invocarmos sobre eles a bondade do Todo-Poderoso. Mas, por que nos reunirmos? Por que nos desviarmos de nossas ocupações? Não podemos fazer em

particular o que cada um de nós propõe fazer em comum? Não o fazemos individualmente pelos nossos? Não o podemos fazer todos os dias e a cada hora? Qual, então, a utilidade de assim nos reunirmos num dia determinado? É sobre este ponto, senhores, que me proponho tecer algumas considerações.

A benevolência com que foi acolhida a idéia desta reunião é uma primeira resposta a essas diversas questões; é o sinal da necessidade que sentimos de estar juntos numa comunhão de pensamentos.

Comunhão de pensamentos! Compreendemos bem todo o alcance desta expressão? É permitido duvidá-lo, pelo menos no que respeita ao maior número. O Espiritismo, que nos explica tantas coisas pelas leis que revela, ainda vem explicar a causa e a força dessa situação do espírito.

Comunhão de pensamento quer dizer pensamento comum, unidade de intenção, de vontade, de desejo, de aspiração. Ninguém pode desconhecer que o pensamento é uma força; mas uma força puramente moral e abstrata? Não: do contrário não se explicariam certos efeitos do pensamento e, ainda menos, a comunhão de pensamento. Para compreendê-lo, é preciso conhecer as propriedades e a ação dos elementos que constituem nossa essência espiritual, e é o Espiritismo que no-las ensina.

O pensamento é o atributo característico do ser espiritual; é ele que distingue o espírito da matéria; sem o pensamento o espírito não seria espírito. A vontade não é um atributo especial do espírito; é o pensamento chegado a um certo grau de energia; é o pensamento transformado em força motriz. É pela vontade que o espírito imprime aos membros e ao corpo movimentos num determinado sentido. Mas se tem a força de agir sobre os órgãos materiais, quanto maior não deve ser essa força sobre os elementos fluídicos que nos rodeiam! O pensamento atua

sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar; esses fluidos nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode, pois, dizer-se com toda a verdade que há nesses fluidos ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Uma assembléia é um foco onde irradiam pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos, onde cada um produz a sua nota. Disto resulta uma imensidão de correntes e de eflúvios fluídicos, dos quais cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro musical cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Mas, assim como há raios sonoros harmônicos ou discordantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto for harmônico, a impressão é agradável; se discordante, a impressão será penosa. Ora, para isto, não é necessário que o pensamento seja formulado em palavras; a irradiação fluídica não deixa de existir, quer seja ou não expressa. Se todas forem benéficas, os assistentes experimentarão um verdadeiro bem-estar e se sentirão à vontade; mas se se misturarem alguns pensamentos maus, produzirão o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se experimenta numa reunião simpática; aí reina uma espécie de atmosfera moral salubre, onde se respira à vontade; daí se sai reconfortado, porque aí nos impregnamos de eflúvios fluídicos salutares. Assim também se explicam a ansiedade e o mal-estar indefinível que se sente num meio antipático, onde os pensamentos malévolos provocam, a bem dizer, correntes fluídicas malsãs.

A comunhão de pensamentos produz, pois, uma sorte de efeito físico que reage sobre o moral; só o Espiritismo poderia fazê-lo compreender. O homem o sente instintivamente, já que

procura as reuniões onde sabe encontrar essa comunhão. Nessas reuniões homogêneas e simpáticas haure novas forças morais; poder-se-ia dizer que aí recupera as perdas fluídicas perdidas diariamente pela irradiação do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material.

Essas considerações, senhores e caros irmãos, parecem afastar-nos do objetivo principal de nossa reunião e, contudo, elas nos conduzem diretamente a ele. As reuniões que têm por objeto a comemoração dos mortos repousam sobre a comunhão de pensamentos. Para compreender a sua utilidade, era necessário bem definir a natureza e os efeitos desta comunhão.

Para a explicação das coisas espirituais, por vezes me sirvo de comparações muito materiais e, talvez mesmo, um tanto forçadas, que nem sempre devem ser tomadas ao pé da letra. Mas é procedendo por analogia, do conhecido para o desconhecido, que chegamos a perceber, ao menos aproximadamente, do que escapa aos nossos sentidos; é a essas comparações que a Doutrina Espírita deve, em grande parte, ter sido tão facilmente compreendida, mesmo pelas mais vulgares inteligências, ao passo que se eu tivesse ficado nas abstrações da filosofia metafísica, ainda hoje só teria sido partilhada por algumas inteligências de escol. Ora, desde o princípio importava que ela fosse aceita pelas massas, porque a opinião destas exerce uma pressão que acaba fazendo lei e triunfando das mais tenazes oposições. Eis por que me esforcei em simplificá-la e torná-la clara, a fim de pô-la ao alcance de todos, mesmo com o risco de certa gente contestar-lhe o título de filosofia, porque não é suficientemente abstrata e porque saiu do nevoeiro da metafísica clássica.

Aos efeitos que acabo de descrever, relativos à comunhão de pensamentos, junta-se um outro, que é sua consequência natural, e que importa não perder de vista: é a força que adquire o pensamento ou a vontade pelo conjunto dos

pensamentos ou vontades reunidos. Sendo a vontade uma força ativa, essa força é multiplicada pelo número de vontades idênticas, como a força muscular é multiplicada pelo número de braços.

Firmado esse ponto, concebe-se que nas relações que se estabelecem entre os homens e os Espíritos possa haver, numa reunião onde reine perfeita comunhão de pensamentos, uma força atrativa ou repulsiva, que nem sempre possui o indivíduo isolado. Se, até o presente, as reuniões muito numerosas são menos favoráveis, é pela dificuldade de obter uma perfeita harmonia de pensamentos, resultante da imperfeição humana na Terra. Quanto mais numerosas as reuniões, mais aí se misturam elementos heterogêneos, que paralisam a ação dos bons elementos e que são como os grãos de areia numa engrenagem. Tal não se dá nos mundos mais adiantados e esse estado de coisas mudará em nosso planeta, à medida que os homens se tornarem melhores.

Para os espíritas, a comunhão de pensamentos tem um resultado ainda mais especial. Temos visto o efeito desta comunhão de homem a homem; prova-nos o Espiritismo que ele não é menor dos homens aos Espíritos, e reciprocamente. Com efeito, se o pensamento coletivo adquire força pelo número, um conjunto de pensamentos idênticos, tendo o bem por objetivo, terá mais força para neutralizar a ação dos Espíritos maus; também vemos que a tática destes últimos é levar à divisão e ao isolamento. Sozinho, um homem pode sucumbir, ao passo que se sua vontade for corroborada por outras vontades poderá resistir, conforme o axioma: *A união faz a força*, axioma verdadeiro, tanto do ponto de vista moral, quanto do físico.

Por outro lado, se a ação dos Espíritos malévolos pode ser paralisada por um pensamento comum, é evidente que a dos Espíritos bons será secundada; sua influência salutar não encontrará obstáculos; seus eflúvios fluídicos, não sendo detidos por correntes contrárias, espalhar-se-ão sobre todos os assistentes,

precisamente porque todos os terão atraído pelo pensamento, não cada um em proveito pessoal, mas em benefício de todos, conforme a lei de caridade. Descerão sobre eles como línguas de fogo, para nos servirmos de uma admirável imagem do Evangelho.

Assim, pela comunhão de pensamentos os homens se assistem entre si e, ao mesmo tempo, assistem os Espíritos e são por estes assistidos. As relações entre os mundos visível e invisível não são mais individuais, mas coletivas e, por isto mesmo, mais poderosas em proveito das massas e dos indivíduos. Numa palavra, estabelecem a solidariedade, que é a base da fraternidade. Cada qual trabalha para todos, e não apenas para si; e trabalhando para todos, cada um aí encontra a sua parte. É o que o egoísmo não compreende.

Todas as reuniões religiosas, seja qual for o culto a que pertençam, são fundadas na comunhão de pensamentos; com efeito, é aí que podem e devem exercer a sua força, porque o objetivo deve ser a libertação do pensamento das amarras da matéria. Infelizmente, a maioria se afasta deste princípio à medida que a religião se torna uma questão de forma. Disto resulta que cada um, fazendo seu dever consistir na realização da forma, se julga quites com Deus e com os homens, desde que praticou uma fórmula. Resulta ainda que cada um vai aos lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, por sua própria conta e, na maioria das vezes, sem nenhum sentimento de confraternidade em relação aos outros assistentes; fica isolado em meio à multidão e só pensa no céu para si mesmo.

Por certo não era assim que o entendia Jesus, ao dizer: Quando duas ou mais pessoas estiverem reunidas em meu nome, aí estarei entre elas. Reunidos em meu nome, isto é, com um pensamento comum; mas não se pode estar reunido em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios, sua doutrina. Ora, qual é o princípio fundamental da doutrina de Jesus? A caridade em

pensamentos, palavras e ações. Mentem os egoístas e os orgulhosos, quando se dizem reunidos em nome de Jesus, porque Jesus não os conhece por seus discípulos.

Chocadas por esses abusos e desvios, há pessoas que negam a utilidade das assembléias religiosas e, em consequência, a das edificações consagradas a tais assembléias. Em seu radicalismo, pensam que seria melhor construir asilos do que templos, uma vez que o templo de Deus está em toda parte e em toda parte Ele pode ser adorado; que cada um pode orar em sua casa e a qualquer hora, enquanto os pobres, os doentes e os enfermos necessitam de lugar de refúgio.

Mas, porque cometeram abusos, porque se afastaram do reto caminho, devemos concluir que não existe o reto caminho e que tudo quanto se abusa seja mau? Não, certamente. Falar assim é desconhecer a fonte e os benefícios da comunhão de pensamentos, que deve ser a essência das assembléias religiosas; é ignorar as causas que a provocam. Concebe-se que os materialistas professem semelhantes idéias, já que em tudo fazem abstração da vida espiritual; mas da parte dos espiritualistas e, melhor ainda, dos espíritas, seria um contra-senso. O isolamento religioso, assim como o isolamento social, conduz ao egoísmo. Que alguns homens sejam bastante fortes por si mesmos, largamente dotados pelo coração, para que sua fé e caridade não necessitem ser revigoradas num foco comum, é possível; mas não é assim com as massas, por lhes faltar um estimulante, sem o qual poderiam se deixar levar pela indiferença. Além disso, qual o homem que poderá dizer-se bastante esclarecido para nada ter a aprender no tocante aos seus interesses futuros? bastante perfeito para abrir mão dos conselhos da vida presente? Será sempre capaz de instruir-se por si mesmo? Não; a maioria necessita de ensinamentos diretos em matéria de religião e de moral, como em matéria de ciência. Incontestavelmente, tais ensinamentos podem ser dados em toda parte, sob a abóbada do céu, como sob a de um templo; mas por que os

homens não haveriam de ter lugares especiais para as questões celestes, como os têm para as terrenas? Por que não teriam assembléias religiosas, como têm assembléias políticas, científicas e industriais? Isto não impede as edificações em proveito dos infelizes. Dizemos, ademais, que haverá menos gente nos asilos, quando os homens compreenderem melhor seus interesses do céu.

Se as assembléias religiosas – falo em geral, sem aludir a nenhum culto – muitas vezes se têm afastado de seu objetivo primitivo principal, que é a comunhão fraterna do pensamento; se o ensino ali ministrado nem sempre tem acompanhado o movimento progressivo da Humanidade, é que os homens não progredem todos ao mesmo tempo. O que não fazem num período, fazem em outro; à proporção que se esclarecem, vêem as lacunas existentes em suas instituições, e as preenchem; compreendem que o que era bom numa época, em relação ao grau de civilização, torna-se insuficiente numa etapa mais avançada, e restabelecem o nível. Sabemos que o Espiritismo é a grande alavanca do progresso em todas as coisas; marca uma era de renovação. Saibamos, pois, esperar, não exigindo de uma época mais do que ela pode dar. Como as plantas, é preciso que as idéias amadureçam, para que seus frutos sejam colhidos. Saibamos, além disso, fazer as necessárias concessões às épocas de transição, porque na Natureza nada se opera de maneira brusca e instantânea.

Em razão do motivo que hoje nos reúne, senhores e caros irmãos, julguei oportuno aproveitar a circunstância para desenvolver o princípio da comunhão de pensamentos, do ponto de vista do Espiritismo. Sendo o nosso objetivo unir-nos em intenção para oferecer, em comum, um testemunho particular de simpatia aos nossos irmãos falecidos, poderia ser útil chamar nossa atenção quanto às vantagens da reunião. Graças ao Espiritismo, compreendemos a força e os efeitos do pensamento coletivo; melhor explicamos o sentimento de bem-estar que experimentamos num meio homogêneo e simpático; mas igualmente sabemos que

se dá o mesmo com os Espíritos, porque eles também recebem os eflúvios de todos os pensamentos benevolentes que, como numa nuvem de perfume, se elevam para eles. Os que são felizes experimentam a maior alegria neste concerto harmonioso; os que sofrem sentem-se mais aliviados; cada um de nós em particular ora, de preferência, por aqueles que o interessam ou que mais estima. Façamos que aqui todos tenham sua parte nas preces que dirigimos a Deus.

Sessão Comemorativa na Sociedade de Paris

No início da sessão uma prece especial para a circunstância substituiu a invocação geral, que serve de introdução às sessões ordinárias. Ela foi assim concebida:

Glória a Deus, soberano senhor de todas as coisas!

Senhor, pedimos que espalheis vossa santa bênção sobre esta Assembléia.

Nós vos glorificamos e vos agradecemos porque vos aprouve esclarecer nosso caminho pela divina luz do Espiritismo.

Graças a esta luz, a dúvida e a incredulidade desapareceram do nosso espírito e também desaparecerão deste mundo; a vida futura é uma realidade e marchamos sem incerteza para o porvir que nos está reservado.

Sabemos de onde viemos e para onde vamos, e por que estamos na Terra.

Conhecemos a causa de nossas misérias e compreendemos que tudo é sabedoria e justiça em vossas obras.

Sabemos que a morte do corpo não interrompe a vida do Espírito, mas que lhe abre a verdadeira vida; que não destrói nenhuma afeição sincera; que os que nos são caros não estão perdidos para nós e que os encontraremos no mundo dos Espíritos. Sabemos que enquanto esperamos, eles estão ao nosso lado; que nos vêem e nos ouvem e podem continuar suas relações conosco.

Ajudai-nos, Senhor, a espalhar entre os nossos irmãos da Terra, que ainda estão na ignorância, os benefícios desta santa crença, porque ela acalma todas as dores, dá consolação aos aflitos, coragem, resignação e esperança nas maiores amarguras da vida.

Dignai-vos estender vossa misericórdia sobre nossos irmãos falecidos e sobre todos os Espíritos que se recomendam às nossas preces, seja qual for a crença que tenham tido na Terra.

Fazei que o nosso pensamento benevolente leve alívio, consolação e esperança aos que sofrem.

A seguir o Presidente dirige a seguinte alocução aos Espíritos:

Caros Espíritos de nossos antigos colegas: *Jobard, Sanson, Costeau, Hobach e Poudra*:

Convidando-vos a esta reunião comemorativa, nosso objetivo não é apenas vos dar uma prova de nossa lembrança, que, como sabeis, é sempre cara à nossa memória; viemos, sobretudo, felicitar-vos pela posição que ocupais no mundo dos Espíritos e agradecer as excelentes instruções que, de vez em quando, nos vindes dar desde a vossa partida.

A Sociedade se rejubila por vos saber felizes; ela se honra por vos haver contado entre os seus membros, e de vos contar agora entre os seus conselheiros do mundo invisível.

Apreciamos a sabedoria de vossas comunicações e seremos sempre felizes todas as vezes que julgardes por bem vir participar de nossos trabalhos.

A esse testemunho de gratidão associamos todos os Espíritos bons que, habitual ou eventualmente, vêm trazer-nos o tributo de suas luzes: *João Evangelista, Erasto, Lamennais, Georges, François-Nicolas Madeleine, Santo Agostinho, Sonnet, Baluze, Vianney – o cura d’Ars, Jean Raynaud, Delphine de Girardin, Mesmer* e os que apenas tomam a qualificação de *Espírito*.

Devemos um particular tributo de reconhecimento ao nosso guia e presidente espiritual, que na Terra foi São Luís. Nós lhe agradecemos por ter-se dignado a tomar a nossa sociedade sob o seu patrocínio e pelas marcas evidentes de proteção que nos tem dado. Nós lhe rogamos, igualmente, que nos assista nesta circunstância.

Nosso pensamento se estende a todos os adeptos e apóstolos da nova doutrina, que deixaram a Terra, em especial aos que nos são pessoalmente conhecidos, a saber: N. N...

A todos aqueles a quem Deus permite nos venham ouvir, dizemos:

Caros irmãos em crença, que nos precedestes no mundo dos Espíritos: unimo-nos em pensamento para vos dar um testemunho de simpatia e atrair sobre vós as bênçãos do Todo-Poderoso.

Nós lhe agradecemos a graça que ele vos fez de serdes esclarecidos pela luz da verdade antes de deixardes a Terra, porque esta luz vos guiou à entrada na vida espiritual. A fé e a confiança em Deus, que ela vos deu, vos preservaram da perturbação e das angústias que acompanham a separação daqueles a quem afligem a dúvida e a incredulidade.

Ela vos deu a coragem e a resignação nas provas da vida terrestre; mostrou o objetivo e a necessidade do bem, as conseqüências inevitáveis do mal, e agora colheis os seus frutos.

Deixastes a Terra sem pesar, sabendo que íeis encontrar bens infinitamente mais preciosos que aqueles que aqui deixastes; vós a deixastes com a firme certeza de reencontrar os objetos de vossas afeições e de poder voltar, em Espírito, para sustentar e consolar os que ficavam na retaguarda. Enfim, estais no mundo dos Espíritos, como num país que vos era conhecido antecipadamente.

Estamos muito felizes por ter visto nossas crenças confirmadas por todos aqueles dentre vós que vieram comunicar-se; nenhum veio dizer que tinha sido iludido em suas esperanças e que estávamos equivocados sobre o futuro. Ao contrário, todos disseram que o mundo invisível tinha esplendores indescritíveis, e que suas expectativas tinham sido ultrapassadas.

A vós, que gozais agora da felicidade de ter tido fé, e que recebeis a recompensa de vossa submissão à lei de Deus, vinde em auxílio dos nossos irmãos da Terra que ainda se encontram nas trevas. Sede os missionários do Espírito de Verdade, para o progresso da Humanidade e para o cumprimento dos desígnios do Altíssimo.

Nosso pensamento não se limita aos nossos irmãos em Espiritismo; todos os homens são irmãos, seja qual for a sua crença.

Se fôssemos exclusivos, nem seríamos espíritas, nem cristãos. É por isto que incluímos em nossas preces, em nossas exortações e em nossas felicitações, conforme o estado em que se achem, todos os Espíritos aos quais nossa assistência pode ser útil, tenham ou não partilhado de nossas crenças quando encarnados.

O conhecimento do Espiritismo não é indispensável à felicidade futura, porque não tem o privilégio de fazer eleitos. É um

meio de chegar mais facilmente e com mais segurança ao objetivo, pela fé raciocinada que dá e pela caridade que inspira; ilumina o caminho, e o homem, não seguindo mais às cegas, marcha com mais segurança; por ele se compreende melhor o bem e o mal, pois dá mais força para praticar um e evitar o outro. Para ser agradável a Deus, basta observar suas leis, isto é, praticar a caridade, que as resume todas. Ora, a caridade pode ser praticada por todo o mundo. Despojar-se de todos os vícios e de todas as inclinações contrárias à caridade é, pois, a condição essencial da salvação.

Após esta alocução, preces especiais, em parte tiradas da *Imitação do Evangelho* (números 355 e seguintes), foram ditas para cada categoria de Espíritos, com a designação dos nomes daqueles a quem eram dedicadas. A série terminou pela *Oração Dominical* desenvolvida. (Ver a *Revista* de agosto de 1864)

Em seguida os médiuns se puseram à disposição dos Espíritos que quiseram manifestar-se. Não foi feita nenhuma evocação particular.

Damos, a seguir, as principais comunicações recebidas.

I. Meus filhos, uma estreita comunhão liga os vivos aos falecidos. A morte continua a obra esboçada e não rompe os laços do coração. Esta certeza enriquece o tesouro de amor derramado na Criação.

Os progressos humanos obtidos a preço de sacrifícios dolorosos e de hecatombes sangrentas aproximam o homem do Verbo Divino e o fazem soletrar a palavra sagrada que, saída dos lábios de Jesus, reanimou a Humanidade desfalecida. O amor é a lei do Espiritismo; ele dilata o coração e faz amar ativamente aqueles que desaparecem na vaga penumbra do túmulo.

O Espiritismo não é um som vão, saído dos lábios mortais e que um sopro pode levar; é a fé forte e severa, proclamada por Moisés no Sinai, lei afirmada pelos mártires, ébrios de esperança, lei discutida pelos filósofos inquietos e que, finalmente, os Espíritos vêm proclamar.

Espíritas! o grande nome de Jesus deve flutuar como uma bandeira acima de vossos ensinamentos. Antes que existísseis, o Salvador levava a revelação em seu seio, e sua palavra, medida prudentemente, indicava cada uma das etapas que hoje percorreis. Os mistérios ruidão ao sopro profético que faz vibrar as vossas inteligências, como outrora as muralhas de Jericó.

Uni-vos pela intenção, como o fazeis nesta reunião abençoada. A ardente eletricidade desprendida do coração preenche a distância que nos separa e dissipa os vapores da dúvida, do personalismo e da indiferença, que muitas vezes obscurecem a faculdade espiritual.

Amai e orai por vossas obras.

João Evangelista (Médium: Sra. Costel)

II. Meus bons amigos, vossas preces e vosso recolhimento atraíram para junto de vós numerosos Espíritos, aos quais fizestes muito bem. Uma reunião como a vossa tem uma força de atração de tal modo eficaz que as vibrações de vosso pensamento comoveram todos os pontos do espaço. Uma multidão de irmãos vossos, pouco adiantados ou em sofrimento, seguiu os Espíritos superiores; antes de vos ter ouvido, estavam sem fé; agora esperam e crêem. Unidas às minhas, suas vozes saberão, doravante, vos abençoar; eles vos sabem fortes diante das provações; como vós, quererão merecer a vida eterna, a vida de Deus.

Não esqueceste ninguém, caro presidente. No que me toca pessoalmente, estou orgulhoso pelo bom acolhimento que meu nome recebeu entre os antigos discípulos. Sempre ouvi dizer que um curioso, escutando à porta, jamais ouviu alguém elogiá-lo; e, contudo, somos testemunhas invisíveis; nosso número é infinito; o que ouvimos, contrariamente à moda terrena, é o perdão, a prece, a benevolência; é a prática da caridade, a mais nobre das divisas.

Possa o vosso exemplo espalhar-se como um eco amado, a fim de que todos os Espíritos em sofrimento, em qualquer parte, possam ouvir palavras que poderão guiá-los para as verdades eternas!

Diz-se que Paris é uma cidade de ruído e de esquecimento; os místicos pretendem que seja uma Babilônia moderna. Protesto bem alto, porquanto Paris é a cidade dos pensamentos laboriosos, das idéias fecundas e dos nobres sentimentos. É a cidade que irradia sobre o Universo; haverá de ensinar sempre os grandes princípios, as grandes abnegações e as sólidas virtudes.

Antes de tudo, vede nela a grande cidade, principalmente neste dia, em que cada um tem uma lágrima para seus caros ausentes; ela pôs de lado sua vida múltipla para ir recolher-se nas necrópoles, e esse rio humano, silencioso, refletido, vai orar sobre os restos dos que lhe foram caros; e ante esse piedoso cortejo, o próprio incrédulo é tomado de respeito.

Diz-se que Paris não é espírita. Procurai uma cidade no Universo, onde o mais modesto túmulo seja mais venerado, mais florido. É que a cidade das grandes realizações sente melhor as perdas dolorosas; suas lágrimas são sinceras e nada concede à aparência. Por certo Paris é uma cidade de prazeres para certa gente, mas é, também, a cidade do trabalho e das idéias para o maior número. Não é materialista por natureza. É ela que dá a luz espírita ao Universo, e esta luz lhe voltará aumentada, depurada. Todos os povos virão buscar entre vós as verdades do Espiritismo, preferíveis aos fúteis e vãos prazeres e às exhibições, que nada deixam ao espírito.

Há no ar uma idéia racional, aprovada por todas as pessoas progressistas: a de que todos deviam saber ler. Por mais

bela que seja, nossa doutrina encontra um obstáculo na ignorância. Assim o nosso dever, de todos nós espíritas, é diminuir o número de nossos irmãos ignorantes, a fim de que *O Livro dos Espíritos* não se torne letra morta para tantos párias. Trabalhar em espalhar a instrução nas massas é, ao mesmo tempo, abrir caminho ao Espiritismo e destruir o elemento do fanatismo; é diminuir outro tanto o arrastamento da ignorância; é criar homens que viverão e morrerão bem.

Realizado este grande ato de caridade, não terei mais a dor de ver voltarem, neste dia dos mortos, tantos Espíritos atrasados, que pedem reencarnação para saber e para realizar a missão prometida às suas novas faculdades. E tais Espíritos, tornados inteligentes, poderão, por sua vez, ir a outros mundos ensinar e dar o pão da vida, o saber que os torna dignos de Deus.

Legiões de ignorantes vos imploram: são os vossos mortos; não esqueçais o que eles pedem. Vossas preces lhes serão úteis, mas vossas ações são chamadas a lhes prestar um serviço mais essencial.

Adeus, irmãos. Vosso devotado discípulo,

Sanson (Médium: Sr. Leymarie)

III. Dia de felicidade para os Espíritos do Senhor, que se reúnem para dirigir a Deus preces pelos Espíritos, porque esta santa comunhão de pensamentos se reproduz, também, nas regiões superiores! Oh! sim, felizes os pobres deserdados que compreenderem o objetivo de nossas preces, proferidas para lhes apressar o progresso! Graças ao Espiritismo, muitos já entraram na via do arrependimento e puderam melhorar. É esta graça descida sobre a Terra que lhes abriu o coração aos pesares e lhes deu a esperança de vir um dia para junto de nós. Obrigado a vós todos, espíritas cristãos, por haverdes pedido a Deus e conseguido que

podéssemos vir dizer-vos: Coragem! Os Espíritos que vêm agradecer-vos este bom pensamento o aproveitaram e hoje se sentem muito felizes.

Direi, em particular, a meu bom amigo Canu: Alegrai-vos ao saber que o vosso amigo Hobach se encontra aqui, rodeado de Espíritos amigos e protetores que, atraídos pela simpatia, vêm elevar suas almas ao Criador, porquanto tudo vem dEle e a Ele deve voltar. Procuremos, pois, as reuniões sinceras, a fim de aproveitar os ensinamentos que aí são dados, e que os invisíveis e os encarnados possam progredir para o infinito, isto é, para o Ser Supremo, que nos criou para o bem e a marcha progressiva de suas obras. Sim, mil vezes obrigado, pois leio em todos os corações os sentimentos dos que nos amaram particularmente; mas, também, que os que choram enxuguem suas lágrimas, porque virão encontrar-nos num mundo melhor, onde a lei de justiça reina soberana, já que ali ela emana de Deus.

Hobach (Médium: Sra. Patet)

IV. Amigos e irmãos em Espiritismo, estais reunidos neste dia para endereçar ao Senhor votos e preces pelos Espíritos que vos são caros e que aqui cumpriram a sua missão. Dentre eles, meus amigos, muitos realizaram essa tarefa dignamente e receberam a recompensa de seu trabalho nessa vida de expiação e de miséria. Oh! meus caros espíritas, esses velam por vós; eles vos protegem e hoje participam dos vossos votos e súplicas que dirigis ao nosso Pai comum. Na maioria estão entre vós, felizes por verem o recolhimento em que estais neste momento solene.

Mas é, sobretudo, para os Espíritos que não compreenderam sua missão neste mundo de passagem que deveis elevar os vossos pensamentos e as vossas preces. Oh! esses necessitam que corações amigos e almas compassivas lhes dêem uma lembrança, uma prece, mas uma prece sincera, que suba até o

trono do Eterno! Ah! quantos desses Espíritos são desamparados, esquecidos, mesmo pelos que deveriam neles mais pensar; até por parentes muito próximos! É que estes, meus amigos, não são espíritas; não conhecem o efeito que sobre o Espírito pode produzir a ação da prece. Não: eles não conhecem a caridade, não acreditam noutra existência após esta, crêem que a morte nada deixa depois de si.

Quantos se dirigem, nestes dias de luto, com o coração frio e seco, aos túmulos dos que conheceram! Vão até lá, mas por hábito, por conveniência; sua alma não sente nenhuma esperança; nem mesmo pensam que essas almas, às quais vêm cumprir um dever, lá estejam, perto deles, aguardando uma prece vinda do coração.

Oh! meus amigos, supri com vossas preces o que não fazem os vossos irmãos. Eles não vêm na morte senão os despojos – o corpo – e esquecem que a alma vive sempre. Orai, porque vossas preces serão ouvidas pelo Altíssimo.

Um Espírito que também pede parte de vossas preces.

Lalouze (Médium: Sra. Lampérière)

V. Caros amigos, quantas ações de graças não vos devemos em troca de vossas boas e generosas preces!

Oh! sim, somos reconhecidos por tanto devotamento, tanta caridade. Em tempo algum preces tão calorosas, tão fervorosas foram escutadas e levadas nas brancas asas dos Espíritos puros ao trono divino. Em tempo algum os homens compreenderam melhor a utilidade da prece em comum, cuja força moral pesa sobre os Espíritos imperfeitos que vêm, cada vez que vos reunis, haurir em vosso foco generoso e fraternal. Porque aí não há distinção; os pequenos, os deserdados da Terra são recebidos por vós como os grandes, como os príncipes; orai pelo

pobre, como pelo rico. Oh! fraternidade divina, cresci sempre, até atingirdes o sublime regenerador, enviado para conduzir os homens no caminho reto, do qual se haviam afastado há tantos séculos!

Batei e abrir-se-vos-á, dizia Jesus; pedi e dar-se-vos-á. Sim, fustigai as vossas paixões e o raio da caridade divina inundará a vossa alma. Pedi a fé e ela vos virá. Pedi paciência e ela vos será concedida. Em suma, pedi todas as virtudes necessárias para vos despojardes do velho homem, que deve desaparecer para sempre para dar lugar ao homem de bem.

Sou um Espírito desconhecido para vós e apropriei-me desta mão graças à caridade de São José.

(Médium: Sr. Lampérière)

VI. Minha caríssima esposa, tenho visto teus suspiros, tuas lágrimas. Sempre a chorar! Também tenho visto tuas preces; permite que as agradeça. Vamos, querida amiga, consola-te. Como vês, perturbas a minha felicidade. Consola-te, pois, porque és mais feliz que muitas outras: tens irmãos que te amam, felizes por te verem vir entre eles. Vê, minha filha, o quanto és abençoada entre todas.

Não tenho senão que vos louvar, meus irmãos, pela boa acolhida que em toda parte é dispensada à minha esposa. Agradeço-vos por tudo o que fazeis por ela... e também por mim, por me terdes chamado hoje!... Fui dos primeiros a sustentar e propagar com todas as minhas forças esta santa doutrina. Ah! se eu tivesse sabido o que sei e vejo agora! Crede, crede, é tudo o que vos posso dizer. Fazei tudo para ensiná-la e para atrair a vós os corações. Nada é mais belo, nada é tão verdadeiro quanto o que ensinam os vossos livros.

Costeau (Médium: Srta. Béguet)

VII. Obrigado a todos, bem-amados irmãos, por vossa boa lembrança e por vossas preces. Obrigado a vós, caro presidente, pela feliz iniciativa que tomastes, fazendo orar por todos, numa mesma comunhão de idéias e pensamentos. Sim, estamos todos aqui; ouvimos, felizes, vossas preces sinceras, dirigidas ao Pai de misericórdia, em favor de cada um de nós. Sim, estamos felizes porque a prece feita com sinceridade sobe a Deus e dEle recebemos a força necessária para combater as más influências que os Espíritos levianos procuram fazer sentir aos que trabalham com energia para a obra santa. Essas preces foram para nós como um apelo solene, e nós nos achamos todos reunidos ao vosso lado. De longe, como de perto, acorremos a esse feliz apelo. É desejável que vosso exemplo seja seguido por todos os centros sérios, porque essas preces, feitas com tanta sinceridade e desinteresse, sobem a Deus como santos eflúvios e jorram sobre cada um de nós. Obrigado mais uma vez, meus amigos; embora o meu nome não tenha sido pronunciado, vedes que aqui estou. Isto vos deve provar que somos felizes e numerosos.

A mãe de um membro honorário de vossa Sociedade,

Aimée Brédard, de Bordeaux (*Médium: Sra. Delanne*)

VIII. Meus bons amigos, após as preces que acabais de ouvir, e às quais vos associastes com todas as veras, eu teria preferido ver cada um de vós se retirar no piedoso silêncio que a prece vos deixa no coração. Elevastes vossas almas a Deus, por todos os que partiram da Terra; estabelecestes suaves lembranças com o passado e, neste presente, não vos sentis mais fortes? Há pouco não sentistes, enquanto vossas almas subiam ao céu num ímpeto comum, o hálito quente de outras almas, misturando suas preces às vossas? Não vos impregnastes delas? Por que não vos recolher nesse perfume silencioso de além-túmulo, em vez de pedir as nossas vozes? Viver com esses doces pensamentos decorrentes dos eflúvios sagrados da prece não é felicidade bastante?

Mas compreendo que não vos basta essa linguagem muda. Os zéfiros tépidos não são suficientes para o coração amoroso que pede aos ecos uma voz que responde à sua voz. Eu vos perdô esse desejo, aliás muito justo. Por que não podia cada um de vós gozar um segundo de benefício que lhe concede sua nova fé, de se comunicar com os que lhes são caros, através dos médiuns?

Mas, quão numerosa é vossa assembléia, para a pequena quantidade de mãos que podem escrever! Dentre os vossos amigos, quais os felizardos que podem dizer que escutarão suas vozes? Vejo aqui um número de Espíritos muito mais considerável do que o de encarnados; eles se comprimem em volta de cada um dos nossos intermediários: Georges, Sanson, Costeau, Jobard, Dauban, Paul, Émile, e cem outros, cujos nomes não posso dizer, aqui se encontram e gostariam de falar convosco. Reprimo seus impulsos e digo a todos que serei o intermediário entre eles e vós; eles o querem e vós, caros amigos, não o desejais também? Tratarei de ser pai para uns e mãe para outros; ainda para outros um filho, uma filha, um esposo, uma esposa, e para todos um amigo, um irmão que vos ama e que gostaria que vossos corações, reunidos num só, formassem um só pensamento, uma só alma, respondendo a esta comunhão de espírito, concentrada em meu pensamento e em minha alma.

Ah! vossos caros mortos não esperaram este dia para vir a cada um de vós; a todo instante não o sentis se espremendo ao vosso lado, a vos dar, por essa voz que chamais de consciência, os segredos castos e divinos do dever? Não os sentis se aproximarem mais de vós nas vossas horas de tristeza e de desfalecimento? Eles vos dizem: Coragem! e sobretudo a vós, espíritas, eles vos mostram o céu e as inumeráveis estrelas que rolam no firmamento, em sinal de aliança entre o Senhor e vós.

Não, meus caros amigos, eles não vos deixam pelo pensamento. A ti, mãe, tua filha vem dizer: Eu parti primeiro, como

se desprende do tronco vigoroso o galho que a tempestade quebra, mas vivo ainda de tua seiva e de teu amor na imensidade; e neste rosário de pérolas que minha alma carrega, não há algumas esmeraldas que me vieram de ti?

Paí, ouço teu filho dizer-te: Parti para voltar e te ajudar, em tua prece, a amar melhor a Deus. Parti para que tua fronte não se inclinasse diante do grande dispensador de todas as coisas. Ele quis lembrar-se a ti, fazendo-te ouvir as modulações de além-túmulo da voz de teu filho.

Irmão, ouço o teu irmão contar-te os folguedos de outrora, as lutas, as alegrias, os sofrimentos. Estou no além, diz ele, mas não estou morto. Eu te preparei o caminho: nele há mais glória que na Terra. Lança fora teu manto de púrpura e veste o manto de burel para fazer a viagem. O Senhor ama mais a pobreza do que a riqueza.

Ouçó doces suspiros responderem aos vossos sussurros: os do amante respondendo à amante; os do esposo à esposa. Bela harmonia!

Rejubilai-vos, pois! Quantas lágrimas felizes! Quantos impulsos tocantes! Esposa, senti vossas mãos apertadas pelas mãos invisíveis de vossos esposos; a esta hora eles vêm renovar o juramento de vos amarem sempre; vêm dizer-vos o que eu mesmo disse: que a morte não rompe os laços do coração e que as uniões se continuam no além-túmulo.

Como eu gostaria de nomear cada um desses mortos queridos; mas não o posso! Escutai vós mesmos as suas vozes. Cada um de vós as reconhecerá no concerto sagrado que sobe ao Céu. Juntas, cantam um hino de ação de graças ao Senhor.

Santo Agostinho (Médium: Sr. E. Vézzy)

IX. Não podendo o meu médium prestar o seu concurso a todos os Espíritos, venho em lugar de um Espírito que talvez tivesse desejado comunicar-se. Nesta reunião especialmente dedicada aos ausentes, quero vos dar alguns conselhos sobre a maneira de proceder para obter respostas realmente emanadas dos Espíritos chamados.

Há aqui muitos médiuns e muitos Espíritos desejosos de se comunicarem. Contudo, poucos poderão fazê-lo, porque não terão tido tempo de estabelecer a comunicação fluídica com eles. A identidade das comunicações é coisa difícil de estabelecer, e raramente podeis estar perfeitamente seguros dessa identidade. Entretanto, se quisésseis prestar um pouco de ajuda aos Espíritos, preparando-vos previamente para as evocações, haveria mais amíúde identidade real. Os fluidos devem ser sempre similares; sem essa similitude não há comunicação possível. Mas vós, médiuns, possuíis muitos fluídos diversos; dentre estes, alguns poderiam ser utilizados pelos Espíritos, se lhes fosse dado tempo para os influenciar.

Geralmente chama-se este ou aquele à queima-roupa, sem o ter chamado pelo pensamento, sem lhe haver oferecido o seu aparelho fluídico, sem lhe ter deixado tempo de o dispor para repercutir em unísono os seus próprios pensamentos. Credes fazer o bem agindo assim? Não, porque eles são obrigados a servir-se dos vossos Espíritos familiares como intermediários e, naturalmente, não podeis reconhecê-los de maneira tão positiva; assim, reduzi-vos apenas a constatar pensamentos por vezes muito diversos dos que tinham em vida, sem nenhuma particularidade que vos revele uma identidade. Crede-me, quando quiserdes evocar, pensai algum tempo antes naqueles que desejais chamar, a fim de lhes oferecerdes melhores meios de se comunicarem pessoalmente.

Falo em nome de todos os que são da família e amigos do meu médium, e venho agradecer ao Presidente as palavras

cheias de sinceridade que pronunciou para todos. Por certo há felicidade em unir-se a tantos desejos e vontades benevolentes; e nós todos, Espíritos inclinados ao bem e Espíritos instrutores, consideramos um dever cumprir as missões que nos são confiadas por ele e por todos os corações espíritas. (Vide mais adiante).

Um Espírito (Médium: Srta. A. C.)

O Sr. Jobard e os Médiuns Mercenários

EXEMPLO NOTÁVEL DE CONCORDÂNCIA

Uma sonâmbula médium, que pretende ser adormecida pelo Espírito Jobard, dizia ter recebido uma comunicação dirigida a um outro médium, a quem aconselhava cobrar as consultas dos ricos e dá-las gratuitamente aos pobres e aos operários. O Espírito lhe indicava o emprego do dia, sem poupar elogios a suas eminentes faculdades e a sua alta missão. Tendo alguém levantado dúvidas sobre a autenticidade dessa comunicação, e sabendo que o Espírito Jobard se manifesta freqüentemente na Sociedade, pediu-nos que a submetêssemos a um controle.

Para maior segurança, dirigimos imediatamente a seis médiuns estas simples palavras: “Perguntai ao Espírito Jobard se ele ditou à Sra. X..., em sonambulismo magnético, uma comunicação por um outro médium, que o estimula a explorar a sua faculdade. Precisaríamos desta resposta para amanhã.” Tivemos o cuidado de não os prevenir desta espécie de concurso, de modo que cada um se julgou o único chamado a resolver a questão.

Contávamos com a elevação do Espírito Jobard para se prestar à circunstância, e não se ofender ou se impacientar com esta pergunta, que lhe devia ser dirigida quase simultaneamente de seis pontos diferentes.

No dia seguinte recebemos as respostas abaixo, que fizemos acompanhar de algumas reflexões.

(20 de outubro de 1864 – Médiun: Sr. Leymarie)

Pois quê! então, caros amigos, meu nome serve de escudo a toda espécie de gente! Há muito tempo habituei-me a esses plagiadores desonestos que, sucessivamente, me fazem assumir todas as cores, como se eu fosse um camaleão; tomam-me por um palerma. Entretanto, minha vida passada, meus trabalhos e as numerosas provas de identidade, dadas à Sociedade Espírita de Paris, afastam qualquer equívoco quanto aos meus sentimentos. Sou o mesmo, seja como Espírito encarnado, seja como Espírito livre, e minha missão junto a todos vós, meus amigos, é de devotamento e, sobretudo, de desinteresse.

O Espiritismo é uma ciência positiva; os fatos sobre os quais se assenta ainda não estão completos. Mas tende paciência, vós que sabeis esperar, e esta ciência, que nada inventou, já que é uma força da Natureza, provará, aos menos clarividentes, que seu objetivo, todo moral, é a regeneração da Humanidade e que, fora de todas as ciências especulativas, seu ensino é o oposto do materialismo, que procede por hipótese. Proceder com análise, estabelecer fatos para remontar às causas, proclamar o elemento espiritual, depois da constatação, tal é a sua maneira de agir, clara e sem rodeios; é a linha reta, a que deve ser o guia de todo espírita convicto.

Rejeito, pois, o joio do trigo, todos os interesses mesquinhos, os devotamentos pela metade, os compromissos imorais, que são a chaga de nossa fé.

Desde que vos dizeis espíritas, tenho o direito de vos perguntar o que sois, o que quereis ser. Pois bem! se tendes fé, sois, antes de tudo, caridosos. Aos vossos olhos, todos os encarnados sofrem uma provação; como espectadores, assistis a muitos

desfalecimentos e, nesse rude combate da vida, no qual os vossos irmãos buscam a luz, vosso dever, de privilegiados que vistes e sabeis, é dar generosamente o que Deus também vos distribuiu com generosidade.

Médiuns, não vos deveis orgulhar, *porque a mão que dispensa pode retirar-se de vós*. Quando, por vosso intermédio, um Espírito vem consolar, encorajar, ensinar, deveis estar feliz e agradecer a Deus, que vos permite ser a boa fonte, onde os que têm sede vêm saciar-se. Mas esta água não vos pertence, pois pertence a todos: não a podeis vender, nem ceder, porque este domínio não é deste mundo. Queríeis que vos expulsásseis, como aos vendedores do templo?

Ricos ou pobres, acorrei e pedi: cada um de vós tem seu sofrimento secreto; os andrajos de um tornar-se-ão a púrpura de outro numa nova existência, e é por isto que a mediunidade não é usurária: diante dela todos os encarnados são iguais.

Olhai à vossa volta: são ricos, são pobres os que fazem profissão do dom providencial? Eles vendem a ciência dos Espíritos, e o óbolo que recolhem é a gangrena do seu espiritualismo. Fizeram bem em dizer espiritualismo, porque, como sabeis, os espíritas reprovam toda venda moral; a venalidade não é o seu caso. Repelimos do nosso seio todas essas escórias vergonhosas, que fazem rir os assistentes introduzidos em sua loja.

Quanto a mim, caro mestre, respondi àqueles ou àqueles que querem comerciar com o meu nome que, por mais palerma que eu pudesse ser, jamais o seria bastante para apor minha assinatura em escritos falsificados, atribuídos ao vosso devotado,

Jobard

(Médium: Sra. Costel)

Venho reclamar e protestar contra o abuso que fazem do meu nome. Os pobres de espírito – e os há muito entre os Espíritos – têm o hábito lamentável de apossar-se de nomes que lhes sirvam de passaporte junto a médiuns orgulhosos e crédulos.

Certamente eu não ficaria muito à vontade para defender a nobreza de meu pobre nome, sinônimo de ingênuo. Contudo, espero tê-lo colocado bem alto no julgamento dos que me conheceram para temer solidarizar-me com as banalidades imputadas à minha assinatura. É, pois, apenas por amor à verdade que protesto não haver adormecido nenhuma sonâmbula, nem exaltado nenhum médium. Comunico-me muito raramente, pois tenho muita coisa a aprender para servir de guia e instrutor dos outros.

Em princípio, reprovo a exploração da mediunidade, por uma razão muito simples: não gozando o médium de sua faculdade senão de maneira *intermitente e incerta, jamais pode algo prejudicar ou se fundar sobre ela*. Assim, erram as pessoas pobres quando abandonam a profissão para exercerem a mediunidade no sentido lucrativo do vocábulo. A pretexto de desempenharem uma *missão*, muitas delas abandonam o lar, do qual desertam por orgulhosas satisfações e pela importância passageira que lhes concede a curiosidade mundana. Espero que esses médiuns se enganem de boa-fé; mas, enfim, eles se equivocam. A mediunidade é um dom sagrado e íntimo, que não pode ter um consultório aberto. *Os médiuns muito pobres para se consagrarem ao exercício de sua faculdade devem subordiná-la ao trabalho que os faz viver*. Com isto nada perderá o Espiritismo: ao contrário, muito ganhará em dignidade.

Não quero desencorajar ninguém, nem frustrar nenhuma boa vontade, mas convém que nossa cara doutrina esteja ao abrigo de toda acusação perniciosa. Não se deve suspeitar da mulher de César; tampouco dos espíritos.

Eis o que é dito, e desejo que não reste a menor dúvida quanto às palavras do vosso velho amigo,

Jobard

(Médium: Sr. Rul.)

Como poderiam crer que aquele que, em todas as suas comunicações, recomendou a caridade e o desinteresse, hoje viria contradizer-se?

É uma provação para a sonâmbula e eu a aconselho a não se deixar seduzir pelos Espíritos maus que, por esta pequena especulação de além-túmulo, querem lançar o descrédito sobre os médiuns em geral e, em particular, sobre este de que se trata. Creio não ser necessário fazer de novo minha profissão de fé. Não é àquele que, encarnado, tantas vezes enganado, sempre teve por regra de conduta a retidão e a lealdade, que se podem atribuir semelhantes comunicações! Ele seria feliz se, à maneira do que se faz com certas mercadorias da Terra, se pudessem opor sobre as comunicações de além-túmulo o selo que constata a identidade do autor.

Ainda não estais bastante adiantados, mas, em falta do selo, servi-vos de vossa razão, que não vos pode enganar; e desafio todos os Espíritos, por mais numerosos que sejam, que me façam passar, aos olhos de meus antigos confrades, por mais tolo do que sou. Adeus.

Jobard

(Médium: Sr. Vézy)

Por que, ainda, tanta tolice entre os que crêem de boa-fé? E dizer que se se lhes põe diante dos olhos os verdadeiros princípios da coisa, eles mudam de repente e tornam-se mais incrédulos do que São Tomé!

Ide dizer àquela cara senhora que jamais me comuniquei com ela. Ela vos dirá: é possível, e em vossa presença dará a impressão de que concorda convosco. Mas, no seu foro íntimo, dirá que sois insensatos. Proibir um louco de fazer loucuras é ser mais louco do que ele mesmo, dizem. Entretanto, seria preciso achar um remédio para curar tantos pobres de espírito que se desgarram sozinhos, convencidos que estão de ser guiados por maravilhas.

Na verdade, meu caro presidente, julgais-me capaz de escrever as frivolidades que vos leram? Então seria realmente o caso de me aplicar o nome que eu tinha, por ter ousado escrever semelhantes bobagens. O Espiritismo não se ensina a tanto por lição. *Que aquele que não pode levar nossas palavras a seus irmãos senão em detrimento do próprio salário, fique em casa e peça à sua ferramenta ou à sua agulha que continue lhe dando o pão quotidiano.* Mas identificar-se com quem dá espetáculos é patinar no domínio da exploração ou do charlatanismo. Que aquele que é pobre e sente coragem para tornar-se apóstolo de nossa doutrina se escude na sua fé e na sua coragem, pois a Providência virá na hora dar-lhe o pão que lhe falta; mas não estenda a mão pelos serviços que prestar, porque seremos os primeiros a gritar: Retira-te daqui, mendigo, e deixa o lugar aos que podem fazer o trabalho. *Sempre encontramos bastantes homens de boa vontade para desempenhar a tarefa que lhes pedimos.*

Mulheres ou homens que deixais a roda de fiar ou as ferramentas para vos tornardes pregador ou médium e pedis um salário: só o orgulho vos guia. Quereis um pouco de glória em torno de vosso nome: o metal só tem reflexos vis, que o tempo enferruja, enquanto a verdadeira glória tem mais esplendor na abnegação. Prefiro Malfilatre, Gilbert e Moreau, cantando sua agonia num leito de hospital, ao poeta mendicante, que, para preservar o luxo em torno de seu leito de morte, vende o próprio coração. Os desinteressados serão mais bem recompensados; uma

felicidade duradoura os espera e seus nomes serão tanto mais poderosos quanto mais lágrimas tiverem derramado e mais suor e poeira coberto suas fronte.

Isto é tudo quanto vos posso dizer a respeito, caro presidente, e aproveito a ocasião que se me apresenta para vos apertar a mão e reiterar todos os meus votos e meus sinceros sentimentos. Conservai sempre a coragem e a energia na tarefa que vos impusestes. Fazei calar os invejosos e os maledicentes que vos cercam por esta firmeza e simplicidade que vos assenta tão bem. Hoje é preciso ser positivo; não vos deixeis arrastar à pesquisa da Lua quando a Terra está aos vossos pés e que nesta tendes com que completar o vosso trabalho. Há materiais em abundância em torno de vós. Provai vossas teorias pelos fatos, e que vossos exemplos não se apoiem em teoremas algébricos, que nem todos poderiam compreender, mas sobre axiomas matemáticos. Uma criança sabe que dois e dois são quatro. *Deixai correr na frente os que têm pernas compridas; eles quebrarão o pescoço e é inútil que os acompanheis na queda.* Apressemos-nos com prudência; o mundo ainda é novo e os homens dispõem de tempo para se instruírem.

O Sol se põe ao entardecer porque a obscuridade se faz necessária para compreendermos o seu brilho. Por vezes a verdade se veste de trevas para não ofuscar os que a olham muito de frente.

P. – Dissestes que jamais vos comunicastes com aquela senhora. Contudo, ela afirma que a magnetizastes!

Resp. – Pobre mulher! ela atribui a seres inteligentes o que só a tolice pode ditar, ou então algumas palavras muito boas e muito simples a grandes oráculos. É uma doença que não se deve contrair; tem sede nos nervos e se cura pela prudência e por duchas frias.

(Médium: Sra. Delanne)

Saudações fraternais a todos, meus bons amigos, que trabalhai com ardor para esclarecer a Humanidade. É preciso que redobreis a atenção, porque, neste momento, uma incrível revolução se opera entre os desencarnados. Também tendes entre eles adversários que se empenham em vos suscitar entraves, mas Deus vela por sua obra. Ele vos colocou como cabeça um chefe vigilante, dotado de sangue-frio, perspicácia e uma vontade enérgica para vos fazer vencer os obstáculos que os vossos inimigos visíveis e invisíveis erguem a cada instante aos vossos passos. Por isso ele não se enganou lendo esta comunicação; ele bem compreendeu que Jobard não podia falar assim, nem aprovar semelhante linguajar. Não, meus amigos, o Espiritismo não deve ser explorado por espíritas sinceros e de boa-fé. *Pregais contra os abusos desta natureza, que desacreditam a religião; portanto, não podeis praticar o que condenais*, porque afastais aqueles que o vosso desinteresse poderia trazer a vós.

Alguma vez já refletistes seriamente nas funestas conseqüências das reuniões pagas? Compreendi bem que se Allan Kardec autorizasse semelhantes idéias, por seu silêncio ou sua aprovação tácita, em dois anos o Espiritismo estaria exposto a uma multidão de exploradores, e essa coisa santa e sagrada seria desacreditada pelo charlatanismo. Eis a minha opinião. Assim, repilo hoje, como sempre, toda idéia de especulação, seja qual for o pretexto, que entravasse a doutrina, em vez de ajudá-la.

Empenhai-vos, no momento e antes de tudo, a reformar os homens por vossos ensinamentos e exemplos. Que vosso desinteresse e vossa moderação falem tão alto que nenhum de vossos adversários possa vos censurar. Estando cada um de vós colocado em posições diferentes, deveis trabalhar conforme vossas forças: Deus não pede o impossível. Tende confiança n'Ele, e deixai que cada coisa venha a seu tempo. Se Ele tivesse querido que o

Espiritismo marchasse mais rapidamente, teria enviado mais cedo os grandes Espíritos que estão encarnados e que surgirão quase ao mesmo tempo em todos os pontos do globo, quando chegar o tempo. Enquanto esperais, preparai os caminhos com prudência e sabedoria.

Coragem, caro presidente, cada dia as rédeas se tornam mais difíceis. Mas aqui estamos para vos sustentar e Deus vela por vós.

Jobard

(Médium: Sr. d'Ambel)

Ora, ora! isto vos admira! Mas há tantos bobos no mundo dos Espíritos, como entre vós – e não vos estou ofendendo – que um bobo pôde dar a outro a comunicação sonambúlica em questão.

Quanto ao médium, é preciso inquietar-se tanto? Deixai o tempo passar: é um grande reformador. Os que põem à venda sua mediunidade fazem como certas pessoas que, abrindo um baralho a seus consulentes, dizem: “Eis um homem da cidade, ou um homem do campo; há uma carta em caminho, eis o ás de ouro.” Quem sabe se, nalguns, não é uma volta ao passado, um resquício de antigos hábitos? Pois bem! tanto pior para os que caem nesta difícil situação. Não lucrarão e lamentarão que um dia hajam tomado o caminho errado.

Tudo quanto vos posso dizer é que, estando completamente alheio a esse comércio, bem o sabeis, lavo as mãos e lamento a pobre Humanidade, porque ainda recorre a tais expedientes.

Adeus,

Jobard.

OBSERVAÇÕES

A necessidade de desinteresse nos médiuns de tal modo passou a ser um princípio, que teria sido supérfluo publicar o fato acima, se ele não oferecesse, além da questão principal, um notável exemplo de coincidência e uma prova manifesta de identidade, pela similitude de pensamentos e o cunho de originalidade que, de modo geral, caracterizam todas as comunicações do nosso antigo colega Jobard. É a tal ponto que quando ele se manifesta espontaneamente na Sociedade, é raro que, desde as primeiras linhas, não se adivinhe o autor. Assim, não se levantou nenhuma dúvida quanto à autenticidade das que acabamos de referir, ao passo que, nas que nos haviam pedido para controlar, a fraude salta aos olhos de quem quer que conheça a linguagem e o caráter do Sr. Jobard, bem como os princípios que ele havia professado constantemente, como homem e como Espírito. Teria sido irracional admitir que subitamente ele tivesse mudado em benefício dos interesses materiais de um indivíduo. Que trapaça desastrada!

Quanto à questão do desinteresse, seria inútil repetir tudo quanto foi dito sobre esse ponto, e que se encontra admiravelmente resumido nas respostas do Sr. Jobard. Apenas acrescentaremos uma consideração, que não é sem importância.

Certos médiuns exploradores julgam salvar as aparências fazendo-se pagar apenas pelos ricos, ou só aceitando uma contribuição voluntária. Em primeiro lugar, isto não deixa de ser um ofício, a exploração de uma coisa santa, e um lucro tirado do que se recebe gratuitamente. Quando Jesus e seus apóstolos ensinavam e curavam, não mercadejavam suas palavras, nem os seus cuidados, embora não tivessem renda para viver. Por outro lado, esta maneira de operar não é garantia de sinceridade nem afasta a suspeita de charlatanismo. Certos médicos e certos negociantes de artigos agem com segundas intenções no campo da filantropia, os primeiros dando consultas gratuitas, e os segundos

vendendo com prejuízo, ou quase de graça. Em algumas ocasiões, a gratuidade é um meio de atrair a clientela produtiva.

Existe, porém, outra consideração, ainda mais poderosa. Por que sinal reconhecer o que pode ou não pagar? A aparência por vezes é enganosa e, muitas vezes, uma roupa limpa oculta miséria maior que a blusa de um operário. Então é preciso declinar sua pobreza, seus títulos à caridade, ou exibir um atestado de indigência? Aliás, quem diz que o médium, mesmo admitindo de sua parte a maior sinceridade, terá a mesma solicitude para o que não paga, ou paga menos, do que para o que paga generosamente, e que não dará a cada um conforme o seu dinheiro? Que, se um rico e um pobre a ele se dirigissem ao mesmo tempo, não receberia primeiro o rico, que apenas tinha em vista satisfazer à vã curiosidade, enquanto o pobre, que talvez esperasse suprema consolação, seria atendido mais tarde? Sem o querer, sua consciência estará em luta com a tentação da preferência; será levado a olhar melhor para o que paga, ainda mesmo que lhe atrasasse com desdém uma moeda de outro, como se faz com um mercenário, enquanto olhará com indiferença os poucos centavos que lhe apresentar timidamente o pobre envergonhado. Tais sentimentos são compatíveis com o Espiritismo? Não é manter entre o rico e o pobre essa demarcação humilhante, que já fez tanto mal, e que o Espiritismo deve fazer desaparecer, provando a igualdade do rico e do pobre perante Deus? pois Deus não mede os raios de seu sol pela fortuna, nem a esta pode subordinar mais consolações do coração que as prodigalizadas aos homens pelos Espíritos bons, seus mensageiros.

Pensando bem, se houvesse uma escolha a fazer, preferiríamos o médium que cobrasse sempre, porque ao menos não há hipocrisia; sabe-se imediatamente com quem se está tratando.

Além do mais, a multiplicidade sempre crescente dos médiuns em todas as camadas da sociedade e no seio da maioria

das famílias, tira à mediunidade remunerada toda utilidade e toda razão de ser. Essa multiplicidade matará a exploração pelo sentimento de repulsa que a ela se liga.

Chamam-nos a atenção para o encerramento das atividades de um antigo e numeroso grupo espírita de província, organizado com propósitos interesseiros. O chefe desse grupo, bem como a família, tinha deixado de lado suas obrigações, sob o enganoso pretexto de devotamento à causa, à qual queria consagrar todo o seu tempo. Sua bolsa estaria garantida com os recursos que esperava tirar do Espiritismo. Infelizmente, a exploração da mediunidade está de tal modo desacreditada na província que, na maior parte das cidades, quem dela faz uma profissão, ainda que tivesse as mais transcendentales faculdades, não inspiraria a menor confiança; aí seria muito malvisto e todos os grupos sérios lhe fechariam as portas. A especulação não correspondeu à expectativa e consta que o chefe desse grupo teria se queixado, junto aos seus freqüentadores, pelas dificuldades por que passava, pedindo-lhes auxílio. Responderam-lhe que, se estava em apuros, a culpa era sua; que tinha errado em fechar a sua oficina para viver do Espiritismo e cobrar pelas instruções que os Espíritos lhe davam de graça; o médium refutou e pôs a culpa nos Espíritos. Dos nove médiuns presentes, aos quais a questão foi apresentada, oito receberam comunicações censurando sua maneira de agir; só uma o aprovou: era a de sua esposa. Submetendo-se de bom grado ao conselho dos Espíritos, o chefe do grupo anunciou que a partir daquele momento seu grupo estaria fechado. Por certo teria sido mais prudente escutar os conselhos que, desde muito tempo, lhe eram dados por amigos sinceros do Espiritismo.

Um outro grupo, em condições mais ou menos idênticas, aos poucos foi sendo abandonado por seus freqüentadores e, finalmente, forçado a se dissolver.

Assim, eis dois grupos que sucumbem sob a pressão da opinião. Escrevem-nos que o parágrafo da *Imitação do Evangelho*,

número 392 e seguintes, por certo não é estranho a esse resultado. Aliás, é impossível que todo espírita sincero, compreendendo a essência e os verdadeiros interesses da doutrina, se torne defensor e suporte de um abuso que, inevitavelmente, tenderia a desacreditá-la. Nós os exortamos a desconfiar das armadilhas que os inimigos do Espiritismo lhes tentassem estender a tal propósito. Sabe-se que em falta de boas razões para o combater, uma de suas táticas é buscar arruiná-lo por si mesmo. Assim, vê-se com que ardor espreitam as ocasiões de o surpreender em falta ou em contradição consigo mesmo. É por isto que os Espíritos nos dizem, sem cessar, que vigiemos e nos mantenhamos em guarda.

Quanto a nós, não ignoramos que nossa persistência em combater o abuso de que falamos não fizeram nossos amigos os que viram no Espiritismo uma matéria explorável, nem os que os sustentam. Mas, que nos importa a oposição de alguns indivíduos! Defendemos um princípio verdadeiro, e nenhuma consideração pessoal nos fará recuar ante o cumprimento de um dever. Nossos esforços tenderão sempre a preservar o Espiritismo da usurpação e da venalidade; o momento presente é o mais difícil, mas, à medida que a doutrina for mais bem compreendida, essa usurpação será menos temível, pois a opinião das massas lhe oporá uma barreira intransponível. O princípio do desinteresse, que satisfaz ao mesmo tempo o coração e a razão, terá sempre as mais numerosas simpatias, e o fará triunfar, pela força das coisas, sobre o princípio da especulação.

Louis-Henri, o Trapeiro

ESTUDO MORAL

Lê-se no *Siècle* de 12 de outubro de 1864:

“Numa horrível mansarda da passagem Saint-Pierre, em Clichy, vivia um homem chamado Louis-Henri, de sessenta e

quatro anos, mas parecendo ter oitenta. Tinha descido ao último degrau da vida social. Diziam que outrora tinha sido belo e perdulário; que havia transtornado muitas cabeças femininas e levado a existência em alta velocidade.

“Com efeito, por momentos lhe escapavam maneiras de falar características da sociedade refinada, e em sua casa viam-se duas deliciosas miniaturas, representando encantadoras mulheres. O círculo desses medalhões há muito tinha sido vendido e a pintura tinha-se tornado muito apagada para que dela se pudesse tirar proveito.

“Louis-Henri exercia o ofício de trapeiro. Mas era tão fraco, tão alquebrado, tão trêmulo, que não recolhia quase nada. Deitava-se sobre imundícies, que lhe serviam de leito, sem ao menos tirar os trapos. Outros trapeiros, quase tão pobres quanto ele, se cotizavam para lhe dar alguns alimentos, tais como casca de pão e restos de cozinha, provenientes de suas cestas. Estava coberto de chagas e roído de vermes. Já por várias vezes, diz o *Opinion nationale*, os soldados da brigada de Clichy tinham feito uma coleta entre si, a fim de pagar banhos sulfurosos àquele infeliz. Ele não sabia o paradeiro de sua família e havia esquecido o próprio nome. Só se recordava dos prenomes Louis-Henri.

“Desde alguns dias, o leproso, como o chamavam, não mais fora visto. Um odor infecto, que escapava de seu tugúrio, atraiu a atenção dos locatários; estes avisaram o comissário de polícia que, assistido pelo Dr. Massart, dirigiu-se ao local e mandou abri-lo por um serralheiro. Entre as imundícies, encontraram, corroídos pelos ratos, os restos decompostos do trapeiro, que se extinguiu em meio às suas enfermidades e males.”

Eis aí um triste revés da sorte e uma prova de que a justiça divina nem sempre espera a vida futura para agir sobre o culpado. Dizemos culpado por hipótese, porque uma tal degradação não pode ser senão o resultado do vício no seu mais alto grau. O

homem mais rico e mais altamente colocado pode tombar na última categoria da escala social; mas conservará a dignidade, se nele a honra não for abafada na mais profunda miséria.

Presumindo que a vida desse homem pudesse oferecer um ensinamento, a Sociedade de Paris julgou dever evocá-lo, na expectativa de, ao mesmo tempo, lhe ser útil.

(Sociedade de Paris, 28 de julho de 1864 – Médiun: Sr. Vézzy)

Pergunta – Os detalhes que lemos de vossa vida e vossa morte nos interessaram, primeiro por vós, porque todos os que sofrem têm direito às nossas simpatias; e, depois, para nossa instrução. Seria útil, do ponto de vista moral, reconhecer como e por que causas, de uma existência que parece ter sido brilhante, caístes em tal abjeção, e qual a vossa situação atual? Rogamos a um Espírito bom que vos assista na comunicação que nos derdes.

I. *Resposta* – Não paguei bastante minha dívida de sofrimentos na Terra, para que me sejam concedidas algumas horas de lucidez no além-túmulo? É por que meu corpo está infecto e corroído pelos vermes, em disputa com a podridão que o dilacera, que meu Espírito está perturbado? Deixai que me reconheça um pouco.

A vós, que conheceis as leis divinas da imigração das almas, não preciso explicar o porquê desse estado abjeto a que descí. Todavia, desde que tal me é *ordenado*, vou contar-vos minha história... Aliás, uma anedota no meio de vossas sábias discussões e de vossos sérios argumentos causará diversão. Tendes aqui um certo público e isto os distrairá mais que a vossa moral e a vossa filosofia. Começo, pois.

Observação – Nesse dia a Sociedade tinha uma sessão geral, isto é, daquelas em que são admitidos uns tantos ouvintes estranhos. É a isto que o Espírito faz alusão.

Por que vos calaria o nome que tinha e que, sobretudo em meus últimos anos, eu mesmo parecia ter esquecido completamente? Não adivinhastes que a imundície que me arrasava era a única causa de meu silêncio a respeito? Eu fingia esquecer. Chamo-me... mas não; não quero jogar lama sobre os fraques e vestidos de seda e veludo dos que foram meus parentes e meus amigos, com os quais vivi durante a juventude e que ainda vivem. Também não quero que algumas velhas damas, que mudaram de residência, passando do toucador para o oratório, vejam no medalhão, que ainda conservam, pendurado nos lambris de suas alcovas, sob as vestes de galante gentil-homem, o infeliz abandonado. Para umas, morri na América, durante as guerras que se seguiram ao despertar de seus povos; para outras, fui dos últimos a morrer nas escaramuças sanguinolentas da Vandéia, gritando: Viva o Rei!

Não toquemos nesses louros, sobre os quais repouso em seus corações!... Morri para todas há muito tempo!... Também morri para ela!... Ah! Não gracejamos aqui!... Sim, para ti estou bem morto! morto para a eternidade! E, contudo, na Terra, quantas horas de êxtase e de arrebatamento não passamos! Quantas vezes teu olhar encontrou o meu olhar, meus sorrisos o teu sorriso! Não vives ainda senão para me mostrar tuas rugas e teus cabelos brancos. Mas quando chegar tua vez, em que serás tocada pela morte, não te verei mais!... Não!... Não!... Maldição! Ouço vozes que me gritam: Maldito!... Não, não, não a verei mais. Para ela, um dia a luz e o brilho; para mim, a noite e as trevas! Arranquei as asas do anjo na Terra, mas suas lágrimas lhe devolverão a pureza, e o perdão de Deus lhe concederá asas brancas de serafim.

Ah! por que a mocidade joga assim com o seu coração? Por que colher todas as flores à sua passagem, para depois as espezinhar? Entretanto, quando seu coração fala a linguagem da alma a uma outra alma, não mente. Por que é necessário que o sopro das paixões impuras a envelheça e atire seu corpo no

esterco?... Deixai que também derrame algumas lágrimas: elas são doces para os que sofrem!

Como gostaria de retornar à minha vida de outrora, para utilizar melhor as horas da juventude! Oh! como gostaria de possuir o meu coração de vinte anos! Eu o daria por inteiro a um coração irmão do meu; daria minha alma inteirinha a uma alma irmã da minha e, nas minhas aspirações, pediria a Deus que nos fizesse sentir todas as alegrias do céu!... Mas está feito. Por que minhas lágrimas e meus pesares? Homem degradado, que sonhas? Tudo está perdido para quem não soube aproveitar o tempo que lhe foi dado! Tudo está perdido para o miserável que não tirou proveito das qualidades que possuía!

Ó vós que me ouvís; sim, este que vos fala era dotado de belas faculdades. Para que lhe serviram? Para enganar com astúcia e conhecimento de causa! para cometer crimes! Mais tarde eu abafava os remorsos na orgia para não ouvir os gritos da consciência. Era gentil-homem; manejava a palavra e a espada com audácia; as mulheres me chamavam de refinado, acariciando-me a fronte e os cabelos em sua alcova, enquanto os homens me chamavam de invencível e de bravo! Orgulho!... Por que essas lembranças de outros tempos? Desgraça!... danação!... Vejo sangue em volta de mim! Por que esta espada, que usei para ferir, não se voltou contra meu peito?... Entre esses mortos, vedes este cadáver?... É meu filho!... Ironia!... Eis a consequência dos costumes de uma sociedade na qual riem de tudo!... Era eu o culpado e sabia que era meu filho? Sabia que a amante abandonada há vinte anos jogaria em meu caminho um fruto adúlterino, que eu não reconhecia e que viria disputar uma presa ao novo don Juan?... E queríeis que não tivesse esquecido meu nome depois de tais crimes? Ah! para mim a taça de vergonha e de infâmia! Eu devia morrer como morri, na imundícia. Sinto o frio do túmulo! sinto os vermes que me roem! Mas nada disto me faz sofrer tanto quanto a vista desta enorme ferida, feita por minha espada... Meu filho,

graça! se teu pai não te deu o nome, riscou o seu do mundo; se te deu a morte, também morreu na lama. Ah! abre-me teus braços; ensina a teu pai o caminho de Deus pelo perdão.

Que lúgubre história! Ao tomar esta mão para escrever, pensava que ia reencontrar meus sorrisos de outrora! Don Juan! Então é o meio em que me encontro que me penetra e me transforma?... Por que me evocastes? Por que me retirastes da noite para me mostrar um pouco de luz e, em seguida, lançar-me nas trevas? Por minha vez vos interrogo; respondi-me.

P. – Nós vos chamamos para vos ser úteis, e porque nos condoemos com os vossos sofrimentos. Que podemos fazer por vós?

Resp. – Ai! que sei eu? Cabe-vos instruir-me. Não me lanceis na obscuridade... Despertastes mortos; eu os vejo na noite; tenho medo!

P. – Oraremos por vós.

Resp. – Ah! orai. Dizem que a prece faz tanto bem aos que sofrem!

P. – Quereis assinar o vosso nome?

Resp. – Não, não! orai por mim.

Alguns dias depois outro médium, o Sr. Rul, de Passy, fez em particular a evocação do mesmo Espírito, dele obtendo as três comunicações seguintes. Julgamos supérfluo reproduzir os conselhos dados pelo médium ao Espírito; são os de um espírita sincero, animado de verdadeira caridade para com os seus irmãos sofredores.

II. Sim, orai por mim, porque as preces de vossos irmãos já me fizeram bem. Se soubésseis o que é o sofrimento de um desencarnado! Se pudésseis ler em meu semblante espiritual as marcas das paixões que o sulcaram, seríeis tomado de piedade e

vossa mão fraternal, apertando a minha, sentiria a febre que me agita. Como sofro, desde que fui evocado pelo vosso presidente! Reconheço a justiça divina. Só, errando entre os mortos, pensava ser o único a conhecer os meus sofrimentos, e eis que em plena luz da publicidade sou chamado para fazer a confissão de meus erros! Oh! quantos erros a paixão me fez cometer! Não disse tudo ao vosso irmão; o pudor, a vergonha, me retinham; preferia não ter revelado as confissões que fiz e apagar esses caracteres indelévels, que me punham no pelourinho de vossas consciências. Mas oraram por mim e hoje reconheço o bem que me fizeram vossos corações caridosos; e para melhor merecer a vossa compaixão, porque sois espíritos, o que quer dizer indulgentes e compassivos, admito não ter recuado diante de nenhuma perversidade para satisfazer minhas paixões. Não cometi nenhum dos crimes punidos pela lei dos homens; contudo, os vícios que vossa sociedade tolera e desculpa, sobretudo quando se tem nome e fortuna, estão sujeitos à jurisdição divina, que jamais os deixa impunes. Eu os expiei cruelmente na Terra; caí no último grau da miséria, do aviltamento e do desprezo, eu que outrora brilhava e fazia invejosos e ciumentos, e o castigo me perseguiu no além-túmulo. Não matei como um vil assassino; não roubei, porque o meu orgulho de gentil-homem se teria revoltado à só idéia de ser confundido com os criminosos; e, no entanto, matei, salvaguardando a honra, segundo o mundo; levei a ruína, a vergonha e o desespero às famílias, e me chamavam o felizardo, o homem de sorte! Quantas vítimas clamam por vingança em volta de mim! Oh! por quanto tempo carregarei o fardo desses crimes! Orai por mim, porque sofro a ponto de sentir minha alma se partir!

Obrigado, obrigado, caro irmão. Quero dar-te o nome que me dás; agradeço tuas lágrimas, pois me aliviaram; agradeço a tua prece, pois atraiu para junto de mim Espíritos cheios de glória, que me dizem: Espera, tu que foste tão culpado; espera na misericórdia de Deus, que perdoa a todos os seus filhos que se arrependem. Persevera nas boas resoluções e serás mais forte para suportar teus sofrimentos.

Obrigado a ti, que me tiras do nevoeiro que me envolvia. Possa eu te provar um dia que o reconhecimento de teu irmão é para a eternidade!

III. O remorso me persegue; sofro muito, mas compreendo a necessidade de sofrer; compreendo que a impureza só se pode tornar pura depois de transformada ao contato do fogo.

Os Espíritos bons me dizem que espere, e eu espero; que ore, e orei; mas preciso de um amigo que me dê a mão para me sustentar e me impedir de sucumbir sob o meu fardo, que é muito pesado. Sê para mim esse irmão caridoso, esse amigo devotado. Escutarei teus conselhos; orarei contigo; prosternar-me-ei contigo aos pés do Eterno.

Quantas vezes vi minha espada tinta do sangue de um de meus irmãos! Fui implacável em minhas vinganças, e quando o agulhão da carne, a vaidade e o desejo de triunfar sobre os meus rivais me exaltavam, eu precisava da vitória a qualquer preço. Triste vitória! manchada pelas mais baixas paixões. Era cruel quando meu orgulho estava excitado; sim, fui um grande culpado, mas quero tornar-me um filho do Senhor. Por isto vim dizer-te: Sê meu irmão para me ajudar a purificar-me. Irmãos, oremos juntos.

IV. Obrigado, obrigado, irmão. Estou sob a impressão das palavras que acabas de pronunciar. Estou mais forte; vejo o objetivo e, sem tentar medir a distância que dele me separa, digo com os meus botões: Chegarei, porque quero, e tenho confiança nos Espíritos bons, que me dizem que espere. Na Terra jamais duvidei do sucesso, quando fazia o mal; como poderei duvidar, quando hoje quero fazer o bem?

Obrigado, irmão, por tua caridade, por tuas boas preces, por teus ensinamentos, pois deles tiro minha força e sinto crescer o meu arrependimento. Se o arrependimento duplica o sofrimento, sei que esse tratamento não durará mais que um tempo

e que a felicidade me espera após a depuração. Quero, então, sofrer, sofrer muito, para merecer ser feliz mais rapidamente dessa felicidade que gozam os Espíritos radiantes, que vejo perto de ti.

Até breve, irmão, pois vejo que tens um outro Espírito sofredor para consolar e fortalecer em seu arrependimento. Pensa em mim; em tua prece da noite estarei junto de ti.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

É evidente que esse Espírito está no bom caminho, há nele uma luta de bom augúrio, pois só pede para ser esclarecido.

Entretanto, suas idéias se ressentem de certos preconceitos. Como muita gente que neles imaginam encontrar uma desculpa, ele se prende à sociedade. Mas, o que é que torna má a sociedade, senão as pessoas viciosas? Sem dúvida a sociedade deixa muito a desejar, no que diz respeito às instituições; mas desde que nela se encontram criaturas honestas, cumpridoras de seus deveres, todos poderiam fazer o mesmo, já que ela não força ninguém a fazer o mal. Era a sociedade que obrigava Louis-Henri a abandonar aquela mulher e seu filho? Se não reconheceu este, por que o perdeu de vista, sem se inquietar com sua existência? Foram os preconceitos sociais que o impediram de dar seu nome àquela mulher? Não, porque tinha como móvel apenas suas paixões. Era a instrução que lhe faltava? Não, pois pertencia à classe alta. A sociedade não é culpada para com ele; ela nada lhe recusou, já que em tudo o favorecera. Ele, pois, é que foi culpado para com a sociedade, porque agiu livremente, voluntariamente e com conhecimento de causa. Quem lançou seu filho no caminho dos excessos? O acaso? Não: a Providência, a fim de que o remorso, que mais tarde experimentaria, servisse ao seu adiantamento.

A verdadeira chaga da sociedade, a causa primeira de todas as desordens, é a incredulidade. A negação do princípio espiritual, a crença no nada depois da morte, as idéias materialistas,

numa palavra, altamente preconizadas por homens influentes, infiltram-se na juventude, que as suga, por assim dizer, com o leite. O homem que só acredita no presente quer gozar a qualquer preço e é conseqüente consigo mesmo, pois nada espera além da tumba; como não espera nada, nada teme. Se Louis-Henri tivesse tido fé em sua alma e no futuro, teria compreendido que a vida corporal é fugidia e precária e dela não teria feito o seu único objetivo; sabendo que nada do que aqui se adquire é perdido, ter-se-ia preocupado com sua sorte futura, ao passo que agiu como alguém que dissipa o capital e joga sua última carta.

Quantas desordens, quantas misérias, quantos crimes têm sua fonte nesta maneira de encarar a vida! Quais os primeiros culpados? Os que a erigem em dogma, em crença, zombando e tratando como loucos os que acreditam que nem tudo está na matéria e no mundo visível. Louis-Henri não foi bastante forte para resistir a essa corrente de idéias; sucumbiu, vítima de suas paixões, que encontravam uma justificação no materialismo, ao passo que uma fé sólida e raciocinada lhe teria posto um freio mais poderoso que todas as leis repressivas, incapazes de alcançar todos as ações más. O Espiritismo dá esta fé, razão por que opera tão numerosas transformações morais.

As três últimas comunicações confirmam a primeira, obtida por outro médium; evidentemente, o cerne do pensamento é o mesmo. Aí se nota o progresso operado nesse Espírito, e nela podemos colher mais de um ensinamento.

Na primeira, fazendo a confissão de suas faltas, ainda não há arrependimento sério, nem resolução tomada; quase protesta por ter sido evocado.

Na segunda, diz: “Como sofro desde que fui evocado por vosso presidente!”. Estas palavras justificariam o dito de certas pessoas, que pretendem que os mortos são perturbados quando se

os evoca? Não, certamente; primeiro, porque só vêm quando lhes convém; em segundo lugar porque, em sua maioria, testemunham satisfação por serem chamados, quando o são por um sentimento simpático e benevolente. Certos culpados só vêm com repugnância e, neste caso, não são constrangidos pela evocação, mas por Espíritos superiores, tendo em vista o seu adiantamento. Sua repugnância é a do criminoso conduzido a um tribunal. A evocação dos Espíritos culpados, tendo como objetivo e resultado a sua melhora, a contrariedade momentânea que lhes causa é vantajosa para eles, porquanto, ao excitá-los ao arrependimento, abreviam os sofrimentos que suportam no mundo dos Espíritos. Seria, então, mais caridoso deixá-los apodrecer na abjeção em que se acham, do que dali os tirar? O sofrimento que disso resulta é semelhante ao que o médico faz passar o doente, para o curar. Tirei da lama um homem embrutecido: ele protestará. Dá-se o mesmo com os Espíritos.

Nas comunicações desse Espírito encontra-se um pensamento análogo ao que exprimia Latour sobre o sofrimento causado pelo arrependimento. Explicamos a causa desse sentimento (número de novembro de 1864); é o mesmo que levou este a dizer: “Sofro desde que fui evocado, e o remorso me persegue; sofro muito.” É, pois, o remorso que o faz sofrer, mas é esse remorso que o deve salvar, e foi a evocação que o provocou. Mas ele acrescenta estas palavras notáveis: “Compreendo a necessidade de sofrer; compreendo que a impureza só se torna pura depois de transformada ao contato do fogo.” E mais adiante: “Se o arrependimento duplica o sofrimento, sei que esse sofrimento apenas durará um tempo, e que a felicidade me aguarda após a depuração.” Esta certeza o faz dizer: “Quero sofrer, sofrer muito, para mais depressa ser feliz.” Depois disto, é de admirar que um Espírito escolha terríveis provações em nova existência? Não está no caso de um doente que se resigna a uma operação dolorosa para ficar bom? ou no de um homem que se expõe a todos os perigos, que suporta todas as misérias, todas as fadigas e todas as

privações, com vistas a adquirir a fortuna ou a glória? Nada há, pois, de irracional, no princípio da livre escolha das provas da vida. Para aproveitá-la, a condição não é recuar. Ora, é recuar não as suportar com coragem e resignação.

Qual será a sorte de Louis-Henri numa nova existência? Como expiou cruelmente suas faltas em sua última existência, e como no estado de Espírito é sincero o seu arrependimento e sérias as suas boas resoluções, é provável que seja posto em condições de reparar os erros, fazendo o bem. Mas como pagou sua dívida de sofrimentos corporais, não terá mais de passar pelas mesmas vicissitudes.

É o que lhe auguramos e, por isso, oramos por ele.

Necrológio

MORTE DO SR. BRUNEAU

A Sociedade Espírita de Paris acaba de perder um de seus membros na pessoa do Sr. Bruneau, falecido a 13 de novembro de 1864, aos setenta anos, cuja morte o *Opinion nationale* anuncia nestes termos:

“A morte atinge em cheio os membros sobreviventes da missão são-simoniana no Egito. Depois de Enfantin, de Lambert Bey, temos hoje a deplorar a perda do Sr. Bruneau, antigo coronel de artilharia, que fundou naquele país a escola de cavalaria, enquanto Lambert Bey, seu genro, organizou uma escola politécnica. O Sr. Bruneau morreu como homem livre, cheio de esperanças no progresso físico, intelectual e moral, cheio de fé nas doutrinas religiosas e sociais da juventude.”

Antigo aluno da Escola Politécnica, o Sr. Bruneau era membro da Sociedade Espírita de Paris há vários anos. Ignoramos

a fé que tinha no futuro das doutrinas religiosas e sociais de sua juventude, mas sabemos que tinha confiança absoluta no futuro do Espiritismo, do qual era adepto fervoroso e esclarecido. Havia adquirido uma fé inabalável na vida futura e nas reformas humanitárias, que são a sua conseqüência. Acrescentaremos que seus colegas puderam apreciar suas excelentes qualidades, sua extrema modéstia, sua benevolência e sua caridade. Comunicou-se na Sociedade poucos dias depois de sua morte, e deu prova da elevação de seu Espírito pela justeza e profundidade de suas apreciações. Para ele o mundo invisível não teve nenhuma surpresa, pois o compreendia antecipadamente. Assim, veio nos confirmar tudo o que a doutrina nos ensina a respeito. Reencontrou com alegria os parentes, amigos e colegas que o haviam precedido e que o aguardavam em sua chegada entre eles.

A Sociedade Espírita de Paris estava representada nas exéquias do Sr. Bruneau por uma delegação de vinte membros. Teríamos considerado um dever exprimir naquela ocasião os sentimentos da Sociedade; como, porém, sabíamos que a família não era simpática às nossas idéias, julgamos por bem abster-nos de qualquer manifestação. O Espiritismo não se impõe; quer ser aceito livremente; daí porque respeita todas as crenças e, por espírito de tolerância e de caridade, evita o que possa chocar as opiniões contrárias às suas.

Aliás, o justo tributo de elogios e pesares, que não lhe pôde ser pago ostensivamente, ante um público indiferente ou hostil, o foi com muito mais recolhimento no seio da Sociedade. Na sessão seguinte às exéquias, foi pronunciada uma alocução, e todos os seus colegas se uniram de coração às preces que foram ditas em sua intenção.

Na sessão da Sociedade consagrada à memória do Sr. Bruneau, o Sr. Allan Kardec proferiu o seguinte discurso:

Senhores e caros irmãos espíritas,

Um de nossos colegas acaba de deixar a Terra para entrar no mundo dos Espíritos. Consagrando-lhe especialmente esta sessão, cumprimos para com ele um dever de confraternidade, ao qual, não tenho dúvida, cada um de nós se associará de coração e por santa comunhão de pensamentos.

O Sr. Bruneau fazia parte da Sociedade desde 1^o de abril de 1862. Membro do comitê, ele era, como o sabeis, muito assíduo às nossas sessões. Todos pudemos apreciar a doçura de seu caráter, sua extrema benevolência, sua simplicidade e sua caridade. Não há um infortúnio assinalado na Sociedade, em favor do qual não tenha ele trazido a sua oferenda. Sua morte nos revelou outra qualidade eminente que ele possuía: a modéstia. Jamais alardeou seus títulos, que o recomendavam como homem de saber. Uma circunstância fortuita me dera a conhecer que era antigo aluno da Escola Politécnica, mas todos nós ignorávamos que tivesse sido coronel de artilharia e desempenhado uma missão superior no Egito, onde fundou uma escola de cavalaria, ao mesmo tempo que seu genro, Lambert Bey, ali fundava uma escola politécnica. Nós o conhecíamos como um espírita sincero, devotado e esclarecido; e, embora se calasse sobre os seus títulos, não escondia suas opiniões.

Estas circunstâncias, senhores, nos tornam sua memória ainda mais cara, e não duvidamos que tenha encontrado, no mundo dos Espíritos, uma posição digna de seu mérito.

O Sr. Bruneau tinha sido um dos membros ativos da escola são-simoniana, detalhe que os jornais que anunciaram sua morte tiveram o cuidado de destacar, embora tivessem evitado dizer que ele morreu na crença espírita.

Não vamos discutir aqui os princípios da escola são-simoniana. Contudo, o início do artigo do *Opinion nationale* nos leva involuntariamente a fazer uma comparação. Ali está dito: “A morte

atinge em cheio os membros da missão são-simoniana no Egito; depois de Enfantin, de Lambert Bey, temos hoje a deplorar a perda do Sr. Bruneau, etc.” Durante alguns anos o são-simonismo brilhou intensamente, quer pela singularidade de algumas de suas doutrinas, quer pelos homens eminentes ligados a ele; sabe-se, porém, quão passageiro foi esse brilho. Por que, então, uma existência tão efêmera, se estava de posse da verdade filosófica?

Por vezes a verdade é lenta para propagar-se; mas, desde que começa a despontar, cresce sem cessar e não perece, porque a verdade é eterna, e é eterna porque emana de Deus. Só o erro é perecível, porque vem dos homens. O progresso é a lei da Humanidade. Ora, a Humanidade não pode progredir senão à medida que descobre a verdade. Uma vez feita a descoberta, está adquirida e inquebrantável. Que teoria poderia hoje prevalecer contra a lei do movimento dos astros, da formação da Terra e tantas outras? A filosofia só é mutável porque é o produto de sistemas criados pelos homens; só terá estabilidade quando tiver adquirido a precisão da verdade matemática. Se, pois, um sistema, uma teoria, uma doutrina qualquer, filosófica, religiosa ou social, marchar para o declínio, é prova certa de que não está com a verdade absoluta. Em todas as religiões, sem excetuar o Cristianismo, o elemento divino é imperecível; o elemento humano cai, se não estiver em harmonia com a lei do progresso; mas como o progresso é incessante, resulta que, nas religiões, o elemento humano deve modificar-se, sob pena de perecer; só o elemento divino é invariável. Vede-o na lei mosaica: as tábuas do Sinai estão de pé, tornando-se cada vez mais o código da Humanidade, enquanto o resto já fez seu tempo.

Não podendo a verdade absoluta estabelecer-se senão sobre as ruínas do erro, forçosamente encontra antagonistas entre os que, vivendo do erro, têm interesse em combater a verdade e, por isto mesmo, lhe fazem uma guerra obstinada; mas ela logo conquista as simpatias das massas desinteressadas. Foi assim com a

doutrina são-simoniana? Não. Como prática ela viveu; só sobreviveu como teoria simpática e crença individual no pensamento de alguns de seus antigos adeptos. Mas, como o constata o *Opinion nationale*, levando diariamente alguns de seus representantes, não está longe o tempo em que todos terão desaparecido; então, ela só viverá na História. Donde se deve concluir que não possuía toda a verdade e não correspondia a todas as aspirações.

Isto quer dizer que todas as seitas e escolas que caem estejam no falso absoluto? Não; ao contrário, em sua maior parte, elas entreviram uma ponta da verdade; mas a soma das verdades que possuíam não era bastante grande para sustentar a luta contra o progresso e não se acharam à altura das necessidades da Humanidade. Aliás, em geral as seitas são muito exclusivas e, por isto mesmo, estacionárias. Disto resulta que as que puderam marcar uma etapa do progresso em certa época, acabam se distanciando e se extinguem pela força das coisas. Entretanto, sejam quais forem os erros sob os quais sucumbiram, sua passagem não foi inútil: agitaram as idéias, tiraram o homem do entorpecimento, levantaram questões novas que, mais bem elaboradas e libertas do espírito de sistema e de exagero, mais tarde recebem a sua solução. Entre as idéias que semeiam, só as boas frutificam e renascem sob outra forma; o tempo, a experiência e a razão fazem justiça às outras.

O erro de quase todas as doutrinas sociais, apresentadas como a panacéia dos males da Humanidade, é o de apoiar-se exclusivamente nos interesses materiais. Disto resulta que a solidariedade que buscam estabelecer entre os homens é frágil como a vida corporal; os laços de confraternidade, não tendo raízes no coração e na fé no futuro, rompem-se ao menor choque do egoísmo.

O Espiritismo se apresenta em condições completamente diversas. Está com a verdade? Nós o cremos; mas

nossas bases são melhores que as dos outros? Os motivos que nos levam a nele crer são muito simples; eles ressaltam, ao mesmo tempo, da causa e dos efeitos. Como causa, tem a seu favor não ser uma concepção humana, produto de um sistema pessoal, o que é capital. Não há um só de seus princípios – e quando digo um só não faço nenhuma exceção – que não seja baseado na observação dos fatos. *Se um só dos princípios do Espiritismo fosse o resultado de uma opinião individual, este seria o seu lado vulnerável.* Mas desde que nada avança que não seja sancionado pela experiência dos fatos, e que os fatos estão nas leis da Natureza, deve ser imutável como essas leis, porque por toda parte e em todos os tempos encontrará sua sanção e sua confirmação e, mais cedo ou mais tarde, é preciso que, diante dos fatos, todas as crenças se inclinem.

Com efeito, ele corresponde a todas as aspirações da alma; satisfaz, ao mesmo tempo, ao espírito, à razão e ao coração; preenche o vazio deixado pela dúvida; dá uma base, uma razão de ser à solidariedade, pela ligação que estabelece entre o presente e o futuro; enfim, assenta em base sólida o princípio de igualdade, de liberdade e de fraternidade. É, assim, o pivô sobre o qual se apoiarão todas as reformas sociais sérias. Ele próprio apoiando-se nos fatos e nas leis da Natureza, sem mistura de teorias humanas, não se arrisca a afastar-se do elemento divino. Assim, oferece o espetáculo, único na história de uma doutrina que, em alguns anos, implantou-se em todos os pontos do globo e cresce sem cessar; que liga todas as crenças religiosas, ao passo que as outras são exclusivas e permanecem fechadas num círculo circunscrito de adeptos.

Tais são, em poucas palavras, as razões sobre as quais se apoia a nossa fé na verdade e na estabilidade do Espiritismo. Esperamos que nosso antigo colega e sempre irmão Bruneau tenha a bondade de nos dizer como encara a questão, hoje que a pode considerar de um ponto mais elevado.

Nota – A comunicação do Sr. Bruneau correspondeu plenamente à nossa expectativa. Ela se liga, assim como as que foram obtidas nesta sessão, a

um conjunto de questões que serão tratadas ulteriormente; por isso adiamos a sua publicação.

Variedades

COMUNICAÇÕES PELO AVESSE

(Antuérpia, 1º de novembro de 1864)

O omsitiripsE sov anisne saud sednarg sedadrev: a aicnêtsixe ed mu sueD e a edadilatromi ad amla. OdnitraP sessed siod soipícirp, euq oã es airedop ritimda uo ratiejer mu mes o ortuo, es-agehc olep selpmis oinícoicar a riurtsed o oigítserp osohlivaram e rop sezev oirbmos moc euq es mezarpmoc me racrec atse anirtuod. ArO, olep otaf odatatsnoc ad edadilatromi ad amla, es-agehc à oãsulcnoc otium selpmis ed euq somos sodot sotirípsE. SóV, sotirípsE sodanracne, otsi é, sodanoisirpa me ossov oirótlodne onerret odamahc oproc e sodagerracne rop sueD arap sedriugesrep amu oãssim ed euq áj somed atnoc oa onarebos ziuuj, mifne, sodot, soviv e sotrom, somiugesrep o omsem ovitejbo: a oãçiefrep. É rop ossi euq siarit oa omsitiripsE odot retárac ocitsátnaf e larutanerbos arap o racoloc an medro ad iel larutan.

SetnA ed ritrap, amu amitlú oãçadnemocer: oã sov sieugitaf etnemadaisamed e, an arief-atrauq, iezaf amu aob ecerpt solep sotrom, adahnapmoca ed mu ota ed edadirac.

ÉtA everb.

Demos acima um curioso exemplo da escrita tiptológica inversa, da qual falamos no número de outubro último. Notar-se-á que não são apenas as palavras que são ditadas pelo avesso, mas os parágrafos inteiros; de sorte que é preciso começar pela última letra de cada parágrafo. Deixamos aos nossos leitores o cuidado da tradução.

Notas Bibliográficas

COMO E POR QUE ME TORNEI ESPÍRITA

Por J.-B. Borreau, de Niort²⁷

O autor conta como foi levado a crer na existência dos Espíritos, em suas manifestações e em sua intervenção nas coisas deste mundo, e isto muito tempo antes que se cogitasse do Espiritismo. Foi conduzido por uma série de acontecimentos, quando de maneira alguma pensava neles. Nas experiências que fazia com objetivo muito diverso, o mundo dos Espíritos se lhe apresentou pelo seu lado pior, é verdade, mas, enfim, apresentou-se como parte ativa. O Sr. Borreau o encontrou sem querer, absolutamente como os que, buscando a pedra filosofal, encontraram no fundo de suas retortas novos corpos que não procuravam, e que enriqueceram a Ciência, se não se enriqueceram eles próprios.

O relato detalhado e circunstanciado do Sr. Borreau é, ao mesmo tempo interessante, porque verdadeiro, e muito instrutivo pelos ensinamentos que ressaltam para quem quer que, não se detendo na superfície das coisas, busque as deduções e as conseqüências que podem ser tiradas dos fatos.

O Sr. Borreau é um grande magnetizador. Por si mesmo tinha constatado a força do agente magnético e a espantosa lucidez de certos sonâmbulos, que vêem a distância com tanta precisão quanto com os olhos, e cuja visão não é detida nem pela obscuridade, nem pelos corpos opacos. Para ele tais fenômenos tinham sido a prova palpável da existência, no homem, de um princípio inteligente independente da matéria. Seu desejo ardente era propagar esta Ciência nova; mas, desesperançado de vencer a incredulidade, teve a idéia de ferir as imaginações por um fato

27 Brochura in-8º Preço: 2 fr. — Niort: todas as livrarias; Paris: Didier & Cie, 35, quai des Augustins; Ledoyen, Palais-Royal.

retumbante, ante o qual poderiam cair todas as denegações e as mais obstinadas dúvidas.

Diz ele: desde que a visão dos sonâmbulos tudo penetra, pode penetrar as camadas terrestres. A descoberta ostensiva de algum tesouro enterrado seria um fato patente, que não deixaria de fazer muito ruído e impor silêncio aos zombadores, porque não se zomba diante de tesouros.

É a história de suas tentativas que os R. Borreau conta na sua brochura, tentativas penosas, perigosas, que muitas vezes lhe fizeram crer na vitória e que, após vinte anos, só levaram a decepções e mistificações. Um dos episódios mais comoventes é o da cena terrível que ocorreu, quando, fazendo escavações num campo da Vandéia, numa noite escura, ao pé de pedras druídicas, e em meio a sombrias giestas, no momento em que julgava tocar o objetivo, a sonâmbula, no paroxismo do êxtase e da superexcitação, caiu inanimada, como que fulminada por um raio, não dando mais sinal de vida e apresentando rigidez cadavérica. Julgaram-na morta e tiveram de a transportar, com muitas dificuldades, através de ravinas e rochas, numa noite escura. Só depois de várias léguas daí é que ela começou a voltar a si, sem ter consciência do que se havia passado. Este insucesso não desencorajou o perseverante pesquisador, a despeito de uma porção de outros incidentes, não menos dramáticos, que muitas vezes surgiam de permeio, como que para adverti-lo da inutilidade e do perigo de suas tentativas.

Foi durante o curso de suas experiências que a existência dos Espíritos lhe foi revelada de maneira patente, quer pela sonâmbula, que os via e conversava com eles, quer por mais de cinquenta casos de *escrita direta*, cuja origem não podia ser posta em dúvida. Esses Espíritos se apresentavam ora sob aspectos pavorosos, provocando na sonâmbula crises terríveis, que a força magnética do Sr. Borreau não conseguia acalmar, ora sob a aparência de Espíritos benevolentes que vinham encorajá-lo a

continuar suas pesquisas, sempre prometendo sucesso, mas cujo termo sempre retardavam. Persistir em tais condições, devemos dizê-lo, era representar um jogo muito perigoso e incorrer em grave responsabilidade. Acrescentemos que os Espíritos prescreviam muitas novenas, das quais o Sr. Borreau acabou por se cansar, achando que ficava muito caro, o que o levou a esta reflexão: as preces ditas por ele mesmo podiam ser igualmente eficazes e nada custariam.

Hoje, que o Espiritismo veio esclarecer todas essas questões, cada um dos parágrafos da brochura poderia dar lugar a um comentário instrutivo, mas dois números inteiros de nossa *Revista* não seriam suficientes. Talvez um dia empreendamos esse trabalho. Enquanto isto, qualquer pessoa versada no conhecimento dos princípios do Espiritismo poderá tirar suas próprias conclusões. Para tanto, remetemos o leitor ao capítulo XXVI de *O Livro dos Médiuns* e, notadamente, aos §§ 294 e 295, bem como às reflexões que acompanham o artigo sobre a sociedade alemã dos pesquisadores de tesouros, publicada na *Revista* de outubro de 1864.

Diz o Sr. Borreau que o seu único objetivo era vencer a incredulidade a respeito do magnetismo. Contudo, embora não tenha tido sucesso, o magnetismo e o sonambulismo não deixaram de fazer o seu caminho. A despeito da oposição sistemática de alguns cientistas, os fenômenos dessa ordem hoje passaram ao estado de fatos e são aceitos pela massa e por grande número de médicos; as curas magnéticas são admitidas até no mundo oficial; algumas pessoas, por espírito de oposição, ainda os contestam, mas já não riem, tanto é certo que o que é verdade mais cedo ou mais tarde deve triunfar.

O êxito das tentativas do Sr. Borreau não era, pois, necessário. Ele não atingiu o objetivo a que se propunha, porque um fato isolado não pode fazer lei, e aos incrédulos não teriam faltado razões para o atribuir a qualquer outra causa que não a

verdadeira. Dizemos mais: o êxito teria sido deplorável para o magnetismo.

Um princípio novo só se torna aceito pela multiplicidade dos fatos. Ora, a possibilidade para alguém descobrir um tesouro implicaria tal possibilidade para todo o mundo. Para melhor se convencer, cada um teria querido experimentar. Nada mais natural, pois teriam podido enriquecer tão fácil e tão prontamente! Os preguiçosos aí teriam achado o seu salário e os ladrões também, já que a lucidez não se deteria ante o direito de propriedade. A cupidez, já chegada ao estado de flagelo, não precisava desse novo estimulante. A Providência não o quis; mas como o magnetismo é uma lei da Natureza, triunfou pela força das coisas. Sua propagação se deve, sobretudo, à sua força curativa, o que denota um fim humanitário, e não egoísta, como o é necessariamente o atrativo do ganho. Os inúmeros fatos de cura, que se repetem em todos os pontos do globo, fizeram mais para acreditá-lo do que o teria feito a descoberta do maior tesouro, ou mesmo as mais curiosas experiências, já que todo o mundo pode aproveitar os seus benefícios, ao passo que não há tesouros para todos e a própria curiosidade se cansa. Jesus fez mais prosélitos curando doentes do que pelo milagre das bodas de Caná. Dá-se o mesmo com o Espiritismo: aqueles que ele traz a si pela consolação estão para os que recruta pela curiosidade na proporção de 100 para 1.

Essas tentativas, embora infrutíferas do ponto de vista material, deixaram de ter proveito para o Sr. Borreau? Eis o que ele mesmo diz a respeito:

“Todas essas reflexões de tal modo haviam ensombrado o meu Espírito, habitualmente tão alegre, que me tornei, durante o resto da viagem, triste, pensativo e injusto, a ponto de lamentar ter dado guarida, no pensamento, a essa idéia fixa que me tinha lançado em todas as tribulações desses caminhos

desconhecidos. Que ganhei com isto? perguntava-me com amargura. O conhecimento, é verdade, de um mundo que ignorava e a possibilidade de me pôr em contato com os seres que o compõem. Mas, depois de tudo, esse mundo, assim como o nosso, deve ter seus Espíritos bons e maus. Quem me dá a certeza de que, malgrado o interesse que parece nos trazer, e todas as suas belas e benevolentes palavras, aquele que parece ter-se imposto a nós só tenha boas intenções e o poder, como o diz, de nos conduzir ao brilhante êxito que sonhei e que, talvez, não me tenha inspirado senão para me seduzir e me induzir em erro?”

Então nada representa a constatação do mundo invisível, a coisa que interessa no mais alto grau o futuro da Humanidade inteira, pois toda ela deve chegar aí? Não é um imenso resultado a descoberta dessa pedra angular de todos os problemas, contra os quais a filosofia se tem chocado até hoje? Não é um insigne favor ter sido um dos primeiros chamados a esse conhecimento? Não é um grande serviço prestado à causa do magnetismo, involuntariamente é verdade, ter fornecido à sua custa uma nova prova, entre mil outras, da impossibilidade de ter êxito em semelhantes casos e de desviar os que fossem tentados a fazer tais ensaios e alimentar esperanças quiméricas? Foi a esse resultado que chegaram as laboriosas pesquisas do Sr. Borreau; se não encontrou um tesouro para esta vida, encontrou outro mil vezes mais precioso para a outra, porquanto, o que tivesse encontrado na Terra, forçosamente o deixaria, quando dela partisse, ao passo que levará consigo um tesouro imperecível. Está satisfeito com isto? Nós o ignoramos.

Seja como for, não podemos deixar de estabelecer um paralelo entre este fato e o velho da fábula, que disse aos seus três filhos que havia um tesouro oculto no campo que lhes deixava de herança. Então dois deles se puseram a cavar, cada um sua porção; mas nada de tesouro. O terceiro, mais sábio, lavrou a sua com cuidado, tão bem que ao cabo de um ano ela lhe rendeu muito. Daí a máxima: “Trabalhai, envidai esforços; o essencial é o que menos

falta.” O Espírito fez como o velho e, em nossa opinião, o Sr. Borreau encontrou o verdadeiro tesouro.

Nossa crítica em nada atinge a pessoa do Sr. Borreau, que conhecemos de longa data, e temos como digno de estima em todos os sentidos. Simplesmente quisemos mostrar a moralidade que ressalta de suas experiências, em proveito da Ciência e de cada um em particular. Desse ponto de vista, sua brochura é eminentemente instrutiva e, ao mesmo tempo, interessante, pelos notáveis fenômenos que constata. Daí por que a recomendamos aos nossos leitores.

O MUNDO MUSICAL

Jornal Popular e Internacional de Belas-Artes e de Literatura

Tal é o título de um novo jornal que se publica em Bruxelas, no formato dos grandes jornais, sob a direção dos Srs. Malibran e Roselli, nomes que são, ao mesmo tempo, um programa e uma recomendação para a especialidade dessa folha. Não é como órgão das artes que vamos apreciá-lo; deixamos este ponto a outros mais competentes que nós e que o julgam à altura de seu título. Com efeito, não poderia ser confundido com essas folhas levianas que, sob a insígnia da literatura, dão a seus leitores mais facécias que fundo e, muitas vezes, mais espaços em branco que texto. O *Mundo Musical* é um jornal sério, onde todas as questões de seu programa são tratadas de maneira substancial e por mãos hábeis. Esta consideração é importante para nós.

Esse jornal é um primeiro passo da imprensa independente no caminho do Espiritismo. Sem se apresentar como órgão e como propagador da doutrina fez este raciocínio judicioso:

“Verdadeiro ou falso, o Espiritismo ocupou um lugar entre os fatos da atualidade que preocupam a opinião. As tempestades que provoca num certo mundo mostram que não é sem importância; sua propagação, malgrado os ataques do clero,

prova que não é um fogo de palha; pelo número de seus aderentes, já se torna uma potência, com a qual, cedo ou tarde, se há de contar. Se for um erro, cairá por si mesmo; se for uma verdade, é inevitavelmente uma revolução nas idéias e nada se lhe poderia opor. Numa e noutra destas duas alternativas, devemos, a título de informação, pôr os nossos leitores ao corrente do estado da questão. Em nossa opinião, falar disto ou de outra coisa seria melhor do que divulgar a crônica escandalosa dos bastidores e dos salões.

“Para pôr nossos leitores em condições de julgar com conhecimento de causa, tomamos a maioria de nossas citações dos escritos que fazem fé entre os adeptos desta doutrina; mas, como não devemos nem queremos forçar a opinião de ninguém, nem a favor, nem contra, admitimos a controvérsia, desde que não se afaste dos limites de uma discussão proveitosa e honesta. Mantendo-nos no terreno da imparcialidade, cada um é livre em suas convicções. As opiniões favoráveis ou contrárias, que venham a ser formuladas em certos artigos, devem ser consideradas como opiniões pessoais dos seus respectivos autores e em nada comprometem a responsabilidade do jornal.”

Tal é o resumo do programa que nos foi apresentado e que só podemos aplaudir. Seria desejável que este exemplo tivesse imitadores na imprensa; o que censuramos nesta não é a discussão dos nossos princípios, mas a crítica cega e sistematicamente malévola, que deles fala sem os conhecer e os desnatura de maneira pouco leal. Os jornais que entrarem francamente nesta via, longe de com isto perder, só poderão ganhar materialmente, porque os espíritas hoje formam uma massa de leitores cada vez mais preponderante, e cuja simpatia irá naturalmente para o seu lado.

Sob esse aspecto, o *Mundo Musical* merece seu encorajamento.

Nota – O *Mundo Musical* aparece aos domingos, desde o dia 1^o de outubro de 1864. Preço da assinatura: 4 francos por ano para a Bélgica; 10

francos para a França. Pode-se assiná-lo a partir do dia 1^o de cada mês: em *Bruxelas*, no escritório do jornal, rue de l'Écuyer, 18; em Paris, na agência do jornal, rue de Buffaut, 9.

Uma sociedade foi formada para a exploração desse jornal, com capital de 60.000 francos, divididos em 2.400 ações de 25 fr. cada uma.

AUTO-DE-FÉ DE BARCELONA

Fotografia de um desenho do local, representando a cerimônia do auto-de-fé dos livros espíritas em Barcelona, com resumo da ata escrita pelo Sr. Allan Kardec.

Preço: 1 fr. 25 c., *franco* para a França e Argélia; porte e embalagem 1 fr. 50 c.

No escritório da *Revista Espírita*.

Comunicação Espírita

A PROPÓSITO DA IMITAÇÃO DO EVANGELHO

(Bordeaux, maio de 1864. Grupo de São João – Médiun: Sr. Rul.)

Acaba de aparecer um novo livro; é uma luz mais brilhante que vem clarear a vossa marcha. Há dezoito séculos, por ordem de meu Pai, vim trazer a palavra de Deus aos homens de boa vontade. Esta palavra foi esquecida pela maioria dos homens, e a incredulidade, o materialismo vieram abafar o bom grão que eu tinha depositado em vossa Terra. Hoje, por ordem do *Eterno*, os Espíritos bons, seus mensageiros, vêm a todos os pontos do globo fazer ouvir a trombeta retumbante. Escutai suas vozes; são destinadas a vos mostrar o caminho que conduz aos pés do Pai celestial. Sede dóceis aos seus ensinamentos; os tempos preditos são chegados; todas as profecias serão cumpridas.

Pelos frutos se conhece a árvore. Vede quais são os frutos do Espiritismo: casais onde a discórdia tinha substituído a harmonia voltaram à paz e à felicidade; homens que sucumbiam ao peso de suas aflições, despertados pelos acordes melodiosos das vozes de além-túmulo, compreenderam que seguiam o caminho errado e, envergonhados de suas fraquezas, arrependeram-se e pediram força ao Senhor para suportarem as suas provações.

Provações e expiações, eis a condição do homem na Terra. Expição do passado, provações para o fortalecer contra a tentação, para desenvolver o Espírito pela atividade da luta, habituá-lo a dominar a matéria e prepará-lo para as alegrias puras que o esperam no mundo dos Espíritos.

Há muitas moradas na casa de meu Pai, disse-lhes eu há dezoito séculos. O Espiritismo veio tornar compreensíveis estas palavras. E vós, meus bem-amados, trabalhadores que suportais o calor do dia, que credes ter de vos lamentar da injustiça da sorte, abençoai vossos sofrimentos; agradecei a Deus, que vos dá meios de quitar as dívidas do passado. Oraí, não com os lábios, mas com o coração melhorado, a fim de que possais ocupar melhor lugar na casa de meu Pai. Como sabeis, os grandes serão humilhados, mas os pequenos e os humildes serão exaltados.

O Espírito de Verdade

Observação – Sabe-se que não levamos em consideração o nome dos seres que se comunicam, sobretudo os que se apresentam sob nomes venerandos. Não garantimos mais esta assinatura do que muitas outras, limitando-nos a entregar esta comunicação à apreciação de todo espírito esclarecido. Diremos, contudo, que não se pode negar a elevação do pensamento, a nobreza e a simplicidade das expressões, a sobriedade da linguagem e a ausência de toda superfluidade. Se se compara às que são dadas na *Imitação do Evangelho* (prefácio e capítulo III: *O Cristo Consolador*), e que levam a mesma assinatura, embora obtidas por médiuns diferentes e em épocas diversas, nota-se entre elas uma

analogia impressionante de tom, de estilo e de pensamentos, que acusam uma origem única. Para nós, dizemos que *pode ser* do *Espírito de Verdade*, porque é digna dele, enquanto temos visto massas assinadas por este nome venerado ou o de Jesus, cuja prolixidade, verbosidade, vulgaridade, por vezes mesmo a trivialidade das idéias, traem a origem apócrifa aos olhos dos menos clarividentes. Só uma *fascinação* completa pode explicar a cegueira dos que se deixam apanhar, quando não, também, o orgulho de julgar-se infalível e intérprete privilegiado dos Espíritos puros, orgulho sempre punido, mais cedo ou mais tarde, pelas decepções, mistificações ridículas e por desgraças reais nesta vida. À vista desses nomes venerados, o primeiro sentimento do médium modesto é o da dúvida, porque não se julga digno de tal favor.

Subscrição em Favor dos Queimados de Limoges

Conforme anunciamos no último número da *Revista*, esta subscrição encerrou-se em 1^o de dezembro. O montante alcançou 255 francos.

Faremos notar que a Sociedade se achava em férias no momento do desastre, razão por que a subscrição só pôde ser aberta na reabertura de seus trabalhos e anunciada na *Revista* do mês de outubro. Nessa época, cada um já se tinha apressado em deitar suas ofertas nos vários centros de subscrição, o que explica a modicidade da cifra obtida que, para a subscrição ruanesa, se havia elevado a 2833 francos. Como a quase totalidade dos subscritores guardou o anonimato, não publicamos lista nominativa. A despeito disto, mencionaremos a que inscreveu 50 fr. sob o título de *Produto da jornada de um fotógrafo de província*, com recomendação de silenciar até o nome da cidade. A subscrição será entregue em nome da *Sociedade Espírita de Paris*.

Allan Kardec



Nota Explicativa²⁸

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da

²⁸ **Nota da Editora:** Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

Revista Espírita (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metuculoso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonía de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga,

pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza

constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chegar-se à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por

consequente, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores Europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA

